

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

FABIANA PELINSON

A CONFIGURAÇÃO E AS SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA DA SELEÇÃO
BRASILEIRA DE FUTEBOL NAS NARRATIVAS DO JORNAL O GLOBO DURANTE
AS COPAS DO MUNDO DE 1950 E 2014: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

PONTA GROSSA
2021

FABIANA PELINSON

A CONFIGURAÇÃO E AS SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA DA SELEÇÃO
BRASILEIRA DE FUTEBOL NAS NARRATIVAS DO JORNAL O GLOBO DURANTE
AS COPAS DO MUNDO DE 1950 E 2014: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em
Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de
Ponta Grossa, Área de Cidadania e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira
Junior.

Coorientador: Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes.

PONTA GROSSA
2021

P384 Pelinson, Fabiana
A configuração e as significações da derrota da seleção brasileira de futebol nas narrativas do Jornal O Globo durante as Copas do Mundo de 1950 e 2014: aproximações e distanciamentos / Fabiana Pelinson. Ponta Grossa, 2021. 448 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior.
Coorientador: Prof. Dr. Alfredo Celso Antunes.

1. Derrota. 2. Narrativa jornalística. 3. Futebol. 4. Copa do mundo. 5. Seleção brasileira. I. Oliveira Júnior, Constantino Ribeiro de. II. Antunes, Alfredo Celso. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. IV.T.

CDD: 070.4

TERMO DE APROVAÇÃO

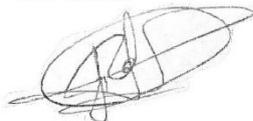
FABIANA PELINSON

“A configuração e as significações da derrota da seleção brasileira de futebol nas narrativas do jornal O Globo durante as Copas do Mundo de 1950 e 2014: aproximações e distanciamentos”.

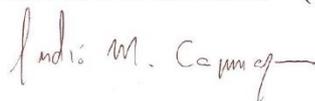
Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor(a) no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 15 de dezembro de 2020.

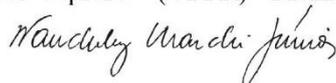
Assinatura pelos Membros da Banca:



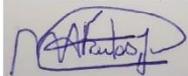
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior - (UEPG) - Presidente



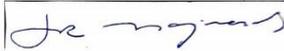
Prof. Dr. André Mendes Capraro – (UFPR) - Membro Externo



Prof. Dr. Wanderley Marchi Junior – (UFPR) - Membro Externo



Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior – (UEPG) - Membro Interno



Prof^ª. Dr^ª. Lenir Aparecida Mainardes da Silva - (UEPG) - Membro Interno

Prof^ª. Dr^ª. Viviane Borelli – (UFSM) - Suplente Externo

Prof^ª. Dr^ª. Karina Janz Woitowicz – (UEPG) - Suplente Interno

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha família, especialmente meus pais Gilmar e Neide.

Ao meu noivo Thiago.

Ao meu orientador professor Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior.

Aos membros da banca: profa. Dra. Lenir Aparecida Mainardes da Silva, prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior, prof. Dr. André Mendes Capraro e prof. Dr. Wanderley Marchi Junior.

Aos professores e colegas de Doutorado e do Núcleo de Estudos Esporte, Lazer e Sociedade, especialmente aos amigos Diego Petyk de Souza, Érica Fernanda de Paula e Luane Guarneri Azambuja.

O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, as almas dos vice-campeões enfim se libertaram. Ao longo dos 90 minutos em que as ilusões do hexa se espatifaram contra o muro da realidade, a tragédia de 1950 se transformou definitivamente numa derrota honrosa. Só no jogo de ontem o Brasil tomou um gol a mais do que os seis que sofreu ao longo da campanha do primeiro Mundial em casa. [...] Em campo e nas arquibancadas, hoje, o que era único se tornou mais do mesmo. Quem tenta reencontrar os túneis e os caminhos já conhecidos para a glória, se sente soterrado pela própria memória. Chegou a hora da difícil tarefa de revirar os escombros. (O GLOBO, Rio de Janeiro, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

RESUMO

As duas únicas Copas do Mundo de Futebol masculino realizadas em território nacional, em 1950 e 2014, resultaram em derrota, elevada ao nível de tragédia, fracasso, fatalidade – denominadas como as mais marcantes da história da seleção e do futebol brasileiro. Por serem momentos amplos de significado, as participações da seleção brasileira nas Copas do Mundo são narrativizadas pelo jornalismo que constrói e põe em circulação uma série de valores, ideias e sentidos que atravessam a sociedade brasileira. Neste cenário destaca-se a representatividade e relevância das narrativas construídas pelo impresso O Globo, diante da sua significância histórica e status no mercado editorial e na sociedade brasileira. Destas reflexões emergiram os seguintes questionamentos enquanto problema desta pesquisa: Como O Globo constrói a configuração das narrativas acerca da derrota? Quais os elementos estruturantes da narrativa jornalística de O Globo e a significação integral dessa narrativa? Como as metanarrativas – significados de fundo moral – acerca da derrota de 1950 e 2014 se aproximam e/ou se distanciam? Delimita-se como objetivo geral investigar a configuração, os elementos estruturantes e os significados integrados à derrota nas narrativas do jornal impresso O Globo nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, suas discrepâncias e congruências, a partir da análise pragmática narratológica. Para isso, adota-se uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e explicativo, que faz uso da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística e do Protocolo de Análise da Cobertura Jornalística para a investigação de 1.349 textos jornalísticos de O Globo acerca da seleção brasileira e as Copas do Mundo em 1950 e 2014. Após a análise dos textos verificou-se que na estória sobre o Maracanazo a morte do futebol e o clima fúnebre se dão pela derrota imaginada, dada a convicção esperançosa na vitória. Enquanto a narrativa do Mineiraten trata da morte do futebol pela derrota imaginada, dada a expressividade do placar e a perda da singularidade do futebol brasileiro. As derrotas foram construídas narrativamente como derrotas para si mesmo: para o otimismo e a presunção; para o atraso e a perda identitária. As lições ofereceram um sentido pedagógico à derrota, a fim de reestabelecer o futebol nacional e renascer a seleção brasileira – se em 1950 se fortalece a singularidade do futebol praticado no país, como emblema do “ser brasileiro”, em 2014 se desconstrói a percepção de “país do futebol”, justamente pela perda desta identidade. As conclusões direcionam ao entendimento de que as narrativas significam a derrota dentro de enquadramentos habituais e familiares, mantendo-as como parte de um depósito comum já construído e conduzindo à uma espécie de reincidência, a partir do significado consensual da derrota (universo simbólico partilhado na mimese I). Por isso, a derrota é significada como morte social causada pelos próprios brasileiros, vista como aprendizado que permitiria o renascimento do futebol nacional.

Palavras-chave: Derrota. Narrativa jornalística. Futebol. Copa do Mundo. Seleção brasileira.

ABSTRACT

The only two men's FIFA World Cup realized in national territory in 1950 and 2014, resulted in defeat, elevated to the same level of tragedy, failure, fatality – known as the most remarkable in national team and Brazilian soccer. Because they are ample moments of significance, the participation of Brazilian team in World Cup are narrativized by journalism that builds and circulates a series of value, ideas and senses that cross Brazilian society. In this scenario, it stands out the representativeness and relevance of narratives built by “O Globo” newspaper, given its historical significance and status in editorial market and in Brazilian society. The following questions emerged from these reflections as research problem: How does O Globo build the configuration of narratives about defeat? What are the structuring elements of O Globo's journalistic narrative and the full significance of this narrative? How does the metanarratives – moral fund meanings – about the defeat in 1950 and 2014 come together and/or distance? The general objective is delimited to investigate the configuration, the structuring elements and the significance integrated to defeat in narratives of O Globo newspaper in FIFA's World Cups of 1950 and 2014, their discrepancies and congruences, from pragmatic narratological analysis. For this, it is adopted a qualitative research, of a descriptive and explanatory nature, which uses the Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative and of the Protocol of Analysis of the Journalistic Coverage for investigation of 1.349 journalistic texts from “O Globo” about the Brazilian team and the FIFA World Cups in 1950 and 2014. After analyzing the texts, it was found that in the story about the Maracanazzo, the death of soccer and funeral atmosphere are due to and unimagined defeat, given the conviction of victory. While the narrative of Mineiratzen deals with the death of soccer due to unimagined defeat, given the expressiveness of the score and the loss of singularity of Brazilian soccer. The defeats were built narratively as defeats for itself: for optimism and presumption; for delay and loss of identity. The lessons offered a pedagogical sense to defeat, in order to reestablish the national soccer and revive the Brazilian team – if in 1950 the singularity of the soccer practiced in the country is strengthened as emblem of the “being Brazilian”, in 2014 is deconstructs the perception of “Soccer Country”, almost because of the loss of this identity. The conclusions lead to the understanding that the narratives signify defeat within habitual and familiar frameworks, maintaining them as part of common deposit already built and leading to a kind of recurrence, based on consensual signification of defeat (symbolic universe shared in mimesis I). Therefore, the defeat is signified as social death caused by Brazilians themselves, seen as learning that would allow the revival of national soccer.

Keywords: Defeat. Journalistic Narrative. Soccer. FIFA World Cup. Brazilian team.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tríplice mimese de Paul Ricoeur	64
Figura 2 – Infográfico da narrativa de O Globo em 1950	225
Figura 3 – Infográfico da narrativa de O Globo em 2014	384
Quadro 1 – Gêneros e Formatos Jornalísticos	29
Quadro 2 – Teses Analisadas	428
Quadro 3 – Dissertações Analisadas	429
Quadro 4 – Características dos Programas de Pós-Graduação.....	434
Quadro 5 – Meios de comunicação analisados.....	436
Quadro 6 – Teses e Dissertações Analisadas.....	440
Quadro 7 – Características dos Programas de Pós-Graduação.....	443
Quadro 8 – Objetos de Estudo das Teses e Dissertações	444
Gráfico 1 – Ano de defesa dos trabalhos analisados	431
Gráfico 2 – Disposição das porcentagens das pesquisas nas regiões geográficas brasileiras.....	432
Gráfico 3 – Anos de Defesa das Publicações	441
Gráfico 4 – Disposição Geográfica das Publicações	442

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 METODOLOGIA	21
1.1 A ABORDAGEM METODOLÓGICA	21
1.2 O JORNAL IMPRESSO O GLOBO	23
1.3 GERAÇÃO DE DADOS E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	27
1.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	30
1.4.1 Análise Pragmática da Narrativa Jornalística	32
1.4.2 Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística	40
2 A ARTE DE CONTAR: A NARRATIVA E O JORNALISMO.....	44
2.1 DA NARRATOLOGIA CLÁSSICA AOS ESTUDOS NARRATIVOS CONTEMPORÂNEOS	44
2.2 A NARRATIVA.....	51
2.3 O JORNALISMO.....	68
2.3.1 Os Modos de Fazer Saber Jornalísticos	71
3 NARRATIVA JORNALÍSTICA: AS INTERELAÇÕES.....	76
3.1 NARRATIVA JORNALÍSTICA: CONCEITUAÇÕES E ELEMENTOS.....	76
3.1.1 Referencialidade e Ficcionalidade (d)nas Narrativas Jornalísticas.....	81
3.1.2 Elementos e Estratégias das Narrativas Jornalísticas.....	83
3.1.2.1 Tema, assunto e mensagem da estória.....	84
3.1.2.2 Enredo ou intriga da estória.....	86
3.1.2.3 Tempo, espaço e ambiente da estória	88
3.1.2.4 Narrador e foco narrativo	91
3.1.2.5 As personagens da estória	96
4 A RELEVÂNCIA CULTURAL DO FUTEBOL NO BRASIL E AS SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA	100
4.1 A SIGNIFICÂNCIA CULTURAL DO FUTEBOL NO BRASIL	100
4.2 ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA JORNALÍSTICA ESPORTIVA ..	106
4.3 A DERROTA: SUAS SIGNIFICAÇÕES E NARRATIVAS.....	109
4.3.1 Os Vilões: Personagens Substanciais da Derrota	113
5 AS NARRATIVAS E AS SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA EM 1950 E EM 2014: ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	117
5.1 O CONTEXTO PERVAGANTE DA COPA DE 1950	117

5.2	A NARRATIVA CONSTRUÍDA PELO IMPRESSO O GLOBO NA COPA DO MUNDO DE 1950	125
5.2.1	Janeiro a Setembro de 1950	132
5.2.2	Análise Narratológica: A Configuração da Derrota em 1950.....	204
5.3	O CONTEXTO PERVAGANTE DE 2014.....	232
5.4	A NARRATIVA CONSTRUÍDA PELO IMPRESSO O GLOBO NA COPA DO MUNDO DE 2014	238
5.4.1	Janeiro a Dezembro de 2014.....	244
5.4.2	Análise Narratológica: A Configuração da Derrota em 2014.....	344
5.5	CONFIGURAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES	393
6	CONCLUSÃO	400
	REFERÊNCIAS	409
	APÊNDICE A – ESTADO DO CONHECIMENTO DA NARRATIVA	
	JORNALÍSTICA.....	426
	APÊNDICE B – ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE A DERROTA	
	NO FUTEBOL.....	440
	APÊNDICE C – QUADRO CONCLUSÓRIO	447
	APÊNDICE D – QUADROS DE ANÁLISE	448

INTRODUÇÃO

Como ritual coletivo, uma Copa do Mundo pode ser porta de entrada para o acesso a aspectos de uma sociedade em um determinado momento histórico, agregando, especialmente a partir da “falação” em torno dela, uma dimensão de dramas, imaginários e mapas de significados. Mesmo tendo ocorrido com 64 anos de espaço-temporal uma da outra, as duas únicas Copas do Mundo de Futebol masculino realizadas em território brasileiro permitiram a construção de narrativas, relacionando-as a aspectos dos mais variados – ao próprio esporte, à política, à economia, à cultura, à sociedade brasileira.

A realização dos dois mundiais no Brasil, tanto em 1950 quanto em 2014, não estava ligada estritamente à vontade de sediar a mais expressiva competição internacional de futebol, uma vez que a candidatura e a organização do Brasil como país-sede para as duas edições consistiam em uma estratégia manifesta de auferir ganhos materiais e simbólicos com o evento. Embora haja entre as duas edições da Copa do Mundo uma significativa distância no tempo, elas mantêm relativas aproximações no que concerne às possibilidades de afirmação e reafirmação da imagem do país para o exterior e para o próprio povo (CORREIA; SOARES, 2015; MASCARENHAS, 2013).

No que concerne à primeira, no período pós-segunda guerra mundial, o país vivia um elevado crescimento econômico, com o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) e a atuação de políticas de industrialização e de abertura para o capital estrangeiro. Neste momento, a decisão de sediar o campeonato mundial não atendeu unicamente aos interesses próprios do esporte. Numerosos outros aspectos entraram na disputa, uma vez que o país passava por um movimento intelectual e ideológico de construção de imaginários sobre o Brasil moderno (FREITAS JUNIOR, 2009). Com isso, pretendia-se projetar uma imagem do Brasil, notadamente do Rio de Janeiro, para o exterior a fim de que o país entrasse no ritmo das nações desenvolvidas. Mais do que uma vitória da seleção brasileira, estava em jogo a imagem do país diante do mundo e a chance de projetar o Brasil como moderno, empreendedor e vitorioso em direção ao desenvolvimento no cenário exterior (FRANZINI, 2010).

Internamente, o país possuía como conjuntura a memória recente do cenário antidemocrático e as dificuldades de integração nacional. Nesse contexto, a Copa de 1950 estava permeada pela inquietação em criar uma imagem da sociedade brasileira para ela mesma, sendo entendida como uma oportunidade considerável de criar e consolidar uma brasilidade a partir do futebol. De acordo com Moura (1998), o Mundial daquele ano marca uma tentativa do Estado nacional em consolidar uma imagem do país sobre si mesmo, sustentado na ideia de

democracia, integração e sociabilidade como marcas da identidade brasileira e como recurso para o desenvolvimento político e econômico.

Debates acerca da realização do evento esportivo gravitaram em torno dos jornais impressos de maior circulação em 1950, como o *Jornal dos Sports*, o *Correio da Manhã* e o *Globo*, especificamente sobre a necessidade de construção de novos estádios em oposição ao aproveitamento dos já existentes. No entanto, esse debate era, efetivamente, parte de uma discussão mais ampla sobre a necessidade de novas intervenções urbanas no Rio de Janeiro, devido ao crescimento da cidade ao longo das décadas precedentes. Os opositores à realização do evento e às construções argumentavam que a prioridade da cidade não era um novo estádio, mas a solução de problemas básicos de educação, saúde e segurança pública¹. Por outro lado, existiam aqueles que defendiam a realização da competição e, conseqüentemente, das obras (FRANZINI, 2010). Associada à essa discussão, também se fez presente o debate sobre a designação de como seriam desempenhadas as responsabilidades das obras para a realização do Mundial.

No âmbito futebolístico, a popularização do esporte no Brasil se dá a partir de 1930 e a Copa do Mundo de 1950 aparece como resultado de um processo de valorização política do futebol. Ao sediar o evento esportivo de 1950, o Brasil ainda buscava o primeiro título em uma edição da Copa do Mundo. Contudo, quando se apresenta para receber o Mundial 64 anos depois, a seleção brasileira já representava uma das grandes potências mundiais do esporte, sendo a maior vencedora da competição, com cinco títulos – nas edições de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. A edição de 2014 simbolizava a possibilidade de conquistar uma edição da competição em território nacional, oportunidade perdida em 1950 para o Uruguai.

Se em 1950 o Brasil procurava entrar no círculo internacional, em 2014, com a reorganização dos fluxos de capitais dos países centrais para os emergentes, o Brasil já era um dos países emergentes com certa consolidação na política e na economia mundial. No âmbito interno o país alcançou um expressivo crescimento tecnológico e industrial, com combate à inflação, estabilização da moeda e redução das desigualdades sociais (CARCANHOLO, 2010). Os eventos esportivos, como a Copa do Mundo, representaram para o Brasil uma forma de ratificação da competência e do ingresso do país em importantes territórios da geopolítica internacional, como o conselho de segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Isto é, a Copa constituiu, junto com outros megaeventos esportivos, um “instrumento de demarcação e consolidação do Estado brasileiro no cenário internacional”, além da tentativa de construção

¹ Em um contexto de crise econômica pós-segunda guerra mundial, esses opositores defendiam que o país não poderia investir na construção de um novo estádio.

de uma imagem de “competente gestor de uma economia forte com vocação para o desenvolvimento econômico” (CORREIA; SOARES, 2015, p. 19).

A aplicação de recursos para a construção e reforma de estádios e para a criação de todos os demais elementos de infraestrutura, exclusivamente esportivos, ocasionou tensos debates. Em virtude da maior complexidade do evento, “a preocupação com as obras e seus custos se tornou tema da conjuntura política no Brasil” de 2014, convertendo-se em notícia nos jornais, pauta nas assembleias legislativas e reivindicação nas ruas (CORREIA; SOARES, 2015, p. 13). Em junho de 2013, diversas manifestações populares ocorreram em todo país. Inicialmente, os protestos surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, mas expandiram-se para uma grande quantidade de pautas, entre elas os gastos com a Copa do Mundo (SCHERER-WARREN, 2014). No ano seguinte, nos primeiros meses de 2014, um novo conjunto de manifestações demonstrou posição desfavorável à realização do evento esportivo – em movimento que ficou conhecido como “não vai ter Copa” (PINTO, 2017).

A ocorrência destes debates, durante os dois eventos esportivos, designa a importância material e simbólica que o Mundial desempenha na afirmação e reafirmação do país frente ao mundo e a ele mesmo. Seja a partir de campanhas propagandísticas, seja a partir de imponentes discursos políticos, nas duas ocasiões a Copa do Mundo compôs um elemento central da política interna e externa brasileira.

A conjuntura da Copa de 1950 e a de 2014 indicam outras diferenças, como os investimentos nos setores de transporte, de infraestrutura e de comunicação, assim como a transformação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em uma grande corporação gradativamente ligada ao mundo dos negócios e do espetáculo. O distanciamento entre os dois eventos é ainda mais significativo quando se focaliza a atuação dos meios de comunicação e a própria abrangência dos Mundiais.

Em 1950, a televisão não havia chegado oficialmente ao país e o rádio ainda era o único veículo de comunicação em que podia-se ouvir o jogo ao vivo, sendo que os jornais impressos auxiliavam na circulação das informações e na promoção dos jogos. Em virtude do contexto pós-guerra, da distância e dos custos da viagem participaram da competição somente 13 seleções, as quatro melhores equipes classificadas em seus grupos iniciais formaram um grupo final e disputaram entre si por pontos corridos. Não houve quartas e nem oitavas de final, sendo o campeão o melhor entre esses quatro finalistas (BRINATI, 2016). Já em 2014, amplamente difundida por distintos meios comunicacionais – como televisão, rádio, impresso e internet –, a Copa do Mundo já assume a imagem de um ritual periódico capaz de atrair bilhões

de pessoas no mundo todo, como um megaevento esportivo de abrangência global (MASCARENHAS, 2013), que naquela edição contou com a classificação de 32 seleções.

Entre tantas aproximações e distanciamentos, há algo fundamental que as une: a derrota da seleção brasileira, nos dois casos elevada ao nível de “tragédia”, “fracasso”, “fatalidade” – sendo consideradas as mais marcantes da história do futebol brasileiro, tanto em visibilidade quanto em relevância. A derrota de 1950 é entendida como a “fundadora de todas as derrotas que viriam”, uma vez que passou a ser “o parâmetro de comparação para designar as decepções esportivas desde então” (PACHECO, 2010, p. 29). De tão importante, distintos epítetos foram criados para designar o fracasso brasileiro – “a derrota de todas as derrotas”, “a tragédia do Maracanã”, “o Maracanazo”² –, assim como análises e pesquisas, como as de Coelho (2006), Moraes Neto (2000) e Perdigão (2000), que se debruçaram sobre ela com o intuito de entendê-la a partir de debates que focalizaram temas como raça, civilização, nação e masculinidade. Permeada em um contexto político, econômico, social e futebolístico distinto daquele vivenciado em 1950, a Copa do Mundo de 2014 fez com que novos epítetos – “a tragédia do Mineirão”, “o Mineiratzen”³ – e investigações (BRINATI, 2016; COSTA, 2016) fossem desenvolvidas para explicar o 7 a 1⁴.

Ambas não são entendidas tão somente como momento histórico, mas também como um mito que se conserva e se agiganta (PERDIGÃO, 2000), por vezes assumindo outras dimensões que fogem do aspecto futebolístico e que se permite à ação ou interação de elementos de um universo mágico, imaginário. Guedes (2006, p. 170) sustenta que as derrotas do selecionado nacional de futebol, particularmente nas Copas do Mundo, constituem-se enquanto momentos amplos de significado, em que se discute valores, ideias e sentidos que transpassam a sociedade brasileira.

Se as participações do Brasil em Copas do Mundo compõem as histórias que contamos sobre nós mesmos (BITENCOURT, 2009), o jornalismo esportivo é um dos narradores centrais dessa história, não só porque põe em circulação tais narrativas, mas porque produz sentidos e significados sobre ela. Aplicada ao jornalismo, a narrativa caracteriza um modo de conformar e atribuir sentidos e nexos aos acontecimentos, à realidade e às experiências humanas, transformando os fatos em encadeamentos, mais ou menos complexos, e associações de alguns

² Termo criado para representar a vitória do Uruguai sobre a seleção brasileira, por 2 a 1, na Copa do Mundo de 1950. O termo faz referência ao estádio onde ocorreu o jogo, o Maracanã.

³ Termo criado para representar a derrota por 7 a 1 na semifinal da Copa do Mundo de 2014 para a Alemanha. Assim como no caso do Maracanazo, o nome faz referência ao estádio da partida, o Mineirão.

⁴ Derrota da seleção brasileira de futebol por 7 a 1 para a Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil.

ou muitos elos sgnicos. As narrativas jornalísticas caracterizam-se por designar constructos culturais responsáveis por articular fatos e experiências, em que, por sua capacidade ordenadora, desempenham o papel de organizar e estabilizar a realidade, contribuindo para consolidar determinadas normas e valores. Quadros e Amaral (2017, p. 86) argumentam que a narrativa “organiza fatos e sujeitos de modo a conferir-lhes sentidos e papeis, inserindo-os em um contexto específico e uma história ampliada”, fazendo com que os acontecimentos diários passem de meras ocorrências singulares a possuidores de sentido e historicidade.

Embora as narrativas permeiem a prática jornalística de maneira generalizada, nota-se um uso recorrente desses elementos de narratividade nas produções jornalísticas esportivas. Isso decorre do enquadramento dos fatos relacionados ao esporte – especificamente ao futebol, aquele que detm maior visibilidade midiática no Brasil – na categoria de notícias brandas ou leves (SOUZA, 2005), onde a emoção ocupa um lugar simbólico privilegiado, especialmente quando associado aos megaeventos esportivos, como as Copas do Mundo. Ademais, um dos apelos característicos do esporte no aspecto jornalístico “ a extensão em que as narrativas ou histórias que cercam o esporte atuam como uma ponte entre o passado e o presente” (BOYLE; RAYNES, 2000, p. 19). Isto é, as narrativas jornalísticas consistem em narrativas do tempo presente, que constroem significados sobre o esporte para o homem contemporâneo e, concomitantemente, retomam os sentidos do passado – que não se referem apenas aos fatos narrados, mas também a valores, atitudes e costumes que caracterizam determinadas práticas culturais. Como acentua Motta (2005c, p. 29), “percebemos e construímos o sentido do presente como uma história do passado, como uma continuidade entre o que está acontecendo com o que acabou de acontecer. Uma história que não para de mover-se”.

Enquanto um narrador destas histórias, a imprensa esportiva assume um papel relevante no processo de atribuição, produção e circulação de sentidos que gravitam no universo social. As narrativas produzem significados que se tornam basilares para as interpretações dos fatos esportivos e são ecoados no mundo social a partir de uma lógica dualista “que oscila entre o discurso do sucesso e do fracasso, refletindo, até certo ponto, a própria dinâmica interna de organização do jogo esportivo” (CAVALCANTI et al., 2016, p. 372). São valores, crenas e idealizações criados, ressignificados e postos em circulação através dessas narrativas.

As distintas narrativas acerca da derrota indicam “importantes mudanças no cenário nacional e global, relativos não somente ao futebol, mas a aspectos vinculados à imprensa esportiva, assim como às interpretações que o país faz de si mesmo” (COSTA, 2016, p. 128). Esse aspecto é apontado por DaMatta (1982), quando afirma que  possível desvendar e interpretar certos aspectos de uma cultura a partir da “dramatização” das condutas e

experiências localizadas em determinados microuniversos, como as Copas do Mundo. Enquanto fenômeno social de ampla abrangência e relevância, o futebol permite dramatizar “valores, ideologias e relações que podem ser lidos como reflexo da sociedade em que o esporte é praticado” (PACHECO, 2010, p. 22).

No que se refere à construção narrativizada da derrota da seleção brasileira de futebol em 1950 e 2014, nota-se uma aproximação entre elas: ao contar a história do 7 a 1, distintos jornalistas acionaram a derrota de 1950⁵, entre outras coisas, com o objetivo de “demonstrar que a eliminação da seleção da Copa de 2014 havia sido uma derrota que quitaria aquela sofrida diante dos uruguaiois” (COSTA, 2016, p. 127). Como já evidenciado anteriormente, pelo fato da derrota de 1950 ser a fundadora de todas as que viriam, ela passou a ser parâmetro de comparação. Deste modo, utilizando uma série de estruturas, elementos e estratégias, como a rememoração ao passado, a narrativa jornalística esportiva organiza uma certa realidade, consolidando determinadas normas e sentidos, neste caso, acerca da derrota.

A partir dessas reflexões, propõe-se demarcar a configuração da narrativa jornalística esportiva do impresso O Globo de modo a encontrar as permanências e distanciamentos de sentido que contribuem na feitura do texto jornalístico e na significação da derrota. Opta-se pela análise do referido periódico por este apresentar, tanto em 1950 quanto em 2014, um expressivo grau de representatividade e relevância dentro do mercado editorial de impressos, no que se refere à composição das publicações mais importantes, longevas e de maior tiragem, até porque faz parte do maior conglomerado de mídia do país e da América Latina, o Grupo Globo. A escolha também se dá pela sua importância simbólica no cenário brasileiro, já que historicamente se mantém como um dos principais veículos de comunicação do Brasil (BRINATI, 2016), conhecido como “um dos centros de poder do país” (COSTA, 2000), inserido nos chamados “jornais de elite” por destinar-se às classes médias e altas e ser publicação de referência para “formuladores de políticas” (OLIVEIRA; MASSARANI; AMORIM, 2014). Além disso, O Globo é o único jornal do Rio de Janeiro com presença e abrangência nacionais, um dos polos econômico e cultural do país em 1950 e 2014, sendo que na primeira edição do Mundial a cidade era a capital do Brasil (BARON, 2015).

Com isso, emergem os seguintes questionamentos como problema de pesquisa: Como O Globo constrói a configuração das narrativas acerca da derrota? Quais os elementos

⁵ José Roberto Torero, no jornal Folha de S. Paulo, intitulou sua crônica da seguinte forma: “Obrigado, diria o técnico da seleção de 1950 a Felipão” (FOLHA DE S. PAULO, Caderno Folha na Copa, 09 jul. 2014, D20). O jornal Extra também acionou a derrota de 50 ao falar do 7 a 1 e apresentou o seguinte texto em sua capa do dia 09 de julho de 2014: “Parabéns aos vice-campeões de 1950, que sempre foram acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem, conhecemos o que é vexame de verdade”.

estruturantes da narrativa jornalística de O Globo e a significação integral dessa narrativa? Como as metanarrativas – significados de fundo moral – acerca da derrota de 1950 e 2014 se aproximam e/ou se distanciam? Delimita-se como objetivo geral investigar a configuração, os elementos estruturantes e os significados integrados à derrota nas narrativas do jornal impresso O Globo nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, suas discrepâncias e congruências, a partir da análise pragmática narratológica. Dele, decorrem os seguintes objetivos específicos: a) apontar as associações entre a narrativa e o jornalismo; b) conceituar os elementos de constituição das narrativas e das narrativas jornalísticas; c) definir a relevância cultural do futebol no Brasil e as significações possíveis da derrota; d) identificar os componentes de narratividade de O Globo: acontecimento-intriga, conflito, clímax, desenlace, episódios e personagens, além das marcas de apuração e de composição do produto; e) remontar sequências de textos jornalísticos sobre a seleção brasileira, recompondo uma estrutura narrativa integral e a significação dessa narrativa de derrota; f) organizar os significados metanarrativos que emergem das narrativas jornalísticas nas duas Copas do Mundo.

Para isso, adota-se uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e explicativo, que faz uso da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2013) e do Protocolo de Análise da Cobertura Jornalística (SILVA; MAIA, 2011) para a análise dos formatos jornalísticos pertencentes ao gênero informativo, opinativo e interpretativo que abordem a seleção brasileira de futebol no impresso O Globo durante 1950 e 2014.

Enquanto tese sustenta-se que a narrativa jornalística constrói e atribui sentidos à derrota que extrapolam o aspecto meramente futebolístico e estão associados à alguma falha ou fraqueza cuja responsabilidade é sempre do brasileiro – geralmente não associados unicamente à superioridade técnica e tática dos adversários, com sentidos construídos a partir da delimitação de intrigas, conflitos, episódios, personagens e desenlaces. Embora certos elementos vinculados às derrotas variem a cada Copa do Mundo, as narrativas são marcadas por certas permanências. Entre justificativas e acusações existem permanências que entrecruzam temas e temporalidades aparentemente desconexos – associados às narrativas de desorganização, resignação, prepotência. As narrativas significam a derrota dentro de enquadramentos habituais e familiares, mantendo-as em circulação como parte de um depósito comum já construído e conduzindo à uma espécie de repetição, a partir do significado consensual da derrota (universo simbólico partilhado entre o público e o jornal na mimese I – mundo pré-figurado). Por isso, a derrota é significada como morte social causada pelos próprios brasileiros, também em universos extracampo, vista como aprendizado e como lição que permitiria o “renascimento” do futebol brasileiro.

A apresentação habitual da narrativa de derrota, dentro de enquadramentos já familiares, reforça a definição em questão e a mantém em circulação como parte do estoque comum do conhecimento, transmite uma impressão de repetição, de estabilidade da estrutura social, a partir do significado consensual da derrota. Os recursos ativados na narrativa são construídos a partir do repertório de representações presentes no imaginário social e as apropriações da derrota incorporam reflexões que não se restringem ao futebol, mas que se manifestam por intermédio dele, como questões relacionadas à civilidade do “povo brasileiro” e as pretensões otimistas de futuro no caso de 1950.

No entanto, há diferenças consideráveis entre as narrativas derivadas das duas derrotas, especialmente no que se refere ao fato de que o 7 a 1 não se configurou como uma derrota da nação, já que há um enfraquecimento da relação entre futebol e identidade nacional, de modo que as narrativas em torno da seleção brasileira de futebol “já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação” (HELAL; SOARES, 2003, p. 2) e de que, entre outros motivos, o distanciamento da torcida com a seleção ocorre em virtude de uma suposta “perda da identidade do futebol brasileiro”, isto é, do enfraquecimento das raízes nacionais.

Acerca da pertinência desta investigação, destaca-se que ainda hoje preserva-se a concepção de que o jornalismo deva ser imparcial, isento de valores e que aspira “descrever fielmente o real”. Embora nos últimos anos os jornalistas tenham se convencido de que essa neutralidade é uma pretensão inatingível, a “perseguição à objetividade continua sendo a ortodoxia dominante nas redações, o axioma máximo da atividade profissional do jornalismo contemporâneo” (MOTTA, 2002, p. 19). Como argumenta Baccega (2007, p. 31), essa visão monossêmica do mundo, como se fosse possível que os fatos só tivessem uma interpretação ou um sentido, é bastante equivocada, ainda que, sob alguns aspectos, vigore no campo jornalístico e social.

Diante disso, entende-se que a pesquisa demonstra possibilidades que ultrapassam a visão hegemônica de que o processo de construção da notícia é realizado de modo fiel, objetivo e veraz. De acordo com Silva e Soares (2013), essa perspectiva compartilha a crença em determinadas dicotomias, como a separação entre referencialidade e ficcionalidade, realidade e fantasia, fato e relato. Buscando desconstruir tais dicotomias e oposições simplistas, ainda presentes em análises de discursos referenciais, propõe-se pensar o jornalismo como forma narrativa. Soares (2010) explica que essa proposição implica um deslocamento no modo de conceber as práticas midiáticas, notadamente as jornalísticas, e de articulá-las nas oscilações entre verdade e ficção, objetivo e subjetivo. A mesma autora entende que “o campo jornalístico tem borrado, cada vez mais, os limites entre suas fronteiras, afastando-se da distinção

comumente a ele atribuída entre relatos verdadeiros ou falsos, reais ou imaginários” (2010, p. 60).

A partir da perspectiva assumida nesta tese, as dicotomias se desfazem, diluindo a oposição entre realidade e fantasia, referencial e fictício, pois o que existe são narrativas que tecem imaginários sociais. Silva e Soares (2013, p. 116) afirmam que são os estudos sobre narrativa, e suas implicações na configuração do imaginário social, “um dos principais investimentos para problematizar a hegemonia da referencialidade, com crítica enfática sobre o conceito de objetividade jornalística”.

O que cada uma dessas modalidades – fática e fictícia – significa enquanto intenção de representar, apresentar e constituir o mundo é uma interrogação que abre amplos horizontes de reflexão e revela a necessidade de estudar os processos associados às narrativas em geral, particularmente às jornalísticas (MOTTA, 2013). Ainda, Motta (2013, p. 116) argumenta que estudar tais narrativas possibilita perceber que o valorativo penetra no descritivo, “a ética se infiltra na estética: a vida se transforma em arte (narrativa dramática) e a arte se converte em um veículo por meio do qual a realidade se torna manifesta e compreensível”.

Em vista disso, pensar a narrativa jornalística esportiva e sua feitura possibilita uma reflexão sobre o papel do jornalismo na relação que o indivíduo estabelece com o futebol e com o meio social e as significações construídas acerca da derrota, já que os fatos desse universo têm seu efeito redobrado diante do processo de atribuição e circulação de sentidos estabelecidos pelos meios de comunicação, se perpetuando através de narrativas compartilhadas coletivamente.

Além disso, a partir do levantamento de teses e dissertações⁶, constatou-se que de acordo com as delimitações aplicadas, não há pesquisas que relacionem as estruturas configurantes da narrativa jornalística e as significações da derrota no que se refere às Copas de 1950 e 2014. Em pesquisas que relacionam a narrativa e o jornalismo, um trabalho investiga a Copa de 2014 no Twitter (ZAGO, 2014), entretanto, sem se debruçar sobre os elementos narrativizadores e as significações da derrota. Em pesquisas que investigam a derrota no futebol, não há discussão ou análise acerca dos elementos de narratividade utilizados para contar as histórias de derrota e como tais elementos constroem sentidos sobre ela. De tais aspectos, assim como do número pouco expressivo de trabalhos encontrados sobre o tema, reconhece-se a indispensabilidade de investigações que tratem da derrota, de suas narrativas e significações.

⁶ Os levantamentos estão apresentados nos Apêndices A e B.

A pesquisa se insere na área de concentração e na linha de pesquisa História, Cultura e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas pois se apresenta como análise da relação existente entre a estrutura social, a sociedade brasileira e uma das expressões da cultura nacional, o futebol. Essa relação é transpassada pelo jornalismo e pela narrativa construída, considerando a representação e a apropriação de sentidos e significados que permitem o entendimento da derrota, do futebol nacional, mas também do país e da sociedade brasileira.

Com isso, o texto está dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro é constituído pela metodologia, onde explica-se o caminho metodológico percorrido e as especificidades do objeto de estudo. Os dois capítulos teóricos seguintes se detêm a uma discussão acerca dos conceitos de narrativa e de jornalismo adotados e a inter-relação entre os dois campos. Essa discussão permite a compreensão da estruturação e dos componentes narrativos, intimamente relacionados aos modos de fazer saber jornalísticos e à sua definição enquanto construtor de realidades sociais. Na sequência, apresenta-se reflexões acerca dos aspectos que relacionam o futebol, sua importância e condição de manifestação cultural e identitária brasileira. Neste tópico também são abordadas as significações da derrota em um contexto social mais amplo e, especificamente, no âmbito futebolístico, a fim de identificar os sentidos a ela associados. O capítulo 5 apresenta a análise e a discussão dos resultados acerca das narrativas construídas pelo jornal impresso O Globo e os significados construídos por ele sobre a derrota brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Por fim, estão expostas as conclusões desta tese.

1 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico desta pesquisa, assim como as definições teórico-metodológicas que serviram de base para a investigação, a descrição do objeto de estudo, os procedimentos utilizados para a geração de dados, a constituição do corpus e a elaboração de procedimentos para a análise.

1.1 A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Considerando o objetivo geral de investigar a configuração, os elementos estruturantes e os significados integrados à derrota nas narrativas do jornal impresso O Globo nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, suas discrepâncias e congruências, opta-se por conduzir uma pesquisa qualitativa, no que se refere à abordagem do problema. A opção pela abordagem qualitativa decorre do fato de que a pesquisa se preocupa com o aprofundamento da compreensão dos elementos e significados que compõem tais narrativas jornalísticas de derrota.

Sabe-se que a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, não podem ser traduzidos somente em números e estatísticas, pois centram sua atenção na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais. Minayo (2001) explica que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de motivos, significados, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos.

Deste modo, entende-se que as características da pesquisa qualitativa condizem com a abordagem proposta para esta investigação, uma vez que oportuniza um acesso ao entendimento do fenômeno pesquisado e tem como pressuposto principal a forma descritiva. Esse aspecto é importante já que, do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva e explicativa.

A pesquisa descritiva pretende descrever as particularidades dos fenômenos e fatos de determinada realidade. De acordo com Cervo (2007, p. 61-62), ela busca conhecer as situações e relações “que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas”. Já a pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, isto é, debruça-se sobre o porquê dos fatos. Gil (2008) expõe que a pesquisa explicativa pode ser a continuação de uma

pesquisa descritiva, pois a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este seja descrito e detalhado. É isto que é seguido nesta investigação.

De acordo com as características da pesquisa, quanto aos seus procedimentos técnicos, define-se o estudo de caso como modalidade desta investigação. O estudo de caso é caracterizado como o estudo de uma entidade definida, como uma instituição, uma pessoa ou uma unidade social, que “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico” (FONSECA, 2002, p. 33).

A escolha pelo estudo de um jornal impresso sustenta-se na argumentação de que tem sido um dos mais “relevantes veículos de manutenção e construção da memória”, de modo que é comum a rememoração de um evento que ligue o presente ao passado no impresso (SOARES; HELAL, SANTORO, 2004). No caso do futebol, as narrativas jornalísticas “apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte” (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p. 63). Além disso, Costa (2008, p. 42-43) afirma que os recursos ativados pela imprensa na construção de histórias “formam um interessante material de análise, pois são construídos em diálogo com um repertório de representações presentes no imaginário nacional”. As apropriações são feitas em momentos de êxito ou de fracasso e incorporam diversos temas que não dizem respeito unicamente ao futebol, mas que se manifestam por intermédio dele.

A opção por esse objeto de pesquisa é justificada pelo expressivo grau de representatividade e relevância do jornal O Globo dentro do mercado editorial de impressos e da sociedade brasileira, inclusive porque faz parte do maior conglomerado de mídia do país e da América Latina. No que se refere à delimitação das narrativas jornalísticas produzidas nos períodos de Copa do Mundo, entende-se que, nestes momentos em específico, é possível “desvendar e interpretar aspectos importantes de uma cultura por meio da ‘dramatização’ das condutas e experiências” localizadas neste microuniverso (PACHECO, 2008, p. 22). Neste contexto, a derrota desencadeia um processo de acusações e culpabilizações, “que se constitui em riquíssimo material de análise, pois tem o potencial de atualizar tudo o que divide a sociedade brasileira” (GUEDES, 1998, p. 54-55), e as narrativas de derrota construídas pela imprensa “são um interessante veículo que pode nos dar acesso ao que significa ser derrotado no Brasil”, uma vez que as interpretações lançadas sob o fracasso da seleção são permeadas de um imaginário da derrota que ultrapassa o terreno futebolístico (COSTA, 2008, p. 15).

A investigação debruça-se especificamente sobre as participações do selecionado nacional nas edições de 1950 e 2014, pois, além de terem sido realizadas no Brasil, as derrotas são elevadas ao nível de tragédia, fracasso, fatalidade – sendo consideradas as mais marcantes em cem anos de história. A derrota da seleção na Copa do Mundo de 1950, por exemplo, possui um peso social muito grande por implicar uma coletividade, trazer “uma visão solidária da perda de uma oportunidade histórica” e por ocorrer no início de uma década em que o Brasil objetivava “marcar seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir” (DAMATTA, 1982, p. 31). Entendida como a “mãe de todas as derrotas”, é também a mãe de todas as narrativas da derrota, “o que significa dizer que ela consolidou uma forma muito peculiar de se interpretar e narrar nossas desventuras em Copas do Mundo” (COSTA, 2008, p. 32).

Acerca da constituição do corpus e dos procedimentos para a coleta de dados, delimita-se como fonte primária os conteúdos publicados no impresso O Globo sobre a seleção brasileira de futebol masculino durante a baliza temporal de janeiro a dezembro de 1950 e de 2014. A coleta do material deu-se por intermédio do acervo online a partir de palavras-chave e da delimitação temporal determinados na sessão de busca detalhada. Para a análise dos dados coletados utiliza-se a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2013) e o Protocolo de Análise da Cobertura Jornalística (SILVA; MAIA, 2011). Todos esses procedimentos são explicados detalhadamente a seguir.

1.2 O JORNAL IMPRESSO O GLOBO

O jornal impresso O Globo faz parte do Grupo Globo – anteriormente conhecido como Organizações Globo –, maior conglomerado de mídia do Brasil e da América Latina. Compõem o Grupo oito empresas: Infoglobo (que tem como produtos os jornais impressos O Globo, Extra e Expresso), Sistema Globo de Rádio (SGR), Editora Globo, TV Globo, Som Livre, Globosat, Globo.com e Zap.

No que se refere à comunicação, o Grupo possui jornais impressos, editoras de jornais, revistas e livros, gravadora de CDs e DVDs, emissoras de rádio e TV, produtora de cinema e vídeos, provedores de internet. Embora possua diferentes veículos de comunicação, estes seguem uma mesma diretriz político-ideológica. De acordo com Arêas (2012, p. 45), os vários órgãos do Grupo Globo “possuem elevado grau de coerência interna na divulgação de visões de mundo”. O autor cita como exemplo o fato de que Armando Nogueira, diretor de Jornalismo da Rede Globo, costumava ler O Globo para entender o enfoque que Roberto Marinho desejava adotar no Jornal Nacional.

O jornal impresso O Globo foi fundado por Irineu Marinho, em 1925, no Rio de Janeiro. Inicialmente, era um jornal vespertino e apresentou como tiragem de sua primeira edição (29 de julho de 1925) 33.435 exemplares. Poucos dias após o lançamento, Irineu Marinho faleceu e seu filho Roberto Marinho, muito jovem para assumir a direção do vespertino, preferiu deixar o comando do jornal com Eurycles de Matos, amigo da família. Em 1931, com a morte de Eurycles, Roberto Marinho assumiu o controle de O Globo como diretor e redator-chefe. Embora com essa modificação, a linha política do jornal foi mantida e, diferente de muitos impressos da época, o jornal “não explicitava seus vínculos com agremiações partidárias ou associações de classe” (ARÊAS, 2012, p. 62). Já na década de 1950, o jornal tinha uma tiragem de cerca de 100 mil exemplares “e já era o maior vespertino do Rio de Janeiro” (SACRAMENTO; MATHEUS, 2014, p. 165). Líder de vendas entre os jornais cariocas, em 1961 O Globo passa a ter circulação nacional, sendo distribuído em todo o país, característica que se mantém até os dias atuais.

Com publicação de segunda a domingo, o impresso possui 1.281.000 leitores, 144.251 exemplares impressos nos dias úteis e 187.291 exemplares aos domingos. Preferencialmente, é lido pela classe média, com idade de 60 anos ou mais e elevado nível de escolaridade. De acordo com dados da Infoglobo, 50% dos leitores pertencem à classe B, 28% à classe C, 15% à classe A e apenas 6% às classes D e E. Em relação à faixa etária, 20% tem 60 anos ou mais, 19% de 30 a 39 anos, 18% de 20 a 29 anos, 16% de 40 a 49 anos, 15% de 50 a 59 anos e, finalmente, 12% tem de 10 a 19 anos. De maioria masculina – 52%, os leitores apresentam elevado nível de escolaridade – 39% com ensino superior, 22% com ensino médio e 14% com ensino fundamental. Segundo Arêas (2012), o jornal destinou-se ainda mais a esses públicos com o lançamento do Extra, em 1998, periódico voltado para as classes C e D, de regiões mais pobres.

Ainda sediado no Rio de Janeiro, o impresso possui circulação nacional e permite a assinatura mensal nas formas impressa ou digital. O Globo apresenta oito cadernos especiais: boa viagem (quinta-feira), boa chance (domingo), carro etc. (quarta e sábado), ela (sábado), morar bem (domingo), economia (segunda a domingo), segundo caderno (segunda a domingo) e esporte (segunda a domingo). O caderno esportivo possui 1.281.000 leitores, sendo a maioria proveniente da classe C – 28% da classe C, 20% da classe B, 15% da classe A e 6% das classes D e E –, com idade entre 60 anos ou mais (22% dos leitores) – seguido de 30 a 39 anos com 19%, de 20 a 29 anos com 17%, de 50 a 59 anos com 15%, de 40 a 49 anos com 14% e de 10 a 19 anos com 13%. Em relação ao sexo e à escolaridade, os leitores do caderno seguem o perfil de leitores do jornal como um todo – 52% masculino e 39% com ensino superior.

Os princípios editoriais publicados em 2013 reproduzem o discurso oficial do Grupo Globo acerca das suas práticas jornalísticas. O documento está dividido em preâmbulo com uma breve definição de jornalismo e três seções: a) os atributos da informação de qualidade (isenção, correção e agilidade), b) como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha, e c) os valores, cuja defesa é um imperativo ao jornalismo. De maneira geral, o documento aponta a independência, a isenção, a correção e a lealdade com a notícia, assim como a garantia ao contraponto, enquanto práticas a serem seguidas pelos profissionais e produtos. Também reafirma que o Grupo Globo é apartidário, laico, independente de governos e grupos econômicos.

Evidentemente, esses aspectos fazem parte do discurso do Grupo e devem ser problematizados, uma vez que a representação que os veículos de comunicação tentam repassar de si perpassa a prestação de serviços à população, realizada de maneira neutra, imparcial, objetiva e independente. Essa autoimagem é simulada, pois como afirma Arêas (2012, p. 41), O Globo é um veículo de difusão de visões de mundo e ideologias, “considerado um partido de diferentes frações das classes dominantes, em especial daquelas vinculadas ao capital financeiro e às multinacionais”. Visto como um representante dos oligopólios midiáticos no cenário mundial das comunicações, a história de um dos impressos de maior circulação do Brasil é permeada de polêmicas, posicionamentos parciais e jogos de interesse⁷ que contradizem o discurso oficial de porta-voz do público, imparcial e íntegro.

A partir disso, em relação à fonte primária, é necessário considerar que o jornalismo constrói narrativas a partir de sua lógica própria, seguindo sua grade de regramentos e operacionalizações. Dessa forma, o sistema do fabrico da notícia comporta rotinas, valores e ideologias. Em outras palavras, deve-se atentar para o fato de que a construção noticiosa é determinada por condicionantes internos e externos, de modo que o jornalista se utiliza de um arcabouço cultural, conhecimentos e experiências prévias acerca do tema abordado, certas subjetividades, ideologias e interesses vinculados à empresa jornalística e ao meio social, posições políticas e editoriais da empresa, um ponto de vista sobre o mundo e os fatos em constante devir, etc.

Estabelecendo uma visão crítica à fonte primária, entende-se que o campo investigativo do jornalismo se ancora em três eixos pelos quais também são pensados os

⁷ Desde o início de suas atividades, inúmeras polêmicas envolvem o posicionamento de O Globo em suas publicações, especialmente quando relacionados a conteúdos de cunho político, como o apoio à Ditadura Militar. Esse posicionamento, como já evidenciado, é ocultado pelo referido impresso, que afirma pautar-se pelos critérios da objetividade e imparcialidade jornalísticas.

processos comunicativos em geral: os eixos da emissão (a produção jornalística), os eixos da mensagem (o produto jornalístico) e os eixos da recepção. Alguns autores, como Martín-Barbero (1995), propõem superar a tendência à fragmentação do processo jornalístico, de modo a pensá-lo como um todo, sem separar as instâncias de produção, produto e recepção. A fonte primária reduz e limita essa investigação à instância do produto, embora supõe-se que esse único ponto do circuito jornalístico também permite localizar algumas informações acerca dos eixos de produção. No Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística, Silva e Maia (2011, p. 18) estabelecem que o acontecimento jornalístico “pode ser observado e analisado por meio das marcas que o processo de produção da notícia deixa no próprio produto acabado”.

Optou-se pela análise do referido periódico por este apresentar, tanto em 1950 quanto em 2014, um expressivo grau de representatividade e relevância dentro do mercado editorial de impressos, no que se refere à composição das publicações mais importantes, longevas e de maior tiragem. No que se refere à 1950, O Globo era o maior jornal vespertino carioca (SACRAMENTO; MATHEUS, 2014) e como o Rio de Janeiro foi uma das sedes da Copa a cobertura da competição foi realizada de forma detalhada pelo periódico, o que o torna uma fonte privilegiada de análise. Acerca de 2014, O Globo integra o maior e mais influente conglomerado midiático do país e caracteriza-se como um dos jornais de maior circulação e abrangência nacional. De acordo com o Índice Verificador de Circulação (IVC), que contabiliza as edições impressas e digitais, O Globo é o segundo maior impresso em circulação, com média de 291.909 exemplares no primeiro semestre, ficando atrás apenas da Folha de S. Paulo.

A escolha também se dá pela sua importância simbólica no cenário brasileiro, já que historicamente se mantém como um dos principais veículos de comunicação do país (BRINATI, 2016), possui grande poder de penetração entre seus leitores e grande presença na vida nacional (BARON, 2015). Após o desaparecimento do Jornal do Brasil, O Globo é o único jornal impresso do Rio de Janeiro com presença e abrangência nacionais, na cidade que é polo econômico e cultural, e que em 1950 era a capital do Brasil. Conhecido como “um dos centros de poder do país” (COSTA, 2000), O Globo está inserido nos chamados “jornais de elite” por destinar-se às classes médias e altas e ser publicação de referência para “formuladores de políticas” (OLIVEIRA; MASSARANI; AMORIM, 2014). Costa (2000, p. 23) explica que O Globo possui uma “importância crucial na sociedade brasileira, agindo como um intelectual orgânico das classes dominantes”. De maneira geral, a escolha se baseia na significância e no status do jornal e do Grupo Globo na sociedade brasileira em distintos períodos históricos.

1.3 GERAÇÃO DE DADOS E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Ao evidenciar o caráter narrativo das notícias, Motta, Costa e Lima (2004) esclarecem que as narrativas individuais não estão acabadas e dotadas de elementos simbólicos facilmente identificáveis. Ao contrário, a linguagem jornalística, forçosamente objetivada, reduz a evidência narrativa, embora não a extinga. Nesse sentido, não é em uma única e isolada notícia que se encontra uma narrativa a contar uma estória, mas em um conjunto delas sobre o mesmo assunto, no contínuo acompanhamento de fatos que se sucedem, como ações ou episódios a conformar uma estória. Na observação da sequência de notícias que compõem uma cobertura pode-se observar a conformação de um enredo que compõe uma estória completa.

Baseado nisso, utiliza-se como fonte primária as publicações presentes no jornal impresso O Globo acerca da seleção brasileira de futebol masculino durante 1950 e 2014, de janeiro a dezembro de cada ano. Justifica-se essa delimitação temporal pois junho e julho compõem os meses de realização das Copas do Mundo, entretanto, a fim de ordenar e compreender a estrutura narrativa da estória contada, opta-se pelo recorte de um período que fosse representativo dos eventos que antecederam e precederam a competição esportiva e que comportasse um número expressivo de conteúdo para análise.

A análise não se restringe aos conteúdos publicados na editoria de Esporte, uma vez que em 1950 o referido impresso não estava dividido em cadernos específicos. Por isso, considera-se o jornal em sua totalidade, sem deixar de considerar, especificamente nas edições de 2014, que cada editoria dispõe de particularidades e lógicas específicas, assim como de procedimentos particulares relacionados ao *modus operandi*.

A classificação de gêneros e formatos jornalísticos aqui adotada segue a sistematização proposta por Marques de Melo (2003), atualizada por Marques de Melo e Assis (2010, 2016). Esses autores apresentam a sistematização de um modelo classificatório proposto para reconhecer e organizar as categorias de textos praticados no âmbito da imprensa, em especial da imprensa brasileira. De acordo com eles, o trabalho jornalístico, organizado e normatizado conforme padrões preestabelecidos, subdivide-se, de maneira geral, em dois estágios complementares: os gêneros e os formatos – elementos inseridos na ampla esfera dos processos comunicacionais.

O campo da comunicação é constituído por *conjuntos* processuais, entre eles a comunicação *massiva*, organizada em *modalidades* significativas, inclusive a comunicação *periodística* (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em *categorias* funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em *classes*, mais conhecidas como *gêneros*, extensão que se divide em

outras, denominadas *formatos*, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas *tipos*. (MARQUES DE MELO, 2009, p. 35, grifos do autor).

A partir disso, Marques de Melo expõe o território em que ocorre a atividade jornalística e suas produções e, concomitantemente, por revelar a complexidade deste panorama, combate a ideia de que tratar gêneros e formatos jornalísticos consiste em abordar tão somente as especificidades linguísticas e/ou textuais das matérias. Embora admitam que tais fatores são importantes, Marques de Melo e Assis (2016, p. 42) argumentam que estes são insuficientes “para a apreciação de uma atividade profissional que exige a adoção de técnicas adequadas em suas ações, comporta modos de fazer próprios” e está vinculada a universos culturais ou ideológicos.

Assim sendo, os autores propõem que os conteúdos são moldados por categorias funcionais – entre elas o jornalismo – que se reproduzem em gêneros, organizadas em formas de expressão com determinadas características comuns, os formatos. Seguindo essa perspectiva, o gênero jornalístico corresponde à “classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade” e que assume como características básicas a aptidão em agrupar diferentes formatos e sua função social (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p. 49). Segundo os autores, existem cinco gêneros jornalísticos (com suas respectivas funções): 1) informativo: vigilância social, 2) opinativo: fórum de ideias, 3) interpretativo: papel educativo e esclarecedor, 4) diversional: distração e lazer, 5) utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas.

Interessante notar que esses papéis estão assim ordenados a fim de suprir a necessidade social em que se constitui a prática jornalística, os gêneros representam parte daquilo que os indivíduos querem e necessitam saber, conhecer e acompanhar.

Se observarmos a evolução dessas classes, a começar pelos gêneros hegemônicos – o informativo (surgido no século 17) e o opinativo (século 18) –, e a eles acrescentando os complementares – interpretativo, diversional e utilitário, que se legitimaram no século 20 –, veremos que seu surgimento e/ou sua consolidação são sempre respostas às demandas sociais, muitas das quais evidenciadas em momentos históricos datados, especialmente em períodos de crise ou de profundas transformações (ASSIS, 2010). Jornalismo e sociedade passam por processos evolutivos concomitantes. (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p. 50).

Por sua vez, os formatos são variantes e subordinados aos gêneros, mas se desenvolvem conforme suas próprias lógicas internas. De forma sintética, os formatos correspondem à forma adotada para se manifestar e colocar em circulação os conteúdos, estando

condicionados às situações em que são utilizados⁸, ao “feitio de construção da informação transmitida pela Mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional” (p. 50). Tal construção está em conformidade com certas normatizações que determinam parâmetros estruturais para cada formato, relacionados aos aspectos textuais e aos procedimentos de produção.

Na classificação de Marques de Melo⁹, a distribuição de formatos jornalísticos é sugerida do seguinte modo:

Quadro 1 – Gêneros e Formatos Jornalísticos

Gêneros	Formatos
1. Gênero informativo	1.1 Nota 1.2 Notícia 1.3 Reportagem 1.4 Entrevista
2. Gênero opinativo	2.1 Editorial 2.2 Comentário 2.3 Artigo 2.4 Resenha 2.5 Coluna 2.6 Caricatura 2.7 Carta 2.8 Crônica
3. Gênero interpretativo	3.1 Análise 3.2 Perfil 3.3 Enquete 3.4 Cronologia 3.5 Dossiê
4. Gênero diversional	4.1 História de interesse humano 4.2 História colorida
5. Gênero utilitário	5.1 Indicador 5.2 Cotação 5.3 Roteiro 5.4 Serviço

Fonte: Adaptado de: MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

Considerando os aspectos gráficos e redacionais, mas especialmente a progressão dos acontecimentos e os procedimentos de produção¹⁰, estabelece-se o corpus desta investigação com os formatos pertencentes aos gêneros informativo, opinativo e interpretativo. Essa escolha está fundamentada no fato de que os formatos selecionados são os mais

⁸ Marques de Melo e Assis (2016, p. 47) exemplificam que o formato artigo é construído a partir do momento em que se deseja uma apreciação do gênero opinativo, cujo objetivo é avaliar os acontecimentos.

⁹ Conhecida costumeiramente como “Classificação Marques de Melo”, esta sistematização é uma das mais difundidas no Brasil. Se fundamenta em observações empíricas do jornalismo brasileiro realizadas durante anos, inicialmente divulgada em roteiros de aula ministradas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (POSCOM-Umesp) e posteriormente documentada no livro *Jornalismo: compreensão e reinvenção*.

¹⁰ Como essa pesquisa focaliza o produto, os procedimentos de produção jornalística serão identificados a partir do Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística.

comumente apresentados no jornalismo impresso e que, para identificar os elementos de objetivação e subjetivação, os formatos analisados pressupõem a convivência, mais ou menos equilibrada, entre os aspectos referenciais e fictícios que permitem a construção narrativizada dos fatos.

Assim, compõem o corpus desta pesquisa os formatos jornalísticos pertencentes aos gêneros informativo, opinativo e interpretativo que abordem a seleção brasileira de futebol no impresso O Globo entre os meses de janeiro a dezembro do ano de 1950 e do ano de 2014. O material é coletado por intermédio do acervo online¹¹ do jornal O Globo a partir de quatro palavras-chave: “seleção brasileira”, “Brasil”, “seleção” e “scratch brasileiro¹²” e a seguinte baliza temporal “01/01/1950 a 31/12/1950” e “01/01/2014 a 31/12/2014”, delimitados na sessão busca detalhada do próprio acervo. Os termos de busca foram considerados suficientes, pois o padrão observado é que nos conteúdos publicados sobre a temática, tais palavras-chave aparecem no corpo do texto. Trata-se, portanto, de grafias comuns adicionadas nos motores de busca e apresentam-se como denominações amplamente compartilhadas para se referir aos eventos analisados.

O primeiro procedimento consiste na coleta bruta do material jornalístico, a partir da inserção das palavras-chave nos motores de busca do acervo e a coleta das publicações pertencentes à delimitação temporal estipulada. Na sequência, realiza-se a triagem, isto é, a leitura do material levantado e a exclusão de conteúdos que não faziam referência à temática analisada¹³, mas que passaram pelo motor de busca. Ao final desta triagem, obtém-se o corpus final da amostra: 382 textos correspondentes à 1950 e 967 publicações correspondentes à 2014, totalizando 1.349 textos analisados.

1.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

A análise narratológica é comumente dividida em três instâncias¹⁴: 1) plano da expressão (linguagem ou discurso); 2) plano da estória (conteúdo, enredo); e 3) plano da metarranativa (tema de fundo ou significado de fundo moral) (MOTTA, 2013).

¹¹ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>.

¹² Termo utilizado na década de 1950 para designar um time, uma equipe.

¹³ Foram excluídas as matérias que abordavam assuntos gerais da Copa do Mundo que não apresentavam relação direta com a seleção brasileira, como a realização e conclusão de obras, a participação e preparação de outras seleções, etc.

¹⁴ Motta (2013) esclarece que essa divisão não é percebida corriqueiramente, nem apresenta uma hierarquia, uma vez que as três instâncias expressivas ocorrem de forma superposta umas às outras. Neste sentido, só se justifica separá-las metodologicamente para efeito de uma análise como a proposta.

No que se refere à primeira, da expressão (linguagem ou discurso), esta consiste no plano de superfície do texto, onde o enunciado narrativo é construído pelo narrador. Neste plano, a linguagem enfatiza determinadas formas expressivas, conforme as intenções e os efeitos pretendidos, a partir do uso de certos elementos narrativos. É nesse plano que a análise pode identificar as estratégias de linguagem para produzir certos efeitos de real e efeitos de sentido. Em outras palavras, neste plano identifica-se os elementos objetivos e subjetivos utilizados para a construção dos fatos esportivos, marcando a referencialidade e a ficcionalidade da narrativa jornalística.

O segundo plano “é o plano virtual da estória projetada em nossa mente pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador” (MOTTA, 2013, p. 137). A realidade referente é construída na narrativa a partir de sequências de ações cronológicas e causais, assim como de ganchos e encadeamentos, conflitos internos, construção de personagens e cenários, desenlace do clímax e do acontecimento-intriga. Neste momento sobressai o sentido ou a significação da estória narrada, a partir da identificação dos narradores, conflitos, personagens e enredo. Cabe ao analista investigar

[...] as unidades nucleares e a funcionalidade delas na estória; as ações isoladas, seu encadeamento em sequências que conformam os episódios, seu encaixe com outras sequências para compor o enredo, a sequência-tipo, o significado diegético de uso pelo narrador de *flashbacks* e *flashforwards*, o ritmo imprimido pelo narrador, a caracterização das personagens, a funcionalidade delas no transcurso da estória, os conflitos principais e secundários, o enfrentamento entre protagonistas e antagonistas, etc. Enfim, as micro e macroestruturas ou princípios de organização que configuram a narrativa de uma certa maneira no ato de contar. (MOTTA, 2013, p. 137-138).

Por fim, o plano da metanarrativa é o plano da estrutura profunda, em que temas ou motivos de fundo moral integram as ações da estória em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico (MOTTA, 2013). Volta-se, portanto, aos motivos de fundo que, inseridos em um determinado contexto sociocultural, integrarão e darão um sentido ético e moral para a estória narrada. Neste sentido, Vasconcellos (2014, p. 58) explica que

Toda narrativa, fictícia ou fática, é construída sobre um fundamento moral ou ético que lhe sustenta e orienta, é o plano profundo, onde as bases da narração estão fixadas. Ele pode estar claro e evidenciar-se logo no início do enredo, ou ir-se mostrando gradualmente conforme a história, ou, em nosso caso, a notícia, é construída. A maioria das notícias que são veiculadas para a sociedade possuem uma razão moral que embasa e justifica o seu relato para o público. O produto noticioso contado e recontado pelo jornalismo diariamente através dos seus diferentes veículos de propagação, refletem e revelam preceitos profundos, enraizados no cerne da sociedade e transmitido de geração em geração como verdades e conceitos universais, tais como, o crime não compensa, o trabalho enobrece o trabalhador, a família deve ser respeitada acima de todas as coisas.

A partir da delimitação das três instâncias, Motta (2013) argumenta que a análise da narrativa incide especialmente sobre o plano da estória, que focaliza a sequência das ações, encadeamentos, enredo, conflito, personagens e seus papéis. Não obstante, o autor lembra que o plano da estória está inevitavelmente dependente do plano do discurso, sem o qual a estória não se projeta e as intenções comunicativas não se revelam. Além disso, a análise deve relegar certa atenção à relação entre os modelos de mundo ou metanarrativas de fundo (o terceiro plano) e os planos da linguagem e da estória, particularmente sobre a articulação entre os modelos de mundo e os sentidos da estória.

O autor ainda lembra que o analista dos processos de comunicação narrativa deve privilegiar o plano da estória, entretanto, é inevitável que este plano seja analisado simultaneamente ao plano da expressão, uma vez que são interdependentes. Em virtude disso, realiza-se, nesta investigação, a análise da narrativa jornalística do O Globo nestas três instâncias expressivas, embora focaliza-se, com maior ênfase, o plano da estória.

Uma vez definidas as três instâncias, Motta (2013) propõe procedimentos metodológicos para a realização da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, utilizados para a análise dos dados desta investigação. De modo complementar, também se utiliza o Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística para levantar informações acerca do processo de produção jornalística e em relação às características do próprio produto. Esses procedimentos metodológicos são apresentados a seguir.

1.4.1 Análise Pragmática da Narrativa Jornalística

A Análise Pragmática¹⁵ da Narrativa Jornalística, proposta por Motta (2013, p. 131), desloca-se da teoria literária para constituir-se enquanto “procedimento de análise simbólica e antropológica mais ampla, adquirindo um caráter cultural e multidisciplinar”, apresentando-se como caminho para “a busca do sentido, a coconstrução narrativa do significado”. Caracteriza-se como um procedimento que permite observar de que maneira a narrativa produz significações através da construção de acontecimentos (estórias noticiosas), isto é, que possibilita a análise das estratégias narrativas utilizadas para construir sentidos, bem como dos próprios sentidos construídos.

¹⁵ A proposta metodológica segue uma perspectiva da Pragmática como resultado de uma guinada dentro dos estudos linguísticos. Passa-se a considerar a linguagem como construção social, como forma de ação e interação, e não como mera descrição ou representação do real. Essa perspectiva reforça a compreensão de que a narrativa não é mero gênero textual, mas dispositivos que se constituem como uma ação intencional de (re)configuração simbólica da realidade.

Embora distancie-se da perspectiva teórico-metodológica literária, em alguns procedimentos o autor recorre a conceitos da análise de cunho estruturalista, uma vez que “mesmo recusando a atitude epistemológica do estruturalismo, muito do que ele deixou pelo caminho permanece válido para iluminar análises consistentes” (MOTTA, 2013, p. 131). Entretanto, o autor deixa claro que a sua perspectiva é inteiramente distinta do formalismo ou do estruturalismo, em razão de que estas presumem que a expressão verbal é uma atividade autônoma, passível de ser analisada à parte das relações sociais que a produzem. Motta (2013) se posiciona ao lado oposto desta pressuposição.

É inconcebível fazer a análise de um objeto linguístico (a narrativa) como se ela pairasse isolado no espaço estético ou epistemológico. A narrativa é apenas o nexo de uma relação entre interlocutores, e são os aspectos dessa relação que interessa compreender. Ainda que, metodologicamente, quase sempre partamos do próprio objeto, do discurso narrativo, do conto, filme, história em quadrinhos, etc., para chegar até as relações que os produzem, consomem e interpretam. (MOTTA, 2013, p. 130).

O fato de Motta apropriar-se de conceitos e procedimentos da teoria literária estruturalista e formalista não invalida o caminho distinto escolhido pelo autor, já que a análise narrativa proposta por ele não serve tão somente para observar a configuração de uma intriga e suas modulações, mas principalmente “para compreender os valores canônicos de uma cultura em ação, para estudar a criação interlocutiva de significados, a construção e instituição simbólica da realidade” (MOTTA, 2013, p. 133). Isso quer dizer que o percurso metodológico proposto permite, além de identificar os ajustes lógicos do discurso narrativo, compreender a significação integral dessa narrativa e o sentido dessa significação no contexto histórico e social. O caminho metodológico desenvolvido pelo autor permite, entre outras coisas, a observação e a compreensão da comunicação narrativa como uma tessitura entretecida que dá visibilidade e classifica a realidade, dotando o contexto e os fatos de significados culturais (MOTTA, 2013).

Nesta proposta, o autor elege certos elementos do conjunto, examina-os em sua substância, observa suas conexões, relaciona-os ao todo através de processos indutivos e associativos. Motta (2013, p. 133) explica que o exame minucioso de cada detalhe do objeto “leva a uma outra coisa e, assim, vai se formando um fundo constituído de camadas sucessivas de interpretações que modificam (em termos do significado) o próprio objeto observado”. Em outros termos, a análise da narrativa jornalística permite a compreensão da integração dos sentidos fragmentados das notícias, porque remonta as conexões, recupera o anterior para reuni-

lo ao posterior, para tecer os fios e recuperar a expansão da estória narrada. De acordo com Quadros e Amaral (2017, p. 88),

O método, dessa forma, conduz uma espécie de desconstrução gradual da narrativa, evidenciando aspectos como as intenções dos narradores, as estratégias enunciativas empregadas, a caracterização das personagens, os recursos de encadeamento dos fatos, entre outros. A análise individualizada destes elementos permite ao analista descortinar o processo, o contexto e até os conflitos por trás das narrativas.

A partir das três instâncias de análise – expressão, estória e metanarrativa, o método de Análise Pragmática da Narrativa Jornalística divide-se em seis movimentos operacionais¹⁶: 1) recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico, 2) identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios, 3) construção de personagens jornalísticas, 4) estratégias comunicativas (de objetivação e de subjetivação), 5) relação comunicativa e o contrato cognitivo, e 6) metanarrativas.

Destes, esta pesquisa utiliza cinco movimentos operacionais, uma vez que esta investigação centra sua análise na narrativa jornalística e não na recepção ou na audiência desse conteúdo. Por isso, o 5º movimento não fará parte dos procedimentos metodológicos adotados. Portanto, são seguidos cinco movimentos operacionais, descritos a seguir: recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico, identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios, construção de personagens jornalísticas, estratégias comunicativas (de objetivação e de subjetivação) e metanarrativas.

1º movimento: recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico. Diferente do que ocorre nos romances literários, onde as estórias narradas são integrais e o ciclo cronológico da intriga se completa, as notícias jornalísticas diárias caracterizam-se como fragmentos desconexos de sentido, que aparecem e permanecem por períodos específicos de tempo, sem, muitas vezes, contar uma estória completa. As notícias são “fragmentos dispersos e descontínuos de significações parciais”, isso quer dizer que não é em uma única e isolada notícia que se encontra uma narrativa a contar uma estória, mas em um conjunto delas sobre o mesmo assunto (MOTTA, 2005, p. 4).

Motta, Costa e Lima (2004) entendem que remontar uma sequência de notícias sobre determinado assunto recompõe estórias integrais plenas de sentido que permitem visualizar aspectos simbólicos nem sempre explícitos. Tomadas em sua serialidade, ou seja, como uma

¹⁶ Os planos da expressão e da estória condizem com os passos mais iniciais da análise, enquanto a plano da metanarrativa surge “com maior nitidez ao final do processo analítico” (MOTTA, 2013, p. 139).

sequência encadeada de fragmentos de sentido, as notícias diárias constituem uma significação mais ampla e revelam uma sintaxe narrativa.

A partir da necessidade de uma estória completa para a análise das narrativas, o autor propõe que o analista precisa conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese. Para reconstituir de forma coerente uma narrativa jornalística, o analista deve

[...] observar a continuidade e justaposições temáticas a partir da recorrência de um mesmo tema nas notícias isoladas. Essa recorrência pode ser procurada também nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) da sucessão de estados de transformação. Algumas vezes, a determinação do início e do final dessa nova narrativa precisa ser decidida pelo analista de forma mais ou menos arbitrária. Mas, sempre de maneira rigorosa, coerente e justificada. (MOTTA, 2005b, p. 4).

Em algumas coberturas jornalísticas essa tarefa é mais facilitada, já que a identificação dos episódios noticiosos é delimitada pelo próprio veículo de comunicação. Motta (2013, p. 141) cita como exemplo o caso Renan Calheiros no jornalismo político, ou o caso Isabella Nardoni no jornalismo policial, “episódios que têm um enredo completo mais ou menos definido pela própria cobertura jornalística”.

Trata-se, portanto, de delimitar o início e o fim da estória que se pretende analisar e de, a partir disso, recompor a sequencialidade da narrativa a fim de compreender como se encadeiam as ações ao longo do percurso da estória, como se conectam os microeventos em sequências e estas ao enredo principal. Acrescenta-se à esta etapa a identificação do tema, assunto e mensagem da estória, assim como a recomposição da intriga ou enredo da estória narrada.

2º movimento: identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios. Em uma narrativa, o conflito é o elemento estruturador, o núcleo em torno do qual gravitam todos os demais elementos narrativos. Conforme Motta (2005b), os conflitos abrem espaço para novas ações, sequências e episódios, que prolongam e mantêm viva a narrativa. No jornalismo, a presença de um conflito é evidente, já que a narrativa lida com rupturas, descontinuidades e anormalidades. Na maioria das vezes, a situação inicial de uma narrativa jornalística é dramática desde o início, com um conflito ou problema que desestabiliza, rompe o equilíbrio ou a ordem natural das coisas e traz ambiguidades. O conflito na narrativa jornalística pode ser a falta ou o excesso de algo, uma inversão ou transgressão, um conflito explícito ou implícito: “um crime, um golpe, uma infração, um choque, um rompimento, uma anormalidade climática,

a eclosão de um fenômeno físico ou social de impacto” (MOTTA, 2005b, p. 5) – este último aspecto inclui os megaeventos esportivos que movem distintas esferas sociais, por exemplo.

O autor evidencia que sempre se apresentarão pelo menos dois lados em confronto no acontecimento jornalístico.

Há sempre interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou estabilidade anterior e que gera tensão. Em torno do ciclo equilíbrio-desequilíbrio gira a narrativa jornalística. Cabe então ao analista identificar os conflitos principais e secundários da história recomposta (da nova síntese). Eles podem ser políticos, econômicos, psicológicos, familiares, jurídicos, policiais, etc. O analista trabalha agora com a sua própria recomposição do acontecimento, que confrontará permanentemente com as notícias originais para construir sua interpretação. (MOTTA, 2005b, p. 5).

Neste sentido, se a narrativa jornalística já começa pelo conflito, uma vez que, de acordo com os critérios de noticiabilidade, se torna notícia aquilo que rompe com o cotidiano, é preciso identificar qual é esse conflito e observar a ordenação e o funcionamento de cada episódio que levou ao conflito e se originou dele, como aponta o autor.

Este segundo movimento trata da identificação dos conflitos principais e dos conflitos secundários da história. A partir disso, o analista pode compreender as distintas funções dos episódios, entendidos como unidades narrativas analíticas intermediárias, que relatam ações relativamente autônomas e que geram transformações narradas ao longo da história. “Os episódios de uma história representam sempre projetos humanos que podem ser reconhecidos pelo analista como episódios de degradação ou de melhoramento de uma situação” (MOTTA, 2013, p. 206), com destaque à sequência: equilíbrio, desequilíbrio e equilíbrio. De modo que para o acontecimento-intriga haverá o tempo necessário, na definição do projeto narrativo, para sua decisão e solução, “embora, neste processo ocorram os pontos de viradas, ou seja, novos acontecimentos que podem mudar os rumos da diegese da narrativa” (SILVA, 2015, p. 132) – como a morte de um personagem importante da trama. Refere-se à quando ocorrem pontos de mudanças de rumos na diegese e alterações na trama, em função de fatos novos que merecem ser retomados para nova configuração da narrativa. Motta (2013) sugere que é importante nomear os episódios para designar sua funcionalidade: situação estável (equilíbrio), complicação, clímax, vitória, desfecho, punição, recompensa e assim por diante.

3º movimento: construção de personagens jornalísticas (discursivas). O reconhecimento das personagens e de sua dinâmica funcional ocorre ao mesmo tempo que a identificação dos episódios, pois as personagens são atores que realizam funções na progressão

da estória. Identificá-las permite a compreensão do desenvolvimento da narrativa, do delineamento dos acontecimentos constituintes do enredo.

As narrativas jornalísticas costumam apresentar personagens fortemente individualizadas que se transformam no eixo das estórias (MOTTA, 2013). O autor evidencia alguns aspectos específicos no que se refere à construção das personagens:

Os designantes das personagens, tais como nomes, identificadores e co-referências devem ser particularmente observados. Porém, é importante lembrar que mesmo na narrativa realista do jornalismo as personagens são figuras de papel, ainda que tenham correspondentes na realidade histórica. Lembrar que estamos analisando uma narrativa jornalística, como as notícias constroem personagens, conflitos, combates, heróis, vilões, mocinhos, bandidos, punições, recompensas. Não estamos fazendo uma análise da realidade histórica em si mesma. Nosso objeto é a versão, não a história. (MOTTA, 2005b, p. 7).

Em outros termos, o que Motta afirma é que embora haja uma relação intrínseca entre as personagens e as pessoas físicas, já que as personagens da estória representam pessoas reais, na análise das narrativas jornalísticas não interessa quem é determinado jogador, o que fez ou deixou de fazer na vida real, mas como esta narrativa constrói certa imagem daquele jogador e o que ele fez no transcorrer da estória. A análise deve centrar-se na construção daquela pessoa como personagem da estória jornalística, pois como nenhuma estória “pode ser contada na íntegra, o discurso não *traduz* a realidade, *conta* a realidade, *uma versão* da realidade, e os sujeitos do relato são sujeitos do discurso” (MOTTA, 2013, p. 191, grifos do autor).

Desta forma, diferente das narrativas ditas imaginárias, a personagem jornalística não é entendida como uma entidade tão somente ficcional e “arbitrária a gosto da criação do autor como ocorre na arte, mas produto de uma narrativa fática” (MOTTA, 2005b, p. 7). Essa personagem apresenta uma relação estreita com o ser real objeto da narração.

No caso do jornalismo sabemos que a personagem representa uma pessoa com existência real. A pessoa real é sempre irredutível às narrativas que se contam a seu respeito. Sucede [...] que sabemos dessa pessoa apenas *a personagem* que os mídia nos oferece. Os receptores do jornalismo conhecem as figuras públicas e do espetáculo através de fragmentos que delas veicula o jornalismo. A mídia constrói personagens de acordo com seus critérios jornalísticos e de verossimilhança. (MOTTA, 2005b, p. 7-8, grifos do autor).

Em distintos tipos de narrativa, como a jornalística, cada personagem assume um papel a ser cumprido dentro da estória, como uma função a ser desempenhada, uma vontade a ser exercitada e/ou um destino a ser alcançado. A partir deste entendimento, Motta (2013)

evidencia a necessidade de identificar as personagens e suas funções: como protagonistas, antagonistas e adjuvantes (GANCHO, 2002).

Especificamente nesta etapa, realiza-se a quantificação das vozes das personagens na narrativa, a partir do complemento metodológico proposto por Silva (2015). Desse modo, Silva (2015, p. 134) argumenta que as vozes podem ser quantificadas, “de modo que seja possível verificar quem tem mais espaço de fala” – os protagonistas, antagonistas ou adjuvantes. Além disso, isso permite, de acordo com o autor, a análise de como as personagens escrevem suas narrativas na condução da diegese, no plano da linguagem.

4º movimento: estratégias comunicativas (de objetivação e de subjetivação). Parte-se do pressuposto de que nenhuma narrativa jornalística é ingênua, imparcial, neutra. Por isso, um dos movimentos para a análise das narrativas do jornalismo consiste na identificação dos dispositivos retóricos capazes de revelar o uso de recursos linguísticos pelo narrador no processo de construção noticiosa. Motta (2013) defende que toda narrativa é um contínuo jogo entre os efeitos de real e efeitos estéticos de sentido, ao mesmo tempo em que utiliza uma linguagem referencial para se vincular aos fatos do mundo físico, também cria efeitos catárticos.

O discurso narrativo subjetivo, próprio das obras ficcionais, é caracterizado, entre outras coisas, pela presença implícita ou explícita do narrador. Ao contrário, geralmente a narrativa jornalística distingue-se pelo distanciamento e/ou apagamento do narrador. Nesse caso, diz Motta (2013, p. 197), “o narrador atua como se a verdade estivesse lá fora, nos próprios objetos e fenômenos, independentemente da sua intervenção na condição de narrador”: ele dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração, operando aquilo que nomeia de “dessubjetivação do real”. Assim, o narrador-jornalista faz uso de recursos linguísticos a fim de camuflar ou apagar sua atuação.

A partir destas reflexões, Motta (2013) propõe a identificação das estratégias de produção do efeito de real e das estratégias de criação de efeitos estéticos de sentido nas narrativas jornalísticas. No que se refere às primeiras, trata-se de revelar estratégias e estratégias de referenciação do narrador para construir efeitos de real. Entre elas, o autor cita: a) as citações frequentes, com o uso das aspas; b) a identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem), a partir do uso de nomes próprios de lugares ou de instituições; c) a datação (ontem, hoje, amanhã, etc.), muitas vezes acompanhada de especificação precisa (às 15 horas, antes do almoço, etc.); d) o uso de números e estatísticas, como idades, quantias, volumes e dimensões.

Destá forma, a partir de Motta (2013) e de outros autores (ESSENFELDER, 2017; SILVA, 2015; GOMES, 2007) que propõem uma ampliação desta metodologia, delimita-se as

seguintes categorias para a identificação das estratégias de produção do efeito de real: a) referências precisas a datas (dia, mês, ano, horário, etc.); b) referências precisas a lugares e instituições; c) nomes completos de personagens; d) referências a pessoas-fontes e documentos-fontes¹⁷; e) números e/ou estatísticas; f) citações em aspas ou com o uso de verbos dicendi; e g) descrição funcional e didatismos.

No que concerne às estratégias de criação de efeitos estéticos de sentido, Motta (2013) as classifica como recursos e figuras da linguagem narrativa que remetem o leitor a interpretações subjetivas diversas e efeitos catárticos que suscitam estados de espírito, como a compaixão, o medo, a perplexidade, o deboche, etc.

Esses recursos abundam nas manchetes e títulos tanto quanto nos textos, tanto nas ilustrações e charges como nas fotografias e imagens televisivas. Estão nas escolhas léxicas, no uso de verbos prospectivos, verbos de sentimento, verbos negativos, verbos de conselho, de advertência, etc.; no uso de adjetivos afetivos, potenciais ou adjetivos de possessão; no uso de substantivos estigmatizados como terroristas, radicais, pivetes, etc. estão nas exclamações, interrogações, comparações, ênfases, repetições e reticências, mais comuns no noticiário que se pensa. Estão nas figuras de linguagem (metáforas, sinédoques, sinonímia, hipérboles). Estão nas ironias e paródias, que abrem âmbitos de significação. Estão nos conteúdos implícitos, nas implicaturas de advérbios como ‘apenas’, ‘de novo’, ‘só’, ‘ainda’, comuns nas manchetes. (MOTTA, 2005b, p. 11-12).

A fim de identificar tais estratégias na análise dos dados, a partir do referencial teórico já indicado, estabelece-se as seguintes categorias de subjetividade: a) descrição pormenorizada – o narrador descreve em detalhes situações ou personagens a partir de aspectos que não são empiricamente verificáveis, pois são subjetivos; b) figuras de linguagem; c) verbos de expressão subjetiva – como verbos prospectivos, verbos de sentimento, verbos negativos, de conselho, de advertências; e d) ênfase/intensidade – quando há o realce ao apelo dramático de um determinado momento da estória, com o uso de adjetivos, pontuação (exclamações, reticências).

5º movimento: metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história. Por mais que se pretenda neutra e imparcial, a narrativa jornalística é determinada por um fundo ético ou moral. A metanarrativa compõe a estrutura profunda, de fundo da notícia, que pode ser de ordem moral, ética, filosófica, a partir de aspectos políticos e ideológicos. É o pano de fundo sobre o qual se desenvolvem as estórias que narram fábulas, as categorias mitológicas, matrizes

¹⁷ As pessoas-fonte são aquelas apresentadas como fontes legítimas da informação, mas que não foram entrevistadas pelo jornalista, como pesquisadores ou historiadores. Enquanto nos documentos-fonte, as fontes são documentos, como relatórios governamentais, ocorrências policiais e decretos.

da historiografia, da literatura, do jornalismo, em um nível cultural e simbólico (MOTTA, 2013).

A partir das metanarrativas,

Alcançamos o nível da cultura, das significações profundas, do plano moral, ético e simbólico. Em outras palavras, estamos afirmando que as fábulas contadas e recontadas pelas notícias diárias revelam os mitos mais profundos que habitam metanarrativas culturais mais ou menos integrais do noticiário: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante. São essas, na verdade, as grandes metanarrativas culturais que o jornalismo nos conta e reconta diariamente. (MOTTA, 2005b, p. 15).

O autor considera que nenhuma notícia se apresenta nos jornais sem uma razão ética ou moral que justifique seu relato, é tarefa do analista desvendar o pano de fundo sobre o qual se desenvolve a sequência de notícias sobre um determinado assunto. Embora Motta não deixe claro como isso deve ser feito pelo analista, alguns autores que propõem a ampliação de sua proposição metodológica sugerem o uso da Análise de Conteúdo (AC)¹⁸ para dar conta desta etapa da análise, especialmente porque permite as inferências e interpretações do conteúdo analisado, com o uso das categorizações, o que será seguido nesta investigação.

1.4.2 Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística

Os procedimentos metodológicos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística serão utilizados concomitantemente com os procedimentos estabelecidos pelo Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística (SILVA; MAIA, 2011), a fim de localizar determinadas informações acerca dos eixos de produção do objeto de estudo. Acredita-se que a identificação das marcas que o processo de produção da notícia deixa no produto acabado permitem a ampliação da análise no plano da expressão e, em especial, possibilitam compreender o *modus operandi* de construção das narrativas jornalísticas.

As autoras propõem um Protocolo Metodológico de Análise de Cobertura Jornalística em textos impressos, partindo do pressuposto de que é possível reconstruir, através das marcas deixadas no produto, o caminho percorrido pelo jornalista e pelo veículo comunicacional para

¹⁸ O método da Análise de Conteúdo é estruturado de acordo com a proposta de Bardin (2011), que divide o procedimento em diferentes fases, tais como: organização da análise, codificação, categorização e inferências. De maneira geral, o processo compreende a pré-análise (planejamento do estudo e leitura flutuante), exploração do material e a análise propriamente dita, com tratamento dos resultados e interpretação (codificação, categorização e inferências).

apurar e relatar as informações, assim como observar as estratégias de cobertura expressas no produto jornalístico.

O método organiza-se em três níveis de análise: 1) marcas da apuração; 2) marcas da composição do produto; e 3) aspectos da caracterização contextual. Segundo as autoras, cada um dos níveis olha para o objeto de estudo a partir de uma lente. O primeiro nível funciona como uma teleobjetiva: recai sobre a matéria jornalística, explorando indícios da apuração e da estratégia de cobertura. O segundo atua como uma lente normal, uma vez que oferece uma perspectiva um pouco mais aberta do objeto, focalizando o conjunto amplo do produto (texto, localização na página, diagramação, fotografia, etc.). Por fim, o terceiro nível corresponde a uma lente grande angular, pois oferece um plano geral do objeto de estudo, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto em que se insere a produção jornalística (SILVA; MAIA, 2011, p. 26-27).

Em resumo, no primeiro nível – marcas de apuração – observa-se: 1) Assinatura: local, correspondente, enviado especial, colaborador, agência de notícias, não assinado; 2) Local de apuração/acesso do jornalista ao local do acontecimento: interno (redação) ou indefinido e externo (apuração *in loco*); 3) Origem da informação: informações de primeira mão (fontes do poder público, fontes institucionais, fontes cidadãs, fontes especializadas/comentadores, assessoria de imprensa, fontes não convencionais e recursos alternativos¹⁹) ou informações de segunda mão (agências de notícia, outros veículos jornalísticos, publicações científicas, documentos impressos e eletrônicos, informações obtidas na internet, material de reedição e republicação).

As marcas da apuração evidenciam as estratégias de captura do acontecimento adotadas pelos veículos jornalísticos, especialmente na rede de fontes em que o repórter se lançou. A fonte assume grande importância no fazer jornalístico, uma vez que o enquadramento de uma notícia “é perspectivizado em grande parte pela posição das fontes” (CORREIA, 2012, p. 114). Desse modo, ao escolher suas fontes, o jornalista já está selecionando e influenciando na abordagem de determinado tema, até porque, em alguns casos, o próprio jornalista atua como

¹⁹ As fontes do poder público são aquelas que gozam do status do Estado, ligadas diretamente aos três poderes, ao Ministério Público ou a autarquias, como deputados, prefeitos, polícia, exército, Ibama, etc. As fontes institucionais são ligadas a empresas privadas, ONGs, associações, movimentos sociais, fundações, etc. que estão envolvidas nos acontecimentos. As fontes cidadãs são pessoas que testemunham fatos, fornecem informações ou dão sua opinião na condição de cidadãos afetados pelos acontecimentos. Já as fontes especializadas/comentadores são os especialistas ou pessoas com autoridade suficiente para dar sua opinião sobre o assunto, interpretar os acontecimentos e fornecer informações adicionais que ajudem a contextualizar os acontecimentos. A assessoria de imprensa são os profissionais especializados e autorizados a falar com os jornalistas em nome de uma instituição ou pessoa. Por fim, as fontes não-convencionais são fontes anônimas e os recursos alternativos são as câmeras escondidas e infiltração que, embora não se constituam como uma fonte propriamente direta, tornam possível o acesso do jornalista às informações (SILVA; MAIA, 2011, p. 28-29).

fonte, muito embora no produto a voz do jornalista e da fonte sejam demarcadas, ora pelas características gramaticais e estilísticas – geralmente narração em terceira pessoa, no tempo presente –, ora pela forma como a voz da fonte é apresentada no produto – geralmente entre aspas, acompanhadas de um verbo dicendi. O levantamento de informações nesta etapa auxilia e complementa o 3º e o 4º movimento da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística.

No segundo nível – marcas da composição do produto – observam-se: 1) Formato jornalístico/Natureza do texto informativo: nota, notícia/matéria, fotonotícia/fotolegenda, entrevista, reportagem, reportagem especial/dossiê; 2) Localização do texto no veículo/Destaque: página par ou ímpar, quadrante superior ou inferior direito/esquerdo, metade superior ou inferior, página inteira ou várias páginas, editoria/caderno ou seção, manchete, chamada de capa ou apenas texto; 3) Recursos visuais/Adicionais: gráfico ou tabela, boxe, infográfico, imagem não-fotográfica e fotografia.

No terceiro nível – aspectos do contexto de produção – são analisados: caracterização contextual, como contexto interno (caracterização visual, editorial e organizacional do veículo) e contexto externo (caracterização do acontecimento específico da cobertura e da conjuntura sócio-histórico-cultural envolvente). Esse aspecto de contextualização externa é determinante para essa pesquisa, pois entende-se que compreender o contexto histórico e cultural vivido no país durante o período das Copas do Mundo, a partir do cenário político, social, cultural e econômico, permite o entendimento apropriado das narrativas jornalísticas produzidas. Fonseca Junior (2009, p. 287) sustenta este mesmo posicionamento ao afirmar que não é possível ignorar “que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso”.

As autoras evidenciam que os dois primeiros níveis constituem a espinha dorsal do protocolo, enquanto o terceiro nível é complementar. Nesta pesquisa aplicam-se os três níveis da análise. Entretanto, tem-se clareza de que o produto não permite acessar todos os aspectos implicados no processo produtivo noticioso. Sobre isso, Silva e Maia (2011, p. 40) reconhecem que “após ser recortado como produção, o objeto jornalístico continua a desdobrar-se em diferentes esferas de análise” e que as formas como as empresas administram internamente as práticas jornalísticas talvez sejam mais adequadamente captadas a partir do acompanhamento das rotinas de trabalho.

Ainda assim, as autoras reconhecem que o protocolo metodológico permite a identificação e a tipificação das especificidades da atividade jornalística, “mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações” (SILVA; MAIA, 2011, p. 26), e quando enfatiza o contexto sócio-histórico-cultural, possibilita relacionar a

produção à influência de forças conjunturais. Também reforçam que a fim de investigar a configuração dos acontecimentos jornalísticos essa proposição metodológica pode ser aplicada junto à Análise de Conteúdo para um aprofundamento maior em relação às temáticas e à produção de sentidos dos textos impressos.

2 A ARTE DE CONTAR: A NARRATIVA E O JORNALISMO

A narrativa, enquanto objeto de estudo, vem sendo amplamente explorada por diversas perspectivas teóricas, sendo investigada por estudiosos da Filosofia (RICOUER, 1995), da Literatura (PROPP, 2016; TODOROV, 1980; GENETTE, 1995), da Psicologia (FAYOL, 1985), da Antropologia (LÉVI-STRAUSS, 2011) e da Linguística (BENVENISTE, 1988; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), dentre outras áreas do conhecimento. A diversidade de abordagens originou inúmeras definições acerca da narrativa, cada qual filiada às concepções correspondentes ao seu campo de estudos e derivada de uma maneira própria de explicar o fenômeno.

Entretanto, embora vinculadas a perspectivas teóricas diferentes e até opostas, todas estas reiteram que a narrativa é uma prática universal, vasta e pancultural, que “começa com a própria história da humanidade” (BARTHES, 1971, p. 103). É entendida como um fenômeno presente em todos os tempos, lugares e sociedades, expressa em todas as linguagens e que se apresenta em espaços distintos, como o jornalismo. Todas essas perspectivas teóricas atestam que as formas narrativas atravessam suportes diversos e que “a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer”, uma vez que não se tem “qualquer ideia do que seria uma cultura em que não se soubesse mais o que significa narrar” (RICOUER, 1995, p. 45).

A partir disso, neste capítulo discute-se dois conceitos centrais que perpassam a tese: a narrativa e o jornalismo. Inicialmente, explora-se a trajetória da narrativa enquanto objeto, desde a narratologia clássica até os estudos narrativos contemporâneos. Baseado neste último, apresenta-se o conceito de narrativa adotado. Na sequência, no que se refere ao jornalismo, destaca-se a concepção deste enquanto construtor da realidade social, seus recursos e suas formas de pensar e fazer.

2.1 DA NARRATOLOGIA CLÁSSICA AOS ESTUDOS NARRATIVOS CONTEMPORÂNEOS

Por muitos anos, a narrativa esteve circunscrita, unicamente, ao âmbito literário, em virtude de uma compreensão reduzida ao gênero e ao modo textual. O romance, objeto central das investigações, era considerado o exemplo representativo daquilo que se compreendia por narrativa ou modo literário narrativo. Essa compreensão e o conseqüente interesse científico e

acadêmico pelo tema ampliaram-se consideravelmente a partir do século XX²⁰, período em que ocorre uma mudança radical nos pressupostos conceituais da narrativa e que se consolida a nova narratologia – a teoria da narrativa e dos métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas.

Em seu princípio, a narratologia, ainda não conceptualizada dessa forma²¹, constituía-se como análise estrutural da narrativa e estava alinhada ao formalismo russo e ao estruturalismo antropológico e literário francês.

No que se refere ao primeiro, define-se o formalismo como uma escola de crítica literária originada na Rússia. Caracteriza-se por apresentar um movimento múltiplo, de modo que a escola não compôs uma corrente teórica unificada nem um consenso entre os autores. Entretanto, é possível afirmar que tais estudos focalizam o papel funcional dos dispositivos literários e conferem à crítica literária pressupostos delimitados no que se refere ao objeto de estudo e ao método. De acordo com essa perspectiva, deve-se investigar a literariedade, ou seja, o que confere a uma obra sua qualidade literária, as especificidades no próprio texto e os caracteres próprios do objeto. Acerca dos aspectos metodológicos, destaca-se o descritivo e o morfológico, de modo que o conhecimento da obra se dá a partir da descrição dos seus elementos e respectivas funções. Especificamente em relação à narrativa, os estudos formalistas enfatizaram a diferença entre romance e novela, as distintas formas de construção do romance e a importância do tempo na estrutura romanesca. Teóricos como Viktor Chlovsy, Vladimir Propp e Roman Jakobson fazem parte dessa corrente (TOLEDO, 1971).

Já o estruturalismo não é definido enquanto escola, tampouco enquanto movimento, uma vez que se configura como um estilo de pensamento que assumiu diferentes formas. O estruturalismo objetiva encontrar as estruturas subjacentes – seja ao homem, à cultura, à arte, à narrativa, e procura “as qualidades primárias determinantes” (MERQUIOR, 1991, p. 21). O estruturalismo francês, onde filia-se a análise estrutural da narrativa, distingue-se de outros estruturalismos em virtude da inspiração teórica no modelo linguístico de Ferdinand de Saussure e em “uma concepção de estrutura já não mais pautada no sentido arquitetônico ou

²⁰ Embora constitua-se como uma técnica de pesquisa relativamente nova, a análise da narrativa funda-se na Grécia Antiga. Motta (2013) cita dois livros que constituem as obras fundadoras da narratologia moderna. Primeiro, a “Poética” de Aristóteles, também editada com o título “Arte Poética”, escrita por volta do ano 335 a.C. – com primeira edição em língua latina só em 1503 –, é a mais antiga reflexão que se conhece sobre a configuração de uma narrativa. Segundo, o livro de Vladimir I. Propp, “Morfologia do conto maravilhoso”, escrito em 1928 e reeditado em 1959, exerceu forte influência sobre os estudos linguísticos e literários por seu esforço em conferir status científico à crítica literária, até então de caráter intuitivo.

²¹ Tzvetan Todorov introduz o termo “narratologia”, tradução do termo francês “*narratologie*”, em 1959, no livro “*Grammaire du Décaméron*”, para diferenciá-la do campo de estudo da teoria literária.

orgânico do termo, mas no sentido formal, abstrato, oriundo do campo da matemática” (OLIVEIRA, 2011, p. 5).

No âmbito dos estudos literários, o estruturalismo ancora-se nas reflexões da teoria de Saussure²² e suas dicotomias: língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma. Apoiase na concepção da língua como sistema autônomo, fechado sobre si mesmo, em que seus elementos produzem significados no jogo diferencial que estabelecem um com o outro e não pela sua relação com o mundo, cuja análise independe do indivíduo que fala e da história. Em outros termos, a língua é entendida como um sistema de relações, em que os elementos constitutivos se explicam um em função do outro. Com isso, Saussure limita o estudo da língua ao seu funcionamento interno, separando-a do indivíduo no seu contexto social. Ou seja, ao considerar o indivíduo como circunstancial no processo de comunicação, o exclui do processo de produção, daquilo que é propriamente social e histórico. Ainda que o autor não fale especificamente em estrutura – pois utiliza o termo sistema –, esses princípios “servem de substrato ao estruturalismo na medida em que justamente criam a ideia de sistema, de algo que se repete independente do tempo e do espaço” (PAGNAN, 2007, p. 66).

A narratologia nasce no interior, e sob influência, dessas ideias e movimentos, com o intuito de “decompor as partes componentes das histórias²³ narradas e estabelecer uma gramática ou sintaxe narrativa única” (MOTTA, 2013, p. 78). Assim, especificamente na análise narratológica estrutural, a partir de tais pressupostos, buscava-se “um modelo narrativo único, comum a todas as narrativas, uma estrutura acessível à análise, apesar da variedade da narrativa como fato universal” (MOTTA, 2013, p. 77). Do mesmo modo, Barthes explica que a atividade estruturalista consiste em

[...] reconstituir um ‘objeto’ de maneira a manifestar nesta reconstituição as regras de funcionamento (as ‘funções’) desse objeto. A estrutura é, pois, de fato, um simulacro do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz aparecer alguma coisa que permanecia invisível, ou, se se preferir, ininteligível no objeto natural. [...] é pelo retorno regular das unidades e das associações de unidades que a obra aparece construída, quer dizer, dotada de sentido. (BARTHES, 1968, p. 21-24).

²² Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

²³ Conforme Motta (2013, p. 135), há uma confusão e uma série de explicações sobre o uso das palavras história e história, aleatoriamente empregadas. Nesta pesquisa, seguindo as recomendações do autor, utiliza-se a palavra “estória” para se referir às narrativas dramáticas (fáticas ou fictícias) e “história” para se referir às narrativas da historiografia. Entende-se que na medida em que dissemina valores culturais, a narrativa construída pelo jornalismo é estória, sem que isso signifique o abandono da referencialidade ou a adesão de uma posição ficcional.

Desse modo, em seu estágio fundacional, o desenvolvimento de processos sistemáticos para a compreensão e a interpretação das narrativas se ateve à uma análise estruturalista de cunho mais literário. Em outros termos, essa narratologia examinava a narrativa com o objetivo de identificar suas estruturas lógicas e recorrentes que, encadeadas de forma linear, comporiam um modelo replicável, embora já não se restringisse, exclusivamente, à narrativa verbal e literária.

O marco ou ponto de partida da análise estrutural da narrativa é, para Reis e Lopes (1988), o trabalho desenvolvido por Vladimir Propp em “Morfologia do conto maravilhoso”, onde o autor confronta 449 contos populares russos e constata que eles poderiam ser analisados como diferentes atualizações discursivas de um esquema sequencial formado por 31 categorias invariantes. Propp reconstitui a estrutura subjacente e unificadora “que permite individualizar um subconjunto específico de textos narrativos, os contos maravilhosos²⁴” (REIS; LOPES, 1988, p. 37), objetivava induzir um modelo invariante possível de abarcar todos os contos, sem dilucidar os aspectos concretos e individuais de cada conto em específico.

Tal como Propp, distintos autores desenvolveram propostas filiadas à análise estrutural da narrativa. Reis e Lopes (1988) propõem um esquematismo no intuito de apontar as duas principais vertentes das pesquisas realizadas. A primeira, eminentemente teórica, propõe reconstituir uma “língua universal da narrativa” a partir de categorias e regras combinatórias. Barthes (1971, p. 158) explicita isso ao afirmar que não se trata de explicar o texto, mas de colocar-se diante do texto como um investigador que reúne materiais “para edificar uma gramática; para isso, o linguista é obrigado a reunir frases. A análise da narrativa tem exatamente a mesma função, deve reunir narrativas para tentar extrair delas uma estrutura”. Além do referido autor, fazem parte dessa primeira vertente os trabalhos de Bremond, Greimas e Larivaille. Reis e Lopes (1988) explicam que os pesquisadores que trabalham nesta direção

[...] privilegiam de forma inequívoca o plano da *história*, visando nomeadamente explicitar a sintaxe canônica das ações funcionais (v. *sintaxe narrativa*) e/ou a lógica profunda que preside à organização sintagmática do texto (v. *lógica narrativa*). Para a consecução deste objetivo, há essencialmente duas *démarches* possíveis: ou se opta por um método de cariz indutivo e de base empírica, partindo da análise comparativa de extensos *corpora* de narrativas para a posterior inferência da *estrutura/modelo* da narrativa; ou se opta por um método hipotético-dedutivo, axiomático, postulando-se então hipóteses que deverão depois ser empiricamente validadas pela análise de textos concretos. (REIS; LOPES, 1988, p. 37, grifos dos autores).

²⁴ Os contos maravilhosos têm raízes no Oriente, difundidos pelos árabes, e seu enredo, na maioria das vezes, está relacionado à realização socioeconômica do protagonista. Nesse modelo de narrativa, a coletânea “As mil e uma noites” é a mais conhecida (COELHO, 2008).

Na segunda vertente, a estrutura não condiz com categorias e regras invariantes, mas designa a organização específica de cada texto narrativo, com seus elementos funcionalmente necessários e textualmente pertinentes. Há um consenso acerca dos subdomínios que devem ser considerados na análise da estrutura narrativa: ações, personagens, espaços – e suas inter-relações e pesos estruturais específicos. Segundo Reis e Lopes (1988, p. 37), embora se declare a objetividade deste modelo de análise descritiva, “não há mecanismos de controle que assegurem a efetiva pertinência da seleção das unidades estruturais operada pelo analista”.

Neste cenário, uma publicação específica também assumiu considerável relevância no que se refere à análise narratológica de cunho estruturalista. Trata-se da edição número 8 da revista *Communications* (1966), intitulada *Analyse structurale du récit*, que contou com escritos de teóricos como Roland Barthes, Claude Bremond, Gérard Genette, Algirdas Julius Greimas, Tzvetan Todorov e Umberto Eco. Reis (2006, p. 27) argumenta que a revista e essa edição “assumiram um protagonismo de renovação metodológica que logo então ficou evidente, como evidente era também a vinculação francesa da maioria dos estudiosos que naquele número apareciam”.

Assim, embora tais autores, filiados à narratologia clássica, buscassem um modelo narrativo comum, já apresentavam estudos que transcendiam a vinculação da narrativa ao universo da literatura. O número 8 de *Communications*, por exemplo, publicou estudos que superavam essa direção, “do romance policial à narrativa mítica, do cinema à narrativa de imprensa, [...] passando, naturalmente, pela narrativa literária” (REIS; LOPES, 1988, p. 5). Com isso, a narrativa deixa de associar-se somente à linguagem verbal escrita para alargar-se enquanto fenômeno atemporal, amplo e ilimitado.

Dentre todos os autores vinculados à essa narratologia, Reis (2006, p. 28) destaca o trabalho pioneiro de Gérard Genette, alegando que “a narratologia não seria o que foi (e em boa parte continua a ser)” sem os títulos decisivos do referido autor²⁵.

De certa forma, foi a orgânica conceptual genettiana que deu conteúdo ao próprio termo *narratologia*, depois cunhado por Todorov. E foi também ela que permitiu o aparecimento, nos anos 80 – para todos os efeitos o tempo de consolidação da narratologia –, de dicionários que largamente beneficiaram daquela orgânica. Refiro-me, evidentemente, ao de Gerald Prince (PRINCE, 1987) e ao que publiquei, em colaboração com Ana Cristina M. Lopes. (REIS, 2006, p. 28, grifos do autor).

²⁵ Reis (2006, p. 28, grifos do autor) sublinha que a novidade e a relevância da análise narratológica de Gérard Genette assentavam-se em duas atitudes metodológicas: “por um lado, na aceitação de um dimensionamento triádico da narrativa, distinguindo o plano da *história* do plano do *discurso* e do plano da *narração* ou *enunciação narrativa*, este último postulado por Genette em termos claramente inovadores; por outro, na tentativa de sistematização de categorias que permitiam descrever de forma sistemática e praticamente exaustiva os elementos constitutivos do discurso e da narração”.

O aparecimento no mesmo ano destes dois dicionários reafirmou duas asserções: a primeira refere-se à paternidade francesa da narratologia; a segunda, à ampliação da narratologia, a partir de aberturas interdisciplinares que já se anunciavam (COSTE, 1990). Inicialmente associados à psicanálise, à sociocrítica, à retórica e ao cinema, os estudos narrativos iniciaram um ímpeto de renovação.

Esse processo de renovação se fortalece gradualmente a partir das críticas direcionadas à vertente estruturalista. Independentemente das diferenças implicadas nos distintos modelos propostos (BREMOND, 1966; PROPP, 2016; TODOROV, 1980; GENETTE, 1995), a análise estrutural apresenta-se como atemporal, visto que sua base teórica impõe uma análise a-histórica. A crítica, portanto, está assentada no fato de que esse modelo se baseia em um conjunto de premissas que eliminou a história em prol da estrutura, como explicita Ricouer (2010) e Goodman (1981).

Diante disso, a narrativa gradualmente se desvincula das correntes teóricas formalistas e estruturalistas e passa a abranger um conjunto amplo de campos e análises – em uma perspectiva que reúne preceitos da Hermenêutica e da Pragmática. Utiliza-se na contemporaneidade as narratologias não só na teoria literária, mas também na Antropologia, na Pragmática, na Comunicação e em tantas outras áreas. Neste momento, há um impulso de renovação às narratologias – no plural²⁶ – e aos estudos narrativos, “expressões que agora fazem sentido, em função da renovação interdisciplinar que a narratologia conheceu, dos anos 90 em diante” (REIS, 2006, p. 29). Essa renomeação e esse amplo uso refletem

[...] a evolução da narratologia em si [...]. Não mais designando apenas um subcampo da teoria literária estruturalista, a narratologia pode agora ser usada para se referir a qualquer abordagem principal ao estudo do discurso narrativo organizado, literário, historiográfico, conversacional, fílmico ou outro. (HERMAN, 1999, p. 27, tradução nossa).

Essa revitalização interdisciplinar dos estudos narrativos ocorre a partir de manifestações evidentes, “como a publicação de séries editoriais, o aparecimento de revistas especializadas e a constituição de centros de pesquisa” (HERMAN; JAHN; RYAN, 2005, p. 9-10). Do mesmo modo, Reis (2006) reforça que isso também acontece em virtude do efeito de injunções epistemológicas que demonstram que a narratologia clássica deixara de corresponder às solicitações de determinadas abordagens em desenvolvimento na contemporaneidade. Com

²⁶ Em virtude do amplo interesse de pesquisadores de áreas de estudo distintas sobre as narrativas convencionou-se utilizar o termo “estudos narrativos” ou “narratologias” – assim mesmo, no plural – para designar um campo que transcende os marcos de referência da narratologia clássica.

isso, a partir de campos diversos, teóricos da narrativa ampliam a concepção de estórias e fornecem novas maneiras de analisar suas estruturas e efeitos (HERMAN, 1999).

Esses estudos narrativos contemporâneos adquirem um caráter interdisciplinar, posto que não se restringem à análise limitada ao texto, mas passam a considerar os níveis das relações culturais, os usos pragmáticos da linguagem em situações e sociedades culturalmente localizadas, os elementos constitutivos da narratividade, assim como os efeitos de sentido argumentativos, dramáticos e simbólicos.

Isto é, a partir da renovação dos estudos narrativos, supera-se a análise estrutural, uma vez que as análises passam a combinar as formas e os elementos estruturantes de uma narrativa com o deslocamento de sentidos sofridos de acordo com as suas especificidades textuais ou as particularidades contextuais em que estão inseridas, no momento de produção, circulação e recepção.

A nova narratologia parte dos estudos narrativos contemporâneos e dedica-se

[...] ao estudo dos processos de relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, biografias, manifestações orais) ou ficcionais (romances, contos, telenovelas). Procura entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade. (MOTTA, 2013, p. 79).

Essa nova narratologia não se reduz a um ramo da teoria literária e inclui todas as produções humanas cuja qualidade fundamental é o relato de uma sucessão de estados de transformação, que produz sentidos, articula noções e integra o objetivo e o subjetivo (MOTTA, 2013). O cerne dessa narratologia, segundo o autor, é a observação da lógica narrativa como um fato cultural em contexto e em uma situação de comunicação.

Assim como no período de vigência da narratologia clássica, os estudos narrativos contemporâneos também apresentam uma multiplicidade de abordagens teóricas e metodológicas para a investigação das narrativas – já pesquisadas em sua pluralidade de dispositivos, formatos e espaços sociais. Por isso, ainda não é possível falar de uma teoria narrativa que englobe todas as formas de narrar construídas historicamente pelos sujeitos.

Enquanto objeto interdisciplinar, a narrativa admite concepções associadas aos distintos campos de estudos, de modo que cada autor, a partir de uma perspectiva própria, constrói seu objeto teórico com uma rede de aproximações e distanciamentos em relação a outros objetos. Nesta pesquisa distancia-se do estudo das narrativas como objetos fechados, independentes de sua produção e recepção, e, ao contrário, compreende-se a narrativa na situação e no contexto de comunicação. Como explica Motta (2013), as narrativas só existem

em contexto e para cumprir determinadas finalidades situacionais, sociais e culturais não podem ser analisadas isoladamente.

Como diversas abordagens se sucederam cronologicamente e coexistiram apresentando elementos conceituais muitas vezes complementares, não se tem a pretensão de apresentar todas as teorizações, tampouco examinar todas as perspectivas, mas oferecer um panorama geral do campo narratológico. Nos tópicos seguintes apresenta-se a rede de aproximações da abordagem adotada, especialmente no que se refere à conceituação de narrativa.

2.2 A NARRATIVA

Pensa-se o conceito de narrativa para além da concepção de estrutura ou tipologia textual, mas enquanto processo de mediação entre as experiências do mundo “real” e a compreensão simbólica dos indivíduos. Sob o prisma da Hermenêutica e da Pragmática²⁷, o narrar consiste em “estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (LEAL, 2013, p. 28).

A partir de uma perspectiva que reúne preceitos da Hermenêutica e da Pragmática, afluindo com um movimento mais amplo das Ciências Sociais e Cognitivas – a virada linguística e pragmática –, as narrativas são pensadas para além de suas características estruturais e formais. Com essa guinada filosófica, a linguagem passa a ser interpretada como uma forma de ação e interação e não somente descrição do real, é considerada construção social, em que os significados atribuídos à língua são determinados pelo seu uso. Essa nova percepção acerca da linguagem proporciona uma compreensão de narrativa desvinculada do aspecto meramente estrutural e não relacionada unicamente ao âmbito literário.

A nova narratologia à qual essa pesquisa se filia ancora-se nos preceitos da Pragmática e, como já discutido, desloca-se da teoria literária para assumir um caráter interdisciplinar, assim como apoia-se nas reflexões de Paul Ricoeur quando enfatiza a impossibilidade de pensar a narrativa sem considerar seu contexto comunicativo, fora das intencionalidades inerentes aos discursos em contexto e da reflexividade da linguagem frente àquilo que ela designa (MOTTA, 2013). O aspecto central dessa narratologia é

²⁷ Motta (2013) reforça que a Pragmática ilumina aspectos que uma investigação gramatical ou linguística não alcançaria, pois confere protagonismo aos atores sociais, aos papéis de narradores e narratários e ao papel simbólico e de mediação da narrativa. A análise pragmática das narrativas, para identificar seu sentido, baseia-se no conhecimento de como ele se manifesta e se transforma, tanto na imanência do texto quanto em seu aspecto contextual.

[...] a observação da lógica narrativa como um fato cultural em contexto e em uma situação de comunicação. A narração produz sentidos, articula noções, integra o objetivo e o subjetivo em significações canônicas. A partir dessa constatação, passa a ser importante observar a lógica narrativa em atos de linguagem socialmente situados, em seus usos práticos e cotidianos. Aspectos da lógica narrativa podem e devem ser observados no interior das narrativas, mas lembrando que eles ocorrem em uma situação de comunicação específica, em uma sociedade ou contexto cultural concreto, em função de estratégias, estratagemas e astúcias argumentativas particulares. (MOTTA, 2013, p. 81).

Para a análise da narrativa supera-se um estudo exclusivamente estrutural, considera-se a combinação de formas e elementos estruturantes da narrativa e as particularidades textuais e contextuais em que essas narrativas estão inseridas – propriedades que são importantes no processo de formação de sentidos.

Embora afasta-se da concepção estruturalista, ainda assim é possível considerar que existem componentes da narratividade que as caracterizam, como ganchos, encadeamentos, conflitos, personagens, ritmo narrativo, cenários, intriga, clímax. Contudo, as narrativas e seus componentes são considerados na situação comunicativa e pelo contexto de sua produção, “que é inseparável de sua configuração desta ou daquela maneira, pelo contexto interlocutivo que as condicionam e as fazem assumir tal ou qual forma, tal ou qual perspectiva, ritmo, velocidade, modo, ponto de vista, etc.” (MOTTA, 2013, p. 113). Se as narrativas criam significações sociais e cristalizam crenças, valores, ideologias, torna-se basilar considerá-las inseridas em seu contexto, pois, como afirma Bruner (1998), os componentes não possuem significados próprios, o seu significado é dado pelo lugar que ocupam na trama.

Essa nova narratologia, a partir do entendimento acerca da linguagem apresentado pela Pragmática, reforça a concepção de que as narrativas são mais que um gênero textual, se constituem como “uma ação intencional de (re)configuração simbólica da realidade”, como “constructos culturais responsáveis por articular experiências e sujeitos, mediando e orientando a vida do homem em sociedade” (QUADROS; AMARAL, 2017, p. 85). Por organizar e estabilizar essa realidade, as narrativas contribuem para a consolidação de normas e valores sociais, “é um modo de apreender o mundo, de dar sentido à vida” (LEAL, 2013, p. 29).

Empregando estratégias enunciativas, ordenando elementos aparentemente dispersos em sequências coerentes (mas não necessariamente lineares) e valendo-se de frames e modelos simbólicos compartilhados, a narrativa organiza fatos e sujeitos de modo a conferir-lhes sentidos e papéis, inserindo-os em um contexto específico e uma história ampliada. (QUADROS; AMARAL, 2017, p. 87).

Narrar consiste, então, em “relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho”, que implica a narratividade, “uma sucessão de

estados de transformação responsável pelo sentido”, ou seja, constitui o relato de “processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados” (MOTTA, 2013, p. 71). A narrativa é caracterizada por colocar os acontecimentos²⁸ em perspectiva, integrar uma sucessão de acontecimentos na unidade de uma mesma ação, unir pontos, ordenar antecedentes e consequentes, relacionar coisas, encaixar significados parciais em sucessões temporais e explicações estáveis. Conforme Ricoeur (1995), as narrativas fazem o agenciamento dos fatos no processo de tessitura da intriga como um sistema ou composição em um todo diegético que tem princípio, meio e final. Com isso, conformam e atribuem sentidos aos acontecimentos, à realidade e às experiências.

Motta (2013) sustenta que contar histórias – através da literatura, da telenovela, do jornalismo – não é uma atividade unicamente estética, desprovida de intencionalidades. É uma ação que tem o intuito de convencer, provocar efeitos, mudar o estado de espírito de quem ouve, lê ou vê uma história. Por compreender a narrativa como ação proposital que permite reconfigurar simbolicamente a realidade, no sentido de mediar e orientar a vida dos indivíduos em sociedade, entende-se sua universalidade e atemporalidade. A narrativa consiste em um fenômeno universal, amplamente vasto, susceptível de apresentar-se sob distintos suportes e em tempos diversos, pois “encontra-se presente sempre que o homem enuncia” (CORRÊA, 1997, p. 9). Barthes (1971) explicita a transversalidade da narrativa:

Inúmeras são as narrativas do mundo. Há, em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, no *fait divers*, na conversação. Além disto, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em lugar nenhum, povo algum sem narrativa. (BARTHES, 1971, p. 103-104).

A narrativa, entendida enquanto prática universal, trans-histórica e pancultural (MOTTA, 2013), encontra-se enraizada na existência humana, uma vez que organiza as formas pelas quais os indivíduos pensam e interagem uns com os outros.

²⁸ Souza (1984) distingue fatos de acontecimentos. Somente alguns dos muitos fatos que ocorrem diariamente são considerados acontecimentos, ou seja, “adquirem um sentido especial para um país, uma classe social, um grupo social ou uma pessoa” (SOUZA, 1984, p. 10). De acordo com o autor, os acontecimentos são ocorrências que “por sua dimensão e seus efeitos afetam o destino e a vida de milhões de pessoas, da sociedade em seu conjunto” (ibidem).

Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. (MOTTA, 2013, p. 17).

Do mesmo modo, ao evidenciar a importância da narrativa no processo de constituição da realidade, Ochs (1997, p. 185) afirma que um universo sem ela é inimaginável, uma vez que significaria um mundo sem história, mitos ou drama.

Imagine um mundo sem narrativa. Passar pela vida sem contar a outro o que aconteceu a você ou a outra pessoa, e não recontar o que você leu em um livro ou viu em um filme. Não ser capaz de ouvir ou ver ou ler dramas construídos por outros. Sem acesso a conversações, textos impressos, pinturas ou filmes que são sobre eventos organizados como atuais ou ficcionais. Imagine nem mesmo compor narrativas interiores para/por você. Não. Tal universo é inimaginável porque isto significaria um mundo sem história, mitos ou drama; e vidas sem reminiscências e revisão interpretativa. (OCHS, 1997, p. 185).

Ricoeur (1995, p. 46) também enfatiza que o nascimento e o desenvolvimento de novas formas narrativas, as quais ainda não se sabe, muitas vezes, como denominar, atestam que a narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer, pois “não temos qualquer ideia do que seria uma cultura em que não se soubesse mais o que significa narrar”. Embora assumam perspectivas intelectuais diferentes, os autores citados reiteram o caráter universal da narrativa como modo fundamental de constituir a realidade e estabilizar sentidos, em virtude da necessidade dos indivíduos de “imprimir o selo da ordem no caos, do sentido sobre o não-sentido, da concordância sobre a discordância” (RICOEUR, 1995, p. 44).

Para compreender como a narrativa constrói a realidade e estabiliza sentidos, extraindo uma história de um conglomerado de fatos, é necessário apresentar o processo constitutivo da narrativa desenvolvido por Ricoeur a partir do termo aristotélico da mimese ou mimesis. O autor busca estabelecer conexões entre o tempo e a narrativa, especialmente nas narrativas ficcionais e nos estudos históricos – a partir da análise de Santo Agostinho e suas discussões sobre o tempo e seus significados; e da análise de Aristóteles, com suas reflexões sobre o tecer da intriga.

Embora não haja unidade teórica entre Santo Agostinho e Aristóteles utilizados para sustentar as reflexões sobre a construção da intriga e as dimensões temporais da narrativa, e que um não submete a construção da intriga ao tempo, enquanto o outro não submete o tempo ao tecer da intriga, Ricoeur propõe que o tempo e a tessitura da intriga se constituem enquanto elementos centrais de toda narrativa. De acordo com o autor, o tempo “torna-se tempo humano

na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 2010, p. 85).

Salles (2012) condensa as reflexões do filósofo afirmando que

O tempo torna-se humano na medida em que é narrado e a narrativa é significativa quando esboça traços da experiência temporal. Esta humanização do tempo supõe que narrar clarifica e articula a experiência humana no que diz respeito à sua temporalidade, e que toda experiência humana que se desenvolve no tempo pode ser narrada. A experiência humana do tempo (a historicidade), permaneceria muda, desarticulada, sem sentido, caso não fosse levada ao nível da narração e esta se reduziria a uma mera estrutura formal caso não fosse capaz de refigurar a temporalidade humana. É esta articulação entre historiografia, literatura e fenomenologia do tempo o que permite à narrativa (tanto histórica quanto de ficção) configurar o tempo e conseqüentemente a vida humana. (SALLES, 2012, p. 268).

Para essa perspectiva, o tempo somente se torna explicável a partir da memória, que necessita de instrumentos que permitam sua recuperação. Carvalho (2010) afirma que as narrativas constituem exatamente o que permite ao tempo ser, independentemente de sua remissão ao passado, projeção ao futuro ou fugacidade no presente.

Narrar, portanto, é ação de permanente atualização, é a capacidade humana de tornar a atualidade mais do que um momento que logo em seguida se perderá da memória. Narramos para criar mundos idealizados, nas fabulações que constroem mundos imaginários, sugerem realidades fantásticas, mas também para buscarmos explicações racionais, para entendermos nosso passado. (CARVALHO, 2010, p. 4).

No entanto, somente o tempo não complementa a explicação que Ricoeur persegue para a narrativa. Se o tempo constitui uma dimensão indispensável de todo ato de narrar, contar uma determinada estória não se reduz à atualização dos acontecimentos descritos, uma vez que tais acontecimentos somente terão completude em relação ao seu sentido à medida que estiverem apanhados ou construídos a partir de uma intriga. Assim, o ato de compor é “a própria tessitura da lógica do que é narrado, tonando possível ordem onde aparentemente reinava somente fragmentos” (CARVALHO, 2010, p. 5).

Ao coordenar o tempo com a noção de intriga, ambos elementos de referência para a narrativa, Ricoeur explica que o tempo passa a ser o da própria narrativa e de que o narrador pode valer-se de determinadas estratégias que o permitam alongar ações que tiveram pequena importância no acontecimento, encurtar ações que duraram mais que o tempo utilizado para narrá-las, assim como fazer remissões ao passado ou projeções no futuro (CARVALHO, 2010).

Para compreender a composição de uma narrativa, Ricoeur resgata em Aristóteles a referência à mimese. Em suas reflexões teóricas, Ricoeur (2010) critica as análises

narratológicas realizadas até então, especificamente porque consideravam que uma ciência do texto poderia ser estabelecida somente com base na abstração do conjunto de normas que regem a tessitura textual, considerando unicamente as leis internas do texto, ignorando os aspectos ligados à produção, circulação e recepção textual.

Em virtude disso, Ricoeur constrói um modelo narratológico em que “a questão das regras da tessitura narrativa se coloca como uma mediação entre dois outros campos: a prefiguração do campo prático-cultural e a refiguração pela recepção da obra” (CASADEI, 2013, p. 93). O autor busca estabelecer o papel mediador da composição da intriga “entre um estágio da experiência prática que a precede e um estágio que a sucede” (RICOEUR, 2010, p. 95). Vincula-se a uma dupla obrigação: de um lado, estudar a dinâmica interna que preside à estruturação do texto, por outro lado, “o poder que a obra tem de se projetar para fora de si mesmo, e engendrar um mundo que seria verdadeiramente a ‘coisa’ do texto” (DOSSE, 1997, p. 372). O modelo de narrativa apresentado pelo autor fundamenta-se no pressuposto de que a dinâmica interna e a projeção externa constituem o que nomeia de “o trabalho do texto”, tais pressupostos são desenvolvidos por Ricoeur a partir do conceito de mimesis ou mimese.

Embora essas questões perpassem toda a obra de Ricoeur, a sua teoria acerca da narrativa é inteiramente apresentada nos três tomos de “Tempo e narrativa”²⁹. Segundo Casadei (2013), essa obra em específico confere uma legitimidade até então inédita à obra de Ricoeur, em um cenário marcado pela queda do estruturalismo na França. Obtendo reconhecimento entre os intelectuais franceses, a obra é recebida como a obtenção da conciliação entre a estrutura e o sentido, como a articulação do entendimento de que o texto operava como reflexão de determinadas estruturas, sem a imobilidade e a fixidez impostas pelo modelo estruturalista (DOSSE, 1997).

O modelo de narrativa proposto por Ricoeur estrutura-se como a mediação entre a prefiguração do campo prático-cultural e a refiguração pela recepção do texto. Para discutir esses momentos de mediação, Ricoeur utiliza-se do conceito de mimeses, visto que apresenta uma vantagem dupla.

A primeira delas se liga à aproximação que o termo estabelece [...] na própria obra de Aristóteles, com a noção de *mythos*, entendida enquanto composição de intriga (ou, em outros termos, como agenciamento dos fatos em sistema); e, segundo, pelo grau de abstração que permite que a noção seja aplicada não apenas às narrativas ficcionais, estabelecendo um modelo de análise útil também às narrativas referenciais. (CASADEI, 2013, p. 95).

²⁹ Publicada inicialmente pela *Éditions du Seuil*, em Paris, no ano de 1984. A obra foi lançada no Brasil somente em 1994, pela Papyrus Editora.

Ricoeur (1995, p. 236) fixa uma dupla função do signo nas narrativas, distinguindo a configuração – “a capacidade que a linguagem tem de se configurar a si mesma no seu espaço próprio” – e a refiguração – “a capacidade que a obra tem de reestruturar o mundo do leitor ao desarrumar, contestar e remodelar as suas expectativas”. Essa função de refiguração Ricoeur chama de mimética e sinaliza a necessidade de atentar-se à sua natureza: “ela não consiste em reproduzir o real, mas em reestruturar o mundo do leitor, confrontando-o com o mundo da obra”. Não é a imitação da realidade, mas “o aproveitamento da realidade para produzir um discurso que lhe é semelhante ou homológico” e que se torna verossímil ao leitor (SODRÉ, 2009, p. 37).

Desta forma, antes de discutir os três momentos miméticos propostos por Ricoeur, é necessário aclarar alguns equívocos referentes ao conceito de mimese. Neste sentido, compreender que as narrativas referenciais e, por conseguinte, as narrativas jornalísticas se estruturam a partir de um movimento mimético com o fato relatado implica a assunção de que elas estabelecem uma relação de semelhança com o fato. No entanto, esse conceito não se confunde em nenhum momento com uma mera imitação ou reprodução.

Lima (2003) elucida que a problemática acerca do termo envolve o fato de que a sua conceituação já foi delimitada de distintas formas. O autor organiza um inventário de algumas interpretações que têm tensionado esse conceito e cita, como primeira linha de conceituação, aquela que enfatiza o primado do modelo prévio. A confusão em torno do conceito provém da tradução latina do termo mimese por *imitatio*, o que acabou por gerar uma série de mal-entendidos. Essa perspectiva entende a obra mimética como um prolongamento do real, “devendo o *mimema* ser julgado de acordo com seu ajuste/desajuste quanto ao real modelar” (LIMA, 2003, p. 72, grifos do autor). A concepção mostrou-se errônea, em virtude de que o produto mimético não se confunde com o seu referente, caracterizando-se como um tipo de produção posto em semelhança à criação orgânica, ou seja, a mimese provoca uma experiência “não de reconhecimento do real, mas de irrealização, de aniquilamento do real enquanto perceptível” (ibidem).

A tradução de mimese por imitação não significa compreendê-la como decalque do real, mas como imitação criadora, assim como traduzi-la por representação significa entendê-la como distinta da duplicação da presença. Nas palavras de Ricoeur (2010):

Está excluída de início, por essa equivalência, toda interpretação da *mimese* de Aristóteles em termos de cópia, de réplica do idêntico. A imitação ou a representação é uma atividade mimética enquanto produz algo, a saber, precisamente a disposição dos fatos pela tessitura da intriga. De uma só vez saímos do emprego platônico da *mimese*, tanto em seu emprego metafísico quanto em seu sentido técnico em

República III, que opõe a narrativa ‘por *mimese*’ à narrativa ‘simples’. [...] Retenhamos de Platão o sentido metafórico dado à *mimese*, em ligação com o conceito de participação, em virtude do qual as coisas imitam as idéias, e as obras de arte imitam as coisas. Enquanto a *mimese* platônica afasta a obra de arte dois graus do modelo ideal que é seu fundamento último, a *mimese* de Aristóteles tem só um espaço de desenvolvimento: o fazer humano, as artes da composição. (RICOEUR, 2010, p. 60, grifos do autor).

Essa segunda interpretação do conceito de *mimese* passa a considerar o aspecto comunicacional presente na atividade mimética e afasta a ideia de imitação por entender que a obra mantém uma relação de semelhança que não imita ou reduplica o real. Tais aspectos permitem que o discurso mimético possa ser compreendido como o discurso de um significante à busca de um significado. Dito de outra forma, na circulação do discurso mimético “realiza-se a combinação de uma *semelhança*, que funciona como precipitador do significado que nele se aloca, e de uma *diferença*, o que não ‘cabe’ naquele significado e, então, permite a variação interpretativa” (LIMA, 2003, p. 71, grifos do autor). Casadei (2013) complementa que essa diferença não encontra correspondência em algum lugar do real, mas no preenchimento do texto pelos conhecimentos prévios do leitor.

E, nesse sentido, se é que se pode falar em termos de semelhança na *mímesis*, sua condição mimética mesma está sempre sujeita a uma mutabilidade histórica, pois submetidas às variações de interpretação de um determinado tempo e lugar. Nessa concepção, o objeto mimético é criado e recebido a partir de uma concepção internalizada do real que é sempre comparada à bagagem cultural e de conhecimentos que tanto o autor quanto o receptor carregam e que constituem, por sua vez, essa concepção de real. (CASADEI, 2013, p. 98).

Com isso, entende-se que esse conceito se liga à compreensão de linguagem e de produção e recepção de textos expostos pela perspectiva pragmática – no que se refere ao fato de que os sentidos são coproduzidos – e que a *mimese* se liga à uma concepção de conhecimento do mundo, de modo que o leitor possa relacionar semelhanças entre o que vê no discurso mimético e sua própria situação, seus conhecimentos e experiências.

Portanto, Ricoeur emprega o conceito de *mimese* para designar uma versão da realidade, e não uma cópia ou imitação. Ancorando-se em Ricoeur, Motta (2012) explica que a atividade mimética promove uma ruptura com o referente real e uma transposição metafórica deste. Ou seja, a *mimese* de Ricoeur corresponde a um processo de recriação do mundo pela ação narrativa do homem. Com isso, os leitores de uma narrativa não assimilam apenas as sequências de acontecimentos representados, mas também “os aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações, que requerem uma recriação virtual de situações, de comportamentos, de valores morais e éticos” (MOTTA, 2005, p. 8). Assim sendo, as narrativas são produtos

culturais inseridos em contextos históricos que criam significações sociais e conformam determinadas normas (MOTTA, 2005).

Para compreender a concepção de narrativa em sua totalidade faz-se necessário, além do entendimento do conceito de mimese, apresentar as reflexões de Ricoeur acerca da tríplice mimese, pois este conceito permite a constituição e a estruturação das narrativas e se constitui enquanto “referência para a maior parte dos pesquisadores contemporâneos das narrativas jornalísticas” (QUADROS; AMARAL, 2017, p. 85).

Ricoeur (2010) propõe sua tríplice mimese sob a forma de um círculo hermenêutico, constituindo-se como processo trifásico que é reproduzido em todas as narrativas. A tríplice mimese é composta pela mimese I, que corresponde ao mundo pré-figurado, o mundo real; a mimese II, correspondente ao mundo configurado, onde se dá o processo de mediação simbólica que o filósofo chama de *mise en intrigue* (a tessitura da intriga); e a mimese III identifica o mundo refigurado pela recepção e interpretação do mundo configurado. Farré (2004) assim sintetiza a tríplice mimese:

1. A *prefiguração* ou mimese I, que fornece o modelo do mundo ético ou representação do real, como pressuposições de verdade, que o leitor tem como certas.
2. A *configuração* ou mimese II é o domínio da *poesis*, dos mecanismos de criação que realizam diferentes instâncias narradoras.
3. A *reconfiguração* ou mimese III é a esfera que faz intervir a atividade receptora com atualização persuasiva e emotiva. (FARRÉ, 2004, p. 143, grifos da autora).

Em síntese, a mimese I representa mais concretamente o mundo social em sua complexidade, é a prefiguração do campo da ação e da experiência enquanto base pré-narrativa de uma realidade referencial. A mimese II corresponde ao ato de configuração em enredo do campo da ação e faz a mediação entre o mundo prático da mimese I e o mundo do leitor da mimese III. Já a mimese III se dá pela refiguração do campo de experiência, quando ocorre o encontro entre o mundo do autor, o mundo do texto e o mundo do leitor – mimese I, II e III, respectivamente.

Pormenorizadamente, a mimese I refere-se à pré-compreensão do mundo da ação. Toda narrativa ancora-se em fatores que a antecedem, em uma pré-compreensão da experiência do mundo, que são comuns a quem escreve e a quem lê, “que se ergue a tessitura da intriga e, com ela, a mimética textual e literária” (RICOEUR, 2010, p. 101). Desse modo, os aspectos da experiência humana operam como pano de fundo para a produção e compreensão de qualquer narrativa, sendo a mimese I essa área de intersecção entre o mundo “real” e o mundo da representação.

Contudo, essa pré-compreensão não diz respeito apenas a um entendimento prático da ação e reconhecimento das regras narrativas, mas também à uma compreensão das possibilidades da mediação simbólica da ação. Casadei (2013, p. 102) descreve que Ricoeur coloca em jogo a cimentação cultural que permite a compreensão de uma narrativa e seu julgamento de acordo com padrões normativos de entendimento, isto é, refere-se “as representações sociais que formam o contexto de descrição que fazem com que determinadas ações particulares sejam julgadas de tal ou tal maneira socialmente”.

Na mimese I, três dimensões precedem a composição da intriga e representam essa pré-compreensão, são elas: estruturais, simbólicas e temporais. A dimensão estrutural trata das formas narrativas mais caras a uma determinada sociedade, caracterizando um conjunto de regras pertinentes a um modo de narrar arquetipo. A segunda diz respeito a um conjunto de valores, crenças, mitos, questões éticas e morais, uma gama de manifestações típicas da cultura, enquanto a dimensão temporal articula sentidos ao remeter às possibilidades de que a temporalidade, cronológica ou não, é portadora. Então, o sentido de mimese I consiste em “pré compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade” (RICOEUR, 2010, p. 101).

Associando a mimese I ao processo de construção da narrativa jornalística, há um paralelo facilmente evidente. De acordo com Ricoeur (2010, p. 98), esses aspectos da pré-compreensão “aparecem em respostas a perguntas que podem ser classificadas em o quê, o por quê, o quem, o como, o com ou o contra quem da ação”. As respostas a essas perguntas formam o núcleo de uma narrativa jornalística chamado de lide – que objetiva responder às questões principais em torno de um fato noticioso. Refere-se, assim, à uma competência prática que já está posta antes de qualquer inscrição textual.

Uma vez explicitada a mimese I, aborda-se agora a mimese II ou mais propriamente a própria configuração narrativa, fala-se especificamente em agenciamento dos fatos em sistema, em composição narrativa. Ela consiste no núcleo da mimese na medida em que se refere ao tecimento da narrativa propriamente dita, ao arranjo dos elementos virtualmente postos na mimese I e à atualização de tais elementos em texto. Em outros termos, os elementos presentes na mimese I, referentes à pré-compreensão prática que antecede a narrativa, são atualizados no sentido de formar distintos itinerários narrativos possíveis.

Com a mimese II “abre-se o terreno do como se” (RICOEUR, 2010, p. 112), na medida em que, baseado na configuração dos elementos heterogêneos, é possível criar um novo mundo a partir da narrativa, onde as referências são criadas no instante de sua enunciação – enquanto ato performativo. Os termos elencados na mimese I – o quê, o por quê, o quem, o como, o com

ou o contra quem da ação – são entendidos a partir de sua inter-relação na configuração narrativa. Nesse sentido, “empregar de modo significativo um ou outro desses termos [...] é ser capaz de ligá-lo a qualquer outro termo do mesmo conjunto”, de modo que todos os membros do conjunto estabelecem uma relação de intersignificação determinando um movimento de atribuição de sentidos na construção da narrativa (RICOEUR, 2010, p. 98).

Ao invés de isolar a configuração narrativa em uma estrutura fechada e inerte, o autor delimita na mimese II a função de mediação entre o mundo prático (mimese I) e o mundo do leitor ou espectador (mimese III). Ela se encontra no meio porque, segundo Ricoeur, ela é o próprio espaço da mediação entre os elementos virtuais dos agenciamentos simbólicos da ação e a jusante do processo literário, o leitor.

Todos os conceitos relativos a este nível designam, com efeito, operações. Esse dinamismo consiste no fato de que a intriga já exerce, em seu próprio campo textual, uma função de integração e, nesse sentido, de mediação, que lhe permite operar, mesmo fora desse campo, uma mediação de maior amplitude entre a pré-compreensão e, se me permitem, dizer, a pós-compreensão da ordem da ação e de seus aspectos temporais. (RICOEUR, 2010, p. 114).

Esse caráter de mediação da mimese II realiza-se em três aspectos. O primeiro deles é a mediação que a mimese II faz entre acontecimentos individuais e a história como um todo, ela promove um arranjo entre incidentes singulares costurando-os em uma história única que faça sentido. Trata-se de transformar incidentes singulares em um todo narrativo. Como uma estória não pode ser definida a partir de uma enumeração sequencial e serial dos eventos que a compõem, é função da mimese II configurar esses acontecimentos dispersos em um todo inteligível. Assim, uma estória contada é mais que a enumeração ou sucessão de eventos, posto que a pluralidade de episódios se constitui em uma estória e toda uma série de eventos ultrapassa sua mera sucessão temporal para ganhar sentido no tempo através da configuração.

O segundo aspecto refere-se à ideia de que a narrativa compõe ou costura elementos dispersos e heterogêneos, como agentes, meios, circunstâncias, fins, interações, etc. a partir da atualização dos elementos virtuais presentes na mimese I em um texto concreto – é a atividade da configuração.

Por fim, no que se refere ao terceiro aspecto, entende-se que a mimese II se estrutura enquanto mediação pois possui seus próprios elementos temporais, ela combina duas instâncias temporais distintas: uma cronológica e outra não-cronológica. Ricoeur as distingue afirmando que “a primeira constitui a dimensão episódica da narrativa: caracteriza a história como feita de acontecimentos. A segunda é a dimensão configurante propriamente dita, graças à qual a intriga

transforma os acontecimentos *em história*” (RICOEUR, 2010, p. 115, grifos do autor). Em outras palavras, a dimensão cronológica permite que a narrativa se estabeleça em episódios e caracteriza a estória como um conjunto de acontecimentos, enquanto a dimensão não-cronológica é a síntese configurante que transforma episódios em estória. Desse modo, como configuração de uma sucessão de episódios, a intriga dá sentido à episódios que isoladamente nada representam.

Ao mesmo tempo em que coloca ordem e configura os episódios em história, a intriga fornece um caminho ou fio condutor a ser seguido. Por meio desse caminho, o leitor pode compreender o que se está narrando. É como se, de episódio em episódio, a intriga fornecesse uma perspectiva para se olhar esses episódios como um todo. Essa visão do todo funciona como uma conclusão que a intriga consegue implicar. Dessa forma, compreender uma história é compreender como seus episódios conduziram a essa conclusão de forma coerente. Sendo assim, com sua dupla dimensão temporal, na mimese II, por um lado, os episódios são representados de forma linear, um após o outro, sem distinção do tempo para os acontecimentos físicos ou humanos, mas por outro, pelo lado da configuração da ação, o tempo se encontra em uma perspectiva completamente diferente do tempo linear dos episódios. (BARBOSA, 2008, p. 1112).

Todo esse movimento da mimese II é nomeado pelo autor como tessitura da intriga – a extração de uma história a partir de um conglomerado de fatos. A tessitura da intriga – termo escolhido por Ricoeur no lugar de intriga, como nomeiam outros teóricos – organiza as sequências de eventos no interior da narrativa e corresponde ao que o autor chama de síntese do heterogêneo. A composição da intriga é “a operação que tira de uma simples sucessão, uma configuração” (RICOEUR, 2010, p. 114), isto é, extrai uma história de um amontado de fatos e (re)figura a realidade.

A sucessão e articulação de eventos e ações no tempo classificam a tessitura da intriga, que é o principal elemento distintivo e estruturante das narrativas. Para Ricoeur (2010, p. 103), ao combinar as dimensões cronológicas e não-cronológicas, a intriga promove a integração e/ou mediação “entre os acontecimentos ou incidentes individuais e uma estória considerada como um todo” no campo textual. O acontecimento transforma-se em estória de modo a tornar-se compreensível. Motta (2006b) sumariza todos os movimentos da mimese II ao explicar que

As operações de configuração exercem uma mediação entre a pré-compreensão (montante) e a pós-compreensão (jusante). A tessitura da intriga faz, primeiro, a mediação entre os incidentes individuais e uma história (transforma os incidentes em uma intriga). Segundo, compõe juntos fatores heterogêneos como agentes, fins, meios, circunstâncias, etc. Terceiro, o tecer da intriga realiza uma síntese do heterogêneo (totalidade orgânica) na medida em que combina duas dimensões temporais, uma cronológica (episódica, história de incidentes) e outra configurante, que constitui a unidade configuradora de uma sucessão (não cronológica). Seguir uma história é avançar no meio de contingências sob a conduta de uma esfera que encontra sua realização na conclusão. Mas, a conclusão não é o final da intriga, é a síntese entre o

tempo narrativo linear e a dimensão configurante que transforma a sucessão de incidentes em uma totalidade significativa (tema). (MOTTA, 2006b, p. 51).

Essa configuração da narrativa permite que os acontecimentos diários deixem de ser simples ocorrências singulares para adquirirem sentido e historicidade. Quadros e Amaral (2017) citam como exemplo um acidente de trânsito, que pode ser interpretado como uma ocorrência cotidiana de uma grande cidade, mas que ao se apresentar enquanto narrativa pode assumir um significado distinto. Ao narrar esse acidente situando-o geograficamente, identificando os indivíduos envolvidos e classificando-os como vítimas ou culpados, resgatando acontecimentos semelhantes a título de comparação ou buscando explicações inserindo-o em um contexto ampliado de violência de trânsito, aumento na frota de veículos ou problemas no sistema viário urbano, é possível conferir diferentes significados àquele evento aparentemente isolado. Mais do que apenas descrever o acontecimento, a narrativa, neste exemplo sobre um acidente de trânsito, orienta sobre o certo e o errado, ensina acerca da realidade, atribui responsabilidades e, inclusive, emociona (QUADROS; AMARAL, 2017). É esse processo que Ricoeur nomeia de tessitura da intriga: o ato de “síntese do heterogêneo” – aquilo que extrai uma estória de um amontado de fatos.

Então, a mimese II transforma os elementos postos enquanto potencialidade na mimese I – a experiência prática, os esquematismos narrativos, os agenciamentos simbólicos, etc. – em um texto particularizado, assim como efetua a passagem para a mimese III, a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor.

A mimese III é a desembocadura do circuito mimético no leitor, é onde se conclui o percurso da mimese e se efetiva a ação narrativa enquanto experiência de compreensão humana. Ela marca o encontro do texto com seu público, é a “intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor” (RICOEUR, 2010, p. 110).

Na mimese III ocorre a refiguração da narrativa, uma vez que aquele que lê não é um sujeito passivo, como afirma Barthes (1992, p. 43-44), não é um sujeito que usa o texto como um simples lugar de investimento, “esse ‘eu’ que se aproxima do texto já é ele mesmo uma pluralidade de outros textos, de códigos infinitos, ou mais exatamente: perdidos (cuja origem se perde)”. Essa compreensão aproxima-se do entendimento de leitura apresentado pela perspectiva pragmática.

Além dos conhecimentos e das referências que determinam entendimentos específicos em torno de um mesmo texto, a mimese III também é composta pelas zonas de indeterminação que todo texto carrega consigo. Assim, “acompanhar uma história é atualizá-la em leitura”

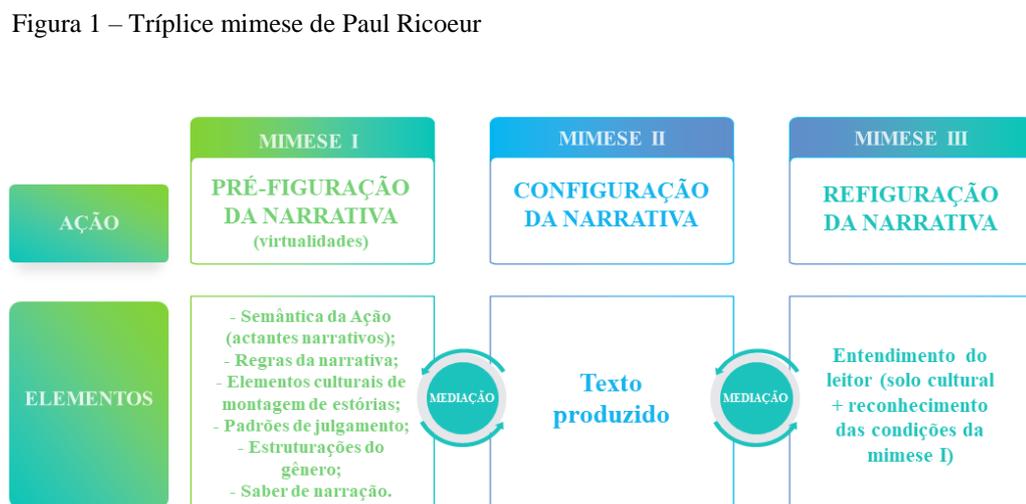
(RICOEUR, 2010, p. 131). O ato de refiguração a que o leitor se entrega durante a leitura ocorre no sentido de um reconhecimento que inaugura um novo acontecimento.

Portanto, pode-se resumir a tríplice mimese compreendendo que a mimese I é o mundo prático ainda não explorado pela atividade textual, ainda não narrado, embora já impregnado de uma pré-narratividade que serve de referência para o ato de construção da narrativa, a configuração ou mimese II. A mimese não se encerra na configuração da narrativa, mas na refiguração (mimese III), que constitui a atividade de leitura, onde a configuração simbólica da realidade reencontra o mundo histórico e prático.

Há um percurso que parte do mundo da vida – ainda não narrado ou pré-narrado –, passa pela configuração da trama e encontra o mundo da vida do leitor. Ao interpretar a estória, configurada pela mimese II, o leitor reconfigura seu próprio mundo, retornando a uma nova mimese I. O círculo mimético revela-se parecido com uma espiral, como defende Leal (2013, p. 39): “o retorno da narrativa ao mundo da vida não é uma volta ao ponto de origem, mas um acréscimo, um trânsito, uma inovação”.

Desse modo, segundo Quadros e Amaral (2017), a mimese corresponde a um processo de recriação do mundo pela ação narrativa do homem. Essa configuração narrativa da realidade não é definitiva, pronta e acabada, especialmente quando se refere à narrativização da história do presente, como é o caso do jornalismo. O narrar é uma ação de atualização permanente, haja visto que permite que se inscreva os fenômenos no mundo vivido em uma historicidade em constante mutação (CARVALHO, 2012). Trata-se de uma ação que nunca é permanente, as narrativas se configuram e reconfiguram pelos movimentos de interpretação e reconstrução.

A figura 1 apresenta a relação entre as três mimeses:



Fonte: A autora.

Uma vez apresentado o modo de articulação entre a tríplice mimese e, por conseguinte, a constituição da narrativa, é interessante notar que os modos do saber narrar são historicamente marcados e determinados por elementos simbólicos e culturais de mediação. O agenciamento dos fatos em um sistema para a composição da intriga está submetido “a compreensões práticas e narrativas, aos agenciamentos simbólicos da ação”, bem como “a mecanismos tão diversos postos nos sistemas culturais como os discursos circulantes e os padrões de julgamento que estruturam todos os textos antes mesmo de sua escrita efetiva” (CASADEI, 2013, p. 108). Destes julgamentos virtuais é formada a mimese I, que são materializados em texto na mimese II, findando no leitor (mimese III).

A compreensão de que a narrativa jornalística pode ser concebida a partir da atualização de determinados elementos virtuais pré-textuais é importante para que seja possível delimitar as permanências ou mudanças que o jornalismo impresso sofreu no que se refere à sua maneira específica de contar histórias sobre a derrota. Se as histórias nem sempre foram contadas e recontadas da mesma forma, de modo que é possível notar uma modificação ou permanência nos elementos estéticos e no conteúdo das narrativas, é porque esses elementos virtuais – ligados à mimese I – sofrem rearranjos e reconstituições ao longo dos anos, de modo que esse saber narrar é constantemente ressignificado.

Ao articular as proposições de Ricoeur à prática jornalística, Casadei (2013, p. 108) explica que:

Na medida em que toda a ação narrativa está submetida a uma estruturação inscrita nos sistemas culturais, o modelo proposto por Ricoeur a respeito do funcionamento mimético dos textos é interessante, pois incorpora questões tais como o lugar social ocupado pelo jornalista (enquanto sistema de hierarquização de valores profissionais de julgamento que transbordam para a escrita) bem como suas ações profissionais práticas (que também estruturam as próprias informações que serão colhidas, buscadas, enfatizadas e urdidas em enredo).

Nesse sentido, é válido pensar a composição da narrativa a partir das reflexões de Ricoeur, especialmente porque é possível articulá-las ao jornalismo. Deste modo, associando a tríplice mimese à narrativa jornalística, identifica-se em um primeiro momento fatos que se sucedem diariamente, mas ainda não narrados; há uma ação humana à espera de uma narrativa. Isso constituiria o mundo prefigurado, a mimese I. Cabe ao jornalista selecionar quais as histórias a serem narradas, obedecendo a normas e critérios, como o valor-notícia, a relevância do fato ou sua viabilidade técnica.

Ao adotar esse modelo mimético é possível pensar a narrativa jornalística formada por atualizações de estruturas virtuais que se manifestam e se atualizam em cada texto

particularmente. Existe uma prefiguração narrativa que antecede a construção textual, que determina seu modo de feitura e está inscrita nos sistemas culturais. Diz respeito a um conjunto fixo de valores e a elementos que se modificam a partir do solo cultural em que estão assentados. Dentro desse espectro,

A virtualidade representada pela mimesis I se articula não como sistema, mas como conjunto de pressuposições ligadas a diferentes campos de atribuições de sentido como, por exemplo, à pré-compreensão prática da ação, à fenomenologia do fazer, às competências práticas, às regras narrativas consensualmente postas, bem como às mediações simbólicas da ação (tais como os discursos circulantes e as representações sociais). Em suma, essa prefiguração diz respeito a todos os elementos que prefiguram o caráter socialmente compartilhado da articulação significativa que antecede as histórias contadas pela imprensa. (CASADEI, 2013, p. 140).

As regras de escrita pressupostas nesse primeiro momento são objetivadas enquanto códigos padrões de narração. As notícias publicadas refletem processos de esquematismos narrativos inscritos nos sistemas sociais, mas que estão sempre atualizados a partir de um regime de códigos específicos e historicamente marcados em textos particulares (CASADEI, 2013).

Já selecionados os fatos a serem narrados, entra em ação o tecer da intriga, a produção da narrativa jornalística, que equivale à mimese II. Nesse momento, há uma preocupação com a validação dos argumentos expostos na narrativa por parte do leitor. Diferentemente dos textos literários, em que basta que a narrativa apresente verossimilhança com o real, a narrativa jornalística deve passar por um processo rigoroso de checagem e apuração. Conforme Silva (2011, p. 49), o leitor só compra um jornal se esse veículo lhe passar credibilidade, “e essa credibilidade só é obtida se o jornalista seguir à risca as regras e normas (*ethos*) próprias de sua profissão”.

Esclarece-se que diante da necessidade de legitimar-se enquanto narrativa objetiva e “fiel à realidade”, o papel ocupado pelo narrador na mimese II coloca-se em outra dimensão, exigindo uma observação rigorosa dos postulados da mimese I. Isso ocorre também em virtude de que a mimese III pressupõe leitores das narrativas que partilham do mesmo ambiente pré-figurado, “tornando-os aptos não somente à apreensão de eventuais desníveis entre o dito e o acontecido, como também na condição de reconfiguradores do mundo ofertado pelas narrativas” (CARVALHO, 2010, p. 10-11).

Assim, no momento de refiguração (mimese III), há o encontro da narrativa jornalística com seu público leitor. As narrativas são refiguradas, uma vez que cada leitor lança seu olhar sobre o texto e estabelece relações e conclusões a partir de suas vivências, experiências e

conhecimentos prévios. Também entende-se que a narrativa jornalística é sempre reapropriada no ato de leitura, de modo que o que está configurado em uma narrativa recebe novas configurações a partir daquele que lê, propiciando a (re)criação da realidade, em um processo que nunca finda.

Os significados construídos pelos leitores provêm não só dos processos de recriação mimética, mas também “da identificação virtual que ocorre em toda narrativa, da transposição catártica que as pessoas fazem das histórias narradas para as suas próprias experiências” (MOTTA, 2013, p. 73). Quando o leitor lê uma história em um jornal, ele está na história e recria a sua significação baseado na relação desta com os seus valores e memórias culturais. Esse entendimento pressupõe que os elementos que definem o que é uma notícia não estão instalados apenas no grupo formado pelos jornalistas, mas, sobretudo, “dependem de um reconhecimento genérico mais amplo instalado no público leitor, enquanto condição para que a própria narrativa funcione. Os códigos padrões de narração, nesse sentido, devem ser mutuamente reconhecidos” (CASADEI, 2013, p. 142).

Neste sentido, Carvalho (2010) aponta que é possível relacionar a mimese à prática jornalística, posto que aquilo que é narrado é ontologicamente marcado, sendo possível encontrar na narrativa marcas do social, do cultural, do econômico e, de uma maneira geral, do ambiente amplo que se inscreve cada narrativa posta em circulação. O autor sustenta que é adequado afirmar que a tríplice mimese constitui o processo de mediação que as narrativas jornalísticas estabelecem com o conjunto social.

Em mimese I, por exemplo, podemos encontrar as referências utilizadas nos enquadramentos jornalísticos. Tal como afirma Paul Ricouer, a tríplice mimese constitui um círculo hermenêutico, que torna possível não somente compreender o mundo, como a própria dinâmica de construção da narrativa e as mediações que ela estabelece. Não nos parece infundado propor que o mesmo é aplicável às narrativas jornalísticas em seu haver com o mundo social. E especialmente, que os acontecimentos narrados pelo jornalismo trazem a marca de um mundo prefigurado, mediados pela configuração dos narradores jornalísticos, mas somente adquirindo sentido pleno, embora não necessariamente unívoco, a partir das múltiplas leituras de que são objeto. (CARVALHO, 2010, p. 12-13).

Tais reflexões permitem o entendimento de que a narratividade do jornalismo não se localiza de forma limitada em seus produtos, como notícias e reportagens, mas em seu processo como um todo. Diante disso, é importante focalizar o ato de narrar e suas intencionalidades: “que modelos simbólicos recuperam, que valores reforçam ou enfraquecem, a quem concedem voz, quem silenciam, que relações de poder evidenciam, o que nos ensinam sobre a vida em sociedade” (QUADROS; AMARAL, 2017, p. 87).

Portanto, embora Ricoeur dê ênfase às narrativas ficcionais, é possível aplicar suas reflexões a todas as narrativas – fictícias ou fáticas, imaginárias ou referenciais. Antes de evidenciar precisamente os aspectos concernentes à narrativa jornalística, apresenta-se a concepção de jornalismo adotada por esta investigação, assim como suas especificidades.

2.3 O JORNALISMO

Compreende-se o jornalismo enquanto conhecimento social que constrói realidades, distanciando-se drasticamente da visão instrumentalista – que, de modo geral, percebe o jornalismo como uma transmissão da realidade que não sofre interferências no curso dos acontecimentos³⁰. Saliencia-se que a perspectiva teórica adotada se alinha à concepção de narrativa já desenvolvida, visto que ambas apresentam uma base comum no que se refere ao entendimento de que os significados são construídos socialmente, a partir de sistemas de representação, conceitos e signos, em que a linguagem exerce um papel ativo substancial.

Alicerçando-se “na importância da dimensão cultural das notícias” (TRAQUINA, 2004, p. 171), essa abordagem construcionista reconhece o jornalismo como um modo de conhecimento construtor da realidade, limitado a uma série de condicionalismos próprios das rotinas de produção jornalística, que estabelece relações entre agentes sociais – “os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (TRAQUINA, 2004, p. 173).

Acerca da primeira dimensão da reflexão precedente, destaca-se que o jornalismo é entendido como um modo de conhecimento, que não só produz um conhecimento particular sobre os fatos, como também produz os conhecimentos gerados por outros atores e instituições sociais. Contudo, esse conhecimento não é apenas transmitido, mas recriado. Nesse processo, o jornalismo lança mão de mapas culturais de significado que existem na sociedade “e ajuda a reforçá-los ou apagá-los, contribuindo para o estabelecimento de ‘consensos’ a respeito de valores e atitudes” (BENETTI, 2006, p. 5).

Como todo conhecimento social, o jornalismo envolve determinado ponto de vista sobre a sociedade, a história, a humanidade. Por isso, não existe um jornalismo puramente objetivo ou neutro. Meditsch (2002, p. 31-32) sugere que isso não ocorre porque o jornalista

³⁰ Nos estudos de jornalismo, as teorias construcionistas surgem nos anos 70, em oposição às visões filiadas ao paradigma positivista – que compreendiam o jornalismo como sendo capaz de refletir a realidade tal como ela é. Não há lugar para essa crença no construcionismo, que se insere no paradigma construtivista, segundo o qual toda representação é uma construção subjetiva da realidade (BENETTI, 2006, p. 4).

está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque “toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto”. Para o autor, essa é a razão porque o jornalismo implica uma visão ideológica, um posicionamento ético e político sobre a realidade. O jornalismo é, portanto, permeado por ideologias, valores e visões de mundo.

O entendimento do jornalismo enquanto forma de conhecimento social carrega em seu cerne a relevância deste campo na produção simbólica, apontando para o fato de que as notícias, por envolverem determinadas ideologias e visões de mundo, contribuem social e culturalmente como uma orientação acerca dos parâmetros e dos valores circulantes. Nesse sentido, o jornalismo é “um dos modos de constituir uma natureza consensual da sociedade e de contribuir naquilo que nos une como sociedade e cultura através dos processos de significações” produzidos diariamente em forma de notícias (SILVA, 2010, p. 35). Do mesmo modo, Hall et al. (1993, p. 226) explicam que o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – assume e ajuda a construir a sociedade como um “consenso”.

Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes; temos acesso aos mesmos ‘mapas de significados’. Não só somos capazes de manipular esses mapas de significados, para compreender os acontecimentos, mas também temos interesses, valores e preocupações fundamentais, em comum, que estes mapas incorporam ou refletem. Todos nós queremos manter basicamente a mesma perspectiva acerca dos acontecimentos. Neste ponto de vista, o que nos une, como uma sociedade e cultura – o seu lado consensual – ultrapassa em muito o que nos divide e distingue como grupos ou classes de grupos. (HALL et al., 1993, p. 226).

É o processo de atribuição de significados a partir da produção de notícias que torna notória a participação do jornalismo na construção de realidades. Nesse processo, partindo de um universo de valores “consensual”, as notícias se consolidam como “verdades” que norteiam as pessoas, como um conhecimento social e cultural crivado de “suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona” (HALL et al., 1993, p. 226). Isso significa dizer que o jornalismo se constitui como um dos principais articuladores da produção dos saberes cotidianos que orientam a cultura, caracterizando-se enquanto conhecimento social e cultural que ensina – isso porque atua como um lugar influente no que se refere à produção e circulação de valores, concepções e representações relacionadas a um aprendizado rotineiro “sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária” e assim por diante (FISCHER, 2002, p. 153).

Silva (2010) sintetiza a concepção de jornalismo apresentada por esta perspectiva:

O processo que envolve o jornalismo e a sociedade tem a cultura – o sistema de valores – como denominador comum, num movimento constante e dialógico de (re)produção, (re)significação e circulação. Tanto o jornalismo se inspira e se baseia em visões de mundo circulantes na sociedade quanto esta em relação ao jornalismo. Em geral, essa troca corresponde às visões de mundo hegemônicas, consensuadas, legitimadas nas instâncias de poder e compartilhadas como parâmetro social e cultural. Assim, o jornalismo é um conhecimento social que se reproduz com uma função pedagógica cultural que pretende explicar os modos de ser e estar no mundo [...]. E essas explicações nos são cotidianamente passadas através de discursos que envolvem recursos técnicos e humanos capazes de fornecer os saberes legitimados e atuar didaticamente junto à sociedade. (SILVA, 2010, p. 38).

Enquanto mediador e articulador desses saberes existentes, e no processo de tradução destes saberes para uma linguagem popular e geradora de sentidos para um grande público, o jornalismo se constitui como um *locus* de poder-saber da atualidade. Ler, ver ou ouvir notícias diariamente é “um ato cognitivo cultural por meio do qual as pessoas apreendem as informações que necessitam para suas vidas cotidianas, mas também para a sua existência enquanto sujeitos” (MOTTA, 2006a, p. 48).

Essa reflexão expõe a centralidade e a influência dos meios de comunicação, e mais propriamente do jornalismo, posto que “interferem no status quo e recriam modos de vida”, provocam releituras de experiências objetivas e subjetivas, às vezes de forma tão imperativa, que “se tornam o lugar de onde as pessoas retiram o que sabem e o que se dispõem a compreender acerca do cotidiano e da vida” (RESENDE, 2006, p. 2). Com a produção noticiosa, o jornalismo cria significações e um sentido coletivo partilhado de ordem social, intimamente ligado à organização da vida cotidiana em sociedade.

Desse modo, o jornalismo destaca-se por seu alcance e suas características referentes à produção, circulação e transmissão de saberes e conhecimentos. As narrativas jornalísticas estão engendradas “nas formas como as normas e valores de nossa cultura são significados e compreendidos pelos sujeitos e grupos sociais” (SILVA, 2010, p. 29), se apoiam não só nos conhecimentos de quem os produz, mas também envolvem os saberes dos campos socialmente legitimados, atuando como “um lugar privilegiado de suposições de ‘verdades’” (FISCHER, 1997, p. 65). Sob este prisma, fica evidente a participação das formas de construção da realidade a partir das notícias que incidem sobre a atribuição, produção e circulação de determinados sentidos, crenças e idealizações, neste caso, acerca da derrota.

Embora sejam construídas e difundidas como “verdades”, como se àqueles fatos falassem por si mesmos, as notícias não se restringem apenas à informação, estão sempre permeadas de conteúdos simbólicos complexos e envolvem pontos de vistas e subjetividades. A escolha da narrativa é orientada pela “aparência que a ‘realidade’ assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a

apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (TRAQUINA, 2001, p. 87). Ou seja, os padrões e normas sociais valorizados e predominantes dão os contornos às narrativas produzidas.

O jornalismo constrói o acontecimento noticioso a partir de sua lógica própria e dos dispositivos que dispõem na feitura da notícia. O processo de produção noticioso compatibiliza “sob um mesmo padrão de operacionalidade, aspectos industriais, mercadológicos e ideológicos” (CORREIA, 2012, p. 100), de modo que condicionantes externos e internos determinam o fazer jornalístico. A construção do acontecimento noticioso pelas práticas jornalísticas é uma ação complexa, que envolve três tipos de saberes: os de reconhecimento, a capacidade de reconhecer os acontecimentos que possuem valor como notícia; os de procedimento, os conhecimentos que orientam os passos a serem seguidos na recolha de dados para elaboração da notícia; e os saberes de narração, a capacidade de compilar as informações e inseri-las em uma narrativa noticiosa (TRAQUINA, 2005). Isso constitui os distintos modos de fazer saber jornalísticos.

2.3.1 Os Modos de Fazer Saber Jornalísticos

Conceber o jornalismo como uma forma de conhecimento social e cultural, construtor de realidades e sentidos, conduz ao entendimento de que esses conhecimentos são produzidos e determinados, entre outras coisas, pelos condicionantes específicos das rotinas de produção jornalística.

Tal produção está permeada por uma grade de regramentos específica, que se configura enquanto noticiabilidade, constituída por “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia”, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições da empresa jornalística, relação com as fontes e com o público, até fatores e circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p. 96). Isso leva à delimitação de três instâncias distintas de critérios de noticiabilidade:

- (a) na origem dos fatos (seleção primária dos fatos/valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos de imprensa; (b) no tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infra-estrutura, tecnologia etc., como também fatores extra organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do

repórter com fontes e públicos; (c) na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores. (SILVA, 2005, p. 96).

Esses fatores determinantes do fazer jornalístico não funcionam de modo isolado, posto que todos esses critérios de noticiabilidade atuam concomitantemente e de forma interdependente. No que se refere à primeira instância, ou ao que Traquina (2005) nomeia de saberes de reconhecimento, sabe-se que a procura por respostas aos questionamentos sobre como acontecimentos se transformam em notícias têm colaborado para a consolidação de certos fundamentos no campo das teorias do jornalismo. Embora não haja um consenso acerca de algumas questões, entende-se que existe um conjunto de critérios e operações com os quais as empresas jornalísticas enfrentam a tarefa de escolher, entre um número imprevisível e indefinido de fatos, “uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2003, p. 190).

O que os autores demonstram é que o jornalismo não relata, simplesmente e de forma transparente, os acontecimentos que são por si só “naturalmente” noticiáveis. Ao contrário, as notícias são “o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL et al., 1993, p. 224). É a partir de um conjunto de identificações sociais e culturais que as notícias adquirem valor social, que passa a ser agregado ao valor-notícia construído nas redações jornalísticas.

Ao considerar a construção noticiosa como um processo social, Hall et al. (1993) evidenciam que os acontecimentos cotidianos não são apresentados de forma desordenada ao público, mas sim identificados – definidos e relacionados com outros acontecimentos conhecidos pelo público – e inseridos em um contexto social – colocados em um quadro de significados familiares a esse público. Este processo de identificação e contextualização é relevante porque através dele os acontecimentos são tornados significativos para o público e pela imprensa.

Desse processo de definição acerca do que noticiar seguem os saberes de reconhecimento (TRAQUINA, 2005), que orientam as etapas a serem seguidas no levantamento de dados para a construção da notícia, o que condiz com as duas últimas instâncias dos critérios de noticiabilidade, no que se refere ao tratamento do fato e à visão dos fatos. Norteiam esse processo uma série de procedimentos jornalísticos relacionados à apuração jornalística.

A apuração é o completo levantamento dos dados e informações de um acontecimento que servem de substrato para a construção da notícia, é o processo que antecede a notícia e que auxilia na formulação da narrativa jornalística. Para essa apuração, os jornalistas utilizam um conjunto de práticas, habilidades e técnicas³¹, como a observação de eventos e seus desdobramentos, a leitura de documentos e dados de natureza técnica e as entrevistas com as fontes de informação.

O uso das fontes de informação é um dos primeiros e mais importantes modos de agregar valor de “verdade” e “imparcialidade” às notícias, assim como de demonstrar a existência de uma diversidade de visões e posições, em um processo de conferir neutralidade à narrativa jornalística, anulando suas marcas de subjetividade.

Assim como no caso dos valores-notícia, existem inúmeras formas de classificação para as fontes jornalísticas. Apresenta-se aqui a disposição proposta por Silva e Maia (2011), pois utiliza-se o protocolo metodológico desenvolvido por tais autoras na análise dos dados desta pesquisa e porque essa tipificação mescla três critérios principais: a forma como a informação foi obtida (direta ou indiretamente); a natureza das fontes (humana, documental ou eletrônica); e a posição das fontes no contexto dos acontecimentos. Deste modo, são divididas em informações de primeira mão, obtidas diretamente pelos autores do texto, em que destacam-se as fontes do poder público, fontes institucionais, fontes cidadãs, fontes especializadas/comentadores, assessoria de imprensa, fontes não-convencionais e recursos alternativos; e as informações de segunda mão, obtidas por terceiros e reproduzidas pelos autores do texto, fornecidas por agências de notícias, outros veículos jornalísticos, publicações científicas, documentos impressos e eletrônicos, ciberespaço, reedição e republicação. O jornalista-narrador também pode, eventualmente, apresentar-se como fonte de informação da própria matéria.

Deste aspecto, destaca-se que na produção das notícias os jornalistas buscam aqueles saberes reconhecidos como legítimos. Por isso, são consultadas fontes de informação reconhecidamente credíveis e apropriadas para explicar determinados assuntos. Contudo, Traquina (2001, p. 103) salienta que estes saberes “reconhecidamente legítimos” para os jornalistas não partem de quaisquer ou isentos lugares, de modo que “as fontes são quem são porque estão diretamente ligadas a setores decisivos da atividade política, econômica, social ou cultural”. Assim, a escolha dessas fontes jornalísticas “por um lado, reflete a estrutura social e

³¹ Esses aspectos, como lembra Santi (2010, p. 10), precisam ser relativizados, já que a produção com poucos recursos em períodos curtos de tempo “conduz a uma simplificação do método de trabalho jornalístico e por vezes acaba por limitar a capacidade de captar e verificar informações”.

de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos” (ibidem).

Neste mesmo sentido, Hall et al. (1993) mencionam que os jornalistas tendem a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade, aquilo que recebe o nome de “hierarquia de credibilidade”, isto é,

[...] a probabilidade daqueles que em posições poderosas ou de elevado status na sociedade, e que dão opiniões sobre tópicos controversos, de terem as suas definições aceites, porque tais porta-vozes são considerados como tendo acesso a informação mais precisa ou especializada em assuntos particulares do que a maioria da população. (HALL et al., 1993, p. 229).

No processo de escolha das fontes de informação, os jornalistas levam em consideração se tais fontes fazem sentido no que se refere à posição social “legítima” e em relação aos significados que os discursos provenientes dessas fontes têm junto aos demais profissionais. De acordo com Traquina (2001, p. 107), as fontes que ocupam uma posição de autoridade formal são “consideradas mais credíveis do que outras”. Estes porta-vozes, pertencentes às instâncias de poder socialmente legitimadas, estão relacionados ao Estado e aos saberes originários dos discursos especializados produzidos nos âmbitos psicológicos, jurídicos, políticos, econômicos, que, preferencialmente utilizados pelas narrativas, prevalecem como verdades absolutas.

A partir desse processo de apuração jornalística, em que há a apresentação de fontes que expliquem os acontecimentos transformados em notícia, ganha forma os saberes de narração (TRAQUINA, 2005), isto é, as técnicas para a construção da narrativa jornalística. Nesse momento, os procedimentos técnicos jornalísticos se sobrepõem, articulados com os significados que objetivam produzir, porque uma das principais características da linguagem jornalística é ser compreensível (SILVA, 2010). Algumas regras, como frases e parágrafos curtos, uso de palavras simples e de metáforas para simplificar a compreensão são tidas como consensos no processo de produção da notícia.

A narrativa jornalística é composta por elementos objetivos e subjetivos, é entendida como um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido, como a comoção, a dor, a compaixão e o riso, mais ou menos intensificados pela linguagem dramática das notícias. Ao mesmo tempo em que vincula os fatos ao mundo físico cria efeitos catárticos (MOTTA, 2013), aspecto que gera uma discussão entre a referencialidade e a ficcionalidade.

A constituição das notícias não se configura como um mero relato transparente dos acontecimentos, ao identificar, classificar e contextualizar acontecimentos a imprensa torna

aquele tema “inteligível” ao público. Tanto no processo de identificação dos acontecimentos noticiáveis quanto na construção da notícia o jornalista utiliza os chamados mapas culturais do mundo social. Estes mapas de significado “incorporam e refletem os valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são mobilizados no processo de tornar um acontecimento inteligível” (MOTA, 2008, p. 90). Em outros termos, ocorre a seleção e o enquadramento dos temas de acordo com os mapas de significação sociais, de modo que as notícias ganham sentidos para quem as lê.

No processo de elaboração das notícias e, simultaneamente, na construção de realidades, o jornalista assume papel fundamental para o entendimento dos valores circulantes em uma sociedade. De acordo com Traquina (2005, p. 28), pode-se argumentar que “as notícias são produzidas por profissionais que partilham uma forma de ver comum, isto é, uma cultura noticiosa comum”. Entretanto, é preciso aclarar que esse processo não depende unicamente do jornalista, não é, portanto, unilateral. O sistema do fabrico da notícia comporta condicionantes externos e internos – classe e gênero do jornalista, visão de mundo partilhada e sociedade onde está inserido, ideologias e interesses vinculados à empresa e ao meio social, posições políticas e editoriais, assim como todos os outros aspectos que envolvem as rotinas de produção.

Como parte da sociedade em que está inserido, o jornalista partilha com esta sociedade uma série de visões de mundo que estabelecem padrões sociais – de certo e errado, bonito e feio, normal e anormal – e que fornecem parâmetros que auxiliam o jornalista a definir seus valores-notícia – geralmente próximos aos valores dominantes e normatizadores da sociedade. Isso significa dizer que a escolha da narrativa realizada pelo jornalista é orientada pela aparência que a “realidade” assume para este profissional, pelas convenções que modelam sua percepção e fornecem o repertório para a construção narrativizada dos acontecimentos (TRAQUINA, 2001).

3 NARRATIVA JORNALÍSTICA: AS INTERELAÇÕES

Se vislumbra na contemporaneidade que a narrativa não está apagada³², age e atua em espaços distintos, apresentando-se em suportes e tempos diversos, de modo amplamente vasto³³. Teóricos da comunicação, entre eles Traquina (1999), Baccega (2007) e Motta (2005, 2013), têm verificado a interferência de estruturas narrativas no processo de produção da notícia. Buitoni (2000, p. 63), por exemplo, considera que “a forma narrativa de se relatar um fato é a matriz primordial do texto jornalístico moderno”. Além disso, os trabalhos de Motta são amplamente referenciados na discussão acerca da temática por compreenderem as notícias como narrativas jornalísticas, que se valem dos efeitos de real e efeitos de sentido para contar e recontar histórias. Essas reflexões permitiram o surgimento da narrativa jornalística enquanto temática de pesquisa ampliada por distintas dimensões e recortada sob diversas perspectivas.

Inicialmente, para aprimorar o entendimento sobre a temática, a fim de compreender as abordagens teóricas e perspectivas metodológicas utilizadas pelas produções de Mestrado e Doutorado diante da inter-relação entre narrativa e jornalismo, realizou-se uma pesquisa exploratória. Os procedimentos metodológicos adotados e as análises estão presentes no Apêndice A. A partir disso, seleciona-se e apresenta-se a conceituação de narrativa jornalística adotada nesta investigação e seus elementos narrativos, objeto de estudo desta pesquisa.

3.1 NARRATIVA JORNALÍSTICA: CONCEITUAÇÕES E ELEMENTOS

Na medida em que passa a ser compreendida como prática universal, trans-histórica e pancultural (BARTHES, 1971), a narrativa desvincula-se estritamente do âmbito literário e passa a apresentar-se em suportes diversos. Em vista disso, há uma ampliação no interesse de pesquisadores de áreas distintas sobre as narrativas, o que motiva o uso do termo “estudos narrativos” ou “narratologias” para designar um campo de estudos que transcende os marcos de referência da narratologia clássica.

Ao entender que a narrativa organiza fatos e sujeitos de forma a conferir-lhes sentidos e papéis, subsumindo-os em um contexto e uma história, no sentido de estabelecer um modo de

³² Em seu ensaio “O narrador”, de 1936, Walter Benjamin afirmou que a arte de narrar estava em vias de extinção, consequência das transformações no âmbito das forças produtivas verificadas no capitalismo. Particularmente, o autor associou o declínio da narrativa à difusão da informação jornalística.

³³ É a partir da segunda metade do século XX e dos estudos de autores como Roland Barthes e Gérard Genette que a narrativa passa a ser entendida como um fenômeno universal, vasto, propenso a apresentar-se em diferentes suportes. A narrativa deixa de estar circunscrita, unicamente, ao universo da literatura.

compreensão do mundo e de configurar realidades, é possível vislumbrar a construção de produtos midiáticos de modo narrativizado.

As narrativas midiáticas podem ser fáticas (notícias, reportagens, documentários) e/ou fictícias (telenovelas, filmes). O que distingue uma da outra é a vontade de sentido que se estabelece entre os interlocutores na relação comunicativa, o que Motta (2013) denomina de protocolo relativo de veridicção. Se o objetivo é aparentar traduzir “fielmente o real”, o narrador organiza sua narrativa de maneira dessubjetivada, aproximando-a do referente, com o intuito de convencer o receptor de que está relatando o mundo tal qual ele é.

A narrativa se configura em uma linguagem referencializada, objetivada, com farto uso de citações, números, estatísticas, dêiticos, referências espaço-temporais, artigos definidos, etc., produzindo então uma coerência referenciada. O leitor entra natural e espontaneamente nessa mesma sintonia, conforme o desejo do narrador e o seu próprio, e juntos *coconstroem um mundo real*. O mundo existe *lá fora*, mas não é o mundo *per se* que é objetivo: é a linguagem que é organizada de maneira objetivada, *dessubjetivando-se* por vontade dos interlocutores, desprovendo-se da *contaminação* subjetiva do poético. Através de um *contrato* cognitivo, os interlocutores se põem de acordo e assim *coconstroem* um mundo *real verdadeiro*. (MOTTA, 2013, p. 39, grifos do autor).

No que se refere às fáticas, as narrativas jornalísticas e historiográficas são exemplos dessa organização discursiva de veridicção. Há uma pretensão de traduzir “fielmente” o mundo³⁴ e produzir o efeito de real, que é compartilhada e compactuada com seus receptores.

Por outro lado, nas narrativas midiáticas fictícias o narrador faz uso de estratégias linguísticas que estimulam a imaginação e a fantasia. Entre narrador e receptor também há um contrato, mas agora esse contrato é de suspensão temporária da incredulidade. Segundo Motta (2013), o receptor confere crédito irrestrito às palavras do narrador e interage criativamente com ele, com o objetivo de conferir um sentido projetado pela estória contada, independentemente de ser verdadeira ou falsa. “Vivem, naquele momento, a verdade interna do mundo do texto como um mundo real (o mundo do *como se*)” (MOTTA, 2013, p. 41, grifos do autor).

Entretanto, apesar de existir essa divisão, Motta (2013) deixa claro que as fronteiras entre a narrativa fática e fictícia não são claras nem definitivas, pois ora uma narrativa que se pretende fática remete a certos efeitos de sentido, ora a narrativa que se pretende fictícia apresenta um expressivo grau de verossimilhança, remetendo à referencialidade. Nos dois casos

³⁴ Sobre isso, Arbex Júnior (2001, p. 103) afirma que a imprensa cria diariamente a sua própria narrativa e a apresenta aos receptores como se “essa narrativa fosse a própria história do mundo”. O fato transformado em notícia é apresentando como o mundo em estado “natural”, é “o” próprio mundo.

essa narrativa gera uma relação entre os interlocutores e pressupõe não apenas um código comum entre eles, mas um universo compartilhado.

A comunicação narrativa pressupõe, portanto, uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas de certa maneira, e em uma retórica própria para dar conta da finalidade desejada. Implica competência e utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário. A partir desse entendimento (ou divergência), nos damos conta de que as narrativas não são apenas, nem principalmente, puras representações da realidade, mas formas de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. (MOTTA, 2013, p. 82).

Todas as narrativas midiáticas são construídas a partir de estratégias comunicativas e recorrem à operações e modos linguísticos e extralinguísticos que buscam realizar determinadas intenções. Essas narrativas são sempre intencionais, pois ao tomar a decisão de contar uma estória, seja ela fática ou fictícia, o narrador tem em mente “uma intencionalidade (um efeito de sentido pretendido) que é transferida para o ato de fala narrativo e que interfere na configuração da estória. Ninguém conta uma estória ingenuamente”, ela não é aleatória, portanto (MOTTA, 2013, p. 38).

Motta, Costa e Lima (2004) consideram possível observar na contínua produção jornalística, notícias que narram estórias e conflitos que se repetem ao longo dos anos, com diferentes personagens e cenários. Isso ocorre, segundo Motta (2007), porque jornalistas e públicos organizam a realidade narrativamente como estórias sucessivas que se interpõem umas às outras. Faz-se isso, porque essa é a forma que lhes facilita acercar-se da realidade, torná-la compreensível para si e para os outros.

Jornalistas e receptores estão continuamente procurando os enquadramentos narrativos que ordenem o caos, estabeleçam ordens temporais, causas e conseqüências, antecedentes e consequentes, sínteses que tornem as histórias compreensíveis. Para mim, o jornalismo é uma teia de narrativas entrelaçadas que pontua o nosso tempo, espaço e vida pessoal; ordena o presente, institui o passado e o futuro que progressivamente vão assumindo a forma de realidade tangível. (MOTTA, 2007, p. 9).

Isso quer dizer que o enquadramento narrativo está presente no jornalismo, uma vez que está enraizado na sociedade e na cultura. Além disso, as narrativas permitem a revelação, amplificação ou instituição de tensões, conflitos, clímax, heróis e vilões – aspectos que facilitam o entendimento das estórias.

Especificamente no que se refere à essas narrativas, objeto de investigação desta tese, entende-se que elas traduzem o conhecimento objetivo e subjetivo em relatos que constroem

estórias e realidades. Os enunciados narrativos jornalísticos nos permitem “colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico” (MOTTA, 2005b, p. 2). Isso quer dizer que a forma narrativa de contar coisas está impregnada pela narratividade, a qualidade de contar algo enunciando uma sucessão de estados de transformação. Narrativizar, neste âmbito, significa atribuir sentidos e nexos, transformando os fatos em encadeamentos e associações de elos sígnicos.

A narrativa jornalística é entendida como um permanente jogo entre os efeitos de real³⁵ e outros efeitos de sentido, uma vez que os jornalistas se valem do fático, mas também de elementos que causam efeitos sensitivos. É “polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, realia e poética” (MOTTA, 2005, p. 9). Por um lado, as notícias “são razão, fatos históricos”, mas por outro lado, são *mythos*, envolvem objetividades e subjetividades “que dotam os acontecimentos de sentidos de passado e de futuro, do bem e do mal [...], do que pode e do que não pode” (MOTTA, 2003, p. 9).

Em outras palavras, as notícias assumem a forma narrativa e invadem o terreno do imaginário. Entretanto, isso não quer dizer que as notícias sejam ficção criada pelos jornalistas ou que se configurem como um sistema mitológico. São um sistema simbólico singular que entremeia real e imaginário. Motta (2002, p. 15) explica que pela sua natureza ritualística as notícias se aproximam de narrativas teológicas, mas não deixam de ser relatos de verossimilhança, porque é “esse compromisso com a história que lhes confere credibilidade para continuar contando e repetindo os temas arquetípicos, que lhes assegura a legitimidade para instalar-se como fonte”.

Entender as notícias como construções narrativizadas não significa encará-las na mesma perspectiva da criação literária ou imaginária, em que o narrador é livre para explorar universos possíveis e impossíveis. No jornalismo, o narrador não é um ficcionista, ele assume um compromisso com o referente e narra como se a verdade estivesse “lá fora”, nos objetos mesmos, independente da sua intervenção. Trata-se de dissimular as estratégias narrativas e de utilizar recursos que apaguem sua presença, pois procura contar como se houvesse uma visão externa dos fatos, a fim de provocar a falsa imagem de que os fatos falam por si mesmos.

³⁵ O efeito de real centra-se em fazer com que o público interprete os fatos narrados como verdades, como se tais fatos falassem por si mesmos. Esse efeito se obtém, entre outras coisas, com uma fixação do centro do relato no aqui e no agora. Um dos recursos que conferem veracidade ao texto jornalístico é a citação frequente, ou seja, a apresentação de falas das fontes envolvidas no fato. Isso é utilizado para dar a impressão de que são pessoas reais que falam e que o jornalista não está intervindo (MOTTA, 2005b).

Entretanto, apesar do esforço em dessubjetivar-se, as narrativas sempre estão impregnadas de subjetividades.

Os aspectos narrativos sugerem uma convivência entre a objetividade e a subjetividade na comunicação jornalística. Embora o jornalismo possua um compromisso com a “veracidade” e com a apuração dos fatos, recorre às estruturas e elementos ficcionais para urdir seus discursos. Deste modo, embora o jornalista opere um processo de dessubjetivação do real, o texto jornalístico “organiza suas temporalidades, seus personagens e suas causalidades lançando mão dos mesmos recursos de que dispõem as narrativas da imaginação” (VOGEL, 2005, p. 4).

Neste sentido, é evidente que considerar as notícias como narrativas não nega o valor de as considerar como correspondentes aos aspectos fáticos. Tuchman (1999, p. 262) acrescenta que dizer que uma notícia é uma estória não significa, de modo algum, “rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o facto de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna”.

Embora diversos teóricos evidenciem o caráter narrativo das notícias, Motta, Costa e Lima (2004) esclarecem que as narrativas individuais não estão acabadas e dotadas de elementos simbólicos facilmente identificáveis. Ao contrário, a linguagem jornalística, forçosamente objetivada, reduz a evidência narrativa, embora não a extinga. Nesse sentido, não é em uma única e isolada notícia que se encontra uma narrativa a contar uma estória, mas em um conjunto delas sobre o mesmo assunto, no contínuo acompanhamento de fatos que se sucedem, como ações ou episódios a conformar uma estória. Isto é, na observação da sequência de notícias que compõem uma cobertura pode-se observar a conformação de um enredo que compõe uma estória completa.

Em outras palavras, os autores entendem que remontar uma sequência de notícias sobre determinado assunto recompõe estórias integrais plenas de sentido que permitem visualizar aspectos simbólicos nem sempre explícitos. Tomadas em sua serialidade, ou seja, como uma sequência encadeada de fragmentos de sentido, as notícias diárias constituem uma significação mais ampla e revelam uma sintaxe narrativa.

Como o tempo na narrativa jornalística é “difuso, anárquico, invertido”, a lógica e a sintaxe narrativas despontam na reconfiguração dos relatos como unidades temáticas, intrigas que contenham princípio, meio e fim de uma estória única. Assim, na análise da narrativa jornalística é necessário reordenar temporalmente a estória, configurar a cronologia do enredo, porque “a estória começa muitas vezes pelo final, quando o incidente é reportado, e só depois as causas e antecedentes são trazidos a público” (MOTTA, 2013, p. 97).

Essa conceituação de narrativa jornalística, concomitantemente com a apresentação de suas características e a identificação de que a discussão entre o real e o imaginário permeia a maioria das teses encontradas sobre a temática (Apêndice A), revela a importância de discutir a referencialidade e a ficcionalidade das narrativas jornalísticas.

3.1.1 Referencialidade e Ficcionalidade (d)nas Narrativas Jornalísticas

Em certa medida ainda se preserva a concepção de que o jornalismo deve ser imparcial, isento de valores e que aspira “descrever fielmente o real”³⁶. Embora nos últimos anos os jornalistas tenham se convencido de que essa neutralidade é uma pretensão inatingível, a “perseguição à objetividade continua sendo a ortodoxia dominante nas redações, o axioma máximo da atividade profissional do jornalismo contemporâneo” (MOTTA, 2002, p. 19).

Ao entender o jornalismo enquanto narrativa que constrói socialmente realidades e por considerar que “todos os relatos devem ser percebidos como produtos de uma subjetividade, ou melhor, de um sujeito que fala de um lugar e uma situação discursiva específicos e únicos”, não há como dissociar as notícias da subjetividade ou da ficcionalidade, em que cada texto jornalístico constrói de modo particular uma realidade (PENKALA, 2007, p. 6). Sendo assim, ao selecionar e recortar um fato dentre uma infinidade de outros, o jornalista está fazendo escolhas, e ao narrar de um determinado modo tais fatos, o jornalista está construindo uma versão particular da realidade.

Se a ficção é um relato imaginativo, criado, ainda que baseado em uma realidade referencial, é possível dizer que a narrativa jornalística está tão próxima da ficção quanto está próxima da verdade, considerando que a verdade não é algo (plenamente) tangível. Aqui, ‘ficção’ não deverá ser conceitualizada como criação irreal, mas como criação sobre o real, o que, a rigor, significaria dizer que toda narrativa jornalística produz relatos de ‘ficção’. (PENKALA, 2007, p. 6).

Trata-se de perceber que toda narrativa se utiliza da ficção, o que não significa dizer que essa narrativa é falsa ou mentirosa. Essas estratégias dão forma à narrativa a partir do estabelecimento de um contexto de onde fala um sujeito, de um recorte sobre os fatos, de uma perspectiva de onde se observa e de uma forma de contar esses fatos. Acerca da narrativa

³⁶ A compreensão de que as notícias são a própria realidade e de que ao jornalismo caberia a tarefa de ser mediador no ato de trazer esse acontecimento exterior para o interior do texto, ainda é bastante difundida. Silva e Soares (2013) citam que o texto jornalístico ainda é tomado como transparente, em que a linguagem se coloca como opaca. Esse entendimento de que existem textos neutros e imparciais, dizem as autoras, significa desconsiderar a linguagem como manifestação cultural e desvinculá-la como produto de um meio social e como processo formador de sentidos.

jornalística, ela parece mais próxima da verdade dos fatos do que da ficção em virtude de um imperativo ético que perpassa a prática no interior do campo, e é esse aspecto que auxilia na diferenciação da narrativa referencial e a narrativa ficcional (VOGEL, 2005). Entretanto,

[...] essa ética – considerando que a ética é uma noção universal e que tenha sido absorvida pela tradição jornalística no que diz respeito à veracidade dos relatos – será flexionada levando-se em conta: imperativos morais (portanto pessoais); constrangimentos institucionais sobre o profissional; contextos históricos, e pontos de vista humanos. Se uma ética define que deva ser o jornalista tão fiel aos fatos quanto possível, o ponto de vista pode determinar as verdades possíveis dentro dos limites do sujeito; o contexto histórico pode limitar as noções de verdade, e os imperativos morais podem produzir recortes sobre essa verdade. (PENKALA, 2007, p. 6-7).

Essas narrativas referenciais não refletem o real, mas têm e causam o efeito de real que produz no receptor a ideia de que aquilo que vê ou lê existe no real. Isso ocorre porque, no caso do jornalismo, as narrativas reivindicam para si mesmas algo de verdadeiro. Conforme Certeau (2011), essa qualidade não se apoia somente na propriedade que as narrativas teriam de “dizer a verdade”, mas também ao imperativo de “distanciamento em relação ao dizer e ao crer comuns” que elas estabelecem nessa distinção que supostamente as credenciam como críveis e verossímeis.

O jornalismo outorga essa pretensão de “comunicar o real” porque sua narrativa está apoiada em uma instituição social que possui critérios técnicos próprios de verificabilidade e apuração. Cada prática simbólica possui matrizes próprias de verdade ligadas a uma instituição social que possui suas próprias “leis do meio” – e os discursos ligados a essas “leis do meio” credenciam e respaldam as narrativas produzidas por essas instituições como referenciais. Nas narrativas noticiosas, a instituição jornalística

[...] se consolida no início do século XX em torno da adoção de um objeto específico – o próprio presente, como elemento primordial e matéria-prima central da produção noticiosa – e da seleção de um material específico – os acontecimentos que virarão notícias de acordo com um conjunto de critérios reconhecidos coletivamente. Eles são acompanhados, ainda, por certa expertise técnica (um conjunto de operações e de práticas) que permite tanto a rápida identificação, por parte dos profissionais do jornalismo, desses objetos e materiais específicos, quanto delimita os modos de ação considerados pertinentes e validados pelo grupo profissional mais amplo. Esse conhecimento de caráter técnico perpassa desde os métodos de apuração e de pesquisa validadas pelo grupo dos jornalistas quanto os modos considerados ‘corretos’ de narração e estetização do acontecimento. (CASADEI, 2013, p. 26).

Esses elementos situam o lugar social ocupado pelo jornalismo e lhe garante uma legitimidade social que o localiza ao lado das narrativas referenciais. Deste modo, a narrativa jornalística se torna crível na medida em que é cercada de uma série de técnicas e procedimentos

socialmente validados para a apuração e a verificação dos fatos, ligada à cultura profissional. Essa narrativa se constitui como referencial não apenas porque o referente aparece na representação, mas devido ao referencial pressuposto na instituição jornalística que o respalda.

A partir da perspectiva assumida nessa pesquisa, as dicotomias se desfazem, diluindo a oposição entre realidade e fantasia, referencial e fictício, pois o que temos são narrativas que tecem imaginários sociais. Silva e Soares (2013, p. 116) afirmam que são os estudos sobre narrativa, “um dos principais investimentos para problematizar a hegemonia da referencialidade, com crítica enfática sobre o conceito de objetividade jornalística”. Dessa discussão depreende-se que a narrativa jornalística deve ser entendida como um produto proveniente das rotinas de produção das notícias e das subjetividades do jornalista que, embora tenha um efeito de verdade, constrói um relato permeado de valores, ideais e pontos de vista, a partir de uma série de elementos de narratividade que se mantêm e se modificam ao longo do tempo.

3.1.2 Elementos e Estratégias das Narrativas Jornalísticas

Embora ainda haja certa resistência em reconhecer que o jornalismo não é objetivo, imparcial e neutro, pois está permeado de pontos de vista, valores e subjetividades, já há o reconhecimento de que um de seus objetivos centrais consiste em contar histórias. Acerca disso, Casadei (2013) destaca que existem alguns aspectos que necessitam ser levados em consideração. O primeiro está relacionado ao fato de que as estratégias narrativas utilizadas obedecem a determinados modos padrões de narração que instauram códigos de reconhecimento compartilhados. Enquanto o segundo aspecto refere-se à noção de que os modos padrões de narração não são estáticos, isto é, modificam-se ao longo do tempo, instaurando modificações nos códigos compartilhados de reconhecimento e nas maneiras de contar uma história. Ou seja, os recursos técnicos utilizados para narrar as histórias sofreram modificações a partir de práticas profissionais que se deslocaram e em um campo de valores sujeito a constantes discontinuidades.

Com a pretensão de ser vista como referencial, a narrativa noticiosa articula, em códigos de narração diversos, uma série de estratégias e elementos que associam distintas formas de narrar e de credenciamento perante o real. Conforme Casadei (2013, p. 50), se a narrativa jornalística projeta o leitor para um mundo supostamente real, tentando imprimir a sensação de que existe uma correspondência exata entre a narrativa e o fato, “essa força de sentido se dá por efeito de uma série de procedimentos estilísticos que estão ancorados em

regras culturais de representação”, isto é, em torno de um saber narrar estruturante próprio das formas narrativas historicamente marcadas.

As narrativas jornalísticas estão calcadas em procedimentos e técnicas que se empenham em garantir uma suposta legitimidade em relação ao seu lugar social dentro das atividades simbólicas, como se elas realmente fossem o “espelho da realidade”. Neste processo de construção narrativizada das notícias, os jornalistas utilizam-se de numerosos elementos objetivos e subjetivos, alguns muito próprios das narrativas imaginárias, especialmente relacionadas à literatura. Vogel (2005, p. 1) considera que escrever uma notícia é, nesse caso, “sempre experimentar a linguagem e a tradição literária”, posto que a narrativa noticiosa se mostra um lugar estratégico para acionar os recursos da ficção.

Distintos autores (GANCHO, 2002; CARDOSO, 2001; PINNA, 2006) estabelecem certos elementos como determinantes para a construção das narrativas. De maneira geral, indica-se alguns elementos comuns à diferentes narrativas: a narrativa só é possível a partir de acontecimentos (seu tema e assunto que compõem uma estória), vividos por personagens, em tempos e espaços determinados. Essa estória é contada por um narrador – elemento fundamental à narrativa – que faz a mediação entre esta e o leitor.

Sob essa perspectiva, apresenta-se a seguir os principais elementos, recursos e estratégias recorrentes nas narrativas jornalísticas, que serão analisadas nesta pesquisa a partir da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística e que constituem as narrativas como um todo.

3.1.2.1 Tema, assunto e mensagem da estória

O tema, o assunto e a mensagem tem relação com a estória que é narrada, não se constituem enquanto elementos da narrativa, logo, não participam de uma estrutura da narrativa, mas fazem parte da essência da estória. Isso quer dizer que por trás de toda estória narrada, é possível a identificação de um tema (do que trata a estória), um assunto (o desenvolvimento da narrativa ou a maneira com que o tema é abordado) e uma mensagem (a conclusão ou ensinamento que se encontra ao final da narrativa). Gancho (2002, p. 30, grifos do autor) assim distingue os três termos a fim de esclarecê-los:

Tema é a ideia em torno da qual se desenvolve a história. Pode-se identificá-lo, pois corresponde a um substantivo (ou expressão substantiva) abstrato(a). *Assunto* é a concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo. Pode-se identificá-lo nos fatos da história e corresponde geralmente a um substantivo (ou expressão substantiva) concreto(a). *Mensagem* é um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida ou ouvida.

Os dois primeiros termos são identificados ao longo do enredo e estão estritamente relacionados, uma vez que o assunto é a concretização do tema, sendo este último “um elemento imaterial” ao passo que o primeiro se constituiria como “um elemento material” (CARDOSO, 2001, p. 42). Uma narrativa pode possuir mais de um tema, mas apenas o tema central – que é único – estará relacionado ao assunto, de modo que os restantes se caracterizam como um tema anexo ou secundário.

Do mesmo modo, Pinna (2006) sintetiza a diferença entre os conceitos:

[...] cada estória traz dentro de si um *tema* (ideia principal que direcionou os acontecimentos narrados), um *assunto* (a concretização do tema, como a ideia que norteia a estória aparece desenvolvida no enredo) e uma *mensagem* (pensamento ou conclusão que se poderá depreender da estória ao final da narração). Parece-me correto associar a ideia principal que norteou uma estória (imaterial) ao termo *tema*. Por sua vez, o *assunto*, isto é, como o tema da estória é trabalhado, ganhando forma (material) na narração, é desenvolvido no enredo da estória ao sofrer a ação das personagens. Uma vez concluído este desenvolvimento, uma *mensagem*, coerente à ideia da estória e a sua materialidade, será transmitida. (PINNA, 2006, p. 190, grifos do autor).

No caso do jornalismo esse aspecto é claramente identificável. Na maioria dos casos, as notícias possuem um único tema, geralmente objetivo e pontual. Dependendo do material jornalístico analisado, esse aspecto pode estar visível acima do título da notícia, o que convencionalmente chama-se de chapéu ou retranca³⁷. No que se refere ao assunto, Cardoso (2001) explica que o título da matéria jornalística “deve traduzir sucintamente o conteúdo”, e é, portanto, seu assunto.

Já a mensagem é o que convencionou-se chamar de moral da história, um ensinamento de ordem social, moral, cultural que está sendo transmitido àquele que lê. De acordo com Pinna (2006), embora não seja explicitamente encontrada nas narrativas, estando sempre nas entrelinhas da estória, a mensagem é a informação mais importante da narrativa. Associando esse aspecto ao jornalismo, entende-se que a mensagem a ser construída no interior de uma narrativa tem relação com o caráter pedagógico dos produtos jornalísticos – no sentido de que atuam como um lugar que permite a produção e a circulação de uma série de valores e concepções, relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem somos, o que devemos fazer, de que forma devemos ser vistos, e assim por diante (FISCHER, 2002).

³⁷ Palavra ou expressão curta colocada acima do título de uma matéria, usada para indicar do que trata o texto ou textos que vêm abaixo dela.

3.1.2.2 Enredo ou intriga da estória

Dá-se o nome de enredo ou intriga³⁸ ao conjunto de acontecimentos que se sucedem de modo ordenado em uma estória e dos quais participam as personagens. Cardoso (2001) explica que o enredo é a estória de um determinado evento ou acontecimento (conjunto universo), que é constituído por fatos ou acontecimentos marginais (subconjuntos do conjunto universo) que evoluem ao longo da narrativa. Cada fato é visto como um acontecimento marginal à parte, mas que está integrado aos demais e faz parte do conjunto maior do evento principal, o conjunto universo. O autor (2011, p. 35) exemplifica esse movimento da seguinte forma: a história de um acidente é um acontecimento (conjunto universo) que se dilui em acontecimentos marginais (subconjuntos) “que vão evoluindo desde o começo, quando os carros se chocam num cruzamento, por exemplo, até o final, quando se dá o resultado do que ocorreu”.

Do mesmo modo, Ricoeur (1995) propõe pensar o enredo – ou a tessitura da intriga, como nomeia – enquanto elemento distintivo e estruturante da narrativa, que promove a integração e/ou mediação entre os acontecimentos individuais e uma estória considerada como um todo no plano textual. Neste sentido, a partir de uma sucessão de eventos e ações no tempo, o enredo transforma o acontecimento em estória e extrai de uma sucessão uma configuração.

Acerca da estrutura, um enredo pode ser dividido em três partes principais: introdução, desenvolvimento e conclusão – início, meio e fim da estória narrada. A organização das partes do enredo, assim como dos acontecimentos que o compõem, é determinada pelo conflito – o componente da estória gerador da tensão que faz o enredo prender a atenção daquele que o lê. “Seja entre dois personagens, seja entre o personagem e o ambiente, o conflito possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo” (GANCHO, 2002, p. 10). Trata-se, portanto, de qualquer componente – personagem, fato, ambiente, emoções – que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da estória. É em torno do conflito que os demais elementos do enredo se organizam, o que lhe concede o status de núcleo da narrativa (MOTTA, 2013).

O conflito não atua como núcleo narrativo apenas nas narrativas ditas imaginárias, mas também nas referenciais, como as jornalísticas. No caso destas, as narrativas “são essencialmente apresentações e desdobramentos de conflitos: crimes, rupturas, disputas, transformações inesperadas” (ESSENFELDER, 2017, p. 43). As narrativas jornalísticas são

³⁸ Também pode ser chamado de trama ou ação. Nesta pesquisa, os termos ação, trama, intriga ou enredo são entendidos como sinônimos.

compostas por um evento conflitante em seu núcleo, que apresenta caráter atípico e dramático – como a disputa de uma Copa do Mundo em casa ou uma derrota não esperada. O fato é noticiado quando enfoca o anormal, o crime, a disputa, a ruptura e é em torno desse evento conflitante que outras ações e eventos são provocados e que, conseqüentemente, se estrutura a narrativa jornalística. Ainda de acordo com Essensfelder (2017, p. 45), a noção de conflito está expressa no próprio conceito de notícia, posto que a narrativa noticiosa se move entre esses eixos – de conflito em conflito – e não em linha reta, mas em uma “espiral que percorre várias dimensões narrativas repetidas vezes”.

Em termos de estrutura, o conflito determina as partes do enredo. A introdução, também chamada de exposição ou apresentação, é a parte do enredo que situa o leitor diante da narrativa, sendo apresentadas as personagens, os acontecimentos até o momento em que a estória se inicia e, às vezes, o tempo e o espaço da estória. No jornalismo, a introdução coincide com o início da estória, onde são apresentadas as informações mais importantes, entendidos como os componentes da estória de que trata a notícia e que servirão de fio condutor ao enredo e darão origem ao conflito.

O desenvolvimento ou complicação é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito ou os conflitos, onde a estória toma forma, sendo geralmente a parte mais extensa (GANCHO, 2002). É neste momento que o conflito se movimenta em direção a uma resolução. Pode fazer parte do desenvolvimento, mas também da conclusão, o clímax, que é o momento culminante da estória, o momento de maior tensão, em que o conflito chega ao seu ponto máximo, para em seguida ser solucionado.

Já a conclusão é a parte do enredo que apresenta a solução do conflito, revelando a mensagem ou moral da estória. O desfecho ou desenlace faz parte da conclusão, com a resolução do conflito e a revelação do destino das personagens.

A partir dessa estrutura do enredo, os acontecimentos são estados que se transformam continuamente, seguindo a ordenação definida pelo narrador. Esses acontecimentos podem estar organizados de maneira linear, a partir da sequência temporal em que aconteceram, caracterizando-se como um “enredo de ação”, em que os acontecimentos equivalem a ações das personagens. Esse tipo de enredo equivale ao modo tradicional de narrativa, em que a evolução ocorre na camada de tempo-cronologia, os acontecimentos são narrados na ordem em que ocorreriam, correspondendo o primeiro fato ocorrido ao princípio da estória e o último ao fim da estória.

No entanto, em alguns enredos os acontecimentos podem estar organizados de maneira não-linear. Chamados de “enredos psicológicos”, os acontecimentos dessa estória são

estruturados a partir da mente do narrador ou de uma personagem e, como lembra Pinna (2006, p. 147), nem sempre são evidentes, “uma vez que não correspondem obrigatoriamente a ações concretas das personagens, mas também a movimentos interiores, da psicologia da mesma”, como emoções, lembranças e sentimentos.

3.1.2.3 Tempo, espaço e ambiente da estória

Toda narrativa constrói uma estória que, organizada em um enredo, evolui no tempo e no espaço. Em relação ao primeiro aspecto, entende-se que é na camada temporal que os acontecimentos são organizados, a partir de uma sequência que permita o entendimento daquele que lê. Portanto, falar de tempo em uma narrativa é falar dos diversos tempos que participam da sua estruturação, externamente e internamente.

Cardoso (2001, p. 35) entende que a relação entre o tempo e a narratividade “indica que os eventos são marcados por estados que se transformam sucessivamente”. Os eventos passam de um estado a outro e a narrativa caracteriza-se por apresentar acontecimentos que se sucedem no tempo. Acerca do tempo interno à narrativa, nomeado de tempo fictício, Pellegrini (2003, p. 17) argumenta que toda narrativa é constituída por “uma corrente fluida de fatos linguisticamente elaborados de acordo com a experiência perceptiva de um narrador: a sucessão desses fatos se faz por meio do discurso, que por sua vez é uma sucessão de enunciados postos em sequência”.

O tempo é um elemento basilar da narrativa. Pinna (2006, p. 148) sustenta a relevância do aspecto temporal às narrativas ao afirmar que

A noção de que os estados dos eventos narrados se transformam sucessivamente na camada temporal, em uma sequência de acontecimentos marginais (ou fatos) ordenada por um narrador comprova a importância do tempo para o gênero narrativo. Sem uma ordenação sequencial dos acontecimentos no tempo, o que temos são fatos desconexos.

O tempo pode se relacionar com a narrativa a partir de diversos níveis ou maneiras. Ao entender que a narrativa se constitui como uma sequência de eventos, que comporta como elemento estrutural a representação do tempo, Aguiar e Silva (1994, p. 603) apud Cardoso (2001, p. 38) o divide em tempo-cronologia, “que marca a sucessão dos eventos”, tempo concreto, tempo como durée, “que modela e transforma os agentes”, tempo histórico, “que configura e desfigura os indivíduos e as comunidades sociais” e o tempo como horizonte existencial, físico e metafísico.

Conforme os autores, existem cinco possíveis relações do tempo com a obra narrativa. O tempo histórico é o tempo maior, aquele que engloba todos os acontecimentos narrados, é o pano de fundo do enredo. Já o tempo concreto age sobre os indivíduos que estão fora da narrativa e que se relacionam com ela de alguma maneira – sendo autor, leitor, ouvinte. “É o tempo que atua na criação narrativa e no processo de fruição” (LIMA; PIRES, 2001, p. 5), ou seja, refere-se ao período em que a narrativa foi produzida, o ano em que foi publicada, o momento em que a história foi narrada, o seu tempo de duração (no caso das narrativas audiovisuais) ou o tempo levado para ser lida (como no caso das narrativas jornalísticas impressas). Gancho (2002) alerta para o fato de que o tempo da história nem sempre coincide com o tempo concreto e cita como exemplo o romance “O nome da Rosa” de Umberto Eco, que retrata a Idade Média (tempo histórico), embora tenha sido escrito e publicado em 1980 (tempo concreto).

O tempo como *durée* atua sobre as personagens, apresentando-as e modificando-as. Pinna (2006) explica que esse é o tempo de duração de um fato, acontecimento marginal ou cena, tal como uma versão do tempo concreto interna à narrativa.

Se uma personagem ocupa dez minutos de uma cena lendo uma carta, o tempo como *durée* da ação da personagem é de dez minutos. Ainda que a cena seja exibida para o espectador em um único minuto (tempo concreto da cena), um relógio no cenário pode transmitir a informação de que se passaram dez minutos na história, pela simples mudança de posição de seus ponteiros. (PINNA, 2006, p. 150).

O tempo-cronologia ou tempo cronológico é o tempo interno da narrativa que “transcorre na ordem natural dos fatos do enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem em que os fatos ocorreram)” (GANCHO, 2002, p. 21). Isso quer dizer que os acontecimentos se sucedem uns aos outros no enredo, respeitando a mesma ordem que ocorreriam naturalmente, e chama-se cronológico, porque é mensurável em horas, dias, meses, anos. Se uma narrativa conta a história de um dia na vida de determinada personagem, os acontecimentos serão narrados na ordem natural em que acontecem, ordenados pela passagem das horas daquele dia – é iniciada no período da manhã, quando a personagem acorda, e estende-se até à noite, ou o momento em que a personagem vai dormir.

No caso do tempo psicológico trata-se de um “tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos” (GANCHO, 2002, p. 21). É um enredo não-linear, em que os acontecimentos estão fora da ordem natural e que não segue uma coerência cronológica, mas a vontade do narrador ou das personagens. Gancho (2002) cita que uma das características

destas narrativas é o emprego de flashbacks como recurso a serviço do tempo psicológico, posto que permite uma volta ao tempo.

Especificamente no que se refere às narrativas jornalísticas, o tempo passa a ser o tempo interno da narrativa, conforme as estratégias utilizadas pelo narrador. Embora o jornalismo focalize os acontecimentos factuais, do presente, ele organiza sua narrativa na relação com o passado e o futuro, de maneira difusa, ao configurar a “realidade” em uma composição de fatos que sejam compreensíveis ao leitor.

Motta (2013, p. 96) afirma que o tempo na narrativa jornalística “é difuso, anárquico, invertido”, muitas vezes não segue uma cronologia linear, pois costuma apresentar-se invertida: frequentemente, a estória começa pelo final, quando o incidente é reportado, e só depois as causas e antecedentes são apresentados.

As notícias quase sempre começam pelo final da estória, quando um fato surpreendente vem à tona *in media res*, outros fatos relacionados pipocam difusamente sem ordem aparente, sem começo nem final claros. Para encontrar a lógica narrativa nas hard news, o primeiro procedimento é tornar o difuso tempo jornalístico um tempo narrativo ordenado, a fim de que as confusas informações sobre um episódio se revelem então como uma síntese, uma estória cronológica dramática. Portanto, é preciso reordenar inicialmente a difusa cronologia jornalística porque ela não obedece à mesma ordem lógica de um conto ou filme (comandados por narradores oniscientes, onipotentes, direcionados para um desenlace). (MOTTA, 2013, p. 97, grifos do autor).

Por isso, o autor defende a necessidade de reordenar temporalmente a estória, a fim de configurar a cronologia do enredo que pode apresentar-se invertida no jornalismo. Neste sentido, para a análise da narrativa jornalística deve-se recompor a serialidade, no sentido de reorganizar o tempo narrativo “no relato difuso e confuso do jornalismo, que não produz uma definição dos limites de cada estória” (MOTTA, 2013, p. 97).

Se o tempo é um elemento estruturante para contar uma estória, o espaço é o elemento fundamental que permite mostrá-la. Pinna (2006) evidencia que se torna cada vez mais difícil dissociar tempo e espaço, posto que o primeiro se apresenta enquanto elemento invisível, enquanto o segundo apresenta-se como visível, por isso é comum perceber em uma narrativa os eventos que envolvem o espaço e não o tempo.

Ao assistirmos um vaso de flores precipitando-se de uma janela em direção ao chão, veremos a janela, o vaso, a trajetória, o chão e todo o entorno antes de termos consciência do tempo transcorrido na ação. O tempo (invisível) é preenchido pelo espaço (visível) e por tudo aquilo que nele estiver presente. Em uma narrativa, tempo e espaço são mutuamente permeáveis e indissociáveis. (PINNA, 2006, p. 152).

Nas narrativas, o espaço é entendido como o lugar onde se passa a ação e assume como funções principais situar as ações das personagens e estabelecer entre eles uma interação, ou influenciando suas atitudes e emoções, ou sofrendo eventuais mudanças provocadas pelas personagens (GANCHO, 2002, p. 23).

Esse termo – espaço – só dá conta do lugar físico em que ocorrem os fatos da história, enquanto o ambiente designa um espaço carregado de características socioeconômicas, psicológicas, morais. O ambiente assume como funções situar as personagens no tempo, no espaço, no grupo social, de modo que a caracterização do ambiente pode refletir determinadas características da personalidade das personagens ou dos acontecimentos das histórias; estar em conflito com as personagens, em que o ambiente se opõe aos personagens estabelecendo com eles um conflito; e fornecer índices para o andamento do enredo (GANCHO, 2002).

A autora entende que o ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é o encontro destes dois referenciais, acrescido de um clima. O clima é conceituado por ela como o conjunto de determinantes que cercam as personagens, que poderiam ser resumidas às condições socioeconômicas, morais, religiosas e psicológicas. Nota-se uma semelhança entre o conjunto de determinantes que compõem o clima e as características que, acrescidas ao espaço, formam o ambiente, o que não é ocasional.

O ambiente não é exatamente um elemento estruturante essencial para a narrativa, mas sim um elemento de apoio, resultante da mútua permeabilidade de tempo e espaço, uma vez que a configuração (física) do espaço e o contexto histórico (tempo histórico, somado muitas vezes ao tempo-cronologia ou ao tempo psicológico) são indissociáveis. (PINNA, 2006, p. 154).

No caso específico do jornalismo, o compromisso com a factualidade e a datação conferem um amplo uso dos dêiticos espaço-temporais que demarcam o tempo e o lugar da enunciação e da narrativa.

3.1.2.4 Narrador e foco narrativo

O narrador é o sujeito enunciativo da voz narrativa³⁹ (MOTTA, 2013) e caracteriza-se como um elemento interno que conta a história, “apresentando e explicando os fatos que se

³⁹ Entendendo o conceito de voz narrativa a partir de Ricoeur (1995), Motta (2013, p. 213-214) a define como “aquela que se dirige ao leitor (ouvinte ou espectador) apresentando-lhe o mundo. Para incorporar a questão das vozes à composição narrativa, prossegue o autor, é necessário vinculá-la às categorias do narrador e da personagem: o mundo contado é o mundo da personagem, contado pelo narrador, ambos seres capazes de expressar seus sentimentos e ações”. Com isso, a enunciação se torna o discurso do narrador, enquanto o enunciado se torna o discurso da personagem.

sucedem no tempo e introduzindo personagens” (CARDOSO, 2001, p. 36). Assim como as personagens e os demais elementos que compõem uma narrativa, o narrador também é fictício, uma criação linguística do autor.

Desta forma, há uma diferença entre autor e narrador. O autor é o escritor, um indivíduo de carne e osso, real e empírico, que está fora da estória, que existe no não-texto. Por outro lado, o narrador, aparente ou não, é uma realização textual, uma invenção do autor real, é o enunciador interno da narração, aquele que conta a estória. Segundo Motta (2013), o narrador seria um produto da criatividade ficcional, mesmo que o autor projete sobre ele seus próprios valores e ideologias. Assim, “o narrador teria uma funcionalidade fundamentalmente discursiva, trans-histórica, enquanto o autor seria um ser mais restrito, historicamente situado” (MOTTA, 2013, p. 216). Entretanto, Motta lembra que embora essa distinção seja sugestiva, ela não se coaduna com muitas narrativas contemporâneas, como as jornalísticas. Diz ele: “muitos narradores não se resumem a puras *figuras de papel*, são sujeitos reais ativos que interferem diretamente na configuração da estória” (2013, p. 217, grifos do autor). Nessas narrativas, o autor se projeta fortemente sobre o narrador “embaçando a relação autor-real x autor-narrador e estabelecem relações com destinatários ativos” (MOTTA, 2013, p. 217).

No jornalismo, em que a prática profissional está orientada à uma postura imparcial de quem narra em relação à estória, abordar a existência de um narrador é importante para “amenizar alguns pontos mais nebulosos da profissão, designadamente, as questões que se prendem com a busca incessante da verdade” (ARAÚJO, 2012, p. 11). Isso porque, muitas vezes, a presença de um narrador-jornalista é apagada na narrativa. Resende (2006) sustenta que o mito da objetividade faz com que o trabalho jornalístico dê proeminência aos fatos e apague, continuamente, a figura do jornalista, que é visto, muitas vezes, como mero mediador dos fatos. Neste sentido, entender a presença de um narrador-jornalista permite uma compreensão mais ampla acerca da práxis jornalística enquanto resultado do olhar e da subjetividade de um indivíduo sobre determinado fato.

O olhar do jornalista (autor empírico, sujeito da enunciação e responsável pela criação do narrador) estará sempre condicionado por determinados mapas de sentido, formados tanto pelo seu background cultural, como por um conjunto de outras questões socioprofissionais, que poderão limitar esse mesmo olhar – ou, em outras palavras, a sua interpretação. Desse modo, a aplicação do conceito de narrador, enquanto sujeito do enunciado, – isto é, gestor textual das ações, tempos, espaços e personagens –, ao jornalismo, pode livrar-nos do perigo da estória única e alertar-nos, ao mesmo tempo, para a existência de várias verdades em uma mesma realidade. (ARAÚJO, 2012, p. 11).

Portanto, como não existe narrativa sem narrador, uma vez que é o elemento estruturador da estória, ele possui uma função basilar nas narrativas: a de definir o foco narrativo da estória, a partir do seu ponto de vista.

Ancorando-se na proposta de Genette (1998), Motta (2013) evidencia que há pelo menos três narradores (ou vozes) sobrepostos na narrativa jornalística: 1) o veículo (jornal impresso, revista, telejornal, jornal online); 2) o jornalista (repórteres, editores, ilustradores, apresentadores, diagramadores); e 3) a personagem (vozes que se manifestam nos textos jornalísticos, geralmente em confronto uma com a outra). O autor assim sintetiza a presença e a relação dos três narradores na comunicação jornalística:

A narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiro pelo meio de comunicação que a veicula: o jornal, a emissora ou o portal, cada qual com suas singularidades técnicas, seu *ethos*, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Ela é mediada, em segundo lugar, por um corpo de profissionais corporativos: jornalistas, diagramadores, fotógrafos, cinegrafistas, editores, ilustradores, webmasters, etc., que hierarquizam a apresentação dos fatos, enquadram e posicionam os protagonistas na estória de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais. Além desses interesses, o texto jornalístico está permeado de falas diretas ou indiretas das inúmeras personagens testemunhas, que também se digladiam no relato, trazendo para o dramatismo da estória a ótica de seus próprios pontos de vista sobre os incidentes que presenciaram ou participaram. Veículos, profissionais, indivíduos e grupos sociais estão assim em contínua ‘negociação’ política e simbólica. (MOTTA, 2013, p. 220).

A partir desta perspectiva, o autor caracteriza a narrativa jornalística como plurivocal, já que nela se manifestam vozes e interesses contraditórios que se sobrepõem em cada texto. Objetivando obter maior visibilidade e fazer prevalecer seus pontos de vista, esses atores desenvolvem um jogo de concessões e vantagens, a partir de uma contínua e invisível troca de poderes. “Cada ator tenta prevalecer seus interesses, avança ou retrocede, dependendo de seu capital político e da correlação de forças”, como um jogo em que “cada um exerce sua força na disputa pelo poder de dizer e fazer crer”, em um movimento diário e ininterrupto de construção da “verdade” (MOTTA, 2013, p. 220).

Além de plurivocal, a narrativa jornalística também é definida como intertextual, visto que nela se manifestam vozes que revelam a presença de uma série de narradores atuando simultaneamente na construção das estórias; como polissêmica, porque cada matéria jornalística apresenta uma multiplicidade de vozes e interesses que possibilita uma pluralidade de interpretações; e, finalmente, como polifônica, pois várias estórias se entrecem em uma única notícia ou sequência noticiosa sobre determinado tema, “revelando inúmeros pontos de

vista e visões de mundo decorrentes dos diversos interesses que nela interferem e das sutis negociações que têm curso em sua produção” (MOTTA, 2013, p. 222).

No jornalismo, os narradores são sempre pessoas ou instituições vivas e ativas, em que os três níveis de domínio de voz se manifestam a partir de uma escala de subordinação explícita – hierarquia de fora para dentro do nível diegético⁴⁰. Ainda segundo Motta (2013), o primeiro narrador, que é o veículo, detém maior poder de voz e subordina o narrador-jornalista que, por sua vez, detém mais poder e subordina as personagens da estória. Com isso, afirma que o texto jornalístico é produto de uma permanente e sutil negociação entre esses três narradores, em que cada um deles detém certo capital, nela interferindo com diferentes pesos e dimensões. No entanto,

A negociação nem sempre ocorre em um jogo explícito de forças colocadas *sobre a mesa* por esses atores. Realiza-se mais frequentemente por meio de sutis jogos de interesses, avaliações e reavaliações que ocorrem sucessivamente, como um poder que *está em toda parte e em parte alguma*. [...] Embora sutis, as negociações são acirradas porque implicam o poder de reter a voz e dominar a visão hegemônica em cada relato que se torna público. (MOTTA, 2013, p. 223-224, grifos do autor).

Em outras palavras, na produção da narrativa jornalística, esses três narradores (veículo, jornalista e personagem) vivem uma relação conflituosa em uma disputa pelo poder simbólico que permeará a configuração final da estória publicada.

O primeiro-narrador, o veículo jornalístico, apresenta mais poder que os demais, em virtude de sua condição de compor e configurar os quadros dramáticos das narrativas, que se materializam em textos nas páginas impressas. A performance narrativa deste narrador se realiza com o objetivo de atrair a audiência, de vender a estória narrada a partir de uma apresentação sedutora dos conflitos, tensões e contradições. Motta (2013, p. 228) salienta que o poder do primeiro narrador “provém da sua competência institucional e monopólio comercial de poder dizer, tornar públicas informações supostamente necessárias ao funcionamento da sociedade”, isto é, decorre de um poder legitimado socialmente para dizer, contar, revelar.

O segundo-narrador, o jornalista, atua dentro da estória e é a voz que enuncia propriamente a narração, ele organiza e costura o enredo, ordena as ações, conflitos e personagens. É subordinado ao primeiro-narrador e sua performance narrativa consiste em “tecer os fios da estória de acordo com a sua interpretação dos papéis e das posições das personagens em conflito” (MOTTA, 2013, p. 229). O poder deste narrador decorre da sua

⁴⁰ A diegese “corresponde ao universo virtual possível evocado pela narrativa na mente de quem conta ou escuta uma estória: o universo espaço-temporal no qual se desenrolam os acontecimentos da estória” (MOTTA, 2013, p. 217). O que está fora da estória é extradiegético e o que está dentro é intradieético.

capacidade de selecionar e posicionar os atores e transformá-los em personagens: “ele inclui, exclui, destaca, hierarquiza segundo seus valores pessoais, profissionais e os interesses do jornal ao qual está subordinado, que ele assimila como uma cultura profissional, e de acordo ainda com a sua *negociação* com as fontes” (2013, p. 229, grifos do autor).

Algumas vezes, o narrador-jornalista assume a postura de mero enunciador, optando pela focalização externa e contando as histórias em *telling*, aspectos comuns na escrita cotidiana e fragmentária das notícias. Outras vezes, o narrador-jornalista compartilha suas impressões, opta pela focalização interna e pela narração em *showing*, aspectos comuns no caso das reportagens, que são textos mais densos e aprofundados. Essa diferença está relacionada à distinção entre o narrador na terceira pessoa ou narrador observador – aquele cuja função se restringe à interpretação dos fatos; e o narrador na primeira pessoa ou narrador personagem – aquele que exerce uma função de ação.

Por fim, o terceiro-narrador, a personagem, também intradieético, é a fonte do texto jornalístico, são as vozes dos atores sociais ouvidos como fontes, que se manifestam como personagens no interior das narrativas jornalísticas. Este narrador está hierarquicamente submetido aos interesses dos outros dois narradores, os jornais e os jornalistas. Entretanto, Motta (2013) lembra que essa submissão é relativa.

Trazidos pelo narrador-jornalista para o interior da intriga, da situação de fontes originais para personagens da intriga, esses atores sociais passam muitas vezes a narrar como testemunhas, ganham *status* de personagens e voz ativa na história, transformando-se, em última instância, também em narradores. Seus relatos ficam embutidos na narrativa maior. [...] O discurso deste narrador terciário poderá ter maior ou menor autonomia em relação aos outros dois que hierarquicamente o precedem, dependendo do jogo de poder em cada circunstância comunicativa. (MOTTA, 2013, p. 230).

A partir desta divisão, o autor entende que é possível ao analista das narrativas jornalísticas não apenas compreender o estatuto funcional de cada um dos narradores, mas observar empiricamente a presença ou ausência de vozes, relações de poder, negociações que se revelam nas histórias narradas⁴¹.

⁴¹ Motta (2013, p. 233) propõe uma combinação de análise quantitativa com a interpretação qualitativa de categorias narrativas para detectar a presença dos narradores e suas vozes. Para a análise da narrativa de determinado tema em um jornal impresso, o autor considera o espaço das manchetes, chamadas, fotos e ilustrações da capa como vozes do primeiro-narrador (o veículo), assim como títulos e chapéus nas páginas internas. No corpo do texto da notícia, são identificadas e mensuradas as vozes do segundo-narrador (o jornalista) e, da mesma forma, é mensurada a presença do terceiro-narrador (a personagem), tanto nas citações (com ou sem aspas) quando nos momentos do texto em que elas assumem a voz da ação descrita.

3.1.2.5 As personagens da estória

As personagens são elementos constituintes da estrutura das narrativas e partes fundamentais para o desenvolvimento destas. Cardoso (2001, p. 42) explica que são elementos ativos de uma narrativa, que possuem características específicas e atuam em um certo tempo e espaço, agindo de determinada maneira e por alguma razão, ou seja, são os agentes que permitem o desenvolvimento do enredo da estória.

Ao pensar nesse elemento como pertencente à narrativa jornalística, destaca-se que sua pertinência se mantém, uma vez que “muitos eixos semânticos, associados à sua construção, poderão criar imagens, favoráveis e disfóricas, desses mesmos atores, limitando a percepção do público a pontos de vista truncados e únicos” (ARAÚJO, 2012, p. 12). Entretanto, diferente do que ocorre em outras narrativas, a jornalística apresenta como personagens pessoas ou coisas vindas do real. Se a exatidão é irrelevante do ponto de vista do criador literário, ou existe uma certa irresponsabilidade criativa do escritor, como afirma Mesquita (2003, p. 138), o mesmo não ocorre com o jornalista, “cuja atividade se organiza em função daquilo a que poderíamos chamar dever referencial”.

Desta forma, a personagem jornalística não é “inventada”, como nas narrativas literárias, mas construída como referente a uma pessoa. Quando o jornalista cria e publica o perfil ou a biografia de Pelé, o homem perfilado ou biografado não é o Pelé de carne e osso, mas sua representação, o homem transformado em personagem. Contudo, é comum ao leitor confundir a pessoa real com a personagem, até porque a maioria dos leitores sequer viu ou manteve contato pessoal com o ex-jogador, o que causa certa confusão, já que o personagem tem referência no real. Desse modo, deve-se compreender que a personagem jornalística só existe no papel, enquanto figura ou agente do discurso, e que não pode ser confundida com a pessoa que lhe deu origem.

Assim, a personagem jornalística não resulta de uma criação ficcional e arbitrária do narrador, porque tem um referente real e há uma responsabilidade do jornalista quando se refere a ela.

Poderia dizer-se, *mutatis mutandis*, que a personagem jornalística, precisamente por não resultar de um mero trabalho de ‘cópia’ ou ‘reflexo’ da pessoa existente, mas da criatividade do jornalista, que lhe dá unidade, coerência interna e forma final, apela para o sentido de responsabilidade profissional. [...] Por isso mesmo, a concepção da personagem, enquanto resultante da pesquisa e da criatividade do jornalista, não conduz a postular o direito do jornalista ao arbítrio. Pelo contrário, vincula-o a uma noção de responsabilidade que se traduz em deveres de exatidão, autonomia, autenticidade, subjetivação e contenção. (MESQUITA, 2003, p. 140, grifos do autor).

O autor esclarece que a exatidão deve ser assegurada a partir da crítica dos documentos e do confronto do relato das fontes; a autonomia é estabelecida diante das informações repassadas por assessores que se dedicam a construir uma imagem positiva de seus assessorados; a autenticidade refere-se à recriação do vivido que passa pelo reconhecimento do componente criativo na construção das personagens; a subjetivação depreende a apresentação da personagem como uma construção e não como uma ilusão referencial; e, finalmente, a contenção passa por reconhecer que a verdade biográfica não é acessível, guardando-se de juízos definitivos.

Do mesmo modo, Motta (2005b, p. 8) declara que

Tal como o cidadão comum ordena os dados de seu curriculum vitae de acordo com seus objetivos, o jornalista possui igualmente liberdade ao modelar o ‘retrato’ que constrói de uma pessoa pública. O perfil ou ‘retrato’ jornalístico envolve uma dimensão de pesquisa e inquérito, mas não é mera reprodução ou reflexo do ‘real’, é uma construção que mobiliza a subjetividade do repórter. O seu papel não se limita a ‘descrever’ pessoas que existem na vida real. A subjetivação pressupõe que se apresente a personagem como uma interpretação e uma construção e não como uma ilusão referencial, destinada a abolir a consciência da mediação jornalística.

Portanto, a partir das reflexões de Motta e Mesquita, entende-se que o jornalista deve respeitar os dados referenciais, embora também ocorra, assim como na narrativa romancista, uma construção do autor, na medida em que possui autonomia na escolha dos elementos propostos pelo real e na respectiva construção textual sobre a personagem.

Uma diversidade de autores propõe classificações distintas para as personagens da estória. De acordo com o papel desempenhado no enredo, Gancho (2002) divide as personagens em protagonistas, antagonistas e adjuvantes. O protagonista é a personagem principal da estória, que ganha o primeiro plano na narrativa. “É aquele em torno de quem os fatos se desenrolam, o que centraliza a ação; os outros personagens estarão de uma ou de outra forma em função dele, pensam nele e agem para e por causa dele” (CARDOSO, 2001, p. 42). Por centralizar a ação da estória, o protagonista é a personagem mais elaborada, sendo geralmente caracterizada com grande riqueza de detalhes.

Os protagonistas podem ser classificados ainda como heróis e anti-heróis. O herói⁴² é o protagonista que possui “características superiores às de seu grupo” (GANCHO, 2002, p. 14),

⁴² Campbell (2007) propõe que a história do herói geralmente é contada a partir de um roteiro pré-estabelecido. O autor propõe que o ciclo do herói é constituído por três etapas: na primeira o candidato à herói se separa do seu local de origem, lançando-se ao desconhecido; na segunda etapa ele vivencia incontáveis desafios e situações extremas que ao serem superadas tornam-se responsáveis por um rito de iniciação para transformá-lo em herói; a partir disso, na terceira etapa, o indivíduo retorna para o seu povo, trazendo-lhes a possibilidade de compartilhar as glórias alcançadas.

sendo suporte para a apresentação de características que são valorizadas positivamente no contexto sociocultural em que a estória da qual participa se encontra inserida. Umberto Eco (1998) defende que é característico da sociedade contemporânea procurar por mitos na produção dos meios de comunicação, porque as pessoas ainda precisam de referências e de heróis para se identificarem, seguirem seu exemplo e se sentirem menos desamparadas. Especificamente no que se refere ao esporte, Helal (1998) relata que esse fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de heróis, em virtude do processo de identificação, posto que esses esportistas representam determinada comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos que seriam intransponíveis.

Já o anti-herói, também chamado de falso herói ou herói popular, é o protagonista da ação que apresenta “características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto” (GANCHO, 2002, p. 14). Pinna (2006, p. 184) explica que o anti-herói é uma personagem suporte para a exemplificação de qualidades valorizadas no contexto em que a estória da qual participa se encontra inserida, “seja por obtê-las ao longo da narrativa” (quando ele “evolui”, adquirindo um conhecimento, uma virtude, muitas vezes tornando-se um verdadeiro herói) “ou simplesmente pela falta que as mesmas fazem – neste caso, normalmente o anti-herói é uma caricatura”. Neste último caso, a elaboração da personagem serve para fazer uma crítica social ou uma sátira.

Herói ou anti-herói, o protagonista “depara-se com inúmeras forças que tentam impedi-lo de atingir o objetivo; essas forças traduzem-se na figura do antagonista, que não é necessariamente o pior, mas é o que causa ou intensifica a oposição ao protagonista” (CARDOSO, 2001, p. 42). Desta forma, o antagonista é a personagem que se opõe ao protagonista, “seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista” (GANCHO, 2002, p. 15). Pode ser uma pessoa, um grupo, o destino, o ambiente, uma instituição ou qualquer elemento personificado ou personificável, é o principal componente da estória a gerar o conflito que impulsiona o enredo em direção a sua conclusão.

O vilão é o antagonista que apresenta na estória má índole ou comportamento vil (PINNA, 2006). Nas narrativas jornalísticas estes são substanciais, condensam parte da carga dramática conferida às estórias esportivas, especialmente às derrotas. Carregado de valores considerados ilegítimos, o vilão passa a causar estranhamento e rejeição, sentimentos negativos potencializados pelos discursos jornalísticos melodramáticos. Dentro ou fora das quatro linhas, todos os atos e atitudes do vilão são “interpretados sob a luz de uma enorme intolerância com a perda da partida e, por isso, seus mínimos deslizes correrão o risco de se transformarem em

erros fatais e, até mesmo, irremissíveis”, pois serão compreendidos como a causa do fracasso (COSTA, 2008, p. 12).

A última classificação de personagens é o adjuvante, também conhecido como secundário ou coadjuvante. Esses personagens são “menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo” (GANCHO, 2002, p. 16). Eles formam a visão ampla, de conjunto da estória, e ajudam a integrar as principais personagens e os acontecimentos. Segundo Pinna (2006, p. 188), os adjuvantes estão associados “às ações do protagonista ou do antagonista com quem contracenam, podendo ser individualizadas ou não”. É comum que desempenhem no enredo o papel de auxiliares do herói ou de um vilão, “como interlocutores dos mesmos ou ainda apresentando características e funções que sejam complementares às dessas personagens” (ibidem).

Independentemente da classificação das personagens na estória, é importante entender que é por meio delas que a estória adquire materialidade e significado. Além disso, Pinna (2006, p. 191) destaca que da mesma maneira que a estória narrada, as personagens também transmitem mensagens aos leitores: “mensagens a respeito de si e do papel que exerce na narrativa, o que pensam, o que sentem, como agem diante de determinada situação, do que gostam, quais são os seus valores e as suas motivações”.

Todos esses elementos, estruturantes ou não, podem fazer parte das narrativas, embora nas jornalísticas algumas destas características são intensificadas ou modificadas, como já evidenciado. Após entender a intersecção entre a narrativa e o jornalismo, seguido das especificidades da narrativa jornalística, abre-se caminho para as narrativas jornalísticas do esporte, notadamente aquelas destinadas a narrar a derrota.

4 A RELEVÂNCIA CULTURAL DO FUTEBOL NO BRASIL E AS SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA

O futebol é visto como uma das manifestações mais importantes da cultura brasileira contemporânea, sendo parte integrante e simbólica das suas manifestações culturais (GASTALDO, 2002). Como fenômeno que apresenta um expressivo grau de significância e prestígio, o futebol tornou-se um elemento símbolo da identidade nacional⁴³, de modo que as narrativas construídas acerca da temática se constituem enquanto formas de construir discursivamente a identidade do Brasil e do brasileiro, especialmente em momentos específicos como as Copas do Mundo. Guedes (1998, p. 41) sustenta que qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva a partir das vitórias, entretanto, “apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas”.

Baseado nestas considerações, este capítulo teórico apresenta reflexões acerca dos aspectos que relacionam o futebol e sua condição de manifestação cultural e identitária brasileira. Neste tópico também se aborda as significações da derrota em um contexto social mais amplo e, especificamente, no âmbito futebolístico, a fim de identificar os sentidos a ela associados nas narrativas jornalísticas.

4.1 A SIGNIFICÂNCIA CULTURAL DO FUTEBOL NO BRASIL

Ao longo do século XX, o futebol tornou-se uma das mais significantes manifestações da cultura brasileira, que expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que faça isso à sua maneira, com instrumentos próprios. Por canalizar com eficácia “as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão envolvente e adesão tão intensa que claramente se destaca de qualquer outra manifestação contemporânea” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 394). Essa cultura possui como característica o que Burke (2005) nomeia de conjunto dramático⁴⁴, que atua dentro de um repertório específico de ações e se aproxima da ideia de drama social no futebol.

⁴³ As identidades são um dever, estão sempre por acontecer, aguardam sempre por serem performatizadas, reiteradas e/ou subvertidas, são fluídas e em constante desdobramento de efeitos. A identidade nacional é compreendida por Ortiz (2012) como uma entidade abstrata que não pode ser apreendida em sua essência, posto que não é fixa. “Ela não se situa junto à concretude do presente, mas se desvenda enquanto virtualidade, isto é, como projeto que se vincula às formas sociais que a sustentam” (ORTIZ, 2012, p. 138).

⁴⁴ Burke (2005, p. 53) observa que as perturbações na vida social passam por uma sequência mais ou menos regular, dividida em quatro fases: ruptura de relações sociais normais, crise, tentativa de uma ação de reparação e, finalmente, reintegração, ou, alternativamente, reconhecimento do “cisma”. Brinati (2016) complementa afirmando que os fatores que fazem parte das disputas de futebol influenciariam e envolveriam os torcedores, como uma “teia de significados”.

DaMatta (1982) parte de uma compreensão do futebol enquanto instrumento para uma série de dramatizações da sociedade brasileira. O autor se propõe a estudar o futebol junto com a sociedade, e não em contraste com ela, posto que, na medida em que interpreta o futebol brasileiro a partir de uma perspectiva sociológica, aumentam-se as possibilidades de, concomitantemente, compreender a sociedade brasileira.

A dramatização, diz DaMatta (1982, p. 21), é entendida como um ingrediente básico do processo de ritualização⁴⁵, de modo que “sem drama não há rito e que o traço distintivo do dramatizar é chamar atenção para relações, valores ou ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que formam o conjunto da vida diária”. Ao investigar o futebol como um drama, o autor objetiva analisá-lo como modo através do qual a sociedade se deixa “ler” por seus membros. Isso quer dizer que “o rito (e o drama) seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria” (DAMATTA, 1982, p. 21). Desse modo, o futebol se constitui como um modo “pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (ibidem).

Partindo da mesma perspectiva, Toledo (2002) considera o futebol como o único esporte que no Brasil transcende os limites espaciais e temporais do ritual esportivo, uma vez que as partidas se transformam em um “fato da sociedade” que estabelece um elo entre as dimensões do ritual e da vida cotidiana, entre o representado e o vivido. Isso significa que o entendimento acerca do futebol não se restringe ao campo esportivo, mas estende-se à sua compreensão enquanto fenômeno cultural e simbólico.

No caso do Brasil, “ocorre todo um processo de apropriação e ressignificação, atribuindo-se ao jogo uma série de características, com a incorporação de uma bagagem cultural supostamente brasileira” (MARCZAL, 2011, p. 18). Progressivamente, o futebol passa a integrar a vida e a rotina das pessoas e epítetos como “país do futebol”, “paixão nacional” e “celeiro de craques” exemplificam a construção constitutiva do futebol como manifestação cultural nacional. Deste modo, o futebol no Brasil passa a ser reinterpretado “segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-os de significados que ultrapassariam as estritas linhas do campo do jogo” (GASTALDO, 2005, p. 149).

⁴⁵ Vogel (1982, p. 78) explica que os rituais ou processos de simbolização “recombinam os elementos do cotidiano, conferindo-lhes, pelo processo de deslocamento, um efeito de focalização. Graças a ele, a sociedade faz uma representação de si para si mesma. E, por esse motivo, o rito proporciona um momento privilegiado para a compreensão da gramática que articula o universo social”. O autor complementa que os ritos são “afirmações sobre posições na estrutura social; são afirmações a respeito de status”. Isso faz deles “elementos de grande importância na estratégia de conformação das identidades sociais. Em resumo, ritos são dispositivos para traçar ou estabelecer fronteiras dentro de uma sociedade” (VOGEL, 1982, p. 78).

Essa percepção do futebol enquanto elemento pertencente à cultura brasileira é uma construção discursiva, incorporada e reproduzida nacionalmente. Sobre isso, Marczal (2011) argumenta que:

A percepção do futebol, de sua representação enquanto um elemento tradicional integrante a uma perspectiva de cultura brasileira relaciona-se ao gradativo processo de atribuição de novos sentidos ao qual foi submetido o conjunto simbólico estabelecido em seu entorno. Deste modo, o futebol passou a ser visto como integrante à própria cultura brasileira, de uma suposta 'identidade nacional'. O jogo de feições, regras e expressões estrangeiras sofreu progressiva transformação e adquiriu uma nova roupagem, ganhando, assim o apoio e simpatia populares até tornar-se um elemento integrante às práticas culturais já tidas como tipicamente brasileiras. (p. 18-19).

De acordo com Guterman (2004), entre os estudos que se debruçam sobre os efeitos do futebol na sociedade brasileira e seus desdobramentos institucionais, há um ponto comum: o de que o futebol, por todos seus significados, atua como um elemento importante de aproximação em uma dada sociedade. Em momentos específicos, como as Copas do Mundo, essa característica “é robustecida pelo caráter nacionalista e patriótico” (GUTERMAN, 2004, p. 268), pois esse megaevento esportivo se constitui, no caso brasileiro, em um verdadeiro ritual nacional, ocasião “em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional” (GUEDES, 2002, p. 1).

Helal (1997) sustenta que o futebol é um significativo instrumento de integração social, que permite que a sociedade brasileira experimente um sentido singular de totalidade e unidade. Segundo o autor (1997, p. 5), o futebol pode ser entendido “como uma forma cultural que promove a integração do país, fazendo com que a sociedade encontre um sentido de totalidade raramente encontrado em outras esferas da vida social”. Esses aspectos são ainda mais aparentes quando a seleção brasileira entra em campo, momento em que termos abstratos como “país” e “povo” são experimentados como “algo visível, concreto, determinado” (DAMATTA, 1982, p. 34).

O futebol funciona, então, como uma representação de contato e de aglutinador da nação. Brinati (2016, p. 23-24) comenta que

Essa encenação parece traduzir investimentos ideológicos correspondentes não apenas a posições de classe e de etnia, mas também à situação do país como um todo. Uma forma de ajustar, essencializar a identidade nacional por meio do jogo. Representações de um povo brasileiro que seriam construídas dentro desse campo de conflitos simbólicos. Esta experiência de identificação de uma estética singular do futebol amplia-se na emulação entre os Estados-nação durante as Copas do Mundo, pois estas funcionam como terreno propício para ampliar e homogeneizar identidades para ‘dentro’ e ‘fora’.

Acerca dessa discussão, é necessário aclarar que as culturas nacionais são constituídas por símbolos, representações e figuras discursivas; são discursos – “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2003, p. 50). Deste modo, as identidades são construídas a partir de negociações de posições no centro das representações, através da cultura. As identidades nacionais não nascem com os indivíduos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

Assim como outras manifestações, o futebol ajuda a fortalecer um sentimento de nacionalidade, se constitui como um meio que imprime sentimentos nacionalistas por intermédio da identificação dos indivíduos com a nação simbolizada pelo time em campo (BRINATI, 2016). A partir do jogo, na proliferação das narrativas, distintas dimensões identitárias são disputadas, negociadas e construídas. O futebol é apresentado como uma espécie de “reduto” do nacionalismo moderno, especialmente através da possibilidade de reificação da nação em um time, sintetizando os caminhos para o processo de identificação, tornando-se o esporte mais praticado e assistido na modernidade, transformando-se também “no grande palco das nações” (GUEDES, 2002, p. 4).

Em virtude disso, o futebol é visualizado como agregador da representação acerca do ser brasileiro, o que lhe confere um caráter identitário.

Se há uma identidade futebolística nacional, ela pode ser observada quando a seleção brasileira entra em campo. [...] Cria-se uma grande expectativa para que os brasileiros joguem o estilo que se convencionou chamar de futebol-arte que se opõe ao futebol-força, praticado pelos europeus. Não basta ao jogador brasileiro jogar futebol, é preciso praticá-lo de uma determinada forma, capaz de identificá-lo a partir de algumas características particulares que compõe o seu estilo de jogar. A construção desse estilo de jogo e sua reprodução foi uma forma de consolidar a nossa identidade, pois é por meio desse estilo que somos conhecidos no futebol brasileiro e mundial. (GIGLIO, 2007, p. 79).

Neste processo, um dos articuladores centrais da tradição nacional atribuída ao futebol e de construção identitária é a comunicação, especialmente a jornalística, já que lida diretamente com as estruturas simbólicas difundidas no espaço social. Se a junção do futebol com uma forma de manifestação tipicamente brasileira firma um expressivo significado cultural, essa relação é influenciada pelo jornalismo e suas narrativas.

Bitencourt (2009, p. 181) propõe que a seleção “é a representação de nossas representações sobre nós mesmos”, é nela que “nosso pensamento sobre nós mesmos é levado ao extremo” e, conseqüentemente, é a partir dela que “nossa identidade vai ser debatida, inventada e construída”. Essa construção simbólica de unidade nacional é ainda mais

perceptível e exposta em megaeventos esportivos, como as Copas do Mundo. Embora existam diferentes tipos de competições futebolísticas, algumas estritamente locais e regionais, outras nacionais e internacionais, nenhuma destas, entretanto, tem a importância de uma Copa do Mundo. Ao colocar diferentes nações em perspectiva comparativa, sob a forma de competição esportiva, a Copa do Mundo “estimula a coesão da população de cada país participante em torno do valor ‘nação’, não apenas no Brasil” (GASTALDO, 2002, p. 54).

Como os participantes não são meros times de futebol, mas seleções nacionais, Gastaldo (2002) argumenta que existe uma espécie de “encarnação simbólica” de cada nação que participa do evento. Neste sentido, a Copa do Mundo é mais do que um torneio de futebol internacional, “ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectiva comparada com o resto do mundo” (GASTALDO, 2002, p. 37). Especialmente no caso do Brasil, uma Copa do Mundo representa o verdadeiro momento ritual de celebrar a nacionalidade e se constitui como um “excelente momento para se refletir sobre o significado do futebol no Brasil, já que, nesta época, as manifestações deste esporte tornam-se muito mais intensas e dramáticas” (HELAL, 1998, p. 151). O autor complementa tal reflexão afirmando que:

Se pertencer a uma comunidade é partilhar um nome, uma história e uma consciência mútua, o futebol promove com exemplar eficiência esta consciência, especialmente durante uma Copa do Mundo. De fato, neste período, alternamos estados de êxtase e de agonia e invertemos muito dos valores do nosso cotidiano. Com poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos, o homem moderno encontra neste espetáculo esportivo, uma experiência única e singular que ganha uma dimensão simbólica ainda maior em um país onde a totalidade, o sentido patriótico e a identidade nacional são mais facilmente atingidos nas esferas informais. (HELAL, 1998, p. 151).

Isso quer dizer que este evento atua de maneira direta no espaço urbano e na vida diária dos espectadores, provocando diversas e distintas representações dentro da sociedade, que são narradas jornalisticamente durante os mundiais e incorporam uma série de ideias, significados e valores socialmente compartilhados. Guedes (2009) destaca este aspecto singular das Copas do Mundo, já que se estabelece uma temporalidade própria, apresentada como suspensa em relação ao tempo histórico. “Em um processo de intensificação crescente, é a memória da participação do selecionado nacional – logo, do Brasil – nas Copas do Mundo que fica em foco” (GUEDES, 2009, p. 464).

Todos esses aspectos são reforçados e postos em circulação pela imprensa em virtude da construção discursiva de uma suposta identidade nacional que emerge desta cultura futebolística, respaldada ao longo de décadas de prática e afirmação no cenário mundial – a seleção brasileira é a única a ter jogado em todas as edições e é a maior campeã da competição

com cinco títulos. Por sua vez, a seleção se firma “como metonímia do país, passando a ser compreendida como uma entidade capaz de comportar uma série de valores e atributos considerados como próprios do brasileiro” (COSTA, 2008, p. 37). Passa a comportar uma aura vitoriosa e sua superioridade passa a ser uma certeza para os brasileiros, o que, em parte, “explica os motivos pelos quais, tanto uma vitória quanto uma derrota podem ganhar tamanha força de repercussão. Quanto maiores são as expectativas, maiores podem ser as decepções” (COSTA, 2008, p. 37).

Desta forma, em cada Copa do Mundo reafirma-se e recria-se a única história que parece interessar neste momento: a história do desempenho da seleção brasileira em Copas do Mundo. Para a construção deste tempo, em que o “valor eterno nação é colocado em jogo”, é basilar a participação da imprensa, que “aciona paulatinamente a dimensão de brasilidade das nossas identidades sociais, operando fortemente com a rememoração de momentos anteriores” (GUEDES, 2006, p. 6). Por se constituir enquanto fato ou evento social de expressiva relevância para a cultura brasileira contemporânea, o acesso a Copa do Mundo e seus fatos está estreitamente vinculado a seu caráter mediatizado, em virtude de que há uma ampla visibilidade e enunciabilidade de narrativas circunscritas a este universo futebolístico.

O interesse social pelo futebol no Brasil durante a Copa é apropriado pela mídia que, em princípio, atende a uma ‘demanda social’ preexistente, produzindo peças de comunicação e criando um circuito de produção e consumo motivado pelo evento em curso, no qual se inserem, além da cobertura dos jogos, cadernos especiais nos jornais e revistas, longas matérias nos telejornais, programas diversos com a temática da Copa, anúncios publicitários, etc., colaborando de modo ativo para definir a realidade nos termos ideológicos da representação do Brasil como o ‘país do futebol’. (GASTALDO, 2002, p. 47).

A par da relevância social e cultural da Copa do Mundo para o contexto brasileiro, existe, segundo o autor, uma apropriação desse evento pela mídia, particularmente pelo jornalismo, que, se não cria esse interesse social, “pelo menos o ‘aumenta’, com todos os meios de que dispõe, ajudando a construir uma noção de realidade que mitifica a importância da Copa” (GASTALDO, 2002, p. 54).

Nesse ambiente midiático, a Copa do Mundo se torna um espaço de reforço das narrativas de identidade nacional, de uma suposta brasilidade e de um estilo de jogo “tipicamente brasileiro” – o futebol-arte, sustentado em características como a habilidade individual dos jogadores brasileiros, o improvisado e a criatividade. Helal (2003, p. 29) supõe que, principalmente em Copas do Mundo, “tendemos a valorizar o lado mais estético, alegre, criativo, e ‘artístico’ do futebol, como sendo características típicas da sociedade brasileira”. Desse modo, a produção e a circulação de narrativas midiáticas e jornalísticas auxiliam de

maneira determinante na condução do processo de perpetuação desse estilo de jogo como um elemento da identidade nacional.

Mesmo diante de um contexto pós-moderno, com identidades mais fragmentadas, o conteúdo jornalístico produzido nos períodos de Copa do Mundo reforça a construção do futebol brasileiro enquanto manifestação simbólica singular e reafirma o seu papel na constituição da nação. A partir de tais narrativas,

[...] depositamos na seleção muito mais do que uma simples vontade de vencer uma partida de futebol: fazemos dela um símbolo dos nossos desejos e temores. Por isso, as construções das vitórias e das derrotas da nossa seleção sejam tão reveladoras de sentimentos mais profundos, que não se esgotam em análises técnicas de partidas de futebol. (HELAL, 1998, p. 145).

Da mesma forma, Maranhão (2011) apresenta que as celebrações e narrativas midiáticas patrióticas retornam com mais força nas Copas do Mundo, uma vez que a competição esportiva se apresenta como um aglutinador de emoções.

É sempre durante os maiores eventos do futebol (copas do mundo, etc.) que as avaliações são mais plausíveis, quer para os atos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos e falhas no desempenho esperado. Por ser uma questão nacional, quando a seleção brasileira de futebol sofre um insucesso em competições importantes, tende-se a procurar culpados e muitas vezes o ‘estilo’ apresentado e derrotado é questionado. Não raras vezes criticado por não ser ‘o verdadeiro estilo brasileiro’. (MARANHÃO, 2011, p. 6).

Portanto, considerando a dimensão simbólica da seleção brasileira de futebol e a importância da Copa do Mundo enquanto fato social, os meios de comunicação atuam ou realizam uma apropriação simbólica entre a seleção do Brasil e o povo brasileiro. Guedes (1998, p. 20) finaliza essa reflexão ao afirmar que é “impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo”. Nas vitórias, evidenciam-se a capacidade do povo brasileiro, seu estilo próprio de jogo, “enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indignação” (GUEDES, 1998, p. 20). São estas últimas que interessam para esta investigação e são as suas narrativas e significações que serão discutidas a seguir.

4.2 ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA JORNALÍSTICA ESPORTIVA

É fato que existe uma liberdade maior na construção da notícia esportiva. Gastaldo (2002, p. 1) contribui com a afirmativa de que a subjetividade do jornalista esportivo é menos

regulada institucionalmente do que em outras editorias, inclusive afirma que “eventuais rasgos de passionalidade na definição da situação proposta por um jornalista esportivo são mesmo parte formadora deste gênero literário/jornalístico”. Souza (2005) atribui isso à especificidade do objeto principal desse jornalismo que é o esporte, especificamente o futebol – onde a emoção ocupa um espaço simbólico privilegiado, e ao perfil do público, composto principalmente por torcedores ávidos por grandes acontecimentos. Ademais, os fatos do mundo esportivo podem ser enquadrados “na categoria de notícias brandas ou leves, que geram uma grande quantidade de histórias de interesse humano” (SOUZA, 2005, p. 11).

A relação do esporte com o entretenimento constitui mais um condicionante que interfere no uso de recursos diversos nas narratividades jornalísticas. Barbeiro e Rangel (2006, p. 46) entendem que no jornalismo esportivo, entretenimento e informação estão muito próximos e isso tornaria substancial certo cuidado para que a emoção “esteja na dose certa”. Entretanto, percebe-se que não há o equilíbrio proposto, já que, na maioria das vezes, a emoção é elemento central na construção da notícia esportiva e que a imprensa costuma investir nos excessos e na representação das emoções.

Esse paralelo entre informação e entretenimento faz com que a imprensa esportiva ofereça o espetáculo de conteúdos emotivos e “enterra suas esporas em nós e nos puxa, mantendo-os cada vez mais para dentro dele e de nós mesmos, pelo menos para nossas emoções e sentidos” (TOLEDO, 2002, p. 162). É por isso que Barbosa (2007, p. 60) afirma que a imprensa esportiva no Brasil se especializou em oferecer ao seu público “verdadeiras páginas de sensação”, narrativas de caráter emotivo e dramático.

Diversos pesquisadores têm argumentado que essas características – espetacularização, excesso na representação das emoções, personificação – constituem o lugar-comum do jornalismo esportivo no Brasil (COELHO, 2003; MESSA, 2005; TOGNOLLI, 2001). Embora existam os que tentam sair do que Marques (2004) nomeia de “sistema de clichês”, grande parte dos jornalistas faz “uso das mesmas imagens para descrever as mesmas situações, apoiando-se nas mesmas figuras de linguagem” (TOGNOLLI, 2001, p. 67). Do mesmo modo, Santos e Affonso (2013) afirmam que há o predomínio dos textos esportivos baseado em elementos ficcionais da narrativa, como personagens bem definidos e criação de clímax, constituindo um terreno propício à dramatização da notícia. Entretanto, Tognolli (2001, p. 121) faz questão de marcar que os lugares-comuns fazem parte da própria linguagem da imprensa e do próprio falar, “e extirpá-los seria ceifar o próprio idioma, a própria cultura”.

A estética melodramática assume como características o exagero emocional, a dramatização, a representação maniqueísta da realidade e a revelação de uma moral oculta

centrada na expulsão e punição do mal e no reconhecimento da virtude (BROOKS, 1995). Embora os temas e as histórias sejam modificados, estas características, próprias da estética do melodrama, permanecem inalteradas e se infiltram, como elemento constitutivo de um imaginário, em diferentes espaços, como no jornalismo esportivo.

Fazendo uso de estruturas narrativas próximas ao melodrama, os fatos esportivos são contados pelo jornalismo privilegiando certos aspectos, como

[...] o exagero nas expressões de sentimentos, temas e conflitos, característicos ao melodrama, acrescidos da estrutura digamos atualizada do folhetim, isto é, fragmentação do texto, um certo suspense, frases simples, pessoas que se tornam personagens, imagens que direcionam o olhar do receptor e facilitam a compreensão da notícia, tudo numa mescla de códigos, vinculada a um processo de identificação e onde o imaginário prevalece. (LANZA, 2008, p. 89).

Do mesmo modo, Costa (2008) assegura que o jornalismo esportivo é uma porta aberta para a narrativa melodramática. Reconhece-se que a narrativa jornalística esportiva em muito tangencia a estrutura da imaginação melodramática, uma vez que a história é contada aos pedaços (seriação), há o envolvimento do narrador na própria narrativa, o registro de muitos personagens e de diversos núcleos narrativos, apresentam-se oposições simplificadoras e uma visão de mundo maniqueísta, que divide o certo e o errado, o vilão e o herói; além da recorrência ao drama e a emotividade (SOUSA JUNIOR, 2006).

Neste sentido, ao ancorar-se em aspectos como o exagero nas expressões de sentimentos e um empenho incessante na busca por vilões (quando da derrota), é possível afirmar que o jornalismo esportivo contemporâneo, por vezes, constrói a notícia visualizando-a tal qual a imaginação melodramática o faria: uma narrativa permeada por uma moral oculta e por um modo (ou cultura) do excesso. Conforme Martín-Barbero (2001, p. 178), essa cultura do excesso vincula o melodrama a uma estética que tende ao esbanjamento, o que envolve desde uma “encenação que exagera os contrastes visuais e sonoros até uma estrutura dramática e uma atuação que exibem descarada e efetivamente os sentimentos”, exigindo o tempo todo uma resposta do público “em risadas, em lágrimas, suores e tremores”.

A cultura do excesso⁴⁶ nas narratividades do jornalismo esportivo refere-se à quando o espetacular e o sensacional ganham tons melodramáticos. Isso quer dizer que tais narrativas geralmente recorrem ao drama e a emotividade, de modo que os sentimentos, base das estruturas

⁴⁶ O excesso liga o melodrama a uma matriz de narrativas populares de diversas ordens, como o jornalismo (FREIRE, 2007). Deve ser entendido como articulação da narrativa, que impulsiona reações emotivas e sensoriais.

melodramáticas, constituem as construções narrativas mediadas tanto pela dor (quando da derrota) quanto pelo riso (quando da vitória).

4.3 A DERROTA: SUAS SIGNIFICAÇÕES E NARRATIVAS

Alguns autores, como Rubio (2006) e Campos (2015), alertam para a escassez de bibliografias que apresentem reflexões acerca das derrotas esportivas e sua representação social, especialmente em comparação ao que é produzido sobre as vitórias e êxitos. Conforme Rubio (2006), causa estranheza a dificuldade em se encontrar referencial teórico sobre a derrota. Em sua busca em bases de dados, bibliotecas presenciais e virtuais, assim como em livrarias, a autora comenta que “as obras que surgiram foram quase todas elas na linha da superação ou evitação da derrota, em como se tornar um vencedor ou apenas métodos e técnicas de autoajuda” (2006, p. 90).

Isso despertou a necessidade de compreender as características das produções científicas brasileiras, em nível de Mestrado e Doutorado, que abordam a derrota no futebol como tema de estudo. O levantamento segue os mesmos procedimentos adotados no estado do conhecimento acerca da narrativa jornalística e norteou os entendimentos acerca das percepções teóricas e metodológicas utilizadas nas produções. Os procedimentos e as análises são apresentados no Apêndice B.

A dinâmica interna de organização do jogo esportivo, particularmente do futebol, de suas regras e de seu objetivo principal, assim como das narrativas construídas sobre ele, revela-se a partir de uma lógica dualista que oscila entre vencer e perder, entre o discurso do sucesso e do fracasso (CAVALCANTI et al., 2016). Essa lógica provém do processo de constituição do esporte, modelado a partir de princípios de uma sociedade regida pelo sistema liberal (MANDELL, 1986) e, nessa condição, a vitória é o axioma máximo, o valor supremo da competição esportiva, isso porque “à vitória estão associados o reconhecimento social, o dinheiro e o desejo da permanência, levando ao menosprezo de qualquer outro resultado” (RUBIO, 2006, p. 87).

De modo semelhante, Brohm (1995) indica que a lógica de valorização extrema da vitória é uma construção ideológica que circula em distintos meios, inclusive no jornalístico, e que advém de uma matriz axiológica e praxeológica: a competição de todos contra todos, a busca incessante da superação de limites e a idolatria do êxito. Como a sociedade moderna valoriza o vencedor e a ascensão, impondo uma norma de comportamento que reconhece e

enaltece o mais forte e o mais habilidoso, a derrota é vista com aversão e ojeriza (RUBIO, 2001).

Baseada na posição que assume na cultura contemporânea ocidental, a derrota é vista como a sombra e morte do esporte, associada à vergonha, à incapacidade, à frustração e à falta de reconhecimento. Entendida como uma morte social, mas que não leva à morte de fato, a derrota é vivenciada e narrada sob a forma de luto mortuário, sucedida pela desonra e pela humilhação. O resultado desfavorável em uma partida, e mais expressivamente em uma competição, como uma Copa do Mundo, significa a experiência da morte, repentina e inesperada, um drama nacional de intensidade diversa, mas que também propicia “a vivência de uma outra dimensão da solidariedade moral: a que se dá pela dor comum” (GUEDES, 1998, p. 54-55).

Esse sentimento de morte social é potencializado nos momentos em que a derrota ocorre em território nacional e em competições cheias de simbolismo. Ao refletir sobre a derrota na Copa do Mundo de 1950, Vogel (1982, p. 113) argumenta que o sentimento de morte social e de perda da honra coexistem com a impressão de que a derrota, ocorrida em casa, em território nacional, nos próprios domínios – “uma forma mais definitiva de perder” –, representa o funeral da nação. Quando se fala de uma derrota da seleção brasileira, entendendo que é a imagem do país que está em jogo, os sentidos atribuídos a ela “transformaram-na em sinônimo de vergonha, lançando-lhe uma aura maldita, por isso, muitas vezes, ela será tomada como uma espécie de morte, sendo cercada por vários signos fúnebre” (COSTA, 2008, p. 45).

A imprensa faz da derrota, assim como da vitória, o que Eco (1984, p. 120) nomeia de “fonte de falação” constante e duradoura. A história narrada resulta de uma interpretação mediada ou condicionada pelo resultado final da partida ou do campeonato, e quando esse resultado é a derrota, “tudo parece estar torto e desarrumado, como se as coisas estivessem de cabeça para baixo” (COSTA, 2008, p. 17).

Em relação à seleção brasileira, Costa (2008, p. 17) supõe que as derrotas só adquirem essa força devastadora a partir da Copa de 1950, “ano em que a perda do título coloca grande parte do Brasil em polvorosa”, por isso epítetos como a “mãe de todas as derrotas” são designadas para falar da Copa do Mundo de 1950⁴⁷. A autora afirma que a tragédia do Maracanã

⁴⁷ Costa (2008) explica que essa mudança ocorre em 1950 devido a uma série de aspectos políticos, administrativos e midiáticos, como a atuação do Estado Novo na criação de condições políticas para que o futebol se transformasse em uma das principais manifestações culturais do país. Mas, além disso, a autora cita o fato de que o futebol brasileiro na época passava por um processo de renovação em relação aos aspectos simbólicos. “A hipótese de que o futebol nacional era dono de um estilo próprio de jogar ganha fôlego nunca antes conseguido. Se não era inédita a conjectura de que o futebol brasileiro possuía originalidade, é somente com a Copa de 38 e o terceiro lugar obtido, que essa desconfiança se transformou na certeza de que havíamos imprimido sobre uma herança inglesa,

naquele ano não é somente a “mãe de todas as derrotas”, mas é também a mãe de todas as narrativas da derrota, “o que significa dizer que ela consolidou uma forma muito peculiar de se interpretar e narrar nossas desventuras em Copas do Mundo” (2008, p. 32).

A dolorosa derrota de 1950, somada a uma vitoriosa sequência brasileira nas Copas do Mundo, com os dois campeonatos mundiais consecutivos de 1958 e 1962, sustentaram a relação do futebol com a cultura nacional e consolidaram a aversão brasileira à derrota. Costa (2008, p. 34) explica que até a Copa de 1950 “as derrotas da seleção pertenciam a um contexto que as tornava passíveis de serem interpretadas como algo que ultrapassava a responsabilidade dos jogadores”, contudo, de 1950 em diante, a impressão é de que a seleção “perde sempre para si mesma, para seus próprios erros, para suas próprias fraquezas, sejam físicas ou emocionais”. Em outras palavras, a autora sustenta que a partir deste momento

Nós perdemos a paciência com as derrotas. O insucesso da seleção passou a ser compreendido como sinônimo de vergonha, sendo constantemente associado a alguma fraqueza ou falha cuja responsabilidade é sempre nossa. A partir de 1950, as derrotas serão investidas de um imenso poder desagregador e narrá-las quase sempre implicará em trazer à tona uma série de aspectos conflituosos como, por exemplo, brigas internas, desordem administrativa, incompetência técnica ou tática etc. [...] em 1938, embora tivesse apresentado um belo futebol, o Brasil ainda não se considerava o melhor do mundo; reconhecia que o caminho rumo à maturidade esportiva ainda era longo. Ao passo que em 1950, o Brasil já conquistara maior destaque internacional, sediava a Copa do Mundo e fazia excelentes exibições. Os efeitos da derrota, portanto, passaram a ser mais intensos, o que será reforçado principalmente quando tivermos motivos concretos para nos sentirmos os melhores do mundo. (COSTA, 2008, p. 35).

As derrotas da seleção brasileira, particularmente nas Copas do Mundo, são “ocasiões plenas de significado”, além de análises acerca de técnicas e táticas, “discute-se e negocia-se uma série de valores e ideias que atravessam a sociedade” (GUEDES, 2002, p. 10). Para descrever e narrar as derrotas, os “atores da tragédia” (os jornalistas) usam quase sempre as mesmas palavras e expressões – como a tristeza, as lágrimas, o olhar desolado e o silêncio do torcedor, revelando sentimentos profundos e intensos.

Desta forma, as narrativas jornalísticas construídas acerca das derrotas esportivas ativam avaliações que acompanham os fenômenos socioeconômicos e as conjunturas políticas específicas em que estas se inserem, como se as histórias de derrota pudessem recuperar e (re)contar uma história do Brasil (GUEDES, 2002). Deste modo, as narrativas de derrota construídas e divulgadas pela imprensa revelam-se como um

um jeito menos geométrico, pouco disciplinado e mais habilidoso de jogar. [...] Tornou-se inevitável que muito da expectativa provocada pela campanha de 38 e pelo bom desempenho em competições continentais, no final da década de 1940, fosse toda lançada em cima da Copa de 1950” (COSTA, 2008, p. 20-26).

[...] interessante veículo que pode nos dar acesso ao que significa ser derrotado no Brasil, já que as interpretações lançadas sobre o mau desempenho da seleção são permeadas de um imaginário da derrota que ultrapassa o terreno futebolístico. Questões relativas à identidade nacional também surgem a partir das reações que temos toda vez que o selecionado nacional não conquista a taça do mundo. (COSTA, 2008, p. 15).

Assim como as vitórias, as derrotas, no futebol e da seleção brasileira, são reconhecidamente construtoras da identidade nacional e de avaliações e julgamentos do Brasil e do brasileiro. As narrativas construídas revelam-se como “discursos estigmatizantes e de consagração a definirem destinos sociais no contexto de ação futebolístico moderno”, e possuem uma natureza antitética, posto que seguem uma lógica em que ora a seleção está no céu, ora no inferno (CAVALCANTI et al., 2016, p. 374).

As construções narrativizadas das derrotas ultrapassam o aspecto meramente futebolístico para adentrarem o terreno simbólico. O desempenho abaixo do esperado, os gols sofridos ou a incompetência do esquema tático são aspectos concretos que podem provocar e explicar a derrota, no entanto, geralmente, as avaliações jornalísticas lançadas sobre esses aspectos estão alicerçadas em um terreno simbólico permeado de representações. De modo complementar, Costa (2008) afirma que

As derrotas são narradas em relatos que distinguem e ordenam os eventos, articulando materiais simbólicos de natureza diversa. Por conta disso, a objetividade se vê comprometida já que os acontecimentos não são apenas expostos, mas avaliados e julgados segundo critérios judicativos que ultrapassam a esfera técnica do jogo. Um gol perdido, a falha de algum jogador, a má escalação da equipe e tantos outros problemas não bastam por si só para explicarem uma derrota. A impressão que as narrativas da derrota nos dá é a de que por trás dos lances de uma partida existe sempre um conjunto de razões de outra ordem que estão escondidos e precisam ser revelados. (COSTA, 2008, p. 38).

O questionamento “por que o Brasil perdeu?” é repetido a cada derrota da seleção em Copas do Mundo, principalmente naquelas que resultam em eliminação na competição. Tal questionamento revela dois aspectos principais: primeiro, indica a indignação sentida a partir do resultado insatisfatório; segundo, aponta para o fato de que, no caso brasileiro, a derrota é geralmente entendida como um desvio do caminho natural e certo da vitória (COSTA, 2008). Essa pergunta permeia uma busca incessante por culpados e é o fio condutor das narrativas de derrota. Pode possuir um caráter inconclusivo a fim de manter o suspense e a atenção do leitor ou espectador.

Além disso, nas narrativas de derrota “a parte compreende o todo e o fracasso se resume em erros pontuais superdimensionados, algumas vezes transformados em crimes

nacionais” (COSTA, 2008, p. 61). São evidenciados aspectos emotivos e sentimentais, cuja ênfase aponta para uma visão de mundo polarizada entre alegria e tristeza, vitória e derrota, heróis e vilões.

Sendo assim, as narrativas construídas pelos meios jornalísticos situam a derrota no tempo e no espaço, selecionando acontecimentos e personagens, e conferindo-a um sentido, quase sempre permeada de signos fúnebres. Um dos personagens centrais destas estórias é o vilão, que representa àquele sobre o qual se deposita valores considerados ilegítimos e não pertencentes a uma determinada identidade ou comunidade.

4.3.1 Os Vilões: Personagens Substanciais da Derrota

Assim como nos melodramas, nas narrativas jornalísticas os vilões são substanciais, pois condensam parte da carga dramática conferida às histórias esportivas, especialmente às derrotas. Costa (2014, p. 181) explica que é possível conceber os vilões como excelentes mecanismos catárticos, porque estes seriam capazes de fornecer ao torcedor “uma via rápida para se expurgar o excesso de excitação provocada pelo jogo, no caso, provocado especialmente por uma derrota”.

Do mesmo modo que os heróis, os vilões têm um excelente rendimento na memória e na imaginação do público. Enquanto o herói percorre uma trajetória ascendente, em que assume um status de superioridade, o vilão é lançado em uma queda que o conduz a um território sombrio de culpabilizações, rejeições, reprovações e punições (COSTA, 2008). Os vilões são aqueles que nunca estão acima da humanidade, ou eles se aproximam enquanto humanos ou se posicionam degraus abaixo. Disso resulta a constante associação do vilão às forças demoníacas, apresentando-se como um contraponto à figura do herói. “É um indivíduo que parece possuir o dom da ubiquidade [...], ele parece agir apenas por ambição ou vingança” (THOMASSEAU, 2005, p. 42).

Em momentos de derrota, os vilões possuem rendimento dramático, “dão nome e rosto às derrotas e viabilizam a condensação, em sua figura, de todo sentimento negativo despertado pelo fracasso” (COSTA, 2008, p. 64). Os vilões são assim consagrados diante de uma derrota ou de um acontecimento negativo, que resulta de um processo de culpabilização. O eleito a vilão passa a causar estranhamento e rejeição, sentimentos negativos que são potencializados pelas narrativas jornalísticas.

Se em muitos romances e novelas tudo que acontece de ruim parece-nos ser obra de um vilão, o mesmo ocorre no futebol. Quando tudo dá errado e descamba em derrota, o torcedor tem a impressão de que há por trás desse fracasso, a ação decisiva e maligna de um jogador, de um técnico ou mesmo dirigente. Temos a tendência de pensar que toda derrota tem um culpado. E esses culpados são os vilões. São eles que emblemizam uma derrota, dão-lhe rosto e nome, tornando-a menos abstrata. Sem os vilões as histórias do futebol seriam incompletas, pois esses personagens têm um ótimo rendimento na memória e no imaginário do torcedor. Sobre ele depositamos uma série de valores relacionados não apenas ao futebol, mas a outras esferas da sociedade. Valores negativos certamente, pois a identidade vilânica é composta, sobretudo, de lacunas, falhas, enfim de tudo que tenha o peso da negatividade. Podemos concebê-lo como lento, sem habilidade, sem garra, mascarado ou mercenário, o que vale mesmo é que o vilão da derrota é aquele que sempre decepciona e fica a dever. (COSTA, 2008, p. 67).

Desse modo, o contexto da derrota e todos os sentimentos que surgem dela, como a vergonha e a desonra, conferem uma aura obscura ao vilão, que passa a não ser reconhecido como membro legítimo de uma determinada comunidade, o que resulta em estranhamento e rejeição. Entretanto, Costa (2008) lembra que não existem essências na vilania, de modo que os elementos e características de um vilão ou o que o elege como vilão vão variar contextualmente.

Embora possam existir dados concretos para a atribuição de responsabilidades de uma derrota, há também uma dimensão simbólica que precisa ser levada em conta na eleição dos vilões. Veremos por exemplo, que a noção de ‘erro’ ou ‘falha’, tão importante para a configuração do vilão, é, muitas vezes, resultado de uma percepção mediada pela derrota e nem sempre ancorada em dados concretos. Além disso, os ‘erros’ têm pesos diferentes, pois quando um jogador muito popular ‘falha’, costuma-se argumentar que ele estava em seu dia de azar. Já quando técnicos, goleiros, zagueiros e outros cometem algum deslize, é porque são mal intencionados, burros, frangueiro e pernas-de-pau. Afinal, como será abordado, ninguém é vilão por acaso. (COSTA, 2008, p. 81).

Como demonstra Costa (2008, 2014), é possível adaptar para os vilões a frase que Simone de Beauvoir utiliza para fazer referência à identidade feminina: não se nasce vilão, torna-se. A autora acrescenta que a vilania não é uma condição permanente, há sempre a possibilidade de transfiguração futura. A trajetória de Dunga é citada como um exemplo de tais reflexões. O ex-jogador foi eleito vilão em 1990, transfigurando-se em herói na conquista do tetracampeonato mundial em 1994, mas voltando à vilania como técnico da seleção em 2010.

O vilão é sempre a antítese de algum conjunto de valores e frequentemente serve de resposta para a pergunta “por que o Brasil perdeu?”, como se os seus erros, em campo ou fora dele, justificassem a má atuação da seleção. Eles são sempre construídos em contraposição a determinadas normas e expectativas que são criadas e mantidas por certos grupos – torcedores,

jornalistas, dirigentes. Por isso, os vilões são sempre alvo de reprovações, ojerizas e punições, sejam elas concretas ou simbólicas.

Diante de uma derrota, de uma eliminação ou de uma péssima atuação, especialmente nas Copas do Mundo e Olimpíadas, a imprensa costuma utilizar um mecanismo de culpabilização. Costa (2008) percebe que há uma constante referência à troca de acusações e uma ânsia pela busca de culpados. Assim como nos melodramas, as recepções da derrota costumam recorrer à representação da justiça. Esse aspecto fica em evidência no constante investimento do jornalismo esportivo em configurar uma espécie de tribunal para que os possíveis culpados pela derrota sejam julgados.

Para exemplificar essa construção vilânica nas narrativas jornalísticas de derrota, Costa (2008, 2014) cita uma série de personagens construídos a partir da seleção brasileira. Esses personagens são concebidos como pessoas que não merecem vestir a camisa ou representar o Brasil, que desrespeitam ou envergonham a história do selecionado nacional. O vilão é, portanto, rebaixado, transformado em “outro”, inferiorizado e dissonante dos demais.

A vilania da Copa de 1990 ilustra esses aspectos. Na Copa do Mundo de 1990, eleitos a vilões Dunga e Lazaroni foram vistos como representantes de um estilo de jogo que, segundo algumas narrativas, representava um retrocesso para o futebol brasileiro – era o chamado “futebol-força”, um estilo de jogo europeizado, que se apresentava como contraponto ao “futebol-arte”, tipicamente brasileiro.

Dunga, por sua vez, era percebido como um jogador truculento, sem habilidade e que, portanto, não possuía o perfil adequado para a seleção brasileira. Ele foi considerado ‘o mais europeu dos jogadores’, por Nelson Rodrigues Filho e mesmo tendo sido o melhor em campo, no jogo contra a Argentina que eliminou a seleção da Copa em questão, não foi poupado [...]. A boa atuação na partida decisiva conseguiu apenas minimizar o peso da vilania de Dunga e fez a maior parte da responsabilidade caber mesmo ao técnico Lazaroni. Ele foi visto como uma espécie de mentor maligno de uma seleção que fugia completamente aos padrões consagrados do futebol brasileiro. Afinal, quem havia escalado Dunga? Quem havia montado a seleção, tentando adotar um esquema tático que fazia sucesso na Europa? O fracasso daquela Copa tinha nome e sobrenome: Sebastião Lazaroni. O técnico, que já vinha sendo criticado ao longo da preparação da seleção para a Copa, teve sua vilania garantida após a derrota para o nosso maior rival, a Argentina. (COSTA, 2014, p. 189-190).

Assim como o caso de Dunga e de Lazaroni, muitos outros jogadores, técnicos e dirigentes foram transfigurados em vilões nas derrotas e eliminações da seleção brasileira em Copas do Mundo: Roberto Carlos em 2006, Dunga em 2010, Felipão em 2014, Fernandinho em 2018. O que as narrativas destas e tantas outras derrotas apresentam como ponto comum é a busca de uma explicação e, conseqüentemente, de um culpado nos domínios brasileiros. Estes

aspectos da narrativa se tornam mais dramatizados quando a derrota acontece em circunstâncias ainda mais cheias de significados, como ocorre em 1950 e 2014, nas duas únicas Copas do Mundo realizadas no Brasil.

5 AS NARRATIVAS E AS SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA EM 1950 E EM 2014: ANÁLISES E DISCUSSÕES

Baseado na discussão teórica empreendida e nos procedimentos metodológicos delimitados, este capítulo se destina a apresentar as análises e discussões acerca das narrativas construídas pelo jornal impresso O Globo nas Copas do Mundo realizadas no Brasil, em 1950 e 2014. Para compreender tais narrativas e os seus significados no que se refere à derrota, faz-se necessário contextualizar os acontecimentos analisados. Por isso, inicialmente se apresenta uma contextualização da Copa do Mundo de 1950.

Como já exposto no capítulo metodológico, Motta (2013) no método de Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, assim como Silva e Maia (2011) no Protocolo de Análise da Cobertura Jornalística, salientam a indispensabilidade de contextualizar os acontecimentos em análise, já que as narrativas só existem em contexto e, sendo assim, não podem ser analisadas descoladas desta realidade. Por isso, antes da análise do material jornalístico de O Globo, apresenta-se uma síntese contextual do momento político, econômico e social que permeia a realização do evento, uma vez que a narrativa é construída em função de um contexto.

5.1 O CONTEXTO PERVAGANTE DA COPA DE 1950

Grandes expectativas rodeavam o ano de 1950 no Brasil. O país seria palco do IV Campeonato Mundial de Futebol e estaria no centro das atenções de todo o mundo, pronto para auferir os ganhos materiais e simbólicos que viriam com a realização do evento. No entanto, na prática, a competição já havia começado há alguns anos para os brasileiros. Ainda em 1938, em Congresso da Fifa realizado simultaneamente com a terceira Copa do Mundo, em Paris, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) lançou oficialmente o Brasil como candidato a sediar a próxima competição. A disputa pela sede do Mundial estava entre Brasil, Alemanha e Argentina, e a Comissão Executiva da Fifa preferiu adiar a decisão para 1940. Entretanto, o adiamento prolongou-se muito mais que o esperado, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial, deflagrada em 1939.

Durante o período da Segunda Guerra, de 1939 a 1945, o futuro da Copa do Mundo, bem como do próprio mundo, estava marcado pela incerteza. Só em 25 de julho de 1946 os representantes se reuniram em um Congresso realizado em Luxemburgo para decidir o futuro da competição. A candidatura a país-sede da próxima Copa do Mundo, lançada oito anos antes por Célio de Barros, foi renovada e, por ser a única, acabou aprovada por aclamação. A decisão

por unanimidade concedia ao Brasil a oportunidade de ser o país-sede do Mundial, previamente acordado para ser realizado em 1949. Freitas Junior (2009) explicita que a escolha do Brasil como sede para a Copa do Mundo foi justificada por uma série de fatores:

1) O Brasil havia demonstrado interesse e se candidato para sediar a Copa do Mundo de 1942, fato este apontado por Perdigão ao relatar que, em 1938, a Fifa realizou um congresso em Paris, e neste evento o Brasil manifestou sua intenção de sediar o torneio; 2) O Brasil já tinha participado das três primeiras edições do evento e tinha deixado uma boa impressão para os torcedores, bem como para a crônica esportiva mundial, os quais passaram a tratar os jogadores brasileiros como artistas da bola. Principalmente com a seleção de 1938, que ficou em terceiro lugar e apresentou ao mundo o talento de Leônidas Silva; 3) O Brasil não teve participação direta na Segunda Guerra Mundial, logo a sua infraestrutura não foi comprometida. Diferentemente dos países europeus que, em sua maioria, estavam voltados para a reconstrução material e moral, decorrente dos combates bélicos, o que fez com que nenhum país europeu se candidatasse para sediar a Copa; 4) O Brasil já havia superado qualquer tipo de desconfiança quanto à sua capacidade de organização futebolística, além disso, o país apresentou uma proposta interessante para sediar o evento, mostrando que possuía vários estádios de médio porte e que iria construir um grande estádio para realização dos jogos decisivos. (FREITAS JUNIOR, 2009, p. 32).

Por todos os aspectos elencados, o Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo que inicialmente seria realizada em 1949, mas que, atendendo à uma proposição da Inglaterra, acabou por ser confirmada para o ano de 1950. A Inglaterra propôs o adiamento da competição em um ano com medo da não participação das seleções europeias e dos danos causados pela Guerra. Em 1947, a Fifa atendeu a sugestão e confirmou a realização da Copa do Mundo no Brasil em 1950.

Nesta decisão de sediar o Mundial em 1950 haviam interesses que ultrapassavam o aspecto meramente futebolístico. Conforme Correia e Soares (2015, p. 15), muitos outros elementos entraram em jogo naquele momento, como a projeção de uma imagem do Brasil para o exterior, “na esteira de um processo que já vinha sendo desenhado desde a virada do século XX, quando o país buscava apagar suas heranças coloniais em benefício de uma imagem moderna”. À vista disso, mais do que o resultado positivo dentro de campo, estava em jogo a imagem do país diante do mundo e a oportunidade de projetar o Brasil como moderno, empreendedor e vitorioso em direção ao desenvolvimento no cenário internacional (FRANZINI, 2010).

Todo o esforço empreendido pelo país na organização da competição justificava-se por razões que ultrapassavam o universo do esporte e do futebol, posto que o campeonato mundial “não se restringia apenas a um confronto entre as melhores seleções do mundo e à disputa de uma taça de ouro. Poderia ser a ocasião para difundirmos a imagem do país que desejávamos” (MOURA, 1998, p. 23). Em outras palavras, rodeava a competição uma

expectativa de que com uma organização bem-sucedida, assim como a conquista do título, o Brasil sinalizaria para o mundo, para os outros países e para si mesmo sua condição de nação civilizada, moderna e evoluída. Segundo o próprio O Globo, a construção do Maracanã, como tudo que se fez ou se quis fazer para a Copa do Mundo de 1950, teve caráter patriótico, de comprovação e prova da capacidade do homem brasileiro (O GLOBO, 02 maio 2014, p. 12).

Internamente, o país vivia um momento favorável para a realização da competição e para a propensão à essa imagem de modernidade e progresso. Governado pelo militar Eurico Gaspar Dutra, o Brasil possuía quase 52 milhões de habitantes, em sua maioria habitando a zona rural. A economia estava voltada basicamente para a exportação de matérias-primas, sendo o café a principal delas. A capital do país era o Rio de Janeiro que tinha aproximadamente 2,3 milhões de habitantes (BRINATI, 2016).

No aspecto político, em 1945, após 15 anos sob o governo de Getúlio Vargas, o país começava um processo de redemocratização e vivia uma experiência democrática inédita sob o governo de Eurico Gaspar Dutra⁴⁸. O general Gaspar Dutra havia sido ministro da Guerra no governo de Getúlio Vargas e sua eleição para presidente, embora não tenha significado uma ruptura total com os ideais do ex-presidente, representou “um importante passo para um processo que ficou marcado na história como a redemocratização do Brasil” (PENARIOL, 2015, p. 37).

As políticas econômicas liberais de Dutra, a partir da não intervenção do Estado na economia, ampliaram as importações do país e, em contrapartida, desaceleraram a indústria nacional. A fim de contornar a situação, Dutra reorganizou os gastos públicos e investiu em um projeto de modernização para o país, com o investimento na construção de grandes obras de urbanização. Com tais ações, o Brasil alcançou um crescimento econômico anual de 6% e criou um novo público urbano, com a ampliação do poder aquisitivo dos mais populares e a influência da cultura norte-americana. Sobre esse último aspecto, Ortiz (1991) expõe que:

O sonho americano penetrava no Brasil, dando suporte às iniciativas culturais que visavam atualizar o país com relação à modernidade dos centros industrializados. O cosmopolitismo, o romance psicológico, a renovação da linguagem da imprensa, a profissionalização do teatro preocupado com a arte pela arte, o cinema industrializado e o surgimento da televisão são elementos novos do panorama cultural. (ORTIZ, 1991, p. 51-52).

⁴⁸ Em outubro de 1950 houveram eleições presidenciais. Getúlio Vargas (PTB), com cerca de 48% dos votos, venceu Eduardo Gomes (UDN) e Cristiano Machado (PSD).

Concomitantemente com esse ambiente político e econômico, o processo de industrialização iniciado duas décadas antes ainda colhia os frutos recentes da posição do Brasil diante da Segunda Guerra Mundial. Com isso, “os maiores centros do país ainda sentiam os efeitos de um crescimento demográfico acelerado, em grande parte tributário da migração interna e externa de operários para tais regiões” (FRAGA, 2009, p. 207). Neste mesmo sentido, Correia e Soares (2015, p. 15) afirmam que essa ideologia do desenvolvimentismo “apontava para a modernização do país dirigida pelo Estado e associada à promoção do orgulho nacional desse caminho que trilhava”.

De todo esse contexto é preciso lembrar que o país ainda possuía uma memória recente do cenário antidemocrático e enfrentava os desafios da integração e do reforço da unidade nacional. Neste aspecto, o Mundial esteve permeado por uma preocupação de criar uma imagem da sociedade brasileira para si mesma: “o objetivo foi construir a imagem de país democrático no qual todas as classes e indivíduos teriam um papel a desempenhar naquele projeto de nação do novo Brasil” (CORREIA; SOARES, 2015, p. 16). Sediar a Copa de 1950 deveria servir como um “sedimentador da unidade nacional”, (FRAGA, 2009), a Copa poderia fazer emergir uma unidade nacional em torno de um sentimento de pertencimento, como consolidação de uma brasilidade.

No caso do Brasil em 1950, a questão da nacionalidade relaciona-se ao futebol e à realização da Copa do Mundo. O futebol era a representação de um “substitutivo para a Guerra e para as glórias militares”, vencer a competição seria a conquista que faltava e que confirmaria o progresso do país enquanto nação. Sendo assim, a Copa de 50 marca, entre outras coisas, uma tentativa de consolidação da imagem do Brasil sobre si mesmo, sustentado na ideia de integração, democracia e sociabilidade como marcas da identidade nacional e como estímulo para o desenvolvimento político e econômico (MOURA, 1998).

No que se refere ao futebol, o Brasil demonstrou uma ascensão, junto com o futebol argentino e uruguaio, durante as décadas de 1920 e 1930 que abalou a hegemonia europeia. Especialmente a partir da década de 1930, o futebol brasileiro atinge uma condição maior de popularidade, em conjunto com a profissionalização do esporte, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a evidência “da perspectiva que atribuí ao futebol no Brasil o status de esporte nacional” (FRAGA, 2009, p. 199).

Do mesmo modo, Helal (2011) salienta que epítetos como “país do futebol” atribuídos ao Brasil, notadamente em períodos de Copa do Mundo, começaram a ser construídos a partir de 1930, assim como a fundação de um estilo particular e único de jogo que convencionou-se chamar de futebol-arte. Acerca do contexto do futebol às vésperas do Mundial de 1950, Meihy

(1982, p. 31 apud HELAL; CABO; SILVA, 2008, p. 7) explica que o futebol brasileiro se tornou “uma indústria nacional”, com popularidade firmada pelos jornais e rádios e com a crescente de associados aos clubes de futebol. Com isso, despertou interesses, “produziu nos grupos o sentido da diversidade dentro das cidades e elos horizontais entre grupos em uma sociedade dominada pelos laços hierárquicos verticais” (HELAL; CABO; SILVA, 2008, p. 7).

Diante deste cenário interno, somado à popularidade que o futebol dispunha no Brasil, a imprensa esportiva assumiu um papel central no sentido de construir ou consolidar um sentimento de nacionalidade associado à seleção brasileira e à realização da competição, sendo, pois, responsável por construir e colocar em circulação narrativas e representações que projetavam um “estilo brasileiro” de jogar futebol e a sua posição como “esporte nacional”.

No que concerne ao desenvolvimento dos meios de comunicação neste período, destaca-se que o rádio compunha o principal meio de informação da sociedade brasileira, especialmente com a produção de programas de auditório, radionovelas e noticiários, sendo o único meio a partir do qual era possível acompanhar os jogos de futebol ao vivo. Junto com o rádio, a imprensa escrita, com jornais e revistas impressas, possuía a função importante de divulgar os acontecimentos para as regiões mais distantes do país. Completamente diferente dos padrões jornalísticos de diagramação atuais, os jornais praticamente não possuíam inserção colorida, salvo em alguns poucos anúncios publicitários, as fotos eram geralmente mal definidas e possuíam uma posição secundária diante dos textos, que ocupavam a maior parte das páginas.

Como a sociedade brasileira começara a tornar-se esportivizada e, em decorrência disto, futebolizada (FRAGA, 2009), surge, neste processo, um segmento jornalístico específico que atende à demanda criada a partir do desenvolvimento da prática esportiva, e com ele aparece a figura do cronista esportivo, assim como o desenvolvimento de uma linguagem específica direcionada à divulgação dos acontecimentos esportivos.

Com a preparação e a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, o futebol ganha uma dimensão até então inédita nas páginas dos jornais, e a imprensa passa gradativamente a construir vínculos entre o jogo e a nacionalidade brasileira, ou seja, interpretando o futebol enquanto imagem da nação. Sobre isso, Luiz Henrique Borges (s.d, p. 2) complementa que:

O Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser datada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. Cabe ressaltar que até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma

consciente ou inconsciente, do país. Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à área esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira.

Deste modo, nas narrativas construídas pela imprensa sobre o futebol havia a associação entre aquilo que acontecia no jogo, dentro das quatro linhas do campo, e a forma como os brasileiros se viam e eram vistos. Sincronicamente, tais narrativas ocultavam as distintas características regionais tão expressivas em um país de grandes dimensões, o que acabava por gerar narrativas com pretensões de um todo, mas que eram apenas parte deste todo.

Se a forma com que uma população se apropria do futebol, criando para si um estilo que é interpretado como um dístico particular, está intimamente ligada com a forma com que esta mesma população se vê, é natural que em territórios de grandes dimensões e de traços culturais diversos o próprio futebol passe a ser visto como elemento dotado de múltiplas faces, conforme a parcialidade que esteja sob nossa observação. Assim, o próprio senso comum de que o futebol brasileiro reproduz o jeito de ser de seu povo, malandro, malicioso e dotado de grande 'ginga', passa a ser na verdade apenas uma parcela de um todo, muito embora a mais conhecida e difundida através dos meios de comunicação. (FRAGA, 2009, p. 165).

Apesar do contexto interno favorável, do desenvolvimento e da popularização do futebol e das expectativas em torno da possibilidade de criar uma imagem de nação moderna e desenvolvida para os demais países e para si mesmo, a Copa do Mundo de 1950 não representou um consenso entre os brasileiros.

Os debates gravitaram em torno dos jornais impressos de maior circulação da época e envolviam a necessidade de despender determinados custos para a realização da competição, especialmente sobre a necessidade de construção de um novo estádio. Na verdade, esse debate era, efetivamente, parte de uma discussão mais ampla sobre a necessidade de novas intervenções urbanas no Rio de Janeiro, devido ao crescimento da cidade ao longo das décadas precedentes. Os opositores à realização do evento e às construções argumentavam que a prioridade da cidade não era um novo estádio, mas a solução de problemas básicos de educação, saúde e segurança pública. Associada à essa discussão, também se fez presente o debate sobre a designação de como seriam desempenhadas as responsabilidades das obras para a realização do Mundial.

Os debates entre opositores e defensores da competição ganharam destaque na preparação do país para sediar a Copa. Neste período de preparação, a Fifa teria feito algumas exigências pontuais sobre a adaptação dos estádios, como a construção de túneis, a colocação de alambrados e a substituição das arquibancadas de madeira pelas de concreto. Em sua

proposta à Federação, o Brasil propunha a utilização de estádios de médio porte já construídos e a possibilidade de construção de um grande estádio para receber as partidas decisivas do Mundial.

Inúmeras disputas e debates políticos e literários foram travados sobre a construção do novo estádio, a impossibilidade da construção devido à falta de tempo, assim como questões ligadas às responsabilidades de custos. Os jornais impressos da época, notadamente o *Jornal dos Sports* e o *Jornal Tribuna da Imprensa*, divulgaram durante todo esse período campanhas favoráveis e desfavoráveis à construção do estádio. A ideia central que circulava era de que o Brasil precisava de um estádio à altura de um país forte para abrigar os jogos internacionais. De acordo com Tavares e Votre (2015), a concorrência pública para a construção do estádio ocorreu em 1947, com início das obras no ano seguinte.

Com a criação de uma autarquia para a administração do estádio, pôde-se enfim assinar os contratos com as empresas responsáveis pela obra. Durante esses dois anos as publicações versavam sobre a impressionante capacidade de se construir tal empreendimento, sempre enaltecendo os brasileiros por essa conquista. As fotos do estádio eram frequentes na capa das publicações e serviam para os indivíduos acompanharem cada degrau da arquibancada que ia surgindo e cada etapa que se finalizava. (TAVARES; VOTRE, 2015, p. 262).

Em 1950, ano da Copa do Mundo, as obras do Estádio Jornalista Mário Filho, conhecido como Estádio do Maracanã, foram finalizadas e o estádio foi inaugurado em junho daquele ano, conquistando o título de maior do mundo. Construído em 665 dias, o estádio recebeu o nome de Mário Filho em homenagem ao empenho do jornalista que liderou a campanha a favor da sua construção.

Desde o empenho dos políticos e dos jornalistas na realização do projeto até a compra das cadeiras cativas, o Maracanã representou “uma demonstração de patriotismo da elite e de afincos dos operários” (CORREIA; SOARES, 2015, p. 16). Para os autores, a ideia era de que distintas camadas sociais estavam unidas com o objetivo comum de provar a capacidade realizadora do brasileiro através da construção do maior estádio do mundo. Tais reflexões condizem com o exposto por Freitas Junior (2009, p. 39) de que, além de mostrar a significância do futebol na sociedade brasileira, a construção do estádio apresentou uma conotação simbólica, a partir da qual o governo “apresentou para as outras nações a potencialidade brasileira que estava aflorando, ou seja, buscava-se representar através de lugares e atitudes, que o Brasil era um país emergente”.

Com a construção do estádio no Rio de Janeiro, mais cinco cidades brasileiras receberiam jogos da Copa do Mundo: São Paulo (Pacaembu), Belo Horizonte (Independência),

Porto Alegre (Eucaliptos), Curitiba (Durival Britto) e Recife (Ilha do Retiro). Em virtude do contexto pós-guerra, 32 seleções se inscreveram para as eliminatórias e concorrerem a 14 vagas no Mundial, já que o Brasil, por ser sede, e a Itália, última campeã, estavam automaticamente classificados. As equipes foram divididas segundo critérios de localização geográfica: foram destinadas sete vagas para a Europa, quatro para a América do Sul, duas para as Américas Central e do Norte e uma para a Ásia. África e Oceania não tiveram países interessados.

No entanto, antes mesmo das disputas iniciarem nas eliminatórias, quatro seleções da América do Sul abriram mão da competição: Argentina, Colômbia, Equador e Peru. Essa desistência classificou automaticamente outros quatro países para a Copa do Mundo sem a necessidade de entrar em campo: Chile, Bolívia, Uruguai e Paraguai. Nos grupos de outros continentes, mais países desistiram do Mundial antes e até mesmo durante as eliminatórias, como Bélgica e Finlândia, provocando novas alterações na tabela dos jogos. Mesmo depois da definição das 15 seleções classificadas para vir ao Brasil, as seleções da Escócia, Índia e Turquia abriram mão das vagas conquistadas dentro de campo, e França, Portugal e Irlanda, times que participaram das eliminatórias, foram convidados pela Federação, mas recusaram o convite.

Com 13 seleções confirmadas, a formação dos grupos da Copa ficou definida da seguinte forma: Grupo I – Brasil, Iugoslávia, Suíça e México; Grupo II – Inglaterra, Espanha, Estados Unidos e Chile; Grupo III – Itália, Suécia e Paraguai; Grupo IV – Uruguai e Bolívia. Como as desistências da Índia, que completaria o Grupo III, e das seleções da França e de Portugal, que estariam no Grupo IV, aconteceram quando os grupos e a tabela já estavam definidos, a Fifa manteve a divisão. Com isso, algumas seleções fizeram três jogos nesta fase, enquanto outras, como o Uruguai, disputaram apenas uma partida. Somente o campeão de cada grupo avançou para a fase final, quando novamente foi formada uma chave e as equipes jogaram entre si, com a primeira colocada sendo declarada campeã. Portanto, não houve semifinal e final. No que se refere à seleção brasileira de futebol em campo, a equipe era comandada por Flávio Rodrigues Costa, que assumiu como técnico em 1944. Segundo Brinati (2016), a formação da seleção na Copa foi cercada por várias listas preliminares, antes da definição do elenco final.

Portanto, a partir da apresentação de alguns aspectos contextuais que cercaram a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, entende-se que o país vivia um momento favorável, com fortalecimento da economia e a constante construção de um sentimento nacionalista, apoiado pelos meios de comunicação. O futebol brasileiro tornara-se popular entre distintas camadas da população e a seleção já se apresentava como um dos futebolis em

ascensão, dono de um estilo próprio de jogo. A partir destes e de outros aspectos, a Copa representava uma oportunidade significativa de mostrar aos outros, e a própria sociedade brasileira, o que o Brasil era capaz de produzir, dentro e fora de campo – mas, “de repente a história havia passado entre Barbosa e a trave” (FRAGA, 2009, p. 13).

5.2 A NARRATIVA CONSTRUÍDA PELO IMPRESSO O GLOBO NA COPA DO MUNDO DE 1950

Inicialmente, as publicações encontradas no jornal O Globo sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950 são analisadas seguindo o plano da expressão, momento em que são apresentadas as marcas de apuração, as marcas da composição do produto e as temáticas recorrentes, tomando como base todo o ano de 1950, a fim de encontrar a lógica e a sintaxe narrativas que despontam como unidades temáticas.

Em relação aos procedimentos correspondentes ao Protocolo de Análise da Cobertura Jornalística (SILVA; MAIA, 2011), nas marcas de apuração são analisados a assinatura, o local de apuração/ acesso do jornalista ao local do acontecimento e a origem da informação; nas marcas da composição do produto são analisados os formatos dos textos jornalísticos, assim como os recursos visuais e adicionais.

Considerando a delimitação temporal de janeiro a dezembro de 1950, seguindo os procedimentos metodológicos já expostos, encontrou-se 382 publicações relacionadas à seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950 – janeiro (26), fevereiro (13), março (12), abril (55), maio (79), junho (84), julho (111), agosto (1) e setembro (1), não obtendo representação nos meses de outubro, novembro e dezembro.

No que se refere ao primeiro aspecto das marcas de apuração, há um predomínio de conteúdos que não contém assinatura (288 publicações não assinadas). Nas notícias assinadas, Geraldo Romualdo da Silva é o jornalista que mais publica sobre a seleção brasileira neste ano, com 44 textos, seguido de Vasco Rocha que assina 22 textos, Ricardo Serran com autoria de nove publicações, Carlos Arêas em três e fotógrafos de O Globo em um. Além deles, o editor de esportes da agência Reuters Vernon Morgan e o então jogador da seleção da Inglaterra Jack Milburn publicam um texto cada. O restante dos conteúdos tem origem em distintas agências de notícias: AFP (5), Asapress (4), UP (3) e United Press International (1).

Identificar a assinatura do conteúdo publicado pelo O Globo em 1950 auxilia na percepção sobre as características do narrador e do foco narrativo, entendendo-os enquanto elementos que compõem a narrativa. Na narrativa de O Globo não há uma distinção entre autor

e narrador, já que os narradores são sujeitos reais ativos que interferem na configuração da estória narrada, o que é comum em narrativas jornalísticas, conforme Motta (2013). Entretanto, diferentemente do que expõe o autor, em 1950 a presença do jornalista-narrador não se dá de forma apagada, já que comumente ele se insere no desenrolar dos fatos e deixa suas impressões e avaliações de maneira declarada no texto.

Neste sentido, nas publicações assinadas e inclusive em diversas sem assinatura, o jornalista-narrador assume a postura de personagem, de participante, pois exerce uma função de ação. Os textos seguem as características apresentadas por Motta (2013) no caso de uma narração em *showing*, como uso da primeira pessoa, compartilhamento de impressões, além de descrições e análises permeadas de subjetividade. Entende-se que a inexistência de uma preocupação de dessubjetivação do real neste período ocorre em virtude de os jornais produzirem ao longo de 1950 textos de caráter pessoal, fixados em processos narrativos subjetivos (NASCIMENTO, 2014). Ainda, contribui para isso o fato de que os jornalistas de O Globo possuíam características de texto que aproximavam os gêneros informativos, opinativos e interpretativos.

Jornalista esportivo desde a década de 1930, Geraldo Romualdo da Silva era jornalista de O Globo, do Jornal dos Sports e da Rádio Globo em 1950. Em relação ao seu estilo narrativo, os textos caracterizam-se por ser uma combinação entre a crônica e a notícia, “uma mistura ainda maior e homogênea na produção de notícias dialogadas com uma capacidade opinativa, criativa e imaginativa, com alta dosagem de subjetividade” (COUTO, 2016, p. 172). Essa combinação entre jornalismo e literatura se sobressai nos textos em que o jornalista apura *in loco* os acontecimentos, geralmente treinos e jogos da seleção brasileira, em que detalha o que acompanhou diretamente do local, trazendo suas observações e apreciações para o texto.

Com isso, o local de apuração/acesso do jornalista ao local do acontecimento, que também se configura como marca de apuração, apresenta-se como um elemento substancial para definir o jornalista-narrador e o foco narrativo das publicações de O Globo em 1950. O local de apuração também tem relação com os aspectos evidenciados na assinatura e é dividido entre interno e externo. Quando a apuração acontece internamente não há indícios no texto de que o jornalista tenha se deslocado para o local do acontecimento, conduzindo a apuração e a verificação do conteúdo na redação. Já quando há a apuração externa o jornalista a faz *in loco*, no local específico do acontecimento. A partir da assinatura e das marcas deixadas no texto⁴⁹,

⁴⁹ Em alguns textos após a linha de apoio consta a indicação do local. Em outros, o próprio jornalista indica seu acesso ao local com a divulgação e descrição de aspectos que só poderiam ser percebidos e narrativizados a partir da sua presença.

foi possível identificar que 294 textos contaram com apuração externa, *in loco*, enquanto 70 foram checados internamente e outros 18 possuíam local de apuração indefinido.

A predominância da apuração externa se dá pela relevância do acontecimento narrado – a primeira Copa do Mundo realizada no país – e pela facilidade de acesso aos locais dos principais acontecimentos, como as partidas realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Isso evidencia que o jornal deu destaque e ênfase à seleção brasileira desde o período de preparação, a ponto de destinar um enviado especial para acompanhar o técnico Flávio Costa na sua expedição observacional na Europa. O mesmo é percebido em Araxá, quando Vasco Rocha é enviado para acompanhar a concentração dos atletas.

Para ilustrar como a apuração externa influencia na presença do jornalista-narrador participante e a subjetivação do texto cita-se como exemplo a matéria publicada na edição matutina de 17 de abril de 1950 (codificada como A32), que trata da viagem de Flávio Costa à Europa. Geraldo Romualdo da Silva apresenta que ele e Flávio viajaram juntos de Glasgow até Londres. O texto apresenta caráter pessoal, sendo escrito na primeira pessoa do plural, marcando explicitamente a posição do jornalista diante do noticiado: “Antes do embarque do técnico patrício, julgamos oportuno ouvi-lo sobre as impressões que lhe deixara a viagem à Europa. O balanço é bem interessante e estamos certos de que representará uma contribuição valiosa ao seu trabalho” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 17 abr. 1950, matutina, geral, p. 12).

Outro aspecto identificado a partir das características do jornalista-narrador é a proximidade de O Globo com os jogadores e membros da comissão técnica da seleção brasileira, bem como o livre acesso dos jornalistas a eles. Seja acompanhando Flávio em viagem observacional na Europa, na concentração dos jogadores em Araxá, no Joá ou em São Januário, nos vestiários antes e depois das partidas, os jornalistas exibem e descrevem momentos íntimos e pessoais dos jogadores – como o banho de Ademir no vestiário após a partida com a Suécia (JL44), o que faziam os jogadores à noite no Joá (JN3), as voltas de bicicleta de Baltazar na concentração (A10). Essa proximidade é exposta pelo próprio jornal na capa da edição de 10 de julho (JL43): “[...] O cliché que ilustra este texto expressa um aspecto da intimidade dos nossos, nele aparecendo o selecionador Flávio Costa dando o seu abraço de felicitações ao ponteiro Chico, encontrando-se presente o nosso companheiro” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 10 jul. 1950, matutina, geral, p. 1).

Motta (2013) caracteriza a narrativa jornalística como plurivocal, intertextual e polifônica, visto que nela se manifestam vozes que atuam simultaneamente na construção das histórias. Essas características são seguidas pelo O Globo em 1950, uma vez que diversas vozes se sobrepõem na configuração da história: a voz do jornalista-narrador e a voz das personagens,

neste caso, as fontes jornalísticas consultadas para a composição narrativa da estória. Este aspecto relaciona-se à outra marca de apuração, a origem da informação.

A tipificação proposta por Silva e Maia (2011) em relação à origem da informação mescla três critérios principais: a forma de obtenção da informação, a natureza das fontes e a posição das fontes no contexto dos acontecimentos. Com isso, as autoras as dividem em informações de primeira mão – obtidas diretamente pelos autores do texto – e informações de segunda mão – obtidas por terceiros e reproduzidas pelos autores do texto. Nas informações de primeira e segunda mão classificam-se as fontes, já especificadas no capítulo metodológico desta tese.

Constata-se uma indefinição em relação à origem da informação em 198 publicações, uma vez que na maior parte dos casos de indefinição a única fonte informacional acionada é o próprio jornalista. Em junho, 57 conteúdos possuem indefinição em relação às fontes informacionais – destes, em 31 publicações o próprio jornalista é a única fonte informacional utilizada na construção noticiosa. Isso corrobora os dados apresentados acerca da predominância de apuração externa e da presença do jornalista-narrador como uma das vozes dominantes na narrativa construída. Em seguida, aparecem as informações de primeira mão em 170 publicações, com o uso de fontes institucionais, especializadas/comentadoras e cidadãs. Em último lugar aparecem as informações de segunda mão, em 14 textos, com destaque para o uso de informações de outros veículos jornalísticos, especialmente de outros países, como Espanha, França, Argentina e Inglaterra.

Nas informações de primeira mão as fontes mais recorrentemente utilizadas pelo O Globo neste ano são as institucionais – com destaque para o técnico Flávio Costa (presente em 93 textos), os jogadores da seleção brasileira (em 47), os membros da comissão técnica da CBD (em 25) e os médicos da seleção Paes Barreto e Amilcar Giffoni (em 16), entre tantos outros, inclusive relacionados às seleções adversárias do Brasil. O fato de predominar as vozes do técnico Flávio e dos jogadores da seleção ratifica a construção destes personagens como protagonistas da estória narrada, como será detalhado adiante.

Na sequência, aparecem as fontes especializadas/comentadoras, utilizadas em 13 textos. De maneira geral, as relações destas fontes com o universo do futebol as configuram como aptas a comentar os acontecimentos, por isso jogadores, ex-jogadores, árbitros e treinadores são empregados para avaliar e opinar os fatos noticiados. A terceira e última tipologia de fonte presente no jornal em 1950 é a cidadã. As fontes cidadãs estão presentes em oito notícias, com ênfase para os torcedores brasileiros.

Passa-se agora para a análise das marcas da composição do produto, especificamente o formato dos textos e os recursos visuais presentes, uma vez que tais dados ajudam na compreensão da expansão da narrativa construída pelo jornal. O formato de texto jornalístico mais presente é a notícia/matéria, são 234 conteúdos neste formato, seguido da nota (80), da reportagem (28), da fotolegenda/fotonotícia (24), do artigo (10), da entrevista (4) e da reportagem fotográfica (2). Acerca dos recursos visuais e gráficos, evidencia-se que O Globo não se utiliza amplamente deles, ficando restrito às fotografias e ilustrações. Nos meses que antecedem junho, a maioria das publicações não contava com recursos visuais. No entanto, em junho e julho o uso de fotografias e ilustrações aumenta significativamente, o que ocorre em razão do início da competição e a necessidade de permitir que os leitores visualizassem as principais imagens dos jogadores brasileiros, dos treinos, da concentração, dos jogos decisivos da Copa do Mundo.

As temáticas recorrentes na narrativa publicada pelo O Globo em 1950 ajudam a desvelar a lógica e a sintaxe narrativas. Pinna (2006) sustenta que o tema, o assunto e a mensagem tem relação com a estória narrada, não são elementos estruturantes da narrativa, mas fazem parte da essência da estória. Em uma perspectiva geral das publicações deste ano, o tema consiste no Brasil e a Copa do Mundo de 1950 (é a ideia principal que norteou a estória), enquanto o assunto desdobra-se na trajetória da seleção brasileira até a derrota. No entanto, cada mês em específico apresenta subtemas e assuntos, estritamente relacionados ao tema e assunto geral, mas interligados com os acontecimentos particulares ocorridos naquele período. Conforme sugere Motta (2013), identificar os temas e assuntos tratados auxilia na composição dos episódios da estória.

Em janeiro de 1950 dois temas se destacam: 1) expectativa/entusiasmo para a seleção brasileira na Copa do Mundo e 2) o início da preparação. O primeiro tema subdivide-se no pedido de apoio aos torcedores e nas avaliações da equipe como candidata ao título, presente em três publicações (J1, J3, J5). Já o segundo tema se refere ao primeiro capítulo da narrativa, o início da preparação da equipe brasileira, decompondo-se nos assuntos: os primeiros treinos da seleção, os confrontos entre a seleção A e B, a convocação dos jogadores para os treinos, a divulgação, narração e avaliação dos treinamentos. Esse segundo tema compõe 23 textos publicados.

Em fevereiro, o maior número de publicações (11) está relacionado ao tema 1) a continuidade da fase inicial preparatória da seleção brasileira, em que ocorre a divulgação, narração e avaliação dos treinos, a organização de amistosos com o Chile, além da convocação dos jogadores para tais atividades. A outra temática visível neste mês é 2) as ameaças à Copa,

presente em duas matérias (F7, F8), relacionada aos falsos casos, protestos e desistências noticiados na imprensa argentina.

Na sequência, as publicações de março estão divididas em três temas: 1) a concentração em Araxá, 2) viagem observacional à Europa, 3) expectativas e tensões sobre a seleção e a Copa do Mundo. Acerca da preparação em Araxá, constam matérias sobre a viagem dos jogadores até a cidade, a recepção dos torcedores e a disciplina rígida da concentração (cinco textos). Na temática sobre as expectativas e tensões relacionadas à seleção e à Copa (em quatro textos) constam as opiniões e esperanças para a competição, além do desentendimento entre o técnico Flávio e o jogador Heleno. A temática com menos ocorrência (três textos) trata da viagem observacional do técnico brasileiro à Europa, desmembrando-se na viagem de ida e nas primeiras atividades realizadas por ele.

O mês de abril apresenta quatro temáticas em suas publicações: 1) a concentração em Araxá, 2) viagem observacional à Europa, 3) informações gerais sobre a organização da Copa Rio Branco e da Copa Oswaldo Cruz e 4) expressão de confiança na seleção. A primeira temática apresenta 30 textos, sendo o destaque deste mês. Neste tema estão agrupados os seguintes assuntos: o transcorrer das atividades na concentração em Araxá, a alteração no regulamento da concentração, os informes sobre os treinos realizados e a condição física dos jogadores, a intensificação dos exercícios individuais, a descrição das atividades realizadas, a despedida de Araxá e o retorno ao Rio de Janeiro. Com 15 textos, a temática 2) viagem observacional à Europa trata das avaliações de Flávio sobre as seleções acompanhadas, a divulgação das partidas assistidas pelo técnico, a ansiedade de retorno e a volta ao Brasil, além dos aprendizados e preocupações elencadas por Flávio após a viagem. A temática 3 está presente em sete publicações, evidenciando as negociações das datas de realização da Copa Rio Branco e da Copa Oswaldo Cruz, assim como a definição e programação dos jogos. Por último, em três conteúdos aparece a temática 4) expressão de confiança na seleção, em que são apresentadas as expectativas em relação ao desempenho do Brasil na Copa.

Mais próximo do início da competição, em maio de 1950 emergem três temáticas. A primeira delas, 1) Copa Rio Branco e Taça Oswaldo Cruz, compõe 38 publicações, dividindo-se na descrição e apreciação das partidas das duas competições, na avaliação do desempenho da seleção como parâmetro para a Copa, na comparação das atuações da seleção A e B e nas conquistas do Brasil. A segunda temática, nomeada 2) etapa final de preparação da seleção brasileira, apresenta 36 notícias, dividindo-se na divulgação, descrição e análise dos treinos e amistosos, na recuperação física dos jogadores, na oscilação do desempenho técnico e tático, na tensão entre O Globo, Flávio Costa e a CBD e no início da concentração no Joá. Por último,

a terceira categoria temática trata da organização final dos jogos da Copa, especificamente dos sorteios e da definição da tabela de jogos, presente em cinco textos.

No mês em que se inicia a Copa do Mundo de 1950 no Brasil, O Globo publica textos alinhados a quatro núcleos temáticos: 1) preparação para o início da Copa do Mundo, 2) convocação dos jogadores, 3) atrações e expectativas para a Copa do Mundo, 4) O Brasil na Copa do Mundo. Neste mês, a temática 1 aborda a realização de treinos e amistosos preparatórios para a competição, a concentração dos jogadores em Joá e os problemas e dificuldades da equipe brasileira, aparecendo em 48 publicações. Em 20 textos, a temática 4 “o Brasil na Copa do Mundo” apresenta o início da seleção brasileira na competição: Brasil e México (24 de junho) e Brasil e Suíça (28 de junho), informações sobre a realização das partidas, narrativa dos jogos, análise dos desempenhos e preparação para o terceiro jogo: Brasil e Iugoslávia. As atrações e expectativas para a Copa do Mundo, temática 3, estão presentes em 13 textos, com ênfase à rotina das delegações. A temática com menos incidência neste mês (três publicações), refere-se à convocação dos jogadores, com a lista dos dispensados e a lista final dos convocados.

Em julho de 1950, mês em que se desenrola os jogos da Copa do Mundo e em que ocorre a derrota da seleção brasileira, as publicações de O Globo se dividem em quatro temáticas: 1) o Brasil na Copa do Mundo, 2) informações gerais e rotina das seleções, 3) a Copa do Mundo e o Brasil sob a perspectiva dos jornais e fontes estrangeiras, 4) a derrota. A temática 1 reúne 52 publicações, que se desdobram na divulgação, preparação e análise dos jogos de julho até a final da Copa: Brasil e Iugoslávia (01 de julho), Brasil e Suécia (09 de julho), Brasil e Espanha (13 de julho). A derrota, temática 4, apresenta 25 textos, em que há a narrativa da final entre Brasil e Uruguai (16 de julho), análise da partida e busca por explicações. Com 19 publicações, a temática 2) informações gerais e rotina das seleções aborda as atividades e rotinas das delegações, com ênfase para a seleção brasileira, a classificação das seleções para a fase final, a tabela de jogos e a organização da fase final da competição. Por fim, no tema 3, 15 publicações abordam a percepção de fontes estrangeiras sobre a competição, assim como a divulgação dos jornais impressos estrangeiros sobre a Copa e a trajetória brasileira.

A fim de especificar cada uma destas temáticas e de como O Globo narra a estória da seleção brasileira na Copa do Mundo, apresenta-se a seguir a análise das marcas da apuração, das marcas de composição do produto e das temáticas das publicações de cada mês de 1950. Em seguida, consta a análise narrativa da derrota, seguindo os procedimentos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística.

5.2.1 Janeiro a Setembro de 1950

O primeiro mês analisado no corpus desta investigação, janeiro de 1950, trata da realização dos primeiros treinos da seleção brasileira e da convocação de jogadores para tais treinamentos, tendo como início das publicações o dia 02 de janeiro. No decorrer daquele mês e ano, o jornal O Globo apresentou 26 publicações sobre a participação do Brasil na Copa do Mundo.

Na primeira etapa da análise, em relação às marcas de apuração, 21 matérias não estavam assinadas e cinco (5) foram escritas por Geraldo Romualdo da Silva, com predominância da apuração externa (*in loco*) em 18 conteúdos publicados, sendo seis apurados internamente e dois conteúdos com local de apuração indefinido, não sendo possível identificar a partir das marcas deixadas no produto. Mesmo aquelas notícias que não apresentam indicação do local na assinatura deixam indícios textuais de que a equipe jornalística apurou o fato externamente, como em J1: “A propósito estivemos com Flavio Costa e dele ouvimos algumas observações interessantes” (O GLOBO, 02 jan. 1950, matutino, geral, p. 12). Em relação à origem das informações, evidencia-se que 23 publicações apresentaram informações de primeira mão, sendo que predominam as fontes institucionais, especialmente o técnico da seleção brasileira Flávio Costa (em 12 notícias), a comissão técnica da CBD (em nove) e alguns jogadores da seleção nacional (em três). O número de fontes é superior ao número de notícias, pois em alguns textos havia a presença de mais de uma fonte. Já as marcas de composição do produto, na segunda etapa de análise, revelam que O Globo publicou 18 matérias e oito notas, utilizando-se de poucos recursos visuais, já que 17 conteúdos não se utilizam de nenhum recurso.

A primeira matéria publicada sobre a seleção brasileira e a Copa do Mundo em 1950 (J1) aborda a expectativa dos brasileiros sobre a competição que se realizaria naquele ano e o apelo do técnico da seleção Flávio Costa para que a população brasileira acompanhasse e apoiasse os jogadores. Utilizando-se da primeira pessoa do plural (“nossa capital”) e de adjetivações (“importância extraordinária”), dá-se ênfase à realização do evento esportivo e, em certa medida, justifica o acompanhamento do jornal sobre os exercícios preliminares de preparação dos jogadores, no sentido de sustentar que a cobertura jornalística acontecia em virtude de um suposto interesse a essas providências.

Para os esportes brasileiros o ano de 1950 reveste-se de **uma importância extraordinária**. Em junho-julho deste ano será realizado em **nossa capital** o maior certame internacional de football e **todos os brasileiros**, afeiçoados aos esportes,

certamente devotarão maior interesse às providências que serão tomadas, a partir do mês corrente, com relação aos treinos preparatórios dos jogadores, já requisitados, que deverão integrar o selecionado brasileiro. (O GLOBO, 02 jan. 1950, matutino, geral, p. 12, grifo nosso).

Em janeiro, há uma predominância do uso de fontes institucionais ligadas à seleção brasileira, com destaque para o técnico Flávio Costa. Neste primeiro conteúdo, a matéria apresenta as declarações do treinador, pedindo apoio dos jogadores, dirigentes e de todos os brasileiros, evidenciando que as paixões partidárias deveriam ser ignoradas, uma vez que a participação vitoriosa da seleção seria uma tarefa de todos: “[...] Dirijo um apelo a todos os brasileiros, afeiçãoados do football e dirigentes, para que, com patriotismo, colocando de lado as paixões partidárias, colaborem conosco” (J1). Essa construção de unicidade do povo brasileiro para a conquista da seleção está presente em outros momentos, como em J8, onde a retranca utilizada – “todos pensam no scratch” – revela a composição de um sentimento de unidade por parte da população brasileira em relação à expectativa para a atuação do Brasil na competição. Desde aqui buscava-se criar e demonstrar um cenário em que existia um sentimento de identidade nacional em torno do futebol brasileiro, evidente na representação de uma suposta união do povo brasileiro em todos os cantos do país.

A partir do dia 10 de janeiro (J6), O Globo passa a noticiar a realização de treinos da seleção brasileira, com descrição detalhada e subjetiva das atuações dos jogadores. O percurso da seleção na Copa do Mundo em 1950 é noticiado como uma estória a ser narrada e isso se mostra evidente na forma com que O Globo divulga o primeiro treino, isto é, como o primeiro capítulo daquela narrativa que se estenderia até julho: “Quando se escrever a história da Copa do Mundo no Brasil, a data de amanhã estará marcada pelo início dos preparativos do scratch brasileiro. Capítulo primeiro do roteiro do técnico Flávio Costa [...]” (O GLOBO, 10 jan. 1950, matutino, geral, p. 16). Ao abordar o primeiro treino do selecionado nacional, O Globo dá ênfase ao fato da data tornar-se um marco histórico para o futebol brasileiro. O texto afirma que, na hipótese de sucesso, pesquisadores voltariam aos jornais para a realização de pesquisas. O fato é que a derrota é que foi a responsável por suscitar a atenção de pesquisadores para tal acontecimento.

Chama a atenção a preocupação em afirmar que o selecionado nacional era um só, sem diferenciação ou rivalidade entre o time A e B da seleção: “Flávio Costa não pretende que se reproduzam as eternas disputas de scratches A e B. Pede mesmo, ao público que compreenda os objetivos dos ensaios que serão realizados, não vindo da escalação de determinados players para os teams como ditadas por outras preferências senão de ordem técnica” (O GLOBO, 10

jan. 1950, matutino, geral, p. 16). Neste sentido, há uma preocupação do treinador e, em consequência, do jornal, de que houvesse unidade entre os torcedores sem que se sobressaíssem rivalidades, principalmente entre cariocas e paulistas. Entende-se que a orientação de isolamento dos bairrismos mostrava-se um reforço ao projeto de identidade nacional e à imagem de uma sociedade moderna (FREITAS JR, 2009), uma vez que para que isso se concretizasse, era necessária uma interdependência entre as regiões do país.

Conforme apresenta Freitas Júnior (2009, p. 289), as disputas literária, política e ideológica entre os intelectuais paulistas e cariocas marcaram o debate “de um período em que se apresentava a necessidade de uma cultura global em detrimento de uma identidade regional”. No entanto, segundo o autor, mesmo exibindo uma narrativa de coesão nacional, os jornalistas e cronistas tendiam à valorização dos jogadores, da cultura e do comportamento do local que representavam, neste caso, O Globo sinaliza para a valorização do Rio de Janeiro.

Apesar dos esforços em minimizar rivalidades, o segundo treino da seleção, realizado em São Paulo, é marcado por um episódio bairrista que afeta diretamente Flávio Costa. Geraldo Romualdo da Silva relata que o técnico substituiu Baltazar, jogador do Corinthians, por orientações do médico da seleção, mas que a alteração não foi compreendida pelos torcedores que passaram a vaiar Flávio Costa (J23, J24):

O pior no entanto – pela imprevidência de não se haver colocado o público a par dos acontecimentos, e não foi por falta de alto-falantes – foi que o público compreendeu e interpretou à sua maneira, **extremamente bairrista**, essa ‘ordem de retirada’ de Baltazar, logo depois de Baltazar ter feito no campo, e sem sentir contusão e distensão de qualquer espécie, o seu segundo goal de cabeça. Aí – foi um Deus nos acuda de vaias e assobios. Quem pagou pela retirada inoportuna de Baltazar – ora, quem havia de ser senão o técnico? – foi Flávio Costa. E pouco importou, no momento, que o Dr. Amilcar Giffoni fosse à cabina de rádio e espalhasse a justificativa pelos quatro cantos do estádio. Não importou realmente muito porque as vaias e os assobios não cessaram. (O GLOBO, 26 jan. 1950, matutino, geral, p. 12, grifo nosso).

Ao contar sobre as vaias direcionadas à Flávio Costa, o jornalista traz à tona a rixa existente entre Rio e São Paulo, apesar das tentativas de minimizá-la. A rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo fazia parte daquela conjuntura, pois decisões políticas, econômicas e culturais eram realizadas neste eixo. Por vezes, a tentativa do jornal direcionava-se à integração nacional por entender que esta era uma das exigências da modernidade. De acordo com Ianni (2004), tratava-se de uma questão de segurança política, uma vez que a integração possibilitaria que se falasse em nome da nação e seria uma oportunidade para a formação de um mercado interno, uma das exigências dos órgãos de controle do grande capital internacional que investiam no Brasil.

Os aspectos subjetivos estiveram presentes nos conteúdos publicados pelo jornal neste primeiro mês de 1950, notadamente nas matérias que se destinavam à narração dos treinamentos realizados pela seleção brasileira, onde o jornalista se insere na estória contada e se utiliza de elementos de subjetividade, como a descrição pormenorizada e adjetivação dos treinos, atuações e declarações. A título de exemplo, cita-se a matéria J7, em que há ênfase no primeiro treino e O Globo se insere como parte da estória narrada pelo uso da primeira pessoa do plural (“nosso selecionado”) e pela descrição das ações do jornalista como parte da estória contada: “Preparava-nos para descer as escadas do vestiário, quando chegaram os vascaínos Maneca e Danilo, ambos scratchmen nacionais” (O GLOBO, 11 jan. 1950, matutino, geral, p. 10).

O segundo mês analisado refere-se a fevereiro de 1950, onde é possível notar o destaque aos detalhes organizacionais da preparação da seleção que se iniciaria em março. Em fevereiro daquele ano, O Globo publicou 13 textos sobre a seleção brasileira. As marcas de apuração revelam que 12 textos não possuíam assinatura e apenas um estava assinado pela agência de notícias AFP⁵⁰, com apuração externa em oito e apuração interna em cinco textos. As informações publicadas caracterizam-se como de primeira mão (cinco), de segunda mão (duas) e indefinida (seis). Nas informações de primeira mão, constam apenas fontes institucionais, o técnico Flávio Costa e membros da comissão técnica da CBD. Ressalta-se que em muitas publicações em que a fonte de informação apresenta-se indefinida, o próprio jornalista atua como fonte.

A segunda etapa de análise revela que O Globo publicou oito matérias e cinco notas em fevereiro, com grande ausência de recursos visuais – onze textos não se utilizaram de fotografias ou outros elementos. Assim como janeiro, em fevereiro O Globo narra os treinos realizados, separando a seleção em dois times (A e B, também chamado de brancos e azuis), com detalhada descrição das jogadas e atuações.

A matéria identificada como F4 apresenta detalhadamente a atuação de cada um dos jogadores brasileiros de forma individualizada. Ao analisar cada uma das apreciações, percebe-se que Barbosa, Augusto, Mauro, Eli, Danilo, Noronha, Tesourinha, Zizinho estão associados a características positivas e favoráveis, muitos, inclusive, considerados insubstituíveis em suas posições, como Danilo. Ainda em relação à preparação, em fevereiro também consta a escolha de Araxá como local de concentração da equipe brasileira para a Copa do Mundo, com o objetivo de recuperar fisicamente os jogadores – inicialmente com duração de 20 dias, de 25 de março a 15 de abril (F10, F11).

⁵⁰ *Agence France-Presse* (AFP) é uma agência de notícias francesa, considerada uma das três maiores agências de notícias do mundo.

Além de matérias que narram os treinamentos, uma polêmica específica surge nas páginas de 07 e 08 de fevereiro. O Globo informa que o jornal argentino El Laborista afirmara que o Brasil estaria experimentando uma droga para estimular sua seleção na Copa do Mundo e comenta o fato afirmando que a atitude do periódico “dispensava comentários”. No dia seguinte, volta a abordar a teoria conspiratória e pressupõe que a notícia de que a Argentina não participaria da competição estava relacionada ao que foi publicado pelo El Laborista (embora faça tal suposição de maneira irônica) e que tais fatos pretendiam ameaçar a grandiosidade do campeonato:

Cada dia que passa é uma ‘novidade’ que surge pretendendo ameaçar o brilhantismo do Campeonato Mundial, numa série absurda de falsos ‘casos’, ‘protestos’ e ‘desistências’. Ainda ontem surgiu uma novidade que apareceu como a mais ridícula de todas até então: - a da ‘descoberta’ de que os jogadores brasileiros atuam sob a ação de um ‘dooping diabólico’ preparado nas selvas do Amazonas. (O GLOBO, 08 fev. 1950, matutino, p. 7).

Desta matéria, destaca-se a criação de um cenário contrário à Copa do Mundo do Brasil construído por outros países, como é o caso da Argentina, a partir de mentiras relacionadas à desistências e casos como o doping. Nesta circunstância, O Globo demonstra preocupação em defender o prestígio do Brasil e da competição, até porque a Copa era considerada um projeto brasileiro de ampliação da imagem do país no cenário internacional (COUTO, 2016).

Março de 1950 é o terceiro mês analisado relacionado à preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo. Com 12 conteúdos jornalísticos divulgados, as principais características das publicações consistem em enfatizar a disciplina rígida na concentração do time, a ida do técnico Flávio Costa à Europa para realizar observações táticas e uma discussão entre Flávio e o jogador Heleno.

No primeiro nível, constata-se que nove publicações não estavam assinadas, uma havia sido escrita por Geraldo Romualdo da Silva, uma pelo enviado especial Vasco Rocha e outra de autoria da agência de notícias Asapress. A grande maioria (dez publicações) é apurada em local externo e o restante (duas publicações) tem local de apuração indefinido, assim como sete matérias possuíam informações de primeira mão, com fontes institucionais (técnico Flávio Costa e jogadores Heleno e Juvenal) e fonte especializada/comentadora. No segundo nível, percebe-se que a grande maioria era notícia (onze notícias e uma nota) que não se utilizava de elementos visuais.

A primeira matéria divulgada em março de 1950 (M1) expõe a opinião sobre a Copa de 1950 do ex-jogador de futebol, Romeu Pellicciari, que atuou pela seleção brasileira na Copa

do Mundo de 1938. O Globo destaca que o ex-jogador considerava um dever a conquista do mundial, embora soubesse que a tarefa exigia esforço máximo dos jogadores: “[...] disse resolutamente que ‘temos obrigação de ganhar a Copa do Mundo’, jogando em nossa própria casa, com campo, com torcida, com ambiente, com tudo favorável às nossas cores” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 03 março 1950, matutino, p. 9). Nota-se que O Globo busca situar um clima de expectativa, responsabilidade e obrigatoriedade pela vitória da seleção brasileira, especialmente por disputar o campeonato em casa, alocando esse discurso na voz de uma fonte especializada, ou seja, no discurso de um ex-jogador brasileiro que já disputou uma Copa do Mundo e que, portanto, teria autoridade suficiente para comentar os fatos.

Essa obrigatoriedade na conquista do título é recorrente nas publicações deste ano. Diante da necessidade de assumir-se moderno, a partir da ocupação de um lugar de prestígio no cenário mundial, O Globo reforça a exigência de tornar-se campeão da Copa do Mundo, uma vez que o título poderia mostrar ao restante do mundo as capacidades do Brasil e do povo brasileiro.

Neste mês também se aborda a preparação da seleção brasileira em Araxá, sendo que M6 e M8 relatam a ida dos atletas e comissão técnica para a cidade mineira, com o objetivo de repousar e recuperar fisicamente os jogadores. Em 28 de março (M9), O Globo fala sobre a chegada da delegação brasileira à Araxá e dá destaque à calorosa recepção da população aos jogadores brasileiros, utilizando adjetivos que qualificam o entusiasmo da população: “[...] foram recebidos, ontem à tarde, no Aeroporto, com carinho e satisfação pelo povo e pelas autoridades municipais e desportivas. Jamais tanta gente se reuniu no campo de aviação de Araxá para ver chegar hóspedes ilustres” (O GLOBO, 28 mar. 1950, matutino, p. 11). O percurso dos jogadores é descrito em etapas, de forma serializada, como se narrasse os passos da delegação. Textualmente, isso é realizado pelo O Globo em forma de intertítulos. O primeiro intertítulo, “transcurso normal o da viagem”, informa sobre como ocorreu a viagem da delegação e como se deu a recepção aos jogadores. O jornalista descreve algumas reações por parte da torcida mineira que estava curiosa em conhecer pessoalmente cada jogador:

Era de ver-se a curiosidade manifestada pelo povo para conhecer, de um modo direto, os jogadores. Havia em cada boca uma interrogação. Quem é o Zizinho? – indagava uma jovem morena, de olhos grandes. É aquele ‘moreno’ ali que parece estar sempre sorrindo, está vendo? – indicava alguém que já conhecia o famoso meia-direita. [...] Enfim, a curiosidade e o interesse se manifestavam claramente, revelando a satisfação do povo por ter presente os maiores jogadores brasileiros de football. (O GLOBO, 28 mar. 1950, matutino, p. 11).

O segundo intertítulo (“donos da cidade”) narra que, após o desembarque, os membros da delegação foram recebidos pelo prefeito na estação do aeroporto, momento em que ele declara que os jogadores eram os donos da cidade. Na sequência, o intertítulo “Rumo a concentração” trata da ida dos jogadores até o local da concentração e o detalhamento da programação para o restante daquele dia. Também há a exposição dos termos do regulamento da concentração, como a proibição à ausência do hotel sem prévio consentimento e visitas nos locais privativos.

Neste momento, outro evento noticiado (M7, em 27 de março) é a despedida de Flávio Costa aos jogadores requisitados para a Copa do Mundo, ocorrida em São Januário, em virtude da viagem do técnico à Europa para acompanhar as eliminatórias Portugal x Espanha e Inglaterra x Escócia. O Globo traz uma declaração do técnico sobre sua viagem de observação, classificando-a como um sacrifício necessário e lamentando sua ausência em um momento importante para a equipe brasileira. Disso depreende-se que para o técnico da equipe brasileira as principais ameaças à conquista do título pelo Brasil eram as seleções europeias e que era necessário observá-las a fim de entender suas táticas de jogo. A concentração da equipe brasileira em Araxá e as observações técnicas de Flávio na Europa são os episódios principais que ganham destaque neste mês e no mês seguinte.

Dando prosseguimento à narrativa da seleção brasileira em 1950, o mês de abril publicou 55 conteúdos, do dia 01 a 29 de abril. Deste modo, há um aumento significativo no número de publicações em comparação a janeiro, fevereiro e março. Os principais assuntos abordados incluem a viagem de Flávio à Europa para realizar observações das seleções estrangeiras e a concentração do time brasileiro em Araxá⁵¹.

De acordo com as marcas de apuração, 21 publicações não continham assinatura, 21 conteúdos haviam sido escritos por Vasco Rocha – enviado especial que acompanhava a concentração em Araxá –, dez eram de autoria de Geraldo Romualdo da Silva – enviado especial que acompanhava Flávio Costa em viagem à Europa – e outras três eram provenientes de agências de notícias. Como as matérias abordam principalmente as atividades realizadas em Araxá e a viagem do técnico à Europa, 46 delas são apuradas externamente⁵², apenas duas internamente e sete com local de apuração indefinido. Acerca da origem das informações, 26 publicações apresentam informações de primeira mão – com grande destaque para as fontes

⁵¹ As demais publicações informam sobre as negociações para a realização das Taças Rio Branco e Oswaldo Cruz.

⁵² Mesmo em conteúdos não assinados, algumas marcas textuais evidenciam o acompanhamento das atividades *in loco*, como em A2: “Transcorrem sem maiores novidades os dias **aqui** na concentração do selecionado brasileiro, que vai se preparar para os jogos da Copa do Mundo” (O Globo, Rio de Janeiro, 03 abr. 1950, matutino, geral, p. 10, grifo nosso).

institucionais, como o técnico da seleção brasileira –, em 17 o jornalista atua como fonte informacional, 17 apresentam origem indefinida e duas têm informações de segunda mão. Segundo as marcas da composição do produto, das 55 publicações, 37 são matérias, 15 são notas, uma é fotolegenda e uma é reportagem. A maioria das publicações não apresenta fotografia e recursos, sendo que 13 exibem uma única fotografia.

Entre os principais acontecimentos narrados em abril de 1950 destaca-se o transcorrer da preparação do selecionado nacional na cidade mineira de Araxá. Das 55 publicações presentes neste mês, 27 delas abordam as atividades ocorridas na concentração – ocupando 49% das publicações de abril. São noticiados e descritos os eventos que ocorriam em Araxá, assim como cada particularidade do local: o estado do gramado e a chegada do jogador Pindaro à concentração (A2); a reunião entre delegação e jogadores para o comunicado das modificações feitas no regulamento da concentração (A7); a divisão dos jogadores em três grupos (os de maior peso, os de peso médio e os de peso leve) e o regime alimentar distinto para cada um (A7); a lista do peso de cada um dos jogadores concentrados (A7); a intensificação dos exercícios individuais (A20); a descrição dos treinos-exibição dos jogadores brasileiros (A27, A28, A29, A35, A41, A43, A46, A47, A48), entre outros.

As matérias escritas por Vasco Rocha, enviado especial do O Globo em Araxá, caracterizam-se pela descrição pormenorizada, detalhando cada passo e atividade dos jogadores na concentração: “O programa normal foi cumprido, iniciando-se as atividades com o despertar às sete horas e trinta minutos, os exercícios normais de corrida, seguindo-se a revisão médica e as massagens” (O GLOBO, 04 abr. 1950, matutino, geral, p. 12).

Ao descrever um dos treinos-exibição da seleção nacional (A29), nota-se uma característica recorrente da narrativa jornalística adotada pelo O Globo: a utilização de elementos subjetivos para a construção textual, fazendo com que a fonte principal da notícia seja o próprio jornalista e suas percepções diretamente no local. Essa subjetividade também é percebida em A49. Concluindo a narrativa da concentração da seleção em Araxá, Vasco Rocha noticia o encerramento dos trabalhos e das próximas atividades dos jogadores – retorno para São Paulo e Rio, onde ficariam alguns dias com as famílias, para depois se reunirem novamente para preparação técnica. Nesta publicação é feita uma avaliação do último treino dos jogadores em Araxá, que o jornalista considera insatisfatório e critica veementemente a exibição, diferente dos treinos anteriores:

Iniciando-se bem, o treino foi pouco a pouco decaindo de movimentação e interesse, culminando por apresentar uma segunda fase inteiramente monótona. É verdade que esses treinos não tinham objetivo técnico, e não visavam definir posições. Mas a

verdade é que se esperava coisa melhor, pois se quarta-feira última debaixo de chuva, o ensaio foi movimentado e tecnicamente interessante, o de ontem deveria ter sido muito melhor, dadas as condições favoráveis. (O GLOBO, 24 abr. 1950, matutina, geral, p. 11).

Outra característica perceptível é a ênfase na responsabilidade dos jogadores em “defender o prestígio do futebol nacional” (A20) e “demonstrar os valores do futebol brasileiro” (A28). Essa constante responsabilização à defesa ao prestígio e aos valores do futebol brasileiro se relacionam com a obrigatoriedade da conquista do título pois ele poderia fazer com que o país assumisse um lugar de destaque no cenário mundial.

Assim como em março (M1), O Globo reforça o discurso de expectativa e obrigatoriedade da conquista do Mundial, muitas vezes alocando essa narrativa à voz de fontes especializadas/comentadoras – em março com o ex-jogador Romeu Pellicari, em abril com o também ex-jogador Bianco Spartaco Gambini (A9).

Inicialmente, a matéria apresenta a significância de Bianco para o futebol brasileiro, a fim de o legitimar como uma fonte respeitável: “Bianco, foi, na zaga do Palestra Italia, e das seleções bandeirante e nacional, até 1919, o que foi Domingos da Guia até 38, para tantos clubes do nosso Continente e as seleções, carioca e brasileira” (O GLOBO, 04 abr. 1950, matutina, geral, p. 11). Nota-se aqui uma apresentação do jogador paulista, comparando-o a um jogador carioca (Domingos da Guia), a fim de aproximar a fonte do leitor carioca. Bianco ressalta a necessidade de vencer o campeonato mundial e os valores presentes no time brasileiro que permitiriam tal conquista: “– Precisamos conquistar a Taça Jules Rimet. E para isso, não nos faltam valores. Demais, contaremos com o fator campo e torcida” (O GLOBO, 04 abr. 1950, matutina, geral, p. 11).

Outro assunto que aparece de maneira significativa nas páginas de abril é a viagem do técnico Flávio Costa aos países europeus para realizar observações táticas, assim como suas considerações a partir dos jogos assistidos. Onze publicações tratam deste fato – 20% das publicações do mês. Em 10 de abril, por exemplo, a matéria A16 aborda a viagem de Flávio Costa à Europa e sua urgência para regressar ao Brasil. Inicialmente, o texto relembra que a viagem representava um sacrifício, “justamente na época em que tinha mais necessidade de estar junto aos jogadores que se acham concentrados em Araxá” (O GLOBO, 10 abr. 1950, matutino, geral, p. 13). Entretanto, ressalva que a viagem apresentava aspectos interessantes para o desempenho do trabalho do técnico.

As publicações que tratam deste assunto apresentam apuração externa, já que Geraldo Romualdo da Silva acompanhou o percurso de observações do técnico na Europa. Muitos textos

(A32, A37, A39) expõem a relação próxima existente entre ele e o técnico brasileiro e a apuração externa, já que ambos viajaram e acompanharam juntos as partidas. Isso evidencia que O Globo deu destaque e ênfase à seleção brasileira na Copa do Mundo desde o período de preparação, a ponto de destinar um enviado especial para acompanhar o técnico na sua expedição observacional na Europa. O mesmo é percebido em Araxá, em que Vasco Rocha é enviado para acompanhar a concentração dos atletas.

Em matéria (A32) publicada em 17 de abril, Geraldo Romualdo da Silva conta que ele e Flávio Costa viajaram de Glasgow, onde aconteceu a partida entre Inglaterra e Escócia, até Londres, uma vez que o técnico retornaria naquele mesmo dia para o Brasil, como noticiou A31. O texto apresenta caráter pessoal, sendo escrito na primeira pessoa do plural, marcando explicitamente a posição do jornalista diante do noticiado. Flávio sustenta que regressava ao Brasil impressionado com o futebol inglês, com o propósito de preparar os jogadores para “a grande responsabilidade que os esperava”. O técnico é questionado sobre o regresso precipitado, justificado pela qualidade já constatada dos times europeus. “– Quando vim para a Europa tencionava permanecer até o dia 25. Mas vi de perto o perigo que nos ameaça e chegou a hora de intensificar os nossos preparativos para a Copa do Mundo” (O GLOBO, 17 abr. 1950, matutina, geral, p. 12).

Especificamente em A39, a notícia expõe que no aeroporto de Londres, Flávio revelou que assim que chegasse ao Brasil pediria à CBD que providenciasse sua passagem para Araxá, a fim de fazer uma explanação dos fatos observados na Europa e “indicar o único caminho capaz de levar-nos à conquista do cobiçado título de campeão do mundo” (O GLOBO, 18 abr. 1950, matutina, geral, p. 12). Como em outros textos, O Globo demonstra o cuidado e ponderação de Flávio ao falar da possibilidade de vencer a competição, evitando um otimismo excessivo, que considera prejudicial à equipe: “– Alimentar otimismo injustificável e superestimar nossos recursos poderia ser fatal às nossas aspirações” (O GLOBO, 18 abr. 1950, matutina, geral, p. 12).

Já em 19 de abril, com a chegada de Flávio Costa ao Rio de Janeiro, O Globo publica uma matéria (A42) em que sintetiza as observações do técnico na Europa, assim como seus aprendizados e preocupações. A primeira fala do técnico exalta a Europa como berço da civilização que ensinaria muito ao Brasil. Isso corrobora a perspectiva de que, com a conquista da Copa do Mundo, o Brasil pretendia igualar-se aos países europeus e mostrar-se no mesmo patamar.

‘– No caso da Europa, o berço da civilização, é essencial conhecê-la, para qualquer julgar-se em caminho ao completo [...]. Muita educação, muita ordem e higiene, parecendo que a vida, apesar das dificuldades, é equitativa para todos. No aspecto esportivo, meu caso particular, é admirável o espírito esportivo que domina mesmo as multidões mais compactas. Vimos Portugal ser desclassificado em Lisboa, em jogo igual ao seu adversário e o público não exibir um protesto, embora não estivesse de acordo com a seleção organizada. Vimos o alegre povo escocês, preparar-se, ruidosamente para festejar a vitória em seu clássico contra a Inglaterra, e receber com dignidade a derrota de 1x0 [...]. Isto é a Europa’. (O GLOBO, 19 abr. 1950, matutino, geral, p. 12).

Ao analisar a fala de Flávio nota-se o enaltecimento à Europa em distintos aspectos, como berço civilizatório e como exemplo de educação, ordem e higiene. No que se refere ao futebol, Flávio cita a torcida europeia como modelo do que é torcer e de como encarar a derrota e a vitória, a partir dos exemplos de Portugal e Escócia. É a partir de tais referências que o jornal orienta pedagogicamente os torcedores brasileiros sobre as formas corretas de se portar nos estádios, como será visto posteriormente. Acerca do questionamento sobre o futebol como possibilidade propagandística – o que confirma o entendimento de que a conquista do Mundial serviria como confirmação de uma imagem positiva do país para o exterior –, Flávio responde que o futebol constituía o maior fator de propaganda do país, bastava olhar para os jornais esportivos de toda Europa, cheios de noticiário sobre o Brasil. Acompanhando o mesmo tom utilizado em outras matérias, Flávio Costa assumia um discurso contido, evitando falar de um suposto favoritismo brasileiro e evitando ser demasiadamente otimista. Tal atitude do treinador é noticiada como condizente com o que havia observado do futebol europeu, até porque demonstrara a necessidade de intensificação na preparação da equipe nacional (A42).

Em contraponto ao apresentado por Flávio, O Globo publica as opiniões do árbitro britânico Charles Mac Kenn (A26) e do técnico da Espanha Guillermo Eizaguirre (A18) que evidenciam a seleção brasileira como a favorita para vencer a Copa do Mundo de 1950: “Respondendo a uma consulta nossa, o selecionador espanhol afiançou-nos que, dificilmente, o título sairia do Brasil, na Copa do Mundo” (O GLOBO, 10 abr. 1950, matutino, geral, p. 13). Deste modo, até abril de 1950 não havia um discurso explicitamente ufanista do jornal ou da comissão técnica, embora O Globo apresentasse a obrigatoriedade da vitória brasileira a partir das exposições de fontes comentadoras.

Mais próximo da data de início da Copa do Mundo no Brasil, no mês de maio de 1950 O Globo publica 79 textos sobre a seleção brasileira, há um aumento substancial no número de publicações. Cinco matérias abordam o sorteio e definição da tabela de jogos da Copa do Mundo (6% do total de publicações), enquanto 38 textos abordam treinos e jogos da Copa Rio

Branco⁵³ e da Taça Oswaldo Cruz⁵⁴, correspondendo a 48% do total de publicações. Por fim, 36 conteúdos tratam dos treinos e da concentração na etapa final de preparação para a Copa do Mundo – isto é, 46% das publicações do mês de maio de 1950. Destas 36 notícias, quatro narram as tensões entre O Globo, Flávio Costa e a CBD.

Inicialmente, destaca-se o volume de conteúdo publicado sobre a seleção brasileira de futebol. Durante o referido mês, há publicações em quase todos os dias em que houve edição impressa, inclusive com a presença de mais de uma publicação na mesma edição do jornal, como é o caso do dia 30 de maio, com cinco produções.

No primeiro nível de análise, sobre a assinatura, constata-se que das 79 publicações, apenas quatro são assinadas (MA11 e MA27 por Ricardo Serran; MA1 e MA23 por Geraldo Romualdo da Silva) – todas elas por enviados especiais do jornal O Globo aos locais dos acontecimentos narrados nos textos jornalísticos, como a reunião da Comissão Organizadora da Copa do Mundo em Londres para a designação dos cabeças de chave para o turno final da competição (MA1) e a derrota da seleção em jogo contra os uruguaios realizado em São Paulo (MA11). Infere-se que todas as demais matérias que compõem o corpus deste mês, embora não assinadas, foram escritas pelo repórter da matriz da redação – o que Silva e Maia (2011) nomeiam de “local” –, já que se referem a acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro, sede do impresso.

A partir da assinatura e das marcas deixadas no texto, foi possível identificar que 51 matérias contaram com apuração externa, *in loco*, enquanto 21 foram checadas internamente e outras sete possuíam local indefinido. No que concerne à apuração externa destaca-se a descrição minuciosa dos jornalistas a aspectos que só poderiam ser percebidos a partir da presença no local do acontecimento. Nota-se que em todas as matérias publicadas acerca de jogos, amistosos e treinos realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo há a apuração *in loco* e a descrição pormenorizada de lances e atuações.

O último aspecto das marcas de apuração é a origem das informações, isto é, as fontes consultadas. Das 79 publicações localizadas, identifica-se a utilização de informações de primeira mão em 35 conteúdos, sendo que 43 apresentam indefinição (em 14 destas o próprio jornalista atua como fonte) e apenas uma nota utiliza de informações de segunda mão (MA23). Nas informações de primeira mão, encontram-se as fontes institucionais, que aparecem em 36

⁵³ Criada em 1916, a Copa era disputada pelas seleções do Brasil e do Uruguai. Contou com dez edições: 1931, 1932, 1940, 1946, 1947, 1948, 1950, 1967, 1968 e 1976.

⁵⁴ Torneio disputado entre as seleções do Brasil e do Paraguai entre os anos de 1950 a 1976, contendo oito edições: 1950, 1955, 1956, 1958, 1961, 1962, 1968 e 1976.

publicações, com destaque para o técnico Flávio Costa (20) e os dirigentes da CBD (5). O jornalista-narrador também aparece, sendo a segunda fonte mais utilizada em maio, presente em 14 textos. Já as informações de segunda mão são utilizadas em apenas uma nota (MA23) e caracteriza-se como fonte proveniente de outros veículos jornalísticos. Trata-se da repercussão em jornais franceses da derrota da seleção brasileira em jogo contra o Uruguai pela Copa Rio Branco.

Ainda sobre a apuração, destaca-se o alto número de matérias que não explicitam as fontes de informação utilizadas. De maneira geral, não há uma preocupação exacerbada do impresso em apresentar, de maneira visível, fontes de primeira mão, notadamente externas ao narrador-jornalista na composição do conteúdo. Disso, infere-se que a subjetivação do material jornalístico apresentado não é percebida como um aspecto problemático ou complexo para a empresa jornalística, ao menos neste período e nas publicações deste tema e assunto.

No segundo nível, acerca das marcas da composição do produto, são observados os formatos jornalísticos, a localização do texto no veículo e o uso de recursos visuais e adicionais. Das 79 matérias, o formato mais significativo é a notícia, correspondente a 37 conteúdos publicados. Na sequência estão a nota com 27 aparições, a reportagem em seis, a fotolegenda em quatro, o artigo em três e a entrevista em duas publicações.

Embora as notas constituam-se como textos curtos, compostos, geralmente por apenas um parágrafo, é característico das publicações de O Globo que estas sejam acompanhadas de títulos em destaque – em letras maiores e posicionados na metade superior da página –, e se apresentem como uma espécie de “diário de atividades” da seleção brasileira, anunciando a realização de treinos e amistosos, as escalações para esses confrontos, etc. Há que se destacar também que as duas entrevistas presentes no jornal (MA45, MA68) foram realizadas com o técnico da seleção brasileira – o que já o evidencia como possível personagem importante nas narrativas construídas, também pelo fato de Flávio Costa ser recorrentemente utilizado como fonte institucional.

Todas as matérias publicadas fazem parte da editoria Geral, pois em 1950 o jornal não era dividido por seções editoriais, além disso, as matérias analisadas fazem parte das edições matutinas e vespertinas. Em relação ao destaque, 15 são matérias principais, sendo o acontecimento mais importante em uma página específica do jornal e se referem às partidas da seleção nas taças disputadas com o Uruguai e o Paraguai. O terceiro aspecto analisado nas marcas da composição do produto refere-se aos recursos gráficos, visuais e adicionais. Sobre isso, constata-se que o jornal não utiliza tais recursos em 53 publicações, nas demais se utiliza de fotografias, geralmente utilizadas para ilustrar as partidas e treinos da equipe brasileira.

Também foram utilizados dois boxes (MA35, MA47) que apresentavam informações complementares sobre os jogadores da seleção.

As temáticas mais recorrentes neste mês em específico referem-se à preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo, com a realização de jogos-exibição e treinamentos e, conseqüentemente, a divulgação das escalações e dos resultados de tais atividades. Além disso, outras publicações apresentam como temática a definição dos jogos do Brasil na Copa do Mundo e os possíveis jogadores convocados.

Nos primeiros dias do mês de maio, O Globo publica matérias e notas sobre a preparação dos brasileiros para as partidas contra as seleções do Uruguai e do Paraguai – Copa Rio Branco e Taça Oswaldo Cruz, respectivamente. Em 03 de maio de 1950, O Globo narra o treino preparatório dos times brasileiros – nomeados como “azuis” e “brancos” – ocorrido em São Januário (MA3). Embora a matéria não esteja assinada, fica evidente a subjetividade do texto, já que o jornalista classifica o treino-exibição como insatisfatório e a equipe titular como apática:

O exercício, sob a direção de Flávio Costa, não correspondeu, plenamente, à expectativa, a despeito de que houvessem os jogadores, notadamente os que vestiram a camisa celeste, procurado se empenhar a fundo, com energia e entusiasmo, exatamente o que faltou à linha intermediária ‘branca’, que esteve apática e desorientada, falhando sempre na marcação e na prestação de auxílio à vanguarda. (O GLOBO, 03 maio 1950, matutina, geral, p. 9).

Nesta fase preparatória é recorrente a construção de frases que indicam desconfiança e apreensão com o rendimento da equipe. Os principais alvos das críticas foram os jogadores Ely, Danilo e Noronha, caracterizados como “lerdos, lentos e confusos”. Já em 06 de maio (MA6), os jogos das Taças são abordados como os primeiros testes da seleção nacional para a Copa do Mundo, encarando-as como etapas de uma “fase de importância transcendente”. Embora condizente com a preparação do selecionado nacional, já permeava uma busca de explicações e preocupações sobre o possível despreparo da equipe para a disputa do Mundial. Em duas matérias que narram derrotas da seleção brasileira destacam-se a construção de uma narrativa jornalística permeada de descrições dramáticas, a partir do uso de adjetivos e substantivos negativos e pessimistas, com a classificação das atuações em termos de fracasso e desastre.

É o caso de MA11, que narra a derrota do Brasil para a seleção uruguaia na Copa Rio Branco⁵⁵, intitulado “O fracasso de Pacaembu”. A reportagem escrita por Ricardo Serran, diretamente de São Paulo, apresenta tom dramático e catastrófico. De acordo com a publicação, a história do futebol estava repleta de acontecimentos em que o Brasil decepcionou depois de sentir-se superior ao adversário. Neste caso, o texto dá a entender que o Brasil perdeu para si mesmo, ou seja, para a sua soberba e presunção.

Mais uma vez – e a história do football brasileiro está recheada de acontecimentos assim – os nossos jogadores perderam para os uruguaiois, quando todos contavam com a vitória. **Perderam para os uruguaiois como perdem para outros adversários, sempre que imaginam possuir força superior** para derrubar todos os obstáculos. **Mais uma vez foram os favoritos e mais uma vez foram derrotados.** (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, geral, p. 12, grifo nosso).

A reportagem ressalta que aquela derrota era apenas mais um episódio comum à história do time brasileiro quando se pressuponha melhor que o adversário e que houve debilidade do time por completo, até então considerado como o maior candidato ao título do mundial. Neste sentido, já havia uma crítica direcionada ao excesso de otimismo e da derrota como algo que era responsabilidade dos próprios brasileiros, sem quaisquer evidências acerca das capacidades do adversário:

Sábado foi apenas um capítulo para ser acrescentado: **os campeões do mundo segundo interpretação própria**, vencidos por um quadro que não tinha maiores credenciais. [...] Apenas o que falhou foi o team; melhor, a capacidade de organização do football brasileiro. Diante de um scratch uruguaio que não tinha jeito de fantasma, **curvou-se o chamado candidato real ao título máximo da Jules Rimet**. E foi um revezinho apagado **demonstrando debilidade em todos os cantos da formação da equipe. Fracasso fora e dentro das quatro linhas. Falharam os jogadores, abusando dos enganos e mostrando-se verdadeiros e rotundos principiantes, enquanto o técnico não tentava concertar a situação**, mesmo diante do retumbante desfecho que se anunciava [...]. **A base dos erros todos de sábado está firmada na imprevidência dos dirigentes do nosso football, que deixaram o team sem preparo até Araxá.** (O GLOBO, 08 maio 1950, matutino, p. 12, grifo nosso).

Citando o Brasil como o favorito do Mundial, O Globo narra a derrota como uma demonstração da fragilidade da equipe nacional, criticando os jogadores e o técnico, este último sendo responsabilizado, junto com os dirigentes da CBD, pela desorganização no preparo dos atletas. No texto é visível a imputação de culpa diante da derrota, evidenciando erros que ocorreram dentro e fora de campo. Ou seja, O Globo lista como culpados os jogadores, pela

⁵⁵ Disputada entre as seleções do Brasil e do Uruguai, realizada pela primeira vez em 1931. Em 1950, o Brasil perdeu o primeiro jogo por 4 a 3.

atuação abaixo do esperado, e o técnico, que não realizou as substituições necessárias, mas, sobretudo, cita como base do problema os dirigentes que deixaram o time sem preparação.

Deste modo, mesmo apresentando as falhas de jogadores como Barbosa, Santos, Mauro e Ely, o jornalista dá ênfase ao abandono proporcionado pelos dirigentes brasileiros no que se refere à preparação dos jogadores. Desde estas narrativas na fase preparatória, é possível notar uma busca por explicações e a imputação de culpa a determinados personagens, como ocorre corriqueiramente na mídia impressa esportiva (COSTA, 2008). Tanto os jogadores quanto o técnico e os dirigentes são apontados como responsáveis pela derrota para os uruguaios. No intuito de entender as razões da derrota, no dia seguinte após esse jogo, o impresso publica uma conversa com o técnico da seleção (MA13), que reconhece a falta de preparo físico de alguns atletas.

Ainda em MA11, o tom dramático da derrota ganha contornos evidentes, sendo descrita como “um dos dias negros do futebol brasileiro”, em que pesa a cobrança em relação ao técnico Flávio Costa, especialmente sobre a falta de substituições. Nesta parte do texto, o jornalista se posiciona contra a decisão do técnico de não fazer alterações, o que teria contribuído para o resultado e teria sido uma decisão incompreensível.

A derrota acabará sendo, de acordo com a praxe, **catalogada na grande estante dos dias negros do football brasileiro**. Por sinal não podia ser mais negro mesmo, pois **erraram os jogadores e errou o técnico**, em que pese as teorias sobre a não substituição dos elementos que falhavam mais durante a peleja. **Confessamos que esperávamos outra atitude de Flávio Costa, em face da tragédia do Pacaembu**. [...]. O técnico, porém, não quis jogar no fogo elementos que ainda não se haviam desmoralizado tecnicamente, preferindo manter – talvez como castigo – **os jogadores que se enterravam e enterravam também o football brasileiro**. Com o regulamento da taça dando chance para tentar um remendo, Flávio Costa não mexeu no team. Uma decisão tanto mais surpreendente, quando se sabe que levou do Rio muitos reservas, alguns que no domingo tinham de enfrentar os paraguaios. Não alcançamos o objetivo da ideia do selecionador. (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, p. 12, grifo nosso).

O descontentamento com a derrota fica evidente a partir da associação desta como a morte do futebol brasileiro, o que caracteriza a cultura do excesso nas narrativas construídas pelo O Globo neste período. Sobre a torcida, o jornalista descreve que houve uma irritação, considerada natural, diante da atuação dos brasileiros, saindo em defesa da torcida paulista: “Guardem os argumentos os que podem querer criticar a atitude da torcida paulista, pois somente quem esteve sábado em Pacaembu é que sabe realmente o que mereciam alguns dos nossos cracks” (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, p. 12). Diante disso, infere-se que o jornalista antevê uma possível crítica dos cariocas sobre a torcida paulista, justificando a

irritabilidade desta com o time brasileiro, a fim de amenizar as rivalidades e contribuir para a construção de uma imagem de unificação nacional.

Além disso, há o entendimento da derrota como uma experiência necessária que serve como lição, como pode ser observado: “Para muitos poderá parecer que o revés de sábado era indispensável, para dar aos jogadores brasileiros a medida exata de suas próprias limitações. Servirá, acentua-se, para que esqueçam um pouco dos dodóis inoportunos e dos termos tropicais” (O GLOBO, 8 maio 1950, matutino, p. 12). Já neste momento a derrota é compreendida como uma lição a ser aprendida, neste caso o revés é entendido como algo necessário para que a equipe se preparasse adequadamente para a Copa e para que os jogadores compreendessem a obrigação de se comprometerem com o futebol nacional, deixando de lado a presunção e outros assuntos importunos.

No início dos jogos e treinos preparatórios, as demonstrações e resultados da seleção brasileira não agradaram a imprensa, que construiu narrativas com tons de desconfiança e desapontamento: “como vem acontecendo nas exibições dos scratches brasileiros nas competições com paraguaios e uruguaios, ainda desta vez não agradou a produção do team nacional, sendo muitas as falhas” (O GLOBO, 15 maio 1950, matutino, p. 12). A discussão sobre titulares e reservas – time A e B do Brasil – também está presente nas publicações deste mês. Isso ocorre porque nos primeiros jogos das Taças disputadas (o time A com a seleção uruguaia e o time B com a paraguaia), a equipe reserva venceu, enquanto a titular perdeu para o Uruguai. MA10, por exemplo, estabelece um comparativo entre as duas partidas, apresentando a vitória do time B como um conforto à derrota para o Uruguai, enfatizando que a atuação do Brasil B agradou os torcedores por ter evidenciado a disposição dos jogadores:

Enquanto o team que atuou em São Paulo na véspera decepcionou profundamente, inclusive pela displicência, pela falta de espírito de luta, o quadro que ontem atuou em São Januário agradou em cheio a torcida porque pelo menos evidenciou uma qualidade boa: a disposição de lutar, o empenho na vitória. (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, p.1/1).

O jornal salienta que a atuação dos reservas confortou aqueles que já estavam descrentes com as possibilidades do Brasil na Copa e que os resultados de ambas as partidas demonstraram que os titulares precisavam de mais tempo do que os reservas para recuperarem a forma. Assim, enquanto faltavam elogios ao Brasil B, sobravam críticas ao Brasil A.

Depois de narrar as primeiras partidas da equipe nacional com o Uruguai e o Paraguai numa fase preparatória para o Mundial, O Globo lança luz aos treinos realizados para as partidas seguintes. Relembrando o percurso da seleção nacional (times A e B) nas Copas Rio Branco e

Oswaldo Cruz, a matéria do dia 11 de maio (MA17) aborda a realização do treino coletivo contra os times do Flamengo e do Bangu. Desta atividade coletiva, O Globo ressaltava a ausência de recuperação técnica dos jogadores e “a necessidade de uma campanha preparatória intensíssima”. É notável a preocupação do periódico com a falta de preparação dos atletas, qualificando negativamente a situação dos jogadores – “estão morosos em demasia, os músculos sem elasticidade. Não se movimentam ainda como deviam fazê-lo, não correm, não acompanham com desembaraço a trajetória da bola” – e sugerindo a necessidade urgente de treinos individuais rigorosos, “quase diariamente, se possível, e muitos coletivos” (O GLOBO, 11 maio 1950, matutina, p. 10). Neste momento, salienta-se que não há uma crítica direcionada a um ou outro atleta, todos eles são classificados negativamente pelo jornal diante da falta de preparo físico resultante do ganho de peso em Araxá.

Ainda em relação à expectativa e preparação para os jogos, a matéria publicada no dia 13 de maio (MA24) divulga o segundo jogo válido pela Copa Rio Branco, entre a seleção brasileira A e a seleção uruguaia. O texto jornalístico destaca que o interesse despertado pela segunda partida era plenamente justificável, dada a derrota inesperada dos brasileiros que deixou uma impressão negativa, “em face do desacerto de suas linhas e da ausência de entusiasmo” (O GLOBO, 13 maio 1950, matutina, p. 14). Deste modo, o segundo jogo gera a expectativa de que os jogadores brasileiros melhorassem seus desempenhos. Do mesmo modo, MA25 divulga o segundo jogo entre Brasil B e o Paraguai. Ao comparar o espaço destinado à divulgação dos dois jogos, constata-se que O Globo dá mais destaque à Copa Rio Branco, não só porque já era vista como uma competição tradicional, mas por envolver a seleção A do Brasil.

O segundo jogo válido pela Taça Oswaldo Cruz, entre Brasil B e a seleção do Paraguai, é um dos assuntos tratados em 15 de maio. De São Paulo, o enviado especial do O Globo Ricardo Serran escreve sobre o empate e a conquista brasileira da Taça Oswaldo Cruz (MA27). O jornalista destaca Castilho, Bigode, Baltazar e Rodrigues como personagens que salvaram o time do revés. Embora a taça tenha ficado com o Brasil, a matéria descreve as falhas do time nacional, classificando a partida como um “quase desastre” que só não ocorreu em virtude da boa atuação dos jogadores já citados.

Mesmo que o time reserva da seleção tenha vencido a primeira partida desta competição e com o empate no segundo jogo tenha conquistado o título, o jornal não adota uma narrativa otimista ou entusiasta, ao contrário, insiste em reafirmar o desagrado com a atuação da equipe. No subtítulo “Ainda sem convencer”, são descritas as jogadas e atuações, subvertendo o tom elogioso relacionado à vontade e entusiasmo dos jogadores utilizado na narração da primeira partida contra o Paraguai.

Assim como ocorreu nas matérias de divulgação das partidas, O Globo dá mais destaque à disputa contra o Uruguai pela Copa Rio Branco. Também na edição do dia 15 de maio, o impresso narra a segunda partida entre a seleção A e os uruguaios, ocorrida em São Januário (MA28). A segunda partida, vencida pelos brasileiros, levou a decisão da Copa Rio Branco para o terceiro jogo, conforme acordaram os dirigentes de ambas seleções e o próprio jornal noticiou nos dias anteriores à segunda partida (MA18, MA22).

Mesmo informando que os jogadores corresponderam aos anseios da opinião pública por terem vencido a partida, O Globo acentua que a exibição brasileira apresentou falhas, especialmente da defesa, e que a equipe continuava a não convencer em relação às suas qualidades físicas e técnicas: “A vitória, aliás, embora satisfazendo quanto ao seu objetivo, **não chegou, todavia, a convencer em seus detalhes**. Isso porque **o chamado quadro titular nacional voltou a se conduzir com falhas assustadoras**” (O GLOBO, 15 maio 1950, vespertina, p. 1, grifo nosso).

A partir da descrição das duas partidas (MA27, MA28), O Globo passa a avaliar o desempenho dos times A e B do Brasil. O artigo não assinado (MA33) trata do panorama das atuações do Brasil A e B na Copa Rio Branco e na Taça Oswaldo Cruz, respectivamente, e evidencia um tom de preocupação diante das falhas existentes: “De fato, as duas defesas organizadas para os dois scratches nacionais não têm correspondido às necessidades das equipes e **surpreendem pelo seu desacerto técnico, desorientadas e confusas, falhando consideravelmente em todos os sentidos**” (O GLOBO, 15 maio 1950, vespertina, p. 12, grifo nosso). Até este momento, os desempenhos dos titulares e reservas são descritos negativamente, a partir de palavras que sugerem desorientação e falhas contínuas. Como já havia ocorrido anteriormente, há a cobrança pela intensificação no treinamento dos atletas: “Todavia, embora vencedor, o selecionado A revelou, também, que precisa treinar bastante, individual e coletivamente, para que haja acerto em suas linhas, para que os elementos que ainda não perderam os quilos a mais conquistados em Araxá, recuperem a sua antiga forma” (O GLOBO, 15 maio 1950, vespertina, p. 12). Constantemente, o jornalista-narrador se posiciona em relação ao que deveria ser realizado para que a seleção atingisse um nível técnico mais elevado. Em maio, existem constantes conselhos acerca dos treinamentos: “As falhas reveladas precisam ser corrigidas com uma série de novos e continuados treinos coletivos” (MA33).

Em seguida, o jornal trata da preparação para a terceira e última partida da Copa Rio Branco. A matéria do dia 17 de maio (MA35) aborda o treinamento realizado com os jogadores, que diferentemente do que havia sido feito anteriormente, contou com exames, massagens e atividades realizadas no gramado para a perda de peso. O jornal já havia sustentado em matérias

anteriores (MA14, MA33) a necessidade de uma intensa rotina de treinamentos para que os atletas conseguissem retomar a forma física e melhorar o desempenho em campo. A partir disso, descreve positivamente o trabalho dobrado realizado no treinamento.

Em 18 de maio realiza-se a terceira e última partida entre Brasil e Uruguai pela Copa Rio Branco, no Estádio São Januário (RJ). No dia posterior à partida, O Globo publica uma reportagem sobre a vitória do Brasil por 1 a 0, resultando na conquista da taça, tendo Juvenal e Ademir como destaques da partida (MA38). Para esse confronto decisivo, Flávio Costa lançou “a seleção das seleções A e B”, com o aproveitamento dos jogadores que mais haviam se destacado. O texto qualifica a atuação dos brasileiros como um triunfo expressivo, conquistado com esforço e dedicação, e revela o retorno de um certo otimismo esperançoso em relação ao futebol brasileiro:

De qualquer forma **uma promessa de melhores dias para o football brasileiro**, que tem perdido a Taça Rio Branco com seleções mais bem constituídas, como a de 1946, para citar um exemplo mais recente [...]. Assim, a vitória de ontem representa muito para os nossos cracks, que bem andaram precisando de um estímulo, para a longa e árdua caminhada até o título máximo da Copa do Mundo. (O GLOBO, 18 maio 1950, matutina, p. 12, grifo nosso).

Neste sentido, a conquista é apresentada como um passo estimulante para a equipe brasileira até o título da Copa do Mundo. Ainda sobre a Copa Rio Branco, outro conteúdo publicado na edição de 18 de maio é a entrevista realizada com Flávio Costa (MA41), abordando as percepções do técnico acerca da conquista. Flávio considera os jogos da Copa Rio Branco uma lição útil para a Copa do Mundo, mantendo o tom de prudência e cautela ao afirmar que os jogos serviram para provar que estavam errados aqueles que consideravam o Brasil o favorito ao Mundial, de modo que “morte do otimismo exagerado” é a retranca utilizada pelo jornal. A partir dos conteúdos publicados pelo O Globo, percebe-se uma constante referência ao discurso contido e sensato de Flávio, rechaçando o otimismo em excesso sobre a participação do Brasil na competição.

Após o término da Copa Rio Branco, O Globo publica o novo plano de preparação dos jogadores brasileiros, a partir de 19 de maio (MA43). Segundo as informações dispostas pelo jornal, o técnico Flávio Costa estudaria a situação atual de cada jogador, atentando-se à produção, deficiências e necessidades de cada um a fim de estabelecer o sistema de treinamento e os exercícios individuais. Ao iniciar a terceira e última fase de preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo, O Globo publica no dia 22 de maio mais uma entrevista com o técnico Flávio Costa (MA45). O texto fornece informações sobre o desenrolar da conversa com o

técnico, descrevendo que Flávio “foi muito mais generoso do que seria de esperar-se”, uma vez que se colocou à disposição do repórter o tempo que julgasse necessário para prestar todos os esclarecimentos. Questionado sobre o papel da imprensa e do rádio diante do evento esportivo, expõe que respeita as críticas construtivas, já que estas apontavam os erros e caminhos a serem seguidos, mas se opõe aos deboches. Com isso, Flávio pede a colaboração geral, lembrando que estava em jogo o nome do Brasil: “Devemos estar unidos para que todos os esforços se conjuguem no sentido de mais facilmente esmagarmos o poder dos adversários” (O GLOBO, 22 maio 1950, matutina, p. 10). Esse discurso, alinhado à argumentação do próprio jornal, fortalece o imaginário de unidade nacional.

Especificamente relacionada à Copa do Mundo, na edição matutina do dia 23 de maio, O Globo noticia a realização do sorteio dos jogos e a confecção da tabela da Copa (MA47). Mesmo que a tabela oficial só fosse finalizada no fim da tarde daquele mesmo dia, o texto jornalístico apresenta que, a partir de consultas feitas a membros da comissão organizadora, já era possível adiantar as datas dos jogos do Brasil.

No dia seguinte, em 24 de maio, O Globo confirma os jogos do Brasil na Copa do Mundo (MA53). O texto divulgado destaca que a publicação do furo⁵⁶ jornalístico do impresso em relação à ordem dos jogos do Brasil alcançou “a maior repercussão na cidade esportiva e, cremos mesmo, que por todo o país e fora de nossas fronteiras” (O GLOBO, 24 maio 1950, matutina, p. 12), isto é, o próprio jornal enaltece a antecipação da informação no dia anterior à divulgação oficial. Deste modo, com a confirmação oficial, é noticiado que o Brasil enfrentaria o México no dia 24 de junho no Estádio Municipal, a Suíça no dia 28 de junho em São Paulo e a Iugoslávia em 01 de julho no Estádio Municipal. A matéria volta a descrever de forma breve os principais momentos do sorteio, salientando as exclamações de entusiasmo, surpresa e lamentação, com destaque para a decepção dos espanhóis ao sortear a Inglaterra, considerada a seleção favorita para conquistar o título, e a felicidade dos uruguaios por enfrentarem adversários considerados medianos.

Para além do acompanhamento de O Globo nos planos de treinamento e nos jogos realizados, um aspecto expressivo deste mês refere-se à série de publicações que revela tensões entre o jornal, o técnico Flávio e a CBD. O início do desentendimento se dá em 24 de maio, em artigo intitulado “Repetindo 1938” (MA54), que se configura como uma espécie de comparação entre a atitude do treinador Ademar Pimenta, técnico da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, e do treinador Flávio Costa. O próprio título do artigo indica esse paralelo.

⁵⁶ Jargão jornalístico para a informação publicada em um veículo antes de todos os demais.

O texto inicia com a afirmação de que as autoridades esportivas brasileiras tomaram antecipadamente todas as providências para que os erros de 1938 não se repetissem em 1950. O Globo informa que em 1938, embora tudo tenha sido preparado com cautela para garantir o êxito brasileiro, o técnico Ademar Pimenta aderiu aos treinos secretos como parte integrante do programa de preparação dos jogadores. Essa prática é listada como pertencente à série de erros cometidos pelo técnico na preparação dos jogadores brasileiros, que ficaram na terceira colocação, culpando-o diretamente pelo resultado insatisfatório: “Os erros de Pimenta, a sua mania de despistamento, com o beneplácito da chefia da embaixada, foram a razão direta do título que conquistamos, de terceiros colocados e nada mais” (O GLOBO, 24 maio 1950, matutina, p. 12).

Essa atitude de Pimenta é utilizada como comparativo para uma atitude de Flávio Costa – noticiado em MA51 como a realização de um “quase treino secreto do scratch brasileiro” – quando repentinamente modificou o programa de treinamento anunciado. O Globo condena a atitude, notadamente diante da declaração de Flávio de que deveria haver uma colaboração unânime, inclusive da imprensa, para que o Brasil se consagrasse campeão (a afirmação do técnico foi noticiada em MA45). Por modificar o programa de treinos sem notificar a imprensa, o artigo compreende que o técnico dispensava o apoio solicitado aos jornalistas:

Não negamos do técnico escolhido pela C.B.D. o direito de submeter os jogadores sob a sua direção aos treinos quando achar conveniente e adequada, desde que têm ‘carta branca’ para fazê-lo e que essa, realmente, é a sua função. Mas, quando o próprio Flávio Costa, em suas declarações à imprensa, que tem sagrados compromissos com os seus leitores, que são todos os brasileiros interessados pelo êxito do selecionado brasileiro na Copa do Mundo, tem falado em colaboração unânime de todas as forças vivas e naturais dos desportos para que o seu trabalho se complete com êxito, não vemos porque o ‘despistamento’ do coletivo de ontem se não com o objetivo de abrir mãos da colaboração solicitada, desde que sonogando as informações que os jornais necessitam para bem ilustrar o espírito dos milhões de desportistas sobre o andamento dos preparativos do scratch, o ‘coach’ está procurando se indispor com a opinião pública. (O GLOBO, 24 maio 1950, matutina, p. 12).

Ao não ser informado sobre a mudança repentina no programa de treinamento do time nacional, O Globo publica uma crítica ao técnico, expondo que a atitude o colocava em discórdia com a opinião pública e com a imprensa, o que o levaria ao mesmo destino da Copa de 1938, a perda do título mundial. Marcado por elementos subjetivos, caracterizado como opinativo, o texto jornalístico critica explicitamente o técnico brasileiro e parece funcionar como uma espécie de aviso a ele no que se refere à ocultação de informações sobre os atletas.

Essa tensão entre O Globo e o técnico tem um novo episódio no dia seguinte, em 25 de maio (MA55), em matéria sobre o início da última fase dos preparativos para a formação do selecionado brasileiro. O início do texto é marcado pela resposta do técnico Flávio Costa à crítica do jornal sobre o “despistamento do treino coletivo”, publicado no dia anterior (MA54). Flávio classifica as críticas como injustas, uma vez que a atividade coletiva não havia sido secreta e se tratava de “um simples treino de acerto, sem contagem”. Flávio justifica sua atitude argumentando que não estava querendo prescindir da colaboração da imprensa e que não negaria livre acesso às fontes de informações. Entretanto, reconhece que a partir das notícias, os treinos despertavam curiosidade do público e isso atrapalhava o andamento das atividades.

Ainda como desdobramento da crítica publicada pelo O Globo a Flávio Costa em MA54, respondida pelo técnico em MA55, outro artigo (MA56) compõe uma resposta ao texto do presidente da CBD Mario Pollo publicado no Jornal dos Sports. Naquele mesmo dia, Mario Pollo criticou a posição e a atuação dos jornalistas frente aos preparativos da seleção nacional. Com isso, O Globo divulga um artigo em que reconhece os relevantes serviços de Mario Pollo aos desportos nacionais, mas destaca que ele se mostrava pouco compreensivo com a imprensa:

Mario Pollo despiu-se das vestes tutelares da profissão para, dogmaticamente, usar a linguagem oficial como presidente em exercício da entidade máxima nacional, mostrando-se, assim, menos compreensivo do que os redatores esportivos que se esforçam e se desdobram em vigilância e acuidade para estarem em dia com todos os fatos que se verificam nos bastidores da C.B.D. Por dever de ofício, os jornalistas, sabem que só aos casos ligados à segurança nacional se impõe sigilo, ao passo que os treinos dos selecionados e a elaboração da tabela do Campeonato do Mundo reclamam dos cronistas toda a atenção, pelas responsabilidades assumidas com os leitores, tenham os casos forma definitiva ou estejam ainda em estudo na ante-câmara cebedense. (O GLOBO, 25 maio 1950, matutina, p. 12).

O Globo critica o posicionamento do presidente, qualificado como incompreensível, por não entender a necessidade de sigilo em relação à publicação dos acontecimentos que envolviam a seleção. Ainda, o texto salienta que no caso particular da Copa do Mundo, se os jornalistas fossem esperar o anúncio dos assuntos através de notas oficiais, “estariam servindo unicamente aos interesses burocráticos da entidade, mas menosprezando o interesse do público pela matéria” (MA56). O Globo se posiciona contra o pronunciamento do presidente da CBD, alegando que as informações publicadas antecipadamente prestam um serviço de interesse público e que a CBD deveria cumprir seus deveres, deixando os demais aos jornalistas.

Essa sequência de publicações, entre os dias 24 e 25 de maio de 1950, revela uma relação tensa entre O Globo, o técnico Flávio Costa e a presidência da CBD, quase como um jogo de forças a fim de demonstrar quem detinha mais poder diante da divulgação de

informações sobre a preparação do selecionado nacional. No transcorrer do mês, não há indícios de que as tensões persistiram ou de que o jornal tivesse sofrido sanções pela publicação das críticas.

Próximo ao fim de maio, o destaque passa a ser a realização dos treinos de preparação para a Copa. Em 26 de maio, O Globo publica uma reportagem relatando os treinos das seleções A e B contra o Bangu e o Flamengo, respectivamente (MA58). Neste texto percebe-se uma mudança no tom discursivo do impresso, que agora passa a classificar as exhibições como satisfatórias, destacando a melhora da forma física. Muitos jogadores são descritos positivamente, no entanto, a ênfase fica com Ademir: “o mais enérgico e entusiasmado de todos. Até parece ser o único crack que já se convenceu da grande responsabilidade do Brasil na Copa do Mundo” (O GLOBO, 26 maio 1950, matutina, p. 9). Os elogios dispendidos a Ademir (jogador do Vasco da Gama) se relacionam à apresentação otimista e valorização daqueles que atuavam no futebol carioca, embora implicitamente O Globo buscasse construir a imagem de unidade nacional e de desconstrução das rivalidades regionais.

Contudo, ainda existem traços de crítica em relação ao desempenho técnico da equipe. Em 29 de maio, MA69 configura-se como uma espécie de análise das condições dos jogadores brasileiros, com destaque para o baixo rendimento técnico da equipe. O texto é iniciado com a observação de que os atletas melhoraram fisicamente, mas tecnicamente “**continuam impressionando desfavoravelmente** desde que têm sido muito irregulares as atuações das duas equipes que integram” (O GLOBO, 29 maio 1950, vespertina, p. 12, grifo nosso). Passa, então, a descrever e qualificar o último treino dos times A e B. O primeiro é apresentado com “rendimento baixíssimo em face do desentendimento, da desarmonia, da desarticulação de suas linhas” enquanto o time B é qualificado como “um fracasso” (MA69). O Globo salienta que em conjunto as falhas eram acentuadas, revelando certa preocupação com a inércia no desenvolvimento técnico.

Essas críticas direcionadas à qualidade técnica do time são amenizadas em 31 de maio (MA78). Classificado como “o melhor ensaio dos cracks brasileiros”, a matéria narra o treino realizado entre os times A e B em tom otimista e patriótico. O texto enfatiza que os jogadores finalmente pareciam cientes da responsabilidade de representar o Brasil para o mundo. Neste sentido, há uma mudança na narrativa de O Globo, apresentando que os jogadores haviam correspondido ao pedido realizado – de comprometimento com o futebol nacional (MA11). Por isso, o jornal passa a elucidar que os atletas assumiram a responsabilidade de defesa do “renome internacional do futebol brasileiro” e, enfim, demonstraram que estavam em plenas condições físicas e técnicas:

Como se afinal fossem levados a reconhecer a responsabilidade que assumiram de defender o renome internacional de football brasileiro ou porque sabem que entraram na semana decisiva que apontará ao mundo quais os vinte e dois homens que serão designados para constituir o plantel definitivo do Brasil à Copa do Mundo, por tais ou quais razões, sejam elas quais forem, o certo é que, ontem, à tarde, os pupilos de Flávio Costa resolveram empenhar-se com a melhor disposição. (O GLOBO, 31 maio 1950, matutina, p. 12).

Para o jornal, o treino demonstrou a “excepcional condição física e técnica” dos jogadores, o que difere substancialmente da matéria publicada no dia 29 de maio que criticava o baixo rendimento técnico das equipes (MA69). Essa preocupação para que os jogadores reconhecessem a responsabilidade em defender “o renome internacional do futebol brasileiro” desvela a importância dada à Copa do Mundo pelo O Globo, notadamente por entendê-la como uma oportunidade de mostrar um outro país ao mundo: moderno, grande e voltado ao futuro.

Mês que inicia a Copa do Mundo no Brasil em 1950, junho reúne um total de 84 publicações, divididas entre matérias, reportagens, fotolegendas, entrevistas, artigos e notas. Com primeira publicação no dia 01 e última no dia 30, os principais assuntos tratados neste período são a fase final de preparação da seleção nacional e o início da Copa do Mundo, especificamente com a narrativa dos dois primeiros jogos do Brasil – contra o México e contra a Suíça. Neste mês, as publicações aparecem de forma mais frequente, inclusive com páginas inteiras destinadas à seleção brasileira e séries de matérias, como “Atividades das delegações” (JN55, JN59, JN61, JN73, JN76, JN80, JN84). O material revela uma dualidade do jornal em relação ao desempenho do Brasil pré-Copa e na competição: ora há otimismo, expectativa, realce das habilidades e espírito de luta; ora há pessimismo, derrotismo e ênfase na insatisfação e incerteza.

Em relação às marcas de apuração, que se refere ao primeiro nível da análise, evidencia-se que 71 textos publicados neste mês não estavam assinados, enquanto 12 continham a assinatura de Geraldo Romualdo da Silva e apenas um de Ricardo Serran. Como nos meses anteriores, há a predominância de apuração externa, presente em 64 publicações, enquanto as restantes (20) contêm apuração interna, ou seja, o local da apuração é a própria redação do impresso. Para a construção da notícia, O Globo se utiliza somente de informações de primeira mão – presente em 27 textos, com predominância do uso de fontes institucionais, como o técnico Flávio Costa, membros da comissão técnica, jogadores e médicos da seleção brasileira. O técnico da seleção é a fonte informacional mais utilizada pelo O Globo neste mês, aparecendo em 14 publicações. Ao todo, 24 textos usam fontes institucionais, enquanto outros três conteúdos se utilizam de fontes especializadas/comentadoras. Entretanto, atenta-se para o fato de que em 57 conteúdos há indefinição em relação às fontes informacionais – destas, em 31

publicações o próprio jornalista é a única fonte informacional acionada na construção noticiosa⁵⁷.

Conforme exposto, três fontes especializadas/comentadoras foram utilizadas pelo jornal em junho de 1950: o treinador do Fluminense Football Club Ondino Viera (JN24), o ex-jogador da seleção brasileira Leônidas da Silva (JN53) e o diretor de futebol do Sport Club Internacional Abelard Noronha (JN81). Todos eles são acionados pelo O Globo a fim de comentar e avaliar o desempenho e a potencialidade da equipe brasileira.

Na edição de 09 de junho, O Globo publica uma matéria com o treinador uruguaio Ondino Viera, que na época treinava o Fluminense (JN24). A escolha de utilizar o técnico como fonte especializada se dá por algumas razões conjunturais. Ondino implantou práticas e táticas consideradas revolucionárias no futebol brasileiro, como o esquema 4-2-4, treinos secretos, trabalhos individuais aos jogadores e estatísticas (WERLANG, 2017). Em 1940, conquistou o tri campeonato estadual pelo Fluminense diante do Flamengo e Flávio Costa, então técnico do rubro-negro, passou a ter fama de vice-campeão. Assim, em anos que antecederam a Copa de 1950, Ondino foi o maior concorrente de Flávio Costa, na época tão relevante para o futebol carioca quanto Flávio.

Já em 22 de junho, expõe a opinião de Leônidas da Silva sobre a possibilidade de o Brasil vencer a Copa do Mundo (JN53). Leônidas aparece como comentador do assunto, pois possuía credibilidade e confiabilidade como ex-jogador que atuou nas Copas de 1934 e 1938. O material publicado antecipa as qualificações do ex-jogador para validar a importância de suas impressões: “Leônidas conquistou mais um título, mas como técnico do scratch brasileiro que acaba de levantar o campeonato sul-americano universitário. [...] seria interessante procurar saber as impressões do célebre Diamante Negro que, em 1938, foi uma das grandes atrações do certame” (O GLOBO, 22 jun. 1950, matutina, p. 10).

Por fim, na edição matutina de 29 de junho, o diretor de futebol do Sport Club Internacional Abelard Noronha alertava a seleção nacional sobre a Iugoslávia como adversário perigoso. Ele aparece como fonte comentadora, pois havia assistido à partida entre Iugoslávia e México, realizada em Porto Alegre, no dia 28 de junho.

No que concerne à composição do produto, o formato predominante é a matéria (48), seguido da nota (12), fotolegenda (10), reportagem (7), artigo (5) e entrevista (2). Neste período, o uso de recursos visuais aumenta significativamente se comparado aos meses anteriores. Entende-se que isso ocorre em virtude da necessidade de registrar a última fase de treinamentos

⁵⁷ As publicações identificadas como JN3, JN74, JN75 e JN79 se utilizam do jornalista como fonte, mas também fazem uso de fontes institucionais, como o técnico Flávio Costa.

da seleção brasileira e o início da Copa do Mundo. Por isso, são utilizadas fotografias em 44 conteúdos e ilustrações em cinco textos. As outras 35 publicações não apresentam qualquer recurso visual ou gráfico.

O tema mais recorrente neste mês é a preparação da seleção brasileira para o início da Copa do Mundo, desmembrado em assuntos referentes à realização de treinos e amistosos preparatórios, à concentração em Joá e aos problemas e dificuldades enfrentados pela equipe, presente em 48 publicações (57%). Em seguida, com o início da competição e estreia brasileira em 24 de junho de 1950, O Globo passa a destinar seus textos à temática Brasil na Copa do Mundo, especificamente nos seguintes assuntos: início da seleção brasileira na competição, informações sobre a realização das partidas, narrativa dos jogos (Brasil e México, em 24 de junho; Brasil e Suíça, em 28 de junho), análise dos desempenhos e preparação para a terceira partida da seleção, com a Iugoslávia. Nesta temática, o jornal publica 20 textos, o que representa 24% do total de publicações do mês. O terceiro tema mais abordado trata das expectativas e atrações da Copa do Mundo, que comportam duas séries de publicações “O dia-a-dia da Copa do Mundo” e “Atividades das delegações”, em que são apresentadas as principais informações acerca da rotina das seleções e das especificidades das equipes. São 13 textos publicados nesta temática, o que corresponde a 15% das publicações de junho. Por fim, o quarto e último tema tratado é a convocação dos jogadores brasileiros para a Copa, com a lista de dispensados e a lista final dos convocados, presente em três notícias (4%).

No último dia de maio de 1950, O Globo noticia o início da concentração da equipe brasileira em Joá, na “Casa das Pedras”⁵⁸ (MA76). No entanto, é na segunda edição de junho que o jornal especifica a preparação dos jogadores no local. Publicada em 02 de junho, JN3 trata da concentração dos jogadores brasileiros, especialmente do regime alimentar e do controle médico severo. O texto jornalístico narra o contexto que permeia a concentração, ressaltando inicialmente que aquela era a fase mais importante do programa de preparação para a Copa do Mundo. Ao evidenciar que as críticas noticiadas sobre a equipe brasileira haviam ficado no passado, o jornal sinaliza para a melhora física dos jogadores, resultado da intensa rotina de treinos aplicada:

Depois de Araxá e do que foi dito em torno das exibições dos nossos cracks, já se passaram muitos dias e muitos treinos. Houve melhoras, é claro e, agora, os jogadores que irão formar o selecionado iniciam a etapa final do programa de preparação física [...]. **As críticas são coisas passadas e se espera, nesta última fase, um esforço conjunto de todos que estão integrados no esporte, em prol da vitória do Brasil.**

⁵⁸ Localizada no bairro Joá, no Rio de Janeiro, a mansão pertencia ao deputado federal Drault Ernanny de Mello e Silva, que a emprestou à CBD. A residência também é chamada de “Casa dos Arcos”.

Evidentemente houve muitas razões para críticas, embora surgissem os excessos. A ideia, agora, é esquecer os recentes aborrecimentos e tratar de trabalhar. (O GLOBO, 02 jun. 1950, matutina, p. 10, grifo nosso).

Assim como as últimas publicações de maio, a matéria revela um caráter de otimismo e esperança ao abordar a concentração dos jogadores na fase final de preparação, inclusive com a afirmação de que as críticas deveriam ser deixadas no passado, sendo esperado um apoio coletivo para a condução do time à vitória. Entretanto, ao mesmo tempo em que orienta o esforço conjunto e a necessidade de relegar um segundo plano às críticas, o próprio texto descreve que, ao passar a tarde na concentração com Flávio Costa, observou “má vontade mesmo de quem deveria prestigiar incondicionalmente o scratch”. O Globo argumenta que o técnico confessou que não poderia se dedicar integralmente à preparação do selecionado brasileiro, “por força de restrições incompreensíveis a esta altura” (JN3). Disto, percebe-se que há uma crítica já nos primeiros dias da fase final de preparação, desta vez direcionada à falta de comprometimento do técnico brasileiro, classificada como incompreensível.

No primeiro subtítulo desta matéria – “Deslumbrados os cracks com a Casa dos Arcos” –, o jornalista narra a chegada ao local da concentração, descrevendo os primeiros jogadores encontrados e a ambientação. De modo semelhante às narrativas literárias, o texto descreve detalhadamente o ambiente em que se realiza a concentração, pormenorizando o local, as condições climáticas e a impressão dos atletas sobre o lugar:

[...] O dia é de sol, com tênues brumas no horizonte de mar, e os dois cracks consideram que, com o tempo chuvoso, a beleza do mar entristece muito. A vida da concentração se desenrola quase toda no jardim [...] A nossa permanência no Joá bastou para ouvir as conversas da maioria dos jogadores. A satisfação é geral. Colhemos, entretanto, várias opiniões sobre a necessidade de um programa de diversões, pois que, dada a permanência mais ou menos longa, contemplando a mesma paisagem, a monotonia virá forçosamente. (O GLOBO, 02 jun. 1950, matutina, p. 10).

Também neste subtítulo, ao conversar com o médico da seleção Amilcar Giffoni, divulga informações relacionadas à alimentação dos atletas: os jogadores estavam com peso normal, havendo a preocupação apenas de mantê-los assim, com regime de legumes, verduras e carne magra, e intensificação do programa de exercícios físicos. Essa atenção dada à dieta alimentar ocorre em virtude do excesso de peso dos jogadores ocorrido pela concentração realizada em Araxá (noticiado em abril e maio: A7, A10, MA3, MA13).

Com o decorrer das atividades, o artigo publicado na edição matutina do dia 13 de junho (JN34) aborda as atividades na concentração dos jogadores no Joá, partindo da afirmação de que práticas rotineiras na preparação dos atletas modificaram-se com a realização da Copa

do Mundo. De modo opinativo, o jornal fala sobre a proporção dos acontecimentos que envolviam a seleção e a inquietação do público com os jogadores e o evento esportivo que se aproximava:

Agora os mínimos incidentes adquirem a projeção dos grandes acontecimentos: uma dor de dentes de um Ademir lança a consternação na cidade esportiva; uma unha encravada de Jair assume as proporções de uma catástrofe: ‘Então, o Jajá não poderá bater penalidades? Isso vale como um handicap para os adversários’... Ninguém deve estranhar a ênfase que se empresta ao fato mais banal ligado à preparação e à forma dos scratchmen. **Esse interesse elevado ao grau máximo, traduz a ansiedade do público pela sorte de seus ídolos esportivos.** É o primeiro campeonato do mundo que se realiza no Brasil e certamente o último neste século. **A possibilidade de nos tornarmos campeões do mundo – quem o contestará? – empolga todo o Brasil esportivo.** (O GLOBO, 13 jun. 1950, matutina, p. 10, grifo nosso).

Essa exposição de O Globo concebe a expectativa vivida pela população brasileira diante da eminente possibilidade da seleção vencer o Campeonato Mundial, indicando que insignificantes eventos ocorridos na concentração obtinham grande relevância, de modo que todo e qualquer incidente era elevado ao grau máximo de significação. O trecho expõe não apenas o otimismo construído pelo jornal em relação à conquista, mas também um sentimento de unificação nacional, no sentido de gerar a imagem de um país unido por um mesmo propósito e expectativa.

Com essa fase final de preparação dos jogadores, O Globo narra diariamente os treinos e jogos-exibição realizados. Em 02 de junho, O Globo divulga uma reportagem acerca das vitórias das seleções A e B contra as equipes do Bangu e do Flamengo, respectivamente (JN2). O jornal destaca o esforço e a dedicação dos jogadores em campo: “os cracks reunidos no estádio de São Januário deram tudo em esforços para se movimentarem e para conseguirem apresentar uma produção à altura de sua classe e das manobras empreendidas” (O GLOBO, 02 jun. 1950, matutina, p. 9). Percebe-se que mesmo diante de atuações consideradas moderadas, a matéria desenvolve uma perspectiva esperançosa e confiante em relação ao desempenho da seleção nacional.

Esse tom confiante se modifica em 05 de junho. A fotolegenda presente na capa da edição matutina ilustra o jogo-treino do Brasil A e do time gaúcho (um combinado entre jogadores do Grêmio e do Internacional), em São Januário (JN5). A legenda indica que a seleção ainda não havia conseguido agradar e convencer o público, apesar de vencer a partida por 6 a 4. Embora tenha conseguido um resultado positivo, o destaque da capa são as falhas do selecionado, já que o título da fotolegenda lança luz a isso: “Ainda não convenceu o scratch”. Também em 05 de junho, JN12 se constitui como uma crítica ao jogador Bauer, que descansava

em uma cadeira, sendo que o próprio título da fotolegenda já indica a reprimenda ao atleta: “Enquanto o público não descansa...”. O Globo classifica a fotografia como “um flagrante altamente significativo” e avalia negativamente a atitude do jogador, diante da preocupação com o desempenho da seleção:

Bauer descansa, tranquilo e feliz, como se tivesse alcançado, em vida, a bem-aventurança... Sim, Bauer descansa. **Quem não descansa é o público, alarmado diante dos problemas cruciais do scratch.** Não há a menor dúvida: **quem transpira, quem molha a camisa, muito mais que os jogadores, é o público aflito e imenso,** atribulado de cuidados e de patriotismo. (O GLOBO, 05 jun. 1950, vespertina, p. 10, grifo nosso).

Embora exponha exclusivamente Bauer, na época jogador do São Paulo, a crítica se dirige aos jogadores que não correspondiam às expectativas do público, considerado muito mais preocupado, interessado e engajado com a seleção brasileira que os próprios atletas. Isso também sugere a inquietação dos torcedores, apresentados como uma unidade nacional que se preocupava com o prestígio do país na competição.

Desde o início de junho, O Globo demonstra em uma série de publicações sua insatisfação com as exhibições da seleção brasileira nas atividades realizadas. Quatro publicações intituladas “Os problemas do scratch” evidenciam as falhas e adversidades enfrentadas pela equipe nacional (JN9, JN14, JN17, JN25). Em caráter subjetivo, JN9 aborda os problemas da seleção brasileira, evidenciando que, apesar dos numerosos treinos e amistosos, os jogadores ainda não conseguiam convencer o público sobre sua capacidade técnica. De modo dramático, incrédulo e derrotista, o texto trata os treinos como decepções e acentua as falhas coletivas do time, em certa medida caracterizado como incapaz. De acordo com O Globo, a decepção se tornara aguda e profunda por saber que aqueles eram os melhores atletas brasileiros, o que significava que a atuação não supria as expectativas do próprio jornal e do que ele trata como “povo brasileiro”:

A cada treino realizado tem correspondido uma evidente decepção, decepção, tanto mais aguda e profunda quando se saber que, no plantel, estão de fato reunidos os melhores e os mais famosos cracks do momento. **As falhas observadas ainda se acentuam de forma impressionante,** parecendo que foram agrupados numa equipe elementos de qualidades heterogêneas e indistintas, **incapazes** de se assimilarem, de, dispostos cada qual no setor onde tanto se distinguiram, se ajustarem como peças de uma mesma máquina cujo funcionamento deverá ser ritmado e perfeito para produzir resultados satisfatórios. (O GLOBO, 05 jun. 1950, vespertina, p. 10, grifo nosso).

Os jogadores são descritos como “desajustados e fraquíssimos” e suas atuações são apresentadas como “desacertos e falhas”, o que expressa escolhas semânticas com palavras que

estimulam sentimentos de angústia e ojeriza, silenciando em relação aos bons momentos e demonstrando preocupação com a qualidade do time. De maneira geral, mostra-se desconfiança e incredulidade com a capacidade dos jogadores, especialmente aos atletas responsáveis pela defesa, demonstrando a necessidade de novos treinamentos mais enérgicos para o desenvolvimento técnico, o que já havia sido aconselhado pelo jornal anteriormente.

A fim de buscar explicações para o baixo desempenho dos jogadores, O Globo cita uma série de aspectos que prejudicaram a formação da equipe brasileira, muitos deles relacionados às escolhas equivocadas da comissão técnica, como o número de jogos amistosos, a concentração em Araxá e a preparação apressada:

A sucessão de compromissos oficiais, de matches amistosos e de torneios esgotou a maioria dos cracks, que em Araxá complicaram-se com acúmulo de quilos na engorda inoportuna. Depois veio a necessidade de apressar o preparo do team, logo os matches difíceis com uruguaios e paraguaios. Nasceriam aí os aborrecimentos e a descrença do público, refletindo-se nas críticas justas de quase todos os observadores dos jornais. Em meio a confusão estabelecida, apesar das taças em disputa terem permanecido com a C.B.D., **passou-se rapidamente do perigoso otimismo para um pessimismo pior. Agora os antigos e proclamados campeões do mundo parece que nem têm capacidade para tentar a classificação.** (O GLOBO, 07 jun. 1950, matutina, p. 10, grifo nosso).

Desta forma, o jornal enfoca que embora tenha vencido as taças contra o Paraguai e o Uruguai, a seleção não convenceu, não superou as expectativas, sendo acertadamente criticada pela imprensa e pela torcida, o que fez com que o pessimismo voltasse a rondar o Brasil. Segundo a matéria, aqueles que eram proclamados campeões do mundo antecipadamente, naquele momento não possuíam capacidade técnica para representar o Brasil. O Globo dá razão à irritação do público, mas demonstra a necessidade de ter paciência nesta fase preparatória: “Compreende-se que a impaciência esteja tomando conta de muitos, mas vamos contar os dias e dar oportunidade para que o scratch encontre os seus valores para todas as posições” (O GLOBO, 07 jun. 1950, matutina, p. 10).

Deste modo, o jornal faz críticas à seleção brasileira, citando todos os problemas e dificuldades enfrentadas, concorda com o descontentamento dos torcedores, mas, ao mesmo tempo, assume um papel de aconselhamento a eles, requerendo paciência e otimismo, mostrando confiança de que o Brasil se apresentasse de maneira satisfatória para a Copa do Mundo. Com isso, O Globo dá continuidade a uma tentativa, iniciada na última fase preparatória, de fazer com que o povo brasileiro estivesse unido em apoio ao Brasil, amparando a ideia de que os jogadores necessitavam disso.

Diante de tais críticas, a edição matutina de 07 de junho publica uma entrevista com o técnico Flávio Costa sobre alguns aspectos da campanha preparatória da seleção, como uma espécie de resposta do treinador às apreciações negativas sobre o desempenho brasileiro (JN18). O técnico afirma que não existiam motivos para preocupações e que estava centrando seus esforços em deixar todos os convocados com condições físicas e técnicas de disputar a Copa. A publicação apresenta uma imagem positiva de Flávio, posto que ele reconhecia os desajustes da equipe, mas justificava o trabalho realizado, afirmando que os treinos e amistosos tinham como única função preparar os atletas para a Copa do Mundo, o que, segundo ele, era apoiado pela imprensa e torcedores. De fato, nota-se que a preocupação do jornal gira em torno do preparo do Brasil para a Copa, mas que os resultados dos jogos-exibição são apresentados como relevantes nas matérias e reportagens, assim como para o público – como constam as publicações de O Globo, ao contrário do exposto pelo técnico.

Como JN9, JN14 e JN17, a matéria da edição matutina de 09 de junho (JN25) resume as impressões acerca dos principais problemas da seleção brasileira para a Copa do Mundo, realçando que a superação das dificuldades encontradas dependeria da recuperação técnica dos jogadores. O conteúdo salienta que alguns já melhoravam seus desempenhos físicos após a fase intensiva de exercícios, como Barbosa, Castilho, Nena, Ademir, Alfredo, Bigode, Baltazar e Jair. Mais positivo em relação ao selecionado, O Globo retoma o discurso de esperança em conquistar o título mundial:

Até o dia da estreia com o México os companheiros que faltam para completar um onze potente terão atingido o nível técnico ideal. **O público esportivo do Brasil começa a ter mais esperança, depois do período de susto que passou.** As coisas ainda não permitem que seja feita uma previsão dos prováveis integrantes do scratch, mas confiando nas hipóteses capazes de concretização, **admite-se um esquadrão para fazer sucesso.** Desde que nos próximos dezessete dias a situação fique clara, **não faltarão valores para Flávio Costa pensar seriamente na conquista do título máximo.** (O GLOBO, 09 jun. 1950, matutina, p. 10, grifo nosso).

Neste sentido, volta a surgir uma narrativa positiva em relação ao desempenho brasileiro, inclusive com a indicação de que o técnico possuía material humano para a conquista da competição. Mas esse otimismo não dura muito tempo.

A apreciação acerca dos exercícios realizados pela seleção continua em 12 de junho, quando O Globo volta a criticar de modo eloquente a atuação dos jogadores, assim como ocorre em boa parte do mês de maio. A principal reportagem de 12 de junho (JN29) aborda o treino da seleção brasileira com os paulistas (jogadores dos clubes paulistas que não foram convocados para a seleção), sendo classificado como fraco e dificultoso. Novamente, o jornal

narra de maneira incrédula e céptica a atuação da seleção e a preparação para a Copa do Mundo. Especialmente no mês de maio e início de junho nota-se uma dicotomia entre os conteúdos narrados pelo O Globo acerca da seleção: ora há otimismo, expectativa e esperança, ora há pessimismo, desconfiança e incerteza. O início da reportagem revela a insatisfação do jornal e do público com a seleção, dada a irregularidade e o baixo rendimento dos jogadores:

A seleção brasileira que se vem preparando para a Copa do Mundo **continua assustando toda a torcida nacional**. Menos de quinze dias nos separam do início do grandioso certame e **o team ainda não conseguiu proporcionar uma exibição que satisfizesse**, já não dizemos cem por cento, mas pelo menos oitenta por cento. Entre treinos e matches amistosos **tem cumprido uma série de exibições irregulares**, com muitos mais baixos que altos. (O GLOBO, 12 jun. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

Assim como exposto em alguns conteúdos de maio (MA11, MA27, MA28, MA33, MA69), o jornal evidencia preocupação e apreensão diante das exibições insatisfatórias e decepcionantes, já que restava apenas 12 dias para a estreia brasileira na competição. O Globo deixa claro que existiam oscilações entre as atuações do time e, por consequência, das reações e expectativas dos torcedores:

Os dois últimos exercícios, com o América e com o Vasco (team de reservas) haviam animado um pouco os observadores do scratch, mas veio o match-treino de ontem à tarde com a seleção paulista de novos e **o clima de confiança que vinha conquistando o quadro brasileiro sofreu novo e forte abalo**. Isso porque, embora vencendo ao final por 4 a 3, **a equipe nacional conduziu-se de forma decepcionante, falhando na defesa e no ataque**. E de forma mais desanimadora ainda porque, embora várias substituições tivessem sido feitas, nenhuma delas ofereceu resultados práticos. (O GLOBO, 12 jun. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

O primeiro subtítulo da reportagem – “A esperança é que podemos ainda melhorar até o dia 24” – faz críticas às repetidas falhas, embora sustente que restava aos torcedores e à própria imprensa a esperança de que as atuações melhorassem, utilizando-se de uma crença popular difundida entre o público (se o time treina mal, joga bem na partida oficial) para afirmar que ainda era possível ao Brasil conquistar bons resultados na Copa do Mundo. Deste modo, ao mesmo tempo em que critica a performance dos jogadores, reafirma a expectativa esperançosa de que o time estivesse adequadamente preparado até a estreia no dia 24 de junho:

[...] Tudo isso acumulado é que levou a torcida toda e os observadores, por obrigação, como é o nosso caso, a considerarem que **o scratch brasileiro não correspondeu mais uma vez ao que dele se esperava. O consolo agora, porém, é que ainda resta a esperança de que podemos melhorar até o dia 24**. Mesmo porque há uma ‘simpatia’ generalizada entre os fans de football, qual seja a de que quanto um team treina mal, joga bem no compromisso oficial seguinte. O scratch brasileiro vem treinando mal e isso já é metade da ‘simpatia’. Poderá vir a completá-la e todos nós

brasileiros fazemos fervorosos votos que isso aconteça. (O GLOBO, 12 jun. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

Portanto, percebe-se uma alternância entre uma narrativa esperançosa, mas, concomitantemente, crítica e ciente das fragilidades da equipe brasileira. O Globo apresenta que as atuações eram instáveis, por isso, os comportamentos dos torcedores eram por vezes de apoio, por vezes de repúdio. A partir disso, o próprio jornal estabelecia tons narrativos ora esperançosos e confiantes, ora condenatórios e decepcionados. Nota-se que embora narrasse a falta de um desempenho que convencesse, O Globo reforçava constantemente a necessidade de continuar a acreditar e apoiar a seleção.

Com a proximidade da estreia, esse tom esperançoso aparece nas publicações de divulgação dos treinos a serem realizados. O Globo comunica em 14 de junho o início da etapa final de preparação da seleção brasileira – uma série de cinco treinos decisivos (JN35). Conforme o texto jornalístico publicado, há uma expectativa de todo o Brasil para a recuperação técnica dos atletas e a melhora nos resultados dos treinamentos, tendo em vista que se tratava da defesa à reputação do futebol brasileiro:

[...] Todo o país tem a sua atenção voltada para a composição técnica do selecionado nacional, e a despeito dos resultados negativos até agora colhidos, todos aguardamos que, neste período final, encontrem os cracks o caminho da perfeição conjuntiva, armando-se em articulação e harmonia de suas linhas **para tranquilizar as grandes esperanças nutridas pelos brasileiros nos defensores do renome do football de nossa Pátria.** (O GLOBO, 14 jun. 1950, matutina, p. 9, grifo nosso).

Assim como em janeiro (J6), abril (A20) e maio (MA78), em junho (JN1, JN29, JN35, JN39) os jogadores são descritos como defensores do prestígio e do renome do futebol brasileiro. A seleção é representada como emblema da pátria e o interesse pela equipe é apresentado como se fosse de “todo o país”. Como exposto, isso demonstra a associação da conquista com a criação de uma imagem positiva do país e do seu futebol para si mesmo e para os outros. Além disso, o jornal indica que todo o Brasil deveria aguardar a composição técnica, o que se caracteriza como uma tentativa de construção de um estímulo à torcida, mostrando que todos deveriam conservar suas esperanças.

Nesta reta final de preparação, O Globo mantém uma narrativa que, concomitantemente, demonstra preocupação com a qualidade da seleção e vincula a equipe à nação, apresentando que torcer pelo futebol do país consistia em um ato de patriotismo que despertava interesse de todos os brasileiros. Dando sequência à série final de treinos, em 15 de junho O Globo noticia a realização de mais um coletivo da seleção (JN37). A atividade foi

qualificada como positiva, com ênfase à “avalanche de gols” (8 a 1). A reportagem elogia o desempenho brasileiro, enaltecendo o controle, a articulação e a organização, como se os jogadores tivessem superado as dificuldades que vinham enfrentando até então:

Pela segunda vez a seleção voltava a dar uma demonstração real de suas possibilidades, ou, pelo menos, daquilo que terá de realizar para conseguir aparecer e firmar-se como uma das seleções candidatas à conquista do título de campeã da Copa do Mundo. [...] O scratch, com a formação do primeiro período do exercício, movimentou-se em manobras bem conduzidas, bem dirigidas, bem controladas, bem articuladas, bem organizadas e muito melhor finalizadas. A impressão deixada foi excelente pelo acerto das linhas, pelo entendimento, pela combinação e pelo desempenho, enérgico e produtivo. Como se só agora houvesse recebido ordens para pintar-se, para surgir do caos em que parecia vir caminhando, descontentando e aborrecendo, o scratch superou-se, recuperando-se, para aproveitamento das últimas oportunidades que terá para treinar antes da estreia na Copa do Mundo. (O GLOBO, 15 jun. 1950, matutino, p. 9).

O Globo indica que as atuações satisfatórias correspondiam ao que a seleção de fato poderia realizar em campo, considerando, portanto, que as falhas não pertenciam à identidade da equipe. Os jogadores são avaliados, desta vez, de maneira elogiosa, ressaltando a energia, combatividade e harmonia entre os jogadores, assim como as jogadas bem articuladas e controladas, sendo adjetivada a atuação como “extraordinária”.

A partir desta atuação, o jornal acalma os torcedores, afirmando que poderiam se encontrar mais confiantes e tranquilos em relação às possibilidades técnicas da seleção de defender “o renome e o prestígio do futebol brasileiro”. Ao avaliar individualmente os atletas, O Globo elogia Barbosa e Ademir, considerados os únicos do plantel de convocação que não deixaram dúvidas sobre seu aproveitamento.

Nesta mesma edição, Geraldo Romualdo da Silva escreve sobre os últimos preparativos das seleções que participariam da Copa do Mundo (JN38). A competição é descrita como “o grande acontecimento do momento” e “o maior acontecimento esportivo jamais celebrado no país e na América do Sul”, o que aponta para a dimensão e prestígio da competição na construção narrativa. Especificamente sobre a seleção nacional, Geraldo escreve que subitamente houvera uma melhora no rendimento, que até então se encontrava abaixo do esperado: “Não andávamos muito bem. Toda gente se queixava de que os cracks do Brasil andavam mal. Súbito, porém, eles despertaram. Melhoram. Readquirem a forma e as virtudes de que são capazes” (O GLOBO, 15 jun. 1950, matutina, p. 10). As construções frasais e as escolhas dos termos integram traços de heroísmo às trajetórias dos jogadores brasileiros, como se eles tivessem ultrapassado dificilmente as adversidades em busca de um objetivo

comum. Como parece habitual nas publicações nesta fase final de preparação, há certa euforia e esperança acerca da seleção brasileira.

Neste mês, Geraldo Romualdo da Silva produz uma série de artigos intitulada “O dia-a-dia da Copa do Mundo”, em que descreve os principais acontecimentos da fase final de preparação para a competição (JN38, JN42, JN46). Em 17 de junho (JN42), além da inauguração do Estádio Municipal, do treino dos iugoslavos e da chegada dos suecos, a publicação aborda a boa atuação da seleção brasileira durante o último treinamento e o melhor desempenho físico dos jogadores:

[...] Eles **se portaram magnificamente, tão bem, tão honestamente bem**, que Noronha, um dos céticos do plantel, gritou a plenos pulmões para quem quisessem ouvir: ‘Agora, sim, agora vamos mostrar que devemos e podemos ser apontados como candidatos ao título!’. **Impressiona melhor o estado atlético dos cracks**. Eles correm mais e sentem menos o esforço dispendido. A zaga, ponto duvidoso, arma-se melhor; a intermediária também adquire feição normal, e o ataque, com Jair disparando tiros de distâncias condenadas pelas geometrias, vai provando pouco a pouco sua real capacidade. (O GLOBO, 17 jun. 1950, matutina, p. 12, grifo nosso).

A partir da descrição do jornalista, nota-se a confirmação da melhora no desempenho técnico e físico, com a exaltação da capacidade dos jogadores. Esse otimismo está presente na descrição de todos os conteúdos sobre os últimos treinos antes da estreia no Mundial. Um episódio com destaque especial é a realização de treinos da seleção no Estádio Municipal. Já tratado em outras matérias, o assunto volta a ser pauta em 07 de junho (JN19), com o posicionamento do jornalista de que havia a necessidade de os jogadores treinarem no estádio e de isto ser feito com urgência: “O scratch precisa treinar no Estádio Municipal. É uma medida que se impõe e que deve ser examinada quanto antes” (O GLOBO, 07 jun. 1950, matutina, p. 10).

Apesar de sinalizar para a pressa na realização dos treinos no estádio, só em 19 de junho (JN43) O Globo divulga o primeiro treino da seleção brasileira no Estádio Municipal. Seguindo a repercussão, a matéria identificada como JN45 traz mais informações acerca da presença do público no local. O treino não foi fechado, nem aberto ao público com a cobrança de ingressos, o que gerou certa confusão no acesso ao estádio, noticiada de maneira exasperada pelo jornal. A confusão é explicada pelo mau comportamento do público carioca – que só respeitava ordens impostas – e pela negligência da CBD em relação ao controle na entrada do local.

Com essa falta de organização, um numeroso público e membros de outras seleções assistiram ao treino – três dirigentes da delegação da Iugoslávia fizeram observações e

anotações, assim como jogadores e dirigentes da delegação da Itália. O Globo informa que o técnico mostrou descontentamento com a presença dos adversários e procedeu algumas modificações do time em campo, classificando a situação como absurda. Continuando as publicações que envolvem o primeiro treino no Estádio Municipal, uma das matérias publicadas em 19 de junho (JN49) constitui-se de um panorama da partida, afirmando que a atividade deixou boa impressão e agradou pela movimentação e pelo esforço dos jogadores.

Outro conteúdo pertinente deste mês é a utilização de Leônidas da Silva, conhecido como Diamante Negro, como fonte especializada que avalia a possibilidade de o Brasil vencer a Copa do Mundo (JN53). A pedido de O Globo, o ex-jogador traça um paralelo entre a seleção brasileira de 1938 e de 1950, declarando criticamente que existia uma desorientação técnica do Brasil em 1950, isto é, a avaliação negativa sobre Flávio Costa aparece sob fala da fonte entrevistada:

[...] No prosseguimento da conversa, vai externando seu ponto de vista: – Em 1938, certo ou errado, formou-se um team. Havia donos de posição, cada jogador sabia onde iria atuar. [...]. E agora o que vemos? Faltando apenas 48 horas para a estreia, não se sabe qual o scratch que vai atuar e vemos o técnico recorrer a um meia, como Maneca, desnecessariamente deslocado para a ponta. Será que não existe no Brasil, para uma Copa do Mundo, um ponta direita? Leônidas não compreende o esquecimento de Djalma, que considera o melhor ponta do país. – O que me preocupa é a desorientação que noto na direção técnica, isso em cima da hora. (O GLOBO, 22 jun. 1950, matutina, p. 10).

Tanto em maio quanto em junho existiram críticas pontuais direcionadas ao técnico da seleção – seja nas exposições dos próprios jornalistas, seja na exposição das fontes utilizadas (JN53). Não há um descontentamento intenso em relação ao técnico e ao trabalho realizado por ele, mas críticas momentâneas a alguns eventos ocorridos, como a falta de compromisso com a seleção no início da terceira fase preparatória (JN3).

Em conjunto com as notícias acerca da preparação e concentração dos brasileiros, o mês de junho é marcado por publicações sobre a lista final de convocação. Desde 05 de junho (JN7), o jornal informa os possíveis jogadores dispensados da lista de convocados. Em JN13, é divulgada oficialmente a lista dos atletas brasileiros convocados para a Copa do Mundo – Barbosa e Castilho, goleiros; Augusto, Juvenal Santos e Nena, zagueiros; Eli, Danilo, Bigode, Bauer, Rui, Noronha e Alfredo, médios; Maneca, Zizinho, Baltazar, Ademir, Chico, Friaça, Adãozinho, Jair e Rodrigues, atacantes – e os cinco jogadores desligados da seleção: Mauro, Brandãozinho, Ipojucan, Tesourinha e Pinga. O jornal informa que houve surpresa com a lista, já que o técnico Flávio Costa havia dito anteriormente que não cortaria nenhum zagueiro.

JN14 focaliza os convocados para a Copa do Mundo. A exposição começa com a afirmação de que “acompanhando o pensamento de Flávio Costa” todos os problemas da equipe estavam resolvidos, apresentando um respaldo à lista ao justificar e concordar com as escolhas do treinador: “O objetivo maior do técnico foi escolher para a formação do plantel definitivo os elementos que oferecessem melhor capacidade de adaptação e assimilação, que pudessem ser aproveitados [...] para mais de uma posição” (O GLOBO, 06 jun. 1950, matutina, p. 12). A fim de legitimar as escolhas do técnico, O Globo cita uma atitude similar na seleção da Inglaterra e apresenta o exemplo de Ademir como atleta que poderia ser utilizado em mais de uma posição: “O renomado crack pernambucano já provou que pode atuar em qualquer setor da vanguarda. Pode ser colocado com êxito da ponta direita à ponta esquerda. Proporcionará ao scratch um aproveitamento cem por cento eficiente” (O GLOBO, 06 jun. 1950, matutina, p. 12).

O Globo demonstra otimismo e apoio às escolhas feitas pelo técnico Flávio Costa, ressaltando que o apoio deixava de lado qualquer “influência partidária”, ou seja, qualquer aspecto relacionado ao gosto pessoal do jornalista, ao clube ou cidade do jogador (dada a rivalidade regional existente). Assim, as matérias do dia 06 de junho constroem uma representação mais confiante e esperançosa acerca dos atletas brasileiros e demonstram apoio às decisões de Flávio Costa quanto aos convocados.

Também em 06 de junho, JN15 apresenta a informação de que nos últimos treinos o zagueiro Mauro não apresentou melhora técnica e por isso acabou dispensado. Ainda, o texto noticia que Mauro chegou à concentração em Araxá no início do ano “em péssimas condições físicas, cansado, esgotado, exausto”. Entende-se que tais explicações ocorrem em virtude da surpresa de sua dispensa, haja visto que Flávio Costa havia anunciado que não dispensaria nenhum zagueiro – essa surpresa com relação à Mauro foi noticiada em JN13. Com isso, O Globo justifica o desligamento de Mauro da seleção brasileira e valida a decisão de Flávio – não só porque o zagueiro apresentou baixo rendimento, mas porque não poderia atuar em outra posição. Destaca-se também que o texto divide os dispensados entre os que são paulistas e os que são cariocas, mostrando, mais uma vez, a dicotomia existente na época.

O episódio mais relevante deste mês é o início da Copa do Mundo, em 24 de junho de 1950. No entanto, antes das publicações acerca deste dia, O Globo já relatava a expectativa e os preparos finais para o início da competição e a estreia do Brasil. A fotolegenda intitulada “À conquista da Copa do Mundo!”, publicada na edição matutina de 21 de junho (JN51), aborda o ambiente de expectativa e ansiedade para a Copa do Mundo, evidenciando o ineditismo e a grandiosidade do evento esportivo:

A cidade está transformada. Quem passa pelas ruas já respira, irremediavelmente, a atmosfera do campeonato do mundo. [...] Nunca houve um campeonato do mundo semelhante a esse. E para ele foi construído o maior estádio do globo. **As atenções de todos os países estão voltadas para o Brasil. E no Brasil a ansiedade cresce, multiplica-se.** A chegada dos ingleses foi como o último aviso. O aviso de tudo pronto. Estão no Brasil todos os grandes candidatos ao título: a Inglaterra, a Itália, o Uruguai, a Espanha, a Suécia e a Iugoslávia. **O coração de cada brasileiro apressa o ritmo. E parece que vai parar.** (O GLOBO, 21 jun. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

O texto demonstra a transformação do Rio de Janeiro para a competição, com as ruas tomadas pelo clima de Copa e a chegada das seleções estrangeiras. Enaltecendo a grandiosidade da competição e do Estádio Municipal, a publicação informa que tudo estava pronto diante da grande expectativa dos torcedores brasileiros. Por parte do jornal a competição era associada à oportunidade de valorizar o Rio de Janeiro a partir da expectativa do povo brasileiro, do estádio construído, do clima das ruas, celebradas de modo eufórico. Por isso mesmo, o jornal publica neste mês a série de matérias “Atividades das delegações”, que informava sobre os últimos preparativos das seleções e as atividades realizadas durante a competição (JN55, JN59, JN61, JN73, JN76, JN80, JN84). Neste sentido, nota-se a construção de uma narrativa de identificação do país com a competição, indicando que todo brasileiro estaria envolvido de maneira eufórica com o evento, embora esse “cada brasileiro” se referisse ao torcedor carioca.

Em 24 de junho de 1950 dá-se início à quarta edição da Copa do Mundo FIFA, sendo o Brasil o anfitrião da competição pela primeira vez. A partida de estreia entre Brasil e México ocorreu às 15 horas, no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. A principal notícia da edição matutina de 24 de junho, com destaque na capa da edição, informa a escalação titular da seleção brasileira (JN60). São apresentadas onze fotografias de cada um dos jogadores titulares: Barbosa, Augusto, Juvenal, Ely, Danilo, Bigode, Maneca, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça. O texto que acompanha as fotografias exalta a relevância do campeonato, evidenciando que aquela era a primeira vez que um acontecimento esportivo provocava tamanho interesse em todo o país. Conforme o publicado pelo jornal, o entusiasmo era de todos, em todos os cantos do país, inclusive daqueles que não acompanhavam futebol e que agora passavam a imitar opiniões e sugestões sobre a equipe brasileira:

A cidade vive, hoje, um grande dia com a abertura do campeonato do mundo, o primeiro que se realiza no Brasil. Jamais um acontecimento esportivo, nem mesmo o certame de 38, conseguiu despertar, seja na cidade, seja em todo o território nacional, **um interesse tão profundo, tão absorvente, que se irradiasse através de todas as classes sociais. Pode-se dizer que, de ponta a ponta do Brasil, o assunto exclusivo é o campeonato do mundo, é o jogo de hoje, entre brasileiros e mexicanos, são as possibilidades nacionais no certame.** Pessoas que jamais se ocuparam com o football, que jamais assistiram a um jogo, que jamais compreenderam o interesse dos

outros pelo chamado esporte bretão – vibram com a batalha desta tarde e quase que se improvisam em técnicos, em entendidos, dando opiniões, emitindo sugestões. (O GLOBO, 24 jun. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

É reforçado o discurso de que o início da Copa provocara interesse e entusiasmo nos torcedores de todo o território nacional e de que a estreia brasileira e a possibilidade de conquista do título permeavam as conversas dos brasileiros. Esse discurso pretendia criar a ideia de uma unificação nacional em torno da seleção diante do maior e mais importante acontecimento esportivo vivenciado no país.

Nesta mesma edição (dia da estreia do Brasil), outro conteúdo ganha evidência: a entrevista com o jogador Augusto da Costa (JN62). Ao rememorar o início da preparação da seleção nacional para o campeonato de 1950, O Globo classifica o trabalho como metódico e elogia as ações de Flávio, com um programa de atividades classificado como “amplo e criterioso”. Também é lembrado o calendário cumprido à risca: concentração, amistosos, treinamentos, observações na Europa. Neste momento, a narrativa silencia sobre os problemas da equipe apresentados pelo próprio jornal ao longo da fase de preparação. Os textos inclinam-se a apagar os problemas e a construir mais sentidos de identificação e aproximação do torcedor com a seleção, por isso os textos concentram indicações à esperança e confiança acerca da participação do Brasil na competição.

No primeiro subtítulo do texto – “O veterano capitain acredita nos comandados” – O Globo apresenta as considerações do jogador Augusto sobre a participação do Brasil na competição. Classificando-o como simples e cauteloso, o jornal apresenta suas respostas otimistas sobre as pretensões da seleção na competição:

Augusto da Costa, simples e cauteloso, falou-nos como sempre nos fala, medindo cuidadosamente o alcance das próprias palavras: – Sem pretender subestimar nada e ninguém: esse ou aquele adversário, acho que estamos preparados e habilitados a cobrir com honra o obstáculo desta tarde. [...] – E você faz, porventura, alguma restrição ao atual team brasileiro? – Não. Nem há razão para isso. O team é bom. Material excelente. Pessoalmente, acredito muito nele. Acredito piamente. Conscientemente. Ufanosamente. – Para cobrir, somente o primeiro obstáculo, ou para ser, também, campeão? – Claro que para ser campeão! Fez uma pausa e acrescentou: – Não fora assim, não concitaria a torcida do Brasil a acreditar na gente. A ter fé na vitória do football do Brasil. – Hoje só? – Hoje e sempre! (O GLOBO, 24 jan. 1950, matutina, p. 14).

A partir das afirmações do jogador e dos próprios questionamentos suscitados pelo jornal, nota-se certa preocupação em acalmar a ansiedade da torcida, garantindo o preparo da equipe não somente para vencer o México, mas para conquistar a Taça Jules Rimet.

Sem circulação do jornal no dia 25 de junho, a narrativa sobre a estreia da seleção nacional e a vitória por 4 a 0 sobre o México – com dois gols de Ademir, um de Jair e um de Baltazar – está presente nas páginas da edição matutina de 26 de junho. A principal notícia da edição, presente na capa do jornal, aborda o início dos jogos da Copa do Mundo (JN63). O Globo trata do acontecimento como algo “extraordinário e descomunal” e aborda o envolvimento de toda nação. Em um texto permeado de subjetividades, emotividade e nacionalismo, há ênfase no envolvimento de todo o país com o jogo da seleção, mesmo daqueles que não estavam presentes no estádio, como se todo o Brasil deixasse as diferenças de lado em busca de um objetivo comum – a vitória brasileira:

[...] Dir-se-ia que o coração da cidade o mesmo do Brasil se deslocara para o Derby e ali, numa das maiores concentrações humanas jamais vistas no país começara a vibrar pela vitória de nossas cores. As compactas multidões que afluíam e refluíam na subida das rampas de acesso sugeriam o fluxo e refluxo do sangue ao órgão vital. E estamos certos de que **as palpitações dessa monstruosa fonte de vida foram percebidas em toda a cidade, nos mais longínquos rincões do território nacional, através das transmissões do rádio, pois as atenções de milhões de brasileiros, de Norte a Sul, estavam concentradas no Estádio Municipal.** Dissemos acima que o início do certame foi algo fora do comum, do inesperado, e vale a pena repetir, quando se **recorda aquela massa humana a vestir o gigante de cimento armado, tão considerável e heterogênea, representando as mais diversas classes sociais e as mais antagônicas tendências políticas, artísticas ou sociais, ali se congregando para um fim comum, todos movidos pelo mesmo interesse,** alimentando o mesmo ideal de vitória. (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, p. 1-10, grifo nosso).

De acordo com O Globo, não havia mais divisões no país, havia unicidade e singularidade entre todos os brasileiros, possibilitadas pela seleção nacional. Naquele momento, a seleção fazia com que todos os brasileiros, de distintas regiões, estivessem juntos, concentrados no Estádio Municipal da forma que fosse possível, torcendo pelo mesmo objetivo. Novamente, há pretensão do jornal em criar e demonstrar um sentimento de identidade nacional em torno da seleção, expresso no estádio e na união do povo em todos os lugares do país, construindo a ideia de que as diferenças sociais, políticas ou artísticas se desmanchavam diante da busca do povo brasileiro pelo título mundial.

Cronologicamente, são narradas todas as ações que ocorreram na abertura do evento, com a indicação dos horários de cada uma delas, o que revela não só a presença do jornalista no local, mas a importância que os fatos detinham para o jornal:

Realmente, tudo foi realizado de acordo com as previsões: das 13 às 14 horas – concerto pela Banda de Música Regional, com 350 figuras; às 14 horas – chegada do presidente Eurico Dutra; às 14.05, verificou-se o hasteamento das bandeiras dos 13

países disputantes da etapa semi-final e dos pavilhões da FIFA e o da CBD, ao som de marchas triunfais. (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, p. 1-10).

No intertítulo “Iniciada a marcha triunfal”, o jornal fala da atuação brasileira em termos positivos e confiantes, indicando que, embora o México não possuísse tradição no futebol, o nervosismo do público poderia ser explicado, pois naquele momento o torcedor teria uma indicação das reais possibilidades da equipe. O texto destaca o apoio irrestrito da torcida que saiu do estádio tranquila e confiante, destacando a superação do clima de incerteza que havia até o início da competição.

Em JN65, Ricardo Serran descreve e avalia a primeira partida da Copa do Mundo de 1950, ocorrida entre Brasil e México. O título “Começou bem o scratch brasileiro” e a linha de apoio “Sem precisar jogar tudo que sabe, o team nacional derrotou o México – grande performance de Jair – os astecas foram completamente dominados, pois Barbosa fez apenas três defesas” já evidenciam o início satisfatório da trajetória do Brasil na competição, destacando a vitória fácil e a performance de Jair. O jornalista expõe que o futebol brasileiro se via pequeno diante das responsabilidades encaradas no megaevento esportivo e o público passara a desconfiar da capacidade do time, em virtude da dificuldade enfrentada nos amistosos e treinamentos. Nesta publicação ocorre a indicação da grandiosidade e do significado simbólico da Copa do Mundo, com evidência para o fato de o país sediar uma competição tão cobiçada e por ter construído o maior estádio do mundo para isso. Tais aspectos teriam intimidado a equipe brasileira, o que agravou o clima de desconfiança e nervosismo. Nota-se a dramatização da situação pela qual passava a torcida brasileira e os próprios jogadores a partir da narrativa construída, adjetivada como de “quase pânico”, sem dias e noites tranquilos, com previsões pessimistas, retomando os momentos difíceis.

O primeiro subtítulo desta reportagem aborda que houve surpresa diante do baixo desempenho técnico do México, o que fez com que a equipe nacional vencesse por 4 a 0 sem usar toda sua capacidade física. Essa discrepância entre as seleções fez com que o pessimismo dos brasileiros permanecesse, isto é, em virtude da incapacidade técnica da seleção mexicana, o público não conseguira se tranquilizar plenamente acerca da competência e eficiência do Brasil: “O triunfo, realmente, não é o bastante para afastar a onda de pessimismo, pois os tentos não nasceram de uma performance das mais convincentes” (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, p. 12).

A publicação parece concordar com a posição firmada pelos torcedores de que a vitória na primeira partida não era suficiente para adotar uma postura placidamente otimista. Embora aponte a permanência da insegurança em relação à seleção, o jornal também assinala que os

jogadores não exibiram toda sua capacidade técnica, justamente pela inferioridade do adversário. Isso indicaria que a atuação dos brasileiros era superior ao que havia sido apresentado. Um dos personagens mais importantes da estreia na Copa do Mundo é o jogador Jair, com performance considerada “um verdadeiro espetáculo”.

O último intertítulo da reportagem escrita por Ricardo Serran, nomeado de “O estádio justifica o sacrifício”, enaltece o esforço exigido para a construção do Estádio Municipal, com destaque para as arquibancadas e o campo em perfeitas condições de aproveitamento. Embora o jornalista pontue alguns detalhes inacabados da obra, como as vias de acesso e a tinta das cadeiras cativas e da imprensa, a reportagem mostra a necessidade de paciência com relação ao fim da obra, dada a sua grandeza, comparando-a com a situação dos estádios internacionais:

[...] Vamos esperar para que dentro de alguns meses tudo esteja nos eixos, completando-se assim a obra grandiosa do Derby. E, para consolo, é bom indagar quais os estádios do mundo estão completados. Na nossa gira pela América do Sul conhecemos apenas dois – Nacional de Santiago e o nosso Pacaembu. Os outros, como muitos dos europeus já estão velhos e por terminar. Assim, não vamos exigir tudo rapidamente, agora que possuímos com orgulho uma praça de esportes que faz inveja. (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, p. 12).

Caracterizando o Estádio Municipal como um orgulho brasileiro que fazia inveja aos estrangeiros, O Globo destaca a superioridade da construção se comparada aos estádios europeus, pedindo, justamente por isso, paciência do público para que houvesse a conclusão dos detalhes finais da obra.

Diretamente de São Paulo, onde se encontrava a seleção brasileira para a disputa contra a Suíça que ocorreria no dia seguinte à publicação (em 28 de junho), Geraldo Romualdo da Silva escreve sobre a chegada dos jogadores brasileiros e a vontade de Jair de entrar em campo contra os suíços (JN70). De modo detalhado, inclusive com a disposição dos horários, o jornal narra todos os fatos da chegada, quando os atletas foram acolhidos e aplaudidos pela torcida e pela imprensa.

Especialmente em relação a Jair, destaque no jogo contra o México, o jornal informa que o jogador chegou mancando, havendo a dúvida sobre sua participação na partida com a Suíça. Em conversa com o atleta, Geraldo Romualdo da Silva escreve que o deixou ciente sobre a importância da sua presença em campo e esclareceu a possibilidade de sua atuação. Nota-se uma certa insistência por parte do jornalista de fazer com que Jair entrasse em campo no dia seguinte:

[...] Fizemos-lhe ver, que depois da exibição no Estádio Municipal, e em face da contusão de Zizinho, sua ausência deveria acarretar muitas dificuldades ao selecionador. O ‘Manolete’ do football, como tão bem se expressou o técnico asteca Otávio Vial, respondeu: – Compreendo perfeitamente. Sei que o momento não é para desertar. – Quer dizer que você admite a hipótese de atuar amanhã? – Claro que admito. Entretanto, não me encontro bem. Explico-me melhor: se o jogo houvesse sido hoje, por exemplo, eu não teria podido calçar as chuteiras. – Mas até amanhã estará habilitado, não é assim? – Acredito. E também não criarei qualquer embaraço ao técnico. Basta que ele ordene minha entrada em campo para eu entrar. Acho, todavia, que o melhor seria cumprir à risca o critério adotado. – Que critério? – O critério de só se aproveitar os jogadores cem por cento perfeito fisicamente. (O GLOBO, 27 jun. 1950, matutina, p. 10).

Diálogos como este publicado em JN70 revelam a proximidade entre o jornal e a delegação brasileira, inclusive com a possibilidade de o jornalista pressionar o jogador a entrar em campo, mesmo diante de seu desgaste físico, como se o próprio O Globo estivesse apto a avaliar condições físicas e escalar o time brasileiro.

Em 28 de junho, acompanhando todas as atividades na concentração dos jogadores brasileiros para a segunda partida, Geraldo Romualdo da Silva descreve a atmosfera da concentração como tranquila e confiante (JN74). Além de construir a matéria a partir das suas percepções diretamente da concentração em São Paulo, Geraldo também traz as falas do técnico Flávio Costa, conteúdo que funciona como uma forma de tranquilizar e fazer a torcida crer que haveria um desempenho convincente.

O segundo jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo ocorreu com a seleção da Suíça em 28 de junho, às 15 horas, no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Nesta partida, o Brasil empatou em 2 a 2, com gols de Alfredo e Baltazar. No dia seguinte ao jogo, O Globo passa a narrá-lo, classificando o empate como decepcionante e surpreendente, uma vez que o Brasil enfrentou “um conjunto de muito menor possibilidade”. Deste modo, O Globo sinaliza o empate como um resultado negativo e frustrante, deixando claro que isso ocorreu em virtude da falta de eficiência da equipe brasileira em dismantlar a estratégia do adversário.

De modo mais aprofundado, em reportagem identificada como JN78, Geraldo Romualdo da Silva esclarece que não se tratava de apontar falhas individuais, mas de compreender que houveram erros coletivos que culminaram em um empate, qualificado como doloroso pelo jornal:

[...] O que mais prejudicou ou o que mais influiu para a sorte da equipe brasileira se selasse dolorosamente nos dois a dois do Pacaembu, foi a tática mal executada – já não diremos mal ministrada, já não diremos mal recomendada. Foi o ataque em massa, em massa compacta contra um sistema adrede preparado para atrair, um convite ao avanço total. (O GLOBO, 29 jun. 1950, matutina, p. 12).

De tal modo, o jornal exime o técnico Flávio Costa da responsabilidade pelo empate, indicando que os jogadores executaram insatisfatoriamente a tática preparada para a partida. No segundo subtítulo da reportagem, “A fatalidade”, Geraldo apresenta suas impressões, argumentando que independentemente dos jogadores em campo, o resultado seria o mesmo – o que isentava o técnico e suas escolhas. Por último, trata do próximo confronto da seleção nacional com a Iugoslávia, descrito como uma etapa decisiva. Aqui, O Globo mostra-se confiante para a próxima etapa, destacando os aspectos positivos dos brasileiros, mas alertando para a necessidade de cumprirem com as recomendações do técnico, como se isso fosse uma garantia de sucesso:

[...] Essa será uma etapa decisiva para a equipe nacional. Teoricamente, somos mais team. Mais brilhantes individualmente. É necessário, apenas, que sejamos, dentro do todo, o que podemos ser. Nem confiantes demais, nem perturbados demais. Jogar simplesmente. Mas jogar, sobretudo, com a atenção voltada para as ordens do técnico. Ouvir e cumprir suas recomendações. Usar a cabeça e não se deixar trair pelos nervos. O campeonato não está perdido. (O GLOBO, 29 jun. 1950, matutina, p. 12).

De maneira geral, O Globo não dramatiza sobremaneira o empate e não atribui responsabilidades individuais pelo placar, ao contrário, afirma e reafirma as falhas como coletivas. Um aspecto evidente é o tratamento do empate como um aprendizado, como uma lição que deve ser aprendida para que o resultado não se repetisse, inclusive com a orientação de que os jogadores deveriam seguir as instruções do técnico. Isso se evidencia não só pelo conteúdo da reportagem, mas também pela retranca “A lição do empate” e o título “Mais cabeça e menos nervos sábado”.

Neste mesmo dia, a matéria identificada como JN79 exterioriza as impressões e opiniões do técnico e jogadores brasileiros sobre a partida entre Brasil e Suíça. O jornalista demonstra que o empate representou uma tragédia para os brasileiros, mas uma vitória para os suíços. Geraldo narra de modo detalhado o comportamento e o discurso do técnico diante dos jogadores após a partida. Flávio é um dos personagens principais da trajetória brasileira desde o início da preparação e neste episódio é retratado de maneira humanizada, demonstrando-se esmorecido e abatido:

Flávio tinha os olhos vermelhos. O homem que nunca chora, que sempre se coloca acima dos descontroles, humanizara-se. Prostra-se contra o muro que separa o vestiário do corredor, e ali permanecera de cabeça baixa um tempo enorme. Só muito mais tarde, só depois que começaram a aparecer os amigos, descerrou o sobrecelho e falou, fitando os jogadores: – Perdemos uma batalha, mas não perdemos a guerra! E ainda confessou: – Não sei contar maior decepção em minha carreira. É o inexplicável que durará até a reabilitação. (O GLOBO, 29 jun. 1950, matutina, p. 12).

Se o técnico dramatizou o empate, caracterizando-o como a sua maior decepção, os jogadores mostraram-se positivos e empenhados em buscar um resultado melhor na próxima partida. São publicadas as falas de Ademir, Barbosa e Augusto.

Nos últimos dias de junho, as publicações tratam da preparação para o próximo confronto brasileiro. Seguindo a série de notícias “Atividades das delegações” (JN55, JN59, JN61, JN73, JN76), já publicada em outras edições, a matéria de 29 de junho (JN80) trata do retorno para o Rio de Janeiro, com concentração em São Januário. No dia seguinte, o jornal relata a realização de uma atividade entre os jogadores, preparando-os para a terceira partida (JN83). O jornalista atua como fonte ao informar que os jogadores se apresentaram com boa disposição, animados e confiantes.

Presente na capa da edição matutina em 30 de junho, O Globo publica uma chamada de apoio à seleção nacional, notável pelo próprio título da matéria: “Incentivemos os brasileiros à vitória” (JN82). O texto informa que a partida contra a Iugoslávia era decisiva e que o resultado determinaria a continuação do Brasil na busca pelo título. Apesar da perspectiva decretória, enfatiza que a situação do selecionado brasileiro não era grave. Com isso, O Globo reconhece a possibilidade de o Brasil reconquistar a colocação perdida, já que o time possuía melhores possibilidades técnicas se comparado ao adversário, apresentando argumentos que permitam aos torcedores confiar no desempenho nacional. Quase como uma convocatória, a matéria pede que os torcedores não abandonem a seleção: “É preciso, entretanto, que a torcida não abandone os defensores das cores nacionais. Que todos compareçam ao majestoso estádio do Maracanã com a firme disposição de incentivar os nossos ao triunfo, **sem abandonar jamais as boas normas de educação e do respeito ao adversário**” (O GLOBO, 30 jun. 1950, matutina, p. 1-2, grifo nosso). Percebe-se que ao mesmo tempo em que solicita o apoio do torcedor, o orienta pedagogicamente acerca das práticas corretas de como se comportar diante do adversário.

A Copa do Mundo inicia-se em 24 de junho com término em 16 de julho de 1950. Assim, as publicações de julho enfatizam o desenvolvimento e o término da competição, aspecto que interessa especialmente à esta tese, uma vez que é neste mês que ocorre a derrota do Brasil. Somando 111 publicações, este é o mês com o maior número de conteúdos publicados pelo jornal sobre a seleção brasileira. Especialmente sobre os aspectos de formatação das publicações, evidencia-se páginas inteiras destinadas à seleção, maior número de notícias publicadas na capa e a produção de matérias e reportagens contínuas que narram em série os principais acontecimentos.

Em relação ao conteúdo das publicações deste mês, pode-se dividi-las em quatro temas: 1) O Brasil na Copa do Mundo, 2) Informações gerais e rotina das seleções, 3) A Copa do Mundo e o Brasil sob a perspectiva dos jornais e fontes estrangeiras, 4) A derrota. A temática 1 reúne o maior número de publicações (52 notícias), correspondente a 47% do publicado em julho, e trata da divulgação, preparação e análise dos jogos realizados até a final da Copa, a saber: Brasil e Iugoslávia (01 de julho), Brasil e Suécia (09 de julho), Brasil e Espanha (13 de julho). Em seguida, a temática “A derrota” concentra 25 conteúdos (23% do total do mês) e apresenta a narrativa da final entre Brasil e Uruguai (16 de julho), análise da partida e exposição de explicações para a derrota. Com 19 notícias (17% das publicações), a temática 2 expõe as atividades e rotinas das delegações, com ênfase na seleção brasileira, classificação das seleções para a fase final, tabela de jogos e organização desta fase. A quarta e última temática aborda a Copa do Mundo e o Brasil sob a perspectiva dos jornais e fontes estrangeiras. Com este tema são publicados 15 textos, correspondente a 13% do total de publicações.

Se no início da competição existia certa desconfiança, isso desaparece por completo na fase final, especialmente após a vitória contra a Iugoslávia e as goleadas nas seleções sueca e espanhola. Tratada como uma final antecipada, em virtude da qualidade técnica do adversário, o jogo entre Brasil e Espanha resultou em goleada brasileira e parecia consolidar a conquista da taça, tanto é que uma onda de otimismo e euforia tomou conta dos torcedores e da concentração brasileira. Entre os principais conteúdos publicados pelo jornal está a série de matérias escrita por Geraldo Romualdo da Silva sob o título “A batalha perdida da véspera”, em que são narrados e analisados os acontecimentos da concentração em São Januário na véspera da partida final e no dia seguinte. De modo serializado, Geraldo descreve a invasão de otimismo que adentrou à concentração a partir da presença de torcedores, jornalistas, fotógrafos, políticos e candidatos que não deixaram os jogadores descansar, entrevistando-os, fotografando-os em todos os momentos, elogiando-os, oferecendo prêmios e presentes. Também relata o contato dos atletas com materiais já prontos que comunicavam o Brasil como campeão do mundial de 1950, entre eles jornais e revistas. Acerca da descrição da partida final entre Brasil e Uruguai, enquanto algumas notícias mostravam-se elogiosas ao espírito de luta dos uruguaios e, em tom de consolo, pedem que se avalie o resultado pelo aspecto positivo, como a civilidade e o respeito da torcida brasileira, outras matérias exploram o caráter fúnebre e mórbido da derrota, classificando-a como a morte do futebol nacional e culpabilizando os jogadores de maneira geral, mas especialmente Barbosa e Bigode, pois suas falhas individuais teriam sido decisivas para o resultado negativo.

Em relação às marcas de apuração, especificamente a assinatura, identifica-se que julho apresenta a maior variabilidade na indicação de autoria dos textos jornalísticos, embora a grande maioria das publicações não estivesse assinada: são 79 textos não assinados, 13 assinados por Geraldo Romualdo da Silva, seis assinados por Ricardo Serran, quatro textos de autoria da agência de notícias AFP, três textos de Carlos Arêas, outros três de autoria da agência de notícias UP, um assinado pela agência de notícias Asapress, um pelo jogador inglês Jackie Milburn e, por fim, uma reportagem fotográfica realizada por quatro fotógrafos do jornal.

Neste mês, atenta-se para o fato de que oito textos provieram de agências de notícias – AFP, UP e Asapress – que se destinam exclusivamente a expor como os veículos jornalísticos estrangeiros noticiavam a trajetória brasileira e das demais seleções na Copa do Mundo. Outro aspecto atípico é a autoria de Jackie Milburn (JL108) em um texto sobre as percepções do jogador acerca do futebol brasileiro. John Edward Thompson Milburn, conhecido como Jackie Milburn, disputou como jogador a Copa de 1950 pela seleção da Inglaterra.

Seguindo as informações das marcas de apuração, constata-se que dos 111 textos encontrados neste mês, em 95 o local da apuração foi externo, enquanto as outras 16 publicações foram apuradas internamente. Isso ocorre em virtude de que grande parte das notícias tratava da realização e análise das partidas disputas pela seleção brasileira, o que era acompanhado pelos jornalistas de O Globo diretamente no local do acontecimento. Como há um predomínio da apuração externa, as informações são de primeira mão em 45 textos, sendo que apenas nove publicações fazem uso de informações de segunda mão. Além disso, 38 notícias não possuíam indicação em relação às informações utilizadas, sendo que em 19 destas o próprio jornalista era a única fonte informacional.

Também se identifica uma variedade de fontes informacionais utilizadas se comparado com os meses anteriores. Constam fontes institucionais, fontes cidadãs e fontes especializadas/comentadoras. De modo específico, O Globo se utiliza de fontes institucionais em 65 textos jornalísticos, com predominância do técnico Flávio Costa (presente em 24 textos), dos jogadores da seleção brasileira (em 16 textos), seguido do médico da seleção Amilcar Giffoni (em seis) e do presidente da CBD Marco Pollo (em cinco). Já as fontes cidadãs estão presentes em sete conteúdos, com o uso de torcedores da seleção (como operários, marinheiros, comerciantes) em cinco notícias, além da esposa do técnico Flávio Costa e do ex-jogador de futebol alemão Edi Kaltenceker, que aparecem em uma publicação cada. Convém destacar que as fontes cidadãs – torcedores, esposa de Flávio Costa e ex-jogador de futebol alemão – foram acionadas para fornecer informações e opiniões acerca das atuações e expectativas em relação à seleção, das percepções da derrota para o Uruguai e das avaliações da partida entre Brasil e

Suécia, respectivamente. Por fim, em relação às fontes especializadas/comentadoras compõem-se o presidente da embaixada inglesa e vice-presidente da Football Association Arthur Drewry em dois conteúdos, o cônsul sueco Per Soerdenberg também em dois conteúdos e o comissário técnico italiano Pozzo em uma publicação.

No que concerne às informações de segunda mão, O Globo se utiliza de informações provenientes de outros veículos jornalísticos em dez textos – são utilizados jornais impressos espanhóis, franceses, italianos e argentinos. Ainda sobre as origens da informação e as fontes utilizadas, constata-se que em 30 matérias o próprio jornalista atua como fonte informacional, sendo que em 19 destas o jornalista era a única fonte utilizada na construção noticiosa. Em JL6, por exemplo, apenas o jornalista atua como fonte ao descrever a vitória dos brasileiros contra os iugoslavos.

No segundo nível de análise torna-se evidente que o formato jornalístico mais utilizado é a matéria, com 72 ocorrências, seguida da reportagem (14), nota (12), fotolegenda (9), artigo (2) e reportagem fotográfica (2). Percebe-se que há neste mês uma ampliação no uso do formato reportagem, que se caracteriza como um relato ampliado dos acontecimentos, neste caso especificamente das partidas disputadas pela seleção brasileira, o que aponta para o destaque que o jornal dá à participação brasileira na competição. Além disso, 22 conteúdos estão publicados nas capas das edições de O Globo, recebendo, portanto, uma ênfase mais eloquente. Assim como em junho, neste mês também há um uso mais expressivo de recursos visuais. Ao todo, 48 publicações se utilizam de fotografias (com predomínio de uma fotografia), sete publicações usam ilustrações e apenas uma reportagem faz uso de fotografias e ilustrações. As 55 publicações restantes não acionam recursos visuais ou gráficos.

Em julho, as publicações iniciam dando continuidade à preparação, divulgação e análise das partidas da seleção brasileira na Copa do Mundo, o que corresponde à temática “O Brasil na Copa do Mundo”. Em 29 e 30 de junho já se falava sobre a preparação dos brasileiros para a disputa contra a Iugoslávia, mas é em 01 de julho, no dia da partida, que O Globo divulga os detalhes e acertos finais.

Deste modo, no primeiro dia de julho de 1950 a seleção nacional disputou sua terceira partida, contra a Iugoslávia. Na capa da edição matutina de O Globo, uma matéria noticia a realização da partida naquela tarde e a expectativa que rodeava todo o país (JL1). O título da notícia evidencia a ansiedade e o anseio do público para a vitória brasileira: “Um só pensamento, uma só vontade: vencer o jogo de hoje!”. Isso vem a reforçar um sentimento de unicidade nacional, como se todos os brasileiros estivessem unidos em busca de um único

objetivo. Em outras palavras, O Globo buscava construir um cenário em que decorresse um sentimento de identidade nacional em torno da seleção brasileira.

Sobre a partida de modo específico, informa que apenas a vitória interessava ao Brasil, uma vez que somente ela permitiria que se continuasse a pensar na conquista do título. Ao expor a vitória como uma obrigação, o texto caracteriza a partida como uma “luta árdua” que necessitaria dos jogadores “muito sacrifício, muito devotamento, muito amor às cores que defendem” (O GLOBO, 01 jul. 1950, matutina, p. 1). No entanto, ameniza as informações acerca da dificuldade do confronto ao realçar que, após o empate com a Suíça chamado de “o fracasso do Pacaembu”, a equipe possuía condições de vencer, passando a apresentar as falas otimistas dos jogadores e convocar a torcida brasileira para apoiar a seleção. Como em outras publicações, a matéria solicita que o público torcesse e demonstrasse apoio, sem, no entanto, desrespeitar o adversário:

Confiemos, pois, nos nossos atletas. Confiemos e os incentivemos à vitória! Ajudemos, com os nossos aplausos e os nossos hurrahs, o combinado nacional a sobrepujar todas as dificuldades, que não são poucas e a levá-lo ao triunfo. Um só pensamento uma só vontade: vencer o jogo de hoje! **Vencer, respeitando o adversário. Lembremo-nos de que os iugoslavos almejam, como nós, defender as cores esportivas de sua pátria. São dignos de respeito. Vençamos leal e cavalheirescamente. Demonstre a torcida, ainda uma vez, a sua educação e o seu civismo, recebendo com simpatia o adversário** e estimulando viva e entusiasticamente os brasileiros à vitória. (O GLOBO, 01 jul. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

Deste modo, especificamente nesta parte do texto, assim como em JN82, nota-se um caráter pedagógico do jornal na formação de condutas do torcedor brasileiro. Ou seja, O Globo orienta o comportamento do público em relação ao tratamento dos adversários no que se refere à educação e à civilidade. Isso coaduna com o entendimento do jornalismo enquanto instância pedagógica, pois, como explicam Alsina (2009) e Silva (2010), os meios de comunicação possuem um papel que intervém socialmente de modo educativo e didático na produção de saberes, valores, concepções e representações. Isso significa que O Globo guia comportamentos e atitudes do público, numa narrativa educativa, a fim de os ensinar a assumir condutas “aceitas”. Entende-se que essa orientação sobre como os brasileiros deveriam se portar diante dos adversários serve como sustentação à imagem do Brasil como país civilizado, a fim de fortalecer a construção de imaginários sobre o Brasil moderno.

Também na edição matutina de 01 de julho, O Globo aborda o entusiasmo dos torcedores brasileiros com a competição, dando destaque à uma suposta unicidade que envolvia todos os brasileiros (JL2). Para isso, o texto apresenta opiniões de distintos torcedores sobre os

últimos acontecimentos que envolviam a seleção nacional. Assim, mais de dez torcedores de distintas ocupações profissionais mostram-se esperançosos e empolgados com as atuações do Brasil e a possibilidade de conquista do título mundial.

Como a seleção brasileira disputaria naquele dia sua classificação como finalista da Copa do Mundo, O Globo dá destaque à realização da partida contra os iugoslavos como momento decisivo e como dilema dos brasileiros: ou a seleção venceria ou seria eliminada da competição (JL4). Embora não haja inserção dessa informação no texto jornalístico, a fotografia da matéria exhibe a seleção brasileira durante a Copa de 1930, isto porque naquele ano o Brasil havia sido derrotado pelos iugoslavos. Algo recorrente nas edições de O Globo é a rememoração de episódios passados, em alguns casos tratando dos novos confrontos como possibilidades de represália (JL4, JL11, JL30, JL40).

Após o jogo da seleção brasileira com a Iugoslávia, que resultou na classificação do Brasil como finalista, O Globo publica na capa da edição matutina de 03 de julho uma fotolegenda que trata da vitória dos brasileiros (JL6). O jornal descreve que os jogadores nacionais atuaram com técnica e entusiasmo e que deixaram o público satisfeito. Também na capa desta edição, mais uma fotolegenda é publicada, desta vez sobre a alegria dos jogadores pela vitória (JL7). No texto que acompanha as fotografias, o jornalista descreve a classificação como “extraordinário feito do football brasileiro” e a promessa cumprida de Flávio Costa de “recolocar a equipe em seu lugar de direito”.

Seguindo a narrativa e análise da partida, a reportagem escrita por Ricardo Serran descreve a vitória do Brasil (JL9). O jornalista-narrador detalha o ambiente da partida, comparando-a a uma final da Copa de Mundo, uma vez que 150 mil pessoas estavam presentes no Estádio Municipal – “tornando pequeno o maior estádio do mundo”. De acordo com a reportagem, o entusiasmo dos torcedores ocupava a cidade desde a véspera e só aumentou durante o transcorrer da partida. Ao abordar esse entusiasmo, a reportagem reforça um sentido de unidade do público, ressaltando a importância do apoio dos torcedores, com aplausos e gritos de incentivo que se fundiram em um só, e o clima de expectativa e animação que tomavam conta do Rio de Janeiro.

Sob o título “A arrancada final”, O Globo divulga a realização da partida entre Brasil e Suécia, no Estádio Municipal, inaugurando a série decisiva da Copa do Mundo de 1950 (JL40). O jornalista inicia seu texto classificando as seleções do Brasil e da Suécia como os mais sérios candidatos à conquista do título máximo de campeão e apresentando suas expectativas, especialmente no que se refere ao apoio do torcedor brasileiro e à qualidade técnica da disputa:

[...] O match entre o Brasil e a Suécia deverá arrastar para o Estádio do Maracanã uma assistência que certamente há de bater o record anterior da peleja Brasil e Iugoslávia e, naturalmente, **essa multidão colossal encherá a gigantesca praça de esportes, de vibração as mais entusiásticas, incentivando os jogadores da sensacional contenda à realização de um espetáculo repleto de lances emocionantes, estimulando-os, com os seus aplausos**, a se digladiarem como autênticos ases do association, procurando estabelecer na cancha um predomínio de ações intensas e tecnicamente eficientes, que levarão o melhor executor das manobras à conquista da cobiçada vitória. (O GLOBO, 08 jul. 1950, matutina, p. 12, grifo nosso).

Ao apresentar o que se esperava do torcedor, o jornal direciona o comportamento do público no sentido de influenciá-lo a ir ao estádio, incentivar e estimular os jogadores com aplausos, reforçando a ideia de que o apoio do povo brasileiro era símbolo identitário do futebol nacional e algo necessário para o êxito.

Neste mesmo dia há a divulgação do último treino coletivo antes da partida (JL41), com a principal ressalva de que não existiam problemas para a formação dos brasileiros. Nota-se que há uma preocupação latente do jornal em abordar a condição física dos jogadores, aspecto que recorrentemente é abordado pelo periódico, dadas as contínuas lesões da primeira fase da competição. Sobre esta mesma atividade, O Globo informa em JL42 que os dirigentes e jogadores da seleção da Suécia acompanharam o treinamento. De acordo com o Globo, a visita não causou surpresa, porque os suecos avisaram com antecedência que iriam ao estádio, mas que a atitude causou estranheza nos jogadores brasileiros, aspecto que só foi narrado em virtude da presença do jornalista no local:

Os escandinavos anunciaram, com antecedência, que iriam ao local da concentração dos cracks nacionais, para levar-lhes o seu abraço. Frisaram bem os escandinavos: **queriam felicitar, antecipadamente, os futuros campeões do mundo**. [...] Mas, sucede que, estando em treinamento, preparando-se precisamente para enfrentar os suecos, os jogadores brasileiros estranharam que a visita tivesse sido escolhida exatamente para aquele momento. E, diante dos escandinavos, que logo ocuparam os camarotes do estádio de São Januário, **os scratchmen sentiram-se constrangidos**, mostraram que estavam sem jeito para receber os visitantes. (O GLOBO, 08 jul. 1950, matutina, p. 12, grifo nosso).

O texto realça o fato de o adversário explicar que a visita objetivava as felicitações aos jogadores brasileiros, considerados desde então “os futuros campeões do mundo”, o que revela a confiança eufórica acerca da conquista da seleção nacional. O Globo também informa que houve uma confraternização entre os jogadores no vestiário e, ao final, traz o questionamento do massagista da seleção ao jornalista que, em certa medida, parece ser a dúvida do próprio jornal: “O massagista Johnson, que ficara de lado, coçando a cabeça daquele jeito todo seu, disse-nos, então, baixinho: – Será que esses suecos estão mal intencionados?” (JL42).

Com a vitória do Brasil sobre a Suécia na primeira partida da fase final da Copa do Mundo, ocorrida no Estádio Municipal em 09 de julho, a capa de 10 de julho dá destaque ao acontecimento como principal assunto da edição (JL43). O título que encabeça a capa e o título da fotolegenda revelam o significado que o jornal dá à vitória, entendida como uma façanha que honrava a tradição do futebol brasileiro: “Líder o Brasil”; “Feito que honra o football brasileiro”. O texto apresenta a vitória como triunfo dos brasileiros, reconhecida como “justa e brilhante”. Uma das fotografias mostra o jornalista com o técnico Flávio Costa e o jogador Chico, o que revela um aspecto rotineiro no jornalismo esportivo da época que é a proximidade e intimidade existente entre os dirigentes e atletas com os jornalistas. Por vezes, as fotografias utilizadas mostram o repórter entrevistando ou posando ao lado dos jogadores⁵⁹ e os textos reproduzem suas perguntas, percepções e opiniões sem preocupar-se em dar à notícia uma falsa condição de objetividade.

A segunda fotolegenda que ilustra a capa da edição matutina de 10 de julho apresenta o jogador Ademir durante banho no vestiário após a partida com a Suécia (JL44). A legenda informa que o jogador brasileiro, artilheiro da seleção e goleador número um da Copa, estava feliz pela posição alcançada e pela situação da seleção brasileira, líder da tabela. Mais uma vez, destaca-se a intimidade e o livre acesso dos repórteres aos jogadores, haja visto que a fotografia mostra o jogador em um momento íntimo no vestiário.

Além das duas fotolegendas, a capa exhibe a matéria identificada como JL45, que classifica a vitória do Brasil como “triunfo espetacular”, e JL46, que trata do que acontecia nas arquibancadas enquanto os jogadores brasileiros estavam em campo. O comportamento do prefeito Mendes de Moraes é narrado detalhadamente, desde o seu nervosismo até o seu contentamento após o primeiro gol. Também na tribuna de honra, André Maurois, Nelson Rockefeller, Oswaldo Aranha e Edi Kaltenceker tiveram suas reações detalhadas pelo jornalista. Ao falar de todos eles, O Globo unifica o sentimento de todos os brasileiros em relação ao desempenho do Brasil em campo, independentemente de sua função ou classe social:

Todos se imanavam no estádio. O prefeito, o escritor, o político, o juiz, o carpinteiro, o empregado de balcão – todos vibravam com os rushes de Ademir, com a impetuosidade de Bauer e com a precisão de Jair. Foi um espetáculo grandioso, que despertou as alegrias que há muito cada um escondia no pensamento. (O GLOBO, 10 jul. 1950, matutina, p. 1).

⁵⁹ Como em M5, A42, MA45.

Deste modo, O Globo reforça a construção de um imaginário de unidade nacional em torno da seleção brasileira. Ainda em relação a essa partida, a matéria de autoria de Carlos Arêas analisa a atuação dos jogadores brasileiros e suecos, de modo individualizado (JL48). O texto afirma que a goleada na vitória do Brasil não era esperada e que o resultado positivo aumentava as esperanças de conquista do campeonato. Assim, na análise individual, os onze brasileiros são qualificados com atuações satisfatórias, com ênfase em Zizinho e Ademir.

A reportagem principal que narra a vitória dos brasileiros é escrita por Ricardo Serran e publicada em 10 de julho (JL49). Com um placar de 7 a 1, a vitória é classificada como “esmagadora” e descrita como um começo auspicioso que correspondeu ao sonho de milhões de torcedores. O conteúdo caracteriza-se pela descrição e análise da partida sob as percepções do jornalista, desta forma, a produção brasileira é avaliada como “muito próxima da perfeição”, um “triunfo arrasador” e “uma vitória sensacional”.

Geraldo Romualdo da Silva também escreve sobre a vitória (JL50), considerada por ele “a maior exibição do football brasileiro nos últimos dez anos”, frase que dá título à reportagem. O texto destaca duas perspectivas, consideradas pelo jornalista como dignas de serem registradas – a conduta respeitável dos vencedores e a comovente dignidade dos perdedores. Com isso, dá-se ênfase ao comportamento admirável e respeitoso dos brasileiros e suecos dentro e fora de campo.

Após a intensa narrativa divulgada sobre a goleada brasileira, O Globo passa a tratar da preparação para a disputa com a Espanha. Acompanhando a rotina dos jogadores brasileiros, relata-se o comportamento e as atividades do selecionado na concentração (JL59). A presença do jornalista no local direciona as descrições de que havia satisfação no semblante de todos e de que eles se encontravam felizes e menos preocupados. Em conversa com o técnico, uma das falas de Flávio chama atenção por revelar sua percepção sobre como os brasileiros avaliavam os resultados da seleção:

– [...] Ontem, tivemos os suecos. Passamos bem por eles. Passamos, assim facilmente, em razão da perfeita performance cumprida pelos nossos, e não, jamais, de maneira alguma, porque o adversário fosse o Malmoe. **Somos um povo engraçado: se empatamos com alguém, a conclusão vem rápida: empatamos porque não prestamos. Se vencemos, quem não serve são os outros.** É a pressa, o imediatismo do oito ou oitenta. (O GLOBO, 10 jul. 1950, vespertina, p. 12, grifo nosso).

Neste sentido, o técnico critica o posicionamento do público brasileiro, já que, tanto no empate quanto na vitória por goleada não se dava o devido mérito ao desempenho da equipe – no caso do empate, a equipe brasileira não prestava; no caso da vitória, quem não prestava

era o adversário e por isso o Brasil conseguira a vitória. Entretanto, essa crítica não se sustenta em relação às narrativas de O Globo, pois, conforme exposto, o jornal adota uma postura elogiosa e confiante sobre a atuação brasileira.

Assim como em outros conteúdos publicados próximo aos jogos, O Globo preocupava-se em convocar os torcedores brasileiros a comparecer e a apoiar os jogadores. Especificamente neste momento, o jornal é utilizado pelo jogador Augusto como meio de comunicação com a torcida (JL64). Esse pedido de incentivo à seleção é exposto em outras publicações desta mesma edição.

Em 13 de julho divulga-se a realização da partida entre Brasil e Espanha, que ocorreria naquela tarde. JL67 classifica-a como a maior disputa da Copa do Mundo de 1950⁶⁰, motivo pelo qual afirma-se que o Brasil colocaria em jogo todas as suas esperanças de conquista do título. Isto é, para O Globo, vencer a Espanha era uma espécie de final antecipada do mundial.

Às 15 horas daquele dia o Brasil entrou em campo no Estádio Municipal e venceu a Espanha por 6 a 1 – dois gols de Ademir, dois gols de Chico, um de Jair e um de Zizinho. A capa da edição matutina de 14 de julho enfatiza o resultado conquistado pelos brasileiros qualificando-o como uma vitória para marcar época. O texto glorifica a atuação brasileira como algo que não tinha “paralelo na história do nosso football” (JL68), ou seja, como o resultado mais importante da história do futebol nacional até aquele momento. De acordo com a publicação, a vitória tornava-se ainda mais expressiva diante da combatividade, lealdade e classe dos espanhóis. Isto é, o adversário tornava a vitória nacional ainda mais significativa.

Com a vitória do Brasil sobre os espanhóis, O Globo apresenta uma descrição entusiasmada da partida. A euforia presente em JL69 é evidenciada pelo próprio título “Nenhum quadro poderia vencer o brasileiro”. Além de destacar a atuação excelente dos brasileiros e o respeito dos espanhóis, apresenta uma série de opiniões de distintas fontes institucionais relacionadas à Espanha, como o preparador da seleção Guillermo Elzaguirre e o treinador Bento Diez, que elogiaram os brasileiros e reconheceram a superioridade nacional dentro de campo. Do lado brasileiro, a reportagem expõe as impressões de outras tantas fontes institucionais – como o presidente da CBD Mario Pollo, o médico Giffoni e os jogadores Augusto, Zizinho, Jair e Maneca – com destaque para a adoção de um discurso de comedimento de Flávio Costa. A atuação é classificada como “mais firme, mais bonita, mais convincente” que qualquer outra, em virtude da reconhecida qualidade técnica do adversário (JL71).

⁶⁰ O título da publicação realça este entendimento: “Brasil X Espanha, a maior peleja da Copa do Mundo de 1950”.

O principal conteúdo publicado sobre a vitória brasileira é a reportagem escrita por Ricardo Serran (JL73). Com o título “Insuperável demonstração de técnica do scratch brasileiro”, narra-se cada detalhe da partida entre Brasil e Espanha, com a afirmação de que o maior estádio do mundo ficara pequeno diante do interesse de todos os brasileiros. A reportagem narra cada lance relevante e gol da partida, sempre sobressaindo a superioridade brasileira. Por isso, no subtítulo “Nova pátria para o football”, Ricardo Serran escreve que o futebol ganhava um novo lar, migrando da Europa para a América do Sul: “E o football passou a ter novo lar, nova pátria. Emigrou para a América do Sul, assentando bases bem mais sólidas do que julgavam os europeus. Saiu da terra natal, do lugar em que deu os primeiros passos e não se firmou no Velho Mundo” (O GLOBO, 14 jul. 1950, matutina, p. 12). Essa afirmação revela a pretensão do Brasil em se equivaler à Europa e, neste caso, mostrar-se superior, considerando que o país se transformara na nova pátria do futebol, alçando o país a uma posição de prestígio internacional.

A partir do dia 15 de julho, o jornal passa a narrar a preparação da seleção para a partida final da competição com o Uruguai. O título e a linha de apoio da matéria JL76, presentes na capa da edição, indicam a expectativa pela decisão: “A postos, para a última batalha!” (título); “Acompanhados pelo interesse de toda a população, os onze jogadores brasileiros travarão amanhã o embate decisivo para a conquista da Copa do Mundo” (linha de apoio). O texto desvela não só a expectativa pela partida decisiva, mas também a preocupação em alertar sobre a responsabilidade e a expressividade da disputa. Para isso, relembra a campanha da seleção nacional, o apoio da torcida e a superioridade dos sul-americanos em relação ao futebol europeu:

É no fim que as responsabilidades aumentam. É no fim que se torna necessário o esforço máximo de todos. O Brasil inteiro acompanhou a campanha do scratch brasileiro neste dramático Campeonato Mundial. Vibrou de emoção com as suas extraordinárias vitórias. Agora, chegou a hora decisiva, em que vamos pelear com os nossos irmãos uruguaios. A superioridade do soccer sul-americano está provada, pelo fato dos dois finalistas serem desta parte do Continente. (O GLOBO, 15 jul. 1950, matutina, p. 1).

A narrativa construída pelo jornal é convocatória, reforçando a necessidade do esforço e do empenho de cada um para que o Brasil conquistasse o título de campeão mundial. O Globo intima os jogadores e torcedores para a vitória, indicando que ela aumentaria o prestígio do futebol brasileiro em todo o mundo. Nesta convocatória, assim como nas anteriores, há um caráter pedagógico de orientar a torcida para que não houvesse desrespeito ao adversário:

O que todos querem agora é o título de Campeão Mundial de Football para o Brasil, um título que aumentará o prestígio esportivo de nossa terra em todo o mundo. A postos, portanto! A postos, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! A postos, torcedores, **para o incentivo ao scratch do Brasil e para o respeito ao adversário!** Queremos a vitória, só a vitória, nada mais do que a vitória! (O GLOBO, 15 jul. 1950, matutina, p. 1, grifo nosso).

Outro aspecto recorrente é a indicação de uma suposta unidade nacional, onde “todos” ansiavam pelo título mundial. Conforme a publicação, o entusiasmo fazia parte de todos os brasileiros e estava em todos os locais do Rio de Janeiro: “Esse ambiente de euforia vai por todos os lados da cidade, nas ruas, nas casas, nos locais de trabalho” (JL76). Utilizando de distintos torcedores como fontes cidadãs, o jornal expõe que o país acreditava em uma vitória ainda mais expressiva do que as anteriores, isto é, esperava-se que a seleção nacional novamente goleasse o adversário (JL77). Ao analisar a capa de 15 de julho é notável o clima de euforia, contentamento e confiança na vitória brasileira.

A reportagem que divulga o jogo entre Brasil e Uruguai que ocorreria no dia seguinte à publicação (isto é, em 16 de julho) trata do acontecimento utilizando-se de metáforas bélicas (JL78). Deste modo, a partida transforma-se em batalha e luta final. O Globo confirma que o Brasil detinha uma vantagem considerável, conseguida nas partidas anteriores do turno final, bastando apenas um empate para que se consagrasse campeão, mas que esperava que isso não fosse considerado pelos jogadores ao entrar em campo, uma vez que o time deveria jogar para vencer. Sustenta-se que os torcedores almejavam a vitória brasileira com uma exibição tão expressiva quanto nos confrontos anteriores: “O empate dará o título, não há dúvida, mas todo o país anseia pela repetição das grandes vitórias que tão alto elevaram o prestígio do football brasileiro no conceito mundial” (O GLOBO, 15 jul. 1950, matutino, p. 12). De modo confiante, as publicações indicam a espera por uma vitória tão expressiva quanto as últimas goleadas da seleção a fim de reafirmar a posição de destaque do Brasil no cenário internacional.

Em 16 de julho de 1950, às 15h, no Estádio Municipal, o Brasil perde o título mundial para o Uruguai, sendo derrotado pelo placar de 2 a 1 – gols uruguaiois de Schiaffino e Ghiggia. A derrota ocupa a capa da edição matutina de 17 de julho, exibindo 11 fotografias – cada uma delas correspondente a um dos jogadores titulares do Uruguai (JL80, JL81, JL82). Desta forma, a capa de O Globo é destinada a narrar a derrota para os uruguaiois na sua completude, de modo que a principal página da edição é ocupada por 11 fotografias dos jogadores uruguaiois, por um título em destaque que noticia o Uruguai como campeão e uma linha de apoio extensa que sintetiza as principais informações sobre o ocorrido – entre elas, a conquista uruguaia, a

expectativa dos brasileiros seguido da decepção, o respeito da torcida com o adversário e as falhas da seleção nacional:

Numa esplêndida demonstração de combatividade, a seleção oriental conquistou a Taça Jules Rimet – baqueou o esquadrão brasileiro, ao termo de empolgante arrancada – da expectativa fremente à decepção amarga – exemplar a atitude da multidão ontem presente ao estádio, incentivando as nossas cores e aplaudindo os vencedores – duas falhas lamentáveis tornaram mais patente uma tarde infeliz dos jogadores patrícos. (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, p. 1).

Ao analisar a linha de apoio percebe-se as qualificações acerca da atuação das seleções e da derrota brasileira: a demonstração do Uruguai é “esplêndida”, a decepção é “amarga”, as falhas são “lamentáveis”, a tarde da partida é “infeliz”. Além disso, as informações indicam imputação de culpa pela derrota e espanto com o desempenho uruguaio, já que o Brasil vivia um clima otimista em relação à decisão.

No início da reportagem, O Globo relata a expectativa dos torcedores brasileiros, vindos de todas as regiões do país, o que reforça a construção de um imaginário de unidade nacional. Quando a derrota era considerada como uma possibilidade pelos espectadores (o que era raro, como afirma o jornal), se seguiam incredulidades e superstições que objetivavam um afastamento da hipótese negativa:

Estava pronta a moldura para o quadro que deveria dar ao Brasil o primeiro campeonato do mundo. **Veio gente do Amazonas, gente do Rio Grande do Sul e de todos os recantos do Brasil para assistir ao que seria o maior feito do esporte brasileiro em todos os tempos.** Houve quem acampasse nas imediações do estádio, na véspera para ser dos primeiros a entrar na praça de esportes. [...] E se o Brasil perdesse? Só o levantamento da hipótese era acompanhada rapidamente de três pancadinhas na madeira. **Quem poderia admitir a possibilidade de um revés depois das exibições contra a Iugoslávia, Suécia e Espanha? O rendimento técnico do team vinha num crescente irresistível e aquelas duzentas mil pessoas privilegiadas que se comprimiam no Estádio Municipal iriam assistir, certamente, ao corolário de uma autêntica campanha triunfal.** [...]. Jogamos em terreno seco, numa tarde maravilhosa para o football: o team contou com o apoio de uma torcida monstruosa que, antes do jogo, cantou em coro o Hino Nacional, e todo esse cenário serviu apenas para imprimir maior brilho à façanha dos orientais. (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, p. 1, grifo nosso).

A partir deste trecho é possível identificar a construção de um imaginário de unificação nacional e do título como o que viria a ser a mais importante conquista da história do esporte brasileiro. O Globo sustenta que o fato de não considerar a derrota como uma possibilidade era explicada pelo rendimento técnico crescente da equipe, especialmente em virtude das goleadas contra a Suécia e a Espanha – o que é percebido pelo conteúdo divulgado nos dias anteriores à

final, já que O Globo expunha a expectativa por uma vitória com goleada dos brasileiros, como divulgado em JL78.

Na análise da partida, a reportagem JL80 responsabiliza Bigode e Barbosa pelos gols sofridos, além de caracterizar o desempenho brasileiro como irreconhecível e inofensivo. De acordo com O Globo, tecnicamente o Brasil não havia sido inferior aos uruguaios, mas faltara espírito de luta e ardor combativo, características que sobraram aos uruguaios em campo. Ou seja, em termos técnicos e táticos o Brasil havia demonstrado superioridade, mas vencera “o coração”:

Aquele silêncio que sucedeu aos dois goals uruguaios explica tudo. **Em todos os lares desse vasto território que é o Brasil estava sendo preparada a comemoração da vitória, e a falha de Bigode, logo seguida de outra falha inexplicável, de Barbosa, permitindo que o ponta direita uruguaio selasse a derrota do Brasil, estragou todo o programa.** A festa nacional ficou adiada sine die. [...] Será forçoso reconhecer que **os cracks da Celeste mereceram o triunfo, sobretudo pelo espírito de luta que demonstraram, pelo coração insuperável que levou de vencida o que se poderia chamar de maior técnica e maior virtuosismo individual dos brasileiros [...].** Por tudo isso, a vitória foi justa e premiou os que se portaram melhor em campo, senão tecnicamente pelo menos pelo ardor combativo. (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, p. 1-6, grifo nosso).

Bigode e Barbosa são personificados como vilões, responsabilizados pela derrota por terem falhado nos dois gols do Uruguai. Ao mesmo tempo em que o texto reconhece o merecimento da conquista do adversário, também destaca a falta de empenho de ardor dos brasileiros. Ao falar sobre a torcida, O Globo volta a criar a ideia de unificação nacional e elogia o comportamento respeitoso dos brasileiros que aplaudiram os uruguaios, afirmando que a torcida havia sido o único elemento que não fracassara.

Escrita por Geraldo Romualdo da Silva, que acompanhou de perto as reações dos jogadores após a partida, diretamente dos vestiários do Estádio Municipal, a reportagem da edição matutina de 17 de julho (JL83) tem como retranscrição “Por que vencemos e Por que perdemos”, uma vez que as reportagens escritas pelo jornalista sempre trazem as opiniões, explicações e justificativas dos vencedores e perdedores sobre a partida (isso também está presente em outras reportagens escritas por ele sobre os jogos do Brasil na fase final da competição). O título da publicação refere-se a uma fala de Ernesto Figoli, massagista da equipe uruguaia: “Os brasileiros esqueceram-se que estavam disputando uma Copa do Mundo” e a linha de apoio evidencia os dois lados da história, isto é, a perspectiva dos vencedores e dos perdedores: “Arte, classe e coração – Triunfou o coração – Lágrimas de desespero no vestiário dos cracks nacionais e lágrimas de alegria no reservado dos uruguaios – Todos lamentam o sucedido – O desabafo de Maneca – Palavras sensatas do técnico Flávio Costa”. Deste modo,

apresenta-se a vitória “do coração” e a derrota brasileira como tragédia, vivenciada como luto pelos jogadores.

Geraldo inicia sua reportagem com a afirmação de que nenhuma palavra ou expressão reproduziria fielmente o que viu após o término da partida, embora antes mesmo de irem ao vestiário “na dura realidade do silêncio e dos soluços”, explica que era possível vê-los saindo de campo como robôs, perdidos e confusos com o que acabara de acontecer. O primeiro subtítulo da reportagem – “Lágrimas, lágrimas, lágrimas” – descreve a chegada de Danilo ao vestiário, o último a deixar o campo, com uma caracterização mórbida do comportamento do jogador:

Chegou tarde, foi chegando aos poucos, arrastando-se pelo corredor escuro do longo e silencioso túnel. Danilo andava sem rumo, funebremente, andando e parando. De quando em quando parava para esfregar os olhos, para olhar outra vez o espaço. Aí, então, punha-se a caminhar novamente, vagamente, perdidamente. E vendo-nos, não teve senão estas palavras: – Foi uma desgraça! Por Deus que ainda não compreendi como isso nos sucedeu. Quisera que a terra se abrisse e me tragasse de uma vez! (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, p. 12).

Percebe-se a narratividade do texto de O Globo, com a apresentação de descrições detalhadas do lugar e do personagem – neste caso, do jogador Danilo deixando o campo e adentrando ao vestiário. Para além disso, e como é possível evidenciar em todas as publicações sobre essa partida, a narrativa assume contornos de drama, com relatos fúnebres e lacrimosos. No segundo subtítulo – “Eles foram bravos e tivemos erros” – O Globo descreve o comportamento e a opinião de Flávio Costa sobre a derrota, momento em que o técnico afirma que não era possível culpar um ou outro atleta, embora cite as falhas existentes, especificamente de Bigode.

Geraldo Romualdo da Silva questiona o técnico sobre o excesso de otimismo na véspera da decisão: “– Você não acha que houve excesso de otimismo na véspera? – Sim, ficou patente o excesso de otimismo. Mas esse otimismo se irradiava das ruas. Nós estávamos avisados de que a luta seria árdua” (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, p. 12). O jornalista volta a insistir no otimismo da véspera como possível justificativa para a derrota, desta vez perguntando ao jogador Ademir: “– Esse clima extremado de otimismo, isso de se dizer que possuíamos o maior team do mundo, o maior trio atacante do mundo, não teria porventura influído na produção de vocês?” (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, p. 12). A persistência de Geraldo nessa desconfiança sinalizava que uma das explicações possíveis daquela derrota se relacionava com o favoritismo que rodeava a seleção. Segundo Costa (2012), o clima de favoritismo era reforçado por alguns acontecimentos que antecederam a decisão, como a troca

da concentração dos jogadores. Desde maio de 1950 a seleção brasileira estava concentrada na Casa dos Arcos, no Joá⁶¹, mas em 19 de junho (JN47) noticia-se que os jogadores se despediriam e ficariam concentrados em São Januário. Assim, em 22 de junho (JN55), os jogadores já se encontravam no novo local de concentração. Segundo a autora, a mudança de local possibilitou o acesso praticamente irrestrito de jornalistas e políticos aos jogadores:

Naquele ano, o Rio estava agitado não apenas por conta da Copa, mas por causa das eleições. A proximidade da concentração permitiu a presença constante de jornalistas e até mesmo de políticos. Após a derrota, essa troca de concentração foi interpretada como prejudicial aos jogadores e como fator que contribuiu para o mal desempenho em campo. (COSTA, 2012, p. 16).

A troca de concentração, o assédio irrestrito aos jogadores e o excesso de otimismo vão ser utilizados pelo O Globo como formas de compreender a derrota, como se verá a seguir. A insistência do jornalista neste questionamento já revela a suspeita deste aspecto como possível explicação para o ocorrido, mas são nos dias seguintes à partida que isso será detalhado e demonstrado pelo jornal.

Dando sequência à narrativa do clima fúnebre no vestiário brasileiro, a reportagem descreve que Bigode era o que mais chorava e afirmara saber que o estavam culpando pelo resultado. Também consta a descrição dramatizada sobre as crises de choro: “As crises de choro se sucediam. Mas, em efeito, a mais séria, a que mais preocupou todo o tempo foi a que sofreu o massagista Mario Americo. Foi preciso a intervenção de Flávio, foi necessário que todos os médicos o socorressem” (JL83). Esse discurso mórbido aparece de maneira literal e não apenas figurado, já que O Globo informa a morte de um torcedor brasileiro, o sargento João Soares da Silva, que, segundo o texto, “morreu de emoção” em virtude da derrota da seleção nacional (JL82). A nota apresenta que a derrota significou “para todos os brasileiros” um verdadeiro choque, momento em que ninguém se conformava, deixava estampado na fisionomia o desespero e não escondia as lágrimas. Disto, informa que nos minutos finais do jogo, o sargento faleceu emocionado em sua casa, “não resistindo à derrota do Brasil”. Nota-se a dramatização da derrota brasileira e a potencialização do significado da perda do título, como se ela, por si só, tivesse causado a morte do referido torcedor e fosse responsável pela tristeza de um país inteiro.

Desta vez na edição vespertina, O Globo destina a capa à perda do título mundial. Em uma das matérias apresenta justificativas acerca da relevância do campeonato para o país

⁶¹ Em 31 de maio, O Globo noticia o início da concentração no Joá (MA76).

(JL84). O argumento utilizado é de que o esporte era uma das maiores preocupações dos países desenvolvidos, o que justificaria a relevância de o Brasil vencer a competição. Isso revela o entendimento de que conquistar o campeonato mundial daria visibilidade internacional ao Brasil e o colocaria, ao menos em alguns aspectos, no mesmo nível dos países da Europa e dos Estados Unidos:

Os que olham com desdém os esforços que fizemos para conquistar o título, argumentando que o nosso país precisa de cuidar de coisas mais sérias, estão fora do mundo dos nossos dias. **O esporte é uma das maiores preocupações dos povos mais adiantados e constitui elemento para uma propaganda inestimável.** Os Estados Unidos, por isso, dedicam aos seus esportistas um carinho todo especial [...] **Por que o Brasil não se iria valer do pendor dos seus filhos para o football, do virtuosismo dos seus jogadores, do valor dos seus scratches?** (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 1, grifo nosso).

O texto explica que passados os dias eletrizantes e emocionantes de campeonato, cada brasileiro deveria utilizar o mesmo entusiasmo apresentado nas arquibancadas para enfrentar as adversidades cotidianas presentes no país. As publicações enaltecem a seleção e a realização da competição, além de reafirmarem a importância do esporte e dos esportistas na cultura de um país. Com isso, O Globo buscava manter as esperanças do brasileiro no país:

O ardor, o entusiasmo que soubemos despender no setor esportivo, deve ser aplicado, ainda com maior intensidade, nesse campeonato que ainda com maiores razões precisamos vencer. **O brasileiro, que construiu o maior estádio do mundo em tempo record, que soube dar uma demonstração de civismo em torno do nome esportivo do país, será capaz de promover o milagre de vencer todos os males que nos afligem,** desde que se saiba nele despertar a vibração cívica e o entusiasmo de que é capaz. (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 1, grifo nosso).

De modo conformista, O Globo se utiliza do ocorrido no campo esportivo para expandir a compreensão do “novo campeonato” que se iniciava na vida de todos os brasileiros, exigindo civilidade e entusiasmo para superação das dificuldades cotidianas. Atenta-se para o elogio às demonstrações de civismo da torcida brasileira diante dos adversários, presente também no cabeçalho da capa vespertina de 17 de julho: “Perdendo a Copa do Mundo, o Brasil deve orgulhar-se da nobreza com que soube reconhecer e aplaudir a vitória dos seus adversários”. Portanto, além de confortar os torcedores em relação à derrota, o jornal reforça algumas orientações pedagógicas ao seu público – primeiro, estimula o uso do entusiasmo e intensidade demonstrados no campeonato para as situações cotidianas da vida; depois, aconselha e elogia o respeito e a civilidade do torcedor ao reconhecer a vitória dos uruguaios.

Nesta mesma edição, Ricardo Serran também explica a derrota a partir da garra e do “coração” dos uruguaiois (JL85): “Vitória do coração, cujo mérito cresce pelas tantas dificuldades que tiveram a enfrentar”. Assim como as demais publicações, Serran enaltece o torcedor brasileiro que mesmo diante de uma decepção “que não estava nas cogitações do mais pessimista”, aplaudiu a premiação dos vencedores, o que era uma vitória brasileira diante das percepções do povo nacional no exterior:

A demonstração coletiva de espírito esportivo, não deixa de ser uma vitória do Brasil, um desmentido às tantas inverdades espalhadas no exterior. Chorando pela derrota do quadro de football do team preferido, os torcedores brasileiros não esqueceram que os adversários tinham merecido o sucesso alcançado. (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 1-1, grifo nosso).

Somente no segundo subtítulo, Ricardo Serran trata do desempenho da seleção, afirmando que os brasileiros eram os favoritos e não se esperava outro resultado que não a vitória diante das duas goleadas contra a Suécia e a Espanha. Salienta que os gols do adversário surgiram de falhas individuais de Bigode e Barbosa, mas que todos os jogadores tinham participação na derrota:

[...] Foram tentos que nasceram, inclusive e principalmente, de falhas lamentais, embora seja fácil querer acusar agora Bigode e Barbosa sozinhos pelo fracasso. O half, que desde o princípio do match vinha sendo batido pelo extrema direita celeste, **acabou liquidado para o team e liquidando o team, com a colaboração desastrada de Barbosa, este errando tristemente o salto na segunda bola.** Mas é bom lembrar que cada player teve a sua participação no revés, com os erros do primeiro tempo, na fase de domínio, como também pela falta de apoio ao setor desguarnecido. (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 1-1, grifo nosso).

Portanto, a reportagem enfatiza a persistência e o espírito de luta dos uruguaiois, assim como a civilidade e o respeito dos torcedores brasileiros. Apesar de sinalizar para a culpabilidade de todos os jogadores em campo, deixa claro que foram as falhas individuais de Barbosa e Bigode que levaram à derrota do Brasil.

Já Carlos Arêas realiza uma análise da atuação dos jogadores brasileiros e uruguaiois publicada na edição vespertina de 17 de julho (JL86). Inicialmente, avalia que um simples empate seria o suficiente para o título, mas que nem isso a seleção nacional conseguiu, em virtude de dois aspectos: o excesso de preciosismo no primeiro tempo e as falhas de Bigode e Barbosa no segundo tempo. Individualmente, elenca Barbosa, Bigode e Jair como destaques negativos:

BARBOSA: Embora pouco solicitado, **no primeiro tempo já se havia mostrado nervoso. No segundo período falhou no lance capital que foi o segundo goal dos uruguaios, o decisivo da partida.** [...]. BIGODE: **Surpreendeu por falhar justamente naquilo que é a sua principal característica,** que é a marcação cerrada sobre o ponteiro. Desde o primeiro tempo perdeu terreno para Gighia nas corridas, mas nem assim mudou de jogo. **Estava marcando o ponteiro à distância e continuou marcando até o fim o que possibilitou as escapadas do ponteiro que resultaram, entre outras coisas, nos dois goals da vitória celeste.** No primeiro goal foi driblado pelo extrema que se adiantou até a linha de fundo para o centro e no segundo não conseguiu encontrar na corrida com Gighia que disparou para fechar e shootar em goal fatalmente para Barbosa. JAIR: Para começo de conversa levou desvantagem física em todas as disputas de bola com os defensores uruguaios. E depois pecou também pelos passinhos curtos e muito filigrimados, não reconhecendo que a disposição dos adversários estava a exigir algo mais rápido e objetivo. (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 1-1, grifo nosso).

Desta forma, no dia seguinte à derrota O Globo já se esforça em explicar o resultado e, conseqüentemente, buscar culpados, havendo uma imputação de vilania à Bigode e Barbosa. Essa busca por explicações para a derrota buscava manter a esperança do povo brasileiro na seleção e no país. Além de avaliar os jogadores, O Globo também apresenta as percepções de Flávio Costa, sendo que a retranca da matéria revela de antemão o sentimento dele diante da derrota: “A amargura do técnico” (JL90). O Globo apresenta uma descrição dramatizada das condutas e reações de Flávio e de sua esposa, que conduz a um comportamento fúnebre e desolador:

O homem sereno e superior que é Flávio Costa, não perdeu a personalidade e o controle na gora da borrasca. Nem depois. Nem agora, que todos os ânimos surgem ainda mais aplastados pela noite mal dormida. Também ele não pôde conciliar o sono – ele, muito mais do que os outros, ele muito mais do que qualquer um de nós que sofremos o rude **golpe da fatalidade** desses dois a um **terrivelmente triste para a história do nosso football. Há, sim, amargor em suas palavras. A voz se arrasta dolorosa e pausada,** mas vem ao encontro das exigências, da cruel realidade que a vida, a ele e ao repórter lhe reservamos nesta hora de meditação e sofrimento. Estamos ao seu lado numa **manhã de pesares.** E próximo de nós, sua esposa, sua inseparável companheira de todas jornadas e em todos os tranSES. **Florita é quem se desespera mais, é quem chora mais, quem mais soluça e quem mais se perde ao vai-e-vem das lembranças. A ponto de, em certo momento, não poder conter a crise de nervos, de não se conter e falar: – Já não creio em mais nada! Em nada! Em nada!** (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 12, grifo nosso).

Assim como em outras publicações, é possível notar a proximidade existente entre o jornalista e Flávio Costa, além dos excessos melodramáticos na descrição dos comportamentos do técnico e sua esposa, assim como ocorre em relação aos jogadores em JL83. Em muitos momentos, o resultado é caracterizado como uma morte da seleção brasileira: a derrota é descrita como um “rude golpe de fatalidade”, “terrivelmente triste para a história do nosso futebol”, “um pesadelo”.

Na continuação da conversa entre Flávio e o jornalista, há a exposição do otimismo exacerbado enquanto condicionante para a derrota, momento em que o técnico responsabiliza as visitas à concentração por impulsionar o clima de “já ganhou”:

[...] Nova pausa do selecionador e este adendo: – Infelizmente, **não nos foi possível conter a onda de otimismo que invadiu São Januário na véspera do encontro. Não houve compreensão dos visitantes – gente do interior, caravanas imensas de torcedores, caravanas de políticos, cada qual falando mais alto em campeões do mundo**, cada qual apregoando mais, com mais convicção, que o título estava no papo. Um desastre! Um perigo! Um adendo! No fim, **eu tive de me desdobrar para fugir e para dar fuga àquela invasão. Tive, imaginem vocês, de recolher até lenços, lenços com alusões aos campeões do mundo de 1950, como se football se pudesse ganhar na véspera!** (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, p. 12, grifo nosso).

É só a partir deste momento que O Globo passa a considerar o clima da véspera da partida na concentração em São Januário como um elemento determinante para a derrota. A linha de apoio da matéria direciona a este entendimento: “Uma revelação sensacional: o título fora perdido na véspera”. Tanto nesta matéria como nas demais publicações pós-derrota, Flávio não é apresentado pelo jornal como um dos culpados, ao contrário, o treinador é recorrentemente elogiado, sendo avaliada positivamente sua postura digna, assim como sua maneira sensata de analisar o acontecimento (JL83) e por ter cumprido realmente o seu dever (JL90).

Em 19 de julho, O Globo volta a utilizar Flávio Costa como fonte institucional, questionando-o sobre seus projetos após o fim da Copa do Mundo (JL95). O discurso do técnico indica como a derrota estava sendo tratada naquele momento pelos torcedores e jornais – segundo ele, na véspera celebravam a vitória e após a partida a relatavam de maneira fúnebre, esquecendo-se da decepção dos jogadores e de como o futebol divulgou positivamente o país. É interessante atentar-se para a percepção do técnico de que a derrota era significada no Brasil como a morte do futebol nacional, com torcedores e jornalistas sendo nomeados por ele de “coveiros do esporte”.

[...] Naturalmente, volta à baila, como um estribilho inelutável, a derrota do Brasil e sua triste repercussão. – O mais doloroso é que as mesmas pessoas que, na véspera, apontavam nossos jogadores como os campeões do mundo, agora procuram lançá-lhes a pecha de criminosos. Se não tivesse entrado aquela bola de Gighia, tudo estaria no melhor dos mundos e os jogadores seriam idolatrados. **Vejam certos jornais antes e depois do jogo com o Uruguai. Na véspera o título já estava antecipadamente conquistado; no dia seguinte o aviso fúnebre, a mortalha. Mas os coveiros do esporte não conseguirão amortilhar o football nacional.** A campanha que o scratch empreendeu não tem paralelo na história do nosso esporte, pelo brilho e pela classe demonstrados pelos nossos players. E não sou eu quem proclamo esta verdade, são os espectadores estrangeiros, os cronistas da Itália, da Inglaterra, da Suécia. Hoje se fala nos sacrifícios feitos pela torcida que dormiu ou amanheceu nas imediações do estádio

e não merecia uma decepção tão amarga. Esquecem-se de que os jogadores foram as grandes vítimas dos 2 x 1. Perderam glória, prestígio e mais de cem mil cruzeiros. **Ídolos até à hora do jogo; traidores da pátria duas horas depois.** No entanto, **quando os ânimos se serenarem o público esportivo do Brasil se convencerá de que nunca o esporte fez tanta propaganda para o Brasil.** (O GLOBO, 19 jul. 1950, matutino, p. 10, grifo nosso).

Embora não cite propriamente O Globo e indetermine a quais jornais se refere em sua crítica, é possível visualizar que, em certa medida, o jornal assume a postura desaprovada pelo técnico: na véspera, há otimismo e expectativa de que a seleção não apenas vencesse, mas goleasse o Uruguai; após a derrota, o resultado é narrado como tragédia, com dramatizações fúnebres sobre o ocorrido. Além disso, o discurso do técnico sustenta a ideia de que, mesmo diante da derrota, a seleção havia exportado uma imagem positiva do país, o que é apresentado pelo O Globo no decorrer deste mês.

Nos dias seguintes à partida, O Globo trata a derrota a partir de três sentidos principais: a busca de explicações, a atribuição de uma imagem positiva da seleção entre os “melhores do mundo”, mesmo com a vitória do Uruguai, e a exaltação ao estilo brasileiro de jogo. É a partir da edição matutina de 19 de julho que O Globo passa a publicar uma série de notícias intitulada “A batalha perdida na véspera” (JL96, JL97, JL101, JL105, JL106, JL109, AG1), surgida a partir de uma revelação feita pelo técnico diretamente ao jornal em JL90. É neste momento que ocorre uma concentração de esforços de O Globo em buscar explicações para a derrota brasileira.

De acordo com Vogel (1982, p. 97), a suposta atmosfera de “já ganhou” é interpretada no futebol como uma grave falta, uma vez que equivaleria a uma subversão da “ordem do rito, transformando-o em uma formalidade confirmatória [...]. Os heróis foram proclamados e cultuados antes da batalha. Venceram sem ter demonstrado seu valor”. Isso é utilizado pelo O Globo para construir a narrativa de explicações sobre a derrota brasileira.

Deste modo, a primeira matéria desta série (JL96), escrita por Geraldo Romualdo da Silva, analisa momentos da trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo, especialmente a derrota. O texto está dividido em três partes, que indicam três momentos da seleção brasileira descritos e analisados pelo jornalista de maneira dramatizada. Na primeira parte conta como o Brasil passou, em uma fração de segundos, do melhor futebol do mundo para o luto e o silêncio. Além disso, cita que quase todas as perguntas ficaram sem respostas, apenas uma que não, referindo-se à afirmação de Flávio Costa de que o Brasil havia perdido a batalha na véspera (JL90). Geraldo Romualdo da Silva explica que para entender o porquê da derrota não era necessário ouvir as explicações de Flávio, já que o jornalista esteve lá todo o momento:

Éramos o melhor football do mundo, a melhor assistência do mundo dentro do maior estádio do mundo. Todos entoavam lóas antes da batalha final. Súbito, tudo acabou, tudo se diluiu, tudo se desfez ante o irremediável. Foi-se a taça, foi-se o título e foram-se as promessas. Numa fração de segundos. Nada mais do que uma fração de segundos e desmanchou-se o imenso castelo de ilusões. **A cidade se cobriu de luto e as vozes se calaram. Perguntas, quase todas, permaneceram sem respostas. Menos uma. Menos aquela pergunta que teve esta resposta: ‘Perdemos a batalha na véspera!’.** Mas o choque era tamanho, tão violento, tão rude, que ninguém se apercebeu bem do alcance das palavras de Flávio Costa a O Globo. Suas palavras 24 horas após o fatal desenlace. **Restava saber, apenas, por que perdemos. Aí, não se precisava que Flávio apontasse um por um dos fatores negativos. Estivemos lá.** Fomos a São Januário, como todos os dias íamos a São Januário, e naquele sábado, mais do que nunca, verificava-se que toda uma cidade se canalizava para o centro das atenções de 50 milhões. **Eram 4 horas da tarde e São Januário estava cheio. Cheio de caravanas de torcedores, cheio de curiosos, cheio de sorrisos, cheio do otimismo.** Havia até um jogo de volleyball entre moças. As moças que defendiam as cores do Vasco e as moças que defendiam as cores do Flamengo. Por coincidência, venceu o Flamengo. Mas ninguém ligou à coincidência. **Porque a voz dos políticos falava mais alto. Gritava mais.** Prometia mais. (O GLOBO, 19 jul. 1950, matutino, p. 10, grifo nosso).

O primeiro texto desta série indica a busca por explicações sobre a derrota, em algo recorrente nas publicações escritas por Geraldo Romualdo da Silva, que é elucidar “por que perdemos”. Ainda, percebe-se o otimismo que rodeava a seleção e a incredulidade em um resultado insatisfatório, além da proximidade e o livre acesso do jornal à concentração, já que o jornalista relata ter acompanhado de perto o assédio da véspera da partida. Disto, passa a apresentar sequencialmente todas as ocorrências que, agora, após ter “despertado” pela fala de Flávio, são expostas como causas da derrota: a presença de torcedores e curiosos na concentração, o excesso de otimismo, os discursos exaltados dos políticos.

O segundo momento continua a narrar a interferência externa sofrida pelos jogadores, com o pedido de autógrafos em lenços e a aglomeração de torcedores que se formava na concentração. O jornalista revela a euforia e o favoritismo exacerbados ao contar que já se imputava aos atletas a condição de campeões do mundo:

[...] E ainda por cima havia os que pediam autógrafos. Os que levavam lenços – bonitos lenços de seda com inscrições pomposas – os lenços mandados fabricar especialmente na véspera. Os lenços corriam de mão em mão. [...] E a onda aumentava. Ia aumentando. Já não sobravam mais lenços. Um guardanapo mesmo servia. Uma folha qualquer de papel. **Contanto que levasse a assinatura do campeão.** Do campeão, especialmente para os que ficaram longe: o filho, o sobrinho, a esposa, a filha, o amigo. Que relíquia! Que preciosidade. (O GLOBO, 19 jul. 1950, matutino, p. 10, grifo nosso).

Por fim, o terceiro momento narrado por Geraldo neste primeiro texto trata do incômodo de Flávio com a situação de interferência – isso indica que, assim como em outras publicações, não há culpabilizações ao técnico. De acordo com o texto, a interferência externa

piorava com o passar das horas: chefes políticos e candidatos chegavam à concentração, todos com o objetivo de cumprimentar os campeões do mundo – como se a partida já estivesse decidida –, além de citar a impressão de uma revista que já consagrava o Brasil campeão:

Flávio teve medo. Tanto que começou a ficar perturbado. A agitar-se. ‘Vamos daqui! Aqui é impossível! Isto aqui é um perigo! Melhor é partirmos para o Joá!’. Mas Flávio foi-se deixando ficar. Foi-se entregando. Foi-se conformando. Afinal de contas, de que valeria mudar de lugar, mudar-se para o Joá, se o caminho do Joá estaria ao alcance de todos? Depois... **Bem – aí, o supremamente espantoso – chefes políticos, candidatos a altos postos, mandavam avisar, pelos mais íntimos, que iriam também até lá cumprimentar os campeões do mundo – notem bem, não os futuros e possíveis campeões do mundo. E Flávio cada vez ficando mais sem saber o que fazer. Cada vez mais tonto, mais perturbado, mais fora de si. A onda humana aumentando. Os discursos se repetindo, as promessas crescendo. O euforismo enchendo, enchendo...** E nesse meio tempo, antes dos discursos ditados pela superstição, **eis que aparece um repórter com uma revista já pronta, a revista que sairia na terça-feira, com a fotografia de cada um e a consagração de todos, de todos os campeões do mundo!** Depois apareceu também um fotógrafo, disposto a mais algumas poses. Poses especiais dos campeões. Dos campeões da véspera. Dos campeões que não chegaram a ser campeões. **Aquilo era um pandemônio. Era um inferno de euforismo.** Mas não ficou nisto. O resto contaremos depois. (O GLOBO, 19 jul. 1950, matutino, p. 10, grifo nosso).

De maneira geral, percebe-se que a matéria constrói os motivos que levaram o Brasil a perder para o Uruguai, desde a véspera da partida decisiva. Alguns aspectos podem ser evidenciados: a matéria destina-se a responder à pergunta “por que perdemos” e para responder isso utiliza-se de uma serialização do ocorrido – cada um dos episódios recontando um momento –, com a caracterização da derrota em qualificações próximas à morte. Esse caráter de serialização é expresso na frase final do texto: “Mas não ficou nisto. O resto contaremos depois”, indicando a presença de textos posteriores que prosseguiriam a narrativa de desvendar “por que o Brasil perdeu”.

Dando continuidade à série “A batalha perdida na véspera”, o primeiro episódio narrado na edição matutina de 20 de julho (JL97) estabelece um paralelo entre os propósitos e projetos dos brasileiros e uruguaios na véspera da decisão, assim como enaltece a garra e a valentia dos adversários:

Era preciso estar presente e era previsto ver todo aquele movimento, sentir todas aquelas promessas e viver a realidade de todo aquele ambiente de vitória, para se perceber e para se temer também que estávamos na véspera de um match que seria, que teria de ser o mais difícil do campeonato. Pela tradição dos outros, pela energia dos outros, pelo hábito dos outros, pela garra dos outros; garra que se traduz por classe, valentia e ousadia. E o pior é que, **enquanto os nossos recebiam promessas e faziam projetos de uma vida mais tranquila; enquanto eram levados a sonhar com casas de campo, automóveis e fazendas – uma posição talvez na política, que os políticos ali estavam a lhes oferecer – os outros, os uruguaios, os homens da celeste faziam promessas, como Juan Schiaffino, que jurara ir a pé de**

Montevidéu a Taquarembó, ou como Juan Lopez, o treinador, que se comprometera a subir, de joelhos, ao Cristo Redentor, subir toda a encosta, subila a pé, se sua equipe se sagrasse vencedora na batalha com os campeões. (O GLOBO, 20 jul. 1950, matutina, p. 10, grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que há um demérito ao vivido pelos brasileiros, que estavam imersos em propostas e promessas políticas de bens materiais diante da conquista, há enaltecimento ao comprometimento dos uruguaios, que propunham sacrifícios pessoais em caso de vitória. O segundo episódio retoma a preocupação e o nervosismo de Flávio Costa em São Januário, entendido aqui como forma de isentá-lo da responsabilidade pelo ocorrido na concentração: **“Flávio estava transtornado. Estava inquieto.** Lembro-me bem de que, numa de suas idas e vindas, **apressado e nervoso [...]**” (JL97, grifo nosso).

Continuando “A batalha perdida na véspera”, dá-se sequência às explicações no dia 21 de julho (JL101). Após o discurso do presidente da CBD e do técnico na concentração, Geraldo conta que Flávio decidiu que os jogadores não atenderiam mais ninguém, sequer ouviriam discursos ou apelos. Entretanto, relata que apesar da determinação do treinador, a medida não foi cumprida. O jornalista indica que nada mais poderia ter sido feito pelo técnico e que a situação era “uma algazarra tremenda” que chateava o técnico e os jogadores. Tal qual o episódio anterior, o jornal isenta o técnico pelo assédio da concentração, informando que ele tentara, sem sucesso, proteger os jogadores das interferências externas.

Depois, Geraldo descreve a sequência dos jogadores que foram deixando o local do discurso, o jantar servido fora de hora, a exibição da fotografia antecipando os brasileiros como campeões e a determinação de Flávio de que ninguém mais tivesse acesso à concentração:

[...] Os garçons começaram a compor a mesa para o lunch. Pela primeira vez o lunch seria servido fora de hora. **Em cima do jantar. ‘Vamos, gente!’.** Era Flávio. Estava de cabelo em pé. Os olhos esbugalhados. E seus olhos se abriram ainda mais quando alguém exibiu a fotografia da consagração. A fotografia dos campeões. Com um título imenso, imensamente branco em seu fundo cinza. Estava escrito no pé do retrato: **‘Salve, campeões do mundo!’.** E dizer que o match seria no dia seguinte. ‘E dizer que o match será jogado amanhã!’. Aí ele mandou que se trancassem os portões. Para quem quer que fosse. Menos para o capitão Leão. (O GLOBO, 21 jul. 1950, matutina, p. 12, grifo nosso).

Mais uma vez, o texto revela que Flávio não teve responsabilidade sobre o otimismo que invadiu a concentração com torcedores, jornalistas e políticos, uma vez que tentou por várias vezes contornar a situação e mostrava-se, em muitos momentos, incomodado com o que acontecia.

Na edição matutina de 22 de julho, O Globo publica mais um episódio da série (JL105), em que explica os motivos de Leão ter livre acesso à concentração⁶², conforme informado no dia anterior (JL101), e as constantes tentativas de Flávio de barrar o livre acesso aos jogadores. Prosseguindo, a publicação de 25 de julho descreve mais dois momentos que interferem na derrota (JL106). O primeiro episódio narra a entrega de ingressos de cinema para os jogadores, sendo que neles havia a indicação: “Campeões do mundo – este ingresso terá a duração de quatro anos”, o que contribui para expor o clima de vitória antecipada que rodeava os jogadores por todos os lados em São Januário.

O episódio seguinte enfatiza o cansaço demonstrado pelos jogadores diante de discursos políticos longos, entrecortados de promessas, presentes e pedidos de fotografias: “Quando a noite caiu, os rapazes estavam tão exaustos como se houvesse disputado uma peleja dura” (O GLOBO, 25 jul. 1950, matutino, p. 12). Em seguida, conta que houve atraso no almoço, os jogadores e membros da comissão técnica se mostravam receosos com o que vinha ocorrendo durante a concentração na véspera e no dia do jogo.

Continua-se a série “A batalha perdida na véspera” na edição matutina de 28 de julho (JL109). Geraldo Romualdo da Silva refere-se à normalidade do restante do dia, descrevendo que após o jantar e o chá servidos os jogadores liam os jornais e ouviam rádio, enquanto pensavam no retorno para casa e nos presentes resultantes da conquista da Copa. No domingo, dia da fatídica partida, o texto informa que houve o café, o almoço e a sesta no estádio. Também trata da entrada dos jogadores em campo no Estádio Municipal, descrevendo a reação dos torcedores e enfatizando um aspecto que classificou como estranho e incomum, o número de pessoas que se aglomerava na boca do túnel. E, finalmente, aborda a entrada dos jogadores em campo, tanto os brasileiros como os uruguaios. Acerca dos brasileiros, Geraldo ressalta que as palavras dos jogadores traduziam a confiança absoluta na vitória, com exceção de Chico e Zizinho, que afirmavam necessitar de ajuda divina para vencer. Ao contrário, Geraldo sustenta que os uruguaios sequer cogitavam a hipótese de serem os protagonistas.

Portanto, o movimento de busca por explicações para a derrota ocorre no dia seguinte à partida. No entanto, é após uma fala de Flávio Costa (noticiada em JL90: “Tive, imaginem vocês, de recolher até lenços, lenços com alusões aos campeões do mundo de 1950, como se football se pudesse ganhar na véspera!”) que o jornal passa a se debruçar sobre essa questão como aspecto determinante para a derrota. Embora O Globo já tivesse sinalizado desconfiança acerca do favoritismo como uma explicação possível para o 2 a 1 – em 17 de julho (JL83)

⁶² O texto informa que a sugestão do acesso de Leão partiu de Flávio Costa, aceito pelo presidente Mario Pollo, e era explicada pelo fato dele solucionar uma questão relacionada à falta de ingressos para a família dos jogadores.

Geraldo Romualdo da Silva insiste em perguntar sobre isso ao técnico e aos jogadores –, é só depois da fala de Flávio que a explicação do otimismo somado ao assédio na concentração ganha contornos de explicação categórica para a derrota. Inclusive porque a série de publicações “A batalha perdida na véspera” se origina da fala do técnico em JL90 e busca construir indícios para comprovar que o Brasil já entrara derrotado em campo no dia 16 de julho de 1950.

Em 21 de julho, o artigo sob o título “O sentido da derrota” (JL100) dá ênfase à necessidade de visualizar o aspecto positivo da derrota, isto é, a admiração do nome do Brasil pelo restante do mundo, notadamente pela demonstração de esportividade do povo brasileiro. De acordo com o texto, antes do início dos jogos os observadores estrangeiros avaliavam com pessimismo o desfecho das partidas, acreditavam que em virtude da pressão da torcida haveriam demonstrações de hostilidade e violência. Entretanto, O Globo elogia o espírito esportivo e o respeito dos brasileiros, que, embora tristes com a derrota, souberam reconhecer e aplaudir a vitória dos uruguaios:

À medida que **chegam do exterior novas demonstrações de admiração pela esportividade do povo brasileiro**, que soube perder com dignidade raras vezes presenciada, **mais se consolida a convicção do quanto evoluímos**, nos últimos anos, em matéria de educação esportiva. [...] Uma multidão, como jamais outra maior se reunira num campo de football, acolhendo com serenidade, não isenta de tristeza, como é natural, a justa vitória dos uruguaios. Uma multidão que nem um momento sequer pôs em dúvida o mérito do feito da equipe celeste, que nem um instante pretendem negar o sentido da derrota do seu quadro. **Quantos países dariam prova igual de esportividade? Quantos povos enfrentariam com tamanho equilíbrio a derrocada dos seus sonhos mais caros no campo do esporte?** Há quem diga, com acerto, que no esporte é ainda mais belo saber perder que saber vencer. **Nós brasileiros podemos estar orgulhosos da nossa conduta na Copa Rimet.** Nunca escondemos a fé na vitória final; nunca duvidamos da nossa força para lograr a Copa tão disputada. Mas nem por isso hostilizamos os adversários, menosprezamos os seus méritos ou desconhecemos a sua força. Assim costumam agir os povos que uma tradição secular aprimorou na prática do esporte. Quem de tal modo sabe perder está pronto para ganhar com igual galhardia. Na realidade não são as palavras que nos consolarão do insucesso final. Mas não podemos, por outro lado, ver no quadro apenas o aspecto negativo. Ao contrário, **devemos ver e nos orgulhar do aspecto positivo que enche de admiração o resto do mundo e elevou, de forma singular, o nome do Brasil.** (O GLOBO, 21 jul. 1950, matutina, p. 2, grifo nosso).

Deste modo, o artigo dá à derrota um sentido conformista e de aceitação, sem evidenciar os aspectos mórbidos, ao contrário, sublinhando a percepção positiva do restante do mundo em relação ao povo brasileiro, dada a educação e o respeito após o resultado negativo. Esse conteúdo revela a importância que se dava à opinião e à divulgação dos estrangeiros sobre o que visualizaram no Brasil e que tipo de representação de sentido se construiu acerca do país, seu povo, seu futebol. Assim, conforme o artigo, era preciso visualizar o aspecto positivo que

permitiu a admiração dos estrangeiros e engrandeceu o nome do país em todos os cantos do mundo.

Em relação a este aspecto, uma das temáticas que emerge nas publicações de julho de 1950 é a Copa do Mundo e o Brasil sob a perspectiva dos jornais e fontes estrangeiras, presente em 15 textos. Intitulada “Comentando a Copa do Mundo”, a matéria JL57 explora o que os veículos jornalísticos estrangeiros publicavam sobre a competição. Neste conteúdo, são apresentadas as críticas dos jornais esportivos espanhóis *El Mundo Deportivo* e *Marca* sobre as situações antidesportivas realizadas pelo Brasil no Campeonato Mundial, especialmente a oração e o discurso do prefeito do Rio de Janeiro Ângelo Mendes de Moraes em incentivo aos brasileiros antes da partida com a Iugoslávia. No entanto, se sobressaem conteúdos em que os veículos jornalísticos estrangeiros se referem de modo elogioso à seleção nacional e à competição. Em 04 de julho (JL26), *O Globo* evidencia as notícias publicadas pela imprensa de Madrid que consideravam a seleção brasileira a “única e verdadeira inimiga à pretensão da Espanha de conseguir o Campeonato Mundial”. Os jornais italianos também aparecem como fontes de segunda mão, como *La Gazzetta dello Sport* e *Messagero*. Segundo *O Globo* (JL72), os comentários da imprensa italiana eram elogiosos ao futebol brasileiro, com o uso de expressões como “esplêndido”, “irresistível” e “ultrapoderoso”.

Acerca da derrota para o Uruguai, *O Globo* informa que os jornais italianos indicavam surpresa com o resultado, classificado como “golpe teatral”, e ressaltavam que mesmo após a derrota, a equipe brasileira continuava a ser a seleção mais brilhante do campeonato, representando o que o futebol mundial produziu de melhor (JL93).

Além dos jornais, fontes estrangeiras são utilizadas pelo *O Globo* para abordar o futebol brasileiro, como o presidente da embaixada inglesa Arthur Drewry (JL12), o comissário técnico italiano Pozzo (JL98) e o jogador inglês Jack Milburn (JL108). Por construir uma representação de que a conquista do campeonato serviria às pretensões do país de apresentar uma imagem positiva no exterior (JL73, JL84, JL100), *O Globo* mostra-se interessado em divulgar como o futebol brasileiro estava sendo visto e avaliado pelos demais países, com evidência de um suposto jeito próprio de jogar.

Após o término da Copa do Mundo em 16 julho, a seleção brasileira e a derrota para os uruguayos somem, gradativamente, das páginas do jornal *O Globo*. O assunto é debatido após o fim da competição, ainda no mês de julho, mas após o término deste mês passa a ser esquecido como pauta pelo periódico, sendo que em agosto apenas um conteúdo é publicado, tratando-se do último texto da série “A batalha perdida na véspera”, escrito por Geraldo Romualdo da Silva

(AG1), e em setembro há apenas uma matéria com elogios dos ingleses ao futebol brasileiro (S1).

Em agosto, a única matéria presente é assinada por Geraldo Romualdo da Silva, responsável por toda a série “A batalha perdida na véspera”, com apuração externa, utilizando-se como fontes institucionais o técnico Flávio Costa e jogadores da seleção, além do próprio jornalista atuar como fonte informacional. Assim, consta na edição de 04 de agosto os episódios finais que ajudariam a explicar a derrota brasileira. O episódio conta a chegada dos jogadores ao Estádio Municipal, com os titulares direcionando-se para descansar, embora o descanso não vinha, “porque cada vez mais crescia o barulho, barulho de vozes e, agora, barulho de clarins também” (O GLOBO, 04 ago. 1950, matutina, p. 10). Já no campo, narra-se o posicionamento dos fotógrafos atrás do gol uruguaio e o início da cerimônia de hasteamento das bandeiras. Na sequência, o episódio conta o aquecimento dos jogadores em campo, o sorteio na moeda e as entregas das flâmulas entre as seleções. Sem falar especificamente sobre o que ocorreu em campo ou após a partida, estes são os últimos episódios da série “A batalha perdida na véspera”. Este final sinaliza que o que ocorrera em campo não explicava a derrota brasileira, já que os fatos que antecederam aquele momento eram os causadores do revés.

Apenas uma matéria sobre a seleção brasileira é publicada em setembro de 1950, especificamente no dia 22, e aborda os elogios dos ingleses à produção da seleção nacional. Essa é a última notícia publicada no ano de 1950 que trata da seleção relacionada à Copa do Mundo e à derrota para os uruguaios (S1).

Assinada por Vernon Morgan, apurada externamente, a notícia refere-se ao relatório apresentado à Liga Inglesa produzido por Arthur Drewry, presidente do Comitê Britânico de Seleção Internacional. Conforme o conteúdo publicado, Drewry elogiou o futebol apresentado pela seleção nacional, afirmando não ter visto nada melhor, assim como a assistência e o comportamento dos brasileiros: “Seu desempenho foi impressionante, acurado, hábil e rápido [...]. Seu tipo de jogo é atraente, diferindo de muitas maneiras do tipo de jogo conhecido aqui” (O GLOBO, 22 set. 1950, matutina, p. 8). Este conteúdo como último relacionado à temática é simbólico, já que desenlaça a narrativa de que, apesar da derrota e da tristeza resultante dela, o país conseguiu o reconhecimento internacional, criando uma “identidade própria do futebol brasileiro”.

5.2.2 Análise Narratológica: A Configuração da Derrota em 1950

Nesta fase da análise narratológica aborda-se, concomitantemente, o plano da expressão, o plano da estória e o plano da metanarrativa, a partir de cinco movimentos operacionais: 1) recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico; 2) identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios; 3) construção de personagens jornalísticas; 4) estratégias comunicativas (de objetivação e de subjetivação); e 5) metanarrativas. A partir deste percurso, dá-se conta da dupla obrigação de uma análise narrativa: de um lado, investigar a dinâmica interna que preside à estrutura textual; por outro lado, desvelar a construção da estória narrada e dos sentidos estabelecidos nesta narrativa. Antes de passar a essas etapas, torna-se necessário elucidar como as narrativas construídas pelo O Globo se inserem no modelo narratológico de Ricoeur (2010).

Expor que a narrativa jornalística de O Globo sobre a derrota de 1950 se estrutura a partir de um movimento mimético com o acontecimento relatado implica a explicação de que ela estabelece uma relação de semelhança com o acontecido. Conforme descrito no subcapítulo 2.2, Ricoeur (2010) propõe sua tríplice mimese como um processo trifásico reproduzido em todas as narrativas. A tríplice mimese é composta pela mimese I, que corresponde ao mundo pré-figurado, o mundo real; a mimese II correspondente ao mundo configurado, onde se dá o processo de tessitura da intriga; e a mimese III identifica o mundo refigurado pela interpretação do mundo configurado, ou seja, pela mediação da narrativa construída na mimese II.

A mimese I é responsável por inscrever o jornalista-narrador de O Globo em uma realidade social de referência, trata-se da pré-compreensão da experiência do mundo, é a prefiguração do campo da ação e da experiência enquanto base pré-narrativa de uma realidade referencial. Desse modo, a mimese I faz parte da compreensão de uma ação relacionada às respostas a perguntas como aquelas que compõem o lide de uma notícia – o que (a ação), quem (o agente), quando (o tempo), onde (o lugar), como (o modo) e por que (o motivo). Ao responderem tais questionamentos, os jornalistas possuem a competência prática já posta antes de qualquer construção textual.

Ao identificar essa realidade social de referência e pré-compreender tais questões, o jornalista passa da mimese I para a mimese II, que corresponde ao ato de configuração. Neste momento, o jornalista-narrador compõe a narrativa, de modo que as perguntas do lide respondidas na mimese I são entendidas e apresentadas a partir de inter-relações na configuração narrativa. Ou seja, todos os eventos ocorridos com a seleção brasileira em 1950 (percebidos e pré-compreendidos na mimese I) passam a compor uma narrativa única a partir da mimese II. Isso significa que o jornal transforma os eventos desintegrados em uma estória, atribuindo-lhes relações, de modo que todos eles passam a fazer parte da mesma narrativa, são

unidos em um todo compreensível, possuem o mesmo tema – o Brasil na Copa do Mundo de 1950. Com isso, as publicações de O Globo se estabelecem em episódios, que costuram eventos singulares em uma narrativa única.

Essa unificação de eventos singulares à um todo narrativo acontece de modo que todos os fatos relacionados à seleção brasileira – ao técnico, aos jogadores, aos membros da CBD – são apresentados pelo jornal como circunstanciais à trajetória do Brasil na Copa do Mundo. Nos meses que antecedem o início da competição, os eventos que ocorrem com os jogadores e a comissão técnica são alinhados e relacionados com a Copa do Mundo. O próprio jornal indica que práticas rotineiras dos jogadores assumiram outras significações e dimensões em virtude da competição: supõe a consternação gerada por “uma dor de dentes de um Ademir” ou “uma unha encravada de Jair” (JN34). Neste momento, O Globo une diversos elementos em torno da estória do Brasil na Copa do Mundo – são personagens, fatos, lances, casos e situações postos lado a lado e interligados para a construção da narrativa.

Deste modo, este processo de configuração da narrativa ocorre quando O Globo passa a construir sentido e historicidade em fatos cotidianos, fazendo com que eles se tornem mais do que simples ocorrências singulares – a lista com o peso de cada um dos jogadores (A7); o descanso, as festas de aniversários, o corte no queixo de Noronha e a retirada dos pontos (A8); os passos de Flávio Costa em sua viagem observacional na Europa (M7, M11, A3, A4, A6, A13, A16, A31, A39); o escorregão de Bauer ao sair do quarto, a batida do rosto na quina da porta e a quebra do dente (M12); o zagueiro Pindaro que não havia buscado, junto à tesouraria da CBD, o “bicho”⁶³ de 1.000 cruzeiros concedidos aos reservas do jogo contra o Paraguai (MA16). Todos esses fatos diários são retirados da sua singularidade para fazer parte da configuração narrativa de O Globo acerca do Brasil na Copa do Mundo de 1950. Ao apresentar tais eventos como narrativa, o jornal situa-o geograficamente, indica as personagens envolvidas, explica em detalhes as causas e consequências do ocorrido, atribui responsabilidades, conferindo significados e relevância àquele evento – daí nasce a estória daquele inicial amontoado de fatos.

Depois da mimese II ocorre a mimese III, momento da refiguração, quando há o encontro da narrativa jornalística com o leitor, que estabelece relações e sentidos a partir do conteúdo lido. O processo de construção de sentidos sobre o lido é orientado pelos mapas de

⁶³ Prêmio extra que o clube ou seleção oferece aos atletas quando a equipe consegue um bom desempenho. Neste caso, o prêmio é oferecido em virtude da vitória da seleção brasileira B contra a seleção do Paraguai, na primeira partida da Taça Oswaldo Cruz.

significados deixados na narrativa elaborada pelo jornal, desvendado nesta tese a partir das metanarrativas.

A partir de agora, inicia-se a análise narratológica da estória construída pelo O Globo em 1950, seguindo os cinco movimentos já expostos, a começar pelo 1º movimento – a recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico, pelo 2º movimento – identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios e pelo 3º movimento – construção de personagens jornalísticas. Os três movimentos são analisados em conjunto, porque a intriga, também chamada de enredo, é a associação de episódios que se sucedem de maneira ordenada em uma estória e dos quais participam as personagens. É na mimese II que ocorre a mediação entre os incidentes individuais em uma intriga.

Ao analisar as 382 publicações de O Globo em 1950, identifica-se que a intriga ou enredo da narrativa se refere à trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950, uma vez que este é o acontecimento (o conjunto universo) narrado. Este acontecimento jornalístico é constituído por fatos marginais e microeventos (subconjuntos do conjunto universo) que evoluem ao longo da narrativa. Motta (2013) explica que em algumas coberturas jornalísticas a recomposição da intriga – o encadeamento do enredo e dos episódios da estória – é facilitada, uma vez que a identificação dos episódios é delimitada pelo próprio veículo jornalístico. É o que ocorre no jornal O Globo em 1950, que demarca microeventos completos em períodos específicos no ano de 1950.

Nesta análise identifica-se nove episódios que compõem a intriga: 1) a fase preparatória inicial e a expectativa aflorada, 2) a concentração em Araxá, 3) a viagem observacional à Europa, 4) a Copa Rio Branco e a Taça Oswaldo Cruz, 5) a etapa final da preparação: concentração no Joá, 6) a organização para o início e convocação, 7) a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo, 8) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: as goleadas, 9) a derrota. Cabe destacar que os episódios (núcleos temáticos) se constituem como encaixes que compõem o enredo da estória. Cada episódio é uma sequência com começo, meio e fim, estão sobrepostos uns aos outros ao longo da cobertura jornalística e se inter-relacionam com o todo narrativo.

A fim de recompor o acontecimento-intriga e explicar a funcionalidade dos episódios, apresenta-se a sequência e interligação entre cada um dos episódios. Ao entender o conflito como elemento estruturador, o núcleo no qual gravitam os elementos narrativos (MOTTA, 2013), identifica-se um conflito inicial que é a participação da seleção brasileira na primeira Copa do Mundo realizada no país. Assim, como explica o autor, se a narrativa jornalística já começa pelo conflito, uma vez que, de acordo com os critérios de noticiabilidade, se torna

notícia aquilo que rompe com o cotidiano, é preciso observar a ordenação e o funcionamento de cada episódio que se originou dele. Essensfelder (2017, p. 45) explica que a noção de conflito está expressa no próprio conceito de notícia, posto que a narrativa noticiosa se move entre esses eixos – de conflito em conflito – e não em linha reta.

Em torno deste conflito inicial O Globo organiza os demais elementos da narrativa, como seus episódios, isto porque os conflitos abrem espaço para novas ações e sequências. O primeiro episódio desta narrativa consiste na fase preparatória inicial e a expectativa aflorada, presente nas publicações de janeiro e fevereiro de 1950.

As primeiras publicações de 1950 tratam da criação de um clima de expectativa pela Copa do Mundo, classificando a competição como “o maior certame internacional de football” (J1) e a equipe como “o mais cobiçado dos selecionados brasileiros de todos os tempos” (J8). O início dos treinos apresenta-se alinhado à expectativa sobre a competição, uma vez que o jornal se refere ao início do percurso da seleção como marco histórico, também chamado de “capítulo primeiro do roteiro do técnico Flávio Costa”, o que já o indica como possível personagem principal da narrativa.

Essa expectativa aparece nas primeiras páginas publicadas a partir da consulta a fontes especializadas/comentadoras, como o técnico argentino Guillermo Stábile e o árbitro da Liga Britânica de Futebol Percy Snape, que sugerem o Brasil como candidato ao título. Assim como a exposição detalhada do discurso do técnico aos jogadores em 12 de janeiro acerca da esperança de milhões de brasileiros depositada neles e da necessidade de dedicação na preparação:

Antes do início do primeiro treino do scratch, Flávio Costa dirigiu-se aos jogadores convocados [...] ‘– Falo para os antigos e os novos, para alertá-los sobre a responsabilidade que pesa sobre os ombros dos cracks desta geração. [...] A vocês deverá caber a honra de representar o esporte do país nesta competição grandiosa de junho-julho de 1950. É a maior glória a que aspira um jogador de football. [...] Para passar por seis obstáculos em período tão curto, será necessário contar com vinte e dois cracks de forças iguais, que possam render cem por cento. É o que espero de vocês, certo de que não irão fraudar as esperanças dos quarenta e cinco milhões de brasileiros. Pensem na Copa do Mundo, pensem no apelo que faço, pensem acima de tudo na grandeza do football do Brasil’. (O GLOBO, 12 jan. 1950, matutino, geral, p. 12).

Desde este momento há esforço em construir um clima de unificação nacional em torno da trajetória do Brasil na disputa. O Globo expõe a fala do técnico Flávio Costa acerca da necessidade de ignorar as paixões partidárias em benefício da seleção brasileira (J1), da orientação sobre como deveriam ver a escalação para os treinos – sem qualquer preferência bairrista (J6), além da indicação de que todos os brasileiros só pensavam no scratch (J8).

O término deste primeiro episódio ocorre com a passagem para o segundo microevento que compõe o acontecimento-intriga e a narrativa construída pelo O Globo em 1950: a concentração em Araxá. Esse episódio se inicia em 10 de fevereiro e se finda em 22 de abril, com o término da concentração na cidade mineira. Em 10 de fevereiro, O Globo confirma a escolha de Araxá como local de realização da concentração da equipe brasileira e informa sobre a presença do auxiliar técnico Vicente Feola para assessorar Flávio Costa no preparo da seleção. Nos meses seguintes de março e abril O Globo trata de narrar os fatos ocorridos na concentração em Araxá.

Em 25 de março, com o título “Rumo a Araxá”, o jornal noticia a logística da ida dos jogadores e da comissão técnica para a cidade mineira, listando técnicos, médicos, assessores e jogadores que viajariam e a organização do deslocamento: sendo utilizado dois aviões especiais da Panair do Brasil, com duração de duas horas e meia de viagem. Dois dias depois, O Globo publica um texto dividido em seis intertítulos: concentração no estádio de São Januário; duas turmas para o embarque; cariocas, paulistas e gaúchos; chefia e integrantes; vinte dias concentrados; feriado em Araxá (M8). Neste caso, os intertítulos servem como “cenas” deste episódio, como um passo a passo da delegação brasileira. Primeiro, os jogadores se concentram no estádio São Januário, depois a delegação é dividida em duas, pois seriam dois voos. Na sequência, o jornal cita os jogadores da equipe brasileira, dividindo-a em cariocas, paulistas e gaúchos: “São, portanto, 17 cariocas, 9 paulistas e 2 gaúchos” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 mar. 1950, matutino, p. 12) e lista os profissionais da chefia e comissão técnica.

Em 28 de março ocorre a chegada dos jogadores e da comissão técnica na cidade. O texto M9 dá destaque à calorosa recepção da população aos jogadores brasileiros, utilizando adjetivos que qualificam o entusiasmo da torcida: “[...] foram recebidos, ontem à tarde, no Aeroporto, com carinho e satisfação pelo povo e pelas autoridades municipais e desportivas. Jamais tanta gente se reuniu no campo de aviação de Araxá para ver chegar hóspedes ilustres” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 28 mar. 1950, matutino, p. 11). O percurso dos jogadores também é descrito em etapas, de forma serializada. Textualmente, isso é realizado pelo O Globo em forma de intertítulos, assim, trata do transcurso normal da viagem, do desembarque e da recepção calorosa, seguido da chegada ao local da concentração, narrada de modo detalhado: “[...] Veio o jantar, o descanso nos grandes salões, em confortáveis poltronas, e, depois, o recolhimento, às 22 horas” (O GLOBO, 28 mar. 1950, matutino, p. 11).

Com o início da concentração em Araxá, as publicações passam a apresentar as principais atividades e eventos ocorridos no local. Em 29 de março (M10) consta a reunião entre jogadores e integrantes da CBD e os termos do regulamento da concentração; em 03 de

abril (A7), as modificações realizadas no regulamento, especialmente na divisão dos jogadores em três grupos: os de maior peso, os de menor peso e os de peso leve; em 04 de abril (A10) noticia-se o cumprimento do programa de atividades, como corridas, revisão médica e massagens, focado na recuperação física dos jogadores. Também são divulgados alguns incidentes, como a quebra de um dente do jogador Bauer depois de uma queda ao sair do quarto (M12) e o corte no queixo do jogador Noronha (A8).

O destaque principal deste episódio são os três treinos-exibição realizados pela equipe brasileira (A27, A28, A29, A33, A35, A41, A42, A43, A46, A47, A48). Em relação ao primeiro treino, O Globo classifica positivamente a partida como “uma prática de certo modo interessante, pela conduta individual e o estado de ânimo geral” (O GLOBO, 17 abr. 1950, matutina, geral, p. 1) (A29), com citação à chuva e ao frio como elementos que contribuíram para esfriar o entusiasmo da torcida e uma descrição da atuação dos times, com destaque para o nível técnico de Barbosa, Mauro, Danilo, Tesourinha, Maneca e Pinga (A33). Sobre o segundo treino, o jornal o avalia melhor que a primeira exibição, apesar da chuva durante a partida: “[...] não obstante ter sido iniciado sob intensa chuva, que parou de cair meia hora depois, deixando o gramado escorregadio, nos pareceu melhor que o primeiro, quer pelo empenho dos jogadores, quer pelo melhor entendimento entre os componentes dos dois bandos” (O GLOBO, 20 abr. 1950, matutina, geral, p. 11) (A42). Em seguida, o jornal informa a chegada do técnico Flávio Costa em Araxá, aclamada por jornalistas, esportistas locais e pelo público em geral (A48) e a realização do terceiro treino (A49). Concluindo a narrativa da concentração da seleção em Araxá, Vasco Rocha, jornalista que acompanhou *in loco* o acontecimento, noticia o encerramento dos trabalhos e das próximas atividades – retorno para São Paulo e Rio, onde os jogadores ficariam alguns dias com as famílias, para depois se reunirem novamente para preparação técnica. O terceiro e último treino em Araxá é considerado insatisfatório para o jornalista que critica veementemente a exibição, diferente do que ocorreu nos treinos anteriores: “o treino foi pouco a pouco decaindo de movimentação e interesse, culminando por apresentar uma segunda fase inteiramente monótona. [...] se esperava coisa melhor, [...] deveria ter sido muito melhor, dadas as condições favoráveis” (O GLOBO, 24 abr. 1950, matutina, geral, p. 11). Para finalizar esse episódio, A49 trata do fim da concentração e A50 do regresso dos jogadores, com a realização de um jantar de despedida.

Concomitantemente com o segundo episódio da narrativa construída pelo O Globo é edificado o terceiro episódio, a viagem observacional de Flávio Costa à Europa, presente nas publicações de março e abril. Esse episódio se inicia em 27 de março, com o relato da conversa de despedida do técnico com os jogadores, em que definiu as obrigações de cada um na

concentração em Araxá. Nesta matéria, O Globo apresenta que Flávio realizaria sua viagem à Europa para acompanhar as eliminatórias da Copa do Mundo a fim de verificar padrões de técnica das seleções europeias e que considerava a viagem um “sacrifício necessário” (M7).

Acompanhado de perto pelo jornalista Geraldo Romualdo da Silva, enviado especial de O Globo, o episódio se segue com a descrição das partidas assistidas pelo técnico brasileiro, assim como suas percepções e conclusões. Em 29 de março (M11), diretamente de Lisboa, em Portugal, o jornalista narra a chegada de Flávio Costa, caracterizando-a como um “acontecimento esportivo”, em virtude da presença de “um grande número de desportistas lusos e jornalistas lisboetas” que lá estavam para recepcioná-lo e saber mais dos preparativos para a Copa do Mundo.

Durante o mês de abril, O Globo expõe o acompanhamento das partidas e a análise destas – A3 e A6 tratam das percepções do técnico ao assistir ao jogo entre Espanha e Portugal, com qualificação do futebol espanhol como “razoavelmente evoluído”; A30 e A32 abordam as avaliações de Flávio sobre a partida entre Inglaterra e Escócia, com evidência à qualidade do futebol inglês. Em seguida, as publicações se destinam a narrar o regresso ao Brasil, com a finalidade de preparar os jogadores (A32).

Em 18 de abril, A37 apresenta a preocupação de Flávio com o desempenho das seleções europeias, o que resultou em seu retorno antecipado para o Brasil. A relação de proximidade do técnico com o jornalista, assim como a apuração externa, fica evidente quando Flávio afirma que Geraldo poderia confirmar o sacrifício da jornada: “– Foi verdadeiramente tremendo o sacrifício e você, melhor do que ninguém, de vez que me acompanhou em todos os transes, poderá dizer se exagero ou não” (O GLOBO, 18 abr. 1950, matutina, geral, p. 12). Neste processo de retorno ao Brasil, A39 noticia que no aeroporto de Londres, Flávio revelou que assim que chegasse ao Brasil pediria à CBD que providenciasse sua passagem para Araxá, a fim de fazer uma explanação dos fatos observados na Europa e “indicar o único caminho capaz de levar-nos à conquista do cobiçado título de campeão do mundo” (O GLOBO, 18 abr. 1950, matutina, geral, p. 12).

Com a chegada de Flávio Costa ao Rio de Janeiro, O Globo sintetiza as observações do técnico na Europa, assim como seus aprendizados e preocupações (A42). Na sequência, a notícia apresenta a série de perguntas direcionadas à Flávio e suas respostas. Entre outras coisas, o técnico exalta a Europa como berço da civilização, elogiando a forma de torcer do público europeu e seu espírito esportivo. O fim desse episódio ocorre em 26 de abril (A53), quando Flávio reafirma ao O Globo o valor das observações realizadas em sua viagem, lembrando a dificuldade da expedição que poderia ser comprovada pelo jornalista que o acompanhou:

‘– Quando aludi a O GLOBO, antes de meu embarque, em ‘tremendo sacrifício’, soube que minha frase foi glosada irreverentemente. Mas Geraldo Romualdo da Silva, que me acompanhou, pode confirmar a realidade do sacrifício. Mas queria e sabia necessário travar conhecimento com o desconhecido. Os elementos que trouxe do Velho Mundo serão de inestimável valor no programa de preparação dos brasileiros’. (O GLOBO, 26 abr. 1950, matutina, geral, p. 12).

A partir de tais observações realizadas na Europa, é apresentado o prosseguimento do roteiro de preparação dos jogadores brasileiros a partir da disputa da Copa Rio Branco e da Taça Oswaldo Cruz, que se constituem como o quarto episódio da narrativa construída pelo O Globo. Até este quarto momento os episódios apresentam uma situação estável, ou seja, um equilíbrio. No entanto, isso se modifica com o episódio 4.

O quarto episódio se inicia em abril, especificamente no dia 03 (A5), com notícias sobre a organização e definição das partidas das duas competições. Mas é em maio de 1950 que esse episódio se desenrola, já que é neste período que ocorrem os treinamentos e as partidas para tais competições – 38 textos publicados em maio abordaram treinos e jogos da Copa Rio Branco e da Taça Oswaldo Cruz, correspondendo a 48% do total de publicações deste mês.

As duas disputas são apresentadas pelo O Globo como testes para a Copa do Mundo, isto é, como etapas iniciais para a seleção brasileira (MA6). O primeiro treino da seleção nacional nesta fase é avaliado negativamente pelo jornal, que descreve a equipe titular como apática e desorientada (MA3). Já a primeira disputa entre o Brasil (nomeado de Brasil A, por ser composto pelos jogadores titulares) e o Uruguai pela Copa Rio Branco é marcada pela derrota da equipe brasileira, chamada de “o fracasso de Pacaembu” (MA11). A reportagem indica o Brasil como favorito ao título de campeão do mundo, mas narra a derrota como evidência dos erros cometidos dentro e fora de campo, aludindo à péssima condição física dos jogadores, devido ao ganho de peso na concentração em Araxá, à falta de preparo aos atletas, às falhas dos jogadores e à inatividade do técnico:

Falharam os jogadores, abusando dos enganos e mostrando-se verdadeiros e rotundos principiantes, enquanto o técnico não tentava concertar a situação, mesmo diante do retumbante desfecho que se anunciava [...]. A base dos erros todos de sábado está firmada na imprevidência dos dirigentes do nosso football, que deixaram o team sem preparo até Araxá. (O GLOBO, 08 maio 1950, matutino, geral, p. 12, grifo nosso).

Além de qualificar negativamente o desempenho dos jogadores, aparecem críticas estritamente direcionadas ao técnico Flávio Costa: “[...] erraram os jogadores e errou o técnico, em que pese as teorias sobre a não substituição dos elementos que falhavam mais durante a peleja. Confessamos que esperávamos outra atitude de Flávio Costa, em face da tragédia do Pacaembu” (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, geral, p. 12). No entanto, o texto já apresenta

o resultado insatisfatório como elemento importante para que lições fossem aprendidas antes do início da Copa do Mundo, como descrito de maneira detalhada no tópico específico de maio de 1950.

Ao mesmo tempo em que a seleção titular perde a primeira partida da Copa Rio Branco, a seleção B, composta pelos jogadores reservas, vence o Paraguai pela Taça Oswaldo Cruz. Segundo o narrado pelo jornal, a vitória havia sido “límpida, convincente, absolutamente justa e que poderia ter sido ainda mais ampla se tivessem os dianteiros nacionais um pouco mais de chance nos tiros finais” (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, geral, p.1/1). Com isso, há um comparativo entre as atuações dos times A e B do Brasil, evidenciando a vitória da equipe reserva como um conforto à derrota da equipe titular. Ainda, O Globo aciona Flávio Costa, a fim de compreender a posição do técnico sobre o desempenho das equipes nacionais (MA13).

Em seguida, no dia 11 de maio, as publicações tratam do treino coletivo da seleção A e da seleção B com os times do Flamengo e do Bangu, como atividade preparatória para os demais jogos da Copa Rio Branco e da Taça Oswaldo Cruz. Ainda em tom insatisfatório, a narrativa focaliza a dificuldade dos jogadores em se recuperar fisicamente e tecnicamente, salientando a necessidade de uma preparação intensa (MA16).

O segundo jogo válido pela Taça Oswaldo Cruz, entre Brasil B e a seleção do Paraguai, recebe destaque na edição de 15 de maio. De São Paulo, o enviado especial Ricardo Serran escreve sobre o empate e a conquista brasileira da Taça Oswaldo Cruz (MA27). Apesar do título, o jornal lança luz às falhas do time, descrevendo a partida como um “quase desastre” e expondo que os jogadores ainda não haviam convencido em relação à sua capacidade técnica.

Também na edição de 15 de maio, o impresso trata da segunda partida entre a seleção brasileira A e os uruguaios, ocorrida em São Januário, no Rio de Janeiro (MA28). A segunda partida, vencida pelos brasileiros, levou a decisão para o terceiro jogo. Mesmo vencendo, a abordagem apresentada pelo O Globo acentua os problemas e dificuldades enfrentados pelos jogadores. Neste momento, os desempenhos dos titulares e reservas são descritos negativamente, a partir de palavras que sugerem desorientação e falhas contínuas. Como já havia ocorrido em 11 de maio (MA17), há a cobrança pela intensificação no treinamento dos atletas, que é realizada de fato pela comissão técnica no treino de preparação para a última partida da Copa Rio Branco.

Em 18 de maio realizou-se a terceira partida entre Brasil e Uruguai pela Copa Rio Branco, no Estádio São Januário (RJ). No dia seguinte, O Globo publica uma reportagem sobre a vitória do Brasil por 1 a 0, resultando na conquista da Taça (MA38). Diferentemente dos conteúdos apresentados anteriormente, há otimismo em relação ao futebol brasileiro, com

elogios ao esforço e dedicação dos jogadores. Novamente, o jornal aciona o técnico Flávio Costa a fim de apresentar suas percepções sobre a conquista (MA41), considerada por ele uma lição útil para a Copa do Mundo. É nesta edição e a partir desta entrevista que se encerra o quarto episódio da narrativa, predominantemente marcado por complicações (ou desequilíbrios).

Após o término destas competições, passa-se para o quinto episódio da estória, a etapa final da preparação: concentração no Joá. Esse episódio se inicia em 19 de maio (MA43) com a publicação do novo plano de preparação dos jogadores brasileiros, a terceira e última fase preparatória. Logo no início deste episódio, o jornal publica mais uma entrevista com o técnico Flávio Costa (MA45) sobre os planos de trabalho e os resultados obtidos na primeira etapa de preparação.

Este microevento já inicia com uma tensão entre o jornal, o técnico e a CBD. O início do desentendimento ocorre em 24 de maio, em artigo intitulado “Repetindo 1938” (MA54), que se configura como uma espécie de comparação de Ademar Pimenta, técnico da seleção brasileira em 1938, e Flávio Costa. O jornal compara a atitude de Pimenta de aderir ao treino secreto com a atitude de Flávio que repentinamente modificara o programa de treinamento anunciado. O Globo expõe sua indignação com o ocorrido, criticando veementemente o técnico. Ao não ser informado sobre a mudança no programa de treinamento, O Globo publica uma crítica ao técnico, informando que tal atitude o colocava em discórdia com a opinião pública e com a imprensa, o que o levaria ao mesmo destino da Copa de 1938, a perda do título mundial. Essa tensão tem um novo capítulo no dia seguinte, em 25 de maio (MA55), quando o técnico Flávio Costa responde a crítica do jornal sobre o “despistamento do treino coletivo”. Flávio afirma que as críticas eram injustas, uma vez que a atividade coletiva não havia sido secreta. Ainda como desdobramento desta tensão, outro artigo, também publicado em 25 de maio (MA56), compõe uma resposta de O Globo ao texto do presidente da CBD Mario Pollo publicado no Jornal dos Sports em que criticava a atuação dos jornalistas frente aos preparativos da seleção. Com isso, O Globo divulga um artigo em que se posiciona contra o texto de Pollo, alegando que suas publicações prestavam um serviço de interesse público.

Próximo ao fim do mês, o episódio trata da realização e análise dos treinos de preparação para a Copa. O início desta fase final preparatória é marcado pela mudança de abordagem do jornal, que até então apresentava um tom pessimista e desconfiado em relação à capacidade da equipe nacional. Assim, o jornal passa a narrar os treinos realizados de modo mais otimista, destacando a melhora da forma física (MA58) e o desenvolvimento técnico gradativo dos jogadores (MA62). Em 31 de maio, por exemplo, o treino é classificado como “o

melhor ensaio dos cracks brasileiros”, demonstrando a “excepcional condição física e técnica” dos jogadores. No entanto, este não é um movimento contínuo e linear da narrativa, já que algumas publicações continuam a criticar, embora de maneira menos enfática, o baixo rendimento técnico (MA69).

Um evento que ganha destaque neste episódio é o início da concentração dos jogadores no Joá, noticiado em 31 de maio (MA76). A partir da ida dos jogadores para o novo local de concentração, O Globo divulga uma série de informações acerca do programa preparatório e sinaliza para a necessidade de deixar no passado as críticas ao time (JN3), o que corrobora o enquadramento otimista e esperançoso percebido desde o início desta fase final de preparação. Neste episódio, publicações diárias passam a narrar o regime alimentar, o controle médico severo, a intensificação das atividades, os treinos e jogos-exibição realizados, as contusões e recuperação dos jogadores.

Ao narrar e avaliar os primeiros treinos realizados a partir da concentração no Joá, O Globo apresenta críticas sobre o desempenho técnico, mas destaca o esforço e a dedicação em campo (JN2, JN5, JN6), salientando que a equipe ainda não havia conseguido convencer sobre sua competência. Neste mesmo sentido, quatro publicações intituladas “Os problemas do scratch” elencam as falhas e adversidades enfrentadas pela equipe nacional (JN9, JN14, JN17, JN25). Os textos sustentam a argumentação de que apesar dos numerosos treinos e amistosos, os jogadores ainda não conseguiam convencer o público sobre sua capacidade técnica, fazendo com que os treinamentos se tornassem decepções: “A cada treino realizado tem correspondido uma evidente decepção, decepção, tanto mais aguda e profunda quando se saber que, no plantel, estão de fato reunidos os melhores e os mais famosos cracks do momento. As falhas observadas ainda se acentuam de forma impressionante” (O GLOBO, 05 jun. 1950, vespertina, geral, p. 10). Nesta série, o jornal busca explicações para o desempenho dos jogadores, citando as escolhas equivocadas da comissão técnica, como o número de jogos amistosos, a concentração em Araxá e a preparação realizada às pressas (JN17). Diante deste cenário, O Globo mobiliza o técnico Flávio Costa para dar respostas às percepções negativas sobre o desempenho do Brasil até então (JN18).

Em seguida, volta a surgir uma narrativa otimista em relação ao desempenho dos brasileiros, com elogios à atuação conjunta da seleção (como em JN22, JN27). Logo depois, há uma nova mudança na abordagem, ou seja, demonstra-se preocupação e apreensão diante de exhibições insatisfatórias e decepcionantes (JN29), com crítica às repetidas falhas. Com isso, o jornal afirma que restava aos torcedores e à imprensa ter esperança de que as coisas melhorassem. O tom esperançoso volta a fazer parte da narrativa no período final da preparação

que antecede o início da Copa do Mundo. O enquadramento otimista retorna com elogios à seleção, enaltecendo o controle, a articulação e a organização, como se os jogadores tivessem superado as dificuldades enfrentadas durante boa parte deste episódio (JN37).

Portanto, o fim deste episódio se dá em 24 de junho, com esperança acerca da participação brasileira na Copa, em um otimismo menos exacerbado que destaca a melhora no desempenho técnico e físico de todo o time. Em relação a este episódio, no mês de maio e início de junho há uma dicotomia entre os conteúdos narrados pelo O Globo acerca da seleção: ora há expectativa e esperança, ora há desconfiança e incerteza. Em outras palavras, se constrói um episódio marcado por constantes desequilíbrios.

Simultaneamente ao quinto se desdobra o sexto episódio da narrativa jornalística de O Globo, que trata da organização para o início da Copa do Mundo e a convocação final dos jogadores da seleção brasileira. O episódio se inicia em maio, notadamente no dia 02, com a reunião da Comissão Organizadora da Copa do Mundo e a designação dos cabeças de chave da competição: Brasil, Inglaterra, Itália e Uruguai (MA1). No transcorrer do mês, os eventos noticiados neste episódio se referem à realização do sorteio dos jogos e a preparação da tabela da Copa do Mundo (MA47, MA49, MA53). Com isso, O Globo divulga em primeira mão as datas dos jogos do Brasil: México (24 de junho), Suíça (28 de junho) e Iugoslávia (01 de julho).

Também faz parte deste episódio, as suposições acerca da lista dos dispensados (MA74, MA77, JN1) e a divulgação da lista final dos 22 convocados para representar o Brasil na Copa do Mundo (JN10, JN13). As publicações revelam surpresa em relação à lista, uma vez que o técnico havia informado que não dispensaria nenhum zagueiro, mas dispensou Mauro (JN13). Apesar desta surpresa, as escolhas de Flávio são justificadas e, em certa medida, apoiadas pela narrativa jornalística (JN15). Neste momento também consta a descrição acerca do clima de expectativa e entusiasmo que rodeava os torcedores brasileiros: “A cidade está transformada. Quem passa pelas ruas já respira, irremediavelmente, a atmosfera do campeonato do mundo” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 21 jun. 1950, matutina, geral, p. 1). Dada a relevância que o jornal atribui ao acontecimento, são publicadas neste mês uma série de matérias intituladas “Atividades das delegações”, que informava sobre os últimos preparativos das seleções e as atividades realizadas durante toda a competição.

Com os ajustes finais principia-se o sétimo episódio, a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo. O fato que dá início a esse episódio ocorre em 24 de junho de 1950, com a partida de estreia entre Brasil e México, no Rio de Janeiro. A narrativa de O Globo desde este momento esforça-se em criar um sentimento de unificação nacional em torno do interesse e da expectativa dos torcedores brasileiros, como em JN60.

A cidade vive, hoje, um grande dia com a abertura do campeonato do mundo, o primeiro que se realiza no Brasil. Jamais um acontecimento esportivo, nem mesmo o certame de 38, conseguiu despertar, seja na cidade, seja em todo o território nacional, um interesse tão profundo, tão absorvente, que se irradiasse através de todas as classes sociais. Pode-se dizer que, de ponta a ponta do Brasil, o assunto exclusivo é o campeonato do mundo, é o jogo de hoje, entre brasileiros e mexicanos, são as possibilidades nacionais no certame. (O GLOBO, 24 jun. 1950, matutina, geral, p. 1).

O entusiasmo do povo brasileiro e as ações da abertura da competição são narrados cronologicamente pelo jornal (JN63). Com a estreia da seleção nacional e a vitória por 4 a 0 sobre o México, O Globo passa a descreve-la e analisá-la (JN63, JN64, JN65, JN67), apresentando-a como algo “extraordinário e descomunal” e empenhando-se em construir a ideia de unificação de todo o país em busca de um objetivo comum: a conquista do título mundial.

As compactas multidões que afluíam e refluíam na subida das rampas de acesso sugeriam o fluxo e refluxo do sangue ao órgão vital. E estamos certos de que **as palpitações dessa monstruosa fonte de vida foram percebidas em toda a cidade, nos mais longínquos rincões do território nacional, através das transmissões do rádio, pois as atenções de milhões de brasileiros, de Norte a Sul, estavam concentradas no Estádio Municipal.** Dissemos acima que o início do certame foi algo fora do comum, do inesperado, e vale a pena repetir, quando **se recorda aquela massa humana a vestir o gigante de cimento armado, tão considerável e heterogênea, representando as mais diversas classes sociais e as mais antagônicas tendências políticas, artísticas ou sociais, ali se congregando para um fim comum, todos movidos pelo mesmo interesse,** alimentando o mesmo ideal de vitória. (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, geral, p. 1-10, grifo nosso).

As narrativas acerca da estreia do Brasil na Copa apresentam elogios e apreciações confiantes sobre a equipe nacional. Em JN65, a matéria explica que a seleção venceu sem precisar usar de sua força máxima e exalta a performance do jogador Jair (JN65, JN66). Contudo, apesar da apreciação positiva, Ricardo Serran indica que a discrepância entre a qualidade das seleções brasileira e mexicana fez com que a insegurança dos torcedores com a capacidade técnica dos jogadores permanecesse.

Na sequência, O Globo trata do segundo jogo da seleção brasileira. Diretamente de São Paulo, Geraldo Romualdo da Silva escreve sobre a chegada dos jogadores em São Paulo, onde foram acolhidos e aplaudidos pela torcida e pela imprensa. Antes da disputa, os textos também indicam a possibilidade de ausência de Jair em virtude de uma lesão e apresentam as garantias de sucesso expostas por Flávio Costa (JN74).

Após a realização do segundo jogo, contra a Suíça em 28 de junho no estádio do Pacaembu, O Globo debruça-se a explicar o empate em 2 a 2. As publicações a classificam como “decepcionante e surpreendente” (JN77), em que os jogadores executaram mal a tática definida pelo técnico (JN78), apresentando falhas coletivas. O empate é tratado como um

aprendizado, uma lição para que aquilo não se repetisse – Geraldo Romualdo da Silva orienta os jogadores em relação ao seguimento das orientações do técnico (JN78), em matéria com retranca “A lição do empate”.

No evento seguinte que compõe este episódio, O Globo convoca a torcida brasileira a incentivar os jogadores na partida decisiva com a Iugoslávia, orientando-os em relação à manutenção da civilidade e respeito ao adversário (JN82). O apoio é requerido com a indicação de que todos os brasileiros ambicionavam a vitória, reforçando a construção de uma suposta unicidade nacional (JL1). Com a classificação do Brasil como finalista da Copa do Mundo, a partir da vitória contra a Iugoslávia por 2 a 0, o jornal descreve positivamente a técnica e o entusiasmo dos jogadores (JL6, JL9) e apresenta as opiniões dos atletas e do técnico após a partida (JL11), citando também a cortesia dos adversários, mesmo após a derrota. Com a classificação brasileira para a etapa final da competição encerra-se o sétimo episódio e dá-se início ao oitavo episódio.

A partir da vitória com a Iugoslávia e da classificação para a fase final, O Globo passa a abordar o início dos preparativos da seleção para a última fase da Copa do Mundo. Este episódio se inicia em 03 de julho (JL6) com os informes sobre os quatro finalistas: Brasil, Suécia, Espanha e Uruguai.

Em um primeiro momento, as publicações interpelam a preparação da seleção para as partidas da fase final. Em 04 de julho (JL23, JL25) O Globo informa a submissão dos jogadores a exames médicos antes do início dos treinamentos. O técnico Flávio Costa, junto com o jogador Ademir, é entrevistado pelo jornal, momento em que tranquiliza a torcida, demonstrando convicção na vitória (JL28). Em 06 e 08 de julho (JL32, JL41) narra-se os treinos coletivos realizados por titulares e reservas, elevando o ardor e a energia em campo, além da condição física dos jogadores. Ao divulgar os detalhes finais da partida entre Brasil e Suécia, classifica as duas seleções como “os mais sérios candidatos à conquista do título máximo de campeão” (JL40) e divulga um fato curioso e incomum: a presença de dirigentes e jogadores da seleção da Suécia no treino coletivo dos brasileiros, com a intenção de “felicitar, antecipadamente, os futuros campeões do mundo” (JL42), o que revela a confiança eufórica em relação à conquista brasileira. A vitória do Brasil sobre a Suécia por 7 a 1 na primeira partida da fase final da Copa do Mundo, ocorrida no Estádio Municipal em 09 de julho, é apresentada pelo O Globo como um triunfo “justo e brilhante” e um feito que honrava o futebol brasileiro (JL43). O jornal apresenta a vitória como “esmagadora”, “sensacional” e “muito próxima da perfeição” (JL49), considerando-a um resultado que dava esperança à conquista do campeonato (JL48). Geraldo

Romualdo da Silva chega a caracterizar a vitória como “a maior exibição do football brasileiro nos últimos dez anos” (JL50).

Após a intensa narrativa da goleada brasileira, O Globo passa a tratar da preparação para a disputa com a Espanha. Acompanha a rotina dos jogadores brasileiros, relata o comportamento e as atividades do selecionado na concentração, descreve a normalidade do treinamento (JL59, JL62). Ao divulgar a partida entre Brasil e Espanha, realizada em 13 de julho, o jornal a denomina “a maior peleja da Copa do Mundo de 1950” (JL67). Conforme o apresentado pelas publicações que antecedem essa partida, vencer a Espanha era uma espécie de final antecipada em que o Brasil se consagraria naquele momento campeão do mundial.

Às 15 horas do dia 13 de julho o Brasil entrou em campo no Estádio Municipal e venceu a Espanha por 6 a 1. De modo ufanista e entusiasmado, O Globo narra o resultado qualificando-o como uma vitória para marcar época, glorificando a atuação brasileira como algo que não tinha “paralelo na história do nosso football”, como o resultado mais importante da história do futebol nacional (JL68). A atuação é classificada como “mais firme, mais bonita, mais convincente” que qualquer outra (JL71). O jornal descreve que “nenhum quadro poderia vencer o brasileiro” (JL69) e que, a partir daquele momento, o futebol ganhava um novo lar, migrando da Europa para a América do Sul (JL73).

A partir de 15 de julho, passa-se a narrar a preparação da seleção para a final da competição com o Uruguai, que se constitui como o fim deste oitavo episódio da estória. O título e a linha de apoio da matéria JL76, presentes na capa da edição, indicam a expectativa pela decisão: “A postos, para a última batalha!” (título); “Acompanhados pelo interesse de toda a população, os onze jogadores brasileiros travarão amanhã o embate decisivo para a conquista da Copa do Mundo” (linha de apoio). A narrativa construída é convocatória, evidenciando a necessidade do empenho de cada um, jogadores e torcedores, para que o Brasil conquistasse o título de campeão mundial. Nesta convocatória, há a construção de uma suposta unidade nacional e o caráter pedagógico de orientar para que não houvesse desrespeito ao adversário:

O que todos querem agora é o título de Campeão Mundial de Football para o Brasil, um título que aumentará o prestígio esportivo de nossa terra em todo o mundo. A postos, portanto! A postos, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! A postos, torcedores, **para o incentivo ao scratch do Brasil e para o respeito ao adversário!** Queremos a vitória, só a vitória, nada mais do que a vitória! (O GLOBO, 15 jul. 1950, matutina, geral, p. 1, grifo nosso).

Na divulgação da partida final, O Globo comunica que o Brasil detinha uma vantagem considerável, bastando apenas um empate para que se consagrasse campeão, mas que se

esperava que o time jogasse para vencer (JL78). Deste modo, sustenta-se que os torcedores almejavam a vitória brasileira com uma exibição tão expressiva quanto nos confrontos anteriores: “[...] O empate dará o título, não há dúvida, mas todo o país anseia pela repetição das grandes vitórias que tão alto elevaram o prestígio do football brasileiro no conceito mundial” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 15 jul. 1950, matutino, geral, p. 12). Assim, de modo confiante, as publicações esperavam uma vitória tão expressiva quanto as últimas goleadas da seleção brasileira contra a Suécia e a Espanha. A partida final entre Brasil e Uruguai é o clímax da narrativa, uma vez que se constitui como o momento culminante da estória, o ponto de alta tensão e emoção, como uma etapa culminante do acontecimento (GANCHO, 2002), estruturando a narrativa jornalística.

A preparação e os ajustes finais para a decisão entre Brasil e Uruguai concluem este episódio e dão início ao nono e último episódio da estória: a derrota. Neste episódio ocorre o desfecho ou desenlace da narrativa, com a resolução do conflito.

Em 16 de julho de 1950, às 15h, no Estádio Municipal, o Brasil perde o título mundial para o Uruguai, derrotado pelo placar de 2 a 1. A derrota é narrada como a morte do futebol brasileiro, decorrente de “falhas lamentáveis” de uma “tarde infeliz”, resultando em uma “decepção amarga” inimaginada pelos brasileiros (J80, JL83, JL85), que ambicionavam uma goleada como as ocorridas contra a Suécia e a Espanha, narradas no sétimo episódio desta narrativa.

A narrativa constrói a elucidação de que os jogadores uruguaios eram inferiores tecnicamente e taticamente, mas apresentaram mais raça e coração, o que os levou à conquista: “os cracks da Celeste mereceram o triunfo, sobretudo pelo espírito de luta que demonstraram, pelo coração insuperável que levou de vencida o que se poderia chamar de maior técnica e maior virtuosismo individual dos brasileiros [...]. Por tudo isso, a vitória foi justa e premiou os que se portaram melhor em campo, senão tecnicamente pelo menos pelo ardor combativo” (O GLOBO, 17 jul. 1950, matutino, geral, p. 1-6); “Triunfou o coração” (JL83). Além de narrar o desespero, as lágrimas, o silêncio e o clima fúnebre, O Globo busca encontrar explicações para a derrota. Logo após o fracasso, as publicações culpabilizam Bigode e Barbosa pelos gols sofridos, salientando as suas falhas individuais (JL80, JL85, JL86).

Em todo o percurso brasileiro, o técnico e os jogadores são recorrentemente ouvidos pelo jornal. Isso ocorre também após a derrota para os uruguaios, momento em que O Globo tenta encontrar explicações para o ocorrido. Diretamente do vestiário, ao questionar o técnico e os jogadores, Geraldo Romualdo da Silva desvela sua desconfiança em relação ao excesso de otimismo e o favoritismo como possíveis explicações (JL83). No entanto, é a partir de uma

conversa específica com Flávio Costa que o jornalista-narrador se debruça a apresentar as explicações para a derrota (JL86), considerando o clima da véspera da partida na concentração em São Januário como elemento determinante para a derrota.

A partir disso, O Globo reconstrói os fatos que antecederam a final da Copa do Mundo, por entender que o Brasil perdera antes mesmo de pisar no gramado do Estádio Municipal em 16 de julho. De maneira não-linear, por corresponder às lembranças do jornalista-narrador em relação à véspera da final, O Globo publica a série intitulada “A batalha perdida na véspera” (JL96, JL97, JL101, JL105, JL106, JL109, AG1). De modo serializado, episódio após episódio, ocorre o desenlace da estória: o assédio de torcedores, curiosos, jornalistas, fotógrafos e políticos à concentração em São Januário, somado ao otimismo exacerbado presente em discursos e ações, fez com que a seleção brasileira entrasse em campo já derrotada. Neste cenário, Flávio Costa é minimizado de possíveis responsabilidades, já que as publicações revelam constantemente a sua persistência em interromper o assédio.

Para além da dramatização da derrota como tragédia inesperada e da busca por explicações, direcionando-as a aspectos extracampo, o fim da estória é marcado pelo que O Globo nomeia de “o sentido da derrota”. Esse sentido é construído pelo O Globo a partir de uma percepção positiva de outros países em relação ao povo brasileiro, dada a demonstração coletiva de espírito esportivo, de civismo, respeito e educação, mesmo diante da perda (JL80, JL85, JL100). Constrói-se o entendimento de que o resultado esperado pela conquista da Copa do Mundo havia sido alcançado mesmo com a derrota: o engrandecimento do nome do Brasil por todos os cantos do mundo (JL100).

Cumprindo com o 1º, o 2º e o 3º movimento da análise, identifica-se o acontecimento-intriga como a trajetória brasileira na Copa do Mundo de 1950, em que a participação brasileira na primeira Copa realizada no país age como o conflito da narrativa, uma vez que se constitui como um componente da estória que gera tensão, criando expectativas frente aos fatos do enredo (GANCHO, 2002), ou seja, trata-se de um evento conflitante, de caráter dramático, que provoca outras ações e eventos, estruturando a narrativa jornalística.

O conflito estabelece os episódios que projetam sequências lógico-temporais e estabelecem enredos de microeventos mais ou menos completos, com foco sobre as personagens que assumem proeminência nos episódios. Com isso, reconhece-se que, a partir deste acontecimento-intriga e conflito, a narrativa construída pelo O Globo se divide em nove episódios: 1) a fase preparatória inicial e a expectativa aflorada, 2) a concentração em Araxá, 3) a viagem observacional à Europa, 4) a Copa Rio Branco e a Taça Oswaldo Cruz, 5) a etapa final da preparação: concentração no Joá, 6) a organização para o início e convocação, 7) a fase

inicial do Brasil na Copa do Mundo, 8) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: as goleadas, e 9) a derrota. Cada um dos episódios possui ações relativamente autônomas, mas que funcionam como unidades narrativas intermediárias, integrados aos demais, que conferem configuração à narrativa.

A narrativa de O Globo, assim como toda e qualquer narrativa, ocorre a partir de acontecimentos vividos por personagens, em tempos e espaços determinados. A partir do enredo construído pelo referido jornal, os episódios da estória seguem a ordenação linear, com a sequência temporal em que aconteceram, sendo nomeada de “enredo de ação” (GANCHO, 2002). Essa cronologia é seguida até o nono episódio, até o resultado da partida final. Especialmente quando a narrativa se destina a buscar explicações para a derrota – na série “A batalha perdida na véspera” –, os microeventos aparecem organizados de maneira não-linear, estruturados a partir das lembranças do narrador-personagem em relação ao que havia acontecido um dia antes da partida com o Uruguai.

O desenrolar destes episódios é conduzido pelas personagens que, conforme o papel desempenhado no enredo, são divididos em protagonistas, antagonistas e adjuvantes (GANCHO, 2002). No caso da estória produzida pelo O Globo sobre a trajetória brasileira na Copa do Mundo de 1950, as personagens principais gravitam em torno da seleção brasileira, dado o acontecimento-intriga da narrativa.

Os jogadores da seleção brasileira e o técnico Flávio Costa são os protagonistas da estória construída pelo jornal em 1950. Enquanto protagonistas, ambos são apresentados e descritos em cada episódio, com destaque às suas ações, comportamentos, atitudes e opiniões. Isso se confirma quando se identifica que Flávio Costa e os jogadores⁶⁴ são as fontes mais acionadas na construção noticiosa – juntos, apresentam 140 ocorrências nas publicações de 1950 relacionadas ao acontecimento-intriga. Os jogadores e o técnico são acompanhados de perto pelo jornalista-narrador e assumem posição de primeiro plano na narrativa, a ponto de O Globo deslocar um enviado especial à Europa para acompanhar Flávio Costa em sua viagem observacional, assim como de estar presente nos locais de concentração da equipe brasileira – em Araxá, no Joá e em São Januário. Todas as ações e episódios se sucedem em torno deles.

O personagem Flávio Costa é apresentado a partir de características valorizadas positivamente naquele contexto sociocultural – fala-se sobre sua calma, civilidade, serenidade, lucidez e respeito ao adversário (MA45, JN14, JN52, JN58). Ele aparece na narrativa como

⁶⁴ Embora haja uma exposição equitativa de todos os jogadores, destaca-se uma importância particular à Ademir, Baltazar e Jair. O Globo chega a informar a devoção dos jogadores à religião católica e suas idas à igreja, dando atenção a práticas que poderiam aproximar os jogadores e os leitores (JL55).

protagonista anti-herói, uma vez que obtém tais qualificações ao longo da narrativa, quando evolui e ganha virtudes. Inicialmente, o técnico é associado a qualificações negativas (como seu possível descompromisso com a equipe, em JN3, e a possível ocultação de informações, em MA54), mas, com o passar dos episódios, evolui até chegar à condição de protagonista da estória. Quando são buscadas explicações sobre a derrota brasileira, o técnico é constantemente representado como o único que tentara controlar o otimismo e o assédio aos jogadores na véspera da partida final.

Os protagonistas se deparam com forças que tentam impedi-los de atingir o objetivo final (CARDOSO, 2001). Tais forças se traduzem na figura do antagonista e se opõem aos protagonistas. Neste caso, a ação do antagonista atrapalha a concretização do objetivo dos protagonistas e impulsiona o enredo em direção ao desenlace.

Na narrativa construída em 1950, o antagonista que se sobressai é o ambiente – o ambiente de euforia, otimismo e assédio que invadia a concentração dos jogadores, mas também as ruas e os estádios. Esse ambiente se opõe ao desejado pelo protagonista, atrapalha sua ação e estimula o fim da estória, ou seja, a derrota brasileira. O próprio protagonista, o técnico Flávio Costa, expõe esse ambiente como elemento que afetara o final da estória:

‘– Infelizmente, não nos foi possível conter a onda de otimismo que invadiu São Januário na véspera do encontro. Não houve compreensão dos visitantes – gente do interior, caravanas imensas de torcedores, caravanas de políticos, cada qual falando mais alto em campeões do mundo, cada qual apregoando mais, com mais convicção, que o título estava no papo. Um desastre! Um perigo! Um adendo! No fim, eu tive de me desdobrar para fugir e para dar fuga àquela invasão. Tive, imaginem vocês, de recolher até lenços, lenços com alusões aos campeões do mundo de 1950, como se football se pudesse ganhar na véspera!’. (O GLOBO, 17 jul. 1950, vespertina, geral, p. 12).

Deste modo, o ambiente de euforia e otimismo acentuado, marcado pela presença de torcedores, jornalistas e políticos, como se o Brasil já tivesse conquistado o campeonato é apresentado como o elemento que impediu a conquista.

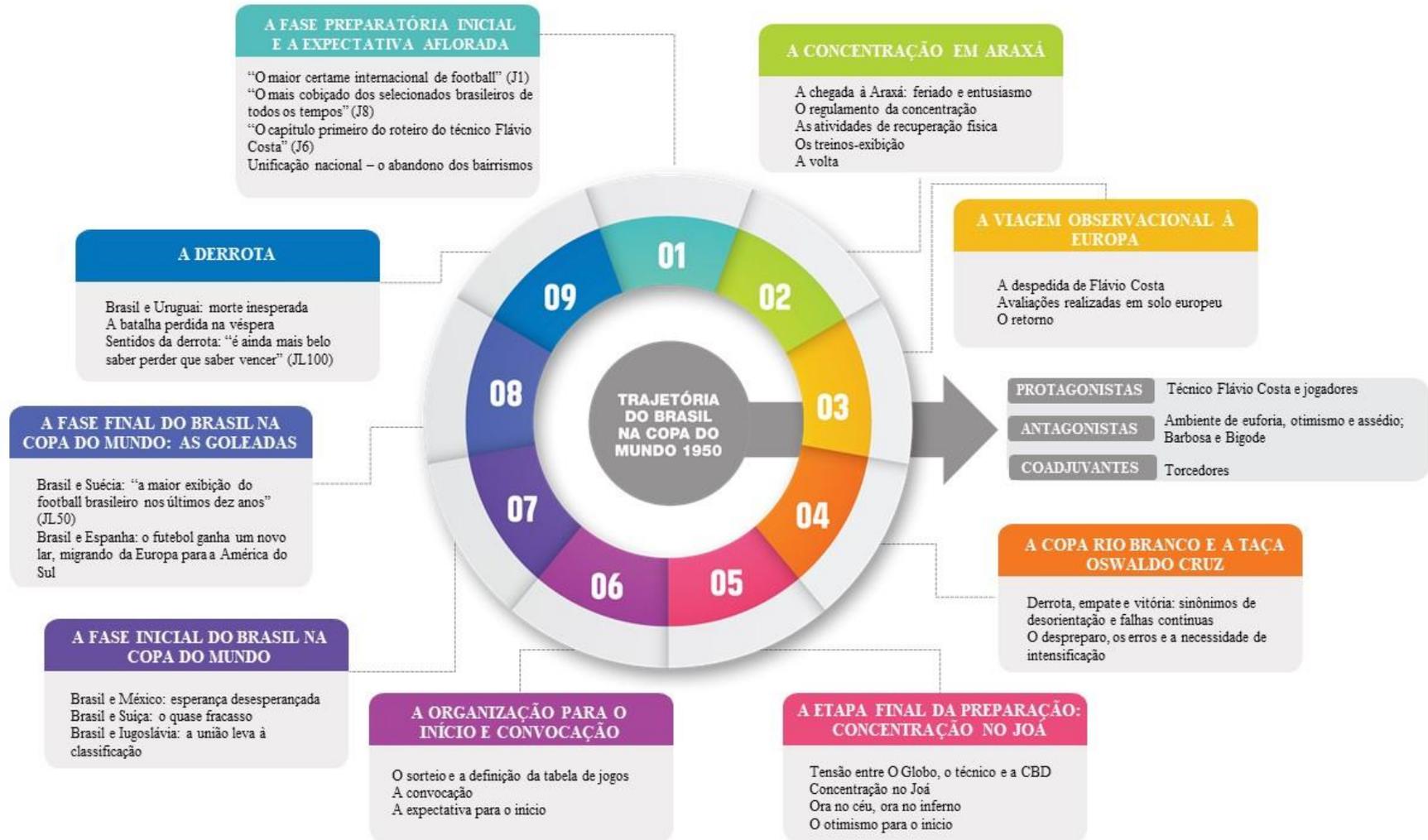
Além do ambiente, assume a posição de vilão da estória os jogadores Bigode e Barbosa. Ambos são eleitos os principais responsáveis pela derrota, sendo imputados como responsáveis pelos dois gols sofridos pelo Brasil, dadas as suas falhas e desempenhos insatisfatórios. Entretanto, o vilão dentro de campo não se sobressai em relação ao vilão fora de campo – o conjunto de curiosos, jornalistas e políticos que invadiram a concentração em São Januário e influenciaram negativamente os jogadores, ao menos nas páginas de O Globo no transcorrer do ano de 1950.

Em relação à última classificação de personagens, entende-se que os coadjuvantes desta narrativa têm uma participação menor ou menos frequente no enredo (GANCHO, 2002), são personagens secundários e estão associados às ações dos protagonistas, desempenhando o papel de auxiliares destes protagonistas. Esse papel é ocupado pelos torcedores na narrativa construída pelo O Globo.

Os torcedores da seleção brasileira aparecem de forma secundária na narrativa, mas, recorrentemente, surgem na história como elementos de importância singular no auxílio dos protagonistas – jogadores e técnico – no alcance ao objetivo. Em JN63 e JN70, por exemplo, o jornal expõe o apoio irrestrito e a recepção positiva da torcida à seleção como elemento basilar para a vitória. Por entendê-los desta forma, é constante o pedido de apoio do jornal aos torcedores, inclusive com recomendações e orientações sobre como os brasileiros deveriam se portar nas arquibancadas, exibindo civilidade e respeito aos adversários (JN82, JL1, JL37, JL40, JL65, JL76, JL78).

Apresenta-se a seguir um infográfico que sistematiza o acontecimento-intriga, os episódios e as personagens da história construída pelo O Globo em 1950.

Figura 2 – Infográfico da narrativa de O Globo em 1950



Fonte: A autora.

A fim de identificar os recursos utilizados para a narrativização do acontecimento-intriga, realiza-se o 4º movimento desta análise narratológica, a identificação das estratégias comunicativas de objetivação e de subjetivação. Ao analisar as publicações de O Globo, identifica-se as seguintes categorias de objetivação: referências precisas a datas (dia, mês, ano, horário, etc.); referências precisas a lugares e instituições; nomes completos de personagens; números e/ou estatísticas; citações em aspas ou com o uso de verbos dicendi; e descrição funcional e didatismos.

As referências precisas a datas e lugares são utilizadas em grande parte das publicações, como é característico dos textos jornalísticos, inclusive com o detalhamento de horários: “[...] foram recebidos, ontem à tarde, no Aeroporto, com carinho e satisfação pelo povo e pelas autoridades municipais e desportivas [...]. Veio o jantar, o descanso nos grandes salões, em confortáveis poltronas, e, depois, o recolhimento, às 22 horas. Muitos dos concentrados, antes mesmo das 21 horas, já se haviam recolhido” (O GLOBO, 28 mar. 1950, matutino, p. 11). O uso dos nomes de personagens e as citações em aspas ou com o uso de verbos dicendi também é uma estratégia presente nos textos publicados: “Ouvido por nós, a respeito, Flávio Costa disse-nos: – É um absurdo isso. Embora não tenha caráter secreto, a preparação do scratch não é pública [...]” (O GLOBO, 19 jun. 1950, vespertina, geral, p. 14).

Os números também são recursos recorrentes do jornal, utilizados especialmente para informar o transcorrer de partidas e amistosos realizados pela seleção brasileira: “Defesas: Brasil (Barbosa) 17 sendo 12 no primeiro tempo e 5 no segundo. Duas dessas defesas foram em consequência de passes para trás dos seus companheiros” (O GLOBO, 03 jul. 1950, vespertino, geral, p. 1). Após cada partida, o jornal divulga os números e estatísticas relacionados aos chutes a gol, defesas, desarmes (JL13, JL15, JL48). Por fim, as descrições funcionais e didatismos também estão presentes, especialmente ao narrar lances e gols em episódios importantes do acontecimento-intriga: “O arqueiro Carvallal saiu para defender, chocando-se com o comandante da ofensiva brasileira. A bola escapou para a esquerda, entrando Ademir para shootar e marcar de maneira fulminante o tento número um” (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, geral, p. 12).

Em relação às estratégias de subjetivação, são identificadas as seguintes categorias de subjetividade: descrição pormenorizada; figuras de linguagem; verbos de expressão subjetiva; e ênfase/intensidade. A descrição pormenorizada aparece em distintos conteúdos, com apresentação de aspectos que são percebidos e avaliados subjetivamente pelo jornalista-narrador diretamente do local do acontecimento, como ocorre em JN3:

Ademir, Santos e Juvenal foram os primeiros a ser encontrados, sentados próximos ao portão numa muralha ensombrada que dá para a estrada. [...] O dia é de sol, com tênues brumas no horizonte de mar, e os dois cracks consideram que, com o tempo chuvoso, a beleza do mar entristece muito. A vida da concentração se desenrola quase toda no jardim [...] A nossa permanência no Joá bastou para ouvir as conversas da maioria dos jogadores. A satisfação é geral. (O GLOBO, 02 jun. 1950, matutina, geral, p. 10).

Os verbos de expressão subjetiva são amplamente utilizados, com indicação de conselhos, de advertências, de expectativa, como é possível de ser visualizado nos exemplos a seguir:

Entretanto, aqui fica uma sugestão, que poderia redundar num melhor aproveitamento, pelo menos para permitir que sejam realizados três treinos: o selecionado brasileiro poderia fazer a preliminar do cotejo entre os novos cariocas e paulistas. (O GLOBO, 07 jun. 1950, matutina, geral, p. 10).

As coisas ainda não permitem que seja feita uma previsão dos prováveis integrantes do scratch, mas confiando nas hipóteses capazes de concretização, admite-se um esquadrão para fazer sucesso. Desde que nos próximos dezessete dias a situação fique clara, não faltarão valores para Flávio Costa pensar seriamente na conquista do título máximo. (O GLOBO, 09 jun. 1950, matutina, geral, p. 10).

Confiemos, pois, nos nossos atletas. Confiemos e os incentivemos à vitória! Ajudemos, com os nossos aplausos e os nossos hurrahs, o combinado nacional a sobrepujar todas as dificuldades, que não são poucas e a levá-lo ao triunfo. Um só pensamento uma só vontade: vencer o jogo de hoje! (O GLOBO, 01 jul. 1950, matutina, geral, p. 1).

A ênfase e a intensidade são verificáveis no realce ao apelo dramático de determinados momentos da estória, principalmente com o uso de adjetivos e advérbios de intensidade: “[...] Eles se portaram magnificamente, tão bem, tão honestamente bem” (JN42); “[...] extraordinária vitalidade, impressionante eficiência e notável rendimento” (JL60); “[...] Foram tentos que nasceram, inclusive e principalmente, de falhas lamentais, [...] acabou liquidado para o team e liquidando o team, com a colaboração desastrada de Barbosa, este errando tristemente o salto na segunda bola” (JL85).

Por fim, em relação às figuras de linguagem evidencia-se a metáforização como um dos recursos de subjetivação, a partir da associação do jogo como uma guerra: “[...] Qualquer descuido, qualquer subestimação do adversário poderá ser fatal para as nossas aspirações. O team brasileiro terá que lutar com o mesmo ânimo de vitória, que exibiu nas pelepas com a Iugoslávia, com a Suécia e com a Espanha, porque o adversário é duro e combativo” (JL78); “A postos, para a última batalha!” (JL76); “Acompanhados pelo interesse de toda a população, os onze jogadores brasileiros travarão amanhã o embate decisivo para a conquista da Copa do Mundo” (JL76).

A partir da análise das publicações, nota-se o uso constante das estratégias de subjetivação neste período, o que pode ser explicado pelas inter-relações que existiam entre jornalismo e literatura, embora neste período o jornalismo impresso brasileiro já intentava assumir um caráter de neutralidade, buscando distanciar-se da narrativa literária (BARBOSA, 2007). No entanto, como constata-se nesta pesquisa, estas subjetivações continuavam a ser usadas de modo proeminente nos textos jornalísticos de O Globo.

O quinto e último movimento da análise narratológica refere-se às metanarrativas, ou seja, os significados de fundo moral ou fábula da história. Utilizando-se da Análise de Conteúdo como aporte metodológico para a concretização desta etapa da pesquisa, delimita-se três categorias que coadunam para a formação da metanarrativa: 1) a Copa do Mundo como forma de mostrar-se ao mundo, 2) a derrota inimaginada e a morte do futebol brasileiro, 3) o alcance do objetivo apesar da derrota.

O primeiro aspecto da metanarrativa da estória contada pelo O Globo em 1950 refere-se à conquista da Copa do Mundo como forma de o Brasil mostrar-se ao mundo. O Globo sustenta e designa certa importância simbólica que a conquista do mundial desempenharia na afirmação e reafirmação do Brasil frente ao mundo e a ele mesmo. Desta forma, a estória construída demonstra-se devotada em associar a conquista do Mundial, as boas exibições da seleção e da torcida, às formas de projetar a imagem de um Brasil vitorioso para o exterior. Em 17 de julho, o jornal conceptualiza o futebol como “uma das maiores preocupações dos povos mais adiantados” e “um elemento para uma propaganda inestimável” (JL84).

Ao avaliar a goleada em disputa com a Espanha, a narrativa assevera o Brasil como nova pátria do futebol, apresentando que ele havia imigrado da Europa para a América do Sul (JL73). As notícias têm a propensão de sobrelevar o futebol brasileiro, construindo uma imagem de que o país detinha o futebol mundial e apresentava qualidades que lhe eram singulares (JN36, JL108, S1). Essa construção de uma suposta projeção do Brasil ao exterior também é exposta pela divulgação constante de como a Copa do Mundo e o Brasil eram representados sob a perspectiva dos jornais e de fontes estrangeiras (JL12, JL14, JL26, JL33, JL54, JL57, JL72, JL75, JL93, JL98, JL99).

Além disso, recorrentemente, direciona os torcedores brasileiros acerca da necessidade de demonstrar civilidade e respeito diante dos adversários (JN82, JL1, JL37, JL40, JL65, JL76, JL78):

Vencer, respeitando o adversário. Lembremo-nos de que os iugoslavos almejam, como nós, defender as cores esportivas de sua pátria. São dignos de respeito. Vençamos leal e cavalheirescamente. Demonstre a torcida, ainda uma vez, a sua

educação e o seu civismo, recebendo com simpatia o adversário e estimulando viva e entusiasticamente os brasileiros à vitória. (O GLOBO, 01 jul. 1950, matutina, geral, p. 1).

Essa preocupação em fazer com que o povo brasileiro se portasse de modo cívico encontra respaldo na ideia de afirmação da imagem do país no exterior, já que, segundo o próprio jornal, antes do início dos jogos os observadores estrangeiros avaliavam com pessimismo o desfecho das partidas, porque acreditavam que em virtude da pressão da torcida nacional haveriam demonstrações de hostilidade e violência (JL100).

Alinhada à percepção do jornalismo como articulador na produção dos saberes cotidianos, constata-se o caráter pedagógico visível nas narrativas construídas pelo O Globo em 1950. Especialmente com o início da competição, o jornal passa a instruir os torcedores sobre como se portar nas arquibancadas. Nos textos publicados essa orientação pedagógica aparece acompanhada de uma preocupação acerca de como o Brasil, seu povo e seu futebol seriam representados no exterior. Essa relação ocorre em virtude de que, por vezes, O Globo constrói o imaginário da conquista da Copa do Mundo como possibilidade de demonstrar ao mundo a capacidade brasileira (J1, JL84, JL73).

Desta forma, associando esse aspecto ao jornalismo, entende-se que a mensagem construída no interior da narrativa tem relação com o caráter pedagógico dos produtos jornalísticos – no sentido de que atuam como um lugar que permite a produção e a circulação de uma série de valores e concepções, relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem somos, o que devemos fazer, de que forma devemos ser vistos, e assim por diante (FISCHER, 2002).

Para além de uma narrativa direcionada a sustentar a ideia da conquista do Mundial como forma de reafirmar uma imagem positiva do país, seu futebol e seu povo para o restante do mundo, também há a estruturação de uma imagem do Brasil para si mesmo, a partir da construção de uma suposta integração e unidade nacional viabilizada pela possibilidade de conquista da seleção brasileira.

O Brasil, em 1950, quer-se constituir como ponto central de todas as relações americanas, porque, e mais de uma vez temos isso asseverado, os desportos exercem uma função educativa, e como consequência, um mister de agremiação. Se aqui no Brasil nós conseguimos, através da Confederação Brasileira de Desportos, reunir os brasileiros do norte, do centro e do sul do país, através de grandes campeonatos nacionais, por que não haveremos de fazê-lo por meio desse Campeonato Mundial, que tão cedo não se poderá realizar outra vez em nossa Pátria? (O GLOBO, 16 fev. 1950, matutino, p. 12).

[...] estamos certos de que as palpitações dessa monstruosa fonte de vida foram percebidas em toda a cidade, nos mais longínquos rincões do território nacional, através das transmissões do rádio, pois as atenções de milhões de brasileiros, de Norte a Sul, estavam concentradas no Estádio Municipal. [...] aquela massa humana a vestir o gigante de cimento armado, tão considerável e heterogênea, representando as mais diversas classes sociais e as mais antagônicas tendências políticas, artísticas ou sociais, ali se congregando para um fim comum, todos movidos pelo mesmo interesse, alimentando o mesmo ideal de vitória. (O GLOBO, 26 jun. 1950, matutina, geral, p. 1-10).

A criação de um imaginário de unicidade e unidade nacional e do distanciamento das rivalidades regionais em busca de um objetivo comum está presente em conteúdos como J1, J6, J8, JN63, JL1, JL2, JL46, JL76, JL80. Portanto, neste primeiro aspecto a estória contada pelo O Globo constrói a associação da conquista do Mundial como reafirmação de uma imagem positiva do Brasil para si mesmo e para o restante do mundo.

O segundo aspecto da metanarrativa da estória contada pelo O Globo em 1950 refere-se à derrota inimaginada e a morte do futebol brasileiro. O Globo apresenta o percurso otimista e a incredulidade na derrota como um condicionante à derrota, entendida como a morte, sendo descrita e analisada de modo fúnebre e dramático. Neste sentido, sustenta o percurso de que o otimismo em excesso e o favoritismo levaram à derrota, por isso, entende que o Brasil perdeu para si mesmo, sendo o grande responsável pela própria derrota. Segundo o jornal, essa norma se fazia presente em uma série de acontecimentos da história do futebol brasileiro, como exposto em MA11:

Mais uma vez – e a história do football brasileiro está recheada de acontecimentos assim – os nossos jogadores perderam para os uruguaios, quando todos contavam com a vitória. Perderam para os uruguaios como perdem para outros adversários, sempre que imaginam possuir força superior para derrubar todos os obstáculos. Mais uma vez foram os favoritos e mais uma vez foram derrotados. Sábado foi apenas um capítulo para ser acrescentado: os campeões do mundo segundo interpretação própria, vencidos por um quadro que não tinha maiores credenciais. (O GLOBO, 08 maio 1950, matutina, geral, p. 12).

As publicações de O Globo edificam um clima excessivamente confiante e esperançoso vivenciado pelos brasileiros, notadamente com o início da fase final da competição e as vitórias contra a Iugoslávia, Suécia e Espanha. Nestes últimos dois jogos, as goleadas aplicadas (7 a 1 e 6 a 1, respectivamente) são descritas como “a maior exibição do football brasileiro nos últimos dez anos” (JL50) e o resultado mais importante da história do futebol nacional (JL68).

Ao tratar da partida com o Uruguai, O Globo apresenta que embora bastasse um empate para que o Brasil se consagrasse campeão, todo o país ansiava por uma vitória tão

expressiva quanto as goleadas anteriores (JL78), o que evidencia ares de convicção. Publicações como JN34, JL9, JL42, JL43, JL45, JL49, JL69, JL71, JL73, JL76, JL78 e JL96 permitem visualizar o excesso de otimismo noticiado pelo O Globo e do próprio O Globo. Com a perda do título para o Uruguai passa-se a explicar a derrota a partir deste otimismo. Essa relação causal (otimismo/favoritismo – derrota) é reforçada pela série “A batalha perdida na véspera”, em que Geraldo Romualdo da Silva apresenta o excesso de otimismo, em conjunto com o assédio irrestrito aos jogadores, como formas de explicar a derrota. Deste modo, a derrota ensinava sobre a prepotência, representava uma lição acerca da presunção da vitória como garantida, a partir do entendimento de que a soberba havia sido punida enquanto a valentia dos uruguaios foi premiada no final.

Explicando-a como uma consequência do ocorrido na véspera por um clima de “já ganhou” que irradiava das ruas e tomou a concentração em São Januário, a derrota é representada pelo jornal como uma morte inesperada e inimaginada (JL85, JL83, JL80, JL91, JL96). A narrativa assume contornos de drama, com relatos fúnebres e lacrimosos: é tragédia, fracasso, infelicidade, desespero fatídico, incredulidade silenciosa. A dor da derrota aparece como sendo sentida por todo o país, o que corresponde à significação exposta por Guedes (1998) de drama nacional de intensidade diversa, mas que propicia a solidariedade moral da “dor comum”. Esse caráter mórbido aparece de maneira literal e não apenas figurado, já que O Globo informa a morte de um torcedor que, segundo o texto, “morreu de emoção” em virtude da derrota (JL82). Com isso, vê-se a dramatização da derrota brasileira e a potencialização do significado da perda do título, como se ela, por si só, fosse responsável pela morte do torcedor.

O terceiro aspecto da metanarrativa refere-se ao alcance do objetivo apesar da derrota. A estória construída pelo O Globo tem como desfecho a concepção de que o Brasil conquistara o objetivo simbólico da Copa do Mundo – presente no primeiro aspecto da metanarrativa – apesar de ter perdido a final para os uruguaios. Assim, O Globo apresenta que embora a derrota representasse naquele momento a “morte” do futebol e acarretasse em uma tristeza profunda, no aspecto extracampo a derrota resultou em admiração ao país pelo restante do mundo. Isso é explicado pelo O Globo a partir das demonstrações de esportividade, civilidade e respeito do povo brasileiro, mesmo após o resultado negativo (JL100), sendo elogiado o comportamento do torcedor diante da derrota e classificando-o como “o único que não fracassou” (JL80).

Apesar de falar sobre uma totalidade da nação – “o povo brasileiro”, a ligação entre a seleção brasileira e a arquibancada legitimaria um único modelo de torcedor, portanto, um único modelo de brasileiro, aquele que representaria o Rio de Janeiro, o principal centro urbano do país. Segundo Fraga (2009, p. 220), a escolha de um modelo de torcedor como “o mais

legítimo” se constituía como uma forma de impor discursivamente “um modelo de nacionalidade a ser seguido pelos demais, negando outras possibilidades por não estarem no mesmo compasso de modernidade” ou não compartilhem os mesmos traços do protótipo de torcedor tido como modelo.

Deste modo, o desfecho da narrativa construída desvela a vitória do Brasil na partida final, já que conseguiu demonstrar “o verdadeiro povo nacional para o mundo” (JL84, JL85). Esse sentido é construído pelo O Globo a partir de uma percepção do engrandecimento do nome do Brasil por todos os cantos do mundo (JL100) e da singularidade do futebol praticado no país. Tal aspecto relaciona-se ao fato de que nas Copas do Mundo recorrentemente há a circulação de narrativas que valorizam o aspecto estético e criativo do futebol como sendo característico do brasileiro, conduzindo a um processo de perpetuação desse estilo de jogo como elemento da identidade nacional (HELAL, 2003). Assim, a seleção é representada como manifestação da brasilidade por produzir simbolicamente sentimento de pertencimento sobre o qual é imaginada a ideia de identidade nacional. Isso volta a ser discutido pelo O Globo, embora de modo distinto, 64 anos depois, na realização da segunda Copa do Mundo no país, analisada a seguir.

5.3 O CONTEXTO PERVAGANTE DE 2014

Depois de 64 anos, o Brasil voltava a sediar a Copa do Mundo. O contexto político, econômico, cultural e midiático era inteiramente outro. A partir da modificação no cenário nacional pela reorganização dos fluxos de capitais dos países centrais para os emergentes, houve aumento de poder econômico, conseqüentemente de poder político, dos países anteriormente chamados de terceiro-mundo.

Nesta conjuntura, o Brasil se caracteriza como um dos países emergentes que se consolidava politicamente e economicamente. De acordo com Correia e Soares (2015), neste período o país participa do jogo dos fluxos de capitais no mundo globalizado, apresenta protagonismo político no Cone Sul e está representado nos blocos econômicos de destaque da economia global, como é o caso dos BRICS⁶⁵.

No que se refere ao aspecto interno, o país apresentava crescimento tecnológico e industrial aliado ao combate à inflação, estabilização da moeda e redução das desigualdades sociais (CARCANHOLO, 2010). Os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014, ratificavam a competência e o ingresso do Brasil em territórios importantes da geopolítica

⁶⁵ Agrupamento formado por cinco grandes países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

internacional, como o conselho de segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) (DAMO; OLIVEN, 2013). Correia e Soares (2015) sustentam que, junto com outros megaeventos esportivos, como o Pan-americano em 2007, a Copa de 2014 se constituía como instrumento de demarcação e consolidação do Estado brasileiro em âmbito internacional, na tentativa de construir a imagem de um competente gestor de uma economia forte com vocação para o desenvolvimento econômico.

O início da definição do país-sede ocorre em agosto de 2000, quando o Comitê Executivo da Fifa passou a implantar o sistema de rodízio de sedes na Copa do Mundo, por isso, as escolhas ocorreriam entre os países de um mesmo continente. De modo complementar, como parte do novo sistema, em março de 2003 o Comitê decide que um país da América do Sul sediaria a Copa de 2014. Dias depois desta decisão, com as desistências da Argentina e da Colômbia devido ao alto custo do evento, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) anuncia que indicaria o Brasil como candidato único a sediar a Copa. No entanto, só em 13 de abril de 2007 ocorre a inscrição oficial do Brasil como candidato à país-sede da Copa do Mundo de 2014 e a confirmação da Fifa de que o Brasil seria o candidato único para receber a competição (FARIAS, 2014; BRINATI, 2016).

Para além da justificativa sobre o rodízio de continentes, as escolhas da Fifa e do Comitê Olímpico Internacional (COI) se baseavam na conjuntura econômica e política do Brasil e de outros países escolhidos:

Primeiramente, a escolha da África do Sul para sediar o Mundial de 2010, do Brasil para a Copa de 2014 e da Rússia para a edição de 2018 denota claramente a importância de novos países dentro da ordem política e econômica internacional. Não por acaso, essas três nações, ao lado de Índia e China (que sediou os Jogos Olímpicos de 2008), compõe o que é chamado de BRICS, ou seja, países em acelerado ritmo de crescimento econômico. São nações com amplos mercados, cujas potencialidades de lucros não são desprezados pelos homens de negócio da Fifa e empresas patrocinadoras do futebol, isso mormente quando há uma grave crise da economia dos países centrais capitalistas. (FARIAS, 2014, p. 471).

A candidatura do Brasil como sede da Copa fazia parte do projeto político do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que estava no poder desde 2003. Brinati (2016) explica que Lula via nos megaeventos esportivos uma forma de dar visibilidade às conquistas sociais do seu governo e de fortalecer a imagem brasileira fora do país. O discurso de Lula em 2007 durante a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo 2014 evidencia a possibilidade de o megaevento auxiliar na construção de uma imagem do Brasil no exterior: “No fundo, no fundo, estamos assumindo uma responsabilidade enquanto nação, enquanto Estado brasileiro, para provar ao mundo que temos uma economia crescente e estável, com uma estabilidade [política]

conquistada”. Havia, pois, a pretensão de reposicionar o país no tabuleiro da política internacional, fazendo com que o Brasil se tornasse protagonista e “um dos postulantes à potência política e econômica no mundo” (CORREIA; SOARES, 2015, p. 20).

Finalmente, em 30 de outubro de 2007 a Fifa anuncia oficialmente o Brasil como sede da Copa 2014, 64 anos depois da primeira edição sediada. No processo de escolha do Brasil como sede, o então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e o ex-presidente da Fifa, João Havelange, teriam participado de forma ativa das negociações da escolha, em reuniões nos bastidores da Federação (BRINATI, 2016). Os dois passaram a ser vinculados a escândalos de corrupção em 2012, quando documentos da Justiça da Suíça mostraram que ambos receberam propina de uma empresa de marketing esportivo ligada à Fifa⁶⁶. Neste ano, Ricardo Teixeira deixou as presidências da CBF e do Comitê Organizador Local que passaram a ser ocupadas por José Maria Marín.

Após a decisão da Fifa se iniciam os preparativos para o país receber a competição, sendo aquele o quinto Mundial realizado na América do Sul. Em 2014, o Brasil possuía uma população de cerca de 202 milhões de pessoas, sendo São Paulo a cidade com mais habitantes, seguida pelo Rio de Janeiro. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), o setor de serviços respondia pela maior parte do Produto Interno Bruto (PIB), seguido pelo setor industrial e a agricultura. Assim como em 1950, o ano era eleitoral. A atual presidente – eleita em 2010 – Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), tentaria a reeleição, o que daria uma sequência de 16 anos do PT no Executivo Nacional.

O começo dos preparativos ocorre com a disputa das cidades que receberiam os jogos. Farias (2014) explica que a princípio a Fifa entendia que o ideal seria entre oito e dez cidades-sede, no entanto, atendendo aos pedidos da CBF e do governo brasileiro, fixou o número em 12. Após uma avaliação preliminar da Fifa, em 2009 foram definidas as seguintes cidades-sede: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Recife e Salvador.

Santos (2011) reitera que a expectativa dos governantes brasileiros era de que a Copa projetasse o país internacionalmente e contribuísse para gerar trabalho e renda, com a profissionalização e qualificação de recursos humanos, infraestrutura esportiva e urbanística. No entanto, antes mesmo do início da Copa do Mundo, os jornais já noticiavam que o governo brasileiro considerava que o legado da Copa para o Brasil seria menor que o esperado (FARIAS, 2014). Contribuiu para isso o fato de que as obras de mobilidade não seriam concluídas dentro

⁶⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/tribunal-suico-diz-que-havelange-teixeira-receberam-dinheiro-da-isl-5448391>. Acesso em: 15 jun. 2018.

do prazo, o aumento dos custos dos preparativos⁶⁷ para a competição e de a iniciativa privada bancária não ter investido nas obras realizadas, como havia sido anunciado no início da preparação.

A Copa do Mundo já representava um ritual periódico capaz de atrair a atenção de bilhões de pessoas ao redor do planeta. Para o evento sete estádios novos foram erguidos e cinco reformados. A malha urbana também foi alvo de interferência, visando a construção de uma estrutura que tornasse viável a circulação e hospedagem de atletas, autoridades esportivas e políticas, assim como da imprensa e dos torcedores. Durante o processo de construção e reforma dos estádios, diversos questionamentos foram levantados sobre os valores das obras e a real necessidade de algumas construções. Além disso, a Fifa passava a cobrar de maneira mais efetiva a resolução de questões de interesse da federação, como a entrega dos estádios e a garantia da qualidade das obras.

Em relação ao cenário comunicacional e midiático, já havia a consolidação da televisão, do rádio, do impresso e do online, com crescente expansão deste último. No total, a Fifa imprimiu 16,7 mil credenciais de imprensa. Destes, mais de 10 mil eram de emissoras de distintos países, além de 3 mil profissionais de televisões brasileiras.

Como em todos os eventos, a FIFA TV entregou a produção, captação e roteamento do sinal dos jogos à HBS (Hosting Broadcast Services), uma empresa responsável pelos procedimentos técnicos no que diz respeito à geração, processamento e emissão de imagens. O Centro Internacional de Transmissão ficou no Riocentro, o maior centro de exposições da América Latina, no Rio de Janeiro. Na televisão aberta brasileira, a Rede Globo acordou com a Bandeirantes o sublicenciamento dos direitos, enquanto as emissoras a cabo SporTV, FOX Sports, ESPN e Bandsports transmitiram os jogos.

Em 2014, a internet passou a fazer parte do ecossistema midiático do evento, sendo considerado pela própria Fifa “o maior evento esportivo multimídia da história”. As mídias sociais, como Facebook e Twitter, foram amplamente utilizadas não apenas pelos veículos jornalísticos, mas também pelos torcedores. Naquele ano o Facebook registrou a Copa de 2014 como “o maior evento de mídia social já registrado”, envolvendo 350 milhões de usuários no mundo todo⁶⁸.

⁶⁷ Em 2007, o orçamento apresentado à Fifa em relação aos gastos com os estádios se referia a R\$ 2,8 bilhões. No entanto, em 2015, o Ministério do Esporte divulgou o balanço final dos valores gastos com a construção e reforma dos estádios, contabilizando R\$ 8,3 bilhões. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/01/governo-divulga-valores-finais-da-copa-r-83-bilhoes-em-estadios.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁶⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/copa-foi-maior-evento-de-midia-social-ja-registrado-diz-facebook-1-13251333>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Dentro de campo grandes movimentações também ocorriam para a formação de uma equipe com chances de conquistar o primeiro Mundial da seleção brasileira em sua própria casa. Desde a última conquista da Copa do Mundo, em 2002, a equipe brasileira não protagonizava boas campanhas na competição: em 2006, o Brasil terminou em quinto lugar após ser desclassificado nas quartas de final; em 2010, terminou na sexta posição, também desclassificado nas quartas de final.

Com a derrota nos Jogos Olímpicos de 2012, o trabalho do técnico Mano Menezes passou a ser questionado, fazendo com que ele ocupasse o cargo somente até o último compromisso do time, em novembro daquele ano. Para seu lugar, a CBF escolheu Luiz Felipe Scolari, popularmente conhecido como Felipão. De acordo com Farias (2014), a substituição do técnico representava uma motivação aos jogadores e torcedores para a conquista do hexacampeonato:

A demissão de Mano não deixou de ser para os dirigentes da CBF uma forma de remotivar os jogadores – e o País – na esperança de conquistar o hexa. O novo técnico passou a ser Luiz Felipe Scolari, que em 2002 comandara a seleção na campanha do penta. ‘Felipão’, um profissional vitorioso, apegado ao futebol de resultados e cujas qualidades incluem grande carisma e poder de motivação e ‘fechar’ grupos (lembra-se da ‘Família Scolari’?) [...]. A escolha, afora uma prova de competência de ‘Felipão’ como treinador e um indicativo dado pelos cartolas de que o Brasil ‘retomava os trilhos do sucesso’, pode ser vista ainda como um sinal de que um certo saudosismo (uma fuga das dificuldades do presente?), de que o técnico repetisse o que fizera no começo da década anterior, quando pegou um time desacreditado e humilhado e o levou à conquista da Taça Fifa no Japão e Coréia do Sul. Mais sintomático do saudosismo verde e amarelo foi a nomeação de Carlos Alberto Parreira, tetra com o Brasil em 1994, como coordenador técnico. (FARIAS, 2014, p. 514).

Apesar da expectativa, o início do trabalho de Felipão à frente da seleção não foi motivador, sendo marcado por empates, derrotas e vitórias questionadas, momento em que o Brasil alcançava a 22ª posição no ranking da Fifa, a pior até então. Esse cenário só se modifica em 2013, com a conquista brasileira da Copa das Confederações, vencendo a então campeã mundial Espanha por 3 a 0. A vitória brasileira garantiu o terceiro título consecutivo da Copa das Confederações (2005, 2009, 2013) e quebrou uma série invicta de 26 jogos dos espanhóis. Com o título, a expectativa pela conquista da Copa de 2014 aumentou substancialmente entre torcida e imprensa.

Assim, em âmbito esportivo, o Brasil chegava ao Mundial como o maior vencedor de Copas do Mundo, com cinco títulos. Nas duas edições que antecederam a de 2014, a equipe havia sido eliminada na fase das quartas de final. No entanto, sob o comando do técnico Luiz Felipe Scolari, a seleção conquistou a Copa das Confederações em 2013 ao vencer a Espanha.

Com isso, o país se alçava à posição de favorito para a Copa do Mundo de 2014, a 20ª edição da competição.

Em paralelo à realização da Copa das Confederações o país foi tomado por uma série de manifestações populares. De acordo com o Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social (2014), a eclosão das manifestações ocorreu na primeira semana de junho de 2013, como uma resposta direta ao anúncio das autoridades governamentais de São Paulo sobre o aumento da tarifa do transporte público, que passaria de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. A partir do dia 10 de junho, se inicia a expansão dos protestos e, gradativamente, Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza, Porto Alegre, Salvador e Recife viram palco de manifestações semelhantes. Neste momento há uma difusão das manifestações no país, já que a natureza delas se diversifica largamente.

Nomeados de “Jornadas de junho” ou “Manifestações de junho”, os protestos nasceram da reivindicação contra o aumento da tarifa do transporte público e expandiram-se para bandeiras mais difusas e menos pontuais. Segundo Fonsêca (2013, p. 8), a partir da segunda semana de protestos, após 13 de junho, data da repressão mais violenta em São Paulo, “o tom das reivindicações e da composição social dos manifestantes teve um corte menos preciso, apresentando pautas tão genéricas quanto estéreis”.

Esta fase também é caracterizada pelo início da Copa das Confederações, como evento preparatório para a Copa do Mundo. Críticas aos gastos públicos com a Copa do Mundo de Futebol e à corrupção passaram a ser incorporadas nas manifestações de modo mais intenso (INTERVOZES, 2014). Helal, Cabo e Silva (2014, p. 291) fazem uma observação interessante, a de que estas manifestações de certa forma contrapõem o que chamam de “uma suposta opinião culta que costuma sentenciar que o futebol é o ópio do povo”. Conforme os autores, a Copa das Confederações talvez tenha deixado como maior legado algo que “até os mais cétricos terão que admitir”: a percepção de que “o futebol contribuiu para a mobilização das massas em relação a questões políticas” (HELAL; CABO; SILVA, 2014, p. 293).

Os protestos expandiram-se para uma grande quantidade de pautas, entre elas os gastos com a Copa do Mundo (SCHERER-WARREN, 2014). Nos primeiros meses de 2014, um novo conjunto de manifestações demonstrou posição desfavorável à realização do evento esportivo – em movimento que ficou conhecido como “não vai ter Copa” (PINTO, 2017). Deste modo, as manifestações populares criaram um clima de incerteza em relação a como transcorreria a competição. Farias (2014, p. 516) afirma que estas foram “as maiores manifestações de rua do Brasil em mais de 20 anos – as últimas haviam ocorrido em 1992, para o impeachment do presidente Fernando Collor”.

Neste clima o país se preparava para receber o segundo Mundial, com a busca do sexto título pela seleção brasileira. As chaves sorteadas foram as seguintes: Grupo A: Brasil, Croácia, México e Camarões; Grupo B: Espanha, Holanda, Chile e Austrália; Grupo C: Colômbia, Grécia, Costa do Marfim e Japão; Grupo D: Uruguai, Costa Rica, Inglaterra e Itália; Grupo E: Suíça, Equador, França e Honduras; Grupo F: Argentina, Bósnia, Irã e Nigéria; Grupo G: Alemanha, Portugal, Gana e Estados Unidos; Grupo H: Bélgica, Algéria, Rússia e Coreia do Sul. Contava, portanto, com 32 seleções. Na fórmula da disputa, as seleções jogariam entre si em cada grupo. Após as três partidas, os dois melhores na pontuação em cada chave se classificavam para as oitavas de final. A partir daí os jogos eram eliminatórios até a final.

5.4 A NARRATIVA CONSTRUÍDA PELO IMPRESSO O GLOBO NA COPA DO MUNDO DE 2014

Assim como na análise relacionada à 1950, as publicações encontradas no jornal O Globo sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 são analisadas inicialmente seguindo o plano da expressão, momento em que são apresentadas as marcas de apuração, as marcas da composição do produto e as temáticas recorrentes.

Considerando a delimitação temporal de janeiro a dezembro de 2014, seguindo os procedimentos metodológicos já expostos, encontra-se 967 publicações relacionadas à seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 – janeiro (16), fevereiro (25), março (26), abril (19), maio (89), junho (379), julho (368), agosto (18), setembro (7), outubro (7), novembro (7) e dezembro (6). Diferentemente das edições de 1950, em 2014 O Globo reúne as publicações na editoria Esportes, além de publicar dois cadernos especiais em maio, junho e julho: “História das Copas” e “Brasil 2014”.

A partir do dia 02 de maio de 2014, O Globo publica um caderno especial nomeado “História das Copas”, em que são apresentados cinco capítulos sobre os principais episódios que compõem a história do Brasil na competição, contados a partir de uma narrativa feita do ponto de vista brasileiro, como a edição de 1950: “uma derrota de tons trágicos” que virou “assunto que não se esgota na memória e no coração do brasileiro” (O GLOBO, 02 maio 2014, matutino, esportes, p. 2). A publicação do caderno especial sob essa perspectiva é justificada pelo jornalista João Máximo na apresentação do conteúdo, recorrendo à expressividade da competição e ao histórico da seleção:

[...] Afinal, o Brasil é o único país que participou das 19 fases finais da competição. É, também, o único a se inscrever para todas as disputas. Mais importante: é o mais

vezes campeão, lutando agora pelo hexacampeonato. A Copa do Mundo, a ser sediada pela segunda vez pelo país que mais a prestigiou, ocupa o primeiro lugar entre as competições esportivas, como queria um de seus criadores, o francês Jules Rimet. Se não tanto, pelo menos é a que envolve maior número de pessoas, a que mobiliza mais países (209 filiados à Fifa, 16 mais que a ONU) e a mais emocionante. Sua história, mesmo em resumo, merece ser contada. (O GLOBO, 02 maio 2014, matutino, esportes, p. 2).

Já o caderno especial “Brasil 2014” é publicado e distribuído gratuitamente do início ao fim da competição, apresentando os principais fatos relacionados à organização, aos jogos e à trajetória brasileira, replicando muitos conteúdos publicados na editoria Esportes de O Globo.

No que se refere ao primeiro aspecto das marcas de apuração constata-se que a maioria dos conteúdos possuem assinatura (730 textos), com destaque para a reincidência de quatro jornalistas: Carlos Eduardo Mansur (105 textos), Fernando Calazans (77), Pedro Motta Gueiros (64) e Renato Maurício Prado (63). Especialmente Mansur e Gueiros são os jornalistas enviados aos locais de realização das partidas e à concentração na Granja Comary para o acompanhamento das atividades da seleção brasileira.

A identificação da assinatura contribui para a compreensão acerca das características do narrador e do foco narrativo. Na narrativa construída em 2014 não há distinção entre autor e narrador, embora a presença do jornalista-narrador geralmente ocorra de forma apagada, diferentemente do que ocorre em 1950. No geral, as matérias apresentam um jornalista-narrador observador que segue a narrativa em *telling*, enquanto as reportagens, colunas e artigos costumam apresentar o jornalista-narrador personagem e seguir a narrativa em *showing*. Deste modo, identifica-se uma tentativa de dessubjetivação a partir da camuflagem da atuação do jornalista-narrador e uma separação, que se propõe manifesta, entre informação e opinião.

Essas características do narrador também interferem na origem das informações, já que O Globo diminui significativamente a incidência do jornalista como fonte informacional, especialmente no uso deste como única fonte. O local de apuração, pertencente às marcas de apuração, revela que 582 publicações foram apuradas internamente, enquanto 380 publicações contaram com apuração externa e as cinco restantes possuíam local de apuração indefinido. Os textos que continham apuração externa estavam relacionados ao acompanhamento do jornalista-narrador ao local da concentração e aos estádios em que foram realizadas as partidas da seleção nacional. Infere-se que o predomínio da apuração interna ocorre em virtude do desenvolvimento de ferramentas e recursos tecnológicos que facilitaram o trabalho de apuração do profissional na própria redação, o que intervêm também no uso de informações de segunda mão (como as postagens em redes sociais).

Caracterizando-se como uma narrativa plurivocal e polifônica (MOTTA, 2013), as publicações de O Globo em 2014 sobrepõem as vozes do jornalista-narrador e das personagens na configuração da estória. Isso está relacionado à origem da informação, que também faz parte das marcas de apuração. As informações de primeira mão são as mais utilizadas, aparecendo de modo exclusivo em 440 textos, seguido da indefinição em relação à origem das informações em 396 textos e do uso exclusivo das informações de segunda mão em 86 textos⁶⁹. Com a predominância de informações de primeira mão entende-se que O Globo recorre diretamente às fontes informacionais, sem intermediação de terceiros, para apurar e narrar os fatos.

Em relação às informações de primeira mão são utilizadas fontes institucionais (374 textos), fontes especializadas/comentadoras e fontes cidadãs, com destaque para as primeiras, especialmente relacionadas à seleção, como o técnico Luiz Felipe Scolari e os jogadores da equipe brasileira, presentes em 146 e 154 textos, respectivamente. Já as fontes especializadas/comentadoras aparecem em 86 publicações e estão relacionadas a profissionais do meio esportivo, como técnicos, ex-jogadores, psicólogos esportivos, jornalistas estrangeiros, etc. É o que ocorre em JL4, em que O Globo recorre a três fontes especializadas para falar sobre a instabilidade emocional dos jogadores: a psicóloga esportiva Raquel Nogueira, o psiquiatra Gabriel Bronstein Landsberg e a mestre em Psicologia do Esporte Suzy Fleury. Presente em 44 textos, as fontes cidadãs são constituídas principalmente de torcedores e de familiares dos jogadores. É o caso de JN54, que apresenta uma ex-vizinha e um amigo de Fred como fontes que auxiliam a contar a infância e o início da carreira do jogador em sua cidade natal.

As informações de segunda mão são utilizadas de modo único em 86 textos, especialmente com o uso de informações de outros veículos jornalísticos, com destaque para os estrangeiros, e as redes sociais. Recorrentemente, O Globo apresenta as publicações dos jogadores e celebridades nacionais e internacionais em redes como o Facebook e o Instagram. Em JL283, por exemplo, o jornal exhibe as postagens dos esportistas LeBron James, Usain Bolt e Gustavo Kuerten em suas redes sociais, se solidarizando com a lesão sofrida por Neymar.

No que concerne às marcas de composição do produto constata-se que o formato mais utilizado é a matéria/notícia com 514 ocorrências, seguido dos seguintes formatos e incidências: coluna (218), nota (126), reportagem (41), entrevista (27), perfil (17), artigo (11), fotolegenda (9), infográfico (2) e editorial (2). Do início até o fim da competição constam chamadas dos conteúdos que envolvem o Brasil na Copa do Mundo nas capas da edição e da editoria de Esportes. Sobre os recursos gráficos e visuais, identifica-se que 676 publicações se utilizam de

⁶⁹ As demais publicações se utilizam, de modo conjunto, de informações de primeira mão, segunda mão e do jornalista como fonte.

fotografias, infográficos, quadros informativos, ilustrações e/ou destaques textuais. É comum a apresentação de infográficos com o placar da partida, as escalações e as porcentagens de posse de bola, passes certos, finalizações, além dos números de dribles, cruzamentos, desarmes e faltas. Assim como em 1950, em 2014 O Globo continua a publicar quadros avaliativos que demonstram notas e descrições das atuações individuais dos jogadores e do técnico. O restante dos textos (291) não faz uso de qualquer recurso visual, que, em sua maioria, corresponde às colunas.

As temáticas recorrentes indicam a lógica e a sintaxe narrativas, assim como o tema e o assunto se relacionam à estória. Conforme uma perspectiva geral das publicações deste ano, o tema se refere ao Brasil e a Copa do Mundo de 2014 e o assunto relaciona-se à trajetória da seleção brasileira até a derrota. Cada mês em específico, de janeiro a dezembro, apresenta subtemas e assuntos relacionados ao tema e assunto geral, mas associados a acontecimentos específicos ocorridos naquele mês.

No primeiro mês, em janeiro de 2014, estão presentes três temáticas: 1) performance dos possíveis convocados, 2) expectativa para a “Copa das Copas”, 3) personagens brasileiros da história da Copa do Mundo. Na primeira temática, O Globo apresenta notícias sobre as atuações dos jogadores que possivelmente seriam convocados para o Mundial, com destaque especial à Neymar, em virtude de uma lesão no tornozelo sofrida durante jogo do Barcelona. Essa é a temática predominante em janeiro, com nove publicações. A temática 2, presente em cinco textos, trata da expectativa para a realização da competição, especialmente acerca da preparação da Granja Comary para a concentração, da qualidade técnica das seleções e do planejamento elaborado por Luiz Felipe Scolari. A terceira e última temática, com duas ocorrências, relata a história de personagens brasileiros em Copas do Mundo, especificamente Pelé (J4) e Leônidas (J9).

As publicações de fevereiro concentram quatro temas: 1) performance dos possíveis convocados, 2) expectativa para a “Copa das Copas” e para o hexacampeonato, 3) amistoso com a África do Sul, 4) personagens brasileiros da história da Copa do Mundo. Algumas temáticas de janeiro se repetem em fevereiro de 2014. Neste mês o primeiro tema trata da performance dos possíveis convocados (14 notícias), com destaque para dois assuntos: o condicionamento físico do jogador Fred e a falta de ritmo de jogo do goleiro Júlio César, apresentados como escolhas definitivas do técnico, apesar da incerteza em relação ao condicionamento de ambos. Com seis produções, a segunda temática se refere à expectativa para a competição e para a conquista brasileira, com garantias de vitória por parte do técnico (F8, F20). Em seguida, a temática 3 expõe informações acerca da convocação dos jogadores

para amistoso com a África do Sul, e a temática 4 apresenta a história de Didi e Garrincha em Copas do Mundo (F4, F15).

Março também apresenta quatro temáticas: 1) amistoso com a África do Sul, 2) expectativa para a “Copa das Copas”, 3) trajetórias e novidades sobre os jogadores brasileiros, 4) personagens brasileiros da história da Copa do Mundo. A primeira temática, e mais recorrente (11 textos), trata do preparo, realização e análise do amistoso disputado pela seleção brasileira com a África do Sul. A expectativa em torno da Copa do Mundo e da participação das seleções está presente em sete publicações, como a dualidade vivida pelo país a 100 dias do início da competição: o entusiasmo de alguns e a insatisfação de outros (M4). A temática 3 apresenta a trajetória e as últimas notícias dos jogadores brasileiros, como Paulinho (M20) e Hulk (M22). Já a temática 4 corresponde aos personagens brasileiros da Copa do Mundo, em três perfis, com destaque para o desenvolvido sobre o goleiro Barbosa (M19).

Em seguida, o mês de abril se divide em: 1) confiança no hexacampeonato e na lista de convocados, 2) trajetórias e performance dos jogadores brasileiros, 3) personagens brasileiros da história da Copa do Mundo. A temática com maior número de publicações trata da trajetória e das performances dos jogadores, com destaque para as atuações e o condicionamento físico em seus clubes. O protagonista nesta temática é o jogador Neymar e suas recentes lesões. Em seguida, com cinco produções, O Globo trata da confiança de Felipão no desempenho da equipe e suas possíveis escolhas para a lista de convocados para a Copa do Mundo. Por fim, a série acerca dos personagens brasileiros em Copas conta com mais duas produções, sobre Romário (A7) e Sócrates (A19).

Mais próximo do início da competição, os textos divulgados em maio de 2014 se dividem em: 1) divulgação e análise da lista de convocados, 2) trajetórias e performances dos jogadores brasileiros, 3) confiança e expectativa para o Brasil na Copa do Mundo, 4) preparação da seleção para a Copa do Mundo, 5) personagens brasileiros da história da Copa do Mundo e rememoração às Copas passadas. Duas temáticas predominam nas páginas de O Globo: a divulgação e análise da lista de convocados, com 26 publicações; e o início da preparação da seleção, também com 26 publicações. Depois, aparecem as trajetórias e performances dos jogadores nacionais (20 textos), a confiança e expectativa para o Brasil na Copa (12 textos) e os personagens brasileiros da história da Copa do Mundo, com a rememoração às Copas passadas (cinco textos).

No mês em que começa a Copa do Mundo de 2014, são apresentadas seis temáticas: 1) otimismo, expectativa e união da seleção brasileira e para a Copa do Mundo, 2) preparação final para a Copa do Mundo: treinos e amistosos até o início da competição, 3) trajetórias e

performances dos jogadores brasileiros, 4) rememoração às Copas e confrontos passados, 5) assuntos gerais sobre a competição e curiosidades sobre a seleção, 6) o Brasil na Copa do Mundo. A temática com mais publicações em junho de 2014, com um total de 202 textos, trata da trajetória do Brasil na Copa do Mundo, notadamente da narrativa e a análise das partidas entre Brasil e Croácia (12 de junho), Brasil e México (17 de junho), Brasil e Camarões (23 de junho), válidas pela primeira fase da Copa do Mundo, e a partida das oitavas de final entre Brasil e Chile (28 de junho). Com 46 publicações, a temática 3 apresenta as trajetórias e performances dos jogadores brasileiros, com destaque para o jogador Neymar. Os assuntos gerais e curiosidades sobre a seleção e a competição aparecem em seguida, com 41 produções, em matérias que noticiam minuciosidades, como o uso da tecnologia GLT (Goal-Line Technology) (JN65) e os ingressos destinados pela CBF aos jogadores da seleção (JN76). Com 40 textos, a temática 2 se refere à preparação final para a Copa do Mundo, com a narrativa dos treinos e amistosos realizados pela seleção brasileira até o início da competição. Ainda, O Globo aborda o otimismo e a expectativa para a competição em 27 publicações e a rememoração às Copas e confrontos passados em 23 textos.

Dando continuidade à competição, julho possui seis temáticas: 1) o Brasil na Copa do Mundo, 2) trajetórias e performances dos jogadores brasileiros, 3) rememoração às Copas e confrontos passados, 4) assuntos gerais sobre a competição e curiosidades sobre a seleção, 5) a derrota, seus desdobramentos, o futuro da seleção e do futebol brasileiro, 6) os rumos após a Copa. A temática 1 trata da continuidade da trajetória do Brasil na Copa do Mundo, especificamente a narrativa e análise da partida entre Brasil e Colômbia (04 de julho) e a preparação para a semifinal entre Brasil e Alemanha (08 de julho), somando um total de 136 publicações. Cabe destacar que nesta temática dois assuntos são predominantes: a instabilidade emocional apresentada pelos jogadores na partida contra o Chile e a lesão de Neymar durante a partida com a Colômbia. Com a mesma quantidade de textos (19), as temáticas 2 e 3 abordam as trajetórias e performances dos jogadores e a rememoração às Copas e confrontos passados, respectivamente. A temática 4 apresenta assuntos gerais sobre a competição e curiosidades sobre a seleção (71 textos) e a temática 5 refere-se à derrota e seus desdobramentos, além do futuro da seleção e do futebol brasileiro (105 textos). É nesta temática que estão concentradas todas as descrições, reflexões, análises e explicações acerca da derrota por 7 a 1 para a Alemanha e, em consequência, das fragilidades do futebol nacional. Com a final da Copa do Mundo em 13 de julho, 18 publicações pertencentes à temática 6 abordam os rumos no pós-Copa, com destaque à saída de Felipão e às propostas de reformulação do futebol nacional.

Apenas uma temática aparece nas 18 publicações encontradas em agosto de 2014 (os rumos após a Copa: os alicerces da “crise dos 7 a 1”), tratando-se de uma explanação e análise dos rumos da seleção e do futebol brasileiro após o término da Copa do Mundo. As matérias e colunas continuam a abordar os alicerces da crise dos 7 a 1, isto é, os problemas estruturais do futebol brasileiro que foram revelados pela derrota e que deveriam ser superados para que o Brasil voltasse a ser reverenciado como o país do futebol. Isso também ocorre em setembro, em que são publicados sete conteúdos que tratam dos rumos da seleção e do futebol brasileiro após a competição, evidenciando os problemas diagnosticados a partir da derrota para a Alemanha. Da mesma forma, os sete conteúdos publicados em outubro de 2014 pertencem a esta mesma temática e abordam as lacunas que continuavam a afetar o futebol brasileiro.

Novembro de 2014 apresenta sete publicações relacionadas às análises e lembranças concernentes à derrota brasileira. Ao falar de problemas que perpassam o futebol nacional (nem sempre necessariamente relacionado à seleção) e das partidas amistosas disputadas pela seleção sob o comando de Dunga, O Globo relembra a derrota para a Alemanha, classificando-a como “maior vexame da história”. Finalmente, no último mês do ano de 2014, seis publicações apresentam análises finais da derrota brasileira na Copa do Mundo, reavaliando os problemas estruturais do futebol nacional e a falta de resolução para a maioria deles.

Especificando cada uma destas temáticas e de como O Globo narra a história da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 durante todo o ano, apresenta-se a seguir a análise das marcas da apuração, das marcas de composição do produto e das temáticas das publicações de cada mês. Posteriormente, apresenta-se a análise narratológica da derrota, seguindo os procedimentos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística.

5.4.1 Janeiro a Dezembro de 2014

Em relação à seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, o primeiro mês analisado no corpus desta pesquisa é janeiro de 2014, que apresenta 16 publicações relacionadas à seleção nacional e a Copa. De maneira geral, o conteúdo destina-se a informar os leitores sobre o desempenho dos selecionáveis em partidas válidas por seus clubes. Nota-se uma preocupação em acompanhar, desde o início daquele ano, a performance dos possíveis jogadores convocados por Felipão, assim como a apreensão pela lesão de Neymar e a constante inter-relação com a derrota sofrida em 1950.

No primeiro nível das marcas de apuração, constata-se que sete jornalistas são responsáveis pelas publicações deste mês: Luis Fernando Veríssimo, Pedro Motta Gueiros,

Gian Amato (2), João Máximo (2), Marcos Penido (2), Allan Caldas e Marcelo Alves (2), além de seis textos não assinados. Nove textos possuem apuração interna, seis com apuração externa e apenas um com local de apuração indefinido. Sobre a origem das informações, seis apresentam indefinição, oito expõe informações de primeira mão, uma matéria possui informações de segunda mão (J7) e um conteúdo apresenta informações de primeira e de segunda mão (J8).

As fontes jornalísticas institucionais são utilizadas em quatro textos – o técnico Luiz Felipe Scolari (J2, J3), o jogador William (J2) e o jogador Fred (J1, J5). Além disso, as fontes classificadas como especializadas/comentadoras estão presentes em quatro publicações. Essas fontes são pertencentes ao universo futebolístico, como o ex-jogador Pelé (J4) e o então técnico do Chelsea, José Mourinho (J13). Já as informações de segunda mão se referem a conteúdos de veículos jornalísticos e redes sociais (J7, J8).

Nas marcas da composição do produto identifica-se que fazem parte das publicações deste mês 11 matérias, dois perfis, dois artigos e uma coluna. Além disso, 12 publicações contam com recursos gráficos e visuais, especialmente fotografias, ilustrações e infográficos.

O primeiro conteúdo relacionado à seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 consiste de uma coluna escrita por Luis Fernando Veríssimo em 02 de janeiro (J1). Entre outros assuntos, Veríssimo afirma que já existiam pessoas estudando a tabela e consultando astros e búzios para verificar a possibilidade de uma final entre Brasil e Uruguai, assim como em 1950, classificada pelo colunista como a “derrota do Brasil que ficou atravessada na garganta de uma geração”. Com isso, Veríssimo opina que as condições daquele ano seriam perfeitas para uma desforra 64 anos depois. Assim, para ele, tudo estaria pronto ou para uma “catarse coletiva” ou “para outra tragédia”. Outras publicações (como J4, J8, J10, J12) fazem alusão à Copa de 2014 como forma de superação “do fantasma de 1950”.

Como não poderia deixar de ser, a Copa realizada no Brasil em 2014 permite a rememoração da primeira realizada em território nacional em 1950 e a possibilidade de uma vingança em relação à derrota daquele ano – aqui classificada pelo colunista como tragédia não superada. Isso tem relação com uma característica narrativa explicada por Ricoeur (1995), uma vez que o jornalista-narrador pode valer-se de algumas estratégias que permitem remissões ao passado ou projeções ao futuro, aspectos que podem ser percebidos no texto de Veríssimo. Essa característica é comum às narrativas jornalísticas esportivas que apresentam memórias, resgatando fatos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004). De tal modo, nestas construções jornalísticas o passado se apresenta como uma referência comum

que mantém a coesão interna dos grupos, permitindo a formação de quadros de representação simbólica que realizam a significação do presente (RIBEIRO, 2003).

Em 03 de janeiro, Pedro Motta Gueiros trata do planejamento montado pelo técnico Luiz Felipe Scolari até o final da Copa, com a conquista da taça na agenda brasileira (semifinal e final marcadas no calendário da seleção), o que já indicava um posicionamento otimista da comissão técnica em relação ao desempenho brasileiro (J2). Destacando o triunfo na Copa das Confederações e a recuperação da autoestima, informa que o discurso de Felipão de que o Brasil conquistaria o título mundial começava a ser posto em prática pelo planejamento da CBF. Neste momento, Felipão revela sua convicção de que, jogando no Brasil, não haveria outra alternativa se não ganhar a competição, sobrelevando a obrigatoriedade da conquista.

Em relação aos preparativos iniciais da CBF, O Globo informa que a seleção brasileira faria sua preparação na Granja Comary, em Teresópolis, e que o técnico Felipão pretendia ter um ambiente moderado – um lugar de descanso, de preparo e treino, com boas condições de trabalho e liberdade, ainda que vigiada. A notícia também apresenta as obras que seriam realizadas para maior conforto dos atletas. Dá-se a entender que todas as medidas estavam sendo tomadas a fim de garantir que o Brasil obtivesse o melhor desempenho na competição e a melhor relação com a torcida brasileira.

O Globo sustenta a ideia de que aquela seria “a Copa das Copas” dentro de campo. Segundo Allan Caldas e Marcelo Alves (J12), dentro das quatro linhas os torcedores teriam tudo para ver um Mundial acima da média, não só porque pela primeira vez oito campeões lutariam pela taça, mas também porque muitas seleções chegavam à competição com a sua melhor formação em décadas. Para exemplificar, citam a Argentina de Messi, a Alemanha de Beckenbauer e o Uruguai de Luiz Suárez e Diego Forlán, “para repetir o Fantasma de 50” – em menção à derrota de 1950 e a possibilidade do fato se repetir. Especificamente sobre o Brasil, o artigo apresenta que embora não se igualasse aos esquadrões do passado, a seleção tinha em Neymar um craque com potencial para entrar no panteão do futebol brasileiro, o que já o qualifica como protagonista da narrativa construída pelo O Globo em 2014.

Desde este mês, O Globo acompanha os jogadores que possivelmente seriam convocados por Felipão para representar o país na Copa do Mundo, apresentando resumos das atuações dos selecionáveis no fim de semana europeu, evidenciando que o técnico Felipão teria motivos de satisfação e preocupação. O destaque recai em Neymar, o principal jogador da seleção brasileira em 2014, em virtude de uma lesão no tornozelo direito sofrida durante partida do Barcelona, realizada em Getafe, na Espanha. O fato é noticiado pelo O Globo em 17 de

janeiro, enfatizando que a lesão do “astro da seleção” causava preocupação, especialmente pela proximidade da Copa do Mundo.

Dando continuidade às edições de 2014, analisa-se o mês de fevereiro com um total de 25 publicações. Os textos são assinados por onze jornalistas distintos, com destaque para Fernando Calazans (3), Maurício Fonseca (3), João Máximo (2), Carlos Eduardo Mansur e Jorge Luiz Rodrigues (2), além de oito textos sem assinatura. Há equilíbrio na apuração das informações, já que 13 textos apresentam apuração externa e o restante apresenta apuração interna, predomínio de informações de primeira mão (12 textos) e indefinição em sete. Apenas dois textos possuem informações de segunda mão e quatro se utilizam de informações de primeira e segunda mão. As fontes utilizadas são classificadas como institucionais (dez textos), especializadas/comentadoras (seis textos) e cidadãos (dois textos), com destaque para o técnico Luiz Felipe Scolari como fonte institucional em quatro publicações. Novamente, as fontes especializadas se referem a personagens ligados ao campo esportivo, como os ex-jogadores da seleção Zico e Bebeto (F23) e o goleiro uruguaio Martín Silva (F3).

Nas marcas de composição do produto são identificadas 15 matérias, três colunas, dois perfis, duas entrevistas, duas notas e uma reportagem. Das 25 publicações, apenas seis não apresentam recursos visuais e as demais se utilizam amplamente de fotografias, ilustrações e infográficos.

As temáticas deste mês se referem à 1) performance dos possíveis convocados, 2) expectativa para a “Copa das Copas” e para o hexacampeonato, 3) amistoso com a África do Sul, e 4) personagens brasileiros da história da Copa do Mundo. As publicações continuam a apresentar análises acerca da performance dos jogadores brasileiros, inicialmente acerca da recuperação de Neymar. Contudo, O Globo dá destaque a dois assuntos principais nesta temática: a condição física de Fred e a espera de Felipão pela recuperação do jogador, e a falta de ritmo de jogo do goleiro Júlio César.

Sobre o goleiro, em 01 de fevereiro o jornal noticia que, com o fim da janela europeia de transferência, Júlio César permanecia no Queens Park Rangers (QPR), onde estava há seis meses sem jogar, podendo ser transferido para outro mercado que não o europeu (F2). A partir dessa informação, a nota revela uma preocupação com a inatividade do atleta, uma vez que Felipão já o havia confirmado no grupo que disputaria a Copa. A solução para essa apreensão é publicada em 08 de fevereiro (F7), com a informação de que Júlio César seria transferido do QPR para o Toronto FC do Canadá. Comemora-se que o goleiro da confiança de Felipão poderia adquirir ritmo de jogo, mas a desconfiança volta a rondar a partir da descrição da sua estreia com derrota no Toronto (F19). O Globo indica que o titular da seleção é homem de

confiança de Felipão teria que mostrar muito poder de superação e concentração se pretendia chegar à Copa em forma, voltando a abordar com preocupação a condição física e técnica de Júlio.

No caso de Fred, o jornal destaca as lesões e o processo de recuperação do centroavante, assim como a espera de Felipão, inclusive com o adiamento dos convocados que atuam no Brasil para o amistoso contra a África do Sul a fim de aguardar a recuperação completa do jogador (F10, F12). A matéria de 12 de fevereiro tem como assunto principal a espera por Fred, jogador que receberia um tratamento especial em virtude das contusões, aspecto evidente a partir da retransmissão, título e linha de apoio utilizados: “À espera de Fred; Juntos até o fim; Homem de confiança de Felipão, atacante tricolor, às voltas com contusões, terá tratamento especial, como aconteceu com Ronaldo no Mundial de 2002”. O texto escrito por Maurício Fonseca deixa claro a predileção do técnico pelo atacante, classificando-o como um homem de confiança do treinador, motivo pelo qual Felipão o esperaria até o último momento, com indicativo de que isso aconteceria independentemente das circunstâncias: “O atacante Fred não precisa se preocupar. Se no dia 7 de maio – quando Luiz Felipe Scolari fará a convocação final para a Copa do Mundo – ele estiver respirando, será um dos 23 nomes da lista” (O GLOBO, 12 fev. 2014, matutino, esportes, p. 30).

O drama acerca da busca por um centroavante para a seleção na Copa do Mundo toma conta das páginas esportivas de O Globo no início de 2014. Conforme Carlos Eduardo Mansur em 15 de fevereiro (F13), sem encontrar opções confiáveis, o Brasil, chamado de “país do futebol”, acompanhava com aflição a volta de Fred aos campos após lesão. A matéria comunica que nunca o Brasil havia chegado às vésperas de uma Copa tão dependente de um jogador para desempenhar a função de centroavante, dependência justificada pelo jornalista a partir de dois motivos: primeiro, porque nos últimos anos Fred foi o melhor centroavante brasileiro e talvez tenha sido o único testado e aprovado; segundo, pelo fraco desempenho recente dos potenciais concorrentes ao posto.

Em sua coluna de 19 de fevereiro, Fernando Calazans comenta a atuação de Fred no último treino do Fluminense e a entrevista concedida ao O Globo (publicada em F16). Calazans avalia que o jogador mostrou consciência ao reduzir o drama “exageradamente sensacionalista em que se transformou sua presença na Copa do Mundo”. O colunista expõe sua opinião de que a volta de Fred aos campos adquiriu uma dimensão desproporcional, sendo tratada com exagero, sensacionalismo e drama:

[...] Fred está voltando às atividades normais no Fluminense e no futebol. A novidade, que a princípio parece corriqueira, adquiriu uma dimensão extraordinária. É que, no mundo imaginário do futebol, **Fred virou, de repente, e já com 30 anos de idade, um astro fora do comum e um jogador imprescindível para a seleção brasileira.** Algo que ele jamais tinha sido quando mais jovem e menos propenso a sofrer tantas contusões musculares. [...] **O caso de Fred é tratado com exagero, com sensacionalismo e com uma pesada carga de drama.** O centroavante do Fluminense virou homem de confiança do Felipão e virou o que nunca tinha sido em mais de 10 anos de carreira: um craque que não admite discussões. Com endosso da maior parte da mídia. (O GLOBO, 19 fev. 2014, matutino, esportes, p. 35, grifo nosso).

Além de considerar um exagero a significação do jogador à seleção, Calazans apresenta uma crítica à Felipão ao citar que o técnico não procurava outra opção de formação tática sem a presença de um centroavante fixo, opção que considerava interessante dada a possibilidade de Fred não apresentar sua melhor forma física.

Deste modo, a coluna focaliza o drama criado sobre a presença ou ausência de Fred na seleção. Embora o colunista não cite quais veículos jornalísticos têm dramatizado a situação, O Globo assume certa responsabilidade na forma de tratamento da questão, considerando o enquadramento e o número de matérias publicadas sobre o jogador, sua condição física e a confiança na recuperação. Fica evidente que para o colunista há um desespero infundado sobre a possibilidade de ausência do jogador e a construção equivocada de uma imagem de protagonista indispensável ao Brasil, imagem que não condiz com a qualidade técnica de Fred, sua idade e as constantes lesões. Isto é, aparece aqui um posicionamento crítico de Calazans sobre o modo com que se tratava a questão de Fred como centroavante substancial do Brasil na Copa do Mundo.

Em fevereiro também se sobressaem as declarações otimistas do técnico Luiz Felipe Scolari. Em 08 de fevereiro (F8) divulga uma aula magna realizada pelo técnico a estudantes do Instituto Brasileiro de Direito Público (IDP), em que Felipão esbanja simpatia e confiança na conquista do hexa, afirmando que não havia “nada difícil para ser campeão do mundo” e que o Brasil “seria o primeiro e pronto”. No dia seguinte, Fernando Calazans analisa o discurso do técnico (F9). Indicando o otimismo como prematuro, discorda de certos princípios e filosofias de jogo de Felipão, mas enfatiza seus resultados, vitórias e títulos. O colunista pontua como positiva a exposição de Felipão acerca do trabalho coletivo com Parreira como coordenador técnico, o que revela um elogio à diversidade de pensamentos dentro do grupo brasileiro:

[...] Felipão disse que tem a seu lado uma pessoa espetacular, totalmente diferente da sua forma de pensar e agir, mas que é ótimo porque isso o faz crescer. Foi esse o ponto de que mais gostei, por revelar uma certa humildade do Felipão – sobretudo sendo ele um dos medalhões entre nossos professores –, ao reconhecer que pode extrair aprendizado, pode tirar proveito das ideias de uma pessoa, segundo ele próprio

totalmente diferente da sua forma de pensar e agir. Isso é muito bom, porque retira um pouco da impressão de haver um pensamento único dentro da seleção, como havia por exemplo nos tempos ultrapassados da dupla Dunga e Jorginho. E, de fato, Parreira e Felipão sempre transmitiram, no dia a dia, essa diferença de personalidade. Um mais voltado para o plano racional (Parreira), o outro mais imbuído do espírito emocional que pode elevar, em seus times, a confiança, a certeza e exatamente o otimismo observado na palestra em Brasília (Felipão). (O GLOBO, 09 fev. 2014, matutino, esportes, p. 50).

Outra declaração otimista do técnico é noticiada em 20 de fevereiro (F20). Em um seminário aos treinadores organizado pela Fifa em Florianópolis, Luiz Felipe Scolari mais uma vez repetiu que o Brasil seria campeão – estratégia que o técnico utilizava desde a Copa das Confederações para contagiar a torcida e os jogadores:

[...] Ele não alterou o tom de seu discurso. – Sei que não gostem que eu fale isso. Mas meu Deus... Estou jogando em casa, com os jogadores que tenho, com 12 para entrar em campo (referindo-se à torcida). Se eu não der ao povo a chance de pensar grande, vou falar o que? Vou entrar só para competir? Vamos entrar para ganhar de todas as formas – disse Felipão. (O GLOBO, 20 fev. 2014, matutino, esportes, p. 34).

O texto ainda destaca a dualidade em que se encontrava o técnico: ao mesmo tempo em que envolvia a torcida em um ambiente de otimismo, se preocupava com a privacidade do time e o assédio exagerado, o que justificava a escolha da Granja Comary como local de concentração da seleção.

Essa declaração também é comentada por Fernando Calazans em 21 de fevereiro (F22). Inicialmente, o colunista destaca o bom humor e a simpatia do treinador, embora explique que ele só se comportava assim em dias sem jogos. Calazans avalia correto o tom otimista e confiante, mas discorda e classifica como exagero a garantia dada pelo técnico de que o Brasil seria campeão. A crítica de Calazans se ancora no ocorrido em 1950, uma vez que o próprio O Globo explicara aquela derrota a partir do otimismo excessivo da véspera:

[...] O que considero já um certo exagero é quando ele, ou outra pessoa em torno dele, garante que o Brasil será campeão, ou melhor, que o Brasil será hexacampeão, como se não houvesse futebol em outros países como Alemanha, Espanha, Argentina, Holanda, etc. Aí é um pouco demais, e **me remete, vejam só, à outra Copa do Mundo que houve no Brasil (1950), em que começamos a comemorar de véspera, dentro e fora da seleção, o que nos conduziu à conhecida, e nunca esquecida, tragédia do velho Maracanã**, naquela época novíssimo. Novinho em folha, como aliás este agora. Por favor, sem coincidências, não é? (O GLOBO, 21 fev. 2014, matutino, esportes, p. 37, grifo nosso).

Deste modo, pelos comentários de Calazans nota-se a repreensão aos discursos otimistas e em clima de “já ganhou”, o que relembra a situação vivenciada em 1950 e

identificada pelo O Globo naquela época como uma justificativa para a derrota. Ainda, evidencia-se a construção dramatizada da primeira Copa realizada no país, descrita pelo colunista como uma tragédia nunca esquecida.

Como já havia sido evidenciado em janeiro, Neymar assume protagonismo na equipe brasileira, sendo considerado essencial ao Brasil desde o início de 2014. Na reportagem identificada como F23, Pedro Motta Gueiros dá destaque ao desafio inédito enfrentado por Neymar: um estreante em Copa do Mundo triunfar ao chegar como o craque da seleção. O desafio seria um rito de passagem que confirmaria seu pertencimento ao futebol brasileiro: “O craque está diante de um rito de passagem para confirmar que é herdeiro legítimo da família real do futebol brasileiro. Dentre as grandes estrelas do penta, apenas Pelé e Garrincha conheceram o êxtase logo na primeira vez” (O GLOBO, 23 fev. 2014, matutino, esportes, p. 46).

Ao relembrar os craques brasileiros das competições passadas, o jornalista reafirma que caberia a Neymar o desafio jamais conseguido, já que em nenhuma das campanhas vitoriosas da seleção, o jogador considerado craque do time confirmou a expectativa em sua primeira Copa. A reportagem relembra algumas situações vivenciadas por jogadores brasileiros, como Jairzinho, Amarildo, Bebeto e Ronaldo, e apresenta suas opiniões como fontes especializadas/comentadoras sobre a performance de Neymar. De maneira geral, a reportagem revela o jogador como um depósito de expectativas e das esperanças do hexa. Neymar é representado pelo O Globo como elemento fundamental para a seleção nacional e onde reside maior expectativa para a conquistar a competição.

Apresentando um total de 26 publicações, março de 2014 trata, predominantemente, do amistoso do Brasil com a África do Sul e da expectativa em torno do início da competição. Acerca das marcas de apuração constata-se que os textos são assinados por oito jornalistas: Maurício Fonseca (9), Renato Maurício Prado (3), João Máximo (3), Fernando Calazans (3), Pedro Motta Gueiros (3), Jorge Luiz Rodrigues e Maurício Fonseca (2), Ricardo Vieira Ferreira (1), sendo que dois textos não apresentam assinatura. Assim como no mês anterior, em março também há um equilíbrio, com 15 textos apurados internamente e outros 11 de apuração externa. Neste caso, a apuração externa se dá no acompanhamento da preparação e realização do amistoso com a África do Sul em Johannesburgo. As fontes institucionais são as mais utilizadas, aparecendo em 19 textos, seguida das especializadas/comentadores em três textos. Dentre as institucionais, os jogadores da seleção brasileira são utilizados em nove publicações, além do técnico Felipão e o coordenador técnico Parreira em oito publicações.

Nas marcas de composição do produto se sobressaem as colunas, com oito conteúdos, seguido das matérias (7), reportagens (5), perfis (3), notas (2) e entrevista (1). Das 26 publicações, apenas nove não se utilizaram de recursos visuais. As demais se utilizam de fotografias, ilustrações, infográficos e quadros informativos.

O destaque principal das publicações deste mês se refere ao preparo, realização e análise do amistoso disputado pela seleção brasileira com a África do Sul. Após o relato da viagem da comissão técnica e dos jogadores que atuavam no Brasil para a África do Sul (M1), Maurício Fonseca informa sobre a chegada a Johannesburgo e o sentimento unânime de confiança entre os selecionados (M4), influenciados pelo discurso otimista de Felipão. A matéria cita Fred e Júlio César como homens de confiança de Felipão por obterem apoio irrestrito do treinador, embora lembre que Fred estava há quase seis meses afastado por causa de problemas musculares e Júlio César ficou inativo por um longo período. Deste modo, ao tratar da chegada dos brasileiros ao país, centraliza os mesmos três aspectos percebidos nas publicações de fevereiro: a confiança de Felipão em Fred e Júlio César e o otimismo do técnico sobre a conquista brasileira.

O treino para o único amistoso da seleção antes da convocação para a Copa é o evento retratado na edição de 05 de março (M5), momento encarado como a última impressão e a prova final para a equipe. Maurício Fonseca indica que a partida entre Brasil e África do Sul não seria apenas mais uma etapa de preparação, mas um “derradeiro teste antes da convocação para o Mundial” que serviria para Felipão desfazer suas últimas dúvidas. O texto informa que dos 19 jogadores convocados para o amistoso, apenas o lateral Rafinha e o volante Fernandinho, chamados pela primeira vez, ainda precisavam mostrar condições de estarem na lista final, além de Fred que deveria mostrar se estava livre dos problemas musculares. Mais uma vez O Globo dá ênfase à confiança de Felipão em relação ao centroavante e a resposta que ele deveria dar dentro de campo para corresponder tais expectativas.

O drama em relação à presença de Fred na Copa continua até a realização do amistoso. A goleada de 5 a 0 do Brasil é noticiada em matéria escrita por Maurício Fonseca, na edição de 06 de março, um dia após a partida, com destaque para as atuações de Fernandinho e Neymar (M7). O jornalista avalia que o bom ambiente da seleção era um trunfo de Felipão, dada a união do grupo. Em outra publicação do mesmo jornalista acerca do amistoso (M8), a linha de apoio da reportagem evidencia que o placar igual ao número de títulos mundiais lembrava que a seleção precisava de mais para celebrar o hexa, indicando a adoção de um discurso comedido em relação à possibilidade de conquista do campeonato. Como nas matérias e reportagens de jogos e amistosos em 1950, a reportagem apresenta um infográfico com as avaliações das

atuações dos jogadores brasileiros, atribuindo a eles uma nota e uma breve descrição. A maior nota é a de Neymar, com 8,5, seguida da palavra-chave “facilidade” e do comentário: “com categoria e oportunismo, marcou três gols e poderia ter feito outros”. As piores atuações são de Dante, Daniel Alves e Luiz Gustavo, ambos com nota 5,0.

Deste modo, a narrativa do único amistoso que antecede a convocação final dos jogadores para a Copa do Mundo caracteriza-se pela descrição da atuação satisfatória e superior dos brasileiros, assim como a avaliação subjetiva do desempenho de cada um. Embora o Brasil tenha goleado a África do Sul, O Globo assume um posicionamento cauteloso, demonstrando que ainda havia um longo percurso para se chegar ao hexa – e o resultado da partida seria uma coincidência que indica isso, “faltava o sexto”.

Em sua avaliação da partida, Renato Maurício Prado apontou que a seleção estava pronta para o Mundial e que aquele era o melhor Brasil dos últimos anos, elogiando o trabalho de Felipão e Parreira, uma vez que conseguiram “montar um escrete forte, digno de ser apontado como um dos favoritos ao título” (O GLOBO, 07 mar. 2014, matutino, esportes, p. 30) (M10, M11). No entanto, o colunista avalia que o calcanhar de Aquiles do grupo era o comando do ataque, o que já havia sido tratado pelo O Globo nas matérias anteriores sobre a recuperação de Fred. Segundo Prado, Fred estava fora de forma e Jô não empolgava, caso precisasse ser titular absoluto. Assim, o colunista mantém o discurso notado em outras publicações do jornal, isto é, a necessária convocação de Fred e o drama para sua recuperação a tempo: “Urge orar para que o artilheiro do Fluminense [Fred] se cuide até a convocação final e, na Granja Comary, recupere a forma exibida na Copa das Confederações” (O GLOBO, 07 mar. 2014, matutino, esportes, p. 30). Já Maurício Fonseca destaca a atuação de Júlio César no amistoso (M16), readquirindo ritmo de jogo e retribuindo a confiança de Felipão e da comissão técnica.

É comum nos conteúdos publicados pelo O Globo no mês de março de 2014 matérias que detalham as trajetórias dos jogadores (temática 3). A capa da editoria de Esportes de 16 de março aborda as qualidades técnicas do jogador Paulinho, descrito como um volante artilheiro, capaz de atacar e marcar com eficiência (M20). A matéria narra uma trajetória de superação do jogador que chegou a pensar em desistir do futebol após frustrante passagem pela Europa e volta ao Brasil, onde recomeçou sua carreira no Pão de Açúcar, clube que na época disputava a quarta divisão do futebol paulista, até chegar ao Corinthians e, em 2014, ao Tottenham da Inglaterra. São despendidos elogios à regularidade do jogador e aos gols decisivos marcados.

Já na edição de 23 de março, O Globo dá destaque ao jogador Hulk, narrando as adversidades enfrentadas na carreira, seu valor e importância para a seleção brasileira (M22).

Revelando ansiedade para o início da Copa, o jornal expõe que Hulk estava motivado pela união com a torcida: “A comunhão entre torcida e jogadores que embalou a seleção durante a Copa das Confederações é o que Hulk espera encontrar nos jogos que o Brasil fará na Copa do Mundo. Não importa em que cidade seja a partida” (O GLOBO, 23 mar. 2014, matutino, esportes, p. 42). Do mesmo modo que Paulinho em matéria anterior – para ele, se a torcida apoiasse a seleção como fez na Copa das Confederações seria difícil o Brasil não conquistar o título (M20) –, Hulk também cita a torcida como elemento fundamental para o desempenho dos jogadores e exemplifica com o apoio recebido na Copa das Confederações, entendido como decisivo para a conquista.

A narrativa em torno da história de vida dos jogadores viabiliza uma aproximação do torcedor que, em certa medida, andava afastado da seleção. Conforme Brinati (2016), um dos motivos da queda de identificação do torcedor com a seleção seria o fato de os jogadores irem cada vez mais cedo para clubes do exterior. Por isso, os textos de O Globo visam desconstruir esse afastamento, criando narrativas que demonstram situações de dificuldades, “onde o sofrimento deles seria superior às vantagens de se transferir para o exterior” (BRINATI, 2016, p. 211-212). Por isso, a contação das trajetórias dos atletas brasileiros buscava essa reaproximação com o torcedor, amenizando as rejeições que haviam sido sustentadas pelas manifestações contrárias à realização da Copa no país.

Outro jogador que aparece nas páginas de O Globo em março é Neymar e a fase vivida no Barcelona, com a polêmica em torno do real valor de sua transferência e a pressão negativa dos jornais espanhóis (M21). De acordo com O Globo, a situação causava apreensão entre os integrantes da comissão técnica, já que o principal jogador da seleção não poderia estar abatido na reta final de preparação.

A expectativa para a “Copa das Copas” também é abordada em março, presente em sete publicações. Em 04 de março, há 100 dias do início da competição, O Globo passa a publicar um cabeçalho de contagem regressiva com as cores da bandeira brasileira na capa da editoria Esportes. Neste dia, a reportagem escrita por Pedro Motta Gueiros trata da dualidade vivida pelo país: entre o entusiasmo de alguns e a insatisfação de outros; e a estreia do Brasil em São Paulo, onde a seleção colecionava “mais demonstrações de hostilidade do que atuações memoráveis” (M4). Paulo César Lima, o Caju, e Ricardo Rocha apresentam suas considerações duais sobre a seleção e a Copa do Mundo. Caju critica o trabalho de Felipão e Parreira, afirmando não torcer para a seleção, o que expõe a falta de identificação de parte dos brasileiros com a seleção:

Ao ver no time do técnico Luís Felipe Scolari e do coordenador Carlos Alberto Parreira a derrota do jogo bonito, Caju revela seu tom mais azedo em busca da doçura perdida: – Tenho horror dessa seleção, não quero ver, prefiro Alemanha, Barcelona, Argentina. Não vou torcer para Felipão e Parreira. Falei isso para o Parreira sem qualquer ofensa num encontro que tivemos na França. Com o pragmatismo de 94 somado à escola gaúcha do Felipão, a gente vai ficar nisso aí: oitenta faltas e passes errados por jogo. [...] Hoje não tem bola. O país vive uma fase de gente medíocre na música, no futebol, na arte e na política – disse Paulo César, lembrando que guardiões da identidade do futebol brasileiro não têm convite para a festa. (O GLOBO, 04 mar. 2014, matutino, esportes, p. 24).

A reportagem enfatiza que, até aquele momento, o maior legado da Copa eram as manifestações e que, ao fim dos 100 dias, torcia para que o povo brasileiro celebrasse as conquistas no campo do esporte e da cidadania:

Por ora, o maior legado da Copa são as manifestações. Embora a fiscalização tenha que se dar antes, durante e depois da Copa, agora que a contagem regressiva foi instalada, a rejeição ao evento serve para duplicar o prejuízo. Se já não se pode reverter os investimentos para áreas essenciais, ainda é possível preservar a vocação para o esporte, para a celebração e para o turismo. Seja para atacar ou para defender a Copa, quem aponta o dedo e a responsabilidade se esquece de que o problema e a solução começam dentro de cada um. [...] Seja pela polarização intolerante das discussões ou pelo estágio das obras, o atraso salta aos olhos. Quando a regressiva chegar ao fim, o país dividido se defrontará consigo mesmo com quem se olha no espelho. Diante da confusão estabelecida, só restar torcer para que as multidões celebrem conquistas no campo do esporte e da cidadania. Nos gramados ou nas ruas, quem estiver mascarado terá que prestar contas. Faltam cem dias para o Brasil mostrar a cara. (O GLOBO, 04 mar. 2014, matutino, esportes, p. 24).

A reportagem apresenta uma argumentação acerca da inutilidade da rejeição ao evento, havendo, com a proximidade do início, a necessidade de colher benefícios no campo esportivo e turístico. Neste sentido, o texto desaprova as manifestações contrárias à realização da Copa do Mundo para que os prejuízos não fossem maiores, buscando criar no público leitor a simpatia e o interesse pela trajetória brasileira na competição.

Essa dualidade também aparece na coluna de Renato Maurício Prado, publicada em 09 de março (M17). O colunista trata da existência de “duas Copas distintas”. A primeira refere-se à preparação e organização do Brasil como sede do megaevento esportivo – segundo ele, marcada por uma organização caótica, estádios atrasados e superfaturados, aeroportos não reformados a tempo, uma Copa já perdida. A segunda Copa é a disputada dentro de campo. Para o colunista, torcer contra a seleção nacional não fazia sentido enquanto crítica aos problemas da realização da competição no Brasil:

[...] A que ainda pode ser ganha – e aí, sim, temos boas chances – é a dos gramados. E que, na verdade, em nada deve absolver os absurdos cometidos na ‘outra’ (da realização). **Será injusto torcer contra o time de Felipão, por causa dos**

incontáveis desmandos na organização. Assim como será tolo ignorar tudo que foi feito de errado, **no caso de levantarmos o caneco em casa, exorcizando, enfim, o até então inesquecível fantasma de 50.** Protestos são esperados durante o Mundial e normais numa democracia, desde que pacíficos e ordeiros. **Mas transformá-los em torcida para a derrota da nossa seleção não faz o menor sentido.** (O GLOBO, 09 mar. 2014, matutino, esportes, p. 44, grifo nosso).

Deste modo, nota-se a crítica em relação à realização da Copa no Brasil devido aos problemas de organização e a manifestação de incentivo à seleção brasileira em campo – o que revela a dualidade do momento vivido e da própria expectativa sobre a Copa do Mundo no Brasil (já enfatizado em M4). Contudo, o que é possível perceber é o esforço de O Globo em orientar a torcida em relação ao incentivo à seleção, argumentando acerca da improficuidade de rejeitar o evento e a equipe nacional. Também se destaca a citação de que a vitória em 2014 serviria como superação de 1950, como forma de exorcizar o fantasma inesquecível que representou aquela derrota.

Ainda em relação a essas expectativas, O Globo dá ênfase aos protagonistas da Copa do Mundo, apresentando números que mostravam que Neymar poderia ser mais decisivo que Messi e Cristiano Ronaldo (M14), o que reforça a construção dele como protagonista da narrativa e pretende aproximar o torcedor brasileiro da seleção ao comparar Neymar com jogadores mundialmente reconhecidos e exaltados. O texto indica que embora os dados não fossem suficientes para classificar jogadores ou apontar tendências para a Copa, eles serviam para reforçar a importância do brasileiro na seleção. Essas estatísticas também apresentam um parecer negativo para o Brasil: o isolamento ofensivo da seleção e a dependência em Neymar. Deste modo, a reportagem oscila entre a confiança e a incerteza na situação da equipe – a confiança no desempenho de Neymar e a incerteza em Fred aliada à carência ofensiva da seleção.

Cada vez mais próximo do início da Copa do Mundo no Brasil, as publicações de O Globo em abril de 2014 somam 19 conteúdos jornalísticos, abordando as performances dos jogadores, com destaque à nova lesão de Neymar e a preocupação em relação às suas constantes contusões, além do otimismo de Felipão diante da proximidade da data a ser divulgada a lista dos convocados.

Nas marcas de apuração constata-se que oito textos não foram assinados, enquanto outros onze possuíam as seguintes assinaturas: João Máximo (2), Carlos Eduardo Mansur (2), Pedro Motta Gueiros (2), Renato Maurício Prado (1), Fernando Calazans (1), Carol Knoploch (1), Gian Amato (1), Jorge Luiz Rodrigues e Maurício Fonseca (1). Com poucas exceções, os textos publicados sobre a temática possuem os mesmos jornalistas-narradores durante os quatro

primeiros meses de 2014. A apuração interna se sobressai em 14 textos, enquanto a apuração externa foi realizada em apenas cinco. Em oito publicações não foi possível identificar a origem das informações, dez se utilizam de informações de primeira mão e um texto fez uso de informações de primeira e segunda mão. Especificamente nos textos com informações de primeira mão, nove apresentam fontes institucionais – com predominância do técnico Felipão – quatro apresentam fontes especializadas/comentadoras e uma publicação se utiliza de fonte cidadã.

Nas marcas de composição do produto verifica-se nove matérias, quatro notas, três colunas, dois perfis e uma entrevista. Oito publicações não fizeram uso de nenhum recurso adicional ou visual, mas as demais expuseram fotografias, ilustrações, quadro e infográfico. O infográfico foi utilizado para apresentar o local da lesão de Neymar (A9) e o quadro para dispor as notas dos jogadores brasileiros em partida do Paris Saint-Germain (PSG) com o Chelsea (A2).

A temática que mais concentra publicações em abril se refere às trajetórias e performances dos jogadores brasileiros, em que O Globo trata de aproximar os jogadores da seleção com a torcida, incentivando o apoio na Copa do Mundo. A primeira trajetória narrada é do jogador Paulinho (A1), abordando o seu processo de afirmação no Tottenham como meio de chegar mais forte à seleção e das dificuldades enfrentadas. A partir das perguntas de O Globo, nota-se o elogio ao crescimento no desempenho dos jogadores sob o comando de Felipão e a maturidade da equipe, apesar da idade dos atletas.

Outro personagem que ganha destaque neste mês é o centroavante Fred (A16). Sob o título “Homem-gol”, a matéria escrita por Gian Amato enfatiza a boa fase de Fred no Fluminense e sua promessa de empenho total para ganhar a Copa. O texto retoma o percurso do jogador na seleção brasileira, seu esforço e amadurecimento, a fim de transformar-se em um líder necessário para o Brasil:

Entre uma Copa do Mundo e outra, é preciso respeitar o intervalo de quatro anos para um jogador ter a chance de ser chamado novamente. A agonia de Fred durou o dobro. Ele foi esquecido quase tão rápido quanto o gol marcado em 2006, no Mundial da Alemanha [...]. Enquanto respeitava a marcha lenta do passar dos anos, Fred diz ter amadurecido ao ponto de desejar ao povo brasileiro o mesmo sentimento que ele perseguiu ao confrontar as organizadas para poder jogar em paz: tranquilidade. Diante da pressão, Fred precisou criar uma armadura, um personagem no qual interpreta o jogador e o líder que a seleção e o Fluminense esperam que ele seja. (O GLOBO, 25 abr. 2014, matutino, esportes, p. 38).

O Globo descreve o comportamento do jogador, qualificando-o como “calmo, com a fala ponderada, e seletivo na escolha das palavras”. A publicação afirma que Fred era o primeiro

a abrir um abismo em relação aos artilheiros consagrados, sendo provavelmente o único jogador de clube brasileiro entre os titulares a atuar na abertura da Copa do Mundo. De maneira geral, a matéria revela a boa fase de Fred, a superação das lesões para a volta à seleção e o otimismo do jogador em fazer uma boa atuação na Copa do Mundo, pedindo apoio e tranquilidade para a torcida.

Em abril as publicações continuam a descrever e analisar as atuações dos jogadores brasileiros em seus clubes. Além de noticiar a viagem de Felipão e parte da comissão técnica à Europa para observação dos brasileiros que poderiam estar na convocação final (A2, A3), outro assunto que ocupa as páginas do jornal é a nova lesão de Neymar (A9, A10, A11, A13). Em 18 de abril, O Globo informa sobre um edema no pé esquerdo que afastaria o atacante brasileiro dos campos de três a quatro semanas (A9). Para explicar a lesão, O Globo apresenta as declarações do médico da seleção José Luiz Runco e do chefe médico do Comitê Organizador da Rio-2016, o ortopedista João Grangeiro como fontes especializadas/comentadoras.

Além de dar destaque à lesão do jogador, também aborda a pressão exercida pela imprensa da Espanha, o que preocuparia duplamente a torcida brasileira em relação à sua preparação para a Copa. Nos dias seguintes, O Globo acompanha o início da recuperação do jogador: a chegada ao centro de treinamento do Barcelona para iniciar o tratamento (A11) e a diminuição do tempo de recuperação para 20 dias (A13).

Outra temática presente neste mês é a confiança do técnico brasileiro no hexacampeonato e na lista de convocados. Em 16 de abril, O Globo expõe que Felipão já estava com a lista dos 23 convocados pronta e com o time titular na cabeça (A8). Entretanto, a ênfase está na confiança inabalável do treinador em Neymar e Fred, apesar dos momentos conturbados que os dois jogadores enfrentavam em seus clubes:

Fred parece ter vencido as lesões, mas um misto de atuações ainda abaixo de seu potencial e o histórico de um relacionamento conturbado com parte da torcida do Fluminense ainda não o fizeram convencer plenamente a arquibancada. Neymar, por sua vez, chegou a ouvir vaias, ainda que tímidas, no Barcelona. Passou pelo encantamento inicial, depois encarou a desconfiança, lidou com a polêmica em torno do valor da transferência e, agora, vê o time viver um dos piores momentos da história recente. Os atacantes da seleção brasileira têm tudo, menos uma temporada tranquila no ano da Copa do Mundo. Mas nada parece abalar a irrestrita confiança do técnico Luiz Felipe Scolari. (O GLOBO, 16 abr. 2014, matutino, esportes, p. 34).

De acordo com a publicação, o técnico via Neymar como vítima de uma conspiração da imprensa espanhola para desestabilizá-lo às vésperas do Mundial. Acerca de Fred, Felipão afirma que a sua confiança no jogador nunca havia mudado. Neste sentido, o que fica evidente

é a exposição do jornal sobre a segurança do técnico em relação aos dois, revelando não haver preocupação sobre eles.

Em maio de 2014, O Globo publica 89 conteúdos e dá destaque à convocação dos jogadores brasileiros e à fase final de preparação na Granja Comary, com ênfase na apresentação dos convocados e no início das atividades na concentração, assim como as expectativas dos jogadores e da comissão técnica, especialmente do técnico Felipão. Neste mês se inicia a publicação de dois cadernos especiais: Brasil 2014 e História das Copas. No caderno especial Brasil 2014, publicado em 13 de maio, são expostas pautas sobre a preparação da Copa do Mundo no Brasil, como as construções, reformas, manifestações, greves e as seleções que disputariam a competição. Já o caderno História das Copas, publicado em quatro episódios, reconta as principais memórias da seleção brasileira em Copas do Mundo.

Acerca das marcas de apuração identifica-se 26 conteúdos sem assinatura e as demais publicações assinadas por 22 jornalistas distintos: Maurício Fonseca (com 15 textos), Fernando Calazans (com dez) e Renato Maurício Prado (com sete) são aqueles com mais predominância. Em 57 publicações O Globo realiza apuração externa e em 31 publicações apuração interna, apenas um texto apresenta indefinição em relação ao local de apuração. A apuração externa ocorre principalmente no início da preparação da seleção na Granja Comary, em Teresópolis. Nestas publicações predomina a indefinição em relação à origem das informações (43 textos), seguido do uso de informações de primeira mão (38 textos), informações de segunda mão (7 textos) e de um texto que utiliza informações de primeira e segunda mão.

No que se refere ao uso de informações de primeira mão destaca-se as fontes institucionais como as mais acionadas, com predomínio dos jogadores da seleção (16 textos), do técnico Felipão (12) e do auxiliar técnico Parreira (4). Também estão presentes as fontes especializadas/comentadoras, em dez publicações, as fontes cidadãos em quatro e as fontes do Poder Público em apenas um texto. Sobre as informações de segunda mão destaca-se o amplo uso de informações publicadas pelos jogadores em redes sociais, como o Facebook e o Instagram (MA13, MA37, MA46, MA47).

Na segunda etapa de análise, as marcas de composição do produto, constata-se que a maioria das publicações é matéria/notícia (45), seguido da coluna (21), nota (11), entrevista (6), reportagem (3), perfil (2) e infográfico (1). Das 89 publicações, 30 não se utilizam de recursos visuais, sendo que 44 textos usam apenas uma fotografia para ilustrar o fato narrado. Além das fotografias, algumas publicações também apresentam ilustrações, infográficos e quadros informativos.

A divulgação e análise da lista de convocados da seleção nacional para a Copa do Mundo é uma das temáticas recorrentes deste mês, com 26 publicações. Ao desenvolver análises sobre os atletas convocados por Felipão e ao apresentar entrevistas com fontes institucionais e especializadas sobre o tema, algumas preocupações aparecem como centrais para o periódico: a falta de experiência em Copas do Mundo dos jogadores convocados e o protagonismo de Neymar como principal jogador do elenco brasileiro, apesar de ser um estreante em Mundiais.

Um dia antes do anúncio oficial dos convocados, O Globo prescreve os possíveis jogadores que estariam na lista de Felipão (MA5). Com o título “Família testada”, a publicação indica que o conceito de família, marcante na campanha de 2002, não desapareceu do trabalho de Felipão, já que a seleção deveria ter em cada posição os jogadores mais vezes convocados pelo treinador nos 15 meses desde sua estreia, em fevereiro de 2013. Dos 49 jogadores convocados por Felipão desde 2013, a matéria informa que Neymar era o único a jogar todas as partidas e quem fez mais gols (13), o que aponta para o protagonismo do jogador.

A construção da ideia de “família Scolari” é apresentada também por Fernando Calazans (MA18) ao argumentar que o espírito familiar que conduzia a seleção de 2002 permanecia no trabalho realizado por Felipão, já que ele e os convocados mantinham uma relação próxima e cotidiana. Do mesmo modo, Calazans reitera a importância e o protagonismo de Neymar ao afirmar que torcia “para que os deuses do futebol estivessem sempre ao lado dele”, revelando a expectativa em torno do jogador como elemento-chave do Brasil para a conquista do hexacampeonato.

Em 07 de maio, exposta na capa da editoria de Esportes, a matéria informa sobre a divulgação da lista final de convocados para a Copa do Mundo que seria realizada naquele dia, às 11h30, diante de 700 jornalistas de mais de 20 países, em uma casa de shows (MA11). De acordo com o Globo, isso dava a ideia da grandiosidade e da realidade que esperava a seleção brasileira: estar sempre no centro das atenções e sob pressão. Neste dia dá-se fim à expectativa pela lista dos convocados. Por isso, a editoria de Esportes de 08 de maio dá destaque aos 23 jogadores que representariam o Brasil na Copa do Mundo realizada no país. A matéria intitulada “Os 23 de Felipão” informa que estava nos pés e mãos de 23 jovens entre 21 e 34 anos – 17 deles estreantes em Mundial e apenas cinco remanescentes da Copa de 2010 – a responsabilidade de conquistar a Copa do Mundo no Brasil (MA12). Os convocados foram: Goleiros – Júlio César, Jéfferson e Victor. Zagueiros – Thiago Silva, David Luiz, Dante e Henrique. Laterais – Daniel Alves, Marcelo, Maicon e Maxwell. Meio-campo – Paulinho, Luiz Gustavo, Oscar, Ramires, Hernanes, Fernandinho e Willian. Atacantes – Hulk, Fred, Neymar,

Jô e Bernard. O jornal também publica um infográfico que analisa o desempenho dos convocados (MA14).

As publicações ressaltam a pouca experiência dos convocados em Mundiais. Carlos Eduardo Mansur informa que o grupo tinha apenas seis jogadores que já disputaram a Copa, número igual a 1970 e 2002 (MA15). O jornalista dá destaque para as declarações de Felipão de que o desempenho dos jogadores supriria a falta de experiência e o pedido de compreensão para os jornalistas em relação à preservação dos jogadores, especialmente de Neymar:

[...] Em seguida, Felipão disse que a realidade atual de seus convocados pode suprir a falta de familiaridade com a Copa. – Eles jogam em ligas europeias importantes, estão ganhando vivência. Seria importante um pouco mais de experiência, mas acho que não fará falta. Em especial porque conheço bem estes jogadores e sei como se comportam – disse. Ninguém simboliza de forma tão clara o grupo de jogadores jovens sob grande responsabilidade quanto Neymar. E o craque, novamente, será ‘blindado’. – Vocês (jornalistas) podem ajudar entendendo que não deve participar de todas as entrevistas. Devemos preservar jogadores em alguns momentos, tratar como pai. No Barcelona, não discuto a posição do Neymar. Cabe ao Tata Martino. Aqui, ele tem papel diferente. Tem responsabilidade maior na criação, é capaz de improvisar mais do que outros, e trabalha para o grupo – disse Felipão. (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 3).

Da mesma forma, MA28 trata da idade e da falta de experiência dos convocados, já que a maioria estava na faixa dos 30 anos e jogaria seu primeiro Mundial. Dados como a média de idade, o número de jogadores que jogam no país, que estreiam com Felipão e são remanescentes de 2010 são publicados junto ao texto. A ênfase dada à convocação é a falta de experiência de 17 jogadores, estreantes em Copa do Mundo, assim como a média de idade de 28,2 anos, números semelhantes aos dos Mundiais de 1958, 1970 e 2002, quando o Brasil se sagrou campeão.

De modo geral, há uma aprovação do jornal aos convocados por Felipão, por entender que aqueles eram os melhores jogadores brasileiros, e um reforço em relação à dependência à Neymar. Com o título “Sem contestações. É o que temos” (MA19), Renato Maurício Prado opina que o grupo convocado era o que havia de melhor e era formado por bons jogadores, alguns ótimos, mas que fora de série mesmo o Brasil só possuía Neymar, deixando para ele a responsabilidade de a seleção conseguir bons resultados na competição: “Se ele desequilibrar, a seleção disputará a Copa com boas chances de vitória. Se tiver atuações opacas, dificilmente iremos longe” (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 3). O colunista opina que essa “dependência gigantesca” de Neymar preocupava e que, comparando com a equipe de 2002, notava-se “o enorme declínio técnico” pelo qual passava o futebol brasileiro. Neste sentido, o

colunista concorda com a convocação, mesmo que evidencie preocupação com a dependência a Neymar, entendido como o único jogador destoante no que se refere à qualidade técnica.

Fernando Calazans também apresenta uma avaliação da convocação, afirmando que poderia discutir uma ou outra preferência, especialmente para a reserva, mas nada que comprometesse o resultado final, até porque, segundo ele, não havia jogadores melhores que os convocados (MA34). A comparação com a equipe de 2002 reaparece nesta coluna, quando Calazans reconhece que em 2014 o nível dos jogadores era inferior, assim como a dependência em relação à Neymar. Neste sentido, os colunistas estabelecem uma avaliação conformista acerca dos convocados.

A comparação com a seleção de 2002 é recorrente nas publicações sobre os convocados (MA5, MA15, MA18, MA19, MA21, MA28, MA34, MA35). Em sua coluna de 09 de maio (MA35), Fernando Calazans compara o time campeão da Copa das Confederações com a seleção de 2002, evidenciando que o goleiro atual estava à altura e a zaga era melhor, mas o restante do time era inferior, em virtude da falta de formação de homens de criação nas categorias de base. A única exceção citada pelo colunista é Neymar, por isso afirma que a seleção dependia do jogador:

De 2002 para cá, ou seja, neste início de século, **nosso futebol perdeu em qualidade, nossas categorias de base e seus treinadores passaram a formar mais zagueiros e volantes do que homens de criação**. Sofremos sobretudo com a falta de armadores, de jogadores que pensam, que raciocinam, que têm visão do campo para escolher o melhor passe, a melhor jogada, a melhor opção. [...] **A exceção, ou seja, o nome que sucede, no setor de criação e de ataque, aos craques que tivemos outrora é, como todos sabem, Neymar. Rigorosamente, o único. É dele que dependemos, é dele que Felipão e os companheiros dependem para criar uma jogada diferente de craque**. Nem mesmo Neymar é um craque como os melhores que tivemos no passado. Ele é o que pode chegar lá, ou o que pode chegar mais perto. E a seleção atua como um todo, mesmo sem ser aquela campeã do mundo de 2002, também pode chegar lá na Copa do Mundo, como chegou na Copa das Confederações. É um percurso mais longo, mais árduo, mais adverso, mas ela pode. (O GLOBO, 09 maio 2014, matutino, esportes, p. 33, grifo nosso).

Embora cite a carência de grandes craques na seleção, com exceção de Neymar, o colunista mantém uma perspectiva otimista de que a equipe poderia vencer a competição, embora isso ocorresse de maneira mais árdua do que em 2002, em virtude da diferença da qualidade técnica dos jogadores convocados.

Essa crítica à qualidade dos jogadores também é evidente na coluna de Paulo Cezar Caju (MA26), embora de maneira mais eloquente. O colunista critica a falta de uma “cabeça pensante” na seleção e as escolhas de Felipão, o que o fazia não ter ânimo para torcer,

evidenciando a falta de identificação com a equipe nacional. Aqui, a ideia da “família Scolari” é apresentada de maneira negativa:

Faltou uma cabeça pensante na convocação do Felipão. A seleção não pensa, corre. **Fica muito difícil torcer. Não me animo em torcer, sinceramente.** Valeria muito a comissão técnica ter investido num trabalho especial com o Ganso, este, sim, um craque. Lembra Gérson, Didi, sabe olhar o campo, toca de primeira, sabe lançar, dá gosto vê-lo jogar. [...] **Um exemplo de que a convocação é uma grande família e não um grupo de verdadeiros craques é a absurda convocação de Henrique.** Como deixar o Miranda de fora????? E os laterais sulistas Maicon e Maxwell??? Os técnicos puxam a sardinha para o lado dos seus, regionalizam as seleções. O Jefferson é o melhor goleiro, e o titular Júlio César na minha seleção perderia a vaga para Fábio, do Cruzeiro. Daniel Alves e Marcelo, ok!!! **Jô e Hulk, sinceramente, não vou entender nunca! Nunca!!!!!!! Não são jogadores de seleção. Definitivamente!!!!!! Essa seleção não me convence,** mas se a tendência do futebol é essa, pior para todos nós. (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 5, grifo nosso).

Deste modo, Paulo Cezar Caju faz críticas veementes ao grupo convocado e ao próprio Felipão por regionalizar a seleção, afirmando inclusive que a equipe não o convencia. O colunista deixa claro que substituiria a titularidade de alguns, convocaria jogadores que não foram chamados e deixaria outros de fora da lista, pois não os entendia como jogadores de seleção. Além das palavras suficientemente claras que permitem a compreensão do discurso enquanto crítica, o uso excessivo de pontos de interrogação e exclamação demonstra a indignação e o desacordo do colunista. A crítica à convocação de Henrique, baseada na ideia de que ele faria parte da “família de Felipão”, também está presente na coluna de Renato Maurício Prado (MA31) quando afirma que o jogador “fez sólida amizade com Scolari”. Nesta perspectiva, critica-se a aproximação amigável do técnico com os jogadores, como se isso por si só conduzisse a convocação de alguns.

Após a convocação inicia-se a fase preparatória da seleção na Granja Comary, temática sobressalente em 26 publicações de maio. Além do plano alimentar dos jogadores (MA9) e do acompanhamento psicológico (MA82), O Globo também apresenta a condição física, salientando que como 18 atletas estavam desgastados com o final da temporada na Europa, a seleção teria uma preocupação especial com a recuperação nos primeiros dias de concentração (MA22). Antes do início das atividades, o jornal divulga o aviso de Felipão em relação ao acesso restrito à Granja Comary, informando que as visitas à concentração seriam controladas e nem mesmo parentes de jogadores, patrocinadores ou empresários teriam livre trânsito (MA25). De acordo com a matéria, as medidas visavam não repetir o que ocorreu na Copa de 2006, quando havia um clima de “oba-oba” na concentração e grande assédio aos jogadores.

A saída da seleção brasileira do Rio de Janeiro para a Granja Comary é noticiada na edição de 27 de maio (MA57). O destaque é dado ao fato de que no primeiro dia de preparação, os jogadores foram hostilizados por manifestantes na saída do RJ. Já a chegada dos jogadores à Granja Comary é permeada de otimismo e confiança. Os primeiros elementos da matéria escrita por Maurício Fonseca (MA56) enfatizam a convicção da comissão técnica em relação à conquista do hexacampeonato: ‘Campeão chegou’ (título); Parreira diz que Mundial começa a ser conquistado fora de campo, exalta o planejamento da seleção e garante: ‘Estamos com uma mão na taça’ (linha de apoio).

Deste modo, O Globo apresenta que Carlos Alberto Parreira apresentou um comportamento totalmente atípico. “Quase sempre comedido, discreto, avesso a declarações bombásticas”, Parreira fugiu do seu estilo ao conversar com os jornalistas no primeiro dia da reta final da preparação. Isso porque em sua declaração excessivamente otimista, Parreira comentou que se dependesse da organização, o Brasil seria campeão:

Ao ser perguntado sobre o que teria aprendido com os sete mundiais de que participou, o técnico tetracampeão do mundo não se fez de modesto. **Disse que o planejamento é fundamental e que, se depender de organização, o Brasil dificilmente deixará de conquistar o hexacampeonato.** – Pela experiência que tenho neste tipo de competição, posso afirmar que você começa a ganhar a Copa fora de campo. E isso não é uma tarefa fácil. Envolve logística, planejamento, relacionamento com torcedores, com a imprensa, um bom ambiente de trabalho. E isso nós já temos. **Estamos com uma mão na taça** – afirmou Parreira na entrevista coletiva realizada ontem na Granja Comary. (O GLOBO, 27 maio 2014, matutino, esportes, p. 31, grifo nosso).

Ainda, a matéria divulga que Parreira ressaltou o favoritismo brasileiro, prometendo que o Brasil não desperdiçaria a chance de vencer em casa, afirmando que “o campeão chegou”. Neste sentido, desde então, as declarações da comissão técnica acerca da certeza sobre a conquista brasileira ocupam as páginas do jornal.

Em 28 de maio realiza-se a primeira atividade no campo da Granja Comary pelos goleiros da seleção Júlio César, Jefferson e Victor, quando houve o teste da Brazuca, a bola oficial da Copa de 2014 (MA64). No dia seguinte, ocorre o primeiro dia de treino com bola de toda a equipe (MA67). O título da matéria – “Pares de uma família” – indica que a atividade realizada em duplas, com base na afinidade entre os jogadores, fortalecia o sentimento de família entre o grupo brasileiro. Permeado de subjetividades provenientes da presença do jornalista no local de treinamento, o texto narra a situação climática do dia, assim como o comportamento do técnico Scolari e o andamento da atividade:

A chuva e o vento intermitente, somados ao caráter recreativo do primeiro dia de treinos com bola, deixaram congelada qualquer observação precisa sobre a escalação e o desenho tático do time titular. Nem o técnico Luiz Felipe Scolari ficou imune ao frio. Depois de entrar em campo pela manhã com suas coxas brancas à mostra, o técnico voltou à tarde coberto dos pés à cabeça. [...] Divididos em duplas pela manhã, os jogadores se agruparam de acordo com posição, clube de origem ou com a expectativa que carregam nas costas. (O GLOBO, 29 maio 2014, matutino, esportes, p. 34).

O Globo apresenta as duplas formadas e explica as afinidades existentes entre os jogadores que as compõem – Neymar e Fred, mesma missão de fazer gols e decidir; William e Paulinho, unidos pelo passado corintiano; Dante e Luiz Gustavo, ex-companheiros de Bayern de Munique; Hulk e Daniel Alves unidos pelas tradições nordestinas e pela vocação popular. Conforme a publicação, Daniel ligava o povo à seleção, em virtude de um evento de racismo vivenciado por ele na Europa⁷⁰:

[...] Apesar do distanciamento causado pelas transferências precoces para a Europa, Daniel lembrou que todos são brasileiros quando foi alvejado por uma banana em jogo do Barcelona. Ao engolir o constrangimento e usar a ofensa como alimento contra o racismo, Daniel se tornou um homem de ligação entre a seleção e seu povo. (O GLOBO, 29 maio 2014, matutino, esportes, p. 34).

Isso é entendido como uma forma de aproximar os jogadores e a torcida, minimizando os afastamentos e a rejeição de uma parcela da população com a seleção, tentando identificação neste caso em específico de Daniel Alves com o povo brasileiro. Assim, reforça-se a ideia da equipe como uma família e a construção de identificação da torcida, promovendo aproximações que são apresentadas como mais expressivas que os distanciamentos presentes em virtude das transferências precoces para a Europa.

MA68 também noticia a primeira atividade com bola realizada na Granja Comary, descrevendo o treino técnico-tático, o método utilizado e o objetivo da atividade. Contudo, o que se destaca nesta publicação é a exposição das percepções do coordenador técnico Carlos Alberto Parreira acerca da europeização do futebol brasileiro. É esse o aspecto abordado na matéria, já que é exibido na retranca, no título e na linha de apoio da publicação: “Risco Europa” (retranca); “Nossas raízes” (título); “Coordenador técnico da seleção, Parreira se diz incomodado com a mudança de estilo do jogador brasileiro, que tem completado sua formação no exterior” (linha de apoio).

⁷⁰ No dia 27 de abril de 2014, em partida com o Barcelona, torcedores do Villarreal jogaram bananas em direção ao jogador, que respondeu de maneira inusitada: ao se preparar para cobrar um escanteio, Daniel Alves se abaixou, pegou uma das bananas e comeu.

O texto revela que Parreira se mostrava incomodado com o fato de os jogadores migrarem precocemente para a Europa, o que fazia com que a fase de lapidação seguisse o estilo europeu de jogo: dois toques, movimentação intensa e marcação forte, sendo que dribles não faziam parte deste repertório. Tanto o coordenador técnico quanto o jogador Fernandinho (MA47) alertavam para o fato de que o Brasil estava perdendo suas características de jogo. Neste sentido, a realização de uma atividade de treinamento específica resulta em uma reflexão sobre a perda das raízes brasileiras no futebol, não só entre os profissionais, mas especialmente em divisões de base.

Ao comentar as declarações de Parreira, Calazans as qualifica como bastante coerentes e concorda com os seguintes aspectos da exposição do coordenador técnico: os jovens talentos brasileiros deveriam ser formados no Brasil, já que se estava perdendo o estilo próprio do jogador brasileiro para o drible e para a ginga, e as divisões de base brasileiras não estavam sendo bem tratadas e preparadas. O colunista critica o fato de poucos se atentarem para essas questões, afirmando que no Brasil apenas Parreira percebeu a padronização que vivia o futebol nacional (MA74).

A relação entre torcida e jogadores é tratada por Maurício Fonseca em 30 de maio (MA78), que noticia a realização dos treinos da seleção com destaque para a tentativa de manter a mesma relação com a torcida como na Copa das Confederações – quando o hino era cantado à capela nos estádios e havia festa nas arquibancadas. Para o jornalista, essa relação com a torcida começou a ser restabelecida no treino do dia 29 de maio, quando os jogadores e a comissão técnica se reuniram em torno de Leonardo Marques, de 17 anos, portador de artrogribose, levado ao treino pelo apresentador da Rede Globo Luciano Huck. Conforme o relato, houve conversa, bate bola e emoção no encontro. Outra demonstração de proximidade com o torcedor e de simpatia dos jogadores é exposta quando o goleiro Júlio César, após o fim do treino, se dirigiu a um grupo de torcedores, deu autógrafos, tirou fotos e presenteou uma menina com a camisa que usara no treino. O Globo avalia que o objetivo dessa aproximação consistia em humanizar ao máximo a seleção, afastando qualquer imagem de arrogância às vésperas da Copa. Analisa-se que essa é uma estratégia utilizada não apenas por jogadores e comissão técnica, mas pelo próprio jornal, que recorrentemente busca aproximações entre os jogadores e o povo brasileiro, inclusive com a narrativa da trajetória de vida deles.

É comum na editoria de Esportes de O Globo, especialmente nos meses de abril e maio, a publicação de entrevistas com os jogadores convocados por Felipão, evidenciando suas trajetórias e performances. A presença ou ausência de Fred e de Júlio César na lista de convocados para o Mundial gerou discussão e foi pauta desde o início de 2014. Diversas

publicações apresentaram a confiança de Felipão nos atletas, questionaram seus condicionamentos físicos e se preocuparam com a falta de um substituto caso o atacante não fosse convocado. Após a divulgação da lista final, O Globo passa a apresentar as trajetórias e as expectativas destes jogadores para o início da competição (MA16, MA36, MA39, MA48, MA61).

Sobre Fred, O Globo narra as dificuldades da infância em Teófilo Otoni, Minas Gerais, à batalha nos clubes até se firmar, passando pela euforia da convocação em 2006, e a lição com a não inclusão na lista de 2010, até, enfim, chegar à convocação em 2014 e sua promessa de que estava preparado para representar o Brasil (MA16). Em outra entrevista com Fred (MA48), O Globo enfatiza que jogar uma Copa no Brasil era um sonho de criança do jogador e de que em caso de vitória seria realizado o sonho de uma nação, a exorcização do fantasma de 1950:

Quando entrar em campo no dia 12 de junho, contra a Croácia, Fred vai realizar seu sonho de criança: jogar uma Copa no Brasil. **Se a seleção chegar à final, e vencer, outro sonho será realizado, este, o de uma nação: exorcizar o fantasma de 1950, quando o Uruguai virou o jogo e deixou aberta a ferida que não vai cicatrizar enquanto o título em casa não vier para afogar no novo estádio as mágoas do velho Maracanazo.** (O GLOBO, 25 maio 2014, matutino, esportes, p. 52, grifo nosso).

As perguntas direcionadas ao jogador enfatizam a titularidade na Copa como ápice da carreira, o sonho de criança de disputar uma Copa no Brasil, as manifestações e protestos da população brasileira, assim como o favoritismo da seleção. De modo geral, a entrevista retoma os mesmos assuntos já apresentados em outras entrevistas, com destaque para o entendimento da derrota de 1950 como um fantasma, um trauma, uma ferida que só seria curada se o Brasil vencesse a Copa em 2014.

Em relação ao goleiro, o jornal relembra que a última Copa, realizada na África do Sul em 2010, deixou marcas na vida e carreira de Júlio César, já que o goleiro falhou no jogo contra a Holanda, que eliminou o Brasil daquela competição (MA61) – isso evidencia a amplitude de uma falha que resulta em derrota e eliminação do Brasil na Copa, capaz de marcar perpetuamente a vida de um jogador. Fernando Calazans opina que a falha havia sido corriqueira e que nunca entendera a culpabilização do goleiro (MA39). O Globo expõe o amadurecimento e o preparo do goleiro para a competição, revelando que a falha de 2010 e demais contratemplos em relação a troca de clube – muito noticiada pelo O Globo, sempre em tom de preocupação e alerta em virtude da inatividade do goleiro – teriam fortalecido Júlio (MA65).

Outro jogador que aparece nas páginas de maio é David Luiz, apresentado como um “ídolo da garotada”, que se impôs com “atuações seguras, uma raça contagiante dentro de campo e uma simpatia desconcertante fora dele” (MA45). Durante a entrevista David Luiz faz referência aos selecionados de 1950 ao dizer que não poderia esquecer aqueles jogadores, injustamente marcados pela derrota:

Algun dia você imaginou que jogaria uma Copa no seu país? – Nem em sonho. Minha geração é abençoada. Quantos jogadores brasileiros tiveram esta chance? Por isso, não podemos esquecer os outros, aqueles que fizeram a história do nosso futebol. Se fomos campeões, temos que dedicar o título ao pessoal de 1950. Eles ficaram injustamente marcados por causa de um tropeço. O que o Barbosa sofreu a vida inteira é um absurdo. Será um título para todo o povo brasileiro. (O GLOBO, 18 maio 2014, matutino, esportes, p. 52).

No discurso do zagueiro fica evidente a relação estabelecida entre a Copa de 2014 e a Copa de 1950, além do otimismo com a conquista do Mundial. Nas conversas com os jogadores brasileiros as perguntas direcionadas revelam a preocupação do jornal com três aspectos centrais que envolvem a seleção: a forma de trabalho de Felipão, o grupo pouco experiente e o protagonismo de Neymar, chamado de “estrela mais brilhante da seleção”.

O prestígio internacional de David Luiz, desta vez somado ao do zagueiro Thiago Silva, é noticiado em 31 de maio (MA80). Ao rememorar as duplas de zaga nas cinco conquistas brasileiras, a matéria demonstra que a história registrava improvisos, cortes e mudanças de última hora na defesa brasileira, sendo que na Copa de 2014 Thiago Silva e David Luiz chegavam à competição com um status inédito em relação ao histórico dos zagueiros: status de craques, de protagonistas. Especificamente sobre David Luiz, o conteúdo ressalva sua simpatia, boa articulação e alegria, aproximando-o ao jeito de “todo brasileiro”.

A confiança e a expectativa para o início da competição estão presentes em 11 publicações. Cada vez mais próximo do início da Copa do Mundo, os conteúdos produzidos pelo jornal O Globo realçam o caráter otimista e esperançoso em relação à conquista do hexacampeonato. O tom otimista aparece nas páginas impressas como uma espécie de efeito às palavras da comissão técnica: primeiro, pelas declarações do técnico Felipão, depois, na chegada à Granja Comary, pelas asserções de Parreira.

Apresentando o Brasil como um dos favoritos, O Globo sugere que o final perfeito para a Copa seria a conquista do título pela seleção, o que resolveria duas questões problemáticas aos brasileiros: a superação da derrota para o Uruguai em 1950 e o complexo em relação à evolução do futebol europeu: “A Copa dos sonhos do torcedor brasileiro terminaria com o hexa como realidade. Além de ajudar a fechar a ferida aberta pelo Uruguai em 1950, o

título em casa seria a cura para o novo ‘complexo de vira-lata’ em relação ao evoluído futebol europeu” (O GLOBO, 13 maio 2014, matutino, esportes, p. 12) (MA84). O Globo também aponta os jogadores candidatos ao posto máximo de craque do Mundial de 2014 e informa que, em sua primeira Copa do Mundo, Neymar já era o astro do Brasil e o responsável por levar a seleção à final, “para curar a ferida aberta na nação desde a Copa de 1950”. Portanto, em mais um conteúdo publicado, vê-se a evidência ao protagonismo de Neymar, a dependência da seleção sobre o jogador e a relação da Copa de 2014 com 1950 (MA85).

Recorrentemente as publicações de maio de 2014 tratam da vitória brasileira naquele ano como uma possibilidade de “fechar a ferida”, “espantar o fantasma”, “se recuperar do trauma” de 1950. Entretanto, a coluna de Arthur Dapieve, publicada em 30 de maio, aborda isso como impossibilidade (MA89). O colunista apresenta que a expressão “ferida aberta” havia sido uma ideia recorrente entre jogadores e torcedores, mas que era uma ilusão pensar em superar o trauma, nem que a seleção de 2014 vencesse o Uruguai na final da competição, já que a maioria dos torcedores e jogadores que presenciaram a derrota em 1950 já não estavam mais vivos e a vitória não cancelaria uma tristeza antiga e irreparável:

Talvez seja pelo histórico familiar que eu comece a me coçar sempre que alguém fala em ‘superar o trauma de 1950’. Isso é uma ilusão, um disparate bem-intencionado. Por diversas razões, o trauma de 1950 jamais será superado, ainda que a final de 2014 seja disputada contra o Uruguai, Jefferson esteja no gol, e o Brasil ganhe de virada. daquelas 200 mil pessoas, quantas já não terão morrido? É o caso de meu avô paterno. Dos milhões que sofreram ao pé do rádio, quantos já não terão morrido? Dos 22 jogadores da seleção convocada por Flávio Costa, 21 já se foram. [...] Para eles, jamais haverá reparação. [...] Seja como for, se a seleção brasileira chegar ao Maracanã para jogar a final do dia 13 de julho, a vitória seria uma alegria, sim, mas alegria nova não cancela tristeza antiga. Ela é irreparável. (O GLOBO, 30 maio 2014, matutino, Segundo Caderno, p. 8).

Dando sequência às suas reflexões, o colunista expõe que a possibilidade de haver um novo Maracanaço lhe parecia remota, porque tinha pouca esperança de que a seleção chegaria até a final, sinalizando a falta de bons jogadores (“Temos Neymar e... Neymar”), o que, segundo o colunista, resultava no desânimo da torcida brasileira. Portanto, diferente de outros colunistas e conteúdos publicados pelo jornal, a coluna de Dapieve revela a impossibilidade de diminuir, amenizar ou apagar o trauma de 1950, inclusive porque personagens daquela Copa não estavam mais presentes para vivenciar tal reparação, tornando-a impossível.

Junho é o mês que inicia a Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil. Por isso, o número de publicações aumenta substancialmente neste período. Do dia 01 ao dia 30 de junho O Globo publica 379 conteúdos jornalísticos, sendo que 97 publicações fazem parte do caderno especial “Brasil 2014”.

Mais de 50 jornalistas assinam as publicações de O Globo em junho de 2014. Os jornalistas que concentram mais textos são: Maurício Fonseca (54 textos), Carlos Eduardo Mansur (53), Pedro Motta Gueiros (35), Fernando Calazans (27) e Renato Maurício Prado (26), além de 67 publicações não conterem assinatura. Relacionada à primeira etapa de análise novamente constata-se equilíbrio no local de apuração, já que 190 conteúdos são apurados internamente e 189 conteúdos contêm apuração externa. Há predomínio de informações de primeira mão, presente em 191 publicações, além da indefinição em relação à origem da informação em 147 textos e informações de segunda mão em 19 notícias⁷¹. As fontes institucionais são as mais utilizadas pelo O Globo neste mês (165 textos), com destaque para o técnico Felipão (63) e para os jogadores da seleção brasileira (81). Em seguida, aparecem as fontes cidadãos (24) e as fontes especializadas/comentadoras (21).

Nas marcas de composição do produto identifica-se que a maioria das publicações se constituem de matérias (227), seguido das colunas (90), das notas (34), das reportagens (11), das entrevistas (8) e das fotolegendas (5), além do perfil, infográfico, editorial e artigo (um texto de cada formato). Acerca dos recursos gráficos e visuais, 122 publicações não se utilizam de nenhum recurso, enquanto as demais fazem uso de fotografias, quadros informativos, olho⁷² e infográficos. Com o início da competição há um aumento significativo no uso de recursos visuais, especialmente de infográficos e quadros informativos que apresentam análises das performances dos brasileiros.

Em junho de 2014, seis temáticas aparecem nas publicações de O Globo: 1) otimismo, expectativa e união da seleção brasileira e para a Copa do Mundo (27 textos), 2) preparação final para a Copa do Mundo: treinos e amistosos até o início da competição (40), 3) trajetórias e performances dos jogadores brasileiros (46), 4) lembrança às Copas passadas e confrontos (23), 5) assuntos gerais sobre a competição e curiosidades sobre a seleção (41), 6) o Brasil na Copa do Mundo (202).

Do dia 01 até o dia 12 de junho, quando começa a competição e a seleção brasileira entra em campo contra a Croácia, O Globo trata da expectativa e da espera pelo início do Mundial, apresentando conteúdos relacionados ao treinamento dos jogadores e ao otimismo da comissão técnica brasileira – especialmente o excesso de otimismo do técnico Luiz Felipe

⁷¹ Dez textos utilizam informações de primeira e segunda mão, além de seis textos que usam das informações de segunda mão e do jornalista como fonte em conjunto e outros seis que acionam informações de primeira mão e, concomitantemente, o jornalista atua como fonte

⁷² O olho é um trecho do texto que aparece em destaque na página, visualmente e graficamente, podendo ser uma frase da declaração da fonte ou uma informação relevante. O destaque ao trecho é dado pelas aspas, pelo itálico, pelo tamanho da fonte ou posição na página.

Scolari e do coordenador técnico Carlos Alberto Parreira e suas afirmações de que apenas uma fatalidade tiraria o título do Brasil. Além disso, neste período anterior ao início dos jogos (e mesmo depois dele), dois aspectos aparecem como centrais nas publicações de O Globo: a falta de experiência dos jogadores e a dependência da equipe em relação à Neymar. No que se refere ao camisa 10, O Globo sustenta a tranquilidade e o preparo do jogador, assim como a necessidade do time em relação a ele, chegando à afirmação de que a seleção era composta por “Neymar e mais dez”. Isto é, revela-se a necessidade de um bom desempenho de Neymar para que o Brasil obtivesse resultados dentro de campo.

A construção de uma representação da seleção brasileira como família, ressaltando o clima de união e harmonia entre os jogadores e a comissão técnica, está presente no primeiro conteúdo publicado em junho de 2014 (JN1). Fernando Calazans apresenta que o espírito de união característico de Felipão permanecia no grupo de 2014 e, apesar de apresentar a “família Scolari” como aspecto positivo, critica o otimismo exacerbado da comissão técnica. Para o colunista, era necessário controlar o entusiasmo presente no comportamento de Felipão e Parreira, afirmando haver uma diferença significativa entre passar confiança ao time e assumir discursos soberbos de que o Brasil já estava com a mão na taça antes mesmo da competição ser iniciada:

Em ocasiões drásticas como essa (**a seleção tentando ser campeã em seu país, o que já não conseguiu em 1950**), **é preciso controlar o otimismo e o entusiasmo, porque podem virar pretensão e soberba**. Que o papel da comissão técnica é inculcar confiança no time, nem discuto. Daí a dizer que a seleção vai ganhar a Copa, que já botou a mão na taça, que ninguém pode nos superar, aí vai uma considerável distância. **Felipão, a meu ver, se excede um pouco na certeza com que profetiza a vitória brasileira**. E é tão comunicativo (quando quer), tão persuasivo, que contaminou até o sempre discreto e metódico Carlos Alberto Parreira. Num gesto que não lhe é muito peculiar, Parreira também se imbuíu do espírito de vencedor antecipado e decretou que o Brasil está com uma das mãos na taça. É o que todos (ou quase todos) queremos, mas não é bem assim que acontece no futebol. **O Brasil é um dos favoritos, sim, mas ainda não ganhou a Copa, nem sequer botou uma das mãos na taça**. Há outros candidatos e há também outros favoritos. (O GLOBO, 01 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2, grifo nosso).

Recorrentemente, O Globo se posiciona de maneira contrária ao otimismo da comissão técnica brasileira, expressando a necessidade de controlar tais comportamentos, dada a circunstância drástica vivenciada pela equipe – apresentada como favorita, disputando a competição em casa, com o objetivo de superar 1950.

Calazans retoma o sentimento de família da seleção brasileira em 06 de junho (JN33), sustentando que o ambiente circundante de Felipão sempre influenciara a carreira e a vida do técnico. A coluna ressalta que embora Felipão tenha dito que a “família Scolari” havia ficado

no passado, o sentimento permanecia em 2014, evidente na entrevista coletiva do técnico na Granja Comary:

[...] Ele garantiu, com jeito sincero, que ‘este aqui é um dos melhores ambientes que vi em toda a vida’. Ambiente raro em outros clubes. E botou no alto a amizade que se nota entre os jogadores. **Era preciso que vocês vissem o entusiasmo do homem, confirmando portanto que o apelido de família pode ter se apagado, mas o sentimento de união, de grupo, de amizade, ainda está em dia.** (O GLOBO, 06 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2, grifo nosso).

Neste sentido, nos dias que antecedem a competição, as publicações expõem o clima amistoso e a relação familiar vivenciada pelos membros da seleção brasileira, retomando o mesmo ambiente percebido em 2002. O otimismo e a ansiedade marcam este período de junho. Em entrevista com o técnico, O Globo trata da oscilação entre a preocupação e a confiança no trabalho realizado, salientando que, embora existisse a ansiedade da estreia, o comprometimento dos jogadores dava confiança ao treinador: “Felipão tem muito mais motivos para estar confiante do que preocupado” (JN17).

A soberba e obrigatoriedade em relação à conquista do título também estão expressas nas palavras do então presidente da CBF, José Maria Marin. Entrevistado pelo jornal em 09 de junho (JN73), Marin manifesta a insignificância de qualquer outro resultado que não a vitória brasileira:

O Globo: Então o senhor concorda com o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, que ‘para o Brasil importa mais o título da Copa do Mundo do que o sucesso da organização’... JMM: Eu endosso as palavras do secretário da Fifa e digo mais. Já disse ao (Luiz) Felipe Scolari e torno a repetir: **estamos agora, a poucos dias do início da Copa, no purgatório. Se ganharmos a Copa, vamos todos para o céu. Mas, se perdermos, vamos todos juntos para o inferno, porque o brasileiro não vai aceitar outro resultado. Ou é campeão, ou qualquer outra colocação é zero, não significa nada.** [...]. Se o Brasil for vice-campeão entre as 32, é considerado uma (das seleções) das mais importantes. Mas isso nada vai valer (bate na madeira da mesinha da sala). **Se acontecer um novo 1950, nenhum brasileiro vai aceitar.** Eu torno a repetir. Estou consciente. Ou vamos todos para o céu, ou vamos todos para o... Não tenho dúvida. [...] Não posso afirmar que é o melhor grupo, mas é o mais consciente, mais irmanado, unido mesmo. É um grupo que nos dá confiança e muito orgulho. **Só uma fatalidade nos tira o título de campeão.** (O GLOBO, 09 jun. 2014, matutino, esportes, p. 6, grifo nosso).

A partir das respostas de José Maria Marin, fica evidente que há uma confiança na conquista do título pela seleção brasileira – manifesto no título da entrevista: “Só uma fatalidade nos tira o título de campeão” –, com ênfase na impossibilidade de haver outro resultado que não o hexacampeonato. Ou seja, a possibilidade de derrota aparece tratada como “estar no inferno”, como algo inaceitável, constando a vitória como única alternativa possível. As

declarações de José Maria Marin são avaliadas por Renato Maurício Prado (JN79), sendo classificadas como considerações esdrúxulas: “Por que não te calas? Esse tipo de fanfarronice não traz bons fluídos e não ajuda em nada” (O GLOBO, 10 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). Especificamente sobre a declaração de que só uma fatalidade tiraria o título do Brasil, o colunista mostra-se incomodado por considerar que essa prepotência era prejudicial à equipe.

Para além das exposições acerca da união da equipe e do otimismo em relação à vitória, O Globo noticia a fase preparatória final da seleção, em uma série de treinos e amistosos. No primeiro dia de junho, O Globo aborda a realização do primeiro treino coletivo da seleção brasileira na Granja Comary, relatando o entrosamento da equipe ao repetir a base titular e o esquema tático campeão da Copa das Confederações (JN2), como se os jogadores nunca tivessem se separado desde 2013. O Globo apresenta que uma das raras carências do time se referia às cobranças de falta, sendo que David Luiz havia se destacado nesta atividade durante o primeiro treino (JN4).

O cenário muda com o segundo treino coletivo da seleção. Em 02 de junho, O Globo aborda a insatisfação e irritabilidade do técnico com os jogadores brasileiros, informando que a semana que parecia calma foi subvertida com a explosão de Felipão, revelando a possibilidade de rever decisões para os titulares que enfrentariam o Panamá em amistoso (JN9). Fernando Calazans aponta que a bronca do treinador tão cedo na fase preparatória despertava preocupação e desconfiança com o time (JN8).

O amistoso entre Brasil e Panamá é tratado como um teste para a seleção nacional, considerando que a vitória poderia reforçar o ambiente de confiança (JN15). Os jornalistas evidenciam que mais do que vencer o amistoso, o jogo serviria como uma forma de teste para avaliar se a bronca no treino coletivo havia resultado em mudança na atitude dos jogadores: “A bronca serviu para deixar alerta uma equipe titular que parece definida. E hoje será o teste” (O GLOBO, 03 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Depois do primeiro amistoso, o jornal passa a narrar e avaliar o desempenho brasileiro. O protagonista deste episódio é Neymar, sendo que a capa da editoria de Esportes em 04 de junho o apresenta com a chamada “Ele + 10, o dono da bola”. A principal reportagem sobre a partida expõe que Neymar ditou o ritmo da equipe, tirou a seleção da apatia e criou quase todos os lances de perigo na goleada sobre o Panamá (JN21): “a sensação era de que o jogo mudava de cara, ganha forma quando, e somente quando, Neymar tocava na bola” (O GLOBO, 04 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

À parte da atuação de Neymar, o texto ressalva que antes do primeiro gol a seleção deixava uma série de interrogações no ar, distante de tudo que havia sido cobrado por Felipão

durante o último treino: “O fato é que o Brasil não criava, não marcava, não era compacto nem dinâmico. Ou seja, não era nada do que o técnico Luiz Felipe Scolari contrariado cobrou no treino” (O GLOBO, 04 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3). A apatia e inércia só se modificaram quando Neymar tornou-se protagonista da partida, mudando completamente o andamento do jogo e respondendo de forma positiva às dúvidas que existiam sobre ele. O jornalista também observa que em certos momentos a seleção precisaria da iniciativa de outros jogadores, revelando preocupação acerca da falta de outros protagonistas no time.

A atuação de Neymar neste amistoso também é sublinhada por Fernando Calazans (JN19) e Renato Maurício Prado (JN22). O bom desempenho do jogador é analisado com dualidade, já que aliviava e, concomitantemente, afligia:

Se por um lado foi animador constatar que nosso melhor jogador está em grande forma técnica, apesar do tempo que foi obrigado a ficar parado, por causa de uma contusão, por outro reforçou-se a impressão (quase certeza) de que do seu desempenho dependerá a sorte da seleção brasileira nesta segunda Copa no país. (O GLOBO, 04 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Com isso, O Globo evidencia que a seleção estava composta por “Neymar e mais dez”, ou seja, que a vitória do Brasil na competição perpassava sobremaneira pelo bom desempenho do jogador. Portanto, o protagonismo do amistoso é assumido por Neymar, embora isso não é visualizado pelo jornal como algo positivo em sua totalidade, uma vez que toda a trajetória da seleção dependeria da atuação de um único jogador.

Com a organização para o segundo amistoso, realizado com a Sérvia, O Globo publica um apelo à torcida paulista, já que a partida seria realizada no Morumbi e o histórico de vaias à seleção preocupava o técnico Felipão (JN35). O jornalista Maurício Fonseca inicia a matéria apresentando a informação de que o técnico encarava o amistoso por dois prismas – o comportamento do time tão próximo à estreia da Copa e a relação dos paulistas com a seleção: “Primeiro, quer ver como o time se comporta a seis dias da estreia na Copa, contra a Croácia, no Itaquerao. Outra meta é estreitar a relação do torcedor paulista com a seleção, historicamente marcada por vaias e protestos” (O GLOBO, 06 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3). Especificamente neste segundo aspecto, baseado nos antecedentes de vaias e protestos em São Paulo, indica que alguns jogadores poderiam ajudar nesta aproximação: Neymar, que é paulista, assim como Paulinho, ídolo do Corinthians, e David Luiz, que nasceu em Diadema. De maneira geral, percebe-se a construção de uma problemática envolvendo a seleção e os torcedores de São Paulo, algo que, em certa medida, também é visível em 1950.

O histórico de vaias e manifestações direcionadas à seleção brasileira em jogos realizados em São Paulo é retomado em outra matéria publicada em 06 de junho (JN37). O conteúdo rememora os momentos antecedentes em que a torcida paulista reprovou e rejeitou a seleção nacional, causando um trauma dos protestos, lembrando que desde a Copa de 1950 a equipe nacional enfrentava “o mau humor das arquibancadas no estado”.

A vitória brasileira no amistoso com a Sérvia como último teste antes do início da Copa do Mundo é apresentada como convocatória à torcida: “Vamos juntos, agora é a Croácia”. O atacante Fred assume o protagonismo por ser o responsável pelo único gol da partida, com destaque também para o clima hostil que se formava na arquibancada. Em relação ao jogador, O Globo trata Fred como titular absoluto da seleção na Copa do Mundo – o título e a linha de apoio de JN46 demonstram isso: “O dono absoluto da 9” (título), “Incentivado por Felipão nas horas difíceis, Fred volta a decidir e dissipa dúvidas sobre seu lugar” (linha de apoio). O Globo conta que a irritação e as vaias tomavam conta do Morumbi, quando Fred marcou o único gol do jogo, reafirmando sua característica de se sobressair em circunstâncias de dificuldade (JN44):

[...] Entre a arrancada avassaladora ao título da Copa das Confederações e as dificuldades que se anunciam, Fred conserva a postura de quem usa a queda como impulso para a redenção. Assim como abriu o placar da decisão contra a Espanha, foi caído entre os beques que o atacante transformou o tumultuado ensaio geral no seu espetáculo particular. [...] Com parte da torcida gritando por Luís Fabiano, Fred mostrou a grandeza de quem é o dono da camisa 9, ao comemorar seu gol sem desabafos e deixar o campo batendo palmas para o público. (O GLOBO, 07 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

De maneira elogiosa, O Globo descreve positivamente a atuação e o comportamento de Fred, o que se mostrava necessário diante da série de questionamentos e incertezas relacionadas ao seu desempenho desde antes da convocação. A análise de Fernando Calazans sobre o amistoso revela a intranquilidade com a atuação da equipe e as falhas que puderam ser diagnosticadas por Felipão: transição da defesa para o ataque, bola parada nos dois lados do campo, retomada da posição defensiva para evitar os contra-ataques (JN42). Do mesmo modo, Renato Maurício Prado expõe que a má atuação da seleção alertava sobre as falhas do time e o excesso de dependência à Neymar (JN45):

Após a goleada sobre o Panamá, principalmente por causa do show de Neymar, ficou a impressão de que o Brasil estava pronto, e o futebol exibido na Copa das Confederações, já recuperado. Na magra vitória de ontem, deu pra ver que não é bem assim. Bastou enfrentar um adversário tecnicamente um pouco mais qualificado e uma retranca taticamente bem posta para os problemas aparecerem. **O time de Felipão depende demais de Neymar!** Quando ele não vai bem – e desta vez, no Morumbi,

não foi –, as jogadas de ataque desaparecem simplesmente porque não há alternativas. (O GLOBO, 07 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Contudo, Prado apresenta a identificação das falhas como elemento importante para reforçar a posição de que não havia motivo para qualquer “já ganhou”, uma vez que muitas melhorias precisariam ser feitas, algumas peças trocadas e de que restaria torcer para que Neymar voltasse a brilhar, pois “se ele não estiver na ponta dos cascos, já era”.

Devido aos casos de vaias e protestos, a relação entre seleção e torcedores é amplamente abordada pelo jornal em junho. No dia 07, o conteúdo identificado como JN48 assume um posicionamento de unir a torcida com a equipe brasileira, deixando de lado rivalidades clubistas a fim de torcer por um só objetivo: a conquista da Copa do Mundo. Tal posicionamento é desvelado em alguns elementos da matéria – “Rivalidade fora de hora” (retranca), “Torcida unida” (título), “Neymar pede que torcedores deixem de lado as preferências clubísticas e se unam em torno da seleção. Para o camisa 10, o apoio da arquibancada é fundamental” (linha de apoio).

Essa relação com a torcida também está presente na edição de 09 de junho (JN67), apresentando uma seleção “sem arrogância” e “mais humana”, com a aproximação dos jogadores, processo em curso a fim de repetir a sinergia vivenciada na Copa das Confederações: “Desde o início dos treinos em Teresópolis têm sido recorrentes cenas de jogadores tirando fotos, autografando camisas e acenando para os fãs. Ou seja, estão sendo o mais simpáticos e acessíveis possíveis ao torcedor” (O GLOBO, 09 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3). O Globo revela que essa nova postura não surgiu de uma recomendação da CBF ou da comissão técnica, mas era uma iniciativa dos próprios jogadores e havia feito com que a torcida abraçasse a seleção, o que era determinante para que o Brasil ficasse mais próximo do título. Neste sentido, percebe-se a construção do apoio da torcida como condicionante para a vitória.

A mudança em relação à identificação e apoio da torcida também é abordada em JN68, quando O Globo trata do clima festivo de Teresópolis na recepção dos torcedores durante a volta do amistoso realizado em São Paulo, diferentemente do que ocorrera no início do período de treinos, com vias de apresentar um clima de euforia, expectativa e apoio por parte da torcida:

Se há duas semanas o ônibus que trouxe os jogadores para o início do período de treinos na Granja Comary foi recebido por poucos torcedores e protestos, ontem o clima era de festa, que começou já na entrada da cidade. Centenas de torcedores recepcionaram o ônibus, que trazia os jogadores após o sábado de folga, mesmo podendo ver pouco ou quase nada. (O GLOBO, 09 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

A aproximação amistosa entre seleção e torcida volta a ser comentada por Calazans em 10 de junho (JN75), avaliando que o clima com os torcedores era uma “extensão do sentimento de grupo que Felipão cultivava entre as paredes da concentração”, ou seja, o ambiente de família não estava presente apenas entre jogadores e comissão técnica, mas também entre estes e o povo brasileiro.

Com a proximidade da estreia brasileira na Copa do Mundo passa-se a tratar da expectativa para o início da competição. Em 08 de junho, Renato Maurício Prado publica em sua coluna algumas reflexões sobre o início da Copa e as expectativas sobre a trajetória brasileira (JN57). De acordo com o colunista, há quatro dias para o jogo de abertura, todos buscavam responder duas questões: “estamos mesmo com uma mão na taça, como disse outro dia o coordenador técnico Parreira? E temos a obrigação de ganhar, como sustenta sempre o treinador Scolari?” (O GLOBO, 08 jun. 2014, matutino, esportes, p. 6). Embora avalie como possível a conquista do Brasil e a “exorcização do velho fantasma de 50”, o colunista indica que a vitória não era certa, sequer provável. Como em outras colunas e notícias já publicadas, ressalta que os resultados do Brasil estavam diretamente ligados às atuações de Neymar, exaltando o trabalho de Felipão que resultaram na mudança e crescimento significativos do jogador.

Recorrentemente, O Globo alerta sobre a dependência da seleção à Neymar, especialmente a partir da exposição de que, além da qualidade técnica das equipes do Panamá e da Sérvia (adversários nos amistosos realizados), a maior diferença entre o desempenho brasileiro nos dois jogos esteve na atuação de Neymar: “quando ele brilhou, o selecionado brasileiro se iluminou; quando foi bem marcado e teve atuação opaca, o time brasileiro se apagou” (O GLOBO, 08 jun. 2014, matutino, esportes, p. 6). Com preocupação, Prado conclui que se Neymar fosse capaz de desequilibrar diante de adversários mais fortes e marcações mais cerradas, o Brasil poderia sonhar com a conquista; caso contrário, a segunda Copa realizada no país poderia virar “um novo pesadelo”. Nota-se a referência constante à Copa de 1950, tratando 2014 como uma forma de acordar daquele pesadelo, de exorcizar aquela tragédia. Entretanto, para isso, a seleção dependeria de Neymar, como se não houvesse a possibilidade de conquistar o hexacampeonato sem a presença e o bom desempenho do jogador em campo.

A proximidade da estreia aparece acompanhada da ansiedade e da tensão dos jogadores e da comissão técnica (JN77, JN79). Renato Maurício Prado comenta que a tensão que circundava a estreia relacionava-se com a importância da vitória no primeiro jogo, já que representaria um incentivo para a moral do time na busca pelo título (JN79). De acordo com o colunista, um resultado negativo na estreia poderia abalar os jogadores mais jovens e

inexperientes (como Oscar, Bernard, Marcelo e Neymar) e, a partir daí, o fato de jogar em casa poderia se tornar pressão, em vez de incentivo.

Depois dos treinos e amistosos, assim como da proximidade com a torcida, chegava-se às vésperas do início da competição. Por isso, Calazans apresenta um balanço do time brasileiro (JN85), expondo Neymar mais uma vez como a esperança do Brasil para a conquista do título: “Pela esquerda, pela direita ou pelo meio, Neymar é o astro, a diferença, a esperança” (O GLOBO, 11 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). Um dia antes da estreia, Zuenir Ventura expõe que a seleção de 2014 não era a melhor da história, mas era a mais simpática (JN94). Para sustentar tal afirmação, relembra a cena em que Neymar resgatou um menino que estava sendo retirado de campo no treino e o levou ao encontro de outros jogadores, o momento em que Júlio César pulou a cerca para dar autógrafos e a simpatia de sempre de David Luiz. Também na edição de 11 de junho, André Iki Siqueira expressa que o povo brasileiro merecia ser campeão em casa e que discordava da conturbação e do impedimento de que os torcedores torcessem e comparecessem aos estádios (JN96):

O meu agasalho verde e amarelo está pronto. É claro que vou torcer pela seleção brasileira. E acredito que vamos ganhar. Eu quero ser campeão do mundo no Brasil, no Maracanã, com festa nas ruas até a madrugada. Eu quero, mereço e o sofrido e alegre povo brasileiro merece ser campeão aqui na nossa terra. Quer torcer contra, torça, tudo bem. Quer aproveitar a visibilidade da Copa, a presença da imprensa estrangeira e os turistas para esculhambar os governos e tentar, ou não, tirar proveito nas próximas eleições, tudo bem também. O que não podem, me desculpem, é conturbar, quebrar, incendiar, ferir e impedir quem quer ver o jogo e torcer pelo seu país. Frustrar o sonho de uma criança, de uma família que juntou dinheiro durante meses para comprar os caros ingressos e ver seus ídolos em campo. Sinceramente, fazer isso é uma sacanagem. (O GLOBO, 11 jun. 2014, matutino, opinião, p. 23).

Dito isso, o colunista segue com a argumentação de que o povo brasileiro deveria torcer pela seleção e ir aos estádios sem empecilhos ou contratempos. Especificamente sobre o espaço que O Globo dá ao Brasil na Copa do Mundo, nota-se um destaque maior ao assunto, com comentários de colunistas que comumente tratam de outros temas, em virtude da estreia do Brasil na competição que ocorreria no dia seguinte a essa publicação.

Com o início da Copa e a partida entre Brasil e Croácia, vencida por 3 a 1, as publicações destinam-se à narração e avaliação do desempenho brasileiro. É notório que o jornal concentra esforços em, além de descrever a partida, apresentar uma análise da atuação da equipe, inclusive com notas e avaliações individuais dos jogadores. No dia seguinte ao jogo entre Brasil e Croácia, em 13 de junho, O Globo destaca o poder jovem dos brasileiros, a confirmação das expectativas em relação à Neymar e a polêmica envolvendo a simulação de Fred em pênalti marcado para a seleção brasileira. Após a vitória da estreia, o jornal evidencia

a avaliação dos próprios jogadores e da comissão técnica acerca da partida e já apresenta o preparo para o próximo confronto, além de comumente realizar um retrospecto histórico do enfrentamento entre as duas seleções.

No dia anterior à estreia, O Globo publica um editorial com o título “Em torno da campanha pelo hexacampeonato” (JN111), onde apresenta que a Copa do Mundo já iniciaria com marcas dignas de registro, se referindo ao fato de que a competição seria o torneio de futebol mais visto do planeta e o Maracanã se tornaria o segundo estádio a receber duas finais do Mundial. Sob o aspecto esportivo, o jornal sustenta que a competição poderia ser palco para a conquista do hexacampeonato.

Tratando dos aspectos fora de campo, O Globo apresenta que a competição trouxe benefícios para as cidades-sede e que o país se consolidara como opção real para abrigar eventos internacionais. No entanto, o editorial não deixa de mencionar os problemas extracampo considerados “responsáveis por um certo, e impensável, desencanto do país do futebol com a sua Copa”, citando como situações desonrosas: o voluntarismo e megalomania lulopetistas quando se idealizou a competição com 14 cidades-sede, “indisfarçável tentativa de ampliar os palanques para a candidata Dilma desfilar” – em crítica ao governo de Dilma e ao PT; a incompetência gerencial de diversas instâncias do poder público que não cumpriram o cronograma de intervenções urbanísticas; a burocracia que travou investimentos e deu espaços à corrupção. Deste modo, ao mesmo tempo em que adota um discurso esperançoso sobre a possibilidade de conquista da seleção, também critica os problemas que contornaram a organização do evento.

Também antes da estreia, Renato Maurício Prado avalia que havia esperança de que o Brasil atuasse de maneira satisfatória (JN101), mas que isso dependia de Neymar, apresentando-o como “o nosso grande jogador, a nossa grande esperança, o nosso fator de desequilíbrio”. Isso também está exposto em JN99, quando O Globo dá destaque ao protagonismo de Neymar, colocando sobre ele a responsabilidade da conquista do hexacampeonato: “Neymar tem só 22 anos. Sobre seus ombros, a partir de hoje, o peso da responsabilidade de levar a seleção, em casa, ao sonho do hexa”. Ao lembrar as trajetórias de jogadores como Pelé e Ronaldo, O Globo deixa implícito que nenhum dos dois experienciou a situação que seria vivenciada por Neymar, o que desvelava o desafio enfrentado pelo jogador. Ou seja, a notícia evidencia, assim como as outras publicações anteriores, o protagonismo de Neymar e a conquista do hexa como uma realização que dependia sobremaneira do jogador, apesar da sua idade e da inexperiência, embora não parecia pesar para o próprio Neymar, que se mostrava leve e preparado.

A seleção brasileira estreou na Copa do Mundo de 2014 jogando com a Croácia no dia 12 de junho, no Itaquerao em São Paulo, e venceu a partida por 3 a 1. A abordagem da reportagem escrita por Pedro Motta Gueiros (JN115) sinaliza para a vitória na estreia como um passo importante para a conquista do hexa, apesar da pouca idade dos jogadores – “Poder jovem” (título), “Neymar e Oscar, ambos com 22 anos, encarnam a coragem e abrem caminho para esperança no hexa” (linha de apoio). O início da reportagem evidencia que num momento em que o país gritava por conquistas sociais e esportivas, a coragem de uma geração que protestava por um país melhor era a mesma que havia movido a seleção nacional para a vitória. Deste modo, o texto busca aproximar a seleção e os brasileiros insatisfeitos com a situação do país. Em seguida, relembra que em um time marcado pela falta de experiência da nova geração de jogadores, foram os mais jovens, Neymar e Oscar, ambos de 22 anos, que abriram caminho para a esperança na conquista do hexacampeonato.

O Globo destaca o comportamento do time no início da partida, descrevendo a fragilidade da equipe brasileira no primeiro tempo, fazendo rememorar a derrota de 1950, caracterizada como um fantasma que assombrou os últimos 64 anos do futebol brasileiro: “Depois de o país passar os últimos 64 anos contando sua história futebolística a partir da derrota em casa para o Uruguai, a nova saga começou pelo mesmo sofrimento” (O GLOBO, 13 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Narrando os três gols que vieram na sequência – dois de Neymar e um de Oscar – e amenizando o discurso acerca da falta de experiência dos jogadores, o texto demonstra uma seleção preparada para lutar pelo hexacampeonato e abandonar o fantasma criado com a derrota em 1950. No quadro que avalia as atuações dos jogadores brasileiros na partida de estreia, a menor nota é atribuída ao jogador Daniel Alves (4,5), descrito como “desastroso”. Em relação às maiores notas, os autores dos gols Neymar e Oscar são avaliados com 9,0. Sobre Neymar, o texto evidencia que o craque foi decisivo nos momentos mais importantes, enquanto Oscar é qualificado como o “dono do jogo”.

Em O Globo se sobressai uma representação positiva da estreia brasileira, apresentando a vitória como um teste de confiança e maturidade (JN138). Diante deste teste, os jogadores brasileiros provaram que estavam preparados, eliminando qualquer dúvida, notadamente em relação à falta de experiência e à performance de Neymar em campo. Segundo o jornal, a vitória servia como resposta às principais interrogações que rodeava a seleção: a juventude do time diante da pressão de jogar em casa, a reação diante de uma eventual desvantagem no placar e, é claro, a capacidade de Neymar de exibir personalidade para lidar com a expectativa mundial em torno de seu desempenho.

Os protagonistas da vitória na estreia da competição são Neymar e Oscar, responsáveis pelos gols do Brasil, chamados de heróis pelo O Globo. Segundo o jornal, os destaques vivenciaram sensações opostas após a partida. Para Neymar, mais um momento de aclamação pública, de resposta positiva que correspondia ao peso de liderar a seleção. Para Oscar, um desabafo diante da incerteza acerca da titularidade (JN119).

Intitulada “Neymar confirma expectativas”, a matéria JN116 descreve de maneira cronológica as principais jogadas de Neymar durante a estreia brasileira. O Globo narra dez lances, desde quando o jogador toca pela primeira vez na bola. Nota-se a importância de Neymar para a seleção e o destaque dado a ele pelo jornal, já que é o único jogador da seleção que possui suas jogadas narradas cronologicamente.

Já a boa atuação de Oscar é abordada na reportagem JN133. O jogador não assume o protagonismo já destinado à Neymar, por isso, Oscar aparece como o coadjuvante que auxilia o protagonista e camisa 10 da seleção. Isto é, ao mesmo tempo em que exalta a atuação de Oscar, elevando-o à craque, reafirma o protagonismo de Neymar, de modo que Oscar é caracterizado como colaborador, auxiliar, ajudante de Neymar no objetivo de levar a seleção à vitória. Isso é visível nas marcas principais de apresentação da reportagem – “O virtuoso auxiliar de Neymar” (título), “Destaque do Brasil na estreia, atacante lembra Bebeto, ao se transformar no melhor coadjuvante para o camisa 10” (linha de apoio). A reportagem inicia com a afirmação de que o primeiro jogo da Copa do Mundo de 2014 revelou Oscar como o candidato a coadjuvante virtuoso do protagonista Neymar, aproximando-o das características técnicas e táticas do ex-jogador da seleção brasileira e tetracampeão Bebeto. Apesar da boa atuação e de ter cumprido as orientações do técnico, a reportagem revela que Oscar, chamado em algumas partes do texto de “o melhor parceiro de Neymar”, não se deixou seduzir pelo ótimo desempenho e lembrou das especulações de que perderia a titularidade para Willian. Ao tratar deste aspecto, O Globo critica a atitude do jogador na entrevista pós-jogo, expondo que apresentou má vontade com os jornalistas:

[...] Lembrou das especulações que o apontavam como candidato a perder a vaga entre os titulares para o emergente Willian. Nas declarações pós-jogo, escondeu-se em atitude blasé. – Não me sinto com necessidade de provar nada a ninguém. Quem tem que me elogiar ou criticar é o Felipão – resumiu, precocemente escaldado com os elogios. – Amanhã se eu treinar mal, vocês vão começar a falar de novo – encerrou a entrevista, exibindo a má vontade quase protocolar dos jogadores com os repórteres. (O GLOBO, 14 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Neste sentido, O Globo trata Oscar como coadjuvante do protagonista, evidenciando que ele havia começado a ajudar o Brasil a ser mais do que Neymar. O resultado e a atuação da

seleção são assuntos comentados pelas colunas de Fernando Calazans (JN114) e Carlos Eduardo Mansur (JN118). Calazans expõe que, além da vitória, haviam outras verdades sobre a estreia, como o fato da equipe não ter feito boa partida, do segundo gol brasileiro ter nascido de um pênalti inventado pelo juiz e encenado por Fred e de que a seleção teria que melhorar para chegar à final. Sobre o primeiro tempo, Calazans indica que o placar terminou Neymar 1 x Croácia 1, confirmando a dependência da seleção e destacando as falhas de jogadores como Hulk e Fred. Acerca do segundo tempo, o colunista cita que o Brasil predominou. Por fim, Calazans sintetiza a atuação assim: “Neymar começou com ele, Oscar acabou e, no meio, o juiz japonês deu uma valorosa colaboração” (O GLOBO, 13 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). Do mesmo modo, Zuenir Ventura dispense uma série de elogios apenas a Neymar e Oscar, inclusive chamando o camisa 10 de “artista genial”.

Algumas críticas pontuais aparecem neste momento, como a coluna de Paulo Cezar Caju (JN150), identificando a falta de empolgação com a equipe a partir da perda de identidade do futebol brasileiro:

A seleção não me empolgou. Na verdade, **há tempos não me empolga**. Vejo a seleção como um time de guerreiros, vestindo a camisa brasileira, a cara de Felipão e Parreira. Vou repetir quantas vezes forem necessárias: **esse não é o nosso futebol!!!! Estamos copiando outras escolas, perdendo a identidade** e podemos fazer melhor do que todas elas, juntas, se acreditarmos em nosso potencial. (O GLOBO, 15 jun. 2014, matutino, esportes, p. 11, grifo nosso).

Assim como no início da preparação brasileira, visualiza-se exposições acerca da perda de identidade do futebol brasileiro e, por consequência, da identificação da torcida com a equipe. Em virtude disso, diversas reportagens, matérias, colunas e entrevistas publicadas pelo O Globo buscam reforçar o pertencimento do time ao Brasil, da seleção como emblema da nação e a aproximação dos jogadores ao torcedor brasileiro.

A preparação e a expectativa brasileiras para a segunda partida da competição são abordadas com ênfase à confiança e à tranquilidade (JN157). No entanto, O Globo indica que haveriam obstáculos a serem enfrentados, como a lesão de Hulk e o México enquanto um rival indigesto. Outro aspecto que ganha notoriedade é o reencontro da seleção com a torcida de Fortaleza e o ambiente favorável considerado o estopim da arrancada para o título da Copa das Confederações (JN161), lembrando o momento em que time e torcida cantaram pela primeira vez a segunda parte do Hino Nacional à capela, indo além do protocolo e do sistema de som da Fifa.

Às 16h do dia 17 de junho de 2014, o Brasil enfrenta o México pela fase de grupos da Copa do Mundo, em Fortaleza. A capa da edição de 18 de junho aborda o empate em 0 a 0 como destaque, apresentando uma fotografia do jogador Neymar, seguido do título “Brasil continua sem convencer”. Os conteúdos acerca da partida apresentam tom negativo e frustrado com o desempenho nos dois primeiros confrontos da Copa do Mundo, indicando que a equipe não havia convencido acerca do equilíbrio e eficiência vistos durante a Copa das Confederações.

A principal reportagem sobre a partida trata o 0 a 0 como tropeço e demonstra surpresa ao analisar as declarações do técnico de que via progresso no time (JN166). É notável o enfoque crítico na descrição do comportamento e na apresentação das declarações contraditórias de Luiz Felipe Scolari, especialmente porque o técnico afirmou que visualizava evolução na equipe:

Mudou o tom. Encerrado o jogo, o técnico Luiz Felipe Scolari até arriscou uma ou outra brincadeira, esboçou sorrisos. Mas estes eram intercalados com **estocadas e respostas irritadiças sempre que as perguntas envolviam uma avaliação pouco generosa em relação à atuação brasileira**. No ar, ficou uma dúvida: **ao surpreender e dizer que a seleção brasileira ‘evoluiu ao menos 10%’ em relação ao jogo com a Croácia, ele tentava trabalhar a opinião pública e o humor da torcida, ou realmente exibia a sua avaliação do 0 a 0 com o México?** (O GLOBO, 18 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

O jornalista expõe as respostas irritadiças do técnico, especialmente quando questionado sobre as dificuldades da equipe e o baixo desempenho se comparado com a Copa das Confederações. Destaca-se os elementos de subjetividade da reportagem, já que a descrição das reações do técnico fica a cargo das percepções do jornalista presente no local do acontecimento, quando descreve, por exemplo, que Felipão fechou a cara, se mostrava mais armado do que nas últimas aparições, ouvia calmamente as perguntas e tentava passar a sensação de que não estava impaciente, mas, por vezes, dava um corte abrupto. Para finalizar, descreve uma situação inusitada da entrevista coletiva, momento em que o técnico fez uma pergunta aos jornalistas presentes, cobrando-os rispidamente sobre a posição acerca de um suposto pênalti não marcado para o Brasil:

Quando o responsável da Fifa anunciou que viria a última pergunta, Felipão avisou, em inglês, que ele próprio gostaria de fazer a última pergunta aos presentes. Queria, sem ser explícito, alimentar uma discussão em torno do lance em que Marcelo caiu na área. Aparentemente, entende que o Brasil ficou visado após ter, a seu favor, um pênalti sobre Fred que a maioria dos analistas julgou mal marcado. Só que, na ocasião, o treinador alertara que discussões sobre arbitragem cabem somente a árbitros e à comissão da Fifa. – Não tem mais pênalti a favor do Brasil? Falem! Vocês só criticaram o do Fred... Fez cara de contrariado, levantou e foi embora. (O GLOBO, 18 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Portanto, a reportagem mostra-se crítica ao comportamento do técnico e às suas declarações – primeiro, em relação à uma melhora no desempenho da seleção brasileira, que continuava abaixo do esperado; segundo, em relação à cobrança de que os jornalistas deveriam falar sobre a arbitragem, algo que o técnico havia reprovado após a estreia brasileira (momento em que o Brasil havia sido beneficiado por um pênalti mal marcado).

Fernando Calazans avalia a postura do técnico durante esta entrevista, mostrando-se descontente com sua impaciência e as culpabilizações implicitamente direcionadas à imprensa (JN172).

Eu estava apreciando a postura de Felipão durante a preparação para a Copa do Mundo e nos desdobramentos da estreia. Sereno, bem-humorado, solícito e até espirituoso. Inteligente. Bastou um mau resultado – um só! –, o empate sem golzinho com o México, para ele **abandonar aquela postura inicial e logo perder a paciência e a simpatia, sobretudo com a imprensa, em quem parece jogar, quase sempre, a responsabilidade pelos momentos ruins** de seus times e seleções. [...] a má vontade nas respostas, a forma lacônica, o jeito propositalmente antipático sugeriam que ele estava vendo mesmo na imprensa um adversário, mais até do que viu nos mexicanos. (O GLOBO, 19 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2, grifo nosso).

Dirigindo-se diretamente ao treinador, o colunista explica o papel da imprensa e o aconselha sobre seus últimos comportamentos mal-educados e antipáticos: “Se você acha que ela jogou tão bem (o Fred também deve achar), diga isso sem problemas. É sua opinião, tudo bem. Não precisa fazer beicinho ou cara feia, nem pronunciar palavras monossilábicas para constranger jornalistas” (O GLOBO, 19 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). Essa atitude de Felipão também é condenada pela coluna de Renato Maurício Prado (JN174), que classifica essa busca por um culpado como uma prática comum do treinador: “É o já conhecido estilo Felipão de ser. Precisa sempre de um inimigo comum declarado, para unir e motivar o grupo” (O GLOBO, 19 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

O Globo também dá espaço às avaliações dos próprios jogadores acerca do desempenho brasileiro (JN168). O enviado especial Pedro Motta Gueiros apresenta a dualidade da avaliação: enquanto o público e a crítica questionavam a irregularidade de uma equipe que se destacava pelo equilíbrio na Copa das Confederações, os jogadores da seleção viam a atuação melhor que na estreia, assim como o técnico (JN166). Em outro texto, aponta-se que os desempenhos do Brasil serviram como baldes de água fria no raciocínio ufanista que, baseado na conquista da Copa das Confederações, considerava o hexacampeonato uma certeza – raciocínio inflamado pelos discursos iniciais de Felipão e Parreira (JN174). Existe uma constante referência à conquista de 2013. Renato Maurício Prado também analisa o jogo informando que a seleção ainda não havia conseguido mostrar o futebol elogiável apresentado

na Copa das Confederações – elo de comparação retomado a todo momento por jornalistas e cronistas de O Globo (JN165).

Com a vitória na estreia diante da Croácia e o empate diante do México, o Brasil se classificaria para as oitavas de final se empatasse com Camarões. Para ser o primeiro colocado no grupo A, a seleção precisaria vencer a equipe africana e torcer para que o México não goleasse a Croácia. Com a preparação para a terceira partida da fase de grupos, o jornal informa que pela primeira vez desde 1978, o confronto não serviria apenas para o Brasil cumprir tabela e reservaria grandes emoções à torcida, já que a equipe suscitava dúvidas (JN178). A matéria comunica que havia um descompasso no time não apenas em campo, citando o coro dos jogadores que exaltaram a evolução da seleção no empate, progresso visualizado apenas por eles e a comissão técnica.

Essa dualidade de percepções em relação às atuações da equipe volta a ser exposta em 21 de junho (JN189). A matéria aborda que o universo que cercava a seleção parecia dividido em dois – um universo permeado de dificuldades, incertezas, preocupações; e outro, no interior da Granja Comary, permeado de otimismo e normalidade:

São avaliações, conceitos e humores diferentes. Sentados diante dos jornalistas, Marcelo e David Luiz ouviam questões sobre **a dependência do time em relação a Neymar, uma carga supostamente leve de treinos, a dificuldade de repetir atuações da Copa das Confederações, o desempenho abaixo do esperado** contra o México... **Onde antes se falava de expectativas, das potencialidades do time e do sonho do título, agora se questiona insistentemente sobre problemas.** As preocupações dão o tom. Mas do interior da Granja Comary surge um discurso otimista. [...] Nenhum deles mostrava surpresa diante das dificuldades. (O GLOBO, 21 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Com isso, expõe críticas direcionadas à seleção, algumas já evidenciadas pelo O Globo antes mesmo do início da competição, como a dependência do time em relação a Neymar e a recorrente comparação com a Copa das Confederações, evidenciando a dificuldade da equipe de 2014 em repetir o desempenho do ano anterior, ao mesmo tempo em que descreve de modo crítico o posicionamento distinto dos jogadores, otimista e habitual, como se ignorassem os problemas que afetavam a equipe.

A fragilidade da equipe é exposta em contínuas publicações na fase preparatória para a terceira partida. Em 20 de junho, Fernando Calazans aponta a falta de um armador na seleção como consequência da formação deficitária das divisões de base que priorizavam a formação de volantes (JN181). O desempenho de Fred também é apresentado como problema, pois o centroavante não havia marcado gols nos dois primeiros confrontos da Copa. Segundo O Globo, se não fosse pelo pênalti simulado na estreia, seria possível afirmar que Fred não havia feito

nada até aquele momento: “Até agora, Fred praticamente não foi visto em campo na Copa do Mundo” (JN182).

As críticas à Fred são reforçadas por Calazans em 21 de junho (JN186). O colunista explica que a sua preocupação não estava direcionada à falta de gols nas duas primeiras partidas, mas a sua completa ausência – “do jogo, do campo, do grupo ao redor dele”. Depois, elenca como mais uma preocupação o fato de o reserva Jô não ser considerado solução, conforme o que circulava nos bastidores da Granja Comary: “Para mim também, Jô não é solução para uma verdadeira seleção brasileira. Mas, então, eu pergunto: se não é solução, por que o chamam para a reserva?” (O GLOBO, 21 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). Neste sentido, mais do que criticar o jejum de gols de Fred, Calazans coloca em questionamento o pertencimento do jogador ao grupo e a escolha de Felipão para a reserva.

Com a proximidade da partida, O Globo passa a narrar a realização dos treinos. Em 21 de junho, a matéria identificada como JN187 noticia que o treinamento parecia uma resposta às críticas de que a seleção estava treinando pouco, pois, divididos em dois grupos, os jogadores treinaram forte, ficando evidente a preocupação de Felipão com a parte ofensiva e exigindo fundamentos dos jogadores (cruzamentos, conclusões e triangulações). A desconfiança com a equipe se sobressai neste momento da trajetória brasileira. Renato Maurício Prado afirma que o futebol envolvente e objetivo da Copa das Confederações ainda não havia estreado na Copa do Mundo. Com isso, Prado indica que seria psicologicamente importante que o Brasil apresentasse uma boa atuação diante de Camarões, a fim de animar a torcida e devolver a confiança dos jogadores (JN196):

Nesse início de Copa, pelo menos três outras seleções já mostraram um futebol empolgante e, por isso, **é psicologicamente importante que o Brasil consiga vencer com uma exibição convincente. Uma goleada brasileira cairia muito bem para reanimar a torcida e devolver a confiança aos nossos jogadores** que, por mais que digam o contrário, não estão satisfeitos com o que jogaram contra a Croácia e o México. (O GLOBO, 22 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Em mais um conteúdo o jornal direciona críticas acerca do desempenho brasileiro, estabelecendo comparação com a Copa das Confederações, havendo cobrança e expectativa de jornalistas e colunistas de que a seleção voltasse a demonstrar o bom futebol exibido naquela competição. Assim, Camarões passa a ser visto como o adversário ideal para fazer renascer a seleção brasileira de 2013 (JN201) e, embora o empate levasse o Brasil às oitavas de final, a vitória é tratada como obrigatória e necessária para que os jogadores recuperassem a confiança e o moral perdidos nas duas partidas da fase inicial (JN202).

Renato Maurício Prado explica que vencer era obrigação e o problema residia no fato de que o triunfo não tiraria todas as dúvidas sobre a capacidade real do Brasil na competição, já que o adversário era “o saco de pancadas do grupo” (JN204). De qualquer forma, Prado reafirma que vencer e convencer seria fundamental para o Brasil chegar às oitavas psicologicamente mais fortalecido, dado o futebol limitado apresentado até aquele momento. Do mesmo modo, em 23 de junho, Carlos Eduardo Mansur argumenta que mais do que a classificação contra um adversário frágil e eliminado, o jogo representaria e significaria muito mais, já que uma atuação ruim poderia ampliar a pressão por mudanças (JN207). De acordo com a publicação, não se esperava apenas a classificação brasileira, mas uma atuação consistente e convincente:

Garantir a classificação para as oitavas de final é a maior necessidade da seleção, quase uma obrigação. No entanto, as circunstâncias do jogo fazem crescer a expectativa por uma atuação melhor da equipe. E se o Brasil não jogar bem, as pressões por mudanças podem crescer. Além do aspecto coletivo, alguns jogadores estarão sob observação mais rígida. Paulinho, por exemplo. (O GLOBO, 23 jun. 2014, matutino, esportes, p. 5, grifo nosso).

O Globo aponta Paulinho como um dos pontos de equilíbrio desde a Copa das Confederações, mas que no Mundial vinha rendendo abaixo do esperado e teria opções de substitutos já testados, como Fernandinho e Ramires. Ao contrário do ataque, uma vez que Fred vivia realidade distinta – sofria pressão pela falta de gols, sem parecer haver um substituto para seu lugar. Isso revela a expectativa que a partida contra Camarões reservava para a seleção, para além da classificação às oitavas de final, mas como concretização ou não das mudanças da equipe, caso a atuação não fosse convincente.

Um fato que marca o período que antecede a partida é a postura mais irritadiça do técnico: “Enfim, o Felipão original deu as caras na Copa do Mundo”. O Globo aponta a mudança de comportamento do treinador, que revelava a postura esperada por quem o conhecia: irritadiço, impaciente, ríspido com jornalistas. A publicação também apresenta que Felipão mostrava-se confiante com a equipe, discurso reforçado por Thiago Silva, que acompanhou o treinador na coletiva. Identifica-se o alinhamento no discurso do técnico e dos jogadores e o otimismo da seleção acerca das circunstâncias em que se encontrava na competição, destoante do que analisavam imprensa, torcida e críticos, conforme já evidenciado pelo jornal em outras publicações (como em JN189).

Em 23 de junho, às 17h, o Brasil goleia Camarões por 4 a 1⁷³ no Estádio Nacional de Brasília, garantindo a classificação para as oitavas de final. Dois assuntos se sobressaem nas páginas de O Globo após a partida: o protagonismo de Neymar e a substituição de Paulinho por Fernandinho.

A capa da edição de 24 de junho apresenta o título “Movida a Neymar”, enquanto a reportagem enfatiza a atuação de Neymar, não só por ter se tornado artilheiro da Copa com os dois gols marcados na partida, mas porque permitiu que o time crescesse e se desenvolvesse dentro de campo (JN210). A dependência a ele é tão expressiva que O Globo chega a afirmar que, em alguns momentos, Neymar era o Brasil e não apenas um jogador que compunha o elenco do Brasil:

Neymar produziu um recital de futebol em Brasília. Driblou, passou, comandou, inventou, decidiu. **É artilheiro da Copa, o sexto que mais gols fez na história da seleção. Tem só 22 anos. Onde vai parar?** Boa pergunta. O problema é que cabe perguntar, também, **onde vai parar a seleção se alguém parar Neymar. Ou se ele receber cartão, sentir uma lesão.** Ontem, nos 4 a 1 contra Camarões, **houve momentos em que Neymar não era um jogador do Brasil. Era o Brasil.** (O GLOBO, 24 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso).

O Globo apresenta dualidade quando se refere à participação de Neymar na composição da trajetória da seleção nacional na Copa do Mundo: em tom otimista e ufanista destaca a habilidade e o desenvolvimento do jogador; em tom preocupado e apreensivo trata da dependência da seleção a ele. Inclusive chega a questionar o que aconteceria caso Neymar não jogasse, em virtude de cartão ou lesão – como numa espécie de previsão que se cumpre ao final da trajetória brasileira na competição e se confirma a preocupação exaltada acerca da ausência do jogador.

Diferente da atuação de Neymar, O Globo descreve o desempenho da equipe brasileira durante os primeiros 45 minutos como algo constrangedor, dada a dificuldade diante de um adversário inferior e limitado. Contudo, no segundo tempo a seleção sem jogadas ou ideias deu lugar a um time que conseguia progredir e ter uma saída de bola mais eficiente com Fernandinho no lugar de Paulinho, deduzindo que a saída de Paulinho no intervalo teria sido sintomática de que seus dias como titular poderiam ter acabado. Em seguida, lança um novo questionamento acerca da possibilidade de o Brasil vencer a Copa, evidenciando as virtudes individuais inconstantes dos jogadores, mas enaltecendo a constância de Neymar:

⁷³ Dois gols de Neymar, um de Fred e um de Fernandinho.

Então o Brasil não pode ganhar a Copa? Claro que pode. Por razões que vão além do jogar em casa, ter torcida e clima a favor. Instabilidades e possíveis mudanças no time à parte, há qualidade individual. Os zagueiros têm técnica, Marcelo tem ofensividade respeitável, Oscar sabe marcar e armar. A questão é que nem sempre tais virtudes aparecem. Ou se escondem nos defeitos coletivos do time. **O que não falha é Neymar, o fenômeno de 22 anos.** (O GLOBO, 24 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso).

Como não poderia deixar de ser, Neymar recebeu a maior nota (9,0) na avaliação da reportagem, com a descrição de que o jogador exibiu amplo repertório e resolveu o jogo quase sozinho. Nas análises da partida, tanto Fernando Calazans (JN209) quanto Renato Maurício Prado (JN211) identificam Neymar e Fernandinho como “os donos da classificação”. Prado indica a possível perda da vaga de titular de Paulinho para Fernandinho, argumentando que o time melhorou substancialmente com a troca. Ainda, no subtítulo “Pobre Neymar...”, o colunista escreve: “Suas costas devem estar doendo...” referindo-se ao fato do camisa 10 conduzir sozinho a seleção à vitória e à classificação.

Deste modo, Neymar é apresentado como protagonista de uma narrativa que o marca na história brasileira e o iguala a outros personagens icônicos da seleção, ao noticiar a conquista da artilharia da Copa do Mundo com os dois gols marcados contra Camarões (JN216). Neymar é caracterizado como “um senhor personagem do futebol”, descrevendo que o jogador mostrou-se um líder capaz de orientar e conduzir a equipe:

Embora insiste se apresentar como Neymar Júnior para reverenciar o pai, que lhe empresta o nome, o camisa 10 da seleção já é um senhor personagem do futebol. **Mais do que a vocação do gol, que faz dele o artilheiro da Copa e o sexto da história da seleção, Neymar mostrou-se capaz de apontar caminhos quando a visão dos companheiros parecia turva pelo nervosismo.** Enquanto os jogadores pareciam atarantados logo após o gol de empate de Camarões, Neymar já carregava a bola na direção do meio campo **com a naturalidade de quem enfrenta as adversidades brincando.** (O GLOBO, 24 jun. 2014, matutino, esportes, p. 5, grifo nosso).

Ao apresentar que Neymar chegou aos 35 gols em jogos oficiais pela seleção, O Globo indica que o jogador estava em outro patamar quando comparado aos demais jogadores da seleção de 2014, embora se esforçasse em apresentar um discurso em que repartisse os méritos e negasse a existência de uma dependência, demonstrando os laços criados na “família” de Scolari: “Ao mesmo tempo que assume a responsabilidade de decidir os jogos e de levar a seleção adiante, Neymar reparte os méritos e faz do peso da camisa 10 um estímulo” (O GLOBO, 24 jun. 2014, matutino, esportes, p. 5).

O Globo também lembra que, por ser o primeiro estreante a chegar na Copa com a missão de decidir, a suposta imaturidade de Neymar virou tema de discussão, mas que esse

debate não resistiu a 90 minutos do craque com a camisa amarela: “o craque se mostra absolutamente preparado e à vontade para cumprir o papel que lhe foi reservado”. Assim, reforça-se o protagonismo de Neymar e o papel de craque decisivo do time de Felipão, em que a discussão sobre uma suposta imaturidade ou inexperiência (também apresentados pelo O Globo) já não fazia mais sentido diante das suas atuações.

Além de Neymar, outro personagem que marca a classificação para as oitavas de final é Fernandinho. O jornal descreve que o jogador entrou no lugar de Paulinho e deu nova dinâmica ao Brasil, fazendo com que o técnico passasse a se preocupar com a titularidade no meio-campo (JN217). A fim de aproximá-lo da torcida, O Globo narra a trajetória do jogador, indicando que a chance da titularidade estava próxima de ser concretizada, narrando uma trajetória dificultosa de ascensão no futebol (JN224).

Desta forma, nos dois jogos da fase de grupos, especialmente no empate e apesar da goleada, O Globo destaca a falta de uma atuação convincente da seleção nacional. Os conteúdos jornalísticos publicados criticam a ineficiência do meio-campo brasileiro, com a falta de um armador e o desempenho insatisfatório de Oscar e Paulinho, ao mesmo tempo em que ressaltam a dependência cada vez maior do time em relação à Neymar. Em relação à fase decisiva que aguardava a seleção, O Globo noticia os confrontos do Brasil com seus vizinhos sul-americanos, como uma espécie de Copa América particular que permitiria à seleção chegar às semifinais, já que enfrentaria o Chile nas oitavas e, se fosse para as quartas, teria de passar pelo vencedor de Colômbia e Uruguai (JN226).

Com a classificação brasileira para as oitavas de final, O Globo passa a exibir o histórico das partidas entre Brasil e Chile e a preparação brasileira, com o treinamento de pênaltis e as possíveis escalações de Felipão. Com a realização do primeiro treino da seleção para enfrentar o Chile, a matéria publicada em 26 de junho enfatiza o preparo da substituição de Paulinho por Fernandinho, mas feita de modo suave, sem traumas, a fim de preservar os laços da família Scolari (JN233). Ao analisar este treino, Renato Maurício Prado trata das muitas dúvidas que rodeavam Felipão acerca da escalação do time (JN244). O colunista conta que o técnico parecia muito preocupado e que as substituições realizadas comprovavam sua insatisfação, embora Felipão ainda sustentasse um discurso elogioso à equipe: “as mexidas comprovam que, apesar das palavras elogiosas e da ‘evolução’ que garante ver a cada rodada, o treinador não está satisfeito com o futebol da seleção” (O GLOBO, 27 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Neste momento de preparação para as oitavas de final, O Globo retoma a trajetória de Fred na competição e descreve elogiosamente o comportamento maduro de Neymar. JN245

apresenta as semelhanças entre a trajetória de Fred na fase de grupos da Copa de 2014 e sua trajetória na Copa das Confederações em 2013. Antes dessa repetição da história se concretizar, O Globo já havia publicado sobre a possibilidade dessa reprise em JN182 e JN186. Com a concretização, o jornal relaciona as trajetórias recentes de Fred na seleção, já que, assim como na Copa das Confederações, os dois primeiros jogos da Copa do Mundo sem marcar reacenderam uma desconfiança nascida em uma temporada marcada por lesões, mas parcialmente apagada no terceiro jogo, quando houve um reencontro do jogador com o gol. A matéria constata que o atacante reapareceu com a imagem da confiança a ponto de garantir que a história se repetiria, ou seja, o Brasil se consagraria campeão, assim como em 2013.

Sobre Neymar, outros conteúdos já evidenciavam a leveza de Neymar, mesmo diante da pressão que o rondava (JN135, JN216, JN221). Fernando Calazans avalia que o comportamento do jogador tranquilizava a seleção brasileira por apresentar naturalidade em relação a sua responsabilidade à frente da equipe, o que era observado no dia a dia da seleção, nos treinamentos e entrevistas (JN231).

No dia da partida entre Brasil e Chile (28 de junho), a edição noticia a possível ausência do zagueiro David Luiz. Apresentando as declarações de Felipão e Thiago Silva, JN250 expõe o nervosismo e a ansiedade dos jogadores com a decisão e descreve que o zagueiro quase chorou durante a entrevista coletiva. No entanto, o que realmente aparece com realce neste dia é a avaliação de Felipão sobre o desempenho da seleção (JN252), notadamente sua análise de que o Brasil havia alcançado 80% do desempenho da Copa das Confederações. Essa declaração é analisada pelos colunistas, em especial por Renato Maurício Prado (JN251), que avalia a afirmação como um exagero do treinador a fim de valorizar sua equipe:

Só pode estar exagerando para levantar o moral da tropa. Nos três jogos da fase de grupos, nossa seleção ainda não chegou nem perto do futebol competitivo e vencedor do torneio do ano passado. Se for para colocar em percentual, diria que até agora estamos apresentando, no máximo, 50% do que foi visto naquela conquista. E isso ainda é pouco para levantar o caneco. (O GLOBO, 28 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Prado argumenta que há uma discordância entre o discurso e as ações de Felipão, pois se o treinador estivesse tão satisfeito não estaria flertando com três alterações no time principal: Fernandinho no lugar de Paulinho, Maicon no lugar de Daniel Alves e Ramires no lugar de Hulk.

Nesta mesma edição, a coluna de Fernando Calazans avalia que o jogo entre Brasil e Chile seria um dos mais atraentes da competição (JN248), porque entende o futebol da seleção chilena como um novo e atualizado estilo de jogo:

O Chile, cuja seleção vejo com uma cara nova – a cara nova do futebol que está sendo jogado hoje com mais destaque. Vejo o Chile, digamos assim, mais atualizado com os ditames do futebol do século XXI. [...] A seleção brasileira tem um estilo mais conservador, o estilo Felipão, com jogadores que guardam sua posição, sua função, e que raramente se atrevem a assumir (ou trocar) função e posição de outros companheiros. Sampaoli costuma fugir a esse modelo mais padronizado. Aprecia um improvisado, uma novidade, uma invenção (até no bom sentido). É mais inquieto do que Felipão. E não há dúvida alguma de que a seleção do Chile alçou outro patamar sob a batuta do argentino. (O GLOBO, 28 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2).

Deste modo, o colunista caracteriza o estilo de jogo proposto por Felipão como conservador, em certa medida, atrasado em relação aos ditames do futebol no século XXI, mas que essa diversidade de estilos enriquecia ainda mais a partida.

Às 13h do dia 28 de junho de 2014 a seleção brasileira entra em campo com o Chile em partida válida pelas oitavas de final da Copa do Mundo. Durante o tempo normal, as seleções empataram em 1 a 1 e nas penalidades o Brasil venceu por 3 a 2, classificando para as quartas de final. Na capa da edição de 29 de junho consta a classificação para as quartas de final da Copa do Mundo, especificamente a atuação do goleiro Júlio César: “Júlio César salva o Brasil”. Já a capa da editoria de Esportes desta mesma edição apresenta Júlio César e a trave como responsáveis pelo resultado: “Salvadores da pátria. Ave Júlio César! Ave trave!”.

Escrita pelo enviado especial Pedro Motta Gueiros, a matéria JN260 narra a vitória brasileira em partida contra o Chile, evidenciando a estrela de Felipão por ter apostado em Júlio César em meio à desconfiança geral e ao fato do goleiro ter salvo a seleção nos pênaltis, conduzindo a equipe à classificação. Também descreve o momento vivenciado pelo goleiro e o peso carregado pela falha na Copa de 2010 e pela segunda competição realizada no Brasil, relembrando a culpabilização ao goleiro Barbosa em 1950:

No ritual de antes dos jogos, Júlio César é dos poucos a descer do ônibus sem carregar uma mochila. O peso nas costas já é grande, seja pela falha há quatro anos, seja pela ligação entre as Copas que o Brasil organiza. Cristo negro do futebol brasileiro, Barbosa foi crucificado pelo gol que deu o título ao Uruguai em 1950. Em meio ao drama do goleiro, Júlio César evocou outras lendas para celebrar a alforria. (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Em relação ao goleiro, cumpre destacar que os questionamentos ao seu desempenho e a rememoração da falha em 2010 estiveram presentes nas páginas de O Globo antes mesmo da

convocação de Felipão (J14, F2, F7, F19). As publicações apresentam que o desempenho na partida com o Chile permitiu a redenção de Júlio César.

Júlio César é, decididamente, o eleito à protagonista do episódio da classificação brasileira para as quartas de final. Em mais uma publicação (JN262), O Globo o apresenta como herói, enfatizando suas defesas durante a partida e sua contribuição à classificação como a redenção após o drama na eliminação na Copa do Mundo da África do Sul, em 2010. O jornal relembra a falha do goleiro em 2010, o que, aliado a outros aspectos, fez com que surgissem questionamentos acerca da sua convocação em 2014:

A falha no jogo contra a Holanda, em 2010, abriu uma ferida em Júlio César. Os anos seguintes à Copa na África do Sul marcaram um declínio técnico, embora o goleiro tenha se mantido na seleção até o início de 2002. A partir daí, pareceu fora dos planos de Mano Menezes. Física e emocionalmente, também não era o mesmo. Chamado de volta em 2013, por Felipão, iniciou uma corrida contra o tempo que muitos consideravam improvável. Campeão da Copa das Confederações, parecia redimido. Mas uma nova inatividade no clube ameaçava pôr tudo a perder. Ontem, toda esta trajetória passava na cabeça do goleiro, que chorou antes do início da decisão por pênaltis e após a classificação para as quartas de final. (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Ao falar disso, a matéria conta que a reviravolta na carreira do goleiro mobilizou todos os jogadores, já que antes do início das cobranças das penalidades, Júlio foi cercado por eles e ouviu palavras de incentivo, o que o fez se emocionar. Desta descrição, o jornal indica o clima de união entre os jogadores e a trajetória do herói vivenciada pelo goleiro.

Os columnistas de O Globo comentam e avaliam a partida. Fernando Calazans descreve que houve sofrimento do início ao fim do jogo, porque o desempenho brasileiro esteve muito abaixo do esperado (JN258). De maneira crítica, analisa que a seleção não havia conseguido demonstrar as poucas qualidades apresentadas na fase de grupos e elogia a atuação de Júlio César na disputa de pênaltis:

Logo no primeiríssimo dia de mata-mata, no primeiro jogo, contra o Chile, adversário respeitável, mas que não figurava entre os candidatos ao título – logo neste dia, foi sofrimento do início ao fim, sem trégua, sem perdão. Porque **o Brasil quase não jogou. O Brasil tem que agradecer por não ter o Chile se empenhado de verdade para fazer um gol no segundo tempo, quando dominou amplamente; o Brasil tem que agradecer por ter passado pela prorrogação para chegar aos pênaltis; e tem que agradecer, sobretudo, a seu goleiro Júlio César, cruelmente injustiçado na Copa de 2010, que defendeu dois pênaltis e foi o herói que colocou a seleção brasileira nas próximas quartas de final.** Foi ele, Júlio César, na disputa dos pênaltis, porque no jogo em si, tempo normal e prorrogação, a seleção brasileira não mostrou nenhuma das poucas qualidades que mostrara na fase de grupos. **Nem Neymar conseguiu jogar o que sabe.** (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2, grifo nosso).

Afirmando que o Brasil esteve “inexistente no plano tático e no plano emocional”, Calazans identifica que a seleção não havia jogado bem e não possuía meio-campo, com uma avaliação negativa específica de Oscar, apontando que isso era pouco para a seleção brasileira e para ganhar a Copa: “Não é possível jogar bem – aliás, não é possível jogar – sem meio de campo. E é assim que a seleção brasileira está fazendo desde o início” (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). A análise evidencia a ausência de meio-campo como principal motivo para a atuação insatisfatória da seleção, o que já era destacado pelas publicações desde a primeira fase da competição (JN174, JN220).

Do mesmo modo, Renato Maurício Prado (JN261) também avalia negativamente a atuação do Brasil, embora reconheça a importância das defesas de Júlio César e sua posição como herói. O colunista explica que a salvação do Brasil foram as traves: no final da prorrogação e na quinta cobrança de pênalti do Chile. Mostrando-se preocupado com a situação da equipe, Prado alerta que a alegria após a disputa de pênaltis e a dramaticidade da classificação não deveriam ocultar a má atuação da seleção, classificando o futebol apresentado como “mediocre”.

A coluna ressalta uma percepção recorrente no conteúdo publicado sobre a partida, a saber, o domínio do Chile no segundo tempo e o Brasil sem padrão, sem jogadas e completamente dependente de Neymar. Especificamente sobre Hulk, Prado questiona o treinador acerca do posicionamento em campo: “Mas, afinal, por que diabos Felipão insiste em escalá-lo do lado esquerdo, quando, sabidamente, sua melhor jogada é pela direita, cortando para dentro e chutando a bomba de canhota?” (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). As decisões de Felipão são questionadas mais uma vez, agora sobre o centroavante, motivadas pela atuação apagada de Fred e do seu substituto Jô: “Não está na hora de testar um ataque sem centroavante fixo, com jogadores leves e de velocidade, como Bernard e Willian?” (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). As críticas direcionadas ao técnico ficam mais rígidas no subtítulo “Hora de mudar”, quando afirma que o esquema da Copa das Confederações não servia mais e sugere substituições. Prado dá um alerta ao técnico: “Acorda, Felipão!”.

Seguindo o mesmo posicionamento, de maneira incisiva Paulo Cezar Caju critica a equipe brasileira, classificando-a como angustiante e ingênua (JN268): “Esse time é angustiante!!!! Esse time é de garotos! Esse time é para encher o bolso dos cardiologistas de dinheiro. Esse time é ingênuo” (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 10). Assim como os outros colunistas, Caju enfatiza a falta de um meio-campo, a ineficácia do ataque e a insistência de Felipão, salientando, por fim, a preocupação com a seleção de maneira geral:

“Esse time passa medo, nos deixa inquietos, não transmite emoção. Na verdade, passa emoção negativa. Nosso técnico é teimoso, demora a mexer” (JN268). Deste modo, as críticas estão direcionadas aos mesmos personagens, com desconfiança e preocupação acerca das atuações deficitárias da equipe brasileira.

Um dos aspectos que aparece de maneira sobressalente em O Globo é o desequilíbrio emocional dos jogadores durante e após a partida entre Brasil e Chile. A matéria identificada como JN275 publicada em 30 de junho aborda as emoções exacerbadas durante a partida – “Pilha de nervos: Choro do capitão Thiago Silva, descontrole de Neymar e briga da comissão técnica mostram como a seleção está tensa”. O Globo informa que a obsessão do país pela conquista da Copa contaminou os jogadores brasileiros, que se encontravam “à beira de um ataque de nervos”. Por isso, as circunstâncias dramáticas do jogo evidenciaram uma tensão dos jogadores – “tão grande que se transformou numa agenda para a comissão técnica tourear, a caminho das quartas de final” (O GLOBO, 30 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). O jornal relata que vários jogadores deram sinais de nervosismo, resultando em cenas inéditas na história brasileira:

A principal envolve o capitão do time. No momento em que as duas equipes se preparavam para os pênaltis, o zagueiro Thiago Silva – o responsável por levantar a taça, se ela vier – simplesmente virou as costas, fechando-se numa oração, sentado na bola ao lado do campo. Antes, procurou voluntariamente o técnico Luiz Felipe Scolari para se escalar como último a bater, num improvável desempate no 11º jogador. (O GLOBO, 30 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Além do capitão, O Globo também comunica a emoção demonstrada por Neymar, Willian – que desabou no gramado em um choro desesperado após perder o pênalti – e o goleiro Júlio César que chorou antes da disputa de pênaltis. Para além dos jogadores, O Globo acrescenta que o clima de tensão transcendeu as fronteiras do gramado chegando à comissão técnica, já que no intervalo da partida, o técnico Felipão, o preparador físico Paulo Paixão e o assessor de imprensa Rodrigo Paiva se envolveram em uma briga com os auxiliares do técnico chileno Jorge Sampaoli (noticiado em JN267).

O choro dos jogadores também é assunto da coluna de Renato Maurício Prado (JN274). O colunista apresenta que não estava incomodado com as lágrimas, mas com o que as teria causado e o que isso poderia significar e provocar. Abordando especificamente o choro de Thiago Silva, Prado questiona o comportamento do jogador considerando-o destoante do esperado pelo capitão da equipe. Sinaliza, assim, seu incômodo com o choro e o despreparo emocional do capitão da seleção:

[...] Por exemplo: o que se espera de um capitão? Comando, liderança e exemplo, certo? E o mesmo pode se aplicar ao craque do time (por isso, muitas vezes, as funções se acumulam). Em suma: na hora em que o bicho pega é fundamental que o líder acalme e motive, aponte caminhos e mostre como todos devem se portar. Por isso e para isso, ele foi escolhido pra usar a braçadeira. **E é por aí que a coisa começa a me preocupar. Se na hora da decisão por pênaltis, o nosso capitão Thiago Silva prefere se isolar pra chorar (e, segundo ele, rezar), sentado em cima de uma bola, longe dos demais, o que está passando pro resto da tropa? Confiança, definitivamente, não é. No limite, seus companheiros podem até imaginar: ‘Só nos resta orar!’ E haja choro, desespero e descontrole.** Outro detalhe: o capitão pediu para ser o último a bater – isso se fossem necessárias as cobranças alternadas!!! Estranho, não? Por mais que pênaltis não sejam a sua especialidade. (O GLOBO, 30 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Em seguida, cita o choro do goleiro Júlio César, explicando que, embora isso não o tenha abalado – já que pegou dois dos cinco pênaltis – era possível questionar como ficaram os batedores ao ver o goleiro em prantos. O terceiro exemplo dessa emoção exacerbada apresentado é Neymar, que se emocionou no Hino Nacional, antes do início da partida. Por isso, o colunista argumenta que a obrigação de vencer a Copa e de exorcizar a derrota de 1950 agravava a situação e a adrenalina dos jogadores, o que explicava o choro descontrolado:

Mas, afinal, o que pode estar causando tanta emoção? Jogar uma Copa do Mundo em casa, certamente, é algo único e muito especial. **Jogar esta Copa com a OBRIGAÇÃO de ganhar agrava muito a situação e anaboliza de forma cavalara a descarga de adrenalina no sangue de nossos jogadores. Chegamos, enfim, ao que me parece ser o busílis da questão. A tal (e maldita) OBRIGAÇÃO de conquistar a taça,** entre outras bobagens, para exorcizar o drama de 1950, alegrar o nosso povo tão sofrido e por aí vai... (O GLOBO, 30 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Essa exposição de Prado expõe uma crítica direcionada ao discurso ufanista de Felipão e Parreira de que o Brasil tinha que ganhar ou iria ganhar a Copa. De acordo com ele, a obrigatoriedade da vitória presente nos discursos da comissão técnica era a grande responsável pelo desequilíbrio emocional dos jogadores.

Portanto, com a classificação para as quartas de final, O Globo enfatiza a dramaticidade da partida e o desempenho inferior da equipe nacional, elegendo o goleiro Júlio César como o herói da classificação brasileira, em virtude das defesas nas cobranças de pênaltis. Júlio César é apresentado como protagonista do episódio e isso é tratado como uma redenção do goleiro e da sua falha na Copa do Mundo de 2010, quando foi eleito vilão. Outro aspecto sobressalente nas matérias publicadas refere-se à instabilidade emocional dos jogadores, a partir da narração e análise dos choros e descontroles de Thiago Silva, Neymar, Willian e do próprio Júlio César em campo.

Para além da narrativa da preparação e do início da competição, outra temática presente nas publicações de junho trata das trajetórias e performances dos jogadores brasileiros. Neymar é o protagonista da seleção brasileira na Copa de 2014, isso está evidente nas páginas do jornal O Globo desde a fase preparatória da equipe. Em 01 de junho, durante a primeira semana de concentração na Granja Comary, O Globo publica que a “seleção de Neymar”, 64 anos depois, encarava o desafio de conquistar para o Brasil seu primeiro Mundial em casa (JN3). Isso revela dois aspectos comumente presentes nos conteúdos jornalísticos: o protagonismo de Neymar e a frequente recordação à Copa de 1950. A construção da matéria assinala a transformação do menino Neymar, destacando não só evolução técnica do jogador, mas a superação das lesões e o amadurecimento, aspectos que são validados por fontes institucionais, como o médico da seleção José Luís Runco e Carlos Alberto Parreira. O jornalista informa que Neymar estava tranquilo na seleção e que apesar da responsabilidade de ser o camisa 10, era protegido como o caçula da equipe, o que demonstra o clima de união entre os jogadores:

Na seleção, Neymar está confortável novamente. **Se Felipão faz do seu time uma família, Neymar está entre irmãos em Teresópolis.** Apesar da responsabilidade que carrega nas costas junto com a camisa 10 de Pelé, **o craque é protegido como o caçula.** Quem ousar mexer com ele tem que se ver com os mais velhos. Quando não está ouvindo as histórias de Fred, Neymar é visto ao lado de Daniel Alves numa relação que serve para aumentar a confiança do craque à medida que reduz a dependência da seleção. (O GLOBO, 01 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso).

No transcorrer da preparação para o início da Copa, O Globo estabelece um comparativo das atuações do jogador no Barcelona e na seleção (JN28) e noticia as publicações dos jornais espanhóis acerca da performance dele (JN38), argumentando que, desde que a seleção havia sido assumida por Felipão, Neymar recebeu a camisa 10 e passou a ter liberdade para se mover pelo campo inteiro.

O comportamento de Neymar é recorrentemente descrito e avaliado pelo jornal. Em 10 de junho (JN80) expõe que, na contramão da suposição geral, Neymar garantiu que não se sentia pressionado por ser a maior esperança do Brasil na competição. No dia da estreia do Brasil, em 12 de junho (JN99), O Globo dá destaque ao protagonismo de Neymar na seleção brasileira, colocando sobre ele a responsabilidade da conquista do hexacampeonato. O Globo expõe que, com apenas 22 anos e justamente no Mundial jogado em casa, todos os olhos do mundo estariam vigiando Neymar, sendo ele o protagonista e o grande responsável pelo destino da equipe.

Após os dois gols marcados na estreia brasileira, O Globo o apresenta como o jogador que seguia a linha sucessória de craques como Pelé e Ronaldo e como “herdeiro legítimo da mais nobre linhagem do futebol brasileiro” (JL135), dispendendo elogios à sua capacidade de tomar decisões sensatas sob pressão e de mostrar controle de um veterano. O jornal também compara as atitudes opostas de Neymar e Messi com os fãs, estabelecendo uma personificação de herói e vilão, respectivamente (JN160). A composição “bem *versus* mal” pode ter sido produzida com a finalidade de moldar a imagem de Neymar como um herói brasileiro, diminuindo a identificação dos brasileiros com o argentino Messi, considerado um dos melhores jogadores do mundo.

O Globo chega a narrar cronologicamente cada um dos lances da estreia de Neymar na Copa do Mundo (JN116) e analisa as reações faciais do jogador durante e após a partida entre Brasil e Camarões, apresentando sete fotografias e sete ilustrações das expressões faciais de Neymar em cada momento da partida decisiva (JN222).

Além de Neymar, outros jogadores possuem suas trajetórias narradas pelo jornal, como Dante (JN11), Thiago Silva (JN30), Willian (JN41), Marcelo (JN53), Fred (JN53, JN54, JN56, JN70), Luiz Gustavo (JN87, JN238), Paulinho (JN88), Daniel Alves (JN197), assim como o técnico Felipão (JN39). Especialmente em relação à Dante, O Globo indica que os torcedores que insistiam em atacar jogadores que saíam cedo do país com o argumento de que desprezavam suas raízes e de que a vida no futebol profissional era fácil acabavam desarmados pela trajetória e pelo discurso do zagueiro (JN11). Deste modo, o texto relembra a difícil saída do jogador do Brasil e suas expectativas em servir de exemplo para as crianças do país. Isso reforça a tentativa de aproximação entre a seleção e o público brasileiro, amenizando a falta de identificação gerada, entre outras coisas, pela prematura saída dos jogadores do país.

Assim como no caso de Dante, as demais narrativas de outros jogadores tratam de um empenho de proximidade entre a seleção e o povo. O Globo descreve que Thiago Silva estava confortável na função de líder da seleção, Willian era o “12º de Felipão”, Fred era o mais experiente dos jogadores ofensivos da seleção e Luiz Gustavo se constituía como o “carregador de piano” e “peça vital” da equipe.

As publicações reconstroem a história de Fred e a representação do público sobre ele, a fim de que haja uma recuperação da confiança do torcedor. O Globo apresenta que a trajetória recente de Fred era um constante exercício de reverter expectativas e que sua experiência e serenidade em campo tranquilizavam a comissão técnica.

Acerca de Felipão, O Globo inicia o mês divulgando sua nova doutrina, mostrando-o generoso e preparado para chamar a responsabilidade para si e relaxar as tensões em um

ambiente carregado pela obrigação da vitória. Com isso, ao descrever algumas ações do técnico durante treinos e entrevistas, indica que Felipão se apresentava mais calmo, diplomático e paciente:

Disposto a atenuar o peso que toda a delegação carrega pela obrigação de vencer em casa, o técnico tem feito força para ser mais suave e sereno. [...] Felipão deixou os rompantes e a impaciência no passado, ou guardados para uma aparição futura. Até nas entrevistas, em que costumava se oferecer ao confronto para reforçar os laços do grupo, o técnico tem sido mais diplomático. Mesmo quando mostra certa irritação diante de uma pergunta, ele se esforça para respondê-la, em vez de ceder ao impulso de desqualificar o interlocutor ou de ameaçar ir embora, como já se cansou de fazer. Em busca de fôlego para o maior desafio da carreira de todos os envolvidos, Felipão se preparou para evitar o acirramento das relações num ambiente que já é tenso pela própria natureza. (O GLOBO, 06 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

As declarações de Felipão apresentadas evidenciam a amizade e o espírito de proteção entre os jogadores, descrito pelo técnico como “um dos melhores ambientes que viveu na vida”. Ainda, a publicação expõe que Felipão mostrava-se ciente de suas responsabilidades e aguentaria as cobranças que viriam a ser feitas durante a competição. De modo resumido, a matéria aborda a mudança de comportamento de Felipão, mais tranquilo e paciente, de modo que o trabalho do treinador se orientava pela criação de um ambiente seguro e confiante. No entanto, essa calma e serenidade do técnico tem dias contados, como a própria publicação supõe. Com o início da Copa do Mundo e as cobranças em relação ao desempenho da equipe, o técnico volta a mostrar-se irritadiço, impaciente e desrespeitoso com a imprensa (JN166, JN205, JN311, JN333).

Outra temática constante são as lembranças aos confrontos e Copas passadas. Antes de qualquer partida, o jornal relembra o histórico dos resultados da disputa do Brasil com aquele adversário. Contudo, o que se sobressai são as referências à Copa do Mundo de 1950. Mesmo antes do início da competição, O Globo já comparava a situação que seria vivenciada no primeiro jogo: assim como há 64 anos, quando a seleção fez seu primeiro jogo em um Maracanã em construção, mais uma vez o Brasil estrearia em um estádio inacabado, desta vez no Itaquera, fato considerado uma “triste sina do país do futebol” (JN25). Do mesmo modo, retoma o histórico de vaias à seleção em São Paulo, informando que desde a Copa do Mundo de 1950 a equipe nacional enfrentava “o mau humor das arquibancadas no estado” (JN37). Neste sentido, durante repetidas vezes há citação à Copa de 1950 como fantasma que viria assombrar a seleção em 2014.

Um dos assuntos que permeou as páginas impressas de O Globo, do início da Copa do Mundo até o dia 29 de junho, foi a possibilidade de um reencontro entre Brasil e Uruguai nos

campos brasileiros, assim como em 1950. Isso era tratado como um fantasma, como se a derrota inesperada se repetisse após 64 anos, ou como vingança, como se a dor daquela derrota pudesse ser amenizada com a conquista de 2014.

O fim desta narrativa acontece em 29 de junho diante da eliminação do Uruguai pela Colômbia, impossibilitando um reencontro entre as duas seleções (JN269). Há uma espécie de comemoração e alívio no comunicado da eliminação uruguaia e, conseqüentemente, do confronto entre Brasil e Colômbia. De início, a matéria publicada pelo O Globo informa que existia preocupação com a possibilidade de uma nova eliminação em solo nacional diante dos uruguaios e que isso era também o combustível dos uruguaios que apresentavam torcedores fantasiados de fantasmas com menções ao Maracanazo. Com a eliminação do Uruguai, o Brasil enfrentaria a seleção colombiana, classificado pelo jornal como um “adversário bem menos preocupante”. Portanto, se destaca o alívio no fato de que não haveria mais a possibilidade de um novo Maracanazo, até então tratado como um fantasma que rondava o solo brasileiro.

O mês de julho dá continuidade à competição, especificamente das quartas até a grande final, ocorrida em 13 de julho de 2014 no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Como neste mês ocorre a derrota brasileira e há o desdobramento deste acontecimento, os dados são especialmente relevantes para essa pesquisa. São publicados 368 conteúdos sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo, sendo que 241 publicações estão presentes no jornal O Globo, especialmente na editoria Esportes, e o restante (127 publicações) fazem parte do caderno especial “Brasil 2014”, distribuído gratuitamente que, em grande medida, replicava os conteúdos publicados na editoria Esportes.

No que diz respeito às marcas de apuração, Carlos Eduardo Mansur (36 textos), Maurício Fonseca (27), Fernando Calazans (19) e Renato Maurício Prado (18) são os jornalistas que se sobressaem na quantidade de publicações assinadas. No entanto, mais de 30 jornalistas distintos assinam os conteúdos presentes nas páginas de julho de O Globo e 113 textos não possuem assinatura. Em relação ao local de apuração, 240 conteúdos são apurados internamente, enquanto 116 são apurados externamente e três textos possuem local de apuração indefinido.

O uso de informações de primeira mão se sobressaem (146 textos), junto com a indefinição em relação à origem da informação, também em 146 textos. As informações de segunda mão estão presentes em 52 publicações, enquanto o uso conjunto de informações de primeira e segunda mão ocorre em 14 textos, além de oito publicações acionarem apenas o jornalista como fonte e duas publicações usarem informações de primeira mão e do jornalista como fonte informacional. Como nos meses anteriores, há domínio das fontes institucionais

(117 textos), seguido das fontes especializadas/comentadoras (35) e das fontes cidadãos (11). Entre todas as fontes informacionais apresentadas, as mais recorrentes são o técnico Felipão e os jogadores da seleção nacional, presentes em 55 e 45 textos, respectivamente.

No que concerne às marcas de composição do produto, identifica-se que predomina o formato de matéria (189), seguido da nota (72), da coluna (68), da reportagem (21), do artigo (8), da entrevista (5), da fotolegenda (4) e do editorial (1). Enquanto 107 conteúdos não utilizam recursos visuais, o restante das publicações se utiliza de fotografias, infográficos, quadros informativos, ilustrações e olhos. Especialmente após as partidas, O Globo narra e analisa o desempenho brasileiro utilizando fotografias do jogo, quadros avaliativos da atuação dos jogadores e infográficos com números e percentagens sobre posse de bola, dribles, cruzamentos, desarmes, faltas, passes certos, finalizações e domínio por setor.

São seis as temáticas presentes nas publicações deste mês: 1) o Brasil na Copa do Mundo, 2) trajetórias e performances dos jogadores brasileiros, 3) lembrança às Copas e confrontos passados, 4) assuntos gerais sobre a competição e curiosidades sobre a seleção, 5) a derrota, seus desdobramentos, o futuro da seleção e do futebol brasileiro, 6) os rumos da seleção após a Copa. A primeira temática reúne o maior número de publicações (136 textos) e dá continuidade à narrativa acerca da trajetória da seleção na competição, prosseguindo a análise sobre a classificação para as quartas de final.

Desde a classificação brasileira na vitória por pênaltis contra o Chile, O Globo focaliza a instabilidade emocional dos jogadores durante e após a partida, especialmente de Thiago Silva, Neymar, Willian e do goleiro Júlio César. Deste modo, O Globo volta a tratar do estado emocional da equipe e da preocupação da comissão técnica em relação a este aspecto na primeira edição de julho de 2014. O jornal informa que os apelos emocionais da comissão técnica ficariam em segundo plano, dado o estado emocional da equipe, que passaria a contar com a presença de uma psicóloga (JL2):

Os apelos emocionais, motivacionais, perderão espaço nas reuniões entre comissão técnica e jogadores da seleção brasileira. Há um consenso de que alguns deles passaram do ponto, estão emocionalmente fora do padrão desejável. **É hora de menos coração e mais razão.** Esta será a tônica do trabalho em Teresópolis, que deverá ter a presença da psicóloga Regina Brandão, nos dias anteriores à viagem para Fortaleza, local do jogo de sexta-feira, contra a Colômbia. (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso).

Deste modo, a instabilidade emocional dos jogadores aparece associada e explicada pelos constantes apelos emocionais da comissão técnica, o que seria corrigido com acompanhamento psicológico. O Globo expõe que a pressão excessiva nos jogadores

colaborava para os problemas táticos da equipe – “a ansiedade para resolver as partidas estaria fazendo a seleção correr demais e pensar de menos” (JL2).

Ainda sobre a instabilidade emocional apresentada, O Globo publica uma análise de psicólogos esportivos acerca das reações dos jogadores na partida com o Chile (JL4). A matéria informa que os especialistas foram unânimes em concordar que não faltavam motivos para tanta emoção: são jogadores inexperientes em Copa do Mundo, jogando em casa e sentindo obrigação de vencer, “além de disputarem o Mundial num momento delicado do país, que recentemente teve as ruas tomadas por protestos, muitos deles contra a própria competição” (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4). Contudo, O Globo expõe que os psicólogos condenam a análise de que o choro é sinal de fraqueza ou descontrole emocional. A matéria apresenta que um dos momentos mais preocupantes da Copa havia sido o nervosismo e o descontrole do capitão Thiago Silva, que pediu para ficar de fora da lista de batedores dos pênaltis. De acordo com uma das profissionais consultadas, a mestre em Psicologia do Esporte, Suzy Fleury, por ser capitão e referência para a equipe, Thiago Silva necessitaria de atenção especial da comissão técnica.

O comportamento do capitão Thiago Silva tem destaque em O Globo. Por isso, a matéria escrita por Alessandro Alvim expõe uma análise específica sobre o estado emocional do jogador naquela partida (JL6). O texto inicia com a afirmação de que a liderança de um capitão está associada à fibra, à explosão, ao papel enfático que um jogador personifica em um momento decisivo e que nos pênaltis contra o Chile, Paulinho, Neymar e Fred assumiram esse papel, enquanto Thiago Silva foi tomado por uma introspecção emotiva. Para explicar tal reação, utiliza psicólogos e neurolinguistas como fontes especializadas/comentadoras que explicam: Thiago Silva perdeu sua capacidade de raciocínio lógico, tomado por uma emoção muito forte, o que não significava sinal de fraqueza, mas uma atitude humana que resultaria em aprendizado.

Além do texto, exibe seis fotolegendas que apresentam os principais momentos da instabilidade de Thiago Silva na partida entre Brasil e Chile. Cada uma das fotografias é disposta em ordem cronológica – do fim da prorrogação até o fim das penalidades – e apresenta uma legenda que analisa o comportamento emocional do capitão brasileiro. Com a análise, O Globo o apresenta como um “capitão humano” que sofreu naquela ocasião, mas saiu dela fortalecido.

Deste modo, as análises da instabilidade emocional dos jogadores evidenciam o caráter humano da seleção, avaliando que as lágrimas não representavam, necessariamente, fraqueza. Nota-se um esforço do jornal em não classificar de maneira exclusivamente negativa o ocorrido

na disputa de pênaltis. Isso é reforçado pelo artigo de Pedro Motta Gueiros, publicado na edição de 01 de julho sob o título “Covardia de verdade é não se emocionar” (JL7). Gueiros argumenta que embora os jogadores estivessem aptos ao desafio imposto pela Copa, exigir frieza e controle absolutos lhe parecia covardia bem maior do que se falava acerca do gesto de Thiago Silva. O artigo avalia que o capitão havia recebido toda a carga da instabilidade nacional, já que a derrota representaria o fardo carregado desde 1950:

Embora ninguém possa precisar o que se passa no coração alheio, a julgar pelo depoimento emocionado numa propaganda de telefonia, Thiago Silva foi uma antena que recebeu toda a carga da instabilidade emocional. **O medo tomou conta do zagueiro porque o Brasil só tem a opção de vencer a Copa, porque a derrota representa a cruz que a seleção de 1950 carrega até hoje.** [...] Se o renascimento, depois da sensação de que o fim era iminente, mexeu no corpo e na alma até de quem desprezava o poder arrebatador do futebol, como não bateria no fundo do peito dos nossos jogadores? O capitão não deve fraquejar, como, aliás, não fez ao longo do jogo em que teve atuação impecável, mas **pode, sim, balançar diante do ritual sumário de condenação que uma disputa de pênaltis e mais uma derrota do Brasil em casa anunciam. Chorar numa hora dessas é coisa de homem.** Covardia é não se emocionar. (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 5, grifo nosso).

Dito isso, reafirma a naturalidade dos sentimentos de medo em situações decisivas e defende a reação de Thiago Silva como “coisa de homem” e não como sinal de fraqueza ou covardia. Portanto, há uma tentativa de amenizar as críticas direcionadas à instabilidade emocional dos jogadores, especialmente de Thiago Silva, diante do contexto vivenciado, em que a derrota representaria uma não superação do trauma de 1950.

A chegada da psicóloga Regina Brandão na Granja Comary para acompanhar os jogadores é o assunto principal da matéria publicada em 02 de julho (JL12). Em certa medida, a presença da psicóloga ganha centralidade em detrimento da disputa com a seleção colombiana, como pode ser percebido no título e linha de apoio utilizados: “Última convocada” (título), “Em momento emocional conturbado da seleção, presença de Regina Brandão na Granja Comary ganha importância fundamental. Jogo com a Colômbia fica em segundo plano” (linha de apoio). O Globo afirma que as apostas para que a seleção brasileira finalmente jogasse bem na Copa estavam depositadas na psicóloga, chamada às pressas à Granja Comary “para tentar evitar um colapso psicológico” antes da decisiva partida contra a Colômbia. De acordo com a publicação, Felipão estava certo de que a psicóloga diminuiria a adrenalina na concentração, uma vez que, “ainda que veladamente, ele **começa a achar que errou na mão ao bater na tecla de que o Brasil seria hexacampeão**, de que não havia como perder o título” (O GLOBO, 02 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso). Deste modo, há a indicação da

responsabilidade de Felipão em relação à pressão emocional dos jogadores e de que, em virtude disso, havia mudado seu discurso excessivamente triunfalista:

Não foi por outra razão que Felipão, já na véspera do jogo contra o Chile, sentindo que o grupo estava tenso, começou a mudar seu discurso. Foi a primeira vez que ele falou que, se o Brasil não conquistasse o hexa, ninguém morreria e a vida seguiria normalmente. Como se viu, não adiantou muito. No dia do jogo, a tensão chegou ao ápice e só então o sinal de alerta foi ligado. (O GLOBO, 02 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Assim, O Globo claramente responsabiliza a comissão técnica, seus discursos otimistas e de obrigatoriedade da vitória pela instabilidade emocional dos jogadores. Em JL13, apresenta uma crítica à estratégia adotada pela comissão técnica ao adotar um discurso triunfalista, o que aprofundou a pressão dos jogadores. Segundo o texto, as circunstâncias já demonstravam um cenário de tensão: limitações do time, cansaço decorrente da exigente temporada europeia, estreia em Copa do Mundo de alguns jogadores e a pressão da história com a derrota de 1950. No entanto, o jornal indica que os comandantes da equipe decidiram acrescentar mais um elemento que aumentou a tensão – o discurso triunfalista de que não havia como o Brasil perder o título: “Um título não escapa de José Maria Marin, Luiz Felipe Scolari e Carlos Alberto Parreira: ao adotar o discurso triunfalista de ‘Brasil superfavorito’, ‘ninguém segura’ etc., **o trio construiu uma estratégia de chorar**” (O GLOBO, 02 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso). Do mesmo modo, Calazans sugere que a pressão emocional teria surgido com os discursos otimistas de Felipão e Parreira, e a partir da mudança de discurso de Felipão – retirando a obrigatoriedade e a certeza da vitória – a pressão emocional poderia ser modificada (JL21).

Ao tratar do desequilíbrio emocional dos jogadores, matérias e colunas noticiam a preocupação da comissão técnica com o episódio e indicam a mudança no discurso de Felipão antes e após o confronto com o Chile, desmanchando-se o discurso otimista e triunfalista, dada a pressão exercida diante dos jogadores. Refere-se, portanto, à uma responsabilização de Felipão e da comissão técnica acerca da instabilidade emocional dos jogadores (JN274, JN275, JL2, JL4, JL6, JL7, JL12, JL13, JL20, JL21).

Outro fato que ganha destaque nas páginas do início de julho é a reunião de Felipão com alguns jornalistas, alegando que a seleção vinha sendo vítima das arbitragens. Em JL2, O Globo expõe que a comissão técnica acreditava que havia uma pressão nos bastidores contra a seleção e supõe que Felipão e os jogadores passariam a mostrar nas entrevistas que o Brasil não era vilão, mas vítima nas questões da arbitragem. Por isso, informa que Felipão decidira

conversar e pedir opiniões sobre o time a um grupo de jornalistas. JL12 indica que essa atitude do técnico “pegou muita gente de surpresa”, especialmente quando Felipão disse que se arrependeu de chamar um dos 23 convocados para a Copa. Renato Maurício Prado critica a atitude do treinador, chamando-a de teoria conspiratória (JL3), e indica que Felipão deveria reconhecer as fragilidades técnicas e sua responsabilidade no desequilíbrio emocional dos atletas:

É teoria da conspiração demais pro meu gosto. Seria bem mais inteligente e produtivo reconhecer que o time não está jogando bulhufas e que o vitorioso esquema usado na Copa das Confederações já caducou. Deveria ter complementado fazendo um ‘mea culpa’ do próprio erro por ter colocado pressão demais nos jogadores, com aquela bobajada de que era obrigatório e certo ganhar a Copa apenas e tão somente porque ela é disputada aqui. (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Deste modo, Prado comenta que embora o treinador tenha admitido preocupação com o estado emocional, deveria ter feito um “mea culpa” por ter colocado pressão demais com seu discurso acerca da obrigatoriedade e da certeza de que o Brasil venceria a Copa. Ainda, há uma crítica específica sobre o treinador buscar explicações conspiratórias ao invés de admitir as falhas da equipe e do seu esquema tático.

A omissão da responsabilidade por parte de Felipão também é apreciada negativamente por Xexéo (JL19). O colunista analisa que Felipão parecia achar que não tinha responsabilidade sobre a performance insatisfatória da equipe e, estabelecendo uma posição crítica, afirma que o técnico mantinha a mesma tática de jogo desde a primeira partida, parecia ser o único que não via problemas no meio-campo e demonstrava não ter mais paciência para comandar treinos. Ou seja, Xexéo critica a falta de treinos táticos na equipe e, como em outros conteúdos, a falta de acompanhamento psicológico:

Como não se tem notícia de preparação técnica ou tática na seleção, eu tive a ingenuidade de imaginar que ela estava sendo bem preparada psicologicamente. Aí chega a disputa de pênaltis contra o Chile, e o que se vê é aquela choradeira em campo. O espanto da choradeira não tem nada a ver com o fato de homem poder ou não chorar. **O que espanta é saber que aquele grupo não parece ter maturidade para enfrentar um momento de decisão.** (O GLOBO, 02 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6, grifo nosso).

Além disso, Xexéo apresenta que durante reunião com os jornalistas o próprio Felipão confirmou o descontrole emocional de alguns jogadores e pediu ajuda da imprensa. Tal atitude é criticada veementemente pelo colunista, reafirmando a responsabilidade do técnico diante da situação criada e da busca por soluções: “Como é que é? O sujeito é técnico da seleção há um

ano e meio, convocou quem quis, ‘motivacionou’ quando quis e agora, quando percebe que alguma coisa não deu certo, a gente é que tem que ajudar? Tô fora” (O GLOBO, 02 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6). Nota-se que após o episódio de choro nos pênaltis com o Chile as críticas direcionadas ao técnico se tornam muito mais recorrentes e enfáticas.

Mesmo que de forma secundária, o jornal trata da preparação para as quartas de final, especificamente as mudanças testadas pelo técnico e o substituto de Luiz Gustavo, suspenso por levar o segundo cartão amarelo. As publicações sugerem que provavelmente Felipão optaria pela volta do ex-titular Paulinho, já que era um “técnico conservador, pouco dado a improvisações e sempre preocupado com a unidade do grupo” (JL8). Também apresenta que Felipão e Parreira pareciam “perdidos, atônitos com a crise emocional que provocaram com aquela besteira de obrigação e certeza de ganhar a Copa” e com o fracasso do esquema da Copa das Confederações (JL15).

Nesta mesma perspectiva, uma das matérias publicadas em 04 de julho trata do desafio enfrentado por Felipão em mostrar que seu modelo tático ainda era eficaz e atual em meio às novas tendências do futebol mundial (JL36). Ao apresentar que o treinador preferia andar pelo caminho conhecido e, desde o primeiro treino, trocava peças dentro de um mesmo conceito, desinteressado em buscar alternativas ao desenho tático, O Globo critica a insistência do técnico e expõe que Felipão estava desafiado a comprovar sua capacidade de formar grupos que cresciam na dificuldade, já que o time estava com as emoções à flor da pele e sua estratégia de pedir apoio aos jornalistas causou mais polêmica em torno da seleção. Também é noticiada a reação ríspida de Felipão às críticas por ter reunido jornalistas para uma conversa. Segundo o texto, de forma pouco polida e com palavras duras, o treinador afirmou que não via problemas na iniciativa e negou ter dito que se arrependia de convocar um dos 23 jogadores: Felipão – “Eu vou fazer (o que quero). Gostou, gostou; não gostou, vai para o inferno” (JL34). Portanto, entende-se que a publicação reforça a responsabilidade do técnico diante das adversidades enfrentadas pela equipe: não só em relação à ineficiência técnica e tática, mas também em relação ao aspecto psicológico dos jogadores, avaliando negativamente um suposto atraso do treinador no modelo tático adotado e a falta de mudanças.

Às vésperas do jogo entre Brasil e Colômbia, O Globo comunica a realização do treino da seleção brasileira, com ênfase na “dança dos coletes”, já que o técnico mexeu em quatro posições e testou três esquemas táticos (JL23). Embora deixe claro que as experimentações não implicariam em uma mudança imediata no esquema tático, o treino revelava que Felipão já pensava em algumas alternativas para a equipe (JL25). Também ressalta a tranquilidade emocional de Neymar durante a entrevista coletiva, apresentando que os temas abordados –

pressão, responsabilidade, emoção – foram tratados com naturalidade, o que revelava a maturidade e o equilíbrio emocional do camisa 10 (JL27).

A partida com a Colômbia é tratada como uma prova ou confirmação do estado emocional dos jogadores (JL31) e da possibilidade de a equipe finalmente apresentar um bom desempenho dentro de campo (o futebol apresentado na Copa das Confederações). Com a proximidade da partida, o técnico Felipão volta a aderir um discurso otimista em relação ao desempenho brasileiro, por considerar que as duas seleções possuíam o mesmo estilo de jogo, e a apresentar um comportamento grosseiro – como era costumeiro de Felipão e havia sido modificado desde o início da competição, já que o treinador se mostrou solícito e bem-humorado. Nesta nova mudança de atitude, o treinador profere uma frase que passou a ser criticada pelos jornalistas e colunistas: “Eu vou fazer (o que quero). Gostou, gostou; não gostou, vai para o inferno” (JL34).

Em 04 de julho, no dia do confronto entre Brasil e Colômbia, O Globo comunica o estado da equipe brasileira, com a confiança em alta e a falta de temor (JL33). O texto apresenta que existia a sensação de que a vitória estava ao alcance, a ponto do discurso “mão na taça” voltar a aparecer. O Globo aborda as atitudes do técnico Felipão e do capitão Thiago Silva durante a entrevista coletiva, descrevendo-os como mais leves e confiantes, a ponto de o treinador transparecer convicção sobre a vitória: “A atitude de Felipão na entrevista chegava, por vezes, a transparecer uma certeza de vitória. Talvez seja mais correto falar em uma marcante confiança” (O GLOBO, 04 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso). Ao ser perguntado sobre seu otimismo, Felipão respondeu sem hesitar que o Brasil continuava com “a mão na taça”, que aquele seria o quinto passo dos sete necessários para a conquista e que os discursos triunfalistas não haviam influenciado negativamente. Deste modo, há uma nova mudança no discurso adotado, que volta a ser eufórico e confiante.

A coluna de Renato Maurício Prado comenta a postura e as declarações de Scolari (JL36). O colunista comenta que o treinador deixou claro que não haveriam mudanças na escalação do time ou na postura da comissão técnica. Prado descreve que o técnico estava à beira de um ataque de nervos e recusou-se a admitir os equívocos cometidos:

Recusando-se a admitir qualquer equívoco de planejamento ou comportamento, o treinador reafirmou que todas as medidas tomadas pela comissão técnica foram absolutamente corretas e disse que continuará fazendo as coisas ao seu modo: – **Quem não gostar vai pro inferno! – disparou. Felipão em estado puro. E à beira de um ataque de nervos.** Exatamente como os seus jogadores na dramática classificação diante do Chile. (O GLOBO, 04 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

O colunista ainda critica o esquema tático utilizado por Felipão (assim como em JL35) e questiona: “E se perdermos, quem vai pro inferno?”, se referindo à resposta de Felipão em relação às críticas recebidas. Em mais um conteúdo direciona-se uma crítica ao técnico, especialmente à resistência de Felipão em aceitar a necessidade de mudanças e em admitir sua responsabilidade diante dos erros.

Após a classificação garantida nos pênaltis, o zagueiro Thiago Silva havia passado por dias de questionamento em relação à sua estabilidade emocional, à capacidade de liderança e à aptidão para ser o capitão. A matéria publicada em 04 de julho ressalta a reação confiante de Thiago Silva durante a entrevista coletiva e a sua entrega total à equipe (JL39), expondo que poucas vezes desde o início da Copa o jogador havia se mostrado tão à vontade, contundente e sereno. Acerca das emoções exacerbadas, relata que o jogador não havia feito partidas ruins na Copa ou cometido erros grosseiros em lances importantes. Neste sentido, O Globo busca reconstruir a imagem de Thiago Silva como líder da equipe, assim como faz quando publica análises sobre as reações que sinalizavam a humanidade do jogador e não sua fraqueza ou fragilidade.

A edição de 05 de julho narra a vitória e a classificação do Brasil após partida contra a Colômbia⁷⁴, com destaque para a lesão de Neymar e sua despedida do restante da competição. A capa da edição é ocupada por duas manchetes principais: a classificação da seleção devido aos gols dos zagueiros brasileiros e a fratura de Neymar. Na capa da editoria de Esportes consta uma fotografia do exato momento em que Zuñiga lesiona Neymar e o título “Uma pancada no Brasil”. Assim, na capa da editoria o aspecto principal é a fratura de Neymar, de modo que a classificação fica em segundo plano.

A vitória veio acompanhada de elogios à atuação da equipe no primeiro tempo, quando O Globo chega a afirmar que o bom futebol havia retornado, apesar de o segundo tempo ser associado às atuações medianas e aflição pelo término do jogo (JL42). Há uma responsabilização da classificação brasileira aos dois zagueiros: David Luiz e Thiago Silva, que marcaram os gols da partida (JL48, JL49).

No entanto, a vitória ocupa um plano secundário nas páginas do jornal especialmente nos dois dias seguintes à partida, 05 e 06 de julho. Isso porque um acontecimento fez com que a vitória brasileira tivesse gosto de derrota: a fratura de Neymar e sua despedida antecipada da Copa do Mundo. Esse acontecimento é tratado como “pesadelo” e o jogador colombiano Zuñiga, responsável pela lesão, é nomeado como vilão/algoz (JL63). Com o novo

⁷⁴ O Brasil venceu a partida por 2 a 1, com gols de Thiago Silva e David Luiz.

acontecimento, O Globo passa a sustentar a ideia de que aquela seria a hora da seleção provar que não dependia de Neymar e de Oscar assumir o protagonismo que lhe foi renegado com a presença de Neymar em campo. Além de publicar uma série de mensagens de apoio de outros esportistas e celebridades (JL70) e apresentar como o fato havia sido noticiado na imprensa internacional (JL45, JL47, JL71). Outro aspecto evidenciado é a ausência de Thiago Silva na partida da semifinal, devido à suspensão. Por isso, O Globo passa a demonstrar a imagem de David Luiz, que receberia a braçadeira de capitão, como o jogador mais atencioso com a torcida, simpático e seguro (JL49). Consistia, portanto, em uma tentativa de fazer com que a torcida repassasse suas expectativas e afetos por Neymar ao zagueiro.

Durante o jogo entre Brasil e Colômbia, realizado em Fortaleza no dia 04 de julho de 2014, Neymar sofreu uma fratura na terceira vértebra lombar. O lance da lesão ocorreu aos 43 minutos do segundo tempo, quando Neymar levou uma joelhada nas costas do colombiano Zuñiga. Imediatamente foi substituído e deixou o campo chorando. Primeiro, Neymar foi examinado na clínica do Estádio Castelão e depois foi encaminhado para uma avaliação no Hospital São Carlos, na zona norte de Fortaleza. Com a lesão, o jogador ficou fora do restante da competição – o jogo da semifinal entre Brasil e Alemanha.

As publicações de O Globo dão ênfase à fratura de Neymar, narrando cronologicamente cada um dos fatos que antecederam e sucederam a lesão. Em JL44, O Globo traz informações médicas e explicativas – a fratura deixaria Neymar fora da Copa do Mundo, mas não teria maiores implicações em sua carreira, se caracterizava por uma dor excruciante, sem o risco de lesões permanentes; o jogador ficaria de quatro a seis semanas em repouso relativo, usando um colete especial estabilizador da coluna e tomando analgésicos e anti-inflamatórios. Junto ao texto, O Globo apresenta três infográficos: 1. Entenda a lesão, 2. Onde foi, 3. Tratamento. Primeiro, explica e ilustra o que ocorreu no momento da lesão, assim como as características físicas dos dois jogadores envolvidos (posição, jogos, gols, idade, altura e peso). Segundo, situa o local afetado, com a ilustração da coluna de Neymar e a posição da vértebra atingida. Terceiro, explica o tratamento do jogador a partir da utilização do colete e o repouso sugerido pelos médicos: há duas ilustrações demonstrando como ocorreria o uso do colete.

Tratando-a como “pesadelo”, JL43 informa que a lesão poderia “mudar o destino brasileiro na Copa”, de modo que o time de Felipão se via “diante do desafio de sobreviver à perda”, lembrando que durante boa parte da competição o rendimento da equipe abaixo do esperado e o brilho individual de Neymar fizeram o Brasil e o mundo se perguntarem como o time reagiria quando não tivesse seu jovem craque – o próprio O Globo questiona isso em

publicações anteriores, assim como revela uma preocupação acerca das faltas sofridas pelo jogador (JL40). Do mesmo modo, Jorge Luiz Rodrigues e Maurício Fonseca questionam como a seleção reagiria sem Neymar (JL55): “A dureza agora é ficar sem Neymar. Como reagirá o Brasil sem seu melhor jogador?” (O GLOBO, 05 jul. 2014, matutino, esportes, p. 14). Além disso, em JL48 O Globo apresenta que a dura entrada que Neymar recebeu pelas costas atingiu a todos que já olhavam para frente, com vistas à semifinal contra a Alemanha, e surpreendeu quem pensava que o maior drama brasileiro seria a partida com o Chile.

Sob o título “Brasil na semifinal. Mas dá pra sonhar sem Neymar?”, Renato Maurício Prado afirma que a lesão tirou a glória da vitória e avalia que, apesar da atuação ruim de Neymar durante a partida, o Brasil conseguiu a classificação, dando esperança de que havia vida na seleção mesmo sem ele (JL51). Ou seja, antes mesmo da lesão, havia a confirmação de que a seleção poderia vencer sem ele, o que foi tratado pelo colunista como uma esperança para a conquista brasileira. Míriam Leitão avalia que o Brasil estava entre “o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética”, “flutuantes e polares em nosso humor e confiança na seleção”. Assim, a colunista divulga que a vitória deixou os brasileiros em pânico, não pelo jogo, mas porque uma derrota maior veio depois: a lesão de Neymar e “a vértebra quebrada que pesa sobre cada um de nós” (JL56).

O Globo também trata da vitória brasileira no confronto com a Colômbia, assim como a classificação para a semifinal. A ênfase está na atuação da dupla de zagueiros Thiago Silva e David Luiz que decidiram por terem marcado os gols da partida (JL48): “Anjos da guarda da defesa, Thiago Silva e David Luiz decidem jogo que leva Brasil à semifinal contra Alemanha”. Já nesta publicação entende-se que o jornal tenta construir um clima otimista apesar da lesão de Neymar, indicando que outros jogadores, neste caso os zagueiros da seleção, poderiam substituir o protagonista e retomar as esperanças de título. A reportagem evidencia o desempenho elogioso de Thiago Silva e David Luiz, afirmando que ambos haviam demonstrado que “um zagueiro pode valer tanto quanto um craque” (O GLOBO, 05 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6). Ao falar da lesão sofrida por Neymar, O Globo expõe que havia chegado a hora de o time mostrar que poderia andar pelas próprias pernas e avançar a partir da retaguarda, ou seja, da zaga brasileira.

JL49 também atribui a vitória e a classificação do Brasil aos zagueiros, tratando-os como heróis: “O herói e o capitão”. David Luiz é eleito o grande herói da classificação brasileira, tanto pelo gol de falta que deu a vitória ao Brasil, tanto pela “atuação de zagueiro intransponível”. O Globo informa que no fim do jogo um som ecoava no estádio: 60 mil pessoas

gritavam o nome de David Luiz, que, num gesto de grandeza, consolou o jovem jogador colombiano James Rodríguez.

Na edição de 06 de julho se destacam os desdobramentos acerca da lesão de Neymar, a sua despedida da Copa do Mundo e a busca por uma alternativa à ausência do jogador. Neste contexto específico O Globo informa sobre a chegada de Neymar à Granja Comary e a recepção dos jogadores no desembarque na Base Aérea do Galeão (JL67). Em seguida, trata da chegada do jogador em sua casa no Guarujá e a aglomeração de torcedores em frente à residência esperando para recepcioná-lo e dar apoio moral (JL65). Há um cuidado do jornal em narrar de maneira cronológica o deslocamento de Neymar, expondo horários, detalhes médicos e de transporte e o comportamento do jogador.

Mais uma matéria sobre a fratura de Neymar é publicada na edição de 06 de julho. No entanto, o conteúdo escrito por Carlos Eduardo Mansur se refere à percepção e reação dos jogadores à ausência do atacante (JL79). A retranca, o título e a linha de apoio utilizadas evidenciam a união dos jogadores a fim de usar a ausência do craque como fator motivacional: “Em nome de Neymar” (retranca), “Todos por um” (título), “Jogadores querem usar ausência do craque do time como fator de motivação para superar Alemanha, chegar à final da Copa e levantar a taça em homenagem a ele”. O Globo apresenta que a perda do principal jogador do time deu um certo ar de luto a um vestiário que deveria ser de euforia, mas que, passado o trauma, a notícia deveria ser usada como ponto de partida para um pacto de superação. Conforme o texto, Thiago Silva deu o tom da mobilização da equipe quando afirmou que o episódio poderia ser transformado em uma força extra para o time que ganharia a Copa para Neymar. Em seguida, descreve o comportamento desolador de David Luiz: “[...] ficou alguns minutos em silêncio ao receber a notícia. Nitidamente, fez força para conter as lágrimas” (JL79).

Portanto, O Globo evidencia a ausência de Neymar encarada pelos jogadores e pela comissão técnica como fator motivador para continuar a competição e vencê-la em homenagem a ele. Em certa medida, Renato Maurício Prado também evidencia a lesão de Neymar sob esta perspectiva, destacando que a ausência do jogador guiaria a seleção ao título (JL61). A coluna de Prado afirma que o acontecimento ainda doía e que Neymar, os brasileiros, a Copa e o futebol não mereciam a ausência de uma das “estrelas mais brilhantes da competição”. O colunista afirma que Neymar seria como El Cid, o cavaleiro espanhol que morto liderou a cavalo os seus guerreiros na batalha contra os mouros. Prado sugere que o moicano do jogador guiaria o Brasil até a final da Copa do Mundo:

Em cada passe de Oscar, a partir de agora haverá o talento do jovem craque criado na Vila Belmiro; em cada chute de Fred ou Hulk, a sua pontaria; em cada cobrança de falta de David Luiz, a sua precisão; em cada defesa de Júlio César, a sua energia; e em cada desarme de Fernandinho e Paulinho, a sua garra incansável. **Todos seremos Neymar, de agora em diante. Do campo às arquibancadas. Das telinhas das casas e apartamentos aos telões dos restaurantes e das Fun Fest. Da ponta das chuteiras dos jogadores ao âmago do nosso coração.** (O GLOBO, 06 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Segundo ele, Neymar estaria presente em espírito e seria nele que se inspirariam para buscar soluções criativas e geniais, como as que Neymar habitualmente encontra. Assim todos seriam Neymar naquele momento: “Desde o diagnóstico da fratura na coluna de Neymar, todos passamos a ter um número 10 às costas e com ele desfilamos, imponentes, de topete moicano e cabelo descolorido na alma. E é assim que iremos à luta” (JL61). Desta forma, Neymar é representado como um ser mítico capaz de inspirar e salvar a seleção, mesmo distante dos gramados.

Diante desta situação, O Globo aproxima o enredo vivenciado na Copa de 2014 com o enredo da Copa de 1962, destacando que em ambos os momentos a seleção perdera seu maior e melhor jogador, Neymar e Pelé, respectivamente (JL80). Atentando-se à semelhança das situações, O Globo apresenta que em 1962 o substituto de Pelé, Amarildo, deu conta do recado e foi decisivo para a vitória brasileira.

As escolhas textuais trabalham sentidos de confiança e retomam os episódios de consagração da seleção brasileira, como a Copa do Mundo de 1962, propiciando a ligação entre gerações que não vivenciaram aquela conquista, mas que poderiam desfrutar o passado no presente, a partir da rememoração da narrativa jornalística. Sob este mesmo aspecto, Motta (2013) explica que a recuperação à memória de eventos ou episódios ao presente da ação possui uma funcionalidade orgânica na narrativa.

A partir desta inter-relação, o jornal passa a levantar hipóteses acerca de quem seria o Amarildo da seleção em 2014, isto é, quem seria o substituto e novo protagonista. Renato Maurício Prado cogita a melhor e mais óbvia opção seria a entrada de Willian, jogador polivalente e talentoso que poderia manter a mobilidade do ataque. No entanto, o colunista lembra que havia quem apostasse na manutenção de Fernandinho e Paulinho, mesmo com a volta de Luiz Gustavo, o que considera a mais provável, dado o histórico de Felipão e Parreira (JL61).

O Globo apresenta Oscar como possível novo protagonista, evidenciando que o jogador poderia deixar de ser “um operário na marcação” para se tornar o articulador do meio-campo (JL86). Deste modo, sugere uma “troca de papéis”, com Oscar assumindo como

protagonista e deixando para trás o papel de coadjuvante que assumiu quando Neymar estava em campo (como O Globo noticiara em JN133): “O camisa 11 da seleção precisa assumir um novo papel justo na parte final do roteiro em que o drama e a redenção disputam o título da saga. [...] Oscar está pronto para concorrer na categoria em que Neymar brilhava sozinho” (O GLOBO, 06 jul. 2014, matutino, esportes, p. 12). Enfim, O Globo visualiza a possibilidade de protagonismo de Oscar como uma possibilidade de êxito para a seleção brasileira no confronto com a Alemanha.

Outro jogador que ganha evidência é David Luiz. O periódico informa que com a ausência do suspenso Thiago Silva, a braçadeira de capitão ficaria com David Luiz (JL82). Classificando-o como “carismático, ídolo da torcida e um dos melhores zagueiros do mundo”, O Globo expõe que David Luiz já era o capitão de fato da seleção brasileira, uma vez que foi ele quem tomou a iniciativa de consolar Willian e Hulk quando perderam os pênaltis na disputa contra o Chile.

A popularidade de David Luiz diante da torcida e a atenção que o zagueiro dá a ela também são noticiadas em 06 de julho (JL83). O comportamento do zagueiro na entrevista coletiva é descrito como simpático e seguro, descrevendo que ele encarava com naturalidade ter que usar a braçadeira de capitão e, na ausência de Neymar, ter seu nome como o mais gritado pela torcida. A partir disso, representa David Luiz como o jogador mais atencioso com o torcedor e como líder da equipe. Com as publicações JL82 e JL83 percebe-se o realce à popularidade e carinho com o torcedor repassado à David Luiz, dada a ausência do camisa 10. Esse protagonismo do zagueiro é reafirmado por Joaquim Ferreira dos Santos (JL102): “És o novo Deus da raça, David Luiz. De ti, esperamos que espane os adversários para longe da grande área, comece a ligação direta com o ataque e, como jamais te faltará pulmão, faça o que homem gol lá na frente não está conseguindo” (O GLOBO, 07 jul. 2014, matutino, segundo caderno, p. 8).

No dia anterior à partida entre Brasil e Alemanha, em 07 de julho, aborda-se o treino coletivo realizado pela equipe brasileira, informando que Felipão aproveitaria a ausência de Neymar para tentar confundir o técnico alemão Joachim Löw e só anunciaria a escalação horas antes da partida (JL95). Outro assunto publicado neste dia envolve a entrevista coletiva e o confronto efetivado entre a seleção e a Fifa (JL98). O Globo sustenta que de forma cada vez mais declarada, o comando da seleção brasileira travava uma espécie de guerra fria com a Fifa, a partir de contínuas tentativas de confronto, através de reclamações contra a arbitragem e em pequenos gestos. Com isso, explica que uma dessas tentativas de confronto ocorreria na entrevista coletiva oficial da véspera do jogo, onde havia a obrigação da presença do treinador

e de um jogador, pois enviaria o zagueiro Thiago Silva, que estava suspenso e não jogaria. Segundo o jornal, era uma tentativa de desprestigiar a Fifa por acreditar que haveria um complô para evitar a conquista brasileira:

É, na verdade, uma tentativa de desprestigiar um evento organizado pela Fifa. **O comando da seleção diz, frequentemente, estar convencido de que há ‘um complô’ para evitar que o Brasil seja campeão.** E usa estratégias para disseminar tal informação na opinião pública. Por exemplo, quando convocou jornalistas para uma conversa em Teresópolis, Felipão, ao lado do coordenador técnico, Carlos Alberto Parreira, e do auxiliar, Flávio Murtosa, bateu insistentemente nesta tecla. Queria que a imprensa seguisse o discurso e ampliasse o debate. (O GLOBO, 07 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6, grifo nosso).

Conforme o texto, essa mobilização em sustentar um discurso de complô contra o Brasil começou dias depois da seleção ter um pênalti inexistente marcado a seu favor na estreia contra a Croácia e da imprensa internacional ter relatado reclamações de um suposto favorecimento aos donos da casa. A matéria ressalta que, desde então, a comissão técnica brasileira passou a citar constantemente erros que favoreceram outras seleções, a fim de amenizar o discurso de que a entidade estaria favorecendo o Brasil.

No dia da partida entre Brasil e Alemanha, em 08 de julho, O Globo apresenta conteúdos que analisam comparativamente as duas seleções, com a avaliação da evolução e do crescimento do futebol alemão, reforçando a importância de uma política esportiva que faltava ao futebol nacional (JL107, JL112). Neste dia também há uma preocupação dos colunistas com a possibilidade de uma final entre Brasil e Argentina e de uma repetição da tragédia de 1950, assim como são detalhadas e explicadas as possíveis substituições a serem realizadas pelo técnico (JL106).

Renato Maurício Prado analisa a possível escalação da equipe brasileira que enfrentaria a Alemanha, comentando o último treino realizado por Felipão (JL105). O colunista explica que o técnico trocou a escalação várias vezes, mas deu a pista de que a vaga de Neymar deveria ser ocupada por Paulinho ou Willian. No subtítulo “Sonho ou pesadelo”, opina que se o Brasil chegasse à final, preferiria enfrentar a Holanda e não a Argentina, porque a possibilidade de uma derrota para os argentinos seria ainda pior que a de 1950. Essa mesma aflição é apresentada por Veríssimo (JL110), expondo a dualidade da situação: ao mesmo tempo em que existia a vontade de que uma Copa sensacional tivesse um desfecho à altura, também existia um temor de que se repetisse “a Grande Desilusão de 50, com argentinos no papel de uruguaios”.

A comparação entre o futebol brasileiro e o alemão também permeia as páginas do jornal. Trata especificamente da inversão de papéis vivenciadas pelas seleções: enquanto a seleção brasileira era criticada pelo estilo mais duro que bonito, a antes pragmática Alemanha apresentava mais técnica do que resultados (JL107). Deste modo, expõe que duas das maiores escolas de futebol mundial duelariam por um lugar na final da Copa do Mundo, numa aparente inversão de papéis históricos. Em outra análise comparativa, O Globo apresenta os alemães como rivais e referências no processo de renovação do futebol (JL112). De acordo com a publicação, a Alemanha constatou que o futebol precisava de uma ampla reformulação e mexeu na formação do jogador, nos métodos de treinamento e no estilo de jogo. Ao falar especificamente do Brasil, indica que a comoção pela lesão de Neymar não bastaria para poupar das cobranças o trabalho de Felipão e da CBF, argumentando que o futebol brasileiro já não se diferenciava mais dos demais e a CBF não possuía nenhum projeto de formação. Neste sentido, O Globo destaca as diferenças estruturais na política esportiva alemã e brasileira, atentando para o crescimento do futebol alemão após a Copa em casa e reforçando a importância de iniciativas deste gênero que faltavam ao futebol nacional.

Em 08 de julho, às 17h, o Brasil enfrenta a Alemanha nas semifinais da Copa do Mundo de 2014, no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Por isso, a edição matutina de 09 de julho dedica-se a narrar a derrota brasileira de 7 a 1. A capa desta edição é inteiramente destinada à derrota e eliminação brasileira, com uma fotografia de David Luiz desabado no gramado, com a retranca “Mineiratzen”, o título/manchete – em letras que ocupam metade da página – “Vergonha Vexame Humilhação” e a linha de apoio: “Em menos de meia hora Alemanha faz 5 gols e massacra Brasil com placar final de 7x1; seleção sofre em casa a maior derrota da história”. Abaixo da linha de apoio, um texto apresenta as principais informações da partida, enfatizando que aquela havia sido “o pior vexame dos cem anos de história da seleção brasileira”, “a maior goleada sofrida por uma anfitriã em Copas” e “a pior derrota em uma semifinal e em qualquer fase desde o primeiro mundial, em 1930”. Este texto também apresenta que Felipão surpreendeu ao escalar Bernard na vaga de Neymar, tendo treinado essa formação apenas alguns minutos.

Já capa da editoria Esportes exibe uma fotografia de Fernandinho, abatido, agarrado a rede do gol brasileiro após a Alemanha marcar mais uma vez. Abaixo da fotografia, exibe o título/manchete: “Brasil 1 x 7 Alemanha. E a seleção fez História” e a linha de apoio: “A pior derrota em 100 anos. O mais duro revés de um anfitrião de Mundial. A maior goleada em uma semifinal. O fracasso mais contundente de uma campeã. Os jogadores de 1950 estão redimidos”.

As publicações de O Globo classificam a derrota com adjetivações negativas, como vexame, humilhação, vergonha e tratam de dimensionar o significado do placar: a maior goleada levada nos 100 anos de seleção brasileira; a maior sofrida por um anfitrião em todas as Copas; a maior numa semifinal de Mundial (e a quinta maior na história da competição); a maior quantidade de gols sofridos num só jogo nas 20 edições do torneio e a segunda maior de todos os tempos (JL119). Deste modo, evidencia-se a grandeza e relevância da derrota a partir das contínuas referências a ela como: “a pior derrota brasileira em todas as Copas”, “o maior vexame dos 100 anos de História da seleção”, “a página mais indigna da história da seleção brasileira”.

Embora de forma incipiente, algumas publicações desta edição já buscam entender o que originou a derrota por 7 a 1: alguns enfatizam o trabalho de Felipão, especificamente a escolha em escalar Bernard no lugar de Neymar, mesmo sem ter treinado essa opção (JL117, JL126), enquanto outros imputam responsabilidades às instituições que comandam o futebol brasileiro pelo atraso tático e pela perda da identidade do futebol nacional (JL114, JL116).

As publicações de O Globo neste dia narram também as percepções, avaliações e comportamentos de Felipão (JL117), dos jogadores (JL121) e da torcida brasileira (JL124, JL125). O treinador é caracterizado como “fora do ar” e anestesiado ao apresentar calma e serenidade diante do ocorrido, não admitir erro na escolha por Bernard e não explicar de maneira contundente porque não havia treinado com Bernard na Granja Comary. Sobre os jogadores, O Globo critica a falta de profundidade nas respostas ao falarem de fatalidade ou pane e não adentrarem à discussão acerca do atraso tático do futebol brasileiro como explicação para a derrota sofrida para os alemães. No que se refere aos torcedores, as matérias revelam uma dualidade de reações: enquanto no estádio e nas arenas da Fifa Fan Fest os torcedores não escondiam a desolação e as lágrimas, nas redes sociais demonstravam bom humor e irreverência.

Um aspecto sobressalente nas publicações deste dia é a inter-relação entre a derrota de 1950 e de 2014 (JL114, JL116, JL119, JL125, JL132) – O Globo trata a derrota de 50 como uma derrota pouco trágica ou vergonhosa diante da derrota para a Alemanha em 2014, minorando assim o significado daquela em detrimento desta, evidenciando que a humilhação dos 7 a 1 permitiu a libertação e a remissão das almas dos jogadores brasileiros de 1950. A narrativa de O Globo indica uma espécie de superação do trauma de 1950 a partir de uma nova derrota, mais dramática, dolorida e vergonhosa que a primeira. Como forma de aproximação entre as duas, em alguns conteúdos desta edição os 7 a 1 recebe o nome de “Mineirazo/Mineiraço/Mineiratzen”.

A principal reportagem sobre a derrota, escrita por Pedro Motta Gueiros, narra a goleada histórica dos alemães estabelecendo uma relação direta com a derrota ocorrida em 1950 (JL116). Essa relação entre as duas derrotas ocorridas no Brasil, com a maximização do resultado de 2014, está presente na retranscrição, título e linha de apoio da reportagem: “Duro golpe 64 anos depois” (retranscrição), “Em escombros” (título), “Vexame que torna honrosa a derrota de 1950 suscita debate para que o futebol brasileiro recupere a identidade perdida junto com as linhas de um Maracanã que foi reformado para a festa alheia” (linha de apoio). Gueiros inter-relaciona a derrota para os alemães com a derrota sofrida em 1950, sugerindo que aquele momento permitia a libertação das almas dos jogadores de 50 e fazia com que a derrota para os uruguaios se tornasse honrosa:

O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, **as almas dos vice-campeões enfim se libertaram.** Ao longo dos 90 minutos em que as ilusões do hexa se espatifaram contra o muro da realidade, **a tragédia de 1950 se transformou definitivamente numa derrota honrosa.** Só no jogo de ontem o Brasil tomou um gol a mais do que os seis que sofreu ao longo da campanha do primeiro Mundial em casa. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

O Globo trata a derrota de 1950 como pouco trágica ou vergonhosa diante da derrota para a Alemanha, minorando o significado daquela em detrimento desta. O Globo sustenta que o futebol brasileiro, que era único, se tornou mais do mesmo e que havia chegado o momento de revirar os escombros para reencontrar os caminhos já conhecidos para a glória, mas que pareciam soterrados pela memória. Neste caso, já se intenta à necessidade de uma recuperação para que o futebol brasileiro voltasse a ser o que era e recuperasse suas características de origem. O texto propõe a inversão do processo de imputação de culpa aos jogadores, como ocorreu com Barbosa em 1950:

Antes que as vaias merecidamente destinadas a Fred revivam o ritual sumário que condenou Barbosa, chegou o momento de inverter o processo. **Numa Copa em que o Brasil jogou nada do primeiro ao último jogo, os jogadores devem ser vistos como a consequência e não a causa do vexame.** Todos lutaram contra suas limitações, uns sucumbiram às lágrimas e todos tombaram diante da constatação de que **já não temos forças para disputar entre os melhores.** [...] Sem maiores trabalhos, que não vender contratos de patrocínio cada vez mais volumosos, a CBF inaugurou recentemente um museu, mas **o apego ao passado é uma exposição itinerante.** [...] **Ao evocar a experiência dos técnicos do tetra e do penta para formar o comando com Felipão e Parreira, a CBF tentava avançar olhando para o retrovisor.** Quando se deu conta de que os caminhos para o sucesso haviam mudado, o desastre já estava consumado. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Desta forma, passa a apontar as causas da derrota vergonhosa da seleção brasileira indicando que “o apodrecimento das estruturas” começava pelas “instituições que comandam o futebol brasileiro”. Citando a CBF, O Globo critica a inatividade da instituição e seu apego ao passado, sem atualização dos seus métodos. Ao responsabilizar tais instituições, passa a evidenciar a necessidade de uma reformulação na formação dos jogadores, já que saíam prematuramente do Brasil para jogar em países europeus sem ter formado referências acerca dos princípios do futebol nacional. Segundo a reportagem, isso fazia com que o futebol brasileiro perdesse sua singularidade:

Depois que a natureza deixou de produzir craques feito capim, no vão da sociedade onde havia espaço para improviso, a necessidade de um cultivo sistemático e científico compara o futebol brasileiro a um vinhedo esgotado. **De tanto antecipar a colheita, a safra se tornou cada vez mais verde e sem personalidade. O tempo de maturação em casa, além de concluir a formação na cultura local, fazia crescer todo o jogo coletivo. Com o êxodo prematuro, o brasileiro passou a jogar como os demais sem ter uma referência doméstica para preservar os princípios de uma escola de excelência.** (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

De certo modo, aspectos que antes eram justificados pelo jornal ao expor a trajetória dos jogadores brasileiros, a fim de criar um elo de aproximação com a torcida, passam a ser apresentados como elemento circunstancial que influenciara na derrota e na perda de uma suposta identidade do futebol brasileiro.

Ao relacionar as duas Copas sediadas no país, apresenta duas situações similares que se referem à adesão de discursos triunfalistas, criticando o clima de “já ganhou” criado pela comissão técnica em 2014: “Se, naquela ocasião, o prefeito Mendes de Moraes saudou os campeões antes do último jogo, dessa vez foi Parreira quem disse que o Brasil já tinha uma mão na taça enquanto Felipão prometia a conquista” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4). Por fim, sustenta que, para além da campanha pífia, a eliminação havia deixado lições, como a demonstração de que fora do campo a gestão do futebol ainda estava ligada à política e aos negócios escusos e de que a responsabilização pela derrota deveria passar pelos gabinetes: “resta a prudência para que a destruição não se repita. Antes que novo linchamento aconteça apenas ao nível do campo, melhor discutir o andar de cima” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Neste sentido, parece evidente que a reportagem culpabiliza as instituições do futebol nacional, nomeadamente a CBF, evidenciando que os 7 a 1 redimiu a derrota de 1950 e que não se poderia mais culpabilizar unicamente as vítimas do acontecimento (isto é, os jogadores), sendo necessário discutir também o extracampo, os gabinetes do futebol nacional. O Globo

suscita uma reflexão de que o resultado negativo permitira não apenas a transformação da derrota de 1950 em “derrota honrosa”, mas a lição de que o futebol brasileiro necessitaria de reformulação e de recuperação de sua identidade perdida. O texto apresenta marcas de subjetividade, haja visto que se trata de uma análise do enviado especial Pedro Motta Gueiros, como uma espécie de compreensão das causas e de como a derrota havia sido construída até chegar ao seu desfecho, o 7 a 1 para os alemães.

São constantes as qualificações depreciativas e insultuosas para se referir à derrota, tratando-a como a pior derrota brasileira da história e como responsável pela desonra nacional (JL119):

Quando se impôs o desafio de abrigar pela segunda vez a Copa do Mundo, o Brasil ambicionou fazer história. Conseguiu de maneira contundente e impensável, justamente onde conquistou, em jornadas cada vez mais amareladas na memória, algumas de suas glórias valiosas – dentro de campo. **A seleção pentacampeã escreveu a página mais indigna do seu século de existência**, ao ser eliminada do Mundial pela Alemanha, por devastadores 7 a 1. **Levou, como o placar eloquente comprova, um baile constrangedor, que expõe o profundo atraso em que o país está metido**, justamente em seu esporte mais popular. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6, grifo nosso).

Deste modo, sustenta que as glórias da seleção haviam ficado no passado e que a goleada revelava o atraso brasileiro, como é recorrente na narrativa construída pelo jornal. A fim de explicar como aquele resultado era desonroso, O Globo apresenta o que chama de “pororoca de recordes vergonhosos”: maior goleada levada nos 100 anos; maior sofrida por um anfitrião em todas as Copas; maior numa semifinal de Mundial (e a quinta maior na história da competição); maior quantidade de gols sofridos num só jogo nas 20 edições do torneio e a segunda maior de todos os tempos.

Em conjunto com a narrativa acerca da partida e o seu significado na história do futebol brasileiro e mundial, esforça-se em buscar causas para a derrota – entendida como mérito da seleção alemã, mas explicada pelos erros dos jogadores brasileiros e de Felipão, especialmente pela escolha de Bernard para o lugar de Neymar:

A seleção que sonhava com o hexa protagonizou, do pior jeito, um placar do futebol antediluviano. **Por inegáveis méritos do incrível time alemão – mas também pelas muitas trapalhadas, dos jogadores e de Felipão**. O desfalque de Neymar (solitário craque do Brasil hoje) expôs todas as deficiências da equipe canarinho. E olha que, afora o prodígio do Barcelona, não faltou ninguém em campo nem no banco. Talvez esta seja a maior tragédia. Mas **o técnico tem pecados particulares a contabilizar. Cometeu o desatino de escalar uma formação jamais treinada**, com Bernard aberto pela esquerda e um meio-campo vazio de homens e ideias. **Tudo errado**. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6, grifo nosso).

O Globo reconhece o planejamento e a eficiência da seleção alemã, mas cita os erros da seleção brasileira que contribuíram para a derrota: a escalação de Bernard em uma formação nunca antes treinada, assim como a ausência de craques na equipe brasileira (sendo Neymar a única exceção – aspecto abordado desde o início da Copa do Mundo com a problematização acerca da Neymardependência). Diferentemente do aconselhado por JL116, nesta publicação já consta a imputação de responsabilidades ao técnico e aos jogadores, e conclui que Barbosa, o vilão da Copa de 1950, poderia descansar, pois o futebol brasileiro tinha um vexame maior para velar – em mais um conteúdo, O Globo indica a superação da derrota de 1950 por aquele 7 a 1, uma derrota muito maior e mais significativa.

Junto com o texto da reportagem, O Globo exhibe um infográfico e um quadro com a avaliação da atuação dos jogadores brasileiros e alemães. Todos os jogadores brasileiros, juntamente com o técnico, recebem nota zero e suas atuações são descritas negativamente: Júlio César, soterrado; Maicon, atropelado; Dante, perdido; David Luiz, atarantado; Marcelo, enrolado; Luiz Gustavo, derrubado; Fernandinho, desgovernado; Paulinho, superado; Oscar, fraco; Hulk, atabalhado; Ramires, irrelevante; Bernard, equivocado; Fred, trágico; Willian, insípido; Felipão, vencido. Especificamente na descrição da atuação do treinador, O Globo o nomeia protagonista da pior derrota da história da seleção: “Felipão: Vencido. Escalou um time que mal treinou, achando que enganaria o adversário. Virou protagonista do fato mais constrangedor da História da seleção” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6).

Também na edição de 09 de julho, são apresentadas as declarações e percepções do técnico Felipão, dos jogadores e da torcida brasileira. A reportagem escrita por Maurício Fonseca aborda o comportamento e as declarações do técnico Felipão em entrevista coletiva após a derrota (JL117). A retranca, o título e a linha de apoio da reportagem revelam o comportamento aéreo do treinador e as justificativas apresentadas: “Um técnico anestesiado” (retranca), “Palavras ao vento” (título), “Felipão diz não se arrepender de nada e explica que não treinou o time com Bernard para confundir o técnico alemão” (linha de apoio). O texto descreve o comportamento de Felipão durante a entrevista, caracterizando-o como “fora do ar” por apresentar calma e serenidade diante da pior derrota da história da seleção brasileira:

Foi o maior vexame dos 100 anos de História da seleção e a pior derrota da carreira de Felipão. A pancada foi tão grande que o treinador brasileiro parecia fora do ar após a impiedosa goleada aplicada pelos alemães no Mineirão. **Respondeu às perguntas com uma calma e uma serenidade que não combinavam com o que acabara de acontecer.** Felipão assumiu a responsabilidade pela tragédia, disse que as escolhas foram suas, mas **em momento algum admitiu que se equivocou ao optar pela entrada de Bernard** no lugar de Neymar. Afirmou que a estratégia foi montada em cima das informações que observadores da seleção, os ex-jogadores Roque Júnior

e Galo, passaram após observarem alguns jogos da Alemanha. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 5, grifo nosso).

Tratando das declarações do técnico, O Globo expõe que apesar de Felipão assumir a responsabilidade pela derrota, não admitiu que houve erro na escolha do substituto de Neymar. Com isso, critica o treinador ao expor que ele não conseguiu explicar por que no treino da véspera manteve o time a maior parte do tempo com Paulinho no meio-campo e Daniel Alves na lateral direita – Bernard e Maicon, que começaram jogando, só entraram na equipe titular nos últimos cinco minutos. Em seguida, apresenta que Felipão não convenceu ninguém ao afirmar que não treinou com Bernard a fim de confundir o técnico alemão: “O técnico brasileiro falou, falou e não convenceu ninguém. **Sua justificativa deixou os presentes à coletiva de queixo caído**” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 5, grifo nosso).

A publicação revela que a estratégia de Felipão no máximo confundiu seu próprio time, já que os jogadores não se encontraram em momento algum da partida. A reportagem informa que no intervalo o treinador trocou Fernandinho por Paulinho e colocou Ramires na vaga de Hulk, substituições que equilibraram a partida, mas “não deu o braço a torcer e manteve Bernard até o fim”. Também explica que “apesar do passeio que a seleção levou”, Felipão não via o futebol brasileiro e seus treinadores defasados em relação às grandes forças do futebol da atualidade. Neste sentido, ao tratar das reações e declarações de Felipão, O Globo revela seu comportamento anestesiado e a falta de explicações contundentes acerca das suas escolhas para a partida.

Depois de apresentar as reações e declarações de Felipão, O Globo passa a tratar do comportamento e das respostas dos jogadores (JL121). O jornal explica que se bem aproveitadas, derrotas emblemáticas teriam o dom de precipitar mudanças e reflexões necessárias, mas que, naquele cenário, tão assustador quanto o placar imposto pela Alemanha era a reação dos jogadores. Dito de outro modo, O Globo critica a falta de profundidade no discurso dos jogadores ao falarem de fatalidade ou pane e não adentrarem à discussão acerca do atraso tático do futebol brasileiro:

Seja por opção, seja por realmente entenderem a goleada de 7 a 1 como apenas mais uma derrota, o placar elástico como fruto da fatalidade, **o time preferiu se deter em detalhes do jogo, e não no modelo de futebol praticado pela seleção e pelos times.** A saída do Mineirão foi um festival de clichês e de explicações que se basearam **não em questões conjunturais, muito menos na cultura tática do futebol brasileiro.** Mas nos cinco gols sofridos em 18 minutos no primeiro tempo. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 7, grifo nosso).

Em seguida, algumas publicações tratam das reações da torcida brasileira na arquibancada (JL120), informando que aos 40 minutos do primeiro tempo, a seleção perdia por 5 a 0 e a torcida xingou a presidente Dilma Rousseff, o que se repetiu no segundo tempo com mais força. As vaias também foram direcionadas para o atacante Fred, vaiado antes do intervalo e no segundo tempo, sendo “o único jogador xingado por todo o estádio”. A matéria descreve que a derrota não teve o silêncio do Maracanazo, já que a reação havia sido mais de espanto do que de choro. Ao conversar com os torcedores, O Globo apresenta as declarações de que a derrota não havia sido uma tragédia, mas um massacre e era o retrato dos treinadores brasileiros que não treinavam o time.

Do mesmo modo, em JL123 o jornal descreve o “desespero, a perplexidade, a desolação” com que a torcida encarou os 7 a 1. Assim como em JL124, que trata da tristeza nas ruas e expõe que crianças, adultos e idosos não seguravam o choro, e relata que no Rio de Janeiro a tristeza virou susto: “Uma adolescente, vestida com as cores da seleção, não aguentou ver o quinto gol da Alemanha, e desmaiou” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 10).

Como em outros resultados, a edição exibe a repercussão em todo o mundo, a partir das notícias divulgadas em países como Argentina, Espanha, Uruguai e EUA (JL127). Se nos jornais argentinos a derrota virou piada, no resto do mundo ela foi tratada com perplexidade, acompanhada de imagens da comemoração alemã e das lágrimas brasileiras. Ao apresentar os títulos de alguns noticiários, a matéria expõe que em praticamente todos os jornais aparecia a palavra “humilhante”: Bild (Alemanha) – “Esta vitória é para eternidade”; CNN (EUA) – “Brasil é esmagado”; El País (Uruguai) – “Humilhação mundial”; Olé (Argentino) – “Diga-me que são sete...”; El País (Espanha) – “O Maracanazo foi uma piada”; El Tiempo (Colômbia) – “O Mineirazo: uma humilhação mundial”; Marca (Espanha) – “Desonra eterna”; La Gazzetta dello Sport (Itália) – “Brasil, humilhação histórica. Alemanha destrói: 7-1”; Le Monde (França) – “Alemanha condena o Brasil à morte”; The Independent (Reino Unido) – “A agonia de uma nação: Alemanha bate Brasil por 7 a 1 e acaba com os sonhos do anfitrião”.

A avaliação dos colunistas de O Globo um dia após a derrota tratam da vergonha e da incredulidade diante do resultado, assim como as possíveis explicações para o ocorrido. A coluna de Fernando Calazans intitulada “Uma única saída: ressuscitar” inicia sua análise afirmando que o futebol brasileiro não merecia ver, presenciar e assistir aquela tragédia, considerada maior que a de 1950 (JL114):

O futebol brasileiro pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos – jogadores, técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos ver isso, presenciar isso, assistir a isso. Não mereciam passar por essa vergonha, essa tragédia – e, vou dizendo logo, **uma tragédia maior, muito maior, do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950**, quando perdemos o título para o Uruguai, por 2 a 1. **Quem imaginava que um dia fôssemos nos redimir daquela derrota, na primeira Copa realizada no Brasil, se sente, agora, na segunda, mais desencantado do que nunca**, com a derrota de 7 a 1 para a Alemanha na semifinal. E quem achava que, lá atrás, tínhamos passado por uma vergonha simplesmente não sabe o que dizer. Ou talvez saiba: **uma humilhação**. (O GLOBO, 09 jul. 2013, matutino, esportes, p. 2, grifo nosso).

Destaca-se a caracterização da derrota como “vergonha” e “tragédia”, mais nova e mais significativa que 1950, tornando-se uma humilhação. Calazans critica a falta de planos de formação no futebol brasileiro, o trabalho das divisões de base e a ausência no processo de renovação da filosofia, dos conceitos e princípios da formação dos jogadores. A coluna trata a derrota como uma tragédia, em dimensões dramáticas muito maiores que a de 1950, e propõe uma única saída para a superação da humilhação: o renascimento do futebol brasileiro, a partir de uma reformulação completa na filosofia, conceitos e princípios da formação dos jogadores brasileiros, em processo que deveria começar pela CBF e pelos treinadores, que estavam desatualizados, desinformados, despreparados e desinteressados. (JL116).

Com a mesma perspectiva, Sérgio Rodrigues expõe que levaria tempo para que a ferida da “maior derrota da história do futebol brasileiro” cicatrizasse e que restava torcer para que aquela pancada violenta abrisse os olhos acerca da má administração do futebol brasileiro há anos (JL135). Já a coluna de Renato Maurício Prado qualifica o resultado como “a vergonha das vergonhas na Copa das Copas”, a mais humilhante da história da seleção e um autêntico massacre (JL118). Além disso, Míriam Leitão manifesta que a humilhação era traumática e entraria para a história (JL132). Estabelecendo uma relação com a derrota de 1950, sugere que o Maracanazo parecia pequeno diante do Mineirão – como em outros conteúdos de O Globo, há uma ressignificação e superação da derrota de 1950 pelo trauma de 2014 ser considerado muito maior:

Pelo menos não ouviremos novo silêncio no Maracanã. Aquele de 1950. Um silêncio que se carregou por 64 anos e que foi transmitido como trauma olímpico de geração a geração até entrar no DNA. O único povo que tem um silêncio impresso em seus genes. Foi o Maracanazo. Hoje ele parece pequeno porque conhecemos o sabor amargo do Mineirão. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, economia, p. 22).

De modo mais irritadiço e agressivo, Artur Xexéo avalia a derrota lançando luz à ineficiência dos jogadores e da comissão técnica, estabelecendo um posicionamento crítico especialmente direcionado às atitudes e comportamentos de Felipão. O colunista comenta que

não havia como esquecer aquele resultado, que o Brasil havia sido “um timinho” e que havia algo errado com a equipe desde o início da competição (JL126):

Há algo que estranho nessa seleção desde o primeiro jogo. **A crítica futebolística via defeitos na seleção, mas Felipão dizia que o grupo estava preparado, que estava evoluindo... Preparado para quê? Evoluindo para onde?** Desconfiei que Felipão sempre falava da questão psicológica. **O mundo gritava que o Brasil não tinha meio de campo. Felipão manteve a mesma tática, manteve a mesma equipe, ignorou o problema do meio de campo e garantia que estava satisfeito com a seleção.** O Brasil não era brilhante no campo, mas o grupo estava unido. Os jogadores se descontrolaram na hora de bater pênaltis contra a Colômbia? Chama a psicóloga. Neymar está fora da Copa? Precisamos trabalhar o psicológico dos jogadores. Pela televisão, a cobertura jornalística ajudou um pouco a ampliar esse clima. A ausência de Neymar talvez melhore a seleção (nunca entendi bem esse raciocínio, mas ele foi repetido diariamente). O povo brasileiro vai substituir Neymar. O resto do time vai jogar pelo Neymar. E ainda tem a psicóloga para ajudar a resolver essa questão. Aí, no jogo de ontem, os alemães fazem dois gols e a equipe brasileira se descontrola. E fazem o terceiro, o quarto, o quinto... ‘Abalou o emocional’, foi o que disse Felipão. ‘Houve um apagão’, é a única explicação para todos os comentaristas. Resumindo: a culpa é do psicológico. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 11, grifo nosso).

Xexéo descreve o comportamento do técnico Felipão ao ignorar as críticas, manter seu discurso otimista e insistir na mesma tática imperfeita. Interessante notar que a crítica de Xexéo sobre a imprensa caberia ao próprio O Globo, já que em suas publicações o jornal em certa medida nutriu o discurso de que “a ausência de Neymar poderia melhorar a seleção” (JL80) e de que “o resto do time jogaria por Neymar” (JL79), embora também tenha apresentado a falta que Neymar faria à equipe (JL94). Em resumo, a coluna de Xexéo imputa a responsabilidade da derrota ao técnico Felipão por não treinar taticamente o time e ignorar todas as críticas e análises desde o início da competição, mantendo a mesma tática que havia se demonstrado insuficiente desde a estreia.

A fim de explicar a vitória expressiva da Alemanha, O Globo apresenta o planejamento e a renovação da seleção alemã após a Copa de 2006. Isso é tratado como uma lição que serviria de exemplo para o Brasil “dar a volta por cima e reestruturar seu futebol” (JL129). O texto ressalta que enquanto a seleção brasileira se fazia dependente e refém do talento de um único jogador (Neymar), a Alemanha tinha a seu dispor um leque de peças para repor, resultado de um processo de reformulação e do investimento na formação de atletas. A partir desta argumentação, sugere que a volta por cima alemã deveria servir de inspiração para o Brasil seguir o mesmo exemplo.

Em 10 de julho O Globo passa a aprofundar suas análises acerca da derrota brasileira, buscando explicações para o ocorrido e demonstrando as lições a serem aprendidas. Há destaque para as falhas cometidas pela comissão técnica – como a falta de treinamentos e

esquemas táticos, além do desequilíbrio emocional dos jogadores causado pelo discurso ufanista e excessivamente otimista de Felipão e Parreira (JL136, JL142, JL156, JL157, JL165). A crítica à comissão técnica é potencializada a partir da entrevista coletiva realizada no dia anterior à publicação, em 09 de julho na Granja Comary (JL139, JL141), uma vez que Felipão e Parreira adotaram um discurso de que não havia problemas com a seleção brasileira e de que o ocorrido era explicado por “seis minutos de pane” – em referência aos seis minutos em que a Alemanha marcou quatro gols. Os colunistas Fernando Calazans e Renato Maurício Prado analisam a entrevista como um “novo desastre” e como “cegueira pós-trauma” (JL136, JL142).

Nesta edição há uma constante busca por explicações para a derrota. O Globo apresenta um diagnóstico dos erros cometidos pela seleção, elencando: as divisões de base, o atraso dos técnicos, o preconceito contra treinadores estrangeiros, a geração perdida de jogadores, a ética do jogo, a repetição dos mesmos profissionais (como Felipão e Parreira), ideias e planos e o ambiente do futebol (JL143). Esses erros diagnosticados pelo O Globo são reafirmados em outras publicações, especialmente no que se refere ao atraso do futebol brasileiro, à necessidade de atualização de treinadores e dirigentes da CBF, à reformulação da formação dos jogadores, ou seja, apresenta-se a necessidade de uma completa reconstrução do futebol brasileiro (JL142, JL145, JL149, JL154, JL156, JL157, JL163, JL164, JL165, JL168). Embora citem a comissão técnica, com destaque especial à Felipão e Parreira, como responsáveis diretos pelo acontecimento, as publicações direcionam suas análises para a raiz das falhas que permitiram a derrota, para os problemas estruturais do futebol brasileiro (essa necessidade de analisar as raízes dos problemas e não buscar culpados individuais é defendida pelo editorial de O Globo – JL165). Na mesma medida em que apresenta esse diagnóstico dos erros cometidos, também sustenta que a superação do problema só começaria com a admissão de que havia um problema (JL165, JL136, JL142), o que evidencia uma crítica à comissão técnica que em entrevista coletiva havia se negado a admitir os erros e problemas que circundavam a seleção. Além disso, nesta edição o jornal também expõe uma comparação entre a derrota de 1950 e a de 2014, a fim de discutir qual havia sido a mais dramática – em algumas publicações destaca-se 1950 como a derrota mais traumática e triste, enquanto 2014 é tida como a mais humilhante.

Nesta edição de 10 de julho, O Globo apresenta as declarações e explicações da comissão técnica (JL139). O texto informa que Felipão contou com a presença de toda a comissão técnica na entrevista coletiva concedida na Granja Comary, mas que somente ele e o coordenador Carlos Alberto Parreira responderam às perguntas, utilizando a tática de apresentar estatísticas para justificar a escolha por Bernard e enaltecer o próprio trabalho. Descreve que

Parreira apresentou dados estatísticos em defesa do treinador, inclusive lendo um e-mail enviado por uma torcedora em que enaltece a postura do técnico: “Atuando quase como um advogado do treinador, Parreira não economizou elogios ao trabalho da comissão técnica, a ponto de parecer, em determinadas palavras, que o coordenador falava de uma equipe campeã” (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3). Neste sentido, evidencia-se que a dupla havia surpreendido ao fazer um balanço positivo da equipe (JL141).

As declarações de Felipão e Parreira geram indignação entre os colunistas de O Globo. Fernando Calazans classifica a entrevista como “outro desastre”, uma vez que não houve o reconhecimento dos erros, ao contrário, houve pretensão e soberba (JL136):

Nunca vi entrevista tão pretenciosa, tão convencida, com tanta soberba – mais até da parte de Parreira do que de Felipão. Para os dois – vejam só o que é presunção –, tudo ocorreu perfeitamente, desde a convocação até agora, passando por preparação, treinamento, planejamento, estreia, competição – tudo. O único senão, segundo eles, foram os ‘seis minutos de pane’, contra a Alemanha. Foi só aquilo, ‘seis minutos de pane do time’. O resto, tudo perfeito. Do início até o fim, com os 7 a 1 que a Alemanha nos sapecou. Nada a lamentar. Só os seis minutinhos. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 2).

A partir disso, o colunista questiona como haveria melhora no futebol diante da presunção demonstrada pela comissão técnica: “Não houve erros da comissão técnica nem com a derrota por 7 a 1, não há nada a corrigir. Agora, eu pergunto: vocês acreditam que, dentro deste contexto de vaidade e egocentrismo, alguma coisa pode melhorar?” (JL136). Deste modo, nota-se uma crítica direcionada à adoção de um discurso convencido e soberbo de que não houve problema algum com a seleção e à explicação de que o 7 a 1 só havia ocorrido em virtude dos “seis minutos de pane” – explicação que também foi utilizada pelos jogadores. A crítica direciona-se à falta de reconhecimento de Felipão e Parreira de que houveram erros desde o início da competição, inclusive em relação ao atraso do futebol brasileiro, e de que isso explicaria o resultado inesperado.

Sob o título “Cegueira pós-trauma ou vista cansada?”, Renato Maurício Prado inicia sua exposição com a afirmação de que a entrevista ajudava a elucidar o vexame do 7 a 1, pois técnico e coordenador se mostraram perdidos e incapazes de explicar o ocorrido (JL142): “Vítimas de atropelamento assustador, são incapazes de identificar o caminhão que os atingiu, quanto mais o número da placa” (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4). Prado demonstra incredulidade e repulsa diante das declarações de que o trabalho foi bem feito e nada deveria ter sido mudado. As críticas à comissão técnica incluem a falta de treinos, a ausência de opções táticas e a insistência no esquema da Copa das Confederações como única

alternativa⁷⁵. Em seguida, elenca uma série de questionamentos acerca das opções feitas pelo técnico Felipão na escalação da equipe:

Por que Hulk foi escalado do lado esquerdo, onde sabidamente joga todo torto e não rende bem? Por que Oscar jogava aberto (quase acorrentado) na ponta-esquerda, atuando muito mais como marcador do que como armador? Por que a insistência com Fred, em péssima forma? Jô era uma alternativa tão ruim quanto, mas se podia ter treinado e testado um time sem um poste plantado (e inútil) na área adversária. Por que Bernard como titular, contra a Alemanha, se ele mal treinou entre os titulares e nunca se destacou durante a temporada na Granja Comary? [...] O tolo discurso ufanista de Scolari e Parreira turbinou a carga psicológica sobre um grupo jovem e inexperiente, que já sofria uma pressão extra. [...] Do jeito que estavam nossos jogadores nem Freud resolveria. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Além da falta de treinamentos e de outros esquemas táticos, o colunista indica que os discursos excessivamente otimistas contribuíram significativamente para a pressão psicológica e o descontrole emocional dos jogadores. Desta forma, os colunistas apresentam incredulidade por Luiz Felipe Scolari e Carlos Alberto Parreira convocarem a mídia para explicar que todo o trabalho havia sido perfeito, bem pensado e planejado, enquanto todos apregoavam a necessidade de reconhecer os erros cometidos no futebol brasileiros nos últimos anos para poder corrigi-los.

A busca por explicações e o diagnóstico da goleada sofrida pelo Brasil tomam as páginas do jornal. A reportagem escrita pelo enviado especial Aydano André Motta apresenta um diagnóstico dos pecados capitais cometidos pelo futebol nacional (JL143). De acordo com ele, o futebol brasileiro estava subjugado pela maior humilhação de sua história, mas o resultado oferecia um diagnóstico para o futebol, apesar de lembrar que a superação do problema só começaria com a admissão de que havia um problema:

O futebol brasileiro está de joelhos, subjugado pela maior humilhação de sua história, imposta pela ótima seleção da Alemanha, no gramado do Mineirão. O resultado – impensáveis 7 a 1 –, comum em tempos paleolíticos do jogo, está longe de ser trivial, mas, ao menos, oferece diagnósticos, úteis a quem estiver interessado em contribuir com a suprema paixão dos nascidos aqui. (Nunca será demais lembrar que o começo de qualquer cura está na admissão da doença). (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Dito isso, enumera os problemas diagnosticados a partir da derrota: 1. As divisões de base; 2. O atraso dos técnicos; 3. Preconceito contra estrangeiros; 4. A geração perdida; 5. A ética do jogo; 6. Os mesmos de sempre; e 7. O ambiente do futebol. Em relação ao primeiro

⁷⁵ “Nunca uma seleção brasileira treinou tão pouco para uma Copa e jamais teve opções táticas tão limitadas. O vitorioso esquema na enganosa Copa das Confederações virou dogma e única alternativa, mantida mesmo quando já era evidente que não funcionava mais” (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

diagnóstico, que corresponde às divisões de base, O Globo sustenta que o processo de formação no Brasil conjugava profissionais despreparados, estruturas precárias, pressão por resultados e influência espúria de empresários, o que resultava em um cenário desértico de revelação de talentos. Outro aspecto exposto neste item é o pensamento generalizado de que a prosperidade estava numa transferência ao exterior, o que fazia com que garotos saíssem do país ainda com a formação incompleta (também evidenciado em JL116). O segundo problema manifesto é o atraso dos técnicos: “os brasileiros ficaram no passado em esquemas de jogo e métodos de trabalho” (também exposto por outras publicações, como JN163, JL114, JL116). O segundo problema está relacionado ao terceiro – preconceito contra estrangeiros –, pois a reportagem evidencia que os cartolas não consideravam a possibilidade de contratar um treinador estrangeiro para a seleção. O quarto aspecto refere-se à geração perdida, isto é, ao fato de jovens talentos, como Neymar e Oscar, assumirem o papel de protagonistas na disputa da Copa, porque a geração anterior a deles naufragou precocemente. Em seguida, no quinto problema O Globo cita a ética do jogo, especificamente a insistência dos brasileiros em fazer simulações de faltas e pressionar os juízes exageradamente. O item seis – “Os mesmos de sempre” – indica que a repetição dos mesmos profissionais (Felipão, Parreira e José Maria Marin), dos mesmos planos, ideias e discursos impediam uma evolução:

No comando da CBF, um dirigente que milita no futebol há pelo menos 40 anos; à frente da seleção, o técnico de 2002 e o de 1994 (que era preparador físico em 1970). Se ao menos eles tivessem ideias novas... Mas não. Felipão repetiu, em 2014, o conceito de família que deu no penta conquistado em campos do Oriente. Ele, Parreira e José Maria Marin invocaram o discurso de ‘ninguém segura esse país’ para turbinar o pré-Copa, garantindo que a conquista do hexa era quase uma formalidade, tamanho o poderio de nosso esquadrão. Para tudo se desmanchar na maior humilhação da seleção em todos os tempos. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Por fim, o sétimo e último diagnóstico consiste no ambiente do futebol, evidenciando as persistentes e impunes ações de torcidas organizadas violentas, cambistas invencíveis e cartolas cúmplices, somadas à omissão das autoridades. Portanto, a reportagem revela os problemas e deficiências que resultaram na derrota e que deveriam ser corrigidos para que o Brasil voltasse aos anos de glória.

Outra reportagem ocupa as páginas 8 e 9 da edição de 10 de julho e reúne sete perguntas debatidas por especialistas de várias áreas, a fim de saber o que esperar do futuro do futebol brasileiro (JL154). O Globo expõe que uma das perguntas mais recorrentes tratava do atraso do futebol brasileiro em relação ao praticado em outros países e da sobrecarga psicológica dos inexperientes jogadores brasileiros na Copa de 2014. São apresentadas e

discutidas as seguintes interrogativas: 1. O futebol brasileiro está atrasado? 2. Temos uma crise de formação de craques? 3. A CBF precisa ser reestruturada? 4. Impuseram aos jogadores uma responsabilidade histórica grande demais? 5. O trauma da derrota de agora é pior do que o de 1950? 6. A seleção brasileira ainda é a pátria de chuteiras? 7. O torcedor reage de forma diferente ao futebol? Muitas destas questões estão relacionadas a aspectos já apresentados em JL143.

De maneira geral, a reportagem JL154 exhibe que o Brasil vivia há anos com os mesmos problemas, com torneios de nível técnico baixo, jogadores talentosos indo prematuramente para o exterior e ausência na revelação de craques, vivenciando uma crise de formação. Acerca da CBF, elenca problemas como a falta de profissionalismo e a falta de continuidade no trabalho de técnicos, assim como o diagnóstico de um problema estrutural que se alinhava à necessidade de renovação do futebol nacional. Também se posiciona sobre os erros na preparação dos jogadores que contribuíram para o fraco rendimento, como a falta de preparo psicológico, a condução das atividades na concentração e a cobrança da torcida.

Um infográfico elenca os erros cometidos pela seleção brasileira desde a fase de preparação até a eliminação. Neste sentido, analisa-se que para O Globo a derrota se deu em virtude de erros cometidos pela comissão técnica, especialmente por Luiz Felipe Scolari. Os erros poderiam ser sintetizados com a convocação de jogadores sem utilidade, a falta de variações no esquema tático, a pressão em jogadores inexperientes com a adoção de discursos otimistas, o que resultou em um descontrole emocional, a ausência de treinos da equipe que enfrentaria a Alemanha e o erro na opção tática desta partida. Os seis erros apontados pelo O Globo são responsabilidade direta da comissão técnica, inclusive citando a participação determinante do treinador em alguns deles.

O desequilíbrio emocional dos jogadores passou a ser pauta recorrente nas páginas de O Globo a partir das oitavas de final e da disputa de pênaltis com a seleção chilena. Após a eliminação vexatória da Copa do Mundo, o descontrole psicológico volta a permear as publicações como forma de entender a derrota (JL156). Essa abordagem está evidente na retranca, título e linha de apoio utilizadas: “Para explicar o inexplicável” (retranca), “Descontrole” (título), “Falta de acompanhamento psicológico sistemático à altura do desafio de disputar uma Copa em casa foi crucial para derrota humilhante, dizem especialistas” (linha de apoio). A reportagem explica que a derrota do Brasil não teria resultado apenas dos erros táticos ou de escalação de Felipão, mas também da falta de preparo psicológico a longo prazo:

Na opinião de especialistas ouvidos pelo Globo, o time de Luiz Felipe Scolari não teve um preparo psicológico de longo prazo à altura do desafio que tinha pela frente: jogar uma Copa do Mundo em casa, com a ‘obrigação’ de ser campeão. Menos ainda para lidar com uma consequência de infortúnios que não estavam previstos. Ser derrotado seria normal, dizem, mas a goleada histórica deixou explícito um erro grave de preparação. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 10).

O Globo apresenta análises que afirmam que após o primeiro gol da Alemanha ocorreu uma perda do controle emocional, o que refletia a falta de um trabalho de preparo psicológico. Neste sentido, a reportagem traz as análises de psicólogos e psiquiatras acerca da instabilidade emocional como aspecto determinante para a derrota por 7 a 1 e do erro da comissão técnica em não fazer um acompanhamento de longo prazo.

Para além das falhas de preparação e escalação, as publicações se debruçam em aprofundar as análises da derrota, revelando causas mais profundas, alicerçadas na estrutura do futebol brasileiro, como já evidenciado. Distintos jornalistas, colunistas e convidados passam a esmiuçar estes aspectos. O artigo escrito por Zico, intitulado “Em busca do estilo brasileiro perdido”, fala sobre a necessidade de o futebol brasileiro reconhecer seus erros e recomeçar o processo de reconstrução (JL149), indicando a necessidade de reformular a CBF e o processo de formação dos jogadores:

Temos que rever a formação dos nossos jogadores. Na hora de escolher na base, não tem que saber quem é mais alto e forte, como os clubes vem fazendo. Tem que priorizar e trabalhar em cima de quem tem talento. A mudança tem que ser radical também dentro da entidade que comanda a seleção [...]. A CBF precisa fazer muito mais, incentivando o trabalho dos clubes, descobrindo valores e ajudando a manter os talentos aqui por mais tempo. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6).

O problema na formação é retomado por Fernando Calazans, apontando que as divisões de base romperam com as características mais importantes do futebol brasileiro, como passe, jogo coletivo, drible, habilidade com a bola e criatividade (JL170). Critica a nova forma de jogo do futebol brasileiro e aponta que os 7 a 1 deveriam servir para reconhecer o caminho errado tomado pelo Brasil:

Jogamos dispersos, espalhados, com chutes longos da defesa para o ataque, sem passar pelo meio de campo, cruzamentos ao acaso na área, e na defesa... como jogamos na defesa? Na defesa, jogamos como a atual seleção, no estilo Luiz Felipe Scolari – fazendo faltas. [...] **Esses 7 a 1 que as nossas seleções anteriores jamais tiveram que engolir precisam ser agora o acontecimento que faltava para reconhecermos todos, inclusive Felipão e Parreira, que estamos no caminho errado, completamente errado, e que temos, portanto, de mudar de rumo.** (O GLOBO, 11 jul. 2014, matutino, esportes, p. 2, grifo nosso).

Como de costume, Paulo Cezar Caju é o mais incisivo em suas críticas, apontando os problemas que transpassavam a seleção e o futebol brasileiro: o atraso da comissão técnica, os casos de corrupção da CBF, a transformação do futebol em um balcão de negócios e a formação incompleta dos jogadores (JL157). Para ele, tudo estava errado e exigia uma completa reformulação:

[...] Continuaremos aqui aturando os responsáveis por esses 7 a 1, os presidentes da CBF, de federações e clubes. Essas pessoas há anos vêm fazendo do futebol um grande balcão de negócios e jogando a sujeira para baixo do tapete, mas não há mais espaço, o câncer foi diagnosticado e refletiu em campo. Não se brinca com o torcedor. Repitam comigo! **E-ST-Á-T-U-D-O-E-R-R-A-D-O!!!! Precisamos começar do zero, extirpar esse câncer, investir na base, manter nossos talentos, afastar os cartolas oportunistas e contratar pilotos que não desapareçam nos momentos críticos**, reponham nossas máquinas na pista e façam as outras seleções engolirem nossa fumaça. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 11, grifo nosso).

Da mesma forma que os demais, Celso Itiberê aponta que a derrota sinalizava para o atraso do futebol brasileiro, as falhas na formação tática dos jogadores e a necessidade de reestruturação (JL162):

O jogo do Mineirão mostrou para o mundo que não somos mais gigantes invencíveis. Não vimos a bola, levamos um baile da Alemanha e **chegou a hora de reconhecermos que o grande Brasil do futebol acabou. Os melhores jogadores estão na Europa. Nossos times são fracos, primários e orientados não para mostrar qualidades, mas para matar o jogo. Somos especialistas em destruir, em vez de criar**. A impressão é de que as escolinhas trabalham força, velocidade e agilidade, mas não ensinam os fundamentos, o be-a-bá do futebol. Ninguém diz aos meninos que talento e criatividade são e continuarão sendo a marca dos grandes craques. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 13, grifo nosso).

Ao indicar a falta de preparo técnico e tático, o colunista afirma haver uma necessidade urgente de renovação de conceitos, em busca de planejamento e requinte técnico, e que um dos caminhos para isso seria a contratação de um técnico europeu (já exposto em JL151, JL160). Essa solução para a seleção brasileira evidencia que a comissão técnica de 2014 não preparou o time técnica e taticamente e que o futebol brasileiro, incluindo seus treinadores, estava atrasado em relação aos demais países (elementos recorrentes nas publicações de O Globo após a derrota para a Alemanha).

Logo, analisa-se que em uma série de publicações há a reafirmação do aprendizado tornado possível pela derrota em relação à necessidade de reformulação do futebol brasileiro acerca da atuação da CBF, da atualização dos técnicos e do processo de formação dos jovens jogadores. O diagnóstico dos erros e problemas que afligiam o futebol nacional e que resultaram

na derrota para os alemães serve como forma de explicar o resultado a fim de apontar como a seleção retomaria o caminho de vitórias.

Essa necessidade de voltar às glórias é realçada pelo editorial de O Globo em 10 de julho, sob o título “A necessária superação do vexame” (JL165). Aproximando 1950 e 2014, O Globo afirma que o período de 64 anos estava delimitado por duas tragédias na história do futebol brasileiro. O conteúdo expõe que o Brasil havia lutado para sediar a Copa de 2014 com o objetivo principal de exorcizar o fantasma de 1950, mas que, além de não conseguir alcançá-lo, ainda permitiu uma “nova mancha nos 100 anos de seleção brasileira: a mais acachapante derrota nestas dez décadas”, qualificado como “um pesadelo para sempre”. O editorial aconselha que não adiantaria buscar culpados individuais – como ocorreu com Barbosa em 50 –, sendo necessário elucidar os problemas estruturais que resultaram naquela derrota: “Isso não significa deixar de reconhecer os erros, para não repeti-los. Mas é crucial chegar às raízes das falhas” (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, opinião, p. 18).

Assim, O Globo compõe uma radiografia dos problemas de decadência e desorganização, derivados de mau planejamento e preparação deficiente, falta de treinamento, problemas táticos, de escalação, desequilíbrio emocional e qualidade discutível de jogadores. Com isso, evidencia que era preciso aprender com a derrota e fazer a autocrítica de que “bravatas, ufanismos, arrogância e autossuficiência” sempre eram a antessala de perdas sofridas – aspectos que, segundo o editorial, foram observados na comissão técnica, em Felipão e Parreira, ao se declararem com a mão na taça. Ainda, elenca como aprendizado da derrota o fato de que o jeitinho e a malandragem não superavam a organização e o trabalho duro, competente e de longo prazo, como o realizado pela Alemanha. Isso levava ao entendimento de que o futebol brasileiro necessitava reconhecer seu atraso, abandonar a ilusão de que possuía o monopólio do brilhantismo no futebol e partir para uma completa reformulação:

O Mineirazo precisa ser entendido como marco zero de uma reforma brasileira de igual dimensão, passando pela cúpula do esporte e pela recuperação dos clubes e seu enquadramento, enfim, num modelo profissional de administração. [...] Ao mesmo tempo, **deve-se sepultar a ilusão de que o Brasil tem o monopólio da habilidade e do brilhantismo no futebol. Mito.** Nem Pelé deixou de treinar e trabalhar com afinco para desenvolver suas habilidades. Antes de tudo, **é preciso reconhecer que fomos ultrapassados por outros países. Pois, sem admitir que existe o problema, ele nunca será resolvido.** (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, opinião, p. 18, grifo nosso).

À vista disso, O Globo sinaliza para a busca das raízes estruturais das falhas da seleção e não a busca por culpados individuais, embora cite como problemas o planejamento e a preparação deficientes, a falta de treinamentos táticos e os discursos ufanistas e arrogantes –

em crítica claramente direcionada à comissão técnica. No entanto, também sugere como aprendizado dos 7 a 1 a necessidade de uma reformulação completa, diante do atraso visualizado em relação ao futebol de outros países, assim como grande parte das publicações do jornal nos dias seguintes à derrota.

Assim como no editorial, outras publicações tratam de realizar uma comparação com a derrota de 1950, estabelecendo uma avaliação de qual seria a derrota mais dura ou mais traumática. Intitulada “Dois dias de dor”, JL158 sustenta que a comparação era inevitável e que só quem vivenciou os dois traumas poderia ter a noção exata da medida. Com isso, apresenta as análises dos jornalistas Sérgio Noronha, João Máximo e Carlos Lemos (JL159, JL160, JL161).

Sob o título “Da tristeza à ofensa”, Carlos Lemos avalia que a de 2014 havia sido muito mais sofrida que a de 1950, porque na primeira Copa o futebol não tinha a importância que teria em 2014, nem havia uma verdadeira consciência do valor que o futebol brasileiro viria a ter (JL160). Carlos Lemos detalha que se sentiu humilhado com a derrota para a Alemanha, não por causa do placar, mas porque a seleção havia sido absolutamente incompetente: “Felipão não conseguiu armar um mínimo sistema de jogo. [...] O time não tinha a menor organização tática, técnica, mais parecia um amontoado de grandes jogadores” (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 12). Deste modo, o jornalista indica certa responsabilidade à comissão técnica ao citar a falta de organização tática e técnica, além de avaliar que o futebol brasileiro estaria atrasado, especialmente seus treinadores:

O futebol brasileiro está absolutamente *démodé*. É espantoso comparar com os jogadores europeus. Não temos velocidade. O time não consegue funcionar, sem saber o que fazer. Não tem meio de campo, nem defesa, nem ataque. **Precisa de uma modificação profunda dos dirigentes e dos técnicos, que são ultrapassados. A lição é a de que o futebol brasileiro necessita de uma renovação total, sobretudo no sistema de jogo.** (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 12, grifo nosso).

O colunista chega a sugerir, inclusive, a contratação de um técnico estrangeiro para a seleção e critica o fato disso “ofender muitos” (algo já exposto e defendido em JL151). Novamente, há a culpabilização da comissão técnica brasileira, classificando-a como ultrapassada e evidenciando as ausências de técnica e tática na equipe, estabelecendo como lição da derrota a necessidade de reformulação.

“Do trauma à humilhação” é o título do artigo escrito por João Máximo, em que considera a derrota de 1950 como a mais traumática e a de 2014 como a mais humilhante (JL161). Ressalta que contra os alemães era sabido que uma derrota seria justa, pois o futebol

brasileiro não era mais o mesmo, e havia a certeza de que não existiria sofrimento como em 1950, pois a derrota era, em certa medida, esperada, mas aí veio a humilhação:

Sabíamos que a seleção brasileira não vinha jogando bem e que a alemã, pelo contrário, convencia mesmo nas partidas mais difíceis. Sabíamos, também, que **o futebol brasileiro há tempos já não é o que já foi, perdeu a alegria, a arte, o brilho**. Bem mais velhos, com muitos quilômetros rodados nessa estrada sinuosa que é a Copa do Mundo, temíamos a derrota no Mineirão. O bastante para acharmos que, se os alemães nos eliminassem, lógica e justiça seriam feitas. Também já não vemos na seleção a ‘pátria de chuteiras’, por mais que o futebol seja a coisa que mais deu certo neste país de tantos erros. Por tudo isso, **assistimos ao jogo com a certeza de que nada, absolutamente nada, faria sofrer como em 1950. E não sofremos, mesmo. Apenas, ao contrário de 64 anos atrás, fomos humilhados. Perder é do jogo, mas perder assim é castigo**. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 12, grifo nosso).

Assim como Lemos (JL160) que via a primeira com tristeza e a segunda com ofensa, Máximo narra 1950 como trauma e 2014 como humilhação, percepções explicadas a partir dos contextos distintos dos dois acontecimentos: em 1950, havia a crença de que a Copa tornaria o país melhor e a seleção chegara à final com atuações espetaculares, a ponto de se acreditar que o Brasil era imbatível – por isso a derrota tornou-se traumática; já em 2014, havia a certeza de que o Brasil não era mais “a pátria de chuteiras” e a seleção chegara à semifinal com atuações ruins e medianas, o que fazia com que uma derrota fosse prevista como justa e lógica, mas não que seria tão vexatória – por isso a derrota tornou-se humilhante.

Nos dias seguintes à derrota da seleção brasileira, 11 e 12 de julho, O Globo continua a evidenciar a necessidade de mudanças no futebol brasileiro, considerando a derrota para a Alemanha como uma evidência dessa necessidade – destacando os mesmos problemas do futebol brasileiro, como o atraso dos treinadores ou dirigentes e a falta de estrutura das categorias de base (JL174, JL181, JL182). Destaca-se nestes dois dias as declarações do ministro do Esporte Aldo Rebelo e da presidente Dilma Rousseff que também apontaram para a inevitabilidade de mudanças estruturais no futebol.

Neymar aparece novamente como protagonista do acontecimento, ao conceder entrevista coletiva durante visita na Granja Comary (JL173). O Globo apresenta a entrevista de Neymar como a mais realista e lúcida após a derrota, expondo que o jogador exibiu personalidade e maturidade ao admitir o fracasso. O jornal compara a entrevista do jogador com a da comissão técnica, sustentando que Neymar havia apresentado uma visão muito mais realista e consciente que aquela apresentada por Felipão: “Neymar deu de seis, de sete ou até mais na comissão técnica”. Ao descrever o comportamento do jogador e suas declarações, O Globo sinaliza que ele exibiu personalidade e protegeu os companheiros ao se inserir como

personagem participante da derrota: “ao assumir a missão de falar ontem, protegeu os jogadores que estiveram em campo no massacre alemão. Usou sempre o ‘nós’ ao falar da derrota, colocando-se como um dos personagens da histórica derrota” (O GLOBO, 11 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Tais elementos só puderam ser apresentados na publicação a partir da apuração externa do jornalista, que se utiliza de elementos de subjetividade ao descrever sua percepção e avaliação do posicionamento de Neymar. Especificamente sobre a derrota para a Alemanha, O Globo relata que Neymar não hesitou em usar palavras fortes e afirmar que o Brasil havia sido “fracassado” e “humilhado”. A atitude e as declarações de Neymar também são elogiadas por Fernando Calazans (JL184), que o descreve como o primeiro integrante da seleção brasileira a calçar as chuteiras da humildade diante da derrota, diferentemente da presunção assumida pela comissão técnica.

O diagnóstico acerca da derrota continua a ser exibido nas páginas de O Globo. Com o título “Fiasco do nosso futebol começa na base”, Renato Maurício Prado defende que para entender onde nasciam os problemas do futebol brasileiro era necessário prestar atenção nas divisões de base – em que os técnicos incentivavam faltas e condenavam dribles (JL174). Com isso, critica o abandono do futebol arte e as características que haviam sido assumidas pelo futebol brasileiro:

A maldição das ‘goleadas por 1 a 0’; a obsessão por ‘proteger a casinha’; a paixão por volantes incansáveis e atacantes que não balançam as redes, mas ajudam a marcar; a bola parada como única jogada ensaiada; os incontáveis ‘chuveirinhos’, enfim, **todos esses tipos de câncer, que transformaram o nosso outrora futebol arte num pastiche capaz de levar de sete numa semifinal de Copa em casa, começam na base.** (O GLOBO, 11 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4, grifo nosso).

Para Prado, a consequência deste futebol havia sido a goleada de 7 a 1 e aquela era a hora de “passar a régua e começar de novo”, isto é, reestruturar as divisões de base no Brasil. A “falação” em torno da derrota e a identificação dos aspectos circunstanciais que resultaram no 7 a 1 acarretam em desdobramentos relacionados à estrutura do futebol brasileiro. Por isso, os acontecimentos pós-vexame têm visibilidade em 11 de julho, especialmente a cobrança do então ministro do Esporte, Aldo Rebelo, para que mudanças na legislação permitissem mais interferência do governo nas decisões sobre o esporte (JL178). Classificando a derrota como um vexame, o ministro defende a necessidade de examinar e corrigir as causas mais duradouras que resultaram no 7 a 1.

O Globo também informa que essas cobranças do ministro do Esporte, somadas à pressão da opinião pública após a goleada imposta pela Alemanha, repercutiriam na Câmara Federal, em Brasília (JL180). Conforme a publicação, influenciados pelas críticas aos problemas estruturais do futebol, os deputados planejavam incluir na pauta de votação em plenário o projeto de lei do Proforte – Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (LFRE), cujo objetivo consistia em moralizar a gestão dos clubes, o que promoveria uma mudança estrutural nas práticas administrativas.

Em 12 de julho, o Brasil entra em campo novamente para a disputa do terceiro lugar em jogo contra a Holanda, realizada em Brasília. As matérias deste dia relatam a preparação para a partida e o desânimo dos jogadores em disputá-la (JL186, JL176, JL175). O Globo aborda o confronto como uma “penitência” em que se jogava “pelo que resta” (JL186), informando que o resultado provavelmente não iria se sobrepôr aos 7 a 1 aplicados pela Alemanha. Além de relatar as substituições do técnico durante o treino, comunica que a comissão técnica desprezou a torcida que estava na porta do Centro de Treinamento ao ir direto para os vestiários após a atividade. O Globo classificou esse comportamento como “mais um erro para a coleção brasileira nesta Copa” e “a cena final da passagem do time por Teresópolis”.

No dia seguinte à partida entre Brasil e Holanda, 13 de julho, O Globo narra a derrota brasileira por 3 a 0, tratada como um “novo vexame”. Os destaques desta edição são as declarações e explicações do técnico Felipão e dos jogadores. Como novamente o treinador exaltou o trabalho realizado, elogiou a atuação e afirmou não haver problemas no futebol brasileiro, o jornal critica a desconexão e percepção irreal do treinador (JL197). Além disso, nesta edição O Globo apresenta uma análise tática evidenciando os problemas do meio-campo da equipe (JL204) e o fato do Brasil ter colecionado recortes negativos naquela edição do Mundial, como a zaga ter feito a pior campanha da seleção em vinte Copas do Mundo (JL202).

Na capa de 13 de julho O Globo publica uma fotografia do terceiro gol da Holanda, com o título “Mais do mesmo: Brasil se despede com novo vexame”. Ao narrar a derrota para a Holanda, O Globo evidencia que o Brasil não poderia ser mais reverenciado como o país do futebol e que o resultado desmentia o discurso de Felipão, quando reduziu o vexame aos “seis minutos de pane” (JL196). Em mais uma crítica direcionada à Felipão, o texto informa que a seleção apresentou falta de reação, começando pela recusa do técnico “de enxergar a realidade”. Deste modo, a derrota na disputa pelo terceiro lugar fazia reverberar as críticas direcionadas à comissão técnica, especialmente sobre o não reconhecimento dos erros e problemas da campanha brasileira. Assim como em todas as outras partidas, o Globo exibe um quadro com as avaliações individuais de cada jogador. A menor nota é zero, distribuída ao técnico Felipão,

seguido do texto: “Vá embora! Seu time, novamente, não conseguiu produzir um futebol digno. Merece ser demitido”. De maneira geral, todos os jogadores recebem notas entre um e quatro e suas atuações são descritas de modo negativo, como: melancólico (Maicon), impotente (Thiago Silva), caótico (David Luiz), sem condição (Maxwell), sem rumo (Fernandinho), burocrático (Paulinho), irrelevante (Hernanes), fraco (Ramires), tacanho (Hulk), ciscador (Willian), cai-cai (Oscar).

O Globo destaca em JL197 as declarações e explicações do técnico Felipão. A abordagem utilizada refere-se à desconexão e percepção irreal do treinador sobre a seleção brasileira, apresentando que só o entendimento de que Felipão ainda não havia se recuperado do baque provocado pela goleada de 7 a 1 explicava o comportamento otimista e elogioso do treinador após a derrota para a Holanda.

Dito isso, O Globo descreve que Felipão parecia totalmente desconectado da realidade, continuava a sustentar o discurso de que tudo de ruim que aconteceu com o Brasil no Mundial se resumia a seis minutos de pane e “chegou ao cúmulo de afirmar” que os jogadores brasileiros mereciam aplausos por sua participação. Diferente do identificado por muitos jornalistas, colunistas e fontes especializadas/comentadoras – os problemas estruturais que resultaram na derrota brasileira, como o atraso de treinadores e dirigentes –, o técnico afirmou que o futebol brasileiro não precisava de reformulação.

Sob o subtítulo “Ainda bem que terminou”, Calazans comenta que Felipão voltou a elogiar a equipe, a preparação e o trabalho – e por isso, não havia como acreditar numa recuperação do futebol brasileiro (JL194). Isso indica que para o colunista, só seria possível uma recuperação do futebol se houvesse um diagnóstico realista e coerente que reconhecesse os problemas enfrentados pela seleção. Do mesmo modo, Prado critica as declarações do técnico e afirma que não havia como defender sua permanência no cargo, dado o anseio da torcida por mudanças radicais evidenciado nas sonoras vaias que o treinador levou em Brasília (ao chegar ao estádio, ao aparecer no gramado e até quando sua imagem surgiu no telão) (JL195).

Seguindo a mesma abordagem, Gois destaca que uma derrota poderia ser vista ilusoriamente como um acidente de percurso, mas que duas derrotas seguidas eram um sinal da decadência do futebol brasileiro (JL201). De modo mais incisivo, em sua coluna de 13 de julho, Paulo Cezar Caju comenta que a derrota para a Holanda irritava profundamente (JL205), levantando uma série de questionamentos:

Alguém saberia me responder o que o Neymar fazia no banco de reservas, rindo, acenando para a torcida, comentando? Alguém saberia me responder o que significam aqueles gestos do Felipão, além do teatro e do jogo de cena para as câmeras? [...] E o que é o David Luiz, garoto carismático, querido pela torcida, mas sem qualquer condição de vestir a camisa da seleção brasileira? E, sinceramente, é este o time que está sendo preparado para nos representar nas próximas Copas? A nossa seleção virou piada? Caramba, outro gol da Holanda, no finzinho, 3 a 0. Gol de bobinho, de dois toques. Outra pane? Outro apagão? Parreira falou em tsunami, um caso raríssimo. Um tsunami pode se repetir em menos de uma semana? Algum meteorologista poderia me responder? (O GLOBO, 13 jul. 2014, matutino, esportes, p. 11).

Assim, o colunista questiona e ironiza as escolhas e explicações de Felipão acerca do mau desempenho da equipe. Identifica-se que há um consenso entre jornalistas e colunistas em criticar o trabalho da comissão técnica durante a competição, mas especialmente em avaliar negativamente a falta de reconhecimento de Felipão e Parreira em relação às falhas cometidas desde o período de preparação.

Após o término da Copa do Mundo, O Globo apresenta uma espécie de avaliação final da seleção brasileira. Explica que a equipe não tinha alternativas táticas e não se impôs em campo, mas que embora Felipão fosse o maior culpado, não era o único, já que os jogadores renderam menos que o esperado (JL214). Também avalia que a competição foi uma lição e uma demonstração do atraso dos brasileiros (JL211).

Em seguida, comunica a saída do técnico Felipão, do coordenador Parreira e de parte da comissão técnica da seleção brasileira (JL213) e passa-se a especular a escolha do novo técnico (JL199, JL216). Em 18 de julho, a notícia destaque refere-se à contratação de Gilmar Rinaldi como novo coordenador técnico da seleção brasileira, sendo o primeiro nome anunciado no processo de reformulação da seleção (JL218). A escolha da CBF pelo novo coordenador técnico e a possibilidade de Dunga ser anunciado como novo técnico são amplamente criticadas pelos colunistas do jornal (LL222, JL224, JL227, JL228), que sinalizam para a impossibilidade da reformulação completa do futebol brasileiro – entendido como aprendizado dos resultados desastrosos da Copa do Mundo – diante de um comando “antiquado, retrógrado e incompetente”. Os colunistas se posicionam de maneira contrária às escolhas da CBF para a comissão técnica, evidenciando que os profissionais contratados não correspondiam ao processo de renovação. A apresentação de Dunga como novo técnico ocorre em 22 de julho, portanto, a edição de 23 de julho dá destaque a isso (JL230, JL231, JL232, JL233, JL234, JL236).

Acerca da substituição dos cargos da comissão técnica, JL216 trata da expectativa em relação ao técnico que assumiria a seleção brasileira após a demissão de Felipão. A matéria expõe que enquanto os ecos da derrota humilhante por 7 a 1 ainda eram sentidos, a CBF sondava

nomes para assumir o comando do time, iniciando a reforma pelo cargo de coordenador técnico. Por isso, em 18 de julho, O Globo anuncia Gilmar Rinaldi como novo coordenador técnico da seleção brasileira, apresentando-o como “agente da mudança” (JL218). Primeiro nome anunciado no processo de reformulação da seleção, a matéria descreve que ele teve de dedicar tempo considerável de sua apresentação a lidar com a controvérsia de ser agente de jogadores antes de assumir o cargo na seleção: “Questionamentos sobre o conflito entre a função de agente de jogadores e a de dirigente da seleção dividiram espaço com um projeto que se pretende inovador” (O GLOBO, 18 jul. 2014, matutino, esportes, p. 38). Fernando Calazans comenta essa escolha da CBF, relatando que ela havia merecido críticas em quase toda a imprensa esportiva e grande parte da torcida (JL224). O colunista avalia que diante do momento de renovação, esperava alguém com mais experiência no cargo:

Em primeiro lugar, num momento tão delicado do futebol brasileiro, num momento absolutamente crucial, em que se clama por uma revolução em todos os níveis, eu esperava um nome de mais peso, com mais experiência como dirigente, como técnico ou exatamente como coordenador da base ou da categoria principal de clube ou de seleção. Alguém com um trabalho já feito, embora, quero dizer com sinceridade, não saiba bem quem seria. Sei que este não é o momento certo para testes e experiências. (O GLOBO, 20 jul. 2014, matutino, esportes, p. 53).

Deste modo, Calazans expõe que a escolha de Rinaldi abria uma série de questionamentos, como o seu desempenho em um cargo e uma tarefa novos em um momento do futebol brasileiro que deveria ser de afirmações, não de interrogações.

Com a confirmação da volta de Dunga ao comando da seleção brasileira em 21 de julho, o jornal trata do início de uma “nova era”, como busca pela identidade perdida e resgate do símbolo do futebol de resultados (JL225). Fernando Calazans critica a contratação de Dunga (JL227), argumentando que o momento delicado em que o futebol brasileiro se encontrava clamava por uma reforma, mas o novo técnico era um “um passo pra trás, mais um retrocesso”. Em tom de crítica, Calazans critica Dunga, chamando-o de “um Felipão piorado, sobretudo em termos de grosseria e falta de educação”. A crítica também é seguida por Renato Maurício Prado, que qualifica negativamente as escolhas de Gilmar Rinaldi como coordenador e de Dunga como técnico (JL228):

Acinte, desaforo, bofetada, chute no baixo ventre da torcida brasileira. Chame como quiser a insensatez que começou com a infelicíssima escolha do empresário Gilmar Rinaldi como coordenador e se completará hoje, com a volta de Dunga ao comando da seleção. **Não é possível que, em tão consciência, alguém acredite que a dupla Rinaldi/Dunga seja realmente capaz de conduzir qualquer tipo de trabalho efetivo de reconstrução do futebol brasileiro – que é o mais urgente.** Mais até do que remontar a seleção. É senso comum que está na hora de retornar às origens, de

valorizar o talento, de voltar a cultivá-lo, da base aos profissionais. Mas o que será anunciado esta manhã, na CBF? O indesejável retorno de Dunga, aquele que, independentemente do cargo que ocupa, é sempre volante de corpo e alma, disposto a dar carrinho em que encontrar pela frente. (O GLOBO, 22 jul. 2014, matutino, esportes, p. 28, grifo nosso).

Ao formular sua crítica, Prado opina que os dirigentes da CBF haviam perdido completamente a noção da realidade, já que Rinaldi e Dunga não poderiam representar ou atuar no processo de reconstrução do futebol brasileiro. A escolha, chamada de “desastrosa”, confirmaria que o problema do futebol brasileiro era mais complicado e ia além da acachapante goleada sofrida no Mundial. Segundo ele, o problema não teria solução enquanto os que comandam “forem antiquados, retrógrados e incompetentes a ponto de remontarem esse aterrorizante teatro do absurdo” (JL228). Portanto, os colunistas de O Globo se posicionam de maneira contrária às escolhas da CBF para a comissão técnica, evidenciando que os profissionais contratados não correspondiam ao processo de renovação do futebol. A volta de Dunga como técnico representava mais um episódio de derrota e humilhação, tal qual os 7 gols da Alemanha.

Próximo ao fim de julho, ainda tratando de problemas que foram diagnosticados a partir da derrota para a Alemanha, O Globo volta a discutir o atraso dos técnicos, aliado à soberba e ignorância em reconhecer os erros (JL236), e a falta de estrutura das categorias de base (JL237). Destaca-se que ao discutir tais assuntos, o jornal sempre referencia a “humilhação sofrida pela seleção brasileira diante de Alemanha” como episódio causal daquela discussão e da necessidade de reformulação. Por fim, no final do mês de julho (JL240, JL241), Felipão volta às páginas ao ser anunciado como técnico do clube gaúcho Grêmio e, em mais uma oportunidade, critica-se o comportamento irreal do treinador sustentando que ele aparentava viver em uma espécie de universo paralelo que insistiu em criar para se defender do fracasso do Mundial.

Em agosto de 2014 as publicações sobre a seleção brasileira e a Copa do Mundo diminuem significativamente com a final da Copa do Mundo, realizada em 13 de julho, vencida pela Alemanha em partida com a seleção argentina. Foram encontradas e analisadas 18 publicações. Nas marcas de apuração constata-se que os conteúdos são assinados por cinco jornalistas que já cobriam a seleção brasileira durante a Copa: Fernando Calazans (6), Renato Maurício Prado (3), Maurício Fonseca (2), Carlos Eduardo Mansur (2) e Victor Costa (1), além de quatro textos sem assinatura.

As informações se originam predominantemente de apuração interna (15 textos), seguida de origem indefinida (10) e de apuração externa (3), o que é explicado pelo término da

competição e, por consequência, pelo fim da obrigatoriedade da presença do jornalista no local da concentração ou nos estádios. Ainda relacionada às fontes informacionais, são utilizadas fontes institucionais em seis textos e fonte especializada em apenas uma publicação, todas elas pertencentes ao ambiente do futebol, como jogadores da seleção e técnicos de clubes brasileiros. No que concerne às marcas de composição do produto identifica-se a predominância de colunas (8), seguida das matérias (7), entrevistas (2) e nota (1).

A derrota por 7 a 1 é recorrentemente citada pelas publicações de O Globo ao elucidar os problemas que afetavam o futebol brasileiro – reverberando a necessidade de uma completa reformulação. Mesmo após a demissão do técnico Felipão e do coordenador Carlos Alberto Parreira, a comissão técnica volta a ser criticada por fugir da responsabilidade da derrota e explicá-la apenas como “uma pane de seis minutos” (AG1, AG5). Fernando Calazans aclara que ninguém deveria ser crucificado, como foram Barbosa e Bigode em 1950, mas que ninguém deveria fugir da responsabilidade pela derrota, como fazia Felipão (AG1):

Nem Felipão, nem Parreira, nem Murtosa, ninguém tem que ser crucificado, como foram Barbosa e Bigode, por exemplo, na derrota muito menos vexatória de 1950. Ninguém tem que ser banido do futebol por causa de 2014. [...] Isso é uma coisa. Outra coisa é fugir da responsabilidade profissional, da responsabilidade pela derrota da seleção brasileira, como tentam fazer, desde a primeira entrevista coletiva, o mesmo Felipão e sua comissão técnica. Felipão quer virar a página da maior vergonha da nossa seleção em todos os tempos. Mas é inútil, porque o futebol brasileiro não vai poder virar. Não vai poder ignorar, não vai poder esquecer, o que aconteceu em Belo Horizonte, no dia 8 de julho de 2014. (O GLOBO, 01 ago. 2014, matutino, esportes, p. 37, grifo nosso).

Além de voltar a apreciar negativamente a falta de reconhecimento de Felipão acerca dos erros cometidos à frente da equipe brasileira, Calazans também expressa o significado dos 7 a 1: o episódio da maior vergonha da seleção de todos os tempos, que não poderia ser ignorado ou esquecido.

Neste mês O Globo expõe que “a retumbante goleada sofrida contra a Alemanha” havia feito ecoar a unânime opinião de que o futebol brasileiro precisava passar por uma profunda reformulação (AG7). Problemas estruturais do futebol brasileiro, que se tornaram visíveis por causa da goleada sofrida, voltam a ser discutidos, como a má formação de jogadores pelas categorias de base (AG2, AG4), o atraso de treinadores e dirigentes (AG4, AG5, AG8) e a péssima qualidade do futebol jogado no país (AG11, AG12). Deste modo, O Globo continua a falar sobre os alicerces da “crise dos 7 a 1” (AG8), isto é, problemas estruturais que só foram trazidos à tona em virtude da derrota.

Em 10 de agosto, Fernando Calazans analisa que a derrota permitiu a tomada de consciência acerca da queda de qualidade, de poder e de prestígio do futebol brasileiro, mas que isso não havia sido compreendido em sua completude (AG8):

Dentro do imediatismo que rege as decisões e interpretações no futebol brasileiro, ainda estamos pensando que a transformação (para pior), ocorreu exatamente agora, este ano, nesta Copa, ou, como pensa o Felipão, nos seis minutos de pane da sua seleção, contra a Alemanha. Não é assim. **Nosso declínio vem de anos, vem da década de 90 para cá**, até porque o futebol brasileiro já foi mesmo tão extraordinário que não podia se rebaixar da noite para o dia. [...] **o futebol brasileiro traiu as próprias raízes, os conceitos, os princípios, a originalidade que o fizeram campeão. Trocamos a habilidade, o talento, a ginga, o drible dos pontas, os passes dos meias-armadores, o espírito criativo, pela força física, pela altura, pela marcação, pela destruição, pelos chutões, pela bola parada e pela bola alta.** Durante anos. Até, sim, desembarcarmos da longa viagem que nos trouxe a estes 7 a 1. (O GLOBO, 10 ago. 2014, matutino, esportes, p. 47, grifo nosso).

Esse aspecto é exposto em outras publicações, especialmente em julho, em que há a aproximação do atraso do futebol brasileiro à perda da sua identidade e das características que lhe conferiam singularidade, como o drible e a ginga.

Em certa medida, os colunistas afirmam que dificilmente haveria uma reformulação do futebol brasileiro, já que, além de treinadores e jogadores não reconhecerem os erros (AG1, AG5, AG6, AG8), a CBF não colocava em prática as mudanças necessárias (citando a contratação de Dunga e Gilmar Rinaldi enquanto medidas que não pretendiam a reestruturação do futebol – AG12): “À exceção dos técnicos, soubemos sim, através dos 7 a 1, que nosso futebol está em baixa. Mas não sabemos o que fazer. Muito menos, se vamos fazer” (O GLOBO, 10 ago. 2014, matutino, esportes, p. 47).

Destaca-se também o uso de adjetivos negativos que sempre acompanham a apresentação da derrota por 7 a 1: a acachapante derrota, a pior derrota, a maior derrota, a humilhante derrota. Recorrentemente, há a indicação de que os 7 a 1 jamais seriam esquecidos, constavam na História: “a maior derrota de uma seleção brasileira” (AG14).

Em setembro são publicados sete conteúdos sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, assinados por quatro jornalistas: Fernando Calazans (2), Renato Maurício Prado (2), Maurício Fonseca (1) e Jorge Luiz Rodrigues (1), além de uma matéria não assinada. Tais conteúdos têm apuração interna (5) e externa (2), com origem da informação indefinida em cinco textos e informações de primeira mão em dois, sendo cinco colunas e duas matérias.

De maneira geral, as publicações continuam a comentar os problemas que afetavam o futebol brasileiro – trazendo sempre a referência aos 7 a 1 como episódio que permitiu a discussão acerca das lacunas do futebol nacional. Destaca-se o uso do termo “Gol da

Alemanha” em qualquer contexto que representasse uma derrota para a seleção brasileira ou para o país, como se outros gols da seleção alemã saíssem continuamente e aumentassem ainda mais a humilhação brasileira. Em O Globo, a referência ao 7 a 1 ou a mais um gol da Alemanha é utilizado quando apresenta algum problema, erro ou falha que acomete o futebol brasileiro (S5, S6, JL228, O6, N7).

No mês de outubro O Globo publica apenas sete conteúdos sobre a seleção brasileira e a Copa do 2014, assinados por Fernando Calazans (2), Renato Maurício Prado (1), Pedro Motta Gueiros (1), Allan Caldas (1) e um texto sem assinatura. A maioria dos textos possui apuração interna (6 textos) e um texto é apurado externamente, com indefinição na origem informacional em seis textos, informações de primeira mão em duas publicações, além de uma que se utiliza de informações de primeira e segunda mão. São identificados três formatos: coluna (4), matéria (2) e entrevista (1).

O destaque principal deste mês se refere à terapia do luto (O3) passados cem dias da derrota para a Alemanha, quando O Globo apresenta que o futebol brasileiro tentava retomar a vida e ao espírito vitorioso de outrora.

Passados cem dias da derrota, restam a ferida na alma e o desafio de pacificar a versão esportiva de um complexo do alemão, que apavora o imaginário nacional. [...] Por mais que a fé no renascimento traga conforto, no plano do futebol, a vida eterna precisa ser celebrada na terra coberta de grama. Só assim, a seleção e o torcedor terão direito a se sentir nos céus outra vez. (O GLOBO, 16 out. 2014, matutino, esportes, p. 35).

Além disso, a matéria expõe que os “7 a 1 apontaram para o abismo que a ilusão da hegemonia ignorava”, isto é, que a derrota escancarou as lacunas do futebol brasileiro. Isso é evidente já que, assim como nos outros meses após a derrota, em outubro também há uma exposição dos problemas que continuavam a afetar o futebol: a ausência de simpósios, fóruns e debates entre os treinadores (O5), assim como as simulações dos jogadores e a irregularidade das equipes (O6).

Apenas sete publicações estão presentes em novembro de 2014 sobre a seleção e o Mundial. Seis publicações estão assinadas (Renato Maurício Prado (2), Carlos Eduardo Mansur (2), Fernando Calazans, Isabel de Luca) e uma sem assinatura, com predomínio de apuração interna (cinco textos) e de apuração externa em apenas dois. Há indefinição da origem das informações em cinco conteúdos, um que apresenta informações de primeira mão e um com informações de segunda mão, em quatro matérias e três colunas.

De maneira geral, novas declarações do ex-coordenador técnico Carlos Alberto Parreira e discussões acadêmicas em Harvard sobre os 7 a 1 ocupam as páginas de O Globo neste mês, assim como o Mineirão enquanto palco de partidas dramáticas, como a semifinal da Copa do Mundo de 2014. Nota-se, ainda, que ao falar de problemas que perpassam o futebol nacional (nem sempre necessariamente relacionado à seleção) e das partidas amistosas disputas pela seleção sob o comando de Dunga, O Globo sempre relembra a derrota para a Alemanha, classificando-a como “maior vexame da história”.

O último mês do ano de 2014 apresenta seis conteúdos relacionados à temática, assinados por cinco jornalistas (Fernando Calazans (3), Renato Maurício Prado, Fernanda Mussarotto, Carolina Oliveira Castro e Tatiana Furtado), com predomínio de apuração interna (5) e origem indefinida da informação (4), com apenas dois textos que se utilizam de informações de primeira mão. Em relação ao formato, são apresentadas quatro colunas, uma matéria e uma entrevista. Dezembro apresenta análises finais da derrota brasileira, reavaliando os problemas estruturais e a falta de resolução para a maioria deles. Renato Maurício Prado avalia que nada havia sido feito no futebol brasileiro, após “a maior humilhação de sua história – a goleada de 7 a 1 da Alemanha” (D4), uma vez que prevaleceu na cabeça dos técnicos e dirigentes a desculpa esfarrapada do “apagão” e que a seleção continuava a ter Neymar como único craque.

Neste sentido, O Globo aponta que houve regressão em termos táticos e que doía ouvir de treinadores, dirigentes e jogadores que o futebol brasileiro continuava a ser o melhor do mundo: “isso dói mais que a tunda de 7 a 1” (O GLOBO, 21 dez. 2014, matutino, esportes, p. 44). Ao fazer uma análise final do futebol naquele ano, Fernando Calazans apresenta que na cronologia dos 365 dias, 2014 ia embora, mas que, ao contrário do que pensavam Felipão e Parreira, “permaneceria para sempre incrustado na História do futebol brasileiro. O ano dos 7 a 1” (O GLOBO, 21 dez. 2014, matutino, esportes, p. 45).

5.4.2 Análise Narratológica: A Configuração da Derrota em 2014

Nesta fase da análise narratológica executa-se o plano da expressão, o plano da estória e o plano da metanarrativa, a partir de cinco movimentos operacionais: 1) recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico; 2) identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios; 3) construção de personagens jornalísticas; 4) estratégias comunicativas (de objetivação e de subjetivação); e 5) metanarrativas.

Acerca da inserção destas narrativas no modelo proposto por Ricoeur (2010), identifica-se que os eventos relacionados à seleção brasileira em 2014, percebidos e pré-compreendidos na mimese I, compõem uma narrativa única na mimese II. Isso significa que eventos aparentemente particulares e fragmentados passam a integrar a mesma narrativa, unidos em um todo compreensível por possuírem o mesmo tema – o Brasil na Copa do Mundo de 2014. Ocorre a unificação destes eventos singulares à um todo narrativo, ou seja, fatos cotidianos apropriam-se de sentido e historicidade, tornando-se mais do que ocorrências singulares.

O uso de uma máscara de proteção pelo jogador Ramires em partida durante jogo do Chelsea (M9), o sexo liberado por Felipão para os jogadores da seleção brasileira durante a Copa (A4), os anúncios publicitários realizados por Felipão e Neymar (A12), as superstições do técnico brasileiro, que chegou a caminhar 20km para agradecer pelo pentacampeonato (A17), o cardápio da seleção brasileira durante a Copa do Mundo e a liberação de churrasco e cerveja se permitidas pelo treinador (MA9), o uso de modelos diferentes de chuteiras pelos jogadores (MA69), o novo cardápio adotado pela seleção para a preparação da partida entre Brasil e Chile, composta por macarrão, frango grelhado, canja de galinha e purê de batatas no café da manhã (JN234) são alguns dos muitos fatos diários retirados da sua singularidade para construir a configuração narrativa do Brasil na Copa do Mundo de 2014.

Inicia-se a análise narratológica seguindo os três primeiros movimentos analisados em conjunto: 1º movimento – a recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico, 2º movimento – identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios e 3º movimento – construção de personagens jornalísticas. A partir das 967 publicações de O Globo, se reconhece o Brasil na Copa do Mundo de 2014, a segunda realizada no país, como a intriga ou enredo da narrativa. Este acontecimento-intriga se encontra constituído por microeventos que evoluem ao longo da narrativa, entendidos como episódios que ajudam a compor a estória e que são demarcados pelo próprio jornal.

São identificados nove episódios que compõem a intriga: 1) expectativa para a “Copa das Copas” e perspectiva de triunfalismo, 2) performances dos possíveis convocados, 3) divulgação e análise da lista de convocados e suas trajetórias, 4) preparação para a Copa do Mundo: treinamentos e amistosos, 5) a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo: as inconsistências, 6) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: esperança efêmera, 7) Brasil no divã: o descontrole emocional, 8) a queda do herói: lesão de Neymar, 9) derrota por 7 a 1: a maior da história. Tais episódios possuem começo, meio e fim e estão sobrepostos e inter-relacionados uns aos outros ao longo da narrativa.

Enquanto elemento estruturador, o conflito consiste na trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 e a possibilidade de superação da derrota de 1950. Desde o início do ano, O Globo faz referência à Copa de 2014 como uma oportunidade de o Brasil exorcizar o fantasma do primeiro Mundial realizado no país (J1, J4, J8, J10, J12). Em 02 de janeiro, Luis Fernando Verissimo defende que as condições daquele ano eram perfeitas para uma desforra, 64 anos depois, “valendo outra Copa do Mundo, no Maracanã, o local do crime” (J1). Segundo ele, tudo estaria pronto para uma “catarse coletiva” ou “para outra tragédia”. Do mesmo modo, Renato Maurício Prado expõe que se o Brasil vencesse a Copa, exorcizaria, enfim, “o até então inesquecível fantasma de 50” (M17, JN57). Neste âmbito, O Globo constrói a ideia de que vencer a Copa de 2014 seria um sonho realizado da nação inteira (MA48): “exorcizar o fantasma de 1950, quando o Uruguai virou o jogo e deixou aberta a ferida que não vai cicatrizar enquanto o título em casa não vier para afogar no novo estádio as mágoas do velho Maracanazo” (O GLOBO, 25 maio 2014, matutino, esportes, p. 52).

Em torno deste conflito inicial O Globo organiza os elementos da narrativa, entre eles os episódios. O primeiro episódio desta narrativa consiste na expectativa para a “Copa das Copas” e na confiança absoluta de triunfalismo, presente nas publicações de janeiro a junho de 2014. A expectativa reside na oportunidade de exorcização do trauma formado em 1950 e na qualidade das seleções que disputariam a competição.

Desde a primeira publicação há a indicação de uma possível conquista de 2014 como oportunidade para o Brasil superar a derrota vivenciada em 1950. O Globo constrói o entendimento de que só seria possível superar aquela tragédia com a conquista da Copa na segunda edição da competição realizada no país (J1, J4, J8, J10, J12). Em janeiro também se sustenta a ideia de que aquela edição seria “a Copa das Copas”. Relacionado à qualificação das equipes, caracteriza aquele Mundial como acima da média, não só porque pela primeira vez oito campeões lutariam pela taça, mas também porque muitas seleções chegavam com a sua melhor formação em décadas (J12). Essa qualificação também se relaciona à seleção brasileira. O jornal aponta que a seleção estava pronta para o Mundial, aquele era o melhor Brasil dos últimos anos e a comissão técnica havia conseguido “montar um escrete forte, digno de ser apontado como um dos favoritos ao título” (O GLOBO, 07 mar. 2014, matutino, esportes, p. 30) (M10, M11).

A confiança absoluta no triunfalismo é exposta pelas declarações do técnico Felipão já nas primeiras publicações do ano. Ao informar que o planejamento da seleção elaborado por Felipão já contava com a marcação da semifinal e final no calendário, O Globo passa a apresentar as garantias do técnico de que o Brasil seria campeão: em J2, o técnico revela sua

convicção de que, jogando no Brasil, não haveria outra alternativa se não ganhar; em F8, afirma que não havia “nada difícil para ser campeão do mundo” e que o Brasil “seria o primeiro e pronto”; em F20, durante um seminário aos treinadores organizado pela Fifa, mais uma vez repetiu que o Brasil levaria a taça.

Entretanto, a expectativa não era vivenciada de modo similar por todo o país. Por isso, a narrativa se refere à dualidade da situação: entre o entusiasmo de alguns e a insatisfação de outros. A reportagem designa que o país dividido se defrontaria consigo mesmo e só restava torcer para que as multidões celebrassem conquistas no campo do esporte e da cidadania (M4): “nos gramados ou nas ruas, quem estiver mascarado terá que prestar contas. Faltam cem dias para o Brasil mostrar a cara” (O GLOBO, 04 mar. 2014, matutino, esportes, p. 24).

Nos primeiros meses do ano O Globo faz o acompanhamento dos possíveis convocados, isso marca o segundo episódio da narrativa construída, estando presente nas publicações de janeiro, fevereiro, março e abril de 2014. Semanalmente o jornal apresenta um balanço avaliativo das performances dos jogadores brasileiros que possivelmente seriam convocados, assim como o relato das observações da comissão técnica na Europa.

De maneira geral, há a constatação de que o técnico Felipão teria motivos de satisfação e de preocupação, com ênfase na condição física de Neymar (J7, J8, A9) em virtude de suas lesões, chamado de “craque de seleção”. Desde então Neymar já aparece como possível protagonista. Em 23 de fevereiro, dá-se destaque ao desafio inédito enfrentado por ele na Copa do Mundo: um estreante triunfar ao chegar como o craque da seleção (F23). O desafio seria um rito de passagem que confirmaria o pertencimento de Neymar ao futebol brasileiro. A reportagem apresenta o jogador como um depósito das esperanças do Brasil, representando-o como elemento fundamental da seleção e onde residiria a maior expectativa do hexacampeonato.

Dois jogadores são o centro das atenções deste segundo episódio: o atacante Fred e o goleiro Júlio César. A condição física de Fred é abordada como um potencial problema da equipe, devido às constantes lesões e o processo de recuperação, dramatizando-se o fato de que nunca antes a seleção chegava às vésperas da Copa dependendo de um único jogador para desempenhar a função de centroavante. Em relação ao goleiro, coloca-se em dúvida a inatividade de Júlio César, que passava por um processo de transferência de clubes (do Queens Park Rangers para o Toronto FC) e, em seguida, suas atuações insatisfatórias. Apesar das condições desfavoráveis, O Globo mostra os dois jogadores como homens de confiança de Felipão, avisando que o técnico já havia garantido a presença deles na Copa, independentemente das circunstâncias (F10, F12, F13).

Concomitantemente com o primeiro e o segundo, o terceiro episódio trata da convocação dos jogadores brasileiros para a Copa do Mundo (publicações de março, abril e maio de 2014). Esse episódio começa com a preparação e realização do amistoso entre a seleção brasileira e a África do Sul, o último antes da convocação, tratado não apenas como mais uma etapa de preparação da seleção, mas um “derradeiro teste antes da convocação” que serviria para Felipão desfazer suas últimas dúvidas e para Fred mostrar que estava livre dos problemas musculares (M5). Diretamente de Johannesburgo, Maurício Fonseca narra a partida amistosa entre Brasil e África do Sul evidenciando que o placar igual ao número de títulos (5 a 0) lembrava que a seleção ainda precisava de mais para celebrar o hexa e que Felipão não era criticado por suas escolhas (M8).

Em abril, o jornal divulga as afirmações do técnico de que a lista dos convocados estava pronta e o time titular já estava definido. Carlos Eduardo Mansur comenta a confiança inabalável do treinador em Neymar e Fred, apesar dos momentos conturbados que enfrentavam em seus clubes (A8) – ambos se recuperaram das lesões, mas estavam com rendimento abaixo do esperado e viviam relacionamentos conturbados com a torcida: “os atacantes da seleção brasileira têm tudo, menos uma temporada tranquila no ano da Copa do Mundo. Mas nada parece abalar a irrestrita confiança do técnico Luiz Felipe Scolari” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 16 abr. 2014, matutino, esportes, p. 34). Por isso, há uma iniciativa do jornal em demarcar o protagonismo de Neymar (A9, A10, A11, A12) e o preparo de Fred. Em relação a este último, sob o título “Homem-gol”, O Globo ressalta o amadurecimento do jogador, a fim de transformar-se em um líder que o Brasil e o Fluminense precisavam (A16).

A partir de maio se inicia propriamente a convocação dos jogadores brasileiros. Um dia antes do anúncio oficial, O Globo prescreve os possíveis jogadores que estariam na lista de Felipão, indicando que o conceito de família, marcante na campanha da Copa de 2002, não desapareceu do trabalho de Felipão, já que a seleção deveria ter os jogadores mais vezes convocados pelo treinador desde sua estreia (MA5).

Com a convocação final realizada em 07 de maio, O Globo divulga “os 23 de Felipão” informando que estava nos pés e mãos de 23 jovens entre 21 e 34 anos a responsabilidade de conquistar a Copa do Mundo no Brasil (MA12) – 17 deles estreantes em Mundial e apenas cinco remanescentes da Copa de 2010. Ao desenvolver análises sobre os convocados e apresentar entrevistas com fontes institucionais e especializadas, algumas preocupações aparecem como determinantes: a falta de experiência dos jogadores convocados em Copas do Mundo e o protagonismo de Neymar como principal jogador do elenco brasileiro, apesar de ser sua estreia em Mundiais.

Ao analisar os convocados, Renato Maurício Prado examina que o grupo era o melhor naquele momento, embora reconhecesse o declínio técnico dos jogadores desde 2002 e possuísse apenas um jogador “fora de série” (MA19). Diante disso, dá a Neymar a responsabilidade pelo desempenho brasileiro: “Se ele desequilibrar, a seleção disputará a Copa com boas chances de vitória. Se tiver atuações opacas, dificilmente iremos longe” (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 3). Semelhantemente, Fernando Calazans afirma que não havia jogadores melhores que aqueles convocados, apesar de reconhecer que se poderia discutir uma ou outra preferência do treinador e que o nível dos jogadores era inferior ao apresentado em 2002 (MA34). Em vista disso, apresenta-se uma avaliação conformista, concordando com a lista elaborada pelo técnico, além de recorrer à Copa do Mundo de 2002 como elo de comparação, em relação ao declínio técnico dos jogadores, ao clima de “família Scolari” e ao comportamento do treinador (MA5, MA15, MA18, MA19, MA21, MA28, MA34, MA35).

A queda da qualidade técnica dos jogadores aparece na coluna de Paulo Cezar Caju de forma mais incisiva. Este é o único conteúdo discordante sobre os convocados logo após a divulgação da lista final (MA26): “Faltou uma cabeça pensante na convocação do Felipão. A seleção não pensa, corre. Fica muito difícil torcer. Não me animo em torcer, sinceramente” (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 5). Além disso, o colunista manifesta indignação específica com a convocação de Jô e Hulk por entender que eles não eram jogadores de alto nível.

Relacionado ao primeiro e ao terceiro episódio, que acontecem sincronicamente dentro da narrativa, O Globo apresenta a ocorrência de duas Copas distintas (M17): a primeira se referia à preparação e organização do Brasil como sede do megaevento esportivo; a segunda se referia àquela realizada dentro de campo. A publicação sugere que torcer contra a seleção nacional não fazia sentido enquanto crítica aos problemas da realização da competição no Brasil, havendo, portanto, uma iniciativa do jornal em mobilizar o público para o apoio à seleção.

O dualismo vivenciado no país, em conjunto com os elementos circunstanciais, como as manifestações contrárias à competição, orienta as publicações acerca das trajetórias e performances dos jogadores convocados. A queda de identificação do torcedor com a seleção fez com que o jornal buscasse a aproximação dos jogadores ao povo brasileiro, ou seja, O Globo busca desconstruir esse afastamento, visando suscitar o apoio do torcedor a partir da narrativa acerca das suas histórias de vida. Por isso, é comum na editoria de Esportes de O Globo, especialmente nos meses de abril e maio, a publicação de entrevistas com os jogadores convocados por Felipão, além de matérias e colunas que descrevem a trajetória dos atletas.

Além de Neymar, que é acompanhado pelo jornal constantemente e detalhadamente, são apresentadas as trajetórias de Daniel Alves (JN197), Dante (JN11), David Luiz (MA45, MA80), Felipão (JN39), Fernandinho (JN224), Fred (A16, MA16, MA48, JN53, JN54, JN56, JN70), Hulk (M22), Júlio César (MA36, MA39, MA61), Luiz Gustavo (JN87, JN238), Marcelo (JN53), Paulinho (M20, A1, JN88), Thiago Silva (JN30) e Willian (JN41). Fred é um dos jogadores que mais recebe espaço no jornal, por entender que a sua condição de titular ainda gerava desconfiança no torcedor, dadas as contusões e o processo de recuperação do jogador.

Brinati (2016, p. 211) explica que um dos motivos para a queda da identificação do torcedor com a seleção seria o fato de os jogadores saírem cada vez mais cedo do país para jogar no exterior. Como a equipe de 2014 possuía alguns jogadores nessa condição, O Globo publica diversos textos que narram a formação de suas carreiras, demonstrando situações de sofrimento e adversidade. É o que ocorre na reportagem sobre a vida de Dante: JN11 indica que os torcedores que insistiam em atacar jogadores que saíam cedo do país com o argumento de que desprezavam suas raízes acabavam desarmados pela trajetória e pelo discurso do zagueiro Dante, em virtude da difícil saída do jogador do Brasil e das atribulações vivenciadas por ele. Portanto, isso é exposto com vias de aproximar a seleção da torcida, minimizando os efeitos de rejeição.

Após a fase de convocação dos jogadores, principia-se a preparação para a Copa do Mundo, com a realização de treinamentos e amistosos, que corresponde ao quarto episódio da narrativa e está presente nos textos publicados em maio e junho de 2014. A saída da seleção brasileira do Rio de Janeiro para a Granja Comary, em Teresópolis, é noticiada na edição de 27 de maio, informando que os jogadores foram hostilizados pelos manifestantes na saída da cidade (MA57). Ao contrário da chegada à Granja Comary, acompanhada de apoio e entusiasmo (MA56).

Neste momento, o primeiro e o quarto episódio se interligam, pois a chegada dos jogadores à Granja Comary, local de preparação dos selecionados, é marcada pelo otimismo da comissão técnica em relação à conquista do hexacampeonato (MA56), especificamente do coordenador técnico Carlos Alberto Parreira:

[...] Ao ser perguntado sobre o que teria aprendido com os sete mundiais de que participou, o técnico tetracampeão do mundo não se fez de modesto. Disse que o planejamento é fundamental e que, se depender de organização, o Brasil dificilmente deixará de conquistar o hexacampeonato. – Pela experiência que tenho neste tipo de competição, posso afirmar que você começa a ganhar a Copa fora de campo. E isso não é uma tarefa fácil. Envolve logística, planejamento, relacionamento com torcedores, com a imprensa, um bom ambiente de trabalho. E isso nós já temos. **Estamos com uma mão na taça** – afirmou Parreira na entrevista coletiva realizada

ontem na Granja Comary. (O GLOBO, 27 maio 2014, matutino, esportes, p. 31, grifo nosso).

O texto ressalta o favoritismo brasileiro, inclusive com a asserção de Parreira de que “chegara o campeão”. No entanto, antes disso, em 13 de maio, o técnico Felipão já havia afirmado que o Brasil era o favorito e que havia uma obrigatoriedade pela vitória (MA83): “Sente-se pressionado pelo fato de o Brasil ser favorito? – Não muda nada. No Brasil, nós só temos uma opção: ganhar. Não há pressão. Os jogadores estão tranquilos” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 13 maio 2014, matutino, esportes, p. 11).

Os colunistas do jornal criticam esses discursos triunfalistas da comissão técnica. Desde fevereiro, Fernando Calazans já apontava como exagero a garantia de Felipão de que o Brasil seria campeão, fazendo-o lembrar da derrota em 1950 (F22): “me remete, vejam só, à outra Copa do Mundo que houve no Brasil, em que começamos a comemorar de véspera, dentro e fora da seleção, o que nos conduziu à conhecida, e nunca esquecida, tragédia do velho Maracanã, naquela época novíssimo” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 21 fev. 2014, matutino, esportes, p. 37). A partir do início da preparação na Granja Comary e as novas declarações de otimismo, os colunistas voltam a expor discordância (JN57).

Com os jogadores já instalados em Teresópolis, as notícias tratam dos treinos realizados. Em 28 de maio, o jornal comunica a primeira atividade realizada pelos goleiros da seleção Júlio César, Jefferson e Victor, quando houve o teste da Brazuca, a bola oficial da Copa de 2014 (MA64). No dia seguinte, ocorre o primeiro dia de treinos com bola, indicando que a atividade, realizada em duplas formadas pela afinidade entre os jogadores, fortalecia o sentimento de família entre o grupo brasileiro (MA67). Em seguida, o método de treino técnico-tático criado na Europa e aplicado na seleção brasileira é noticiado a partir da exposição incomodativa de Parreira (MA68). O texto revela que embora Parreira fosse adepto deste tipo de treinamento há anos, se mostrava incomodado com a europeização do futebol brasileiro, especialmente nas divisões de base, e conseqüentemente a perda das características de origem do futebol nacional.

A relação da equipe com a torcida também aparece na fase preparatória, notadamente a tentativa da seleção em manter a mesma relação com a torcida como na Copa das Confederações. O Globo evidencia uma seleção “sem arrogância” e “mais humana”, a partir da aproximação dos jogadores aos torcedores com gestos de carinho e solicitude (JN67): “Desde o início dos treinos em Teresópolis têm sido recorrentes cenas de jogadores tirando fotos, autografando camisas e acenando para os fãs. Ou seja, estão sendo o mais simpáticos e acessíveis possíveis ao torcedor” (O GLOBO, 09 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3). Deste

modo, MA78 avalia que o objetivo dessa aproximação com o público consistia em humanizar ao máximo a seleção brasileira, afastando qualquer imagem de arrogância às vésperas da Copa.

Cada vez mais próximo do início da competição, os textos publicados realçam o caráter otimista e esperançoso em relação à conquista do hexacampeonato. O tom otimista aparece nas páginas impressas como uma espécie de resultado às palavras da comissão técnica brasileira: primeiro, pelas declarações do técnico Felipão, depois, na chegada à Granja Comary, pelas asserções do coordenador técnico Parreira.

Logo após, em entrevista com o presidente da CBD José Maria Marin, em 09 de junho, surge mais uma ocorrência de otimismo exacerbado (JN73). Marin afirma ao O Globo que o segundo lugar “levaria todos, inclusive ele, para o inferno”, que os brasileiros não aceitariam outro resultado – “Ou é campeão, ou qualquer outra colocação é zero, não significa nada” – e que só uma fatalidade tiraria o título da seleção brasileira. Isto é, a possibilidade de derrota já aparece tratada como “estar no inferno” e como algo inaceitável, constando como única alternativa possível a vitória brasileira.

Tais declarações são criticadas pelos colunistas, em especial por Renato Maurício Prado (JN79), que as classifica como “considerações esdrúxulas” e como prepotências sem utilidade alguma: “Por que não te calas? Esse tipo de fanfarronice não traz bons fluídos e não ajuda em nada” (O GLOBO, 10 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). Assim, o colunista critica o posicionamento excessivamente otimista do presidente da CBF e o clima de “já ganhou”, antes mesmo da competição ter sido iniciada. Do mesmo modo, Fernando Calazans revela a necessidade de controlar o otimismo e o entusiasmo para que não se transformassem em pretensão e soberba, apresentando as falas como excessos proféticos do treinador brasileiro (JN1).

Em 01 de junho, O Globo noticia a realização do primeiro treino coletivo da seleção brasileira na Granja Comary e o fato da equipe exibir entrosamento ao repetir a base titular e o esquema tático campeão da Copa das Confederações em 2013 (JN2). O jornal define que aquela era a imagem de um time formado por velhos conhecidos. Já o segundo treino é noticiado a partir da insatisfação e irritabilidade de Felipão com os jogadores, revelando a possibilidade de rever decisões para os titulares a enfrentarem o amistoso com o Panamá (JN9). Os jornalistas evidenciam que mais do que vencer o amistoso, o jogo serviria como uma forma de teste para avaliar se a bronca de Felipão havia resultado em mudança na atitude dos jogadores (JN15).

A realização da partida amistosa entre Brasil e Panamá é descrita com realce ao protagonismo de Neymar, chamado de “jovem maestro” (JN21). A atuação de Neymar é qualificada como positiva e elogiosa, com ênfase à sujeição dos demais jogadores a ele: “[...]”

O atacante despertou um time que parecia apático, sem iniciativa e imaginação nos primeiros minutos. Acelerou, ditou o ritmo, participou de quase 100% dos lances de perigo que a seleção criou” (O GLOBO, 04 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3). Logo, reafirma que a seleção era composta por “Neymar e mais dez”, isto é, que a vitória do Brasil perpassava sobremaneira pelo bom desempenho do jogador (JN22).

A partir dos amistosos realizados, O Globo trata de dois aspectos controversos sobre Neymar (JN27): primeiro, a tranquilidade acerca da sua forma física e técnica, já que ele assumiu com segurança o posto de craque da seleção, apesar da idade e inexperiência em Copas do Mundo; segundo, a preocupação acerca do protagonismo e da dependência da seleção em relação ao jogador, uma vez que, conforme avaliado no amistoso contra o Panamá, os demais jogadores só entraram de fato na partida após o apito inicial dado por Neymar. Entretanto, apresenta esse segundo aspecto como uma “saudável dependência”, entendendo que isso não seria prejudicial, porque não significaria que os demais jogadores não eram eficientes dentro de campo.

O último amistoso da seleção antes da estreia na Copa do Mundo é o assunto tratado em 07 de junho (JN44). O destaque da vitória contra a Sérvia fica a cargo do atacante Fred, responsável pelo único gol da partida e alvo das provocações e vaias da torcida paulista. O atacante é apresentado como “o dono absoluto da 9” e o jornal propõe que seu desempenho dissipara as dúvidas sobre a titularidade (JN46). Na análise do amistoso, Fernando Calazans avalia que apesar da vitória, a performance não deixou a torcida mais tranquila e que haviam defeitos, alguns já diagnosticados por Felipão (JN42). Assim como Renato Maurício Prado, que afirma que a má atuação servia como alerta para as falhas do time e o excesso de dependência à Neymar (JN45).

Ainda pertencente a esta fase preparatória, e especialmente relacionado ao terceiro episódio – divulgação e análise da lista de convocados e suas trajetórias, O Globo desvela o comportamento de Neymar durante a primeira semana de concentração (JN3). A seleção brasileira é chamada de “seleção de Neymar” e a construção da matéria assinala a transformação do menino Neymar, destacando não só a evolução técnica, mas também a superação das lesões e o amadurecimento do jogador, aspectos validados por fontes institucionais, como o médico da seleção José Luís Runco e Carlos Alberto Parreira.

A nova doutrina de Felipão também está presente neste episódio. O treinador é descrito como generoso e preparado para chamar a responsabilidade para si e relaxar as tensões em um ambiente carregado pela obrigação da vitória. Com isso, ao discorrer algumas ações durante os

treinos e as entrevistas, indica que Felipão estava mais calmo, diplomático e paciente (JN39), principalmente se comparado à 2002.

Além de Neymar e Felipão, o atacante Fred aparece constantemente como personagem da narrativa construída pelo jornal, com ênfase ao seu preparo e moral para o início da Copa do Mundo (JN70). O Globo parece querer reconstruir a história de Fred e a representação sobre o jogador, a fim de que o público depositasse nele sua confiança: “Fred volta a reverter expectativas e a crescer em momento decisivo da seleção”.

Após a fase preparatória, se inicia o quinto episódio – a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo: as inconsistências, que reúne as publicações de junho de 2014. Passado o último amistoso e com a realização dos treinamentos finais, O Globo noticia a estreia do Brasil na competição, circunscrita em tensão e ansiedade, como representação de um incentivo para a moral da equipe na busca pelo título e comprovação de que a inexperiência dos jogadores em Copa do Mundo não afetaria essa busca (JN79).

No dia da estreia, em 12 de junho, realça-se o protagonismo de Neymar, momento em que O Globo coloca sobre ele a responsabilidade da conquista do hexacampeonato: “Neymar tem só 22 anos. Sobre seus ombros, a partir de hoje, o peso da responsabilidade de levar a seleção, em casa, ao sonho do hexa” (JN99). Apesar da responsabilidade, a publicação relata que isso não pesava sobre o jogador, uma vez que ele se mostrava leve, descontraído, distribuindo sorrisos e brincadeiras. Esse mesmo comportamento tranquilo é apresentado em relação ao técnico Felipão, estabelecendo uma comparação com o que havia sido visto na Copa de 2002 (JN102): “A 25 horas do primeiro jogo do Mundial, Felipão parecia um poço de tranquilidade. Nada a ver com o personagem irritadiço, tenso, de 12 anos atrás, quando a seleção brasileira estreou na Copa de 2002, contra a Turquia” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 12 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Com a estreia brasileira nos gramados e o início da Copa do Mundo, a narrativa jornalística versa sobre a projeção da imagem do país para o exterior, ressurgindo aqui a inter-relação do primeiro e o quinto episódio. O Globo rememora o fato de os interesses políticos influenciarem na decisão de sediar o megaevento, como opção política para promover a celebração do país no cenário internacional (JN112): “Sete anos atrás, quando se candidatou e levou a Copa, o Brasil de Lula vinha bem e já estava com lugar garantido no grupo dos principais emergentes. Por que não consagrar isso com uma Copa, especialmente no país pentacampeão, amante fiel do jogo?” (O GLOBO, 12 jun. 2014, matutino, opinião, p. 20). Ao constatar que os brasileiros estavam torcendo pela seleção, mas se mostraram contrários à realização da Copa do Mundo no Brasil, sugere que no aspecto futebolístico a celebração seria

provável, enquanto no aspecto extracampo o projeto de celebração política do governo Lula/Dilma estava perdido, apontando os problemas enfrentados pelo país em meio à organização do evento, como os casos de dengue e o risco de falta de energia elétrica.

Do mesmo modo, tratando do início da empreitada brasileira na Copa do Mundo, a publicação define que a competição mostraria ao mundo a nação que os brasileiros elegeram construir, em crítica aos atrasos nas obras e aos governantes eleitos para conduzir o país (JN106): “Batizada de Copa das Copas pela presidente Dilma Rousseff, o evento não conseguirá mostrar ao mundo o Brasil que o Brasil aspira ser. Revelará o tipo de nação que elegemos construir e o tipo de sociedade resultante dessa escolha” (O GLOBO, 12 jun. 2014, matutino, esportes, p. 10). Ou seja, trata-se aqui de uma crítica direcionada ao governo federal de Dilma Rousseff como responsável por mostrar ao mundo o que o país escolheu ser e não a pretensão do que o Brasil poderia vir a ser. Neste sentido, há o entendimento de que a imagem negativa do país já havia sido projetada para o mundo, mesmo antes do início da competição. Isso também é reforçado em M17, quando se reitera que a Copa preparada e organizada pelo Brasil já havia sido perdida por estar marcada por uma organização caótica, estádios atrasados e superfaturados, aeroportos não reformados a tempo. Restava, então, a Copa disputada dentro de campo.

A seleção brasileira estreou na Copa do Mundo de 2014 jogando com a Croácia em 12 de junho, no Itaqueroão em São Paulo, e venceu a partida por 3 a 1, com atuação elogiada de Neymar e Oscar, mas polêmica sobre pênalti inexistente em Fred. A vitória é representada como uma aprovação do Brasil no teste de confiança e maturidade, provando que os jogadores estavam preparados, eliminando qualquer dúvida, notadamente em relação à falta de experiência e à performance de Neymar em campo (JN138).

A abordagem de O Globo sinaliza para a vitória como um passo importante para a conquista do hexa, com perspectiva positiva acerca da pouca idade dos jogadores brasileiros (JN115): “Neymar e Oscar, ambos com 22 anos, encarnam a coragem e abrem caminho para esperança no hexa”. Os dois jogadores são apresentados como os heróis da partida e donos do jogo, apesar de só possuírem 22 anos e de não terem experiência na competição. O texto evidencia que em um momento em que o país gritava por conquistas sociais e esportivas, a coragem de uma geração que protestava por um país melhor era a mesma que havia movido a seleção nacional para a vitória – aproximando, assim, os jovens brasileiros insatisfeitos com a situação do país e os jovens que lideravam a seleção.

Elevado à dono do jogo, O Globo aborda, de maneira específica, a boa atuação do jogador Oscar na estreia da seleção (JN133). Entretanto, nota-se que o jogador não assume o

protagonismo já destinado à Neymar, por isso, Oscar aparece como o coadjuvante que auxilia o protagonista e camisa 10 da seleção. Ao mesmo tempo em que exalta a atuação de Oscar, elevando-o à craque, reafirma o protagonismo de Neymar, caracterizado Oscar como colaborador, auxiliar, ajudante de Neymar no objetivo de levar a seleção à vitória. À vista disso, argumenta que Oscar havia começado a ajudar o Brasil a ser mais do que Neymar.

Outros aspectos abordados a partir da estreia consistem na enxurrada de reclamações sobre o pênalti, críticas à arbitragem e insinuações de favorecimento ao Brasil por ser o país-sede (JN140), além das avaliações críticas acerca da atuação da seleção por não conseguir mostrar o futebol apresentado na Copa das Confederações (JN114, JN118, JN158). Já para o próximo confronto, informa-se a realização de um treino secreto em Fortaleza, em virtude da lesão de Hulk, o que indicaria que o técnico testaria opções ou ensaiaria jogadas (JN154).

Às 16h de 17 de junho, o Brasil empatou em 0 a 0 com o México em partida válida pela fase de grupos da Copa do Mundo, realizada em Fortaleza. O Globo expressa em tom negativo e frustrado que a equipe não havia convencido acerca do equilíbrio e eficiência vistos durante a Copa das Confederações – elo de comparação retomado a todo momento por jornalistas e colunistas de O Globo.

Na avaliação de Renato Maurício Prado havia sido “mais um jogo ruim da seleção” e que embora o futebol mágico e vitorioso da Copa das Confederações ainda não tivesse estreado na Copa do Mundo, o empate com o México não chegava a ser um mau resultado, já que a seleção precisava apenas de um empate no próximo jogo para garantir a classificação (JN165). Demonstrando criticidade em relação às duas atuações do Brasil, o colunista afirma que o desempenho medíocre diante dos mexicanos serviu como baldes de água fria no raciocínio ufanista que, baseado na conquista da Copa das Confederações, considerava o hexa no Brasil uma certeza – Prado acrescenta que esse raciocínio havia sido inflamado pelos discursos iniciais de Felipão e Parreira (JN174).

Um dos pontos de crítica é o comando do ataque, com a avaliação de uma atuação apagada de Fred. O fato de não ter marcado gol nos dois primeiros jogos é exposto pelo jornal, com destaque de que, embora o centroavante possuísse a confiança de Felipão, corria risco de perder a titularidade caso não marcasse contra Camarões (JN182). Prado expõe que a equipe praticava um “futebolzinho insosso” e que Felipão deveria mexer no esquema tático ou na escalação (JN174): “Do jeito que está, não há razão alguma para otimismo” (O GLOBO, 19 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Apesar das atuações medianas e amplamente criticadas, o discurso adotado pelo técnico e pelos jogadores se ancora em evolução e progresso. O Globo trata da dualidade na

avaliação da partida contra o México: enquanto o público e a crítica questionavam a irregularidade de uma equipe que se destacava pelo equilíbrio, os jogadores viam a atuação melhor que a da estreia (JN168). De acordo com a publicação, a imagem da seleção enquanto um conjunto equilibrado e avassalador visto na Copa das Confederações começava a se desfazer junto com a sintonia entre o jogo visto pelos torcedores nas arquibancadas e o jogo visto pelos jogadores dentro de campo.

JN166 trata o 0 a 0 como tropeço, descreve um Felipão mais irritado e demonstra surpresa ao analisar as declarações do técnico de que via progresso no time e cobrava discussões da imprensa sobre a arbitragem, algo que o treinador havia reprovado após o erro do árbitro na marcação do pênalti para o Brasil na estreia da Copa do Mundo. De tal modo, a reportagem mostra-se crítica ao comportamento do técnico e às suas declarações – primeiro, em relação à uma melhora no desempenho da seleção brasileira, que, segundo o jornal, continuava abaixo do esperado, especialmente em comparação ao futebol apresentado na Copa das Confederações; segundo, em relação à cobrança de que os jornalistas deveriam falar sobre a arbitragem. Fernando Calazans avalia a postura do técnico durante a entrevista coletiva, mostrando-se descontente com a impaciência do treinador e as culpabilizações implicitamente direcionadas à imprensa (JN172).

As atuações consideradas insuficientes acarretam em críticas direcionadas à seleção brasileira, algumas já evidenciadas pelo O Globo antes mesmo do início da competição – dependência do time em relação a Neymar, carga leve de treinos, dificuldade de repetir o desempenho da Copa das Confederações (JN189). Particularmente a situação dos treinos provoca uma mudança na atividade de preparação para a partida com Camarões. De acordo com a publicação, o treinamento parecia uma resposta às críticas de que a seleção estava treinando pouco, pois, divididos em dois grupos – zagueiros de um lado e os demais do outro – os jogadores treinaram forte, ficando evidente a preocupação de Felipão com a parte ofensiva da equipe (JN187).

Anterior à última partida da fase de grupos da seleção nacional, as publicações apresentam a decisão como o momento ideal para fazer renascer a seleção brasileira da Copa das Confederações de 2013 (JN201). Segundo o jornal, mais do que a classificação brasileira contra um adversário frágil e eliminado, o jogo representaria e significaria muito mais para a equipe da casa, já que uma atuação ruim poderia ampliar a pressão por mudanças. Não se esperava apenas a classificação brasileira, mas uma atuação consistente e convincente (JN207).

Em Brasília, no dia 23 de junho, a seleção brasileira vence Camarões por 4 a 1 e se classifica para as oitavas de final da Copa do Mundo. Mais uma vez, o personagem principal

da partida é Neymar, informando que o jogador marcou dois gols e liderou a equipe, chamada de seleção “movida a Neymar”.

O Globo enfatiza a atuação de Neymar, não só por ter se tornado artilheiro da Copa com os dois gols marcados na partida, mas porque permitiu que o time crescesse e se desenvolvesse dentro de campo: “Craque exibiu seu repertório nos primeiros 45 minutos, quando o jogo estava difícil, e abriu caminho para time crescer e mostrar alternativas para o futuro” (JN210). No entanto, também questiona a dependência da equipe em relação a ele e o que aconteceria caso Neymar não jogasse, por cartão ou lesão, já que apresenta a afirmação de que, em alguns momentos, Neymar era o Brasil e não apenas um jogador que compunha a equipe brasileira:

Driblou, passou, comandou, inventou, decidiu. É artilheiro da Copa, o sexto que mais gols fez na história da seleção. Tem só 22 anos. Onde vai parar? Boa pergunta. O problema é que cabe perguntar, também, onde vai parar a seleção se alguém parar Neymar. Ou se ele receber cartão, sentir uma lesão. Ontem, nos 4 a 1 contra Camarões, houve momentos em que Neymar não era um jogador do Brasil. Era o Brasil. (O GLOBO, 24 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Similarmente, Renato Maurício Prado relata que “sempre ele (e só ele)” fazia a diferença e que as costas de Neymar estariam doendo, já que ele carregava sozinho a seleção à vitória e à classificação (JN211). Enquanto protagonista da narrativa da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, Neymar tem sido acompanhado dentro e fora de campo. Por isso, são produzidas matérias, colunas e entrevistas centralizadas nas ações, atitudes, atuações e percepções do jogador. Em 25 de junho, fala-se sobre a leveza e a naturalidade de Neymar diante da pressão do Mundial (JN221). Baseado no que havia visto de Neymar em campo, o jornalista afirma que o jogador estava tirando de letra toda a responsabilidade colocada em suas costas e não se abalava, não dava sinais de nervosismo e, muito menos, de irritação. Ao noticiar a conquista da artilharia da Copa do Mundo, O Globo o qualifica como “craque” e “estrela” e aborda sua inserção na lista dos maiores artilheiros da seleção brasileira. Além disso, elogia a tranquilidade do jogador e sua liderança na equipe: “Neymar mostrou-se capaz de apontar caminhos quando a visão dos companheiros parecia turva pelo nervosismo” (JN216).

Assim como outros conteúdos acerca da leveza de Neymar (JN135, JN216, JN221), Calazans avalia que o comportamento do jogador tranquilizava a seleção brasileira por apresentar naturalidade em relação a sua responsabilidade a frente da equipe, o que era observado no dia a dia da seleção, nos treinamentos e entrevistas (JN231): “Uma das circunstâncias que tranquilizam um pouco mais a seleção brasileira – a mim, a nós, também –

é saber da naturalidade, da leveza e do prazer com que Neymar encara a disputa da Copa do Mundo e enfrenta a responsabilidade que recai sobre ele” (O GLOBO, 26 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2).

Para além da atuação decisiva de Neymar, as publicações criticam o desempenho do restante do time. O Globo descreve a performance do Brasil durante os primeiros 45 minutos como algo constrangedor, dada a dificuldade diante de um adversário inferior e já eliminado (JN210). Fernando Calazans avalia que embora estivesse em crescimento, a equipe ainda não havia mostrado “o futebol que se espera da seleção brasileira numa Copa do Mundo em seu país” e que se não fosse por Neymar o primeiro tempo teria sido doloroso, já que o meio de campo se mostrou ineficiente (JN209). Em relação ao meio de campo, constam elogios à atuação de Fernandinho, que substituiu Paulinho, avaliando que o time melhorou substancialmente com a troca (JN211): “A entrada de Fernandinho possibilitou também a criação de jogadas pelo meio, algo raro na seleção brasileira nesta Copa. [...] Resumo da ópera: Paulinho já era”.

Com o resultado contra Camarões, o Brasil termina a fase inicial como primeiro colocado do grupo, classificado para as oitavas de final, quando enfrentaria o Chile. Nesta primeira fase o Brasil é apresentado pelo O Globo como uma equipe inconsistente, estabelecendo como elemento de comparação o futebol apresentado na Copa das Confederações. Há constantes referências sobre desempenhos insatisfatórios, que não convenciam e não animavam, além de análises apreensivas sobre a falta de treinamentos pesados, a dependência à Neymar, as dificuldades do meio de campo, a ausência de gols do centroavante Fred e as análises otimistas da comissão técnica, apesar das avaliações contrárias da torcida e da imprensa. Ou seja, aparecem críticas ao fato do técnico e dos jogadores visualizarem positivamente, como evolução, o desempenho na primeira fase da competição (o que não era visualizado pelos torcedores e pela imprensa): O Globo destaca que apesar de apontar os discursos elogiosos, o treinador assumia um comportamento que evidenciava a preocupação com o rendimento da equipe (JN188, JN244, JN252).

Com o alto número de equipes latino-americanas classificadas para as oitavas de final, os textos transfiguram a Copa do Mundo em uma espécie de Copa América, comunicando que os duelos entre as seleções sul-americanas certificavam que um representante do continente estaria garantido nas semifinais (JN227). Tratando do próximo confronto, dá-se ênfase aos diferentes estilos de jogo aplicados pelo Brasil e pelo Chile. Calazans argumenta que a seleção chilena apresentava certa semelhança, sobretudo de ordem tática, com as equipes que mais se destacavam na Europa e que tais características jamais seduziram os técnicos brasileiros, menos

ainda Felipão, que optava por manter seu estilo conservador (JN240): “um técnico fiel a seu estilo mais conservador, que já conquistou uma Copa do Mundo, em 2002, e desde então mantém seus princípios, até a utilização de um centroavante fixo, ao menos até aqui” (O GLOBO, 27 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). Isso volta a ser discutido em JN248, quando se caracteriza o futebol jogado pela seleção chilena como um novo e atualizado estilo de jogo, diferente do futebol mais conservador do Brasil e de Felipão.

Em relação à preparação para o jogo com o Chile, O Globo narra os treinamentos enfatizando o preparo na substituição de Paulinho por Fernandinho, feito de modo suave, a fim de preservar os laços da família Scolari (JN233). A possível substituição é vista positivamente, uma vez que o título da matéria consiste em “Preces ouvidas” (JN242). Ao analisar os treinos, Renato Maurício Prado aborda as muitas dúvidas que rodeavam Felipão acerca da escalação do time que enfrentaria a equipe chilena. Segundo o colunista, tais substituições comprovavam a insatisfação do treinador, em virtude da queda de rendimento dos jogadores e da perda do futebol competitivo da Copa das Confederações, embora Felipão ainda sustentasse um discurso elogioso à equipe (JN244):

As mexidas comprovam que, apesar das palavras elogiosas e da ‘evolução’ que garante ver a cada rodada, o treinador não está satisfeito com o futebol da seleção. Extremamente dependente de Neymar, o Brasil perdeu o futebol competitivo e eficiente da Copa das Confederações. E isso tem pouco a ver com as dificuldades maiores de um Mundial e muito com a queda de rendimento de jogadores que foram importantes naquela conquista, como Paulinho, Daniel Alves e Hulk (exatamente os que ele pensa em substituir). (O GLOBO, 27 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

A manutenção de um discurso otimista volta a ser pauta, em virtude da entrevista coletiva concedida pelo técnico no dia anterior à partida das oitavas de final. A avaliação de Felipão sobre a seleção brasileira é o assunto da matéria publicada em 28 de junho, notadamente a sua análise de que o Brasil havia alcançado 80% do desempenho da Copa das Confederações (JN252): “A seleção, segundo Felipão, chega às oitavas de final com um processo de evolução quase concluído” (O GLOBO, 28 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). Essa declaração reverbera entre os colunistas que criticam a percepção de evolução exposta por Felipão. Calazans analisa o cálculo do treinador como “bem otimista” (JN248), enquanto Prado comenta que o treinador estava exagerando para valorizar sua equipe e que o Brasil não havia chegado nem perto do futebol apresentado em 2013 (JN251). Conforme a coluna, havia uma discordância entre o discurso e as ações de Felipão, já que se o treinador estivesse tão satisfeito não estaria flertando com três alterações no time principal.

Finalizando o quinto episódio da narrativa, principia-se os episódios seis e sete – 6) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: esperança efêmera e 7) Brasil no divã: o descontrole emocional – que ocorrem ao mesmo tempo. Tais episódios se iniciam em 28 de junho, quando a seleção brasileira entra em campo com o Chile em partida válida pelas oitavas de final da Copa do Mundo. Durante o tempo normal, as seleções empataram em 1 a 1 e nas penalidades o Brasil venceu por 3 a 2, classificando-se para as quartas de final. Três aspectos se sobressaem diante da vitória brasileira: Júlio César como o herói da partida (“Júlio César salva o Brasil”), a má atuação da equipe e o desequilíbrio emocional dos jogadores. Os dois primeiros aspectos se referem ao episódio seis e o último aspecto se relaciona ao episódio sete, no entanto, eles se inter-relacionam.

Narrando a vitória brasileira na partida com o Chile, O Globo evidencia a estrela de Felipão por ter apostado em Júlio César em meio à desconfiança geral e o goleiro ter conduzido a equipe à classificação ao defender dois pênaltis (JN260). Júlio César é o eleito à protagonista e herói do episódio da classificação para as quartas de final, enfatizando sua contribuição à classificação como a redenção após o drama na eliminação na Copa do Mundo da África do Sul de 2010. Rememorando a fase de incertezas vivenciada pelo goleiro – a falha de 2010 aliada ao declínio técnico e inatividade em seu clube –, O Globo conta que Júlio chorou antes do início da decisão por pênaltis e após a classificação (JN262). Cumpre destacar que os questionamentos ao desempenho de Júlio César e a rememoração da falha estiveram presentes nas páginas de O Globo antes e depois de Felipão definir a convocação do goleiro (J14, F2, F7, F19).

Na avaliação da partida, Fernando Calazans comenta que houve sofrimento do início ao fim da partida, porque o desempenho brasileiro esteve muito abaixo do esperado e a seleção não conseguira demonstrar as poucas qualidades apresentadas na fase de grupos (JN258). A análise de Calazans evidencia a ausência de meio-campo como principal motivo para a atuação insatisfatória da seleção: “Não é possível jogar bem – aliás, não é possível jogar – sem meio de campo. E é assim que a seleção brasileira está fazendo desde o início” (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2). A ineficácia do meio-campo já era destacada pelas publicações de O Globo desde a primeira fase da competição, assim como as atuações ruins de Oscar (JN174, JN220). Calazans sustenta que seria preciso reorganizar o time, começando pelo meio de campo, e criar uma alternativa para o ataque que não poderia mais depender de Fred ou Jô.

Já Renato Maurício Prado classifica a atuação como “mediocre”, ressaltando uma percepção recorrente no conteúdo publicado sobre a partida, a saber: o domínio do Chile no segundo tempo e o Brasil sem padrão, sem jogadas e completamente dependente de Neymar (JN261). O colunista também questiona as escolhas do técnico Felipão, as críticas ficam mais

rígidas quando afirma que o esquema da Copa das Confederações já era, dando um alerta ao técnico: “Acorda, Felipão!”.

Seguindo o mesmo tom de crítica, Paulo Cezar Caju classifica a equipe como angustiante e ingênua, salientando a falta de um meio-campo, a ineficácia do ataque e a insistência de Felipão (JN268):

Esse time é angustiante!!!! Esse time é de garotos! Esse time é para encher o bolso dos cardiologistas de dinheiro. Esse time é ingênuo. Não quero remar contra a maré, mas o time não teve uma jogada criativa ou ensaiada. Esse time passa medo, nos deixa inquietos, não transmite emoção. Na verdade, passa emoção negativa. Nosso técnico é teimoso, demora a mexer. (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 10).

Assim, as críticas estão direcionadas aos mesmos personagens, com ênfase na desconfiança e preocupação com as atuações deficitárias da equipe brasileira, notadamente em relação ao meio-campo e a dependência à Neymar. Outro assunto que permeou as páginas impressas de O Globo, do início da Copa do Mundo até o dia 29 de junho, foi a possibilidade de um reencontro entre Brasil e Uruguai, assim como em 1950. Isso era tratado como um fantasma, como se a derrota inesperada voltasse à tona após 64 anos. O fim desta narrativa acontece em 29 de junho, diante da eliminação do Uruguai pela Colômbia, impossibilitando um reencontro entre as duas seleções. Há uma espécie de comemoração e alívio no comunicado da eliminação uruguaia e, conseqüentemente, do confronto entre Brasil e Colômbia (JN269): “Adeus, fantasma: Eliminação uruguaia nas oitavas de final dá fim a medo que assombrou torcedores brasileiros e motivou uruguaios nos últimos 64 anos”. Deste modo, como evidenciado desde o primeiro episódio, é recorrente a rememoração à 1950 ao tratar de possíveis situações de confronto com o Uruguai ou de situações traumáticas, como uma derrota prematura.

Antes e depois da partida com o Chile nas oitavas de final ocorre um movimento de mudança no discurso do técnico Felipão, passa-se de um discurso triunfalista (de que não havia possibilidade de derrota – JL13) para um discurso de abrandamento da vitória na véspera da partida com o Chile, com o objetivo de diminuir a pressão emocional dos jogadores brasileiros. O Globo noticia que Thiago Silva expôs o nervosismo e a ansiedade para a disputa e quase chorou durante a entrevista coletiva (JN250). Essa mudança no discurso “otimista e motivador” de Felipão é amplamente abordada nas páginas de O Globo (JL12, JL3, JL20, JL19). Após constatar-se a fragilidade emocional dos jogadores (com os vários episódios de choro durante a partida com o Chile) e a comissão técnica solicitar acompanhamento de uma psicóloga, O

Globo estabelece um discurso de responsabilização de Felipão em relação aos problemas emocionais do time.

O Globo começa o sétimo episódio tratando das diversas manifestações de desequilíbrio emocional percebidas durante a partida entre Brasil e Chile: 1) o choro de Neymar durante a execução do Hino Nacional antes do início do jogo; 2) a introspecção e o desespero do capitão Thiago Silva no momento em que as equipes se preparavam para os pênaltis, quando ele procurou o técnico para se escalar como último a bater, num improvável desempate no 11º jogador, em seguida, virou as costas, fechando-se numa oração, sentado na bola ao lado do campo; 3) o choro do goleiro Júlio César antes da disputa de pênaltis; 4) as lágrimas de Willian após perder o pênalti e desabar no gramado; e 5) o clima de tensão da comissão técnica, já que no intervalo da partida, o técnico Felipão, o preparador físico Paulo Paixão e o assessor de imprensa Rodrigo Paiva se envolveram em uma briga com os auxiliares do técnico chileno Jorge Sampaoli. Todas essas situações são comentadas, discutidas e avaliadas pelas publicações de O Globo.

Renato Maurício Prado questiona o comportamento de Thiago Silva considerado destoante do que seria esperado pelo capitão de uma equipe, evidenciando seu incômodo com o choro e o despreparo emocional do capitão da seleção (JN274):

O que se espera de um capitão? Comando, liderança e exemplo, certo? E o mesmo pode se aplicar ao craque do time (por isso, muitas vezes, as funções se acumulam). Em suma: na hora em que o bicho pega é fundamental que o líder acalme e motive, aponte caminhos e mostre como todos devem se portar. Por isso e para isso, ele foi escolhido pra usar a braçadeira. E é por aí que a coisa começa a me preocupar. Se na hora da decisão por pênaltis, o nosso capitão Thiago Silva prefere se isolar pra chorar (e, segundo ele, rezar), sentado em cima de uma bola, longe dos demais, o que está passando pro resto da tropa? Confiança, definitivamente, não é. (O GLOBO, 30 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

O colunista argumenta que a obrigação de vencer a Copa e de exorcizar a derrota de 1950 agravava a situação e a adrenalina dos jogadores, o que explicava o choro na partida das oitavas de final: “Jogar esta Copa com a OBRIGAÇÃO de ganhar agrava muito a situação e anaboliza de forma cavalari a descarga de adrenalina no sangue de nossos jogadores” (O GLOBO, 30 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4). Dito isso, critica o discurso ufanista de Felipão e Parreira de que o Brasil tinha que ganhar ou iria ganhar a Copa. Do mesmo modo, O Globo explica as emoções exacerbadas a partir da obsessão pela conquista da Copa em casa que contaminou os jogadores (JN275).

Dado o estado emocional da equipe, O Globo informa que os apelos emocionais da comissão técnica ficariam em segundo plano e a seleção passaria a contar com a presença de

uma psicóloga para acompanhamento dos jogadores (JL2), supondo que a pressão excessiva influenciava nos problemas táticos: “a ansiedade para resolver as partidas estaria fazendo a seleção correr demais e pensar de menos durante as partidas” (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3). A chegada da psicóloga Regina Brandão na Granja Comary é noticiada em 02 de julho, sendo que a presença da psicóloga ganha centralidade em detrimento da disputa com a seleção colombiana (JL12).

A imputação de culpa à comissão técnica é retomada em JL3, quando apresenta que Felipão deveria ter feito um “mea culpa” por ter colocado pressão demais com seu discurso acerca da obrigatoriedade e da certeza de que o Brasil venceria a Copa. Assim como em JL13, que culpabiliza Felipão, Parreira e José Maria Marin: “Um título não escapa de José Maria Marin, Luiz Felipe Scolari e Carlos Alberto Parreira: ao adotar o discurso triunfalista de ‘Brasil superfavorito’, ‘ninguém segura’ etc., o trio construiu uma estratégia de chorar” (O GLOBO, 02 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3).

O Globo apresenta duas análises acerca dos momentos de descontrole emocional dos jogadores brasileiros: 1) especialistas em Psicologia do Esporte avaliam as reações emocionais dos jogadores, demonstrando que distintos motivos influenciaram na emoção exacerbada (inexperiência dos jogadores em Copas do Mundo, competição disputada no Brasil, obrigatoriedade do título) e que o choro não representava fraqueza ou descontrole emocional (JL4); 2) psicólogos e neurolinguístas analisam os principais momentos da instabilidade emocional de Thiago Silva na partida entre Brasil e Chile – do fim da prorrogação até o fim das penalidades e a comemoração da equipe brasileira. Ao analisar as reações do jogador, O Globo o apresenta como um “capitão humano” que sofreu naquela ocasião, mas saiu dela fortalecido (JL6).

Ainda, o artigo escrito por Pedro Motta Gueiros defende que covardia era não se emocionar, argumentando que a exigência de frieza e controle absolutos lhe parecia covardia bem maior do que as reações de Thiago Silva (JL7). A coluna reafirma a naturalidade dos sentimentos de medo em situações decisivas e defende a reação de Thiago Silva como “coisa de homem” e não como sinal de fraqueza ou de covardia:

[...] O capitão não deve fraquejar, como, aliás, não fez ao longo do jogo em que teve atuação impecável, mas pode, sim, balançar diante do ritual sumário de condenação que uma disputa de pênaltis e mais uma derrota do Brasil em casa anunciam. Chorar numa hora dessas é coisa de homem. Covardia é não se emocionar. (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 5).

Portanto, a partir da análise e reflexão sobre os comportamentos dos jogadores, há uma tentativa de amenizar as críticas direcionadas à instabilidade emocional dos jogadores brasileiros, especialmente do capitão Thiago Silva. Deste modo, O Globo busca assegurar a ideia de que o choro não representava fraqueza ou debilidade.

Além de abordar a fragilidade emocional dos jogadores, por vezes, fala-se sobre a insegurança da comissão técnica, especialmente de Felipão (JL20, JL19, JL12), citando um episódio em que o técnico se reuniu com jornalistas para pedir apoio e conselhos em relação à equipe (JL12, JL9). Ao analisar a situação, Renato Maurício Prado critica a atitude do treinador, chamando-a de teoria conspiratória e avisando que seria mais inteligente e produtivo reconhecer que o time não vinha jogando bem e que o esquema usado na Copa das Confederações era ineficiente (JL3). À vista disso, O Globo descreve Felipão e Parreira como “perdidos, atônitos com a crise emocional que (involuntariamente) provocaram com aquela besteira de ‘obrigação e certeza de ganhar a Copa’, e com o fracasso do esquema da Copa das Confederações”. Quando questionado acerca da reunião com os jornalistas, Felipão respondeu rispidamente: “Eu vou fazer (o que quero). Gostou, gostou; não gostou, vai para o inferno” (JL34).

Com a proximidade da partida entre Brasil e Colômbia, O Globo apresenta as experiências e substituições de Felipão em relação à equipe titular e sustenta que a tendência era que não houvessem grandes mudanças, pois Paulinho havia sido titular durante todo o coletivo e deveria entrar no lugar de Luiz Gustavo, suspenso. A partida é entendida como uma prova de que os jogadores haviam se recuperado emocionalmente e de que o modelo tático de Felipão ainda era eficaz e atual em meio às novas tendências do futebol mundial (JL35).

Neste momento as críticas direcionadas ao treinador se tornam mais incisivas e recorrentes: Artur Xexéo afirma que o técnico mantinha a mesma tática de jogo desde a primeira partida, parecia ser o único que não ver os problemas no meio-campo da seleção, demonstrava não ter mais paciência para comandar treinos e menosprezou o acompanhamento psicológico dos atletas (JL19); Renato Maurício Prado critica o “estado de nervos” do técnico, a sua recusa em admitir os equívocos cometidos no planejamento da equipe e o esquema tático utilizado desde o início da competição (JL36).

No dia 04 de julho, em Fortaleza, o Brasil vence por 2 a 1 a seleção da Colômbia, classificando-se para a semifinal da Copa do Mundo. A vitória, no entanto, é apresentada com gosto de derrota, pois Neymar sofreu uma fratura na terceira vértebra lombar, se ausentando do restante da competição, sendo representada como “uma pancada no Brasil” – correspondente ao oitavo episódio: a queda do herói: lesão de Neymar. A vitória da seleção e a classificação para a semifinal são apresentadas com ênfase à atuação da dupla de zagueiros Thiago Silva e

David Luiz que, segundo O Globo, decidiram o jogo por terem marcado os gols brasileiros da partida (JL48). A fim de tranquilizar a torcida acerca da ausência de Neymar, o jornal expõe que a partida com a Colômbia demonstrava que “um zagueiro pode valer tanto quanto um craque” (O GLOBO, 05 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6). Especificamente David Luiz é representado como o grande herói da classificação brasileira, inclusive porque, ao fim do jogo, um som ecoava no estádio: 60 mil pessoas gritavam o nome de David Luiz (JL49).

Acerca de Neymar, diversas publicações são destinadas a acompanhar a “queda do herói” (JL42, JL43, JL44, JL45, JL46, JL47, JL50, JL56, JL59, JL60, JL61, JL62, JL63, JL65, JL67, JL68, JL69, JL70, JL71, JL72, JL74, JL76, JL77, JL79, JL81, JL88, JL94, JL96, JL97, JL103, JL110) e em muitos momentos a lesão do jogador chega a receber mais relevância que a classificação do Brasil para a semifinal. A lesão do jogador representa o ponto de virada da narrativa, se caracteriza como um novo acontecimento que muda os rumos da narrativa (SILVA, 2015), possui grande acentuação dramática e promove uma reviravolta na estória.

O Globo narra cronologicamente os fatos que ocorreram antes e após a lesão, apresentando informações médicas voltadas a entender a lesão, o local afetado e as formas de tratamento (JL44). Também são apresentadas informações detalhadas sobre o acompanhamento médico do jogador e seu deslocamento para a Granja Comary e depois para o Guarujá. O jornal trata a ausência do jogador como “pesadelo”, apresenta que o time teria que “sobreviver à perda” e que a vértebra quebrada “pesava sobre cada um de nós” (JL43, JL56). Por isso, O Globo dedica uma matéria a avaliar os possíveis substitutos do camisa 10, assim como outras possíveis alterações na equipe brasileira. O Globo relembra que desde o primeiro amistoso discutia-se a dependência da seleção em relação a Neymar e que isso seria enfim medido dentro de campo (JL52).

Apesar da ausência de Neymar, O Globo apresenta o jogador como onipresente, como alguém que estaria em campo ajudando os companheiros, mesmo sem estar. Renato Maurício Prado sugere que o moicano do jogador guiaria o Brasil até a final, estaria em cada passe de Oscar, em cada chute de Fred ou Hulk, em cada cobrança de falta de David Luiz, em cada desarme de Fernandinho e Paulinho, em cada defesa de Júlio César. Prado expõe que Neymar estaria presente, em espírito, no gramado e seria nele que se inspirariam para buscar soluções criativas e geniais, como as que Neymar habitualmente encontra. Para ele, todos seriam Neymar naquele momento:

Todos seremos Neymar, de agora em diante. Do campo às arquibancadas. Das telinhas das casas e apartamentos aos telões dos restaurantes e das Fun Fest. Da ponta das chuteiras dos jogadores ao âmago do nosso coração. Desde o diagnóstico da fratura

na coluna de Neymar, todos passamos a ter um número 10 às costas e com ele desfilamos, imponentes, de topete moicano e cabelo descolorido na alma. E é assim que iremos à luta. (O GLOBO, 06 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Essa mesma perspectiva é apontada pelo O Globo quando evidencia que a ausência do craque seria usada como fator motivacional pelos jogadores: “Em nome de Neymar: Todos por um” (JL79). Ao informar sobre a recepção da notícia da lesão aos jogadores da seleção brasileira, o jornal descreve de forma dramática o choque sobre a ausência de Neymar e a proposição de que eles venceriam a Copa para o jogador.

Com a ausência de Neymar na semifinal com a Alemanha, as publicações instituem David Luiz como substituto à “querido da torcida”, processo que se inicia logo após a partida com a Colômbia, quando O Globo o classifica como “herói e zagueiro intransponível” (JL49), e continua quando informa que ele era o jogador mais atencioso com o torcedor (JL83) e assumiria a liderança da equipe (JL82, JL102). Com a ausência de Thiago Silva, suspenso, a braçadeira de capitão ficaria com David Luiz, descrito como “carismático, ídolo da torcida e um dos melhores zagueiros do mundo” (JL82).

Dentro de campo, a proposta de substituto sustentada pelo O Globo é Oscar, apontando como possível novo protagonista da seleção brasileira, evidenciando que o jogador poderia deixar de ser “um operário na marcação” para se tornar o articulador do meio-campo. Deste modo, o jornal sugere uma “troca de papéis”, com Oscar assumindo o papel de protagonista e deixando para trás a o papel de coadjuvante que assumiu quando Neymar estava em campo (JL86).

Em diversos conteúdos, o jornal busca prenunciar e analisar as substituições que seriam realizadas pelo técnico brasileiro ao enfrentar a Alemanha na semifinal. Com diversas possibilidades de formação, as publicações supõem que o técnico deveria optar entre o poder de ataque de Willian e a segurança de Paulinho. No que concerne à preparação para a disputa, O Globo exibe um infográfico nomeado de “Prancheta do professor Felipão”, demonstrando ilustrações do campo de futebol com as mudanças testadas por Felipão durante treino e explicações do esquema tático testado (JL106). No entanto, informa que Felipão tentaria confundir o técnico alemão Joachim Löw e só anunciaria a escalação horas antes da partida (JL95).

A preparação e os ajustes finais para a semifinal entre Brasil e Alemanha dão início ao nono e último episódio da estória: a derrota. Neste episódio ocorre o desfecho ou desenlace da narrativa, com a resolução do conflito. No dia da partida entre Brasil e Alemanha, são apresentadas as características do futebol jogado por ambas as seleções. JL107 expõe que duas

das maiores escolas de futebol mundial duelariam por um lugar na final da Copa do Mundo, numa aparente inversão de papéis históricos:

O mundo estranha este Brasil eficiente até aqui, mas distante de um jogo bonito, visto como ‘bruto’ pelo treinador alemão e recordista de faltas na competição. Já a Alemanha, cuja tradição é marcada pelo pragmatismo e pela busca de resultados a qualquer custo, chega pela quarta vez seguida entre os quatro melhores do torneio. Ao menos nas três últimas edições, fez sua transição para um estilo mais arejado, de bola no chão. (O GLOBO, 08 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6).

No processo de análise comparativa, O Globo apresenta que a Alemanha iria para a partida com o que tinha de melhor dentre os 23 relacionados, enquanto o Brasil havia perdido o seu melhor jogador; na seleção alemã nove dos prováveis titulares estiveram na Copa de 2010, enquanto na brasileira haviam jogadores inexperientes em Copas do Mundo; ainda, na Alemanha o técnico Joachim Löw estava há oito anos no cargo enquanto Felipão havia assumido há apenas um ano e meio.

Ademais, a Alemanha é apresentada como rival e referência no processo de renovação do futebol, uma vez que passara por uma ampla reformulação na formação do jogador, nos métodos de treinamento e no estilo de jogo. Em contrapartida, indica que a comoção pela lesão de Neymar não bastaria para poupar das cobranças o trabalho de Felipão e da CBF, argumentando que o futebol brasileiro estava em crise e a CBF não possuía nenhum projeto de reformulação (JL112).

Em 08 de julho, às 17h, o Brasil enfrenta a Alemanha nas semifinais da Copa do Mundo de 2014, no Estádio Mineirão em Belo Horizonte, e é derrotado por 7 a 1. A partir deste momento se inicia o nono e último episódio da narrativa – derrota por 7 a 1: a maior da história, que se estende de julho a dezembro de 2014. A partida da semifinal entre Brasil e Alemanha se configura como o clímax da narrativa, uma vez que se constitui como o momento culminante da história, o ponto de alta tensão e emoção, como uma etapa culminante do acontecimento.

Nomeada de “Mineiratzen”, em alusão à derrota de 1950, O Globo classifica a goleada sofrida como “vergonha, vexame, humilhação” e dimensiona o significado dos 7 a 1: a maior derrota da história, o pior vexame dos cem anos da seleção brasileira, a maior goleada sofrida por uma anfitriã em Copas e a pior derrota em uma semifinal e em qualquer fase desde o primeiro mundial, em 1930 (JL119). Outro aspecto proeminente é a relação estabelecida entre essa derrota e a de 1950, como se os 7 a 1 tivessem redimido os jogadores derrotados no primeiro Mundial realizado no país, pois a partir daquele momento o Brasil teria um trauma maior para superar. Isto é, O Globo constrói a percepção de que a derrota para a Alemanha

havia sido pior, mais dramática e humilhante, o que acarretaria no esquecimento da derrota sofrida para o Uruguai há 64 anos.

Todo conteúdo publicado sobre o episódio recorre a adjetivações negativas, especialmente relacionadas à vergonha e à humilhação, reportando-se a ele como “a pior derrota brasileira em todas as Copas” e “o maior vexame dos 100 anos de História da seleção”. Ao comparar as derrotas de 1950 e 2014 se constrói o sentido de que a derrota de 1950 se apresentava como pouco catastrófica ou vergonhosa quando posta lado a lado com a derrota sofrida em 2014 (JL114, JL116, JL119, JL125, JL132). Deste modo, a derrota de 1950 é ressignificada, indicando a superação daquele trauma, a partir do surgimento de uma nova derrota, mais traumática, vergonhosa e humilhante, simbolizada pelos sete gols alemães.

De modo específico, O Globo apresenta que as almas dos vice-campeões de 1950 enfim estavam libertadas e que a tragédia de 1950 se transformara definitivamente “numa derrota honrosa” (JL116). Também sugere que o vilão da Copa de 1950, Barbosa, poderia descansar, pois o futebol brasileiro possuía um vexame maior para velar (JL117) e que, naquele momento, o Maracanazo parecia pequeno, porque o Brasil conhecia “o sabor amargo do Mineirão” (JL132). Assim como Lemos que via a primeira com tristeza e a segunda com ofensa (JL160), Máximo narra 1950 como trauma e 2014 como humilhação, percepções explicadas a partir de elementos circunstanciais (JL161): em 1950, havia a crença de que a Copa tornaria o país melhor e a seleção chegara à final com atuações elogiáveis, o que permitiu a crença de que o Brasil era imbatível – por isso a derrota tornou-se traumática; já em 2014, havia a certeza de que o Brasil não era mais “a pátria de chuteiras” e a seleção chegara à semifinal com atuações ruins e medianas, o que fazia com que uma derrota fosse prevista como justa e lógica, mas inimaginada uma derrota tão vexatória – por isso a derrota tornou-se humilhante.

Um dia após a partida as publicações narram o ocorrido dentro de campo, mas já buscam explicações para a derrota. Em elementos concernentes ao trabalho da comissão técnica da seleção brasileira de 2014 são evidenciadas as deficiências relacionadas ao planejamento, a falta de treinamentos e as escolhas táticas de Felipão, especificamente por escalar Bernard no lugar de Neymar, mesmo sem ter treinado essa opção (JL117, JL126). Em editorial, o jornal defende que de nada adiantaria buscar culpados individuais, julgando necessário aclarar os problemas estruturais resultantes na derrota. Ou seja, admite a importância de reconhecer os erros, mas, mais do que isso, de chegar às raízes das falhas (JL165). Por isso, elenca os aspectos que considera problemáticos e causais dos 7 a 1: mau planejamento e preparação deficiente, falta de treinamento, problemas táticos, de escalação, desequilíbrio emocional e qualidade discutível dos jogadores.

Essas críticas são reforçadas a partir das entrevistas coletivas do técnico e dos jogadores brasileiros, concedidas no dia seguinte à partida (JL117, JL121). O técnico é descrito pelo O Globo como “anestesiado e fora do ar” e suas declarações como “palavras ao vento”, uma vez que na entrevista coletiva Felipão apresentou serenidade diante do ocorrido, não admitiu erro nas suas escolhas e não explicou de maneira contundente a falta de treinamento do time com Bernard na Granja Comary – segundo o treinador, os treinos não foram realizados com a finalidade de confundir o técnico alemão; O Globo comunica que a justificativa “deixou os presentes à coletiva de queixo caído”.

Em relação aos jogadores, aqueles que participaram da partida tiveram plasmadas imagens negativas. Em avaliação acerca da atuação em campo todos os jogadores receberam nota zero e os seguintes adjetivos (JL119): Júlio César, soterrado; Maicon, atropelado; Dante, perdido; David Luiz, atarantado; Marcelo, enrolado; Luiz Gustavo, derrubado; Fernandinho, desgovernado; Paulinho, superado; Oscar, fraco; Hulk, atabalhoado; Ramires, irrelevante; Bernard, equivocado; Fred, trágico; Willian, insípido; Felipão, vencido. No que se refere às explicações concedidas pelos jogadores, O Globo demonstra incredulidade e desprezo pelas declarações, criticando a falta de profundidade nas respostas ao falarem de fatalidade ou pane e não adentrarem à discussão acerca do atraso tático do futebol brasileiro. De acordo com o jornal, tais explicações preocupavam ainda mais que o placar imposto pela Alemanha, pois ao explicar a derrota a partir de elementos situacionais e não conjunturais entendia-se que o resultado negativo não seria aproveitado como forma de precipitar mudanças e reflexões (JL121).

Para além das explicações referentes ao trabalho da comissão técnica, O Globo busca entender o que originou a derrota por 7 a 1 a partir da imputação de responsabilidades às instituições que comandam o futebol brasileiro, como a CBF, pelo atraso tático e pela perda da identidade do futebol nacional (JL114, JL116). Para o jornal, a explicação do resultado residia nos gabinetes do futebol nacional, isto é, nos aspectos extracampo que possibilitaram o aniquilamento das raízes do futebol brasileiro.

Interessante notar que antes do início da Copa do Mundo, as publicações já sinalizavam para a mudança nas características singulares do futebol nacional e, conseqüentemente, para a perda dessa suposta identidade. Em MA68, O Globo informa que o coordenador técnico da seleção, Carlos Alberto Parreira, se mostrava incomodado com a europeização do futebol brasileiro e a mudança de estilo dos jogadores, que passavam a completar sua formação no exterior. Nesta mesma perspectiva, comunica que o jogador Fernandinho também criticara a mudança na atuação do jogador brasileiro, seguindo a

padronização dos clubes europeus (MA47). Tais declarações suscitam o debate entre os colunistas, especialmente mobilizadas por Fernando Calazans. Para o colunista, os jovens talentos estavam perdendo o estilo próprio do jogador brasileiro para o drible e para a ginga, por serem formados fora do país, e as divisões de base brasileiras não estavam sendo bem tratadas e preparadas (MA35, MA74).

Com o início da competição em 12 de junho, as análises acerca desse aspecto se tornam mais recorrentes. As matérias avaliam que a equipe traia suas raízes futebolísticas, já que estava melhor na marcação e pior na criação (JN201), que o futebol brasileiro já não se diferenciava dos demais e a CBF não possuía nenhum projeto de formação na base nem de investimentos no alto nível (JL112). Contudo, é somente nos dias seguintes a 09 de julho que O Globo mobiliza suas publicações para os problemas estruturais do futebol nacional, enumerando cada um deles, explicando-os e buscando soluções (JL142, JL145, JL149, JL154, JL156, JL157, JL163, JL164, JL165, JL168).

A partir de 10 de julho O Globo passa a aprofundar suas análises acerca da derrota brasileira, buscando explicações para o ocorrido e demonstrando as lições a serem aprendidas como forma de “ressuscitar o futebol brasileiro” (JL116). São enfatizadas as falhas cometidas pela comissão técnica, como a falta de treinamentos e a insistência no mesmo esquema tático, além do desequilíbrio emocional causado pelo discurso ufanista e triunfalista de Felipão, Parreira e José Maria Marin (JL136, JL142, JL156, JL157, JL165): “O mundo gritava que o Brasil não tinha meio de campo. Felipão manteve a mesma tática, manteve a mesma equipe, ignorou o problema do meio de campo e garantia que estava satisfeito com a seleção” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 11); “Nunca uma seleção brasileira treinou tão pouco para uma Copa e jamais teve opções táticas tão limitadas” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4). Novamente, as críticas são intensificadas por uma entrevista coletiva concedida pela comissão técnica em 09 de julho, diretamente da Granja Comary. As notícias informam que a comissão técnica apresentou estatísticas para justificar a escolha por Bernard e enaltecer o próprio trabalho – a ponto de parecer que se falava de uma equipe campeã, explicando a derrota a partir de uma “pane geral” (JL141). O balanço positivo feito pela equipe técnica causa revolta e constrangimento nos colunistas, que o avaliam como um novo desastre de pretensão, convencimento e soberba (JL136, JL142).

Apesar de citar a comissão técnica, notadamente Felipão e Parreira, como responsáveis diretos pelo acontecimento, O Globo direciona suas análises para a raiz das falhas que permitiram a derrota, isto é, para os problemas estruturais do futebol brasileiro. O Globo apresenta um diagnóstico dos erros cometidos pela seleção brasileira, elencando: as divisões de

base, o atraso dos técnicos, o preconceito contra treinadores estrangeiros, a geração perdida de jogadores, a ética do jogo, a repetição dos mesmos profissionais (como Felipão e Parreira), ideias e planos e o ambiente do futebol (JL143). Esses erros diagnosticados pelo O Globo são reafirmados em outras publicações, especialmente no que se refere ao atraso do futebol brasileiro, à necessidade de atualização de treinadores e dirigentes da CBF, à reformulação da formação dos jogadores, isto é, apresenta-se a necessidade de uma completa reconstrução do futebol brasileiro (JL142, JL145, JL149, JL154, JL156, JL157, JL163, JL164, JL165, JL168).

JL116 aponta que a derrota era consequência do “apodrecimento das estruturas” do futebol brasileiro, que começava pelas instituições comandantes do futebol nacional, indicando a inatividade e o atraso da CBF. JL143 enumera os problemas diagnosticados a partir da derrota brasileira: 1. As divisões de base, 2. O atraso dos técnicos, 3. Preconceito contra estrangeiros, 4. A geração perdida, 5. A ética do jogo, 6. Os mesmos de sempre e 7. O ambiente do futebol. JL154 responde as seguintes questões: 1. O futebol brasileiro está atrasado? 2. Temos uma crise de formação de craques? 3. A CBF precisa ser reestruturada? 4. Impuseram aos jogadores uma responsabilidade histórica grande demais? 5. O trauma da derrota de agora é pior do que o de 1950? 6. A seleção brasileira ainda é a pátria de chuteiras? 7. O torcedor reage de forma diferente ao futebol?. Também lista seis erros cometidos pela seleção brasileira desde a fase de preparação até a eliminação na partida com a Alemanha:

1 Convocação: a comissão técnica convocou jogadores em que, claramente, não confiava para iniciar jogos importantes, como Jô e Henrique. **2 Esquema tático:** faltaram testes de variações no esquema tático. Por exemplo, uma formação sem um centroavante. O time ficou sem alternativa para substituir Fred. **3 Time inexperiente:** uma responsabilidade grande demais foi colocada sobre um time inexperiente em Copas. Por exemplo, Felipão disse que o Brasil tinha ‘obrigação de vencer’. Parreira falou que a seleção estava ‘com a mão na taça’. **4 Descontrole emocional:** talvez pela responsabilidade, permitiu-se que o grupo ficasse excessivamente tenso e descontrolado emocionalmente, como aconteceu antes da disputa dos pênaltis contra o Chile. **5 Falta de treino:** excessivamente preocupado em fazer mistério quanto à escalação, Felipão não treinou o time que entrou em campo para jogar contra a Alemanha. **6 Deixar o adversário jogar:** ainda no jogo contra a Alemanha, Felipão errou na opção tática e não congestionou o meio-campo, oferecendo a posse de bola ao rival. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 9, grifo nosso).

Todos os diagnósticos publicados pelo O Globo guiam à necessidade de superação do vexame e à uma completa reestruturação do futebol brasileiro como única forma de fazê-lo renascer. No entanto, o jornal assegura o entendimento de que a superação do problema só começaria com o reconhecimento de que o futebol brasileiro passava por uma crise (JL165, JL136, JL142), o que denota uma crítica direcionada à comissão técnica que se negava a admitir os erros e problemas que circundavam a seleção e o futebol nacional de modo geral.

Assim, de modo específico, JL162 aponta que a derrota sinalizava para o atraso do futebol brasileiro, as falhas na formação tática dos jogadores e a necessidade de reestruturação. JL174 aborda que para entender onde nasciam os problemas do futebol brasileiro era necessário prestar atenção nas divisões de base – onde os técnicos incentivavam faltas e condenavam dribles, preferindo jovens parrudos aos habilidosos. JL149 fala sobre a necessidade de o futebol brasileiro reconhecer seus erros e recomeçar o processo de reconstrução, sustentando a necessidade de reformular a CBF e o processo de formação dos jogadores. JL116 também evidencia a necessidade de uma reformulação na formação dos jogadores que saíam prematuramente do Brasil para jogar em países europeus sem ter formado referências acerca dos princípios do futebol nacional, o que fazia com que o futebol nacional perdesse sua singularidade.

Nos dias seguintes à derrota, especificamente em 11 e 12 de julho, O Globo continua a destacar a necessidade de mudanças no futebol brasileiro, considerando a derrota para a Alemanha como uma evidência dessa necessidade, listando e analisando os mesmos problemas do futebol brasileiro, como o atraso de treinadores ou dirigentes e a falta de estrutura das categorias de base (JL174, JL181, JL182). Como consequência desta exposição constante acerca da necessidade de reestruturação do futebol, o jornal noticia as declarações do ministro do Esporte Aldo Rebelo e da presidente Dilma Rousseff sobre a inevitabilidade de mudanças estruturais no futebol (JL178), assim como a votação em plenário do projeto de lei do Proforte – Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (LFRE), que promoveria uma transformação estrutural nas práticas administrativas dos clubes brasileiros (JL180).

No que diz respeito aos jogadores, Neymar é o único poupado das críticas do jornal, não só porque não estava em campo na trágica derrota para a Alemanha, mas porque era um dos únicos a manter as “raízes do futebol brasileiro” e apresentar lucidez e humildade ao analisar os 7 a 1. Ao ser entrevistado durante visita na Granja Comary, O Globo a qualifica como a mais realista e lúcida entrevista após a derrota, por Neymar exibir maturidade e admitir que a seleção brasileira havia fracassado (JL173, JL184).

Como a disputa pelo terceiro lugar da Copa do Mundo ocorre em 12 de julho, as publicações deste dia relatam a preparação e o desânimo dos jogadores em disputá-la (JL186, JL176, JL175). Em Brasília, o Brasil perde a disputa de terceiro lugar para a Holanda pelo placar de 3 a 0 e encerra sua participação na competição. O Globo narra a derrota como “um novo vexame”, qualificando-a como “deprimente” e “vergonhosa”. Mais uma vez, adjetiva negativamente todos os jogadores que estavam em campo (JL196): Maicon, melancólico; Thiago Silva, impotente; David Luiz, caótico; Maxwell, sem condição; Fernandinho, sem rumo;

Paulinho, burocrático; Hernanes, irrelevante; Ramires, fraco; Hulk, tacanho; Willian, ciscador; Oscar, cai-cai.

As explicações fornecidas pelo técnico Felipão voltam a ser pauta diante da nova derrota. A partir dos elogios de Felipão à equipe e da falta de reconhecimento acerca dos erros cometidos, as matérias endossam as críticas à desconexão e percepção irreal do treinador (JL197). De acordo com Fernando Calazans, os elogios de Felipão faziam com que fosse impossível acreditar em uma recuperação do futebol brasileiro (JL194).

Com o término da Copa do Mundo em 13 de julho de 2014, O Globo publica uma avaliação final da participação da seleção brasileira, indicando os principais erros cometidos (JL214), apresentando a derrota como uma lição que demonstrava o atraso do futebol brasileiro (JL211). Diante da necessidade de reformulação, algumas mudanças são realizadas e anunciadas. Deste modo, são comunicadas as saídas de Felipão, Parreira e parte da comissão técnica (JL213), assim como a contratação de Gilmar Rinaldi como novo coordenador técnico da seleção, sendo o primeiro nome anunciado no processo de reformulação (JL218). Em seguida, o jornal publica o anúncio de Dunga como novo técnico da seleção (JL230, JL231, JL232, JL233, JL234, JL236). As escolhas da CBF são amplamente criticadas pelos colunistas que apontam para a impossibilidade da reformulação do futebol brasileiro diante de um comando “antiquado, retrógrado e incompetente” (JL222, JL224, JL227, JL228). Renato Maurício Prado chama as ações de “teatro do absurdo” e classifica as contratações como “acinte, desaforo, bofetada, chute no baixo ventre da torcida brasileira” (JL228).

Mesmo com o fim da competição, O Globo continua a diagnosticar os problemas enfrentados pelo futebol brasileiro, como o atraso dos técnicos, aliado à soberba e ignorância em reconhecer os erros (JL236, AG4, AG5, AG8), a falta de estrutura das categorias de base (JL237, AG2, AG4) e a péssima qualidade do futebol jogado no país (AG11, AG12). Ao apresentar tais diagnósticos, O Globo referencia a derrota para a Alemanha como o acontecimento-razão daquela exposição. Ou seja, O Globo continua a abordar os alicerces da “crise dos 7 a 1” (AG8), que são os problemas estruturais trazidos à tona em virtude da derrota para a Alemanha.

Passados cem dias da derrota, o jornal cita a “terapia do luto”, tratando da tentativa do futebol brasileiro em retomar a vida e ao espírito vitorioso de outrora (O3). De acordo com o jornal, restavam a sensação de perda e a dúvida sobre a reestruturação do futebol:

O que aconteceu no Mineirão foi só futebol. E, mesmo assim, bateu fundo na alma nacional. Cem dias após os 7 a 1, só restam a sensação de perda e o mistério sobre os destinos do espírito vitorioso de outrora. Por mais que a fé no renascimento traga

conforto, no plano do futebol, a vida eterna precisa ser celebrada na terra coberta de grama. Só assim, a seleção e o torcedor terão direito a se sentir nos céus outra vez. (O GLOBO, 16 out. 2014, matutino, esportes, p. 35).

Por fim, constata-se o recorrente uso de adjetivos negativos para se referir à derrota por 7 a 1: a acachapante derrota, a pior derrota, a maior derrota, a humilhante derrota. Além do uso do termo “Gol da Alemanha” em qualquer contexto que representasse uma derrota para a seleção ou para o país, como se outros gols da Alemanha ocorressem continuamente e incessantemente, aumentando ainda mais a humilhação brasileira. Em O Globo, a referência aos 7 a 1 ou a mais um gol da Alemanha é utilizado quando apresenta algum problema, erro ou falha que acomete o futebol brasileiro (S5, S6, JL228, O6, N7).

Deste modo, cumprindo com o 1º, o 2º e o 3º movimento da análise, identifica-se o acontecimento-intriga como o Brasil na Copa do Mundo de 2014, a segunda realizada no país, sendo o conflito da narrativa a trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 e a possibilidade de superação do trauma da derrota de 1950. Deste modo, a participação brasileira em 2014 enquanto uma oportunidade de exorcizar o fantasma de 1950 se constitui como um componente da estória que gera tensão e provoca ações e eventos, estruturando a narrativa. A partir do conflito são estabelecidos os episódios que determinam os enredos de microeventos mais ou menos completos.

Com esse acontecimento-intriga e conflito, são identificados nove episódios que compõem a narrativa construída pelo O Globo: 1) expectativa para a “Copa das Copas” e perspectiva de triunfalismo, 2) performances dos possíveis convocados, 3) divulgação e análise da lista de convocados e suas trajetórias, 4) preparação para a Copa do Mundo: treinamentos e amistosos, 5) a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo: as inconsistências, 6) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: esperança efêmera, 7) Brasil no divã: o descontrole emocional, 8) a queda do herói: lesão de Neymar, 9) derrota por 7 a 1: a maior da história. Conforme evidenciado anteriormente, cada um dos episódios dispõe de ações parcialmente autônomas, mas que operam como unidades intermediárias que, integradas, configuram a narrativa.

A narrativa construída pelo O Globo se desdobra a partir de acontecimentos vividos por personagens, em tempos e espaços determinados. A partir do enredo construído pelo O Globo, os episódios seguem a ordenação linear, com a sequência temporal em que aconteceram, sendo nomeada “enredo de ação” (GANCHO, 2002). O desenrolar destes episódios é conduzido pelas personagens, divididos em protagonistas, antagonistas e adjuvantes (GANCHO, 2002).

No caso da estória produzida pelo O Globo sobre a trajetória brasileira na Copa do Mundo de 2014, as personagens principais gravitam em torno da seleção brasileira, dado o

acontecimento-intriga da narrativa. Os jogadores da seleção brasileira são os protagonistas da estória construída pelo O Globo em 2014, acompanhados, descritos e analisados em cada episódio, a partir da exposição de seus comportamentos, ações, desempenhos e declarações, o que é confirmado pelo aparecimento dos jogadores como uma das fontes institucionais mais utilizadas pelo jornal. Os jogadores assumem o primeiro plano da narrativa, todos os microeventos e episódios se sucedem em torno deles e eles são acompanhados de perto pelo jornalista-narrador.

O principal protagonista desta narrativa é o jogador Neymar, que se apresenta como herói por possuir características superiores às de seu grupo, sendo suporte para a apresentação de características valorizadas positivamente no contexto do acontecimento-intriga. Desde janeiro de 2014 ele é apresentado como o craque da seleção, o único da equipe com “potencial para entrar no panteão do futebol brasileiro” (J12, F23). Enquanto a equipe é avaliada como mediana, em certo declínio técnico se comparada a equipes anteriores, Neymar é o único apresentado como exceção, como jogador que mantém o nível técnico e as características construídas como pertencentes à identidade do futebol nacional: “Temos Neymar e... Neymar” (MA89), “herdeiro legítimo da mais nobre linhagem do futebol brasileiro” (JL135); “Neymar, sempre ele (e só ele), faz a diferença” (JN211) – a ponto de a seleção ser chamada de “seleção de Neymar” (JN3) e de afirmar-se que a equipe era composta por “Neymar e mais dez”.

O Globo confere a ele a responsabilidade de a seleção conseguir bons resultados na competição, expondo que a conquista do título dependeria dele – (MA19): “Se ele desequilibrar, a seleção disputará a Copa com boas chances de vitória. Se tiver atuações opacas, dificilmente iremos longe” (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 3); JN57: “Quando ele brilhou, o selecionado brasileiro se iluminou; quando foi bem marcado e teve atuação opaca, o time brasileiro se apagou” (O GLOBO, 08 jun. 2014, matutino, esportes, p. 6); JN85: “Pela esquerda, pela direita ou pelo meio, Neymar é o astro, a diferença, a esperança” (O GLOBO, 11 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2); JN99: “Craque de apenas 22 anos carrega, a partir de hoje, a responsabilidade de conduzir a seleção à vitória nos três jogos da primeira fase e nos quatro possíveis seguintes na busca pelo hexa”; “O sonho de ganhar a Copa do Mundo no Brasil começa a ser posto em jogo. Se virar realidade, a história dirá que o time de Neymar conquistou o hexacampeonato. Se a taça não vier, o time de Neymar terá perdido” (O GLOBO, 12 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

No decorrer da competição, O Globo dispense elogios à capacidade de tomar decisões sensatas sob pressão e de mostrar controle de um veterano (JN99), à serenidade e leveza com que encarava o protagonismo (JN80, JN99), destacando não só sua evolução técnica, mas

também a superação das lesões e o amadurecimento (JN3). Ao comparar as atitudes opostas de Neymar e Messi com os fãs, O Globo o classifica como herói por se dedicar aos fãs e mostrar-se solícito (JN160). Nas publicações relacionadas à seleção não há indicação de nenhum comportamento ou ação negativa direcionada ao jogador.

Dentro de campo, as atuações de Neymar são enaltecidas, com ênfase à condução da equipe por parte do jogador e à dependência dos demais a ele – (JN21): “O atacante despertou um time que parecia apático, sem iniciativa e imaginação nos primeiros minutos. Acelerou, ditou o ritmo, participou de quase 100% dos lances de perigo que a seleção criou” (O GLOBO, 04 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3); JN21: “O jogo mudava de cara, ganha forma quando, e somente quando, Neymar tocava na bola” (O GLOBO, 04 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3); JN143: “Nada se aproxima mais de uma obra de arte do que os dribles, os passos de balé, os movimentos corporais desse artista genial de 22 anos” (O GLOBO, 14 jun. 2014, matutino, opinião, p. 19); JN210: “Neymar produziu um recital de futebol em Brasília. Driblou, passou, comandou, inventou, decidiu. É artilheiro da Copa, o sexto que mais gols fez na história da seleção. [...] Ontem, nos 4 a 1 contra Camarões, houve momentos em que Neymar não era um jogador do Brasil. Era o Brasil” (O GLOBO, 24 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Com a lesão sofrida pelo jogador durante a partida com a Colômbia, em 04 de julho, O Globo destina uma série de publicações a apresentar o ponto de virada da narrativa, explicando cronologicamente e detalhadamente os passos de Neymar durante e após o jogo. Chega-se a questionar se a seleção seria capaz de prosseguir na competição sem o seu grande craque (JL51, JL55), informando que a ausência dele poderia “mudar o destino brasileiro na Copa” (JL43). O jornal expõe que a vértebra quebrada doía na alma e pesava sobre todos (JL56, JL61), indicando que Neymar lideraria a seleção à final mesmo sem entrar em campo e que, do gramado às arquibancadas, “todos seriam Neymar” (JL61): “Desde o diagnóstico da fratura na coluna de Neymar, todos passamos a ter um número 10 às costas e com ele desfilamos, imponentes, de topete moicano e cabelo descolorido na alma. E é assim que iremos à luta” (O GLOBO, 06 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Após a derrota para a Alemanha, O Globo designa que o vexame histórico obrigava os jogadores a reconstruir a imagem e a confiança com a torcida, apresentando Neymar como a única exceção neste cenário, uma vez que o jogador demonstrou ser a “reserva solitária de talento do time” e conseguiu preservar ainda mais a reputação de astro ao ter ficado de fora da partida com a Alemanha (JL148). Depois, ao conceder entrevista na Granja Comary e falar sobre os 7 a 1, Neymar reafirma sua posição de herói por mostrar-se muito mais realista e lúcido

que a comissão técnica ao admitir que a seleção havia fracassado e sido humilhada (JL173, JL184).

Os protagonistas esbarram em forças que se esforçam para impedi-los de atingir o objetivo final. Essas forças se manifestam na figura do antagonista, que atrapalha a concretização do propósito dos protagonistas e impulsiona o enredo para o desenlace. Na narrativa construída em 2014, o antagonista que se sobressai é a circunstância de atraso do futebol brasileiro, elemento personificado que conduz o enredo em direção à conclusão, isto é, à derrota da seleção brasileira.

Em relação ao antagonista estrutural destaca-se que a circunstância de atraso e descaracterização do futebol brasileiro é o personagem que dificulta que os protagonistas – os jogadores da seleção brasileira e o herói Neymar – cheguem ao seu objetivo final. No caso da narrativa de O Globo em 2014, esse antagonista é apresentado como elemento dificultador do alcance do objetivo desde o início do ano, antes mesmo do começo da competição. Desde maio, O Globo sinaliza a europeização do futebol brasileiro, a partir da perda das raízes e da identidade do futebol nacional (MA68, MA47, MA74), explicada pela saída prematura dos jogadores para o exterior, o que fazia com que a formação se completasse fora do país e se perdesse “o estilo próprio do jogador brasileiro para o drible e para a ginga” (MA74). O jornal constata que desde 2002 houve perda na qualidade técnica do futebol brasileiro, em virtude de as categorias de base e os treinadores formarem mais zagueiros e volantes do que homens de criação (MA35): “Sofremos sobretudo com a falta de armadores, de jogadores que pensam, que raciocinam, que têm visão do campo para escolher o melhor passe, a melhor jogada, a melhor opção” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 09 maio 2014, matutino, esportes, p. 33).

Este aspecto como antagonista da narrativa ganha mais destaque com o início da Copa do Mundo. O Globo evidencia que o Brasil traia suas raízes futebolísticas⁷⁶ (JN198, JN201), sublinhando Neymar como uma notória exceção, o que demarca a posição do antagonista e do protagonista, já que o primeiro apresenta características diretamente apostas ao segundo – ou seja, Neymar, o herói da narrativa, se contrapõe aos aspectos que caracterizam o atraso e a descaracterização do futebol brasileiro (o antagonista). Assim, o antagonista é descrito e desenvolvido a partir da ausência de uma política esportiva no país (JL112), do apodrecimento das estruturas do futebol devido à inatividade e atraso das instituições comandantes, notadamente a CBF (JL116), do atraso na formação tática dos jogadores e a falta de estrutura

⁷⁶ JN150: “[...] Vou repetir quantas vezes forem necessárias: esse não é o nosso futebol!!!! Estamos copiando outras escolas, perdendo a identidade e podemos fazer melhor do que todas elas, juntas, se acreditarmos em nosso potencial” (O Globo, 15 jun. 2014, matutino, esportes, p. 11).

nas categorias de base (JL162, JL174, JL149), além da saída prematura dos atletas para jogar em países europeus sem formar referências acerca dos princípios do futebol nacional, fazendo com que perdesse sua singularidade (JL116): “Com o êxodo prematuro, o brasileiro passou a jogar como os demais sem ter uma referência doméstica para preservar os princípios de uma escola de excelência” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Além do atraso e da descaracterização do futebol brasileiro como antagonista que impossibilita a concretização do objetivo por parte do protagonista, outro antagonista presente na narrativa de 2014 é a comissão técnica da seleção brasileira, especificamente personificada no técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão, transfigurado em vilão. Ao expor a radiografia dos problemas enfrentados pela seleção, O Globo descreve a decadência e a desorganização relacionadas à comissão técnica e derivadas de mau planejamento, preparação deficiente, falta de treinamento, problemas táticos, de escalação e desequilíbrio emocional resultante dos discursos triunfalistas do treinador e da falta de acompanhamento psicológico de longo prazo (JL165). Todas essas ações são direcionadas à comissão técnica e apresentadas como determinantes para o desenlace, para a derrota vexatória por 7 a 1.

De modo específico em relação à comissão, o técnico Felipão é transfigurado como vilão ao longo da narrativa. No início de 2014, são elogiados o bom humor e a simpatia do técnico, algo atípico se comparado ao comportamento dele em momentos anteriores, embora também criticada amplamente a adesão de discursos triunfalistas acerca da confiança e da obrigatoriedade de conquista do título (F9, F22, JN1, JN57), apresentando que o técnico se excedia na certeza com que profetizava a vitória brasileira.

A partir do início das partidas e das atuações medianas da seleção brasileira, o técnico é apresentado como conservador, fiel a apenas um esquema tático, incapaz de “traduzir o jogo” e de modificar a tática que se mostrava imperfeita desde a primeira partida (JN26, JN173, JN240, JL8, JL126). O Globo apresenta que o treinador trocava peças dentro de um mesmo conceito, desinteressado em buscar alternativas ao desenho tático, criticando sua insistência em aderir a uma receita que não surtia efeito (JL35). Deste modo, a falta de mudanças táticas na equipe, assim como a ausência de treinamentos, é exposta como responsabilidades do treinador.

Diferentemente do apresentado no início da narrativa, o treinador vai revelando, no decorrer dos episódios, o seu verdadeiro comportamento e estilo: sem diplomacia, agressivo, impaciente, indelicado (JN166, JN172, JN174, JN205, JN265, JL34, JL36). O jornal revela que bastou o primeiro resultado ruim para que Felipão abandonasse a postura inicial e perdesse a paciência e a simpatia, desrespeitando e constringendo jornalistas, deixando a mesa de

entrevistas de forma abrupta e se sentindo superior “aos simples mortais que o entrevistam” (JN172).

Outro aspecto relacionado ao treinador que o configura como vilão da narrativa é a falta de reconhecimento acerca dos problemas enfrentados pela equipe sob sua responsabilidade, mesmo após a eliminação (JN166, JN251, JL36). O Globo demonstra surpresa ao analisar as declarações do técnico de que via progresso no time e cobrava discussões da imprensa sobre a arbitragem, algo que havia reprovado anteriormente (JN166). Também representa o técnico como “anestesiado e fora da realidade” ao não reconhecer seus erros na escalação e no treinamento, recusando-se a admitir qualquer equívoco de planejamento ou comportamento (JL36, JL117). Após a partida com a Alemanha, a entrevista de Felipão é classificada como “despretensiosa e convencida” pelo fato do técnico explicar a derrota como decorrente de “seis minutos de pane” (JL136) e não justificar coerentemente a inexistência de treinamentos da equipe que entrou em campo na semifinal (JL117).

De modo geral, O Globo apresenta que Felipão estava intrinsecamente relacionado a todos os problemas que ocasionaram os 7 a 1: na convocação, chamou jogadores em que não confiava; não testou variações no esquema tático; contribuiu com o descontrole emocional dos jogadores ao afirmar que o Brasil tinha obrigação de vencer; não treinou a equipe de maneira adequada, principalmente para o jogo da semifinal; e errou na opção tática escolhida para enfrentar a Alemanha (JL154). Além disso, as publicações sugerem que Felipão era um representante do atraso do futebol brasileiro, adotando os mesmos planos, ideias e discursos de anos atrás (JL143), relutando em atualizar-se e acompanhar os rumos do futebol. O Globo conclui que ao formar o comando da seleção com Felipão e Parreira “a CBF tentava avançar olhando para o retrovisor. Quando se deu conta de que os caminhos para o sucesso haviam mudado, o desastre já estava consumado” (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Desta forma, Felipão é descrito como o personagem que apresenta comportamento vil e indecoroso, causando rejeição e indignação entre os colunistas, que relacionam suas ações, comportamentos e declarações como determinantes para o fracasso brasileiro. Enquanto vilão, Felipão apresenta ações que atrapalham o alcance do objetivo pelos protagonistas – como a falta de treinamentos, a insistência em um esquema tático falho, os discursos excessivamente otimistas que resultam em instabilidade emocional – e características diametralmente opostas às do herói – ao contrário de Neymar, Felipão é representado como grosseiro, prepotente, irritadiço e incompetente. Isso fica ainda mais evidente após a derrota brasileira, quando o treinador insiste em não reconhecer as falhas cometidas e a sua responsabilidade diante delas, enquanto Neymar, mesmo sem ter entrado em campo, se inseriu como personagem participante

da derrota e, de forma realista, lúcida e humilde, admitiu que o Brasil não esteve à altura de uma seleção que pretendia ser campeã (JL173). De acordo com O Globo, ao fazer tais declarações Neymar “deu de seis, de sete ou até mais na comissão técnica” (O GLOBO, 11 jul. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Acerca da última classificação de personagens, os coadjuvantes possuem participação menos constante no enredo e se aliam aos protagonistas, enquanto auxiliares para o alcance do objetivo. Esse papel é ocupado por alguns jogadores da seleção brasileira na narrativa jornalística construída pelo O Globo. Os jogadores David Luiz e Oscar aparecem de maneira secundária na narrativa, embora em momentos específicos surjam no enredo como componentes de relevância singular na colaboração dos protagonistas no alcance do objetivo.

Apesar de sua titularidade ser questionada na fase preparatória da Copa do Mundo, Oscar tem algumas características apresentadas como únicas, sendo descrito como “a esperança de gols e de criação de jogadas na seleção” (JN13) e “o único jogador do meio-campo realmente talhado para armar, cadenciar o jogo e municiar os atacantes com passes inteligentes e desconcertantes” (JN29). Neste momento, o jornal indica que se Oscar perdesse a posição, a responsabilidade de criação de Neymar seria aumentada, o que desvela o papel de Oscar em ajudar o protagonista-herói.

Com a estreia do Brasil em 12 de junho, durante o quinto episódio da narrativa, Oscar aparece como destaque ao lado de Neymar, ambos sendo representados como os responsáveis por encarnar a coragem e abrir caminho para a esperança na conquista do hexacampeonato (JN115). Descrito como “o dono do jogo” e “herói da partida” (JL118, JL119), O Globo destina uma reportagem a apresentá-lo como coadjuvante que auxilia o protagonista e camisa 10 da seleção (JN133). Simultaneamente, O Globo exalta o desempenho de Oscar na estreia do Brasil, elevando-o à posição de craque da equipe, mas reafirma o protagonismo de Neymar, de modo que Oscar é caracterizado como colaborador, auxiliar, ajudante de Neymar no objetivo de levar a seleção à vitória: “O virtuoso auxiliar de Neymar. Destaque do Brasil na estreia, atacante lembra Bebeto, ao se transformar no melhor coadjuvante para o camisa 10” (O GLOBO, 14 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3). Aproximando-o das características técnicas e táticas do ex-jogador da seleção brasileira e tetracampeão Bebeto, Oscar é referenciado como “o melhor parceiro de Neymar” e sua atuação ajudava “o Brasil a ser mais do que Neymar”. Além disso, o jogador é apresentado como um “talentoso craque” junto à Neymar, assim como sua “seriedade e sabedoria de um veterano” (JN151).

No decorrer da competição, a trajetória de Oscar é marcada por altos e baixos. No entanto, O Globo justifica o desempenho abaixo do esperado e do exposto na estreia da

competição pelo esquema tático adotado pelo técnico Felipão, o vilão da narrativa. Em JN181, o texto indica que Oscar não atuou bem técnica e taticamente, “porque era escalado mais pela ponta do que pelo meio” e JL142 questiona a posição disposta a ele pelo técnico Felipão: “por que Oscar jogava aberto (quase acorrentado) na ponta-esquerda, atuando muito mais como marcador do que como armador?” (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

No oitavo episódio, com a lesão de Neymar, O Globo esforça-se em fazer com que Oscar assuma o protagonismo da seleção brasileira na semifinal da Copa do Mundo, evidenciando que o jogador poderia deixar de ser “um operário na marcação” para se tornar o articulador do meio-campo (JL86). Sugere, portanto, uma troca de papéis, com Oscar assumindo o papel de protagonista e deixando para trás a o papel de coadjuvante que assumiu quando Neymar estava em campo, o que efetivamente não ocorre internamente na narrativa.

O zagueiro David Luiz é mais um coadjuvante presente na narrativa construída acerca da trajetória brasileira na Copa do Mundo. Antes do início da competição, o jogador é elogiado por seu comportamento dentro e fora de campo. É descrito como um “ídolo da garotada”, com destaque para sua simpatia, boa articulação e alegria, aproximando-o ao jeito de todo brasileiro (MA16, MA36, MA39, MA48, MA61, MA80), que sempre apresentava “atuações seguras, uma raça contagiante dentro de campo e uma simpatia desconcertante fora dele” (MA45). Reconhecido pelo jornal como “titular incontestável” (MA5), também é representado como craque da seleção, um dos preferidos das crianças e ídolo pop, que transcendia o futebol (MA45).

O Globo informa que ele chegava à competição, junto com Thiago Silva, com status inédito quando se fala no histórico dos zagueiros brasileiros em Mundiais, pois eram “craques, protagonistas” (MA80). Caracterizando-o como um dos jogadores mais lúcidos e articulados da seleção (JN6), as publicações informam que o zagueiro liderava o ranking da Fifa entre os melhores da competição (JL28). Especialmente na partida com a Colômbia, no sexto episódio da narrativa, David Luiz é transfigurado pelo O Globo como “herói da classificação”, evidenciando que havia demonstrado que “um zagueiro pode valer tanto quanto um craque” (O GLOBO, 05 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6). Em relação a este episódio, O Globo informa que no fim do jogo um som ecoava no estádio: 60 mil pessoas gritavam o nome de David Luiz, que, num gesto de grandeza, consolou o jovem jogador colombiano James Rodríguez (JL49).

Com a lesão sofrida por Neymar e sua ausência na partida da semifinal, O Globo direciona o carinho, o fascínio e a esperança do torcedor à David Luiz, avisando que havia chegado a hora de o time mostrar que poderia andar pelas próprias pernas e avançar a partir da retaguarda, ou seja, da zaga brasileira (JL48). A popularidade de David Luiz diante da torcida

e a atenção que o zagueiro dá a ela são evidenciados, assim como o fato do jogador assumir a liderança da equipe com a ausência de Neymar e Thiago Silva (JL83). Classificando-o como “carismático, ídolo da torcida e um dos melhores zagueiros do mundo”, O Globo publica que David Luiz já era o capitão de fato da seleção brasileira, uma vez que foi ele quem tomou a iniciativa de consolar Willian e Hulk quando perderam os pênaltis na disputa contra o Chile, e que com a ausência de Thiago Silva na partida com a Alemanha, David Luiz assumiria oficialmente a braçadeira (JL82).

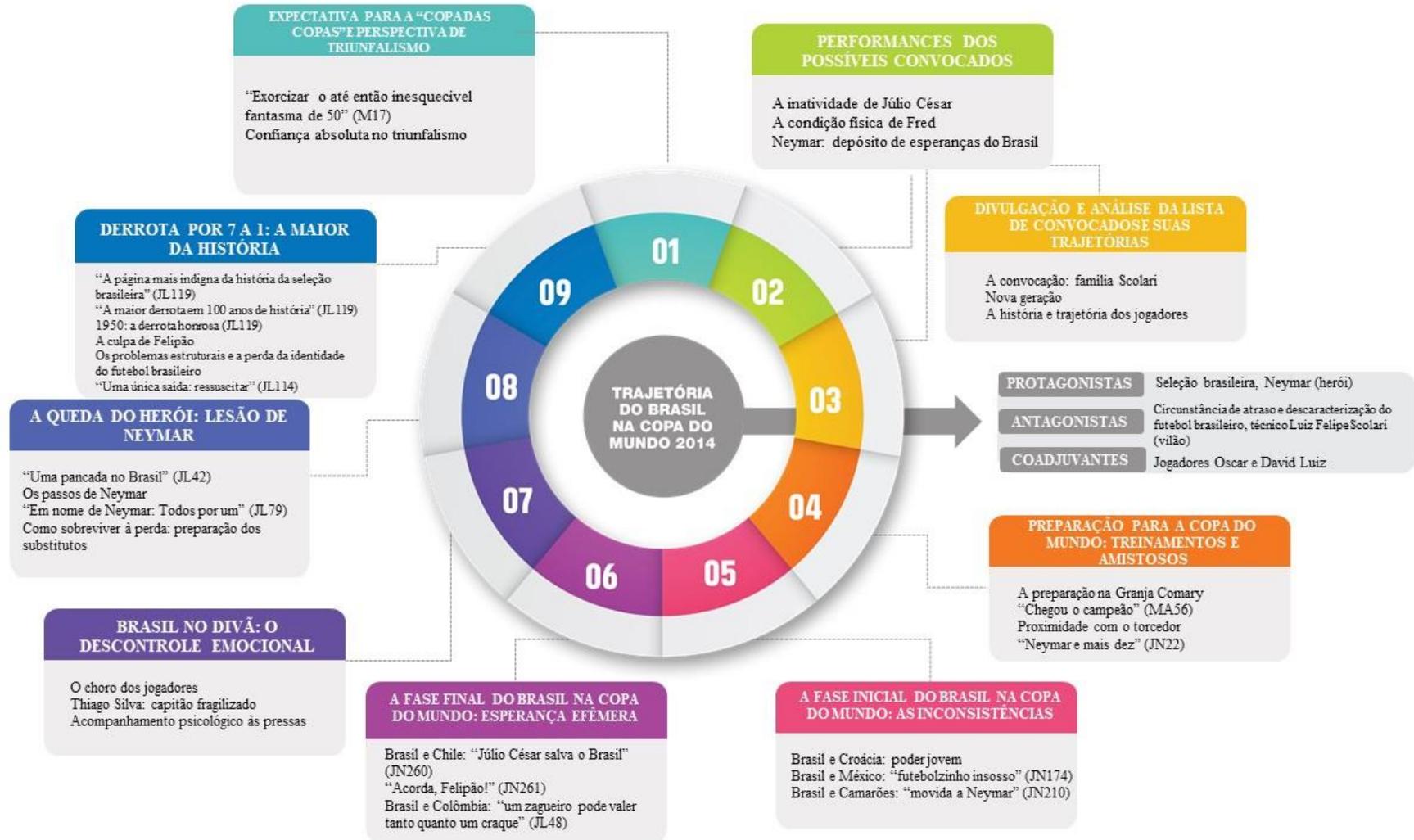
De maneira mais incisiva, Joaquim Ferreira dos Santos trata do protagonismo assumido por David Luiz com a ausência de Neymar, como se ele assumisse a responsabilidade de levar o Brasil à final (JL102), ou seja, dando a ele o dever de auxiliar Neymar a alcançar o objetivo:

[...] Vamos mostrar que, se não temos Pelé, e a nossa versão 2.0 dele está no hospital com a coluna quebrada, vamos de zagueiro voluntarioso, de bola rifada e gol de canela. És o novo Deus da raça, David Luiz. De ti, esperamos que espante os adversários para longe da grande área, comece a ligação direta com o ataque e, como jamais te faltará pulmão, faça o que homem gol lá na frente não está conseguindo. (O GLOBO, 07 jul. 2014, matutino, segundo caderno, p. 8).

Essa tentativa de imputar ao zagueiro o protagonismo de Neymar, assim como ocorre com Oscar, não se realiza no interior da narrativa. Com a derrota para a Alemanha, Daviz Luiz é criticado, assim como todos os outros jogadores em campo, mas recebe avaliação final positiva: “David Luiz era um dos destaques até a goleada para a Alemanha, tem carisma, liderança e bom futebol” (JL214).

Apresenta-se a seguir um infográfico que sistematiza o acontecimento-intriga, os episódios e as personagens da estória construída pelo O Globo em 2014.

Figura 3 – Infográfico da narrativa de O Globo em 2014



Fonte: A autora.

A fim de identificar os recursos utilizados para a narrativização do acontecimento-intriga, realiza-se o 4º movimento desta análise narratológica, a identificação das estratégias comunicativas de objetivação e de subjetivação. Ao analisar todas as publicações concernentes à trajetória brasileira na Copa do Mundo de 2014, identifica-se cinco estratégias de objetivação: a) referências precisas a datas (dia, mês, ano, horário, etc.); b) referências precisas a lugares e instituições; c) nomes completos de personagens; d) números e/ou estatísticas; e) citações em aspas ou com o uso de verbos dicendi; e f) descrição funcional e didatismos.

Os elementos de objetivação são utilizados com recorrência, já que há uma preocupação do jornal em mostrar-se objetivo, a narrar os fatos do mundo real utilizando-se de uma linguagem referencial. Deste modo, em todas matérias, notas e reportagens há a indicação de referências precisas a datas e lugares, a fim de sinalizar marcadamente quando e onde aconteceram os fatos narrados. Em um dos principais episódios desta narrativa – 8) a queda do herói: lesão de Neymar – nota-se a constante indicação de datas, inclusive com a disposição de horários, e dos lugares em que ocorrem os fatos (JL65):

Neymar saiu de helicóptero da Granja Comary, em Teresópolis, para o Guarujá, às 13h56m. Instantes antes da decolagem, as imagens da TV mostraram Neymar um pouco mais bem disposto, na maca. De boné e com fone de ouvido para escutar música, o atacante acenou para as câmeras e para os fotógrafos e deu um sorriso. O pai estava o tempo todo ao seu lado. [...] O helicóptero aterrissou ontem no campo auxiliar da Granja pouco antes de 12h30m. A operação de transporte, desde o momento em que ele desceu da ambulância que o levou do quarto, na concentração, até o helicóptero durou cerca de meia hora. (O GLOBO, 06 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6).

Assim como este, outros episódios e microeventos referenciam de modo preciso o espaço e o ambiente. Em conjunto com essa referenciação, ocorre o uso de nomes completos de personagens indicando os protagonistas, antagonistas e coadjuvantes que realizam as ações naquele determinado tempo e espaço. Associadamente, o uso de nomes completos é utilizado com as citações entre aspas e o verbo dicendi. Ou seja, há a constante presença do personagem no desenrolar da narrativa, especialmente a partir do uso de citações, com ou sem aspas, como nos exemplos a seguir:

MA68: Ontem pela manhã, durante pouco mais de 60 minutos, o técnico Luiz Felipe Scolari comandou um treino técnico-tático no campo principal da concentração brasileira. (O GLOBO, 29 maio 2014, matutino, esportes, p. 35).

JN9: Após gol dos reservas, treinador interrompeu o coletivo, deu bronca nos titulares e acenou com mudanças: ‘Tudo errado, muita coisa errada’, disse. Sem Thiago Silva, Paulinho e Fernandinho, poupados, a seleção já está em Goiânia, onde joga amanhã com o Panamá. (O GLOBO, 02 jun. 2014, matutino, p. 1).

JN48: [...] Perguntado se estava feliz por, depois de ter sido tantas vezes vaiado no Morumbi, desta vez ter sido aplaudido, Neymar foi direto e discordou, interrompendo a questão. – Acho que não, hein! Acho que não, mas eu transformei em aplausos. Ser vaiado é uma coisa que não dá para entender. Nós brasileiros temos um certo preconceito do jogador ter atuado em outra equipe. A rivalidade às vezes pesa, mas estou vestindo a camisa da seleção brasileira, assim como os outros jogadores. Mais do que nunca a gente precisa da torcida nesta hora, e eles têm que entender que aqui não é Santos, não é Corinthians, São Paulo ou outra equipe. Aqui é seleção brasileira – desabafou. (O GLOBO, 07 jun. 2014, matutino, esportes, p. 6).

Uma das estratégias de objetivação tão recorrente quanto o uso das referências a datas, lugares e personagens é a apresentação de números e/ou estatísticas, especialmente relacionadas ao desempenho dos jogadores em campo e ao histórico dos confrontos brasileiros. Antes das partidas disputadas pela seleção brasileira O Globo rememora o histórico do confronto, apresentando os números referentes às vitórias, empates e derrotas, assim como os gols feitos e sofridos (JN37, JN78, JN89, JN102, JN155, JN157, JN164, JN191, JN226, JN239, JN246, JN269). Especificamente no caso do uso das estatísticas, elas são utilizadas pelas publicações a fim de confirmar o protagonismo de Neymar na seleção brasileira:

JL41: Neymar é a referência. Artilheiro do time com quatro gols, ele chegou na área com a bola 17 vezes e é um dos que mais acertaram cruzamentos: 11. É também um dos que mais sofreram faltas na competição: foram 14, de um total de 72 do Brasil. (O GLOBO, 04 jul. 2014, matutino, esportes, p. 12).

JL94: De todas as 72 finalizações da equipe de Felipão, 17, ou 23,6%, vieram dos pés ou da cabeça de Neymar. Com sua saída, a tendência é que Hulk assuma esse papel – até a partida contra Colômbia, na sexta-feira passada, o camisa 7 do Brasil já havia finalizado 13 vezes (18% do total do time) contra oito (11%) de Fred que aparece em terceiro. (O GLOBO, 07 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

A última estratégia de objetivação utilizada, presente em todos os episódios da narrativa composta pelo O Globo em 2014, se refere à descrição funcional e aos didatismos. Ao tratar de algo específico relacionado às atuações do Brasil dentro de campo ou às substituições, os jornalistas explicam de maneira didática e pormenorizada os fatos, simplificando posicionamentos, esquemas táticos e lances técnicos:

MA68: Debaixo de muita chuva, os jogadores foram divididos aleatoriamente em três times de sete [...] Trata-se de um método criado na Europa e que hoje é utilizado em quase todos os lugares do mundo. No Brasil, praticamente todas as equipes fazem este tipo de treino. Dois times trocam passes – cada jogador pode dar somente dois toques na bola – e o terceiro tenta roubar a bola. Quando isso acontece, o time que teve o passe interceptado passa a marcar os outros dois. A ideia é forçar o jogador a pensar rápido e fugir da marcação com intensa movimentação e poucos toques na bola. (O GLOBO, 29 maio 2014, matutino, esportes, p. 35).

JN115: Sem conexão entre os setores, o time deixava espaços para o avanço croata pelas laterais. Num deles, aos dez minutos de jogo, Marcelo acabou marcando contra na tentativa de cortar cruzamento da esquerda que passara por Daniel Alves, Thiago Silva e pelo croata Jelavic. Com cabelos em pé, o lateral tinha a cara de um Brasil que se depara com velhos fantasmas. (O GLOBO, 13 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

JN258: Não podemos ficar com Hulk numa ponta, Oscar na outra, e com um meio de campo vazio na parte da criação, apenas com volantes como Luiz Gustavo e Fernandinho. Aquele que devia ser armador não é. Oscar participa como um volante a mais, tentando roubar bolas, mas sem produzir uma jogada de criação, um passe, um chute. O meio de campo do Brasil é desabilitado no setor de armação, e a consequência é a que vimos no 1 a 1 com o Chile: ligação direta da defesa para o ataque com chutes dos zagueiros, bolas rifadas para a frente, bolas altas na área. (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 2).

Além de isso ser feito constantemente antes e após os treinos e as partidas, com a descrição didática das opções táticas, o episódio da lesão de Neymar suscita conteúdos carregados de explicações funcionais sobre a fratura, como o modo com que ocorreu a lesão, a descrição do local afetado, com a ilustração da vértebra, e os cuidados relacionados ao tratamento, como o colete a ser utilizado pelo jogador e os medicamentos a serem ingeridos no processo de recuperação.

JL44: As vértebras lombares são os maiores segmentos da coluna vertebral. São cinco vértebras lombares, nomeadas de L1 a L5. O canal vertebral que contém a medula espinhal desce até a chamada parte lombar alta (L1 e L2). A porção média e a inferior do canal lombar contém apenas terminações nervosas. Uma lesão nesta parte da lombar, portanto, jamais poderia causar paralisia. Além disso, não houve destruição na vértebra, nem desalinhamento, somente uma fissura óssea. [...] O jogador terá que usar um colete especial, estabilizador da coluna, que, além de imobilizar o abdômen, cobre parte do tórax. Mas não está impedido de caminhar ou sentar, por exemplo, desde que não sinta dor. (O GLOBO, 05 jul. 2014, matutino, esportes, p. 5).

Em relação às estratégias de subjetivação, nota-se que há um esforço do jornal em minimizar os elementos de subjetividade, a fim de assegurar que a narrativa construída é o real, como se relatasse o mundo tal qual ele é. Nesta narrativa são identificadas as seguintes categorias de subjetividade: a) descrição pormenorizada; b) figuras de linguagem; c) verbos de expressão subjetiva; e d) ênfase/intensidade. No entanto, os usos destes elementos de subjetividade aparecem dentro da narrativa camufladas pelos elementos de referencialidade, com exceção das colunas em que o subjetivo é exposto explicitamente por se tratar de um formato pertencente ao gênero opinativo.

A descrição pormenorizada é realizada em todos os episódios da narrativa, de modo que o jornalista-narrador descreve em detalhes situações e personagens, baseando-se em aspectos subjetivos. Tais aspectos só são expostos nos conteúdos jornalísticos a partir da presença do jornalista no local do acontecimento, como nos exemplos a seguir:

JN260: Dourado pelas camisas do Brasil e pelo sol da tarde, o Mineirão se transformou na maior das igrejas do estado para celebrar o ‘milagre’ de Nossa Senhora do Caravaggio, a santa da qual Luiz Felipe Scolari é devoto. Símbolo do sacrifício, a trave trouxe a redenção, a começar pelo goleiro brasileiro. Em mais uma jornada de muitos pecados em campo, a seleção se ofereceu ao castigo quando Pinilla acertou o travessão no último minuto da prorrogação. Nos pênaltis, quando o chute de Jara explodiu no poste, depois de Júlio César ter pego duas cobranças, os místicos se deram conta de que a estrela que o Brasil persegue já acompanha Felipão faz tempo. (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

JN291: Na estreia, Thiago Silva parecia tenso. Entrou em campo em lágrimas e não comemorou nenhum dos três gols com os companheiros. O zagueiro parecia estar se descomprimindo, libertando-se da angústia e incertezas que viveu, sentimentos que quase complicaram sua carreira, a partir do momento em que descobriu que estava com turbeculose. (O GLOBO, 14 jun. 2014, matutino, Brasil 2014, p. 6).

JL7: Se o renascimento, depois da sensação de que o fim era iminente, mexeu no corpo e na alma até de quem desprezava o poder arrematador do futebol, como não bateria no fundo do peito dos nossos jogadores? O capitão não deve fraquejar, como, aliás, não fez ao longo do jogo em que teve atuação impecável, mas pode, sim, balançar diante do ritual sumário de condenação que uma disputa de pênaltis e mais uma derrota do Brasil em casa anunciam. Chorar numa hora dessas é coisa de homem. Covardia é não se emocionar. (O GLOBO, 01 jul. 2014, matutino, esportes, p. 5).

Muitas vezes de forma conjunta, O Globo se utiliza de outros dois elementos de subjetividade: os verbos de expressão subjetiva e a ênfase/intensidade. No caso dos verbos, o jornal se utiliza especialmente daqueles relacionados ao conselho e à advertência. Já em relação à intensidade, há o realce ao apelo dramático de um determinado momento da narrativa, com o uso de adjetivos e pontuação (como exclamações e reticências). A seguir apresenta-se alguns trechos que exemplificam isso:

JN174: Ou Felipão mexe no esquema, ou na escalação. Do jeito que está, não há razão alguma para otimismo. (O GLOBO, 19 jun. 2014, matutino, esportes, p. 4).

MA26: Um exemplo de que a convocação é uma grande família e não um grupo de verdadeiros craques é a absurda convocação de Henrique. Como deixar o Miranda de fora???? E os laterais sulistas Maicon e Maxwell??? Os técnicos puxam a sardinha para o lado dos seus, regionalizam as seleções. O Jefferson é o melhor goleiro, e o titular Júlio César na minha seleção perderia a vaga para Fábio, do Cruzeiro. Daniel Alves e Marcelo, ok!!! Jô e Hulk, sinceramente, não vou entender nunca! Nunca!!!!!!! Não são jogadores de seleção. Definitivamente!!!!!! Essa seleção não me convence, mas se a tendência do futebol é essa, pior para todos nós. (O GLOBO, 08 maio 2014, matutino, esportes, p. 5).

JL157: Essas pessoas há anos vêm fazendo do futebol um grande balcão de negócios e jogando a sujeira para baixo do tapete, mas não há mais espaço, o câncer foi diagnosticado e refletiu em campo. Não se brinca com o torcedor. Repitam comigo! E-ST-Á-T-U-D-O-E-R-R-A-D-O!!!!!! Precisamos começar do zero, extirpar esse câncer, investir na base, manter nossos talentos, afastar os cartolas oportunistas e contratar pilotos que não desapareçam nos momentos críticos, reponham nossas máquinas na pista e façam as outras seleções engolirem nossa fumaça. (O GLOBO, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 11).

JN260: No ritual de antes dos jogos, Júlio César é dos poucos a descer do ônibus sem carregar uma mochila. O peso nas costas já é grande, seja pela falha há quatro anos, seja pela ligação entre as Copas que o Brasil organiza. Cristo negro do futebol brasileiro, Barbosa foi crucificado pelo gol que deu o título ao Uruguai em 1950. Em meio ao drama do goleiro, Júlio César evocou outras lendas para celebrar a alforria. (O GLOBO, 29 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3).

Destaca-se que a descrição dramatizada dos microeventos da narrativa, a partir do uso de verbos relacionados aos sentimentos e a intensidade, se sobressai em momentos de grande carga emocional, como a disputa de pênaltis com o Chile (no episódio seis e sete), a lesão de Neymar (no episódio oito) e a derrota sofrida por 7 a 1 (no episódio nove). Além disso, O Globo recorre às figuras de linguagem para a construção da narrativa, especialmente as metáforas bélicas:

JN150: A seleção não me empolgou. Na verdade, há tempos não me empolga. Vejo a seleção como um time de **guerreiros**, vestindo a camisa brasileira, a cara de Felipão e Parreira. (O GLOBO, 15 jun. 2014, matutino, esportes, p. 11, grifo nosso).

JN133: Meia Oscar **vence a primeira batalha** da Copa e recebe apoio dos parceiros da seleção brasileira para ficar entre os titulares até o fim. (O GLOBO, 14 jun. 2014, matutino, esportes, p. 3, grifo nosso).

Portanto, as estratégias de objetivação e subjetivação aparecem de maneira equilibrada nos textos jornalísticos de O Globo, apesar de haver em 2014 uma notória preocupação do jornal em apagar os traços de subjetividade, justamente por se fortalecer neste período a ideia de que o jornalismo seria neutro e imparcial, como se as notícias fossem a própria realidade e a atividade jornalística serviria à tarefa de mediar o contato dos leitores com os fatos reais.

O quinto e último movimento da análise narratológica refere-se às metanarrativas, isto é, os significados de fundo moral da narrativa. Três categorias coincidem para a formação da metanarrativa: 1) as duas Copas do Mundo: dentro e fora de campo – o revés antes do princípio, 2) a pior derrota da história da seleção e a remissão de 1950, 3) o diagnóstico da perda da identidade como possibilidade de ressurreição.

O primeiro aspecto da metanarrativa da estória contada pelo O Globo em 2014 refere-se à dualidade apresentada por aquela edição da Copa do Mundo. Os textos indicam que a candidatura do Brasil como sede do megaevento esportivo objetivava consagrar o lugar garantido do país no grupo dos principais emergentes (JN106, JN112) e decompõe a Copa do Mundo em duas: a Copa dentro dos gramados e a Copa fora de campo. Dividindo-a em duas, O Globo designa a derrota no aspecto extracampo antes mesmo do início da competição, em virtude dos problemas organizacionais, dos estádios atrasados e superfaturados, além das obras

de infraestrutura inconclusas (M17). Concomitantemente, fortifica a perspectiva de vitória dentro de campo, no aspecto meramente futebolístico, qualificando a equipe como “forte e digna de ser apontada como uma das favoritas ao título” (M10) e tentando a conquista como forma de superar o trauma da derrota de 1950 – para uma catarse coletiva, para a exorcização do fantasma de 1950, para a cicatrização da ferida aberta há 64 anos (J1, J4, J8, J10, J12, F3, M17, MA45, MA48, MA84, JN57, JN115).

Em um cenário construído de modo esperançoso e promissor, O Globo estabelece manifestações de incentivo à seleção brasileira em campo. A partir de um caráter pedagógico busca construir narrativas de aconselhamento e argumentação, demonstrando ao torcedor que transformar os protestos sobre a organização do evento em torcida para a derrota da seleção “não fazia o menor sentido” (M17). Em virtude disso, O Globo constrói contínuas tentativas de fortalecer o sentimento de unidade e apoio nacional, representando a seleção brasileira como “mais humana e sem arrogância” (JN67) e reconstruindo as histórias de vida dos jogadores – chega a interligar a coragem de uma geração que protestava por um país melhor com a coragem que moveu os jovens Neymar e Oscar a levar a seleção nacional à vitória na estreia da competição (JN115).

A fim de aproximar a torcida e os jogadores, assim como minimizar os efeitos de rejeição à seleção, O Globo descreve a vida e carreira de Dante (JN11), Thiago Silva (JN30), Willian (JN41), Marcelo (JN53), Fred (A16, JN53, JN54, JN56, JN70), Luiz Gustavo (JN87, JN238), Paulinho (A1, M20, JN88), Daniel Alves (JN197), David Luiz (MA45, MA80), entre tantos outros que compõem o elenco brasileiro. De acordo com Brinati (2016), ocorre um afastamento do torcedor e a seleção pelo fato de os jogadores serem transferidos cada vez mais cedo para o exterior. Em função disso, O Globo publica textos que visam a desconstrução deste afastamento, fortalecendo o pertencimento destes jogadores ao país e à brasilidade, no intuito de reestabelecer a concepção da seleção não apenas como uma equipe de futebol, mas como a própria nação (GUEDES, 2009).

O segundo aspecto da metanarrativa concerne à pior derrota da história da seleção como remissão de 1950. O Globo referencia a derrota por 7 a 1 como a morte do futebol brasileiro, fundamentando-a na humilhação, no fato de ser vexatória, inesquecível, incurável, insuperável, já que ela estava imersa em uma “pororoca de recordes vergonhosos”: era a maior goleada levada nos 100 anos, a maior sofrida por um anfitrião em todas as Copas, a maior numa semifinal de Mundial (e a quinta maior na história da competição), a maior quantidade de gols sofridos num só jogo nas 20 edições do torneio e a segunda maior de todos os tempos (JL119).

A derrota brasileira é retratada como “a página mais indigna da história da seleção brasileira” e “o maior vexame dos 100 anos de História da seleção” (JL119). De maneira dramatizada, O Globo narra os 7 a 1 como a morte do futebol brasileiro a partir da humilhação e da vergonha. Conforme as publicações, como as atuações da seleção brasileira não convenciam integralmente, se aceitava a possibilidade de uma derrota diante da Alemanha, mas era inimaginada a ocorrência da “maior derrota da história da seleção brasileira”: “assistimos ao jogo com a certeza de que nada, absolutamente nada, faria sofrer como em 1950. E não sofreremos, mesmo. Apenas, ao contrário de 64 anos atrás, fomos humilhados. Perder é do jogo, mas perder assim é castigo” (O GLOBO, Rio de Janeiro, 10 jul. 2014, matutino, esportes, p. 12). Neste sentido, as páginas de O Globo aludem à uma tristeza atravessada pela perplexidade e por um sentimento de humilhação doloroso – embora a ironia também tenha ganhado espaço nas redes sociais.

O humor se configura como uma conduta do luto, sendo utilizado em um “movimento elaborativo e sublimatório”, como modo de ressignificar momentos traumáticos e aflitivos, ou de forma defensiva, como recusa e afastamento do real (SLEMENSON, 2007). Birman (2005) explica que para passar por uma experiência dolorosa o humor realiza a “desdramatização da narrativa”, retirando momentaneamente a intensidade negativa do fato.

A alusão à derrota na Copa do Mundo de 1950 é realizada para dimensionar a derrota de 2014. Nomeada de “Mineiratzen” ou “Mineiraço”, assim como o “Maracanazzo” do primeiro Mundial realizado no país, O Globo institui que os 7 a 1 redimiram os jogadores brasileiros derrotados pelo Uruguai em 1950 e fizeram com que o Brasil tivesse um novo trauma, maior e mais significativo, para superar:

O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, as almas dos vice-campeões enfim se libertaram. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 4).

Deste modo, O Globo compõe a narrativa de que a derrota para a Alemanha era mais dramática, humilhante e vergonhosa que a derrota para o Uruguai, o que encaminharia o esquecimento e a superação do resultado de 1950 (JL114, JL116, JL119, JL125, JL132). Em outras palavras, redefine-se e transmuta-se a derrota de 1950 que passa a ser entendida como uma “derrota honrosa” diante do novo trauma.

O terceiro aspecto da metanarrativa refere-se ao diagnóstico da perda da identidade do futebol brasileiro como possibilidade de ressurreição. A estória construída pelo O Globo tem

como desfecho o diagnóstico acerca dos problemas que afetam o futebol brasileiro. Isso significa que a derrota para a Alemanha, ao final da estória, é apresentada como o episódio que permitiu a tomada de consciência e o princípio das discussões sobre as lacunas do futebol nacional.

A seleção pentacampeã escreveu a página mais indigna do seu século de existência, ao ser eliminada do Mundial pela Alemanha, por devastadores 7 a 1. Levou, como o placar eloquente comprova, um baile constrangedor, que expõe o profundo atraso em que o país está metido, justamente em seu esporte mais popular. (O GLOBO, 09 jul. 2014, matutino, esportes, p. 6).

Deste modo, a narrativa se dispõe a identificar e analisar os problemas estruturais do futebol brasileiro que desembocaram nos 7 a 1. Para além dos erros cometidos pela comissão técnica, especialmente pelo técnico Felipão, transfigurado em vilão, como a falta de treinamentos, a pressão psicológica nos jogadores e a insistência em um único esquema tático, o jornal elenca uma série de erros cometidos pelo futebol nacional ao longo de anos. São enumerados os seguintes problemas: a falta de estrutura nas divisões de base, o atraso dos técnicos e dos dirigentes da CBF, o apego aos mesmo profissionais do passado (como Felipão e Parreira), a saída prematura dos jogadores para o exterior sem que concluam sua formação no Brasil, a ausência de uma política nacional para o esporte, a inexistência de projetos da CBF na formação da base e no futebol de alto nível. Tais lacunas são diagnosticadas alicerçando a necessidade de atualização, reformulação e reestruturação do futebol brasileiro (JL142, JL145, JL149, JL154, JL156, JL157, JL163, JL164, JL165, JL168).

Um dos aspectos centrais deste diagnóstico é a perda da identidade do futebol do Brasil, especificamente a partir da reflexão sobre a necessidade de uma reformulação na formação dos jogadores, já que saíam prematuramente do Brasil para jogar em países europeus sem ter formado referências acerca dos princípios do futebol nacional. De acordo com a narrativa construída pelo O Globo, o futebol nacional perdera sua singularidade e os jogadores careciam de características identitárias deste futebol, sendo Neymar a única exceção. Por se tratar de uma questão nacional, o insucesso da seleção resulta em narrativas que buscam culpados e, muitas vezes, conforme Maranhão (2011), o estilo de jogo apresentado e derrotado é questionado, criticado por não ser “o verdadeiro estilo brasileiro”, exatamente o que ocorre nas páginas de O Globo em 2014.

Ao enumerar cada um dos problemas e indicar a necessidade de reestruturação, O Globo expõe algumas soluções que permitiriam o renascimento do futebol brasileiro e a retomada do caminho de glórias da seleção nacional. Trata, portanto, da derrota como lição

sobre a urgência de uma modificação profunda, viabilizando a ressurreição do futebol do Brasil (JL160, JL211).

5.5 CONFIGURAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES DA DERROTA: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES

As narrativas são configuradas a partir de elementos que se mantêm, como o desencadeamento de um acontecimento-intriga e de um conflito, dispostos em episódios vivenciados por personagens em um determinado tempo e espaço. Os episódios aparecem marcados por ciclos de equilíbrio-desequilíbrio, em que o jornal traça trajetórias inconstantes circunscritas em ações de protagonistas e antagonistas. Mais do que descrever o acontecimento, a narrativa orienta, ensina, aconselha, emociona e atribui responsabilizações – de um amontoado de fatos extrai uma estória e atribui significações a ela. Essa estória aparece permeada de elementos de referencialidade e ficcionalidade, posto que se apresenta imersa em subjetividades que visam os efeitos de sentido – o choro, a lástima, a humilhação, a vergonha.

O agenciamento dos fatos nesta configuração submete-se a mecanismos postos nos sistemas culturais como os discursos circulantes e os padrões de julgamento que estruturam os textos antes mesmo de serem narrados como estória, instaurando códigos de reconhecimento compartilhados – como o bem versus o mal, o herói versus o vilão, a derrota como fracasso, a busca por explicações, a responsabilização a algo ou alguém, a lição a ser aprendida. A configuração da derrota dentro deste mesmo enquadramento, ainda que a estória seja composta por outros conflitos, episódios e personagens, transmite a impressão de estabilidade social e é explicada pelo universo simbólico partilhado no mundo pré-figurado.

Os sentidos construídos pela narrativa ativam o repertório de representações do imaginário social, em que a derrota é morte social, permeada pelos sentimentos que acompanham o luto: a tristeza, o trauma, a vergonha, a humilhação (e inclusive o humor, como em 2014). Da tristeza e da vergonha acompanha-se a terapia do luto, a busca por explicações, por justificativas e por responsáveis – aqueles conhecidos como vilões, que impossibilitaram a conquista dos protagonistas e do herói. Diante desta terapia do luto, há uma perspectiva minimamente construtiva da derrota, enquanto evento que possibilita a tomada de consciência sobre algo – seja a confirmação de uma imagem do país (seu povo e cultura), seja o diagnóstico acerca dos problemas estruturais de atraso do futebol nacional. Neste momento de intervenção, a narrativa se dispõe à busca de caminhos para que houvesse ressuscitação, retomada da vida e do espírito vitorioso.

Ao estabelecer uma aproximação entre a configuração das narrativas das duas Copas do Mundo realizadas no país em O Globo, especialmente a partir das metanarrativas, visualiza-se que o início das histórias se dá pela apresentação da Copa e sua expressividade para o Brasil e para o mundo. Em 1950 a competição é representada pelo jornal como forma de o Brasil mostrar-se vitorioso para os demais países, o que o faz orientar pedagogicamente os torcedores acerca da adesão de comportamentos cívicos e respeitosos nas arquibancadas. A possibilidade de afirmação no cenário internacional orienta O Globo na condução de uma narrativa que alia o desempenho do Brasil em campo e o respeito dos torcedores à interpretação sobre a capacidade do país para o exterior. A representação para si mesmo também é ambicionada pelo jornal, que se ancora na apresentação de uma suposta integração e unidade nacional possibilitada pela trajetória da seleção brasileira na competição, o que coaduna com o entendimento de que em períodos de Copa do Mundo edifica-se a ideia de “celebração da brasilidade” e da “construção simbólica da unidade nacional” (HELAL, 1997; GUEDES, 2002).

Em 2014 a história se inicia sob a mesma apresentação, mas a Copa é denotada em duas: dentro e fora de campo; estratégia adotada pelo jornal a fim de separar os problemas organizacionais, como as fraudes e excessos criticados pelas manifestações de 2013, e a participação da seleção brasileira nos gramados. Com isso, o jornal argumenta que a crítica ao atraso e superfaturamento nas obras não confrontava, contrapunha ou impossibilitava o apoio à seleção brasileira na competição. Ao explicar que a candidatura como sede intentara celebrar a posição conquistada pelo país no cenário internacional, O Globo expõe que a Copa fora de campo já estava perdida, antes mesmo da competição ter sido iniciada, e que o Brasil mostraria ao mundo o tipo de nação que elegeu construir e não o que aspirava ser, em crítica às escolhas governamentais do país.

As trajetórias da seleção nas duas Copas do Mundo são intrinsecamente distintas até o clímax da história. Apesar da instabilidade da equipe durante a fase preparatória de 1950, durante a competição o Brasil obtém performances elogiosas a partir das goleadas sobre suecos e espanhóis e é representada como imbatível, sendo inconcebível outro resultado que não a vitória. À vista disso, a derrota é tida como inimaginável, como a morte do futebol brasileiro, com ampla associação ao desespero, às lágrimas, ao silêncio e ao clima fúnebre. Utilizando-se do modo (ou cultura) do excesso, O Globo intensifica e polariza os sentimentos, os personagens dão voz às suas emoções mais profundas, construindo uma estrutura dramática da derrota (MARTÍN-BARBERO, 2001) que buscava fortalecer a ideia de um sentimento coletivo que afetava o país como um todo.

Os 2 a 1 para o Uruguai no Maracanã em 16 de julho de 1950 busca ser explicado pelo jornal tão logo finda a partida – no vestiário, Geraldo Romualdo da Silva já questionava o técnico Flávio Costa acerca de possíveis justificativas para o ocorrido. Os questionamentos realizados pelo O Globo acerca dos motivos da derrota desvelam como a vitória era encarada pelo jornal enquanto caminho certo e natural. A partir da investigação dos motivos por trás do fracasso em campo (COSTA, 2008), O Globo imputa como causa da derrota o ambiente de assédio de torcedores, curiosos, jornalistas, fotógrafos e políticos à concentração em São Januário, somado ao otimismo exacerbado presente em discursos e ações, que fizeram com que a seleção brasileira entrasse já derrotada em campo. Assim, há a apresentação da derrota como o óbito do futebol nacional, a partir de uma narrativização lacrimosa e dramática, e a investigação minuciosa das falhas externas ao campo para explicar os dois gols uruguaios.

Na segunda Copa do Mundo realizada no país, a fase preparatória se inicia com a criação de um ambiente de esperança e confiança, em que o jornal qualifica a seleção nacional como uma das favoritas ao título. Entretanto, com o início da competição e os desempenhos inconstantes e insatisfatórios dentro de campo, passa a questionar a qualidade técnica da equipe e o esquema tático adotado pelo técnico Felipão, com ênfase à dependência em Neymar, identificado como o único representante do futebol-arte brasileiro. Elevado à protagonista e herói, a lesão de Neymar é o ponto de virada da narrativa, pois muda os rumos da estória e possui grande acentuação dramática (SILVA, 2015). Com a virada, O Globo retoma o ambiente de otimismo na semifinal contra a Alemanha, manifestando a possibilidade de os jogadores brasileiros chegarem à final da Copa do Mundo para e por Neymar. Destarte, O Globo apresenta como inimaginada a ocorrência da pior derrota da história da seleção, entendida como a morte do futebol nacional, associada à uma tristeza transpassada pelo espanto, estupefação e humilhação. A narrativa ganha contornos de drama, mediada pela dor, mas muito mais pela humilhação e pela vergonha, tornando-se “massacre”, “hecatombe” e “catástrofe”. Com associações recorrentes à Copa do Mundo de 1950, O Globo constrói o imaginário de que a derrota no primeiro Mundial se tornara honrosa diante dos 7 a 1 que possibilitaram a remissão dos vice-campeões de 1950. Portanto, as publicações minimizam o significado da derrota de 1950 e maximizam o significado da derrota de 2014, considerando-a mais dolorosa, humilhante, vexatória e vergonhosa.

Os 7 a 1 aplicados pela Alemanha no Mineirão em 08 de julho de 2014, assim como os microeventos e episódios que antecedem a derrota, não são simplesmente expostos, mas avaliados e julgados conforme critérios judicativos que não se tratam unicamente da esfera técnica da partida (COSTA, 2008). Após o resultado vexatório, O Globo procura responder às

inquietações acerca das causas dos 7 a 1. Primeiro, explica o revés a partir dos erros cometidos pela comissão técnica, especificamente pelo técnico Felipão; depois, amplia a perspectiva de observação e chega às explicações concernentes às estruturas do futebol brasileiro, como as falhas na formação dos jogadores, o atraso de treinadores e dirigentes, a inatividade da CBF. Assim, O Globo apresenta a derrota como a morte do futebol brasileiro, dada a perda da identidade deste futebol, a partir de uma narrativização perplexa e dramática, e empreende o esquadramento das lacunas externas ao campo relacionadas à organização do futebol nacional em sua totalidade, como é costumeiro nas narrativas jornalísticas de derrota, segundo Costa (2008, 2010).

O desenlace das narrativas de derrota em 1950 e 2014 trata de uma lição a ser aprendida pelo Brasil, com episódios encadeados em sequência com princípios de causa e consequência (COSTA, 2008). Em 1950, no aspecto meramente futebolístico, O Globo expressa que a derrota ensinava sobre a prepotência e a imodéstia, representando-a como uma lição a ser aprendida acerca da presunção da vitória como garantida – o que permitiria que o Brasil de fato vencesse e demonstrasse novamente as características singulares do futebol brasileiro. Também trata do saldo de aprendizado da Copa do Mundo, apesar da derrota: O Globo constrói o desfecho de que o Brasil havia conquistado o objetivo simbólico da competição no aspecto extracampo, isto é, a admiração do restante do mundo, a partir da demonstração do “verdadeiro povo e futebol nacional”.

No que concerne ao final da narrativa de 2014, a derrota é significada como o episódio que possibilita a tomada de consciência acerca das falhas do futebol nacional, como lição sobre os atrasos e deficiências que resultaram na perda da identidade do futebol brasileiro. Ao dispor o diagnóstico das causas da derrota e, conseqüentemente, do atraso do futebol nacional, conduz à lição sobre a urgência de uma reestruturação profunda que asseguraria a ressurreição do futebol brasileiro. Portanto, atribui-se um sentido pedagógico à derrota ao compreendê-la como uma lição a ser aprendida, neste caso, uma lição contra a incompetência, a soberba, o apego ao passado.

Na narrativa do Maracanazo a morte do futebol brasileiro e o clima fúnebre se dão pela derrota inimaginada, dada a convicção esperançosa na vitória. Depois de 64 anos, a narrativa do Mineiraten trata da morte do futebol brasileiro e do clima fúnebre pela derrota inimaginada, dada a expressividade do placar – a maior derrota em 100 anos de história – e a perda da identidade e da singularidade do futebol brasileiro. As derrotas são construídas pelas narrativas de O Globo como derrotas para si mesmo: para o otimismo e a presunção; para o atraso e a perda identitária.

Portanto, a derrota de 1950 é entendida pelo O Globo como vitoriosa por demonstrar ao restante do mundo a civilidade e o respeito dos brasileiros, mesmo diante do resultado negativo. Enquanto os problemas na organização do Mundial de 2014 e a derrota por 7 a 1 para a Alemanha demonstravam aos outros países o atraso do Brasil, dentro e fora dos gramados. As lições descritas e analisadas pelo jornal oferecem um sentido pedagógico à derrota, a fim de reestabelecer o futebol nacional e renascer a seleção brasileira. Em uma espécie de terapia do luto, O Globo de 1950 se utiliza do ocorrido no campo esportivo para expandir a compreensão do “novo campeonato” que se iniciava na vida de todos os brasileiros, exigindo civilidade e entusiasmo para superar as dificuldades cotidianas do país (JL84, 1950), enquanto O Globo de 2014 indica os caminhos para a retomada da vida, da identidade do brasileiro e do espírito vitorioso de outrora (O3, 2014).

Acompanhando o exposto por Guedes (2006), entende-se que as derrotas da seleção brasileira, especialmente nas Copas do Mundo, são situações plenas de significado, em que se discute e se negocia uma série de valores e ideias que atravessam a sociedade. Deste modo, as narrativas e análises das derrotas acompanham “os fenômenos socioeconômicos e as conjunturas políticas específicas em que se inserem. De certo modo, há uma história do Brasil que pode ser recuperada e contada através da história de como nos avaliamos nas Copas do Mundo” (GUEDES, 2006, p. 170).

O contexto político e social vivenciado, assim como a pretensão de projeção da imagem do Brasil como moderno e vitorioso, influenciam sobremaneira na narrativa sobre a derrota de 1950 que, apesar de expor a tristeza e a dor resultantes da perda do título, constrói uma representação positiva do país e do povo brasileiro, evidenciando o futebol como importante manifestação da cultura dos “povos mais adiantados” (JL84) e como elemento diferenciado e identificatório da seleção e, por consequência do país, que apresentou um “jeito próprio de jogar”. Isso intencionava dar esperanças ao chamado “povo brasileiro” em não desacreditar na capacidade do país.

Essa perspectiva de que as avaliações da derrota permitem a discussão de valores e ideias que transpassam a sociedade brasileira também se apresenta em 2014. A narrativa de O Globo em 2014 constrói uma representação negativa do país antes mesmo do início da competição, dados os problemas de organização, que é reforçado pela derrota, considerada sintomática do atraso do país em relação ao futebol, às políticas nacionais de esporte e à formação de jogadores. Neste sentido, a derrota representava uma lição que permitiu a identificação do atraso brasileiro, alinhando o entendimento de que o Brasil perdera sua “identidade própria de jogar” e, ao mesmo tempo, de que era necessário “organização e trabalho

duro, competente e de longo prazo” para a retomada do caminho de vitórias (JL165) – superando, portanto, a ideia de um “jeitinho brasileiro” em relação ao futebol e à organização do evento.

Identifica-se relações de emoções contrastantes: ora as escolhas semânticas sugerem tristeza, desolação, vergonha; ora sugerem orgulho, alegria, entusiasmo; ora constroem indignação, apreensão e repulsa, ora os signos tratam de otimismo, esperança e admiração. Em 1950, as narrativas gravitam em torno de um símbolo nacional, levando a projeções de aproximação entre a seleção e a torcida, entendendo a equipe como um emblema da nação. Mesmo com a derrota, O Globo ressalta o estilo brasileiro de jogar, tratando do estilo mais técnico que teria encantado os torcedores brasileiros e de todo o mundo. A profunda tristeza e dor resultantes da derrota dividem as páginas do jornal com a exaltação do futebol praticado no país e do povo brasileiro. Conforme Brinati (2006, p. 281), no período após a derrota de 1950, tentou-se construir uma imagem de que a seleção de 1950 seria “o paradigma de um novo futebol, mais técnico em relação às Copas disputadas anteriormente”.

Com a diminuição das relações de pertencimento à cultura de apenas uma nação, associado a outros fatores, ocorre o encolhimento do interesse do torcedor pela seleção brasileira. Isso se sobressai ainda mais pela conjuntura de 2014, já que questões políticas, econômicas, sociais e infraestruturais resultaram em repulsa pela realização do evento em uma parcela da população brasileira. Por isso, O Globo esforça-se em criar unidade nacional, buscando aproximações entre os jogadores e a torcida brasileira. Com a atuação da equipe historicamente desvinculada das suas raízes e identidade, narra a perda da essência do jogo brasileiro, o que limitava a identificação da torcida. Assim, passa-se à desconstrução do estereótipo edificante de “país do futebol” ao representar o futebol do país como ultrapassado e sem identidade.

Portanto, sustenta-se a tese de que a configuração das estórias construídas pelo jornal dialoga com o repertório de representações presentes na pré-figuração. Os elementos estruturantes e a significação da derrota se alinham à um universo simbólico partilhado na mimese I (a matriz regida pelas sociedades brasileiras de que a derrota é morte, mas que existe a necessidade de vê-la como aprendizado para um possível renascimento). Por isso, as narrativas são configuradas e significadas desta forma, que transpassa o mero aspecto futebolístico.

As narrativas refletem processos de esquematismos narrativos inscritos nos sistemas sociais, mas que são atualizados por um regime de códigos específicos daquele contexto – diferentemente de 1950, 2014 trata de um desligamento da seleção à nação. Isso faz com que

haja um entendimento quase consensual sobre a derrota e como ela foi construída – seus conflitos, episódios, heróis, vilões, incorporando temas que não se referem somente ao futebol, mas que se manifestam por intermédio dele – como a necessidade de acreditar no país (em 1950) e a necessidade de reconhecer o atraso brasileiro (em 2014).

6 CONCLUSÃO

Entre numerosas aproximações e afastamentos, precisamente por estarem separadas por 64 anos, um aspecto crucial une as duas Copas do Mundo realizadas no Brasil, em 1950 e 2014: a derrota da seleção brasileira elevada à trauma coletivo, tragédia e fatalidade, tomando dimensão de drama e mitologia. Se 1950 se torna a “fundadora de todas as derrotas que viriam”, 2014 transfigura-se como “a derrota mais indigna da história da seleção brasileira” (O GLOBO, 09 jul. 2014, p. 6).

A expressividade de ambas se desvela na criação de epítetos para referenciar o fracasso brasileiro – 1950: “a derrota de todas as derrotas”, “a tragédia do Maracanã”, “o Maracanazo”; 2014: “a pior derrota da seleção em 100 anos de história”, “o maior vexame do futebol brasileiro”, “a tragédia do Mineirão”, “o Mineiraten” – e na produção de distintas notícias, análises e pesquisas a fim de entendê-las a partir de lentes específicas, focalizando aspectos como raça, masculinidade e nação. Neste cenário, o jornalismo sempre assumiu seu protagonismo, contribuindo sobremaneira para que os mitos da derrota fossem conservados e potencializados, muitas vezes atribuindo-lhes dimensões mais amplas que as quatro linhas do gramado e as narrativizando de modo imaginário.

Isso significa que o jornalismo constrói narrativas ao conformar e atribuir sentidos e nexos aos fatos e episódios, associando-os em encadeamentos e associações, que organizam e estabilizam a realidade a fim de consolidar determinadas normas e sentidos. Desta forma, Quadros e Amaral (2017, p. 86) explicam que a narrativa jornalística organiza fatos e personagens conferindo a eles sentidos e papéis, inserindo-os em uma história ampliada, de modo que microeventos diários passam da singularidade à historicidade. Por isso, especialmente em períodos de Copa do Mundo, as narrativas do jornalismo se revelam como momentos amplos de significado, estruturando valores, ideias e sentidos que atravessam a sociedade brasileira (GUEDES, 2006).

Em outras palavras, a partir de elementos estruturais e estratégicos, a narrativa jornalística esportiva caracteriza-se por designar constructos culturais responsáveis por articular episódios e microeventos, em que, por sua capacidade ordenadora, desempenham o papel de organizar uma dada realidade, contribuindo para consolidar determinadas normas e valores acerca da derrota.

Em vista disso, esta pesquisa delimitou os seguintes questionamentos como problema de pesquisa: Como O Globo constrói a configuração das narrativas acerca da derrota? Quais os elementos estruturantes da narrativa jornalística de O Globo e a significação integral dessa

narrativa? Como as metanarrativas – significados de fundo moral – acerca da derrota de 1950 e 2014 se aproximam e/ou se distanciam? Decorrente destas questões, o objetivo geral consistia em investigar a configuração, os elementos estruturantes e os significados integrados à derrota nas narrativas do jornal impresso O Globo nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, suas discrepâncias e congruências, a partir da análise pragmática narratológica. Dele, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) apontar as associações entre a narrativa e o jornalismo; b) conceituar os elementos de constituição das narrativas e das narrativas jornalísticas; c) definir a relevância cultural do futebol no Brasil e as significações possíveis da derrota; d) identificar os componentes de narratividade de O Globo: acontecimento-intriga, conflito, clímax, desenlace, episódios e personagens, além das marcas de apuração e de composição do produto; e) remontar sequências de textos jornalísticos sobre a seleção brasileira, recompondo uma estrutura narrativa integral e a significação dessa narrativa de derrota; f) organizar os significados metanarrativos que emergem das narrativas jornalísticas nas duas Copas do Mundo.

Para responder a tais questionamentos e alcançar os objetivos gerais e específicos estipulados, conduziu-se uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e explicativo, que faz uso do Protocolo de Análise da Cobertura Jornalística e da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística para a análise dos formatos jornalísticos pertencentes ao gênero informativo, opinativo e interpretativo que abordavam a seleção brasileira de futebol no jornal O Globo durante o ano de 1950 e 2014: 382 textos correspondentes à 1950 e 967 publicações correspondentes à 2014, totalizando 1.349 textos jornalísticos analisados.

Os três primeiros objetivos específicos desta pesquisa (a, b, c) foram cumpridos nos três primeiros capítulos teóricos. Em relação ao primeiro objetivo específico, as associações entre a narrativa e o jornalismo se apresentam na construção e sucessão de microeventos na unidade de uma mesma ação, unindo episódios, ordenando antecedentes e consequentes, relacionando e encaixando personagens, ou seja, agenciando microeventos no processo de tessitura da intriga como uma composição integral com começo, meio e fim (RICOEUR, 1995; MOTTA, 2013). Como o jornalismo é compreendido enquanto conhecimento social construtor de realidades, recria narrativas que reforçam ou apagam determinados mapas culturais de significados (BENETTI, 2006), seguindo uma estrutura narrativizada que possibilita a compreensão de eventos e acontecimentos integrais, instaurando códigos de reconhecimento compartilhados.

As narrativas jornalísticas acionam elementos de constituição das narrativas que se configuram como determinantes para a estrutura da estória – segundo objetivo específico. Deste

modo, as narrativas se estruturam a partir de acontecimentos (tema e assunto que compõem uma estória), com um conflito vivido por personagens (protagonistas, antagonistas e coadjuvantes), em tempos e espaços determinados. Essa estória é contada de modo serializada por um narrador, a partir de um foco narrativo, estritamente relacionado ao enredo (GANCHO, 2002; CARDOSO, 2001; PINNA, 2006).

No que se refere às significações possíveis das narrativas jornalísticas de derrota, também relacionada à relevância cultural do futebol no Brasil, apresentou-se a representação do futebol como elemento integrante da cultura brasileira e o investimento da narrativa jornalística nos excessos e na representação das emoções quando se trata da seleção brasileira – correspondente ao terceiro objetivo específico. Em períodos como as Copas do Mundo, o jornalismo se torna um espaço de reforço das narrativas de identidade nacional, de uma suposta brasilidade e de um estilo de jogo “tipicamente brasileiro” (HELAL, 2003). Quando se trata da derrota, além da cultura do excesso, se estabelece uma busca por explicações e culpados permeada de subjetividades (COSTA, 2008).

A partir da análise da cobertura jornalística e da análise pragmática da narrativa, são efetuados os três objetivos específicos restantes (d, e, f). Acerca da identificação dos componentes de narratividade (das marcas de apuração e composição) e da recomposição de uma estrutura narrativa integral – quarto e quinto objetivos específicos –, constatou-se que na primeira Copa do Mundo realizada no Brasil, o tema da narrativa consistia no Brasil e a Copa do Mundo de 1950, enquanto o assunto desdobrou-se na trajetória da seleção brasileira até a derrota.

Ao analisar as 382 publicações de O Globo em 1950, identificou-se que a intriga ou enredo se referia à trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950, uma vez que este é o acontecimento (o conjunto universo) narrado, constituído por fatos marginais que evoluem ao longo da narrativa. O conflito – a participação da seleção brasileira na primeira Copa do Mundo realizada no país – estabeleceu os episódios que projetaram sequências lógico-temporais e microeventos desenvolvidos pelas ações de personagens. Assim, reconheceu-se que a narrativa de O Globo de 1950 se dividiu em nove episódios: 1) a fase preparatória inicial e a expectativa aflorada, 2) a concentração em Araxá, 3) a viagem observacional à Europa, 4) a Copa Rio Branco e a Taça Oswaldo Cruz, 5) a etapa final da preparação: concentração no Joá, 6) a organização para o início e convocação, 7) a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo, 8) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: as goleadas, 9) a derrota. Cada episódio apresentou ações relativamente autônomas, mas que conferiram configuração à narrativa quando integrados entre si.

O desenrolar destes episódios é conduzido pelos personagens, sendo que os principais gravitaram em torno da seleção, dado o acontecimento-intriga da narrativa, por isso os jogadores da seleção brasileira e o técnico Flávio Costa foram identificados como os protagonistas da estória. O treinador foi apresentado pelo jornal com características valorizadas naquele contexto sociocultural – como a civilidade, a serenidade e o respeito aos adversários – , transfigurando-se em anti-herói, já que obteve tais qualificações ao longo da estória. A força que impede os protagonistas de alcançar o objetivo final é o antagonista, representado pelo ambiente de euforia, otimismo e assédio que invadiu a concentração dos jogadores e estimulou o desenlace, a derrota brasileira. Além do ambiente, a posição de vilão foi assumida pelos jogadores Bigode e Barbosa, eleitos os responsáveis pela derrota dentro de campo. Por fim, os coadjuvantes são representados pelos torcedores da seleção brasileira, quando surgiram na estória como elementos de importância singular no auxílio dos protagonistas no alcance ao objetivo. Tais personagens conduzem a estória, episódio após episódio, até o clímax, a final entre Brasil e Uruguai em busca do objetivo (a conquista do campeonato mundial), e, finalmente, ao desenlace da estória – a derrota inesperada, inimaginada e dolorosa.

Ainda em relação ao quarto e quinto objetivos específicos, mas agora relacionados à 2014, identificou-se que na segunda Copa do Mundo realizada no país, o tema da narrativa se referia ao Brasil e a Copa do Mundo de 2014 e o assunto relacionava-se à trajetória da seleção brasileira até a derrota. A partir das 967 publicações de O Globo, se reconheceu o Brasil na Copa do Mundo de 2014, a segunda realizada no país, como a intriga ou enredo da narrativa. Este acontecimento-intriga se encontrava constituído por microeventos que evoluíram ao longo da narrativa, identificados a partir de nove episódios: 1) expectativa para a “Copa das Copas” e perspectiva de triunfalismo, 2) performances dos possíveis convocados, 3) divulgação e análise da lista de convocados e suas trajetórias, 4) preparação para a Copa do Mundo: treinamentos e amistosos, 5) a fase inicial do Brasil na Copa do Mundo: as inconsistências, 6) a fase final do Brasil na Copa do Mundo: esperança efêmera, 7) Brasil no divã: o descontrole emocional, 8) a queda do herói: lesão de Neymar, 9) derrota por 7 a 1: a maior da história.

O conflito que permitiu a estruturação e o desenrolar da narrativa consistiu na trajetória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014 e a possibilidade de superação da derrota de 1950. O Globo construiu a ideia de que a conquista de 2014 poderia, enfim, cicatrizar a ferida aberta no primeiro Mundial. Os jogadores da seleção brasileira são os protagonistas, sendo acompanhados, descritos e analisados em cada episódio. O principal protagonista é o jogador Neymar, que se apresenta como herói por possuir características superiores às de seu grupo, sendo recorrentemente descrito como o único herdeiro legítimo do futebol brasileiro. É ele o

responsável pelo ponto de virada da estória: quando lesiona a terceira vértebra lombar, a narrativa toma outro rumo, e O Globo sustenta a possibilidade esperançosa de que os demais jogadores chegariam à final por Neymar e que ele, como herói mítico, faria diferença mesmo sem estar no gramado do Mineirão.

Quem se esforça para impedir os protagonistas de chegar ao objetivo final na narrativa construída em 2014 é a circunstância de atraso do futebol brasileiro, elemento personificado que conduz o enredo em direção à conclusão. De modo específico, a circunstância de atraso e descaracterização do futebol brasileiro é o antagonista da estória. Além disso, outro antagonista se refere à comissão técnica, especificamente personificada no técnico Luiz Felipe Scolari, transfigurado em vilão, por apresentar comportamento vil e indecoroso, relacionando suas ações, comportamentos e declarações como determinantes para o fracasso brasileiro. Já o papel de coadjuvante foi ocupado por dois jogadores da seleção brasileira, David Luiz e Oscar, responsáveis por auxiliar o herói. Especialmente a partir do ponto de virada, os dois jogadores foram representados como possíveis substitutos do protagonista-herói Neymar – Oscar o substituiria na condução da equipe em campo, na esperança de gols e criação de jogadas; David Luiz o substituiria na relação com a torcida e na liderança em campo. As ações destes personagens conduzem a estória até o seu clímax, a disputa entre Brasil e Alemanha pela vaga na final da Copa do Mundo de 2014, e, enfim, ao seu desenlace – a maior derrota em 100 anos de história.

Acerca dos significados metanarrativos da derrota nas narrativas jornalísticas de O Globo (sexto objetivo específico), verificou-se três categorias que coadunam para a formação da metanarrativa em 1950: 1) a Copa do Mundo como forma de mostrar-se ao mundo, 2) a derrota inimaginada e a morte do futebol brasileiro, 3) o alcance do objetivo apesar da derrota.

O primeiro aspecto da metanarrativa da estória contada em 1950 referia-se à conquista da Copa do Mundo como forma de o Brasil mostrar-se ao mundo e reafirmar-se a si mesmo. Desta forma, a estória construída demonstrou-se dedicada em associar a conquista do Mundial, as exibições elogiosas da seleção e da torcida, às formas de projetar a imagem de um Brasil vitorioso para o exterior. Por isso, dedicou-se a orientar pedagogicamente os torcedores sobre a necessidade de portar-se educadamente e civicamente nas arquibancadas. A narrativa também sustentou a ideia de uma suposta integração e unificação nacional possibilitada pelo apoio à seleção nacional.

O segundo aspecto da metanarrativa da estória contada pelo O Globo em 1950 referiu-se à derrota inimaginada e a morte do futebol brasileiro. O Globo apresentou o otimismo e a certeza na conquista como condicionantes à derrota, representada como a morte, descrita de

modo fúnebre e dramático. A derrota assumiu contornos de drama: foi tragédia, fracasso, infelicidade, desespero fatídico, incredulidade silenciosa; e sustentou a compreensão de que o otimismo em excesso e o favoritismo levaram à derrota, explicando que o Brasil perdeu por si mesmo. A relação causal (otimismo/favoritismo – derrota) aparece reforçada pela série “A batalha perdida na véspera”, em que são apresentados o excesso de otimismo, em conjunto com o assédio irrestrito aos jogadores, como explicações. Portanto, a derrota ensinava sobre a prepotência, representava uma lição a ser aprendida acerca da presunção da vitória como garantida.

O terceiro e último aspecto da metanarrativa de 1950 referiu-se ao alcance do objetivo apesar da derrota. A estória construída pelo O Globo apresentou como desfecho a concepção de que o Brasil conquistara o objetivo simbólico da Copa do Mundo apesar de perder a partida. Portanto, O Globo construiu a percepção de que embora a derrota representasse a morte do futebol naquele instante e acarretasse em uma tristeza profunda, no aspecto extracampo a derrota resultou em admiração ao país pelo restante do mundo, em virtude da esportividade, civilidade e respeito do povo brasileiro e das características singulares do futebol nacional apresentadas durante a competição.

Neste mesmo objetivo específico, as metanarrativas encontradas na estória construída pelo jornal O Globo em 2014 se referiram a três categorias: 1) as duas Copas do Mundo: dentro e fora de campo – o revés antes do princípio, 2) a pior derrota da história da seleção e a remissão de 1950, 3) o diagnóstico da perda da identidade como possibilidade de ressurreição.

O primeiro aspecto da metanarrativa da estória contada pelo O Globo em 2014 referiu-se à dualidade apresentada pela Copa do Mundo naquele ano, indicando que ela estava dividida na Copa da organização e na Copa do futebol, ou seja, na Copa do Brasil-sede e na Copa da seleção brasileira de futebol. Com isso, anunciou a derrota no aspecto extracampo antes mesmo da competição ser iniciada, em virtude dos problemas de organização, no atraso e superfaturamento das obras, e empenhou-se em apresentar a equipe brasileira como favorita ao título, orientando pedagogicamente os torcedores sobre o apoio à seleção. Em virtude de um afastamento do torcedor e a seleção nacional, O Globo descreveu os jogadores de maneira narrativizada a fim de relacionar os protagonistas ao país e sua brasilidade, buscando reconstruir a unidade nacional.

O segundo aspecto da metanarrativa concerne à pior derrota da história da seleção como remissão de 1950. Deste modo, a derrota por 7 a 1 foi referenciada como a morte do futebol brasileiro, causada pela humilhação e pela vergonha, uma vez que a derrota foi classificada como “a pior dos 100 anos de história da seleção”. A derrota para a Alemanha

apareceu acompanhada de escolhas textuais que remetem a sentidos de “vergonha” e “humilhação”, se referindo a ela como tragédia, massacre, catástrofe, desastre. Na narrativa, os 7 a 1 foram atravessados pela surpresa, pela dor da humilhação, mas também pela ironia e pelo deboche. A narrativa da derrota em 2014 foi perpassada pela derrota de 1950, uma vez que instituiu que os 7 a 1 redimiram os jogadores brasileiros derrotados pelo Uruguai e fizeram com que o Brasil conservasse um novo trauma, maior e mais significativo. Deste modo, O Globo compôs a narrativa de que a derrota para a Alemanha era mais dramática, humilhante e vergonhosa que a derrota para o Uruguai, o que conduziria a superação do resultado de 1950, que passa a ser entendida como uma “derrota honrosa” diante do novo trauma.

O terceiro aspecto da metanarrativa referiu-se ao diagnóstico da perda da identidade do futebol brasileiro como possibilidade de ressurreição. A estória construída apresentou como desfecho o diagnóstico acerca dos problemas do futebol brasileiro, apresentando a derrota como o episódio que permitiu a tomada de consciência sobre as lacunas do futebol nacional. Neste sentido, para além dos erros cometidos pela comissão técnica, especialmente pelo técnico Felipão (a falta de treinamentos, a pressão psicológica nos jogadores e a insistência em um único esquema tático), o jornal dispôs uma série de erros cometidos pelo futebol nacional ao longo de anos, como a falta de estrutura nas divisões de base, o atraso dos técnicos e dos dirigentes da CBF e a saída prematura dos jogadores para o exterior sem concluir sua formação no Brasil. Tais lacunas foram diagnosticadas alicerçando a necessidade de atualização, reformulação e reestruturação do futebol brasileiro. Um dos aspectos centrais deste diagnóstico foi a citação à perda da identidade do futebol do Brasil, especificamente a partir da reflexão sobre a necessidade de uma reformulação na formação dos jogadores. De acordo com a narrativa construída pelo O Globo, a retomada desta identidade faria com que o futebol brasileiro renascesse e a seleção brasileira retomasse seu caminho de vitórias.

Em vista disso, foram identificadas as narrativas construídas, os elementos estruturantes em cada uma delas e os significados integrados acerca da derrota, o que corresponde ao objetivo geral desta pesquisa. Ao aproximar a configuração das narrativas das duas Copas do Mundo realizadas no país, conclui-se que o início das estórias se dá pela apresentação da competição e sua expressividade para o Brasil e para o mundo.

Em 1950 a Copa do Mundo foi representada como forma de o Brasil mostrar-se vitorioso para os demais países, o que o fez guiar pedagogicamente os torcedores a comportamentos cívicos e respeitosos nas arquibancadas. A possibilidade de afirmação no cenário internacional orientou O Globo na condução de uma narrativa que aliou o desempenho do Brasil em campo e o respeito dos torcedores à interpretação sobre a capacidade e as

virtuosidades do país. A representação para si mesmo, também pretendida pelo jornal, ancorou-se na apresentação de uma suposta integração e unidade nacional. Em 2014 a estória se inicia sob a mesma apresentação, mas a Copa é denotada em duas: dentro e fora de campo; a fim de separar os problemas organizacionais e a participação da seleção brasileira nos gramados. Conforme a narrativa desenvolvida, a derrota da Copa disputada fora de campo mostrava ao mundo o tipo de nação que o Brasil elegeu construir e não o que pretendia ser, em clara crítica às escolhas governamentais. Já as orientações pedagógicas foram direcionadas ao torcedor, reforçando a necessidade de apoio à seleção dentro de campo, reconstruindo o sentido de pertencimento nacional em torno da equipe.

As trajetórias da seleção brasileira são intrinsecamente distintas até o clímax da estória. Apesar da inconstância da equipe durante a preparação de 1950, na competição o Brasil foi representado como imbatível, sendo inconcebível outro resultado que não a vitória. À vista disso, a derrota foi designada como inimaginável, como a morte do futebol brasileiro, associada ao desespero, às lágrimas, ao silêncio e ao clima fúnebre. A partir de uma estrutura dramática da derrota, a narrativa constrói a ideia de um sentimento coletivo que afetava o país como um todo e investigou minuciosamente as causas da derrota, alertando para o ambiente de assédio e otimismo como lições a serem aprendidas.

Na segunda Copa do Mundo realizada no país, a fase preparatória se inicia com a criação de um ambiente esperançoso. No entanto, a partir das atuações inconstantes na competição, passam a ser questionadas a qualidade da equipe e as escolhas táticas do técnico. Com a lesão de Neymar, o ponto de virada da estória, se inicia a retomada do ambiente de otimismo, que acaba com a derrota por 7 a 1, apresentando-a como a morte do futebol nacional, associada à uma tristeza transpassada pelo espanto, vergonha e humilhação. A estória ganhou contornos de drama, mediada pela dor, pela humilhação e pela vergonha. Com associações à derrota de 1950, O Globo construiu o imaginário de que a derrota no primeiro Mundial se tornara honrosa diante dos 7 a 1. Portanto, as publicações minimizaram o significado da derrota de 1950 e maximizaram o significado da derrota de 2014, considerando-a mais dolorosa, humilhante e vexatória. A partir da busca por explicações, elencou os problemas estruturais do futebol nacional e a comissão técnica como causas e lições da derrota. Assim, O Globo a apresentou como a morte do futebol brasileiro, dada a perda da identidade deste futebol, a partir de uma narrativização perplexa e dramática.

O desenlace das narrativas de derrota trata de uma lição a ser aprendida, com episódios encadeados em sequência com princípios de causa e consequência. Em 1950, O Globo determinou em sua estória que a derrota ensinava sobre a prepotência e a imodéstia,

representando-a como uma lição acerca da presunção da vitória como garantida, assim como mostrou o saldo de aprendizado no aspecto extracampo, apesar da derrota: O Globo construiu o desfecho de que o Brasil havia conquistado o objetivo simbólico da competição, a saber, a admiração do restante do mundo diante da demonstração do “verdadeiro povo e futebol nacional”.

No tocante à final da narrativa de 2014, a derrota foi significada como o episódio que possibilitou o conhecimento das falhas do futebol nacional, como lição sobre os atrasos e deficiências que resultaram na perda da identidade do futebol brasileiro. Ao dispor o diagnóstico das causas da derrota, conduziu à lição sobre a urgência de uma reestruturação profunda que asseguraria a ressurreição do futebol brasileiro.

Neste sentido, conclui-se que na estória sobre o Maracanazo a morte do futebol brasileiro e o clima fúnebre se dão pela derrota inimaginada, dada a convicção esperançosa na vitória. Enquanto a narrativa do Mineiraten trata da morte do futebol brasileiro e do clima fúnebre pela derrota inimaginada, dada a expressividade do placar e a perda da identidade e da singularidade do futebol brasileiro. As derrotas foram construídas pelas narrativas de O Globo como derrotas para si mesmo: para o otimismo e a presunção; para o atraso e a perda identitária. As lições descritas e analisadas pelo jornal ofereceram um sentido pedagógico à derrota, a fim de reestabelecer o futebol nacional e renascer a seleção brasileira – se em 1950 se fortalece a singularidade do futebol praticado no país, como emblema do “ser brasileiro”, em 2014 se desconstrói a percepção de “país do futebol”, justamente pela perda desta identidade.

Deste modo, as narrativas significam a derrota dentro de enquadramentos habituais e familiares, mantendo-as em circulação como parte de um depósito comum já construído e conduzindo à uma espécie de repetição, a partir do significado consensual da derrota (universo simbólico partilhado na mimese I – mundo pré-figurado). À vista disso, a derrota é significada como morte social causada pelos próprios brasileiros, também em universos extracampo, vista como aprendizado e como lição que permitiria o “renascimento” do futebol brasileiro.

Portanto, finalmente, entende-se que a pesquisa realizada cumpre com os objetivos propostos (Apêndice C), responde ao problema de pesquisa e apresenta uma contribuição para os estudos acerca da derrota e das narrativas jornalísticas, na medida em que amplia a área de investigação do jornalismo esportivo de derrota ao associá-lo às estruturas da narrativa e aos elementos de narratividade, embora admita-se que não existam análises completas e permanentes, tendo em vista que outras escolhas teóricas e metodológicas permitem outros complementos, aperfeiçoamentos e, inclusive, outras estórias e outras narrativas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen Cristina Kraemer. **Caminhos da Copa**: um olhar sobre o roteiro eurocêntrico da Fifa e o Brasil do futebol. 215 f. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2015.
- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1994.
- ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AMORIM, Paulo Henrique; PASSOS, Maria Helena. **Plimplim**: a peleja de Brizola contra a fraude eleitoral. São Paulo: Conrad, 2005.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**: reflection on origin and spread of nationalism. London: Verso, 1991.
- ARAÚJO, Bruno Bernardo. A narrativa jornalística e a construção do real: como as revistas *Veja* e *IstoÉ* trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-27, 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARÊAS, João Braga. **Batalhas de O Globo (1989-2002)**: o neoliberalismo em questão. 359f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Discurso da comunicação: encontro entre ficção e realidade. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 12, n. 3, p. 23-34, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37655>. Acesso em: 11 fev. 2018.
- BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios**: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Rogério Monteiro. A tríplice concepção de mimese de Paul Ricoeur e a narrativa jurídica. In: ENCONTRO PREPARATÓRIO PARA O CONGRESSO NACIONAL, 17, 2008. **Anais** [...] Florianópolis: Boiteux, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARON, Jaime. **O jornal “O Globo” como porta-voz das posições políticas da família Marinho, ontem e hoje**. 409 f. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2015.

BARROS, José D’Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, Canoas, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 13 fev. 2018.

BARTHES, Roland. A atividade estruturalista. In: COELHO, Eduardo Prado (Org.). **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Lisboa: Portugalia, 1968. p. 19-27.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BATISTA, Cicélia Pincer. **Um cipóal de sentidos**: comunicação, experiência e as possibilidades da assinatura coletiva na narrativa jornalística. 146 f. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BENETTI, Marcia. Data and reflections on three Journalism Environments. **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/36>. Acesso em: 07 jan. 2018.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 14, p. 1-11, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4251>. Acesso em: 07 jan. 2018.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert Ward. Mitos, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.

BIRMAN, Joel. Frente e verso: o trágico e o cômico na desconstrução do poder. In: SLAVUTZKY, Abrão; KUPERMANN, Daniel (Orgs.). **Seria trágico... se não fosse cômico**: humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 81-109.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista Brasileira Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/541>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil. **Histórica**, São Paulo, ed. 24, s.d. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao24/materia02/texto02.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

BOYLE, Raymond; RAYNES, Richard. **Power Play**: sport, the media and popular culture. Edinburgh: Pearson Education Limited, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório da Avaliação Quadrienal 2017**: Comunicação e Informação. Brasília: MEC/CAPES, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-Comunicacao-quadrienal.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BREMOND, Claude. La logique des possibles narratifs. **Communications**, n. 8, v. 1, p. 60-76, 1966. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1115. Acesso em: 11 fev. 2018.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten**: imprensa e representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Curitiba: Prismas, 2016.

BROHM, Jean Marie. La violence suicidaire du sport de compétition: compétitions suicidaires et suicides compétitifs. In: BAILLETTE, Frédéric; BROHM, Jean Marie. (Org.). **Critique de la modernité sportive**. Paris: Les Éditions de la Passion, 1995.

BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination**. New Haven and London: Yale University Press, 1995.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Madrid: Alianza, 1998.

BUITONI, Dulcília. Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Outras leituras**: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem inteligente. São Paulo: Itáu Cultural, 2000. p. 55-72.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2007.

CAMPOS, Anderson Gurgel. A construção do 7x1 como símbolo: apontamentos sobre a gestão da imagem nos ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos. In: INTERCOM, 39, 2015. **Anais** [...] Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4028029.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. Inserção externa e vulnerabilidade no governo Lula. In: PASSARINHO, Paulo. **Os anos Lula**: contribuições para um balanço crítico (2003-2010). Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 109-130.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto**: por um tempo de “PÁS” (Programa de Avaliação Seriada). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CARVALHO, Carlos Alberto. A tríplice mimese de Paul Ricoeur como fundamento para o processo de mediação jornalística. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 2010, 19. **Anais** [...] Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt9_carlos_%20alberto_carvalho.pdf. Acesso em: 15 abr. 2018.

CARVALHO, Carlos Alberto. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 169-187, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48057>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CASADEI, Eliza Bachega. **Os códigos padrões de narração e a reportagem**: por uma história da narrativa do jornalismo de revista no século XX. 467 f. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes; MARCHI JR, Wanderley. Do céu ao inferno: narrativas sobre a performance da seleção brasileira de futebol no jornal Folha de São Paulo (2013-2014). **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 365-377, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/56902>. Acesso em: 11 jan. 2018.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CIRANI, Cláudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. **Avaliação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v20n1/1414-4077-aval-20-01-00163.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. **Os cinquenta maiores jogos das Copas do Mundo**. São Paulo: Panda Books, 2006.

COMMUNICATIONS. L'analyse structurale du récit, n. 8, v. 1, 1966.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 435 f. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Aproximações e distanciamentos entre as Copas de 1950 e de 2014: apontamentos sobre transformações no futebol e no Brasil. **Record**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-24, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/2301>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CORREIA, Eduardo Luiz. **História e ficção na narrativa de um escândalo midiático**. 410 f. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2012.

COSTA, Izabel Cristina Gomes da. **Troca de sinais: uma análise histórica da leitura do jornal O Globo sobre as reformas da União Soviética (1985-1991)**. 147 f. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. 159 f. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Leda. Os heróis e os vilões do futebol. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. **Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol**. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 173-196.

COSTA, Leda Maria da. Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa. **Triade: comunicação, cultura e mídia**, Sorocaba, v. 4, n. 7, p. 126-149, jun. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2472>. Acesso em: 15 jun. 2017.

COSTE, Didier. A tale of two dictionaries. **Poetics Today**, v. 11, n. 2, p. 405-410, 1990.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. 346 f. 2016. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982. p. 19-21.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v19n40/a02v19n40.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: les sens d'une vie**. Paris: Le Découverte, 1997.

ECO, Umberto. **A falação esportiva: viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ESSENFELDER, Renato. Hibridismos narrativos: recursos literários na grande reportagem contemporânea. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 37-54, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v40n3/1809-5844-interc-40-3-0037.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.

FARRÉ, Marcela. **El noticiero como mundo posible: estrategias ficcionales en la información audiovisual**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

FAYOL, Michel. **Le récit et as construction**. Lausanne, Delachauw & Niestlé, 1985.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Revista Educação e Realidade: cultura, mídia e educação**, v. 22, n. 2, p. 59-79, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FONSECA, Daniel. **Não dá para não ver: as mídias nas manifestações de junho 2013**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2013.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. 398 f. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. **Revista de História**, São Paulo, v. 54, n. 163, p. 243-274, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19178>. Acesso em: 20 ago. 2017.

FRASSON, Antonio Carlos; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro de. **Metodologia de pesquisa científica**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2009.

FREIRE, Mariana Baltar. **Realidade lacrimosa: diálogos entre o universo do documentário e a imaginação melodramática**. 278 f. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. **No meio do caminho**: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. 320 f. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GASTALDO, Édison. Um tempo para jogar: o “ser brasileiro” na publicidade da Copa do Mundo de 1998. **Campos**, Curitiba, v. 1, p. 123-146, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1571>. Acesso em: 11 jan. 2018.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume, 2002.

GASTALDO, Édison. Crônicas da Pátria Amada: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva. **Antropolítica**, Niterói, n. 19, p. 147-163, 2005. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cronicas-da-patria-amada-futebol-e-identidades-brasileiras-na-imprensa-esportiva.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

GASTALDO, Édison. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 22, p. 352-369, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n22/n22a13.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3.ed. Lisboa: Vega, 1995.

GENETTE, Gérard. **Nuevo discurso del relato**. Madrid: Cátedra, 1998.

GIGLIO, Sergio Settani. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 162 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODMAN, Nelson. Twisted tales; or, story, study and symphony. In: MITCHEL, W. J. T. (Org.). **On narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

GUEDES, Simoni. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

GUEDES, Simoni. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspense” e história. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 13, 2002. **Anais** [...] Gramado: 2002.

GUEDES, Simoni. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspense” e história. **Aquinate**, v. 2, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/textos/o-brasil-nas-copas-do-mundo-tempo-suspense-e-historia/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

GUEDES, Simoni. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; DE MELO, Victor Andrade (Org.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 453-480.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o Futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Proj. História**, São Paulo, v. 29, tomo 1, p. 267-279,

dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>. Acesso em: 10 jan. 2018.

HALL, Stuart. The narrative construction of reality: an interview with Stuart Hall. **Southern Review**, col. 17, n. 1, 1984.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.). **Representation**. Cultural representations and signifying practices. London: Oaks/New Delhi, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p. 224-248.

HELAL, Ronaldo. Futebol, cultura e cidade. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-7, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13369>. Acesso em: 13 jan. 2018.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/midia-construcao-da-derrota-e-o-mito-do-heroi-2/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/a-construcao-de-narrativas-de-idolatria-no-futebol-brasileiro-2/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 11-37, mar. 2011. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/208>. Acesso em: 13 jan. 2018.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31, 2008. **Anais** [...] Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/pra-frente-brasil-comunicacao-e-identidade-brasileira-em-copas-do-mundo/>. Acesso em: 16 jun. 2018.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, XII, 2003, Recife. **Anais** [...] Recife: Compós, 2003. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/014338_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf. Acesso em: 16 jun. 2018.

HERMAN, David. **Narratologies**: new perspectives on narrative analysis. Columbus: Ohio State Univ Press, 1999.

HERMAN, David. **Narrative theory and the cognitive sciences**. Stanford: CSLI Publications, 2003.

HERMAN, David; JAHN, Manfred; RYAN, Marie-Laure. **The Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005.

HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOHLFELDT, Antonio; STRELOW, Aline. Metodologias de pesquisa. O estado da arte no campo do jornalismo. In: SBPJOR, 5, 2007. **Anais [...]** Aracaju: SBPJor, 2007.

INTERVOZES – COLETIVO BRASIL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Vozes silenciadas, mídia e protestos: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo**. São Paulo: Intervezes, 2014.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LANZA, Sonia Maria. **As narrativas jornalísticas**. Memória e melodrama no folhetim contemporâneo. 156 f. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. (Orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 25-48.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O homem nu**. Mitológicas IV. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e modernidade: formas das sombras**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LISBOA, Fábio Aguiar. **Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira**. 134 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LÍVIO, Tito. A derrota da cidade do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 set. 1947, p. 33.

MACHADO, Elias; ROHDEN, Julia. Metodologias de pesquisa aplicadas ao jornalismo: um estudo dos trabalhos apresentados na SBPJor (2003- 2007). **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 1, 2016. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/828>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MACHADO, Elias; SANT'ANA, Jéssica. Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo: Um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da COMPÓS (2000-2010). **Pauta Geral – Revista Brasileira de Jornalismo**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/5917>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MANDELL, Richard. **Historia cultural del deporte**. Barcelona: Bella-terra, 1986.

MARANHÃO, Thiago. O Mulatismo Flamboyant: apropriações do futebol como expressão da formação social brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 16, 2011. **Anais ANPUH [...]** São Paulo: 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300981442_ARTIGOANPUH-USP-TIAGOMARANHAO.pdf. Acesso em: 28 out. 2018.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. **“O caneco é nosso”**: futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970. 247 f. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: WILTON, M. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. A Copa do Mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 10-21, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/11490>. Acesso em: 11 jan. 2017.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. São Paulo: Atlas, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Media & Jornalismo**, Coimbra, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2002.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Praga a Paris**: uma crítica ao estruturalismo e do pensamento pós-estruturalista. Tradução de Ana Maria de Castro Gibson. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MESQUITA, Mário. **O quarto equívoco**: o poder dos media na sociedade contemporânea. Coimbra: Minerva, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18875>. Acesso em: 11 out. 2017.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Futebol, identidade nacional e construções midiáticas**: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde. 186 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MOTA, Célia Maria dos Santos Ladeira. **Representações da identidade nacional na notícia da TV**. 329 f. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma antropologia da notícia. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 25, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/418>. Acesso em: 21 out. 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVIII, 2005, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Contracampo**, (UFF), Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 23-49, 2005b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17384>. Acesso em: 11 out. 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia**: teoria e análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2005c.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativa jornalística e conhecimento imediato do mundo: construção cognitiva da história do presente. In: COLÓQUIO ESPANHA/BRASIL DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO, 4, 2006. **Anais** [...] Málaga: Intercom, 2006a.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do fantástico**. São Leopoldo: Unisinos, 2006b.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-25, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3461>. Acesso em: 10 out. 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade? In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219-241.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1067>. Acesso em: 11 out. 2016.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NASCIMENTO, Edônio Alves. Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 63-85, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/5678/5140>. Acesso em: 20 dez. 2019.

NONATO, Cláudia; LAGO, Cláudia. A pesquisa em pós-graduação no jornalismo a partir da base de dados dos congressos SBPJor (2014 a 2016). **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p22>. Acesso em: 21 out. 2018.

OCHS, Elinor. Narrative. In: DIJK, Teun. A. Van. **Discourse as structure and process**. London: Sage Publication, 1997.

OLIVEIRA, Aline Sobreira de. Notas sobre a teoria estruturalista do gênero fantástico de Tzvetan Todorov. **ReVeLe**, n. 3, p. 1-16, ago. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/3881>. Acesso em: 11 out. 2017.

OLIVEIRA, Sofia Luisa Moutinho de; MASSARANI, Luisa; AMORIM, Luis Henrique. Ciência sob embargo: um estudo de caso dos jornais O Globo e Folha. **E-compós**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/25041>. Acesso em: 11 jan. 2018.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PACHECO, Leonardo Turchi. **Marcas da derrota: gênero e envelhecimento nas Copas do Mundo entre 1950 e 1982**. 2008. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PACHECO, Leonardo Turchi. **Tragédias, batalhas e fracassos: as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950-1982)**. Goiânia: Cânone Editorial, 2010.

PAGNAN, Celso Leopoldo. Estruturalismo e narrativa. **Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 65-74, jun. 2007. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/index.php/ensino/article/view/1054>. Acesso em: 18 jan. 2017.

PELLEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac/Instituto Itaú Cultural, 2003.

PENARIOL, Júlio César. **Copa do Mundo de Futebol de 1950**: critérios de noticiabilidade e análise de conteúdo da cobertura realizada pelo jornalismo de revista brasileiro. 190 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2015.

PENKALA, Ana Paula. O sujeito no interior do enunciado e as narrações do mundo: problematizando as narrativas jornalísticas e imagéticas. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-16, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3462>. Acesso em: 19 jun. 2018.

PERDIGÃO, Paulo. **A anatomia de uma derrota**. São Paulo: L&PM, 2000.

PEREIRA, Manuel Luís. Petrik; WAINBERG, Jacques. Estado da arte da pesquisa em Jornalismo no Brasil: 1983-1997. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 11, dez. 1999. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3049>. Acesso em: 11 out. 2017.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. **Animadas personagens brasileiras**: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro. 452 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, São Paulo, n. 100, p. 119-153, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n100/1807-0175-ln-100-00119.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.

PIRES, Julie; LIMA, Renata Vilanova. **Teoria e prática da leitura, apreensão e produção de texto**: para um tempo de “PÁS” (Programa de Avaliação Seriada). São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

PONTE, Cristina. **Leituras das notícias**: contributos para uma análise do discurso jornalístico. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene da. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 50-64.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

QUADROS, Mírian Redin de; AMARAL, Márcia Franz. Análise Crítica da Narrativa aplicada ao radiojornalismo: uma proposta de adaptação metodológica. **Triade – comunicação, cultura e mídia**, Sorocaba, v. 5, n. 9, p. 82-97, jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2958>. Acesso em: 05 jan. 2018.

REIS, Carlos. Narratologia(s) e teoria da personagem. **Revista Desenredo**, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/505>. Acesso em: 05 jan. 2018.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, Fernando. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Org.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**. São Paulo: Difel, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da História. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003. p. 87-111.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo II. Campinas: Papyrus, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RUBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 86-91, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a12v18n1.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2018.

RUBIO, Kátia. **O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Letícia Cantarella. **História da comunicação: experiências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

SALLES, Walter. Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 39, n. 124, p. 259-278, 2012. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1805/2123>. Acesso em: 12 set. 2017.

SANTI, Vilso Junior. O desafio da apuração jornalística no ciberespaço. **Famecos**, Porto Alegre, n. 24, v. 2, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/famecos/article/view/9023>. Acesso em: 16 out. 2018.

SANTOS, Leonor Werneck; AFFONSO, Lucas Torres. Jornalismo esportivo e audiência: a linguagem do programa Globo Esporte. **Ecos da Linguagem**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-22, 2013. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_ecos/1a22.pdf. Acesso em: 14 dez. 2017.

SANTOS, Mariângela Ribeiro dos. **O futebol na agenda do governo Lula: um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014**. 220 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n71/a12v27n71.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SILVA, Dacio Renault da. **Jornalismo e História: o jornalista como historiador do presente**. 214 f. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILVA, Gislene. Problemática metodológica em jornalismo impresso. **Rumores**, São Paulo, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51126>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 250 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, ano 5, v. 10, p. 18-36, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51250>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. O jornalismo como tradução: fabulação narrativa e imaginário social. **Galáxia**, São Paulo, n. 26, p. 110-121, dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/13081>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SLEMENSON, Maria Mulé. **Humor: defesa ou sublimação?** 106 f. 2007. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 61-78, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6578>. Acesso em: 16 out. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SOARES, Rosana de Lima. Pequeno inventário de narrativas midiáticas: verdade e ficção em discursos audiovisuais. **Significação**, São Paulo, n. 34, p. 55-72, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/68122>. Acesso em: 10 out. 2017.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA JUNIOR, Walter de. Apropriações melodramáticas: o caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 11, n. 2, p. 197-206, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37580>. Acesso em: 11 set. 2018.

SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entre em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Li-C. S. C. Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica. **Lamina**, Recife, n. 1, 2005.

STRELOW, Aline. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 67-90, dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/22405>. Acesso em: 09 out. 2018.

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE, Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 37, v. 3, p. 258-264, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n3/0101-3289-rbce-37-03-0258.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

TEIXEIRA, Célia Regina. O “Estado da Arte”: a concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação: currículo (1975-2000). **Cadernos de Pós-Graduação – Educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2006.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama**. Trad. Cláudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TOGNOLLI, Cláudio. **A sociedade dos chavões: presença e função do lugar-comum na comunicação**. São Paulo: Escrituras, 2001.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999. p. 258-262.

VASCONCELLOS, Karina Menezes. **Holocausto Brasileiro: uma análise crítica da narrativa jornalística**. 70 f. 2014. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

VIEIRA, André Guirland. Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 3, p. 599-608, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v14n3/7845.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982. p. 75-114.

VOGEL, Daisi. A ficção do relato jornalístico. **Caligrama**, São Paulo, v. 1, p. 8, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56676>. Acesso em: 22 dez. 2017.

WERLANG, Hector. Ondino Viera: o uruguaio que mudou o Flu e que Abel tenta superar. **Globo Esporte**, 09 maio, 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/ondino-viera-o-uruguaio-que-mudou-o-flu-e-que-abel-tenta-superar.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2019.

WHITE, Hayden. The value of narrativity in the representation of reality. In: MITCHELL, William John Thomas. (Org.). **On narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no Jornalismo em rede: A Copa do Mundo de 2014 no Twitter**. 218 f. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

APÊNDICE A – ESTADO DO CONHECIMENTO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Expandindo-se para além da teoria literária, passa-se a utilizar as narratologias em uma multiplicidade de áreas. No que se refere à área da Comunicação, mais propriamente ao Jornalismo, diversos autores (TRAQUINA, 1999; MOTTA, 2013; SILVA; SOARES, 2013) têm apresentado discussões acerca da interposição de estruturas e elementos narrativos no processo de produção noticioso. Entretanto, Resende (2005, p. 87) lembra que apenas recentemente a narrativa tem sido considerada objeto de estudos no campo jornalístico, sofrendo relativa negligência ou tendo sido preterida em relação a outros dois elementos nodais do campo midiático – a discursividade e a tecnologia.

Além de ser uma temática de pesquisa recente do campo jornalístico, Batista (2014) explica que os poucos estudos que focalizam as questões da narrativa no jornalismo foram, em sua maioria, marcados por uma perspectiva que privilegia uma concepção objetivista e instrumental da linguagem e do jornalismo. De modo semelhante, Bird e Dardenne (1999, p. 263) sugerem que isso decorre da ideia de que, apesar de ser comum o reconhecimento das notícias como narrativas culturalmente construídas – ou seja, como “estórias” – há “pouco estudo sério” sobre as narrativas jornalísticas.

Destas reflexões emergiu a necessidade de identificar e apresentar as características das produções científicas brasileiras, em nível de Mestrado e Doutorado, que abordam a narrativa jornalística, especificamente sistematizações relacionadas ao ano de publicação, instituições de ensino e regiões brasileiras onde tais pesquisas foram desenvolvidas, natureza e área dos programas de pós-graduação, opções metodológicas e desdobramentos da temática apresentados.

Para isso, realiza-se uma pesquisa exploratória (GIL, 2002), uma vez que se propõe, por meio do mapeamento e da análise das dissertações e teses, aprimorar o entendimento acerca da produção do conhecimento sobre a narrativa jornalística. Para tanto, empreende-se uma revisão de literatura enquanto procedimento técnico e adota-se direcionamentos das pesquisas denominadas Estado do Conhecimento.

O Estado do Conhecimento é a identificação, registro e categorização que levem “à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155). Neste sentido, tais pesquisas buscam compreender o conhecimento elaborado, acumulado e sistematizado acerca de um determinado tema, evidenciando “que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados” (TEIXEIRA, 2006, p. 258). Entende-se que os resultados obtidos podem

contribuir com as discussões empreendidas, evidenciar as abordagens e perspectivas dominantes, assim como suas contradições e lacunas.

Como objeto empírico para este levantamento delimita-se as dissertações de Mestrado e teses de Doutorado encontradas a partir da busca avançada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁷⁷ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Delimitou-se a BDTD como depositório de análise, uma vez que figura como uma das maiores iniciativas para a disseminação e visibilidade de teses e dissertações. Assim, a partir da busca avançada na BDTD, observa-se as dissertações e teses que apresentavam o tema “narrativa jornalística” defendidas e publicadas entre a delimitação temporal de 2010 a 2018.

Selecionou-se exclusivamente as dissertações e teses por entender que estas constituem um estágio avançado no desenvolvimento das áreas do conhecimento científico, uma vez que devem apresentar inovação e/ou avanço em relação à área de estudo, e pela natureza da presente pesquisa. Acerca da delimitação temporal, inicia-se a busca dos trabalhos a partir de 2010, pois, em estado da arte das pesquisas em jornalismo de 2000 a 2010, Strelow (2011, p. 87) identificou naquele ano um “crescente interesse por estudos baseados em teorias do discurso e da narrativa”, revelando análises mais abrangentes. O mapeamento desta produção encerra-se em 2018, ano correspondente à fase de qualificação deste estudo.

Para esse mapeamento realizou-se a busca a partir das palavras-chave “narrativa jornalística” e “narrativa do jornalismo” e a partir dos filtros referentes ao grau, idioma e ano – ou seja, “dissertação e tese”, “português” e “2010 a 2018”. Adotou-se o seguinte procedimento na realização deste mapeamento: 1) seleção do repositório de produção acadêmica online a ser utilizado (BDTD); 2) busca, pesquisa por pesquisa, de discussões sobre a narrativa jornalística; 3) catalogação das investigações selecionadas; 4) coleta e leitura dos trabalhos nos níveis elementar, inspeccional e analítico (MEDEIROS, 2005); e 5) sínteses, reflexões e conclusões.

A partir destes procedimentos foram encontradas 47 pesquisas que apresentam discussões sobre a narrativa jornalística, 29 teses e 18 dissertações. As teses analisadas são apresentadas no Quadro 2, enquanto as dissertações estão apresentadas no Quadro 3.

⁷⁷ A BDTD objetiva reunir, em um só portal de busca, as teses e dissertações defendidas em todo o país e por brasileiros no exterior. Foi concebida e mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB). Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>.

Quadro 2 – Teses Analisadas

(continua)

T1	MATHEUS, L. C. Comunicação, tempo, história. Tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. 268f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
T2	BASTOS, M. F. B. A notícia faz a cena: noticiário jornalístico e telenovela brasileira. 225f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
T3	FRIDERICHES, B. P. Comunicação: discurso, fait divers e poder em o Nacional – uma abordagem dialética. 220f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
T4	POLCHLOPEK, S. A. O mundo pós “11 de setembro”: tecendo fios/textos entre tradução e a narratividade jornalística. 322f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
T5	GUAZINA, L. S. Jornalismo em busca da credibilidade: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. 256f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
T6	BORGES, R. P. Autonomia e Ruptura: uma proposta teórica para o Jornalismo Literário. 369f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
T7	SILVA, M. G. C. A aprendizagem da escrita em textos narrativos de gêneros jornalísticos em sala de aula. 236f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
T8	SILVA, D. R. Jornalismo e História: o jornalista como historiador do presente. 214f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
T9	ROSSY, E. J. B. Controle social e a narrativa moralizante do telejornalismo. 230f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
T10	FAXINA, E. Do mercado à cidadania: o desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira. 312f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.
T11	DOMINGUES, J. M. A ficção do novo jornalismo nos livros-reportagens de Caco Barcellos e Fernando de Moraes. 251f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
T12	CABRAL, A. M. Realidade expandida: narrativas do digital, edição e produção de sentidos no telejornalismo. 319f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
T13	CORREIA, E. L. História e ficção na narrativa de um escândalo midiático. 411f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
T14	CASADEI, E. C. Os códigos padrões de narração e a reportagem: por uma história da narrativa do jornalismo de revista no século XX. 468f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
T15	SCHNEIDER, S. Ficções sujas: por uma poética do Romance-Reportagem. 221f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
T16	ALVES, M. M. A imprensa como fonte de pesquisa e representação em O tempo e o vento, de Érico Veríssimo: técnica de narrativa e implicações estéticas. 429f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
T17	ROLLEMBERG, M. C. Fetiche em papel pólen: a estética da narrativa na Revista Piauí, a grande reportagem e a elaboração do texto jornalístico na sedução de um público leitor e na produção de sentido. 217f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
T18	PEREIRA, V. S. Violência e Singularidade Jornalística: o massacre da Expedição Calleri. 216f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Quadro 2 – Teses Analisadas

(conclusão)

T19	BOZI, A. L. T. A biopolítica da fome na contemporaneidade : a invisibilidade da vida nua dos famintose a valorização do animal laborans nas narrativas da revista <i>Veja</i> . 241f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
T20	BATISTA, C. P. Um cipoal de sentidos : comunicação, experiência e as possibilidades da assinatura coletiva na narrativa jornalística. 146f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
T21	LOPES, M. F. B. Mario Baldi : fotografias e narrativas da alteridade na primeira metade do século XX. 327f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
T22	BARBOSA, J. S. Narrativas desenraizadas : comunicação pública e representação da memória social na linha imaginária do Equador. 140f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
T23	ZAGO, G. S. Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no Jornalismo em rede : A Copa do Mundo de 2014 no Twitter. 218f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
T24	MORAES, F. M. Sua História na Mídia : aproximações e diferenças discursivas em tempos de convergência – o caso Projeto Generosidade da Editora Globo. 313f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
T25	SILVA, A. S. Mídia e política : narrativas de <i>Veja</i> na construção do sentido político-ideológico sobre a América Latina, entre 2008 e 2012. 397f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
T26	VIEIRA, K. M. Do fazer um saber : a construção do biografar – O discurso de autoria sobre a prática jornalística de biografias por jornalistas brasileiros. 212f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.
T27	MORAES, L. S. Parceiro do RJ/TV Globo : comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual. 388f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
T28	SANCHES, R. M. M. As Minas de Prata e os aspectos da nacionalidade no projeto literário de José de Alencar : a ficcionalização da história e seus diálogos com o presente. 250f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
T29	RESENDE, A. A. Do invisível ao visível : em busca de imagens de lesbianidade. 215f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

Fonte: A autora.

Quadro 3 – Dissertações Analisadas

(continua)

D1	MONTIPÓ, C. Narrativa jornalística e diversidade sociocultural : a tessitura das reportagens da revista <i>Brasileiros</i> . 189f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
D2	CALIXTO, C. C. A narrativa jornalística e o ocultamento do trabalho como direito fundamental . 190f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
D3	DAVID, H. E. Guerra e narrativa : um estudo dos relatos jornalísticos de Martha Gelhorn. 107f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
D4	GONÇALVES, G. O. Signo da diversidade : narrativa e compreensão jornalística com pessoas LGBT. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
D5	BONALDO, R. B. Presentismo e presentificação do passado : a narrativa jornalística da história na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno. 169f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Quadro 3 – Dissertações Analisadas

(conclusão)

D6	SILVA, V. P. B. da. Narrativas jornalísticas em quadrinhos : representações de identidade palestina em Joe Sacco. 203f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
D7	SARTORI, D. O julgamento do mensalão no Jornal Nacional : os recursos dramáticos utilizados na construção da narrativa. 164f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
D8	HORN, M. R. A construção narrativa da rua na seção Brasileira da revista Carta Capital . 163f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
D9	FALCO, D. de P. Identidades em trânsito na narrativa jornalística : percepções dos deslocamentos contemporâneos de turistas e migrantes. 355f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
D10	DIONÍZIO, P. M. Entre mundos : um encontro com o outro na tessitura da narrativa jornalística. 156f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
D11	SANTOS, J. V. dos. O mundo possível do JN : a narrativa “do que mais importante aconteceu no dia do Brasil e no mundo”. 384f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.
D12	SILVA, S. R. R. da. Artur e Santiago : relações entre jornalismo narrativo e cinema-documentário. 152f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
D13	BAGGIO, L. S. O uso do infográfico na narrativa noticiosa : (apropriações na editoria de Poder da Folha de S. Paulo). 257f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
D14	LAGE, L. R. Elementos de uma poética jornalística do acontecimento : narrativas do massacre de Realengo em Veja e Folha de S. Paulo. 154f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
D15	COSTA, J. O. da. Acontecimento, narrativa e conhecimento no jornalismo : um estudo sobre a reportagem de João Antônio. 192f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
D16	QUIERATI, L. Dorrit Harazim e o ofício de contar histórias : a prática do jornalismo narrativo e o processo de representação. 308f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2017.
D17	RANGEL, A. L. de C. Profissão : repórter esportivo – das narrativas da nação ao ofício do jornalista contemporâneo. 79f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.
D18	FIGUEIREDO, I. R. As inserções narrativas como estratégia argumentativa em editoriais de A Gazeta . 94f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

Fonte: A autora.

As considerações decorrentes da leitura das teses e dissertações resultaram em um agrupamento de aspectos evidenciados em tais trabalhos. Essas categorias agrupam-se em três eixos: os aspectos gerais, os referentes metodológicos e os aspectos relacionados ao conteúdo.

No que se refere aos aspectos gerais compreende-se os elementos de identificação e constituição das teses e dissertações, como ano de defesa, área do conhecimento, instituição em que foi desenvolvida e natureza do programa de pós-graduação.

O primeiro aspecto analisado consiste no ano de defesa de cada pesquisa.

Considerando a delimitação temporal de 2010 a 2018, apresenta-se no Gráfico 1 o número total de trabalhos de cada ano, durante o referido período, em relação às pesquisas que abordaram a narrativa jornalística.

Gráfico 1 – Ano de defesa dos trabalhos analisados



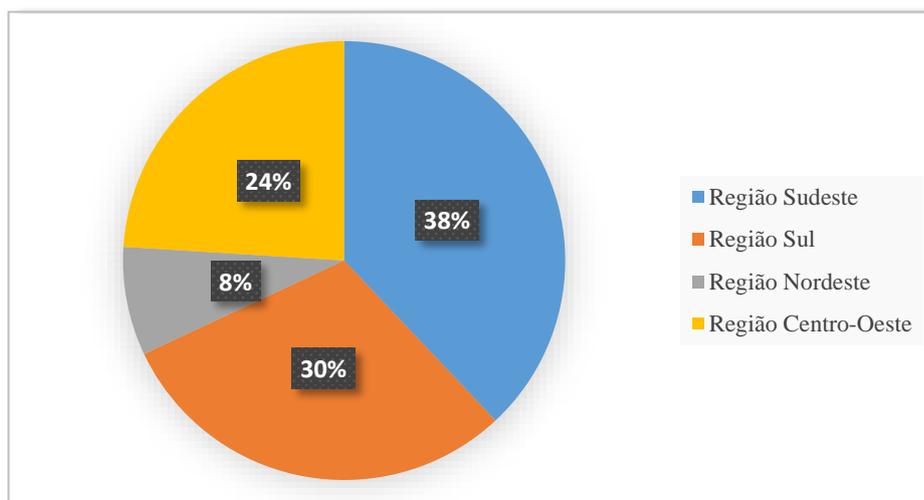
Fonte: A autora.

Verifica-se, a partir do Gráfico 1, que de 2010 a 2015 houve a elaboração de dissertações e teses sobre a temática em todo Brasil, embora com disparidades de produção. Nos anos de 2016 e 2018 não se localizou produção no repositório online investigado. Os anos de 2013 e 2014, com nove e dez pesquisas, respectivamente, lideram o período de maior produção, seguido de 2011, com sete produções.

Infer-se que o acréscimo no número de pesquisas nestes anos pode estar relacionado a uma tendência de expansão da pós-graduação no Brasil e, concomitantemente, ao amadurecimento e multiplicação dos grupos de pesquisa em Comunicação e Informação. Se em 2006 haviam em todo território nacional 22 programas de pós-graduação em Comunicação e sete em Ciência da Informação, em 2016 esses números se expandiram significativamente para 50 programas em Comunicação e 21 em Ciência da Informação (BRASIL, 2017). Já a queda das pesquisas nos três últimos anos, 2016, 2017 e 2018, pode ser resultado do aumento de trabalhos frente à discursividade e a tecnologia (RESENDE, 2005). No entanto, não foi possível confirmar a conveniência desta hipótese.

O segundo aspecto a ser considerado, a partir da vinculação institucional dos autores, demonstra as regiões geográficas brasileiras que mais publicaram sobre o referido tema.

Gráfico 2 – Disposição das porcentagens das pesquisas nas regiões geográficas brasileiras



Fonte: A autora.

A vinculação institucional dos autores demonstra que a região Sudeste, com 18 trabalhos (11 teses e sete dissertações), corresponde à que mais publicou sobre a temática, sendo responsável por 38% das produções. Nesta região, as pesquisas estão vinculadas à nove instituições: Universidade Federal Fluminense (3), Universidade Federal de Minas Gerais (3), Universidade de São Paulo (6), Universidade Federal do Rio de Janeiro (1), Universidade Estadual de Campinas (1), Universidade Federal de Juiz de Fora (1), Universidade Estadual Paulista (1), Fundação Getúlio Vargas (1) e Universidade Federal do Espírito Santo (1).

Em segundo lugar, com 14 produções, está a região Sul, responsável por 30% das teses e dissertações desenvolvidas, de acordo com a delimitação espaço-temporal adotada neste levantamento. Os autores se vinculam à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (4), Universidade Federal de Santa Catarina (3), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (3) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (4). A região Centro-Oeste, em terceiro lugar (24%), apresenta 11 produções. Todas as pesquisas da referida região foram desenvolvidas na Universidade de Brasília (UnB). Por fim, o Nordeste aparece como responsável por 8% das pesquisas de Mestrado e Doutorado que abordam a narrativa jornalística (três teses e uma dissertação), desenvolvidas na Universidade Federal da Bahia (1), Universidade Federal da Paraíba (1), Universidade Federal do Ceará (1) e Universidade Federal de Pernambuco (1). A região Norte do Brasil não obteve representação.

A partir da verificação de que a produção científica aqui analisada obteve maior representação na região Sudeste, deduz-se que esse dado pode estar relacionado ao fato de que há uma elevada concentração de programas de pós-graduação (PPG) em Comunicação nesta região. No Brasil, a área de Comunicação e Informação é constituída pelas áreas básicas de

Comunicação, Ciência da Informação e Museologia, com programas de pós-graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação, Jornalismo e Museologia. A avaliação quadrienal da área em 2017 aponta uma assimetria regional (BRASIL, 2017). Dos 76 PPG que compõem a área, 40 encontram-se na região Sudeste, ou seja, 52% dos programas do país se concentram nesta região, o que confirma a pertinência da hipótese levantada anteriormente.

Além disso, contribui para essa aglomeração a atuação de grupos de pesquisa que abordam a temática na região Sudeste, como o Grupo de Estudos de Novas Narrativas (GENN), vinculado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Universidade de São Paulo, e três grupos de pesquisa vinculados ao programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense: Grupo de Pesquisa em Análise da Fotografia e das Narrativas Visuais e Gráficas (GRAFO/NACI), Laboratório de Experimentação e Pesquisa de Narrativas da Mídia (LAN) e Núcleo de Estudos do Excesso nas Narrativas Audiovisuais (NEX). Essas duas universidades, como já exposto, apresentam o maior número de pesquisas da região sobre a temática.

No que se refere à região Centro-Oeste, a concentração de pesquisas também se relaciona à presença de grupos de pesquisa que investigam a temática no programa de pós-graduação em Comunicação na Universidade de Brasília, a saber: o grupo Jornalismo e a Construção Narrativa da História do Presente e o grupo Narrativas Audiovisuais e Processos Sócio Midiáticos. Além disso, Luiz Gonzaga Motta, um dos pesquisadores brasileiros mais referenciados sobre a temática, é professor titular da referida instituição e do PPG em Comunicação. Desta forma, entende-se que nessas duas regiões brasileiras, Sudeste e Centro-Oeste, os autores encontram grupos e linhas de pesquisa consolidadas sobre a temática em programas de pós-graduação.

Ainda considerando a vinculação institucional dos autores, identifica-se a área e a natureza dos programas de pós-graduação em que foram desenvolvidos tais trabalhos. Esses dados são apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 – Características dos Programas de Pós-Graduação

Nome do PPG	Natureza do PPG	Quantidade de trabalhos	Instituições
Comunicação	Acadêmico	19	UFF, UnB, UFPE, UFRJ, USP, UFRGS, UFJF, Unesp
Artes Cênicas	Acadêmico	1	UFBA
Comunicação Social	Acadêmico	6	PUCRS, UFMG
Estudos de Tradução	Acadêmico	1	UFSC
Linguística	Acadêmico	1	UFC
Ciências da Comunicação	Acadêmico	7	Unisinos, USP
Linguística e Letras	Acadêmico	1	PUCRS
Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada)	Acadêmico	2	USP, UFPE
História (História, política e bens culturais)	Acadêmico	3	UFF, UFRGS, FGV
Comunicação e Informação	Acadêmico	1	UFRGS
Teoria e História Literária	Acadêmico	1	Unicamp
Jornalismo	Acadêmico	2	UFSC
Direito	Acadêmico	1	UnB
Estudos linguísticos	Acadêmico	1	UFES

Fonte: A autora.

Nota-se que das teses e dissertações selecionadas para análise, 33 foram desenvolvidas em programas de pós-graduação da área de Comunicação (Comunicação, Comunicação Social, Ciências da Comunicação e Comunicação e Informação), correspondente a 70% de toda a produção analisada. O restante, sete teses e sete dissertações, pertence à programas de distintas áreas, com destaque para àquelas associadas à Linguística e à Literatura. Outro dado importante verificado a partir do Quadro 2 refere-se à exclusividade de pesquisas desenvolvidas em programas de natureza acadêmica, sem representatividade de programas de natureza profissional.

Este aspecto evidencia que o campo de estudos da narrativa jornalística perpassa outras áreas para além da Comunicação. Isso ocorre, supõe-se, em virtude dos muitos caminhos a serem percorridos pela temática e da própria característica interdisciplinar da discussão, que se ampliou significativamente passando a associar-se à outras áreas do conhecimento (REIS, 2006). Entretanto, para além da Comunicação, percebe-se o domínio da pesquisa nas áreas ligadas à Literatura, campo do conhecimento responsável pelo surgimento e desenvolvimento das pesquisas que focalizam as narrativas.

Assim, no que se refere aos aspectos gerais, entende-se que a maioria das teses e dissertações que abordam a narrativa jornalística foi defendida entre os anos de 2011 e 2015, em instituições de ensino públicas alocadas na região Sudeste, Sul e Centro-Oeste do país e em programas de pós-graduação de natureza acadêmica relacionados à área de Comunicação.

Acerca da estrutura das teses e dissertações, especificamente em relação à metodologia, destacam-se as escolhas metodológicas, a fim de identificar os procedimentos de coleta e análise de dados e o tipo de pesquisa, acerca da abordagem do problema. Entende-se que o registro dessas informações é significativo para o direcionamento desta investigação e de investigações posteriores.

Em relação ao tipo de abordagem do problema, verifica-se que, de uma ou outra forma, todos os trabalhos abordaram seus objetos de estudo de modo qualitativo. Embora alguns não apresentem essa informação em seus capítulos metodológicos, foi possível identificar, a partir do desenvolvimento das pesquisas e dos dados apresentados, que também estabeleciam relações com a pesquisa qualitativa. Duas teses (T4, T7) utilizam abordagens qualitativas e quantitativas.

Verifica-se que as pesquisas adotaram uma investigação qualitativa em virtude das especificidades desse tipo de pesquisa tida como adequada às características do objeto de estudo. Em levantamento sobre a pesquisa em pós-graduação no jornalismo, de 2014 a 2016, Nonato e Lago (2017) também constataram a predominância de abordagens qualitativas.

Quanto aos encaminhamentos metodológicos, acerca da coleta de dados, percebe-se uma ampla utilização de instrumentos relacionados ao próprio objeto de estudo, como a coleta de dados a partir de palavras-chave nos campos de busca em acervos de jornais e revistas, por exemplo. Outro instrumento utilizado para a coleta de dados são as entrevistas. Seis teses e três dissertações utilizam entrevistas realizadas com jornalistas e assessores de imprensa, analisadas em conjunto com materiais jornalísticos. Neste sentido, as entrevistas funcionam, na maioria dos casos, como dados complementares, assim como os documentos institucionais.

Relacionado a esse aspecto, destaca-se que as fontes primárias das pesquisas analisadas se referem aos produtos jornalísticos, como notícias e reportagens impressas e programas televisivos. Como fontes secundárias destacam-se as entrevistas e os documentos institucionais e bibliográficos.

Entende-se, conforme Silva (2008), que o campo investigativo do jornalismo se ancora em três eixos pelos quais também são pensados os processos comunicativos em geral: os eixos da emissão (a produção jornalística), os eixos da mensagem (o produto jornalístico) e os eixos da recepção. Alguns autores, como Martín-Barbero (1995), propõem superar a tendência à fragmentação do processo jornalístico, de modo a pensar o processo como um todo, sem separar as instâncias de produção, produto e recepção. Tais autores sinalizam o enfoque das pesquisas na instância do produto, o que também é percebido neste levantamento, apesar das entrevistas servirem, em muitos casos, como suporte para o entendimento de aspectos ligados ao eixo da emissão, ou seja, da produção das narrativas jornalísticas.

Acerca desses produtos jornalísticos, o Quadro 5 sintetiza os meios de comunicação mais pesquisados no que se refere à análise das narrativas jornalísticas.

Quadro 5 – Meios de comunicação analisados

Meio de comunicação	Teses e dissertações	Total
Jornal impresso	T16; T13; T3; T1; T18; T28; T7. D13; D18	9
Internet	T4; T23. D2	3
Televisão (telejornal)	T12; T10; T5; T27; T9. D7; D11	7
Revista	T14; T17; T25; T8; T19. D1; D8	7
Revistas e sites	T24	1
Fotografias em revistas, jornais, coletâneas	T21	1
Agência de notícias	T22	1
Impresso, revista, online e telenovelas	T2	1
Livros-reportagem	T20; T11; T15. D3; D4;	5
Séries televisivas	T29; D10	2
Livros jornalísticos biográficos	T26	1
Livro	D5	1
Livro de quadrinhos	D6	1
Revista e livro-reportagem	D9	1
Revista e documentário	D12	1
Revista e jornal impresso	D14; D15; D16	3

Fonte: A autora.

Nota-se que as fontes primárias das teses analisadas se originam, preferencialmente, no jornal impresso, na revista e na televisão. Essa predominância também foi constatada em outros levantamentos (NONATO; LAGO, 2017; STRELOW, 2011; PEREIRA; WAINBERG, 1999), em que as pesquisas enfocam o texto jornalístico, especialmente relacionado ao jornal impresso e aos telejornais. No que se refere aos jornais impressos, destaca-se que duas teses (T16, T28) analisam a incorporação do conteúdo jornalístico impresso a obras literárias romanescas, no sentido de compreender o processo de criação literária e o resultado estético decorrente do uso das notícias e fontes jornalísticas como matéria-prima para a ficção. Uma das teses (T6) não investiga nenhuma das instâncias jornalísticas, tampouco meios de comunicação específicos, pois constitui-se como uma proposta teórica para o Jornalismo Literário. Além disso, a dissertação de Rangel (2014), (D17), não analisa nenhum meio de comunicação em específico, mas entrevistas com jornalistas.

Já no que se refere aos procedimentos para a análise de dados, constata-se certa diversidade, sendo utilizados: análise pragmática da narrativa jornalística, análise hermenêutica, análise de conteúdo, análise semiológica, análise de enquadramento, análise intertextual, análise de discurso, seis leituras interpretativas e análise de redes sociais (ARS). Os procedimentos mais recorrentes são a análise pragmática da narrativa jornalística (T22, T13,

T9, T12, D1, D2, D3, D6, D7, D8, D13), análise do discurso (T10, T24, T17) e análise de conteúdo (T9, T11, D9, D13).

O uso da análise pragmática da narrativa jornalística aparece como destaque porque constitui-se como procedimento específico que considera as particularidades das narrativas jornalísticas. Além disso, o método é proposto por Motta (2013), um dos teóricos brasileiros referência na discussão da temática. Acerca da análise de discurso (AD) e da análise de conteúdo (AC), os levantamentos de Nonato e Lago (2017) e Strelow (2011) também constataram a frequência dos métodos voltados ao estudo do texto, notadamente a análise de conteúdo, de discurso e de narrativa.

Portanto, no que concerne aos aspectos metodológicos, compreende-se que do ponto de vista da abordagem do problema as pesquisas caracterizam-se como qualitativas, utilizam-se como fonte primária os produtos jornalísticos, pertencentes ao eixo da mensagem, especialmente os jornais impressos, analisados a partir de métodos que focalizam o estudo do texto, como a análise pragmática da narrativa jornalística.

A última etapa de análise das teses e dissertações relaciona-se aos aspectos de conteúdo, a fim de aclarar os elementos centrais das pesquisas e seus temas de estudo. Todas as pesquisas apresentam discussões acerca das narrativas jornalísticas, embora cada investigação analise a temática a partir de um objeto de estudo e de uma abordagem própria.

A partir da análise dos focos temáticos de todos os textos, classifica-os em nove categorias principais, que evidenciam os temas relacionados e as discussões empreendidas: 1) discurso e narrativa jornalística – como elemento central (onze teses e onze dissertações), 2) jornalismo político e comunicação pública (quatro teses), 3) televisão – telejornalismo e telenovela (quatro teses e uma dissertação), 4) jornalismo literário – jornalismo e literatura (cinco teses e três dissertações), 5) jornalismo digital (uma tese), 6) tradução (uma tese), 7) jornalismo e representação (uma tese e três dissertações), 8) fotojornalismo (uma tese), e 9) jornalismo e pedagogia (uma tese).

A partir dos dados desta categorização, evidencia-se que na delimitação espaço-temporal definida há apenas uma tese de Doutorado (T23) e uma dissertação de Mestrado (D17) que discutem as narrativas jornalísticas esportivas. Na tese, Zago (2014) aborda as formas de circulação de narrativas em torno de diferentes tipos de acontecimentos jornalísticos em sites de rede social e, para isso, analisa a Copa do Mundo de 2014 no Twitter. Por focalizar a Copa do Mundo de 2014 o autor apresenta em suas análises indícios de que a participação do público na circulação noticiosa modifica o próprio jornalismo, assim como provoca ressignificações no próprio acontecimento, ou seja, na derrota da Seleção Brasileira de Futebol no referido evento

esportivo. No entanto, o trabalho não apresenta discussões acerca da derrota, tampouco análises acerca dos elementos de narratividade, como propõe esta pesquisa. Já na dissertação, Rangel (2014) investiga de que maneira o repórter esportivo contemporâneo se relaciona com o futebol e como essa relação interfere no seu ofício e na construção do texto jornalístico, isto é, a pesquisa centra-se na esfera da produção jornalística.

É interessante notar, especialmente nas teses pertencentes à quarta categoria, a ampla discussão acerca da intersecção entre ficcionalidade e referencialidade, tanto no que se refere à “apropriação do real” nas tramas ficcionais, a partir de aspectos jornalísticos, quanto ao uso de recursos e elementos ficcionais ou imaginários na construção dos produtos jornalísticos, o que Schneider (2013) nomeia de ficcionalização do real. Sobre isso, Silva e Soares (2013, p. 116) afirmam que são os estudos sobre narrativa, e suas implicações na configuração do imaginário social, “um dos principais investimentos para problematizar a hegemonia da referencialidade, com crítica enfática sobre o conceito de objetividade jornalística”.

Neste sentido, Soares (2010) destaca que pensar o jornalismo enquanto narrativa implica um deslocamento no modo de conceber as práticas jornalísticas e de articulá-las nas oscilações entre verdade e ficção, entre objetivo e subjetivo. O que cada uma dessas modalidades – fática e fictícia – significa enquanto intenção de representar, apresentar e constituir o mundo é uma interrogação que abre amplos horizontes de reflexão e revela a necessidade de estudar os processos associados às narrativas em geral, particularmente às narrativas jornalísticas (MOTTA, 2013). Este parece ser um aspecto central nas discussões acerca da narrativa jornalística aqui investigadas.

A partir de uma perspectiva geral, nota-se que os referenciais teóricos apresentados nos trabalhos analisados partem do entendimento do jornalismo enquanto conhecimento social construtor de realidades, enquanto as notícias são entendidas como narrativas marcadas pela cultura dos componentes da tribo jornalística e pela cultura da sociedade onde essa tribo está inserida (TRAQUINA, 2001). Todas as teses partem do entendimento de que a atividade jornalística é de produção de sentidos, perpassada por valores, ideologias e visões de mundo.

Sobre as discussões teóricas realizadas para compreender a narrativa jornalística, especificamente no caso das teses desenvolvidas no âmbito da Literatura, evidencia-se o entendimento da narrativa, em certa medida, reduzido ao gênero e modo textual, em que o romance é visto como o exemplo representativo daquilo que se compreende por narrativa ou modo literário narrativo. Contudo, no restante das teses aqui analisadas, particularmente daquelas desenvolvidas em programas de Comunicação, os autores manifestam o entendimento de que, quando aplicada ao jornalismo, a narrativa não caracteriza apenas um tipo de relato,

mas um modo de conformar e atribuir sentidos e nexos aos acontecimentos.

Portanto, se os meios de comunicação, e mais propriamente o jornalismo, constroem realidades e sentidos, isso só acontece na e através das narrativas, daí a indispensabilidade de investigá-las. De acordo com Resende (2005, p. 87), “é fundamental que as pesquisas no campo do jornalismo estejam também atentas às formas de narrar o mundo”, restritas não exclusivamente ao conteúdo dessas narrativas, mas também às suas dimensões éticas e estéticas.

APÊNDICE B – ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE A DERROTA NO FUTEBOL

O levantamento segue os mesmos procedimentos adotados no estado do conhecimento acerca da narrativa jornalística. No entanto, para esse mapeamento as palavras-chave de busca e a delimitação temporal e do grau dos trabalhos sofreram alterações. Também utilizando a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES como repositório de produção acadêmica, adotou-se os seguintes operadores de busca: as palavras-chave “derrota”, “derrota futebol” e “derrota no futebol”, e os filtros referentes ao grau, idioma e ano – ou seja, “teses e dissertações”, “português” e “2002 a 2018”. O mapeamento desta produção começa em 2002, pois este é o ano da última conquista da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, após 2002 seguem-se quatro participações marcadas pela derrota – 2006, 2010, 2014 e 2018. Entende-se que a partir deste ano seria possível compreender como os trabalhos mais atuais têm discutido a temática. O levantamento encerra-se em 2018, ano da fase de qualificação deste estudo.

Assim, adotou-se o seguinte procedimento na realização deste segundo mapeamento:

1) seleção do repositório de produção acadêmica online a ser utilizado (BDTD); 2) busca, pesquisa por pesquisa, de discussões sobre a derrota no futebol⁷⁸; 3) catalogação das investigações selecionadas; 4) coleta e leitura dos trabalhos nos níveis elementar, inspeccional e analítico (MEDEIROS, 2005); e 5) sínteses, reflexões e conclusões.

A partir destes procedimentos metodológicos foram encontradas dez pesquisas que apresentam discussões sobre a derrota no âmbito do futebol, sendo três teses e sete dissertações. Estes trabalhos são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 6 – Teses e Dissertações Analisadas

(continua)

T1	LISBOA, Fábio Aguiar. Após o 7 a 1 : A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
T2	COSTA, Felipe Rodrigues da. Derrotas da seleção brasileira : futebol e identidade nas crônicas de tostão. 2009. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
T3	MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Futebol, identidade nacional e construções midiáticas : o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

⁷⁸ Os critérios de inclusão correspondem aos textos que estabeleceram uma discussão com a derrota no âmbito do futebol. Portanto, foram excluídas as pesquisas que, embora apresentassem como objeto de investigação questões relacionadas às derrotas, não analisavam no meio futebolístico ou, embora apresentassem análises de Copas em que a Seleção não saiu vitoriosa, não abordavam em seu resumo, palavras-chave e introdução aspectos de discussão sobre a derrota.

Quadro 6 – Teses e Dissertações Analisadas

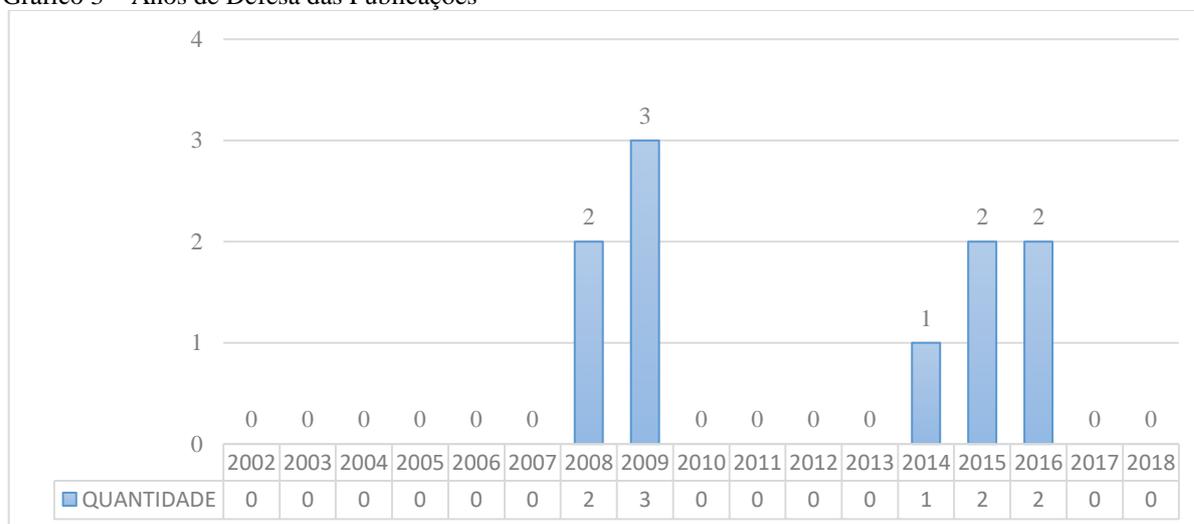
(conclusão)

T4	FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. 2009. 398 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
T5	FREITAS, Gustavo da Silva. Espírito de seleção: um estudo dos discursos midiáticos a partir da Copa do Mundo de 2006. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
T6	PENARIOL, Júlio César. Copa do Mundo de Futebol de 1950: critérios de noticiabilidade e análise de conteúdo da cobertura realizada pelo jornalismo de revista brasileiro. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2015.
T7	CORTEZE, Késia Costenaro. O jogo que nunca acabou: a permanência do maracanaço no imaginário dos brasileiros e suas reatualizações contemporâneas. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
T8	COSTA, Leda Maria da. A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.
T9	CARLOS, Neide Maria. Fotojornalismo esportivo e cobertura da derrota: uma análise das representações do Brasil 1 x 7 Alemanha em jornais brasileiros. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2016.
T10	PACHECO, Leonardo Turchi. Marcas da derrota: gênero e envelhecimento nas Copas do Mundo entre 1950 e 1982. 2008. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Fonte: A autora.

No que se refere aos aspectos gerais destas produções compreende-se seus elementos de identificação e constituição: ano de defesa, área do conhecimento, instituição em que foi desenvolvida e natureza do programa de pós-graduação. O primeiro aspecto, ano de defesa, revela que o maior número de pesquisas que abordam a temática foi desenvolvido em 2009, conforme gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Anos de Defesa das Publicações

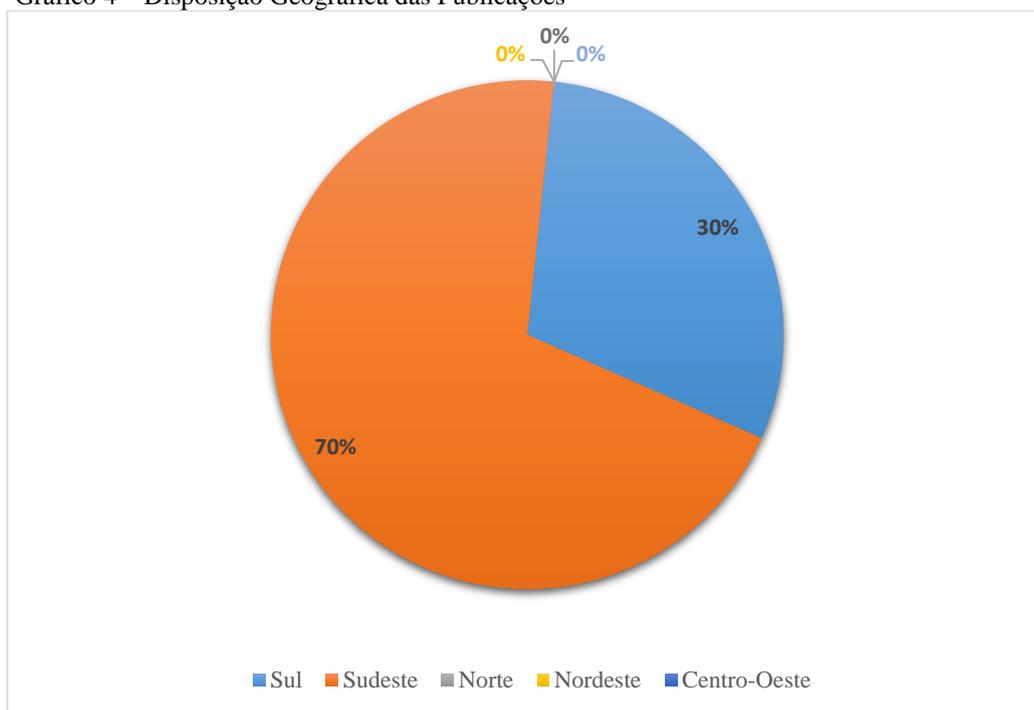


Fonte: A autora.

O ano de maior produção é 2009, com três pesquisas desenvolvidas sobre o referido tema, seguido dos anos de 2008, 2015 e 2016, com duas produções cada. As pesquisas desenvolvidas nestes respectivos anos podem ser uma consequência ou resultado das más atuações e eliminações da Seleção Brasileira de Futebol nas Copas do Mundo de 2006, 2010 e 2014, uma vez que todos os trabalhos desenvolvidos analisam a Seleção Brasileira e suas participações nesta competição e, embora alguns não investiguem especificamente estas edições, essas participações podem ter motivado o interesse pelas derrotas antecedentes. Isso é perceptível na dissertação de Penariol (2015, p. 11) que analisa os discursos jornalísticos de derrota da Copa de 1950, mas fundamenta sua justificativa ao afirmar que “a Copa do Mundo FIFA de 2014, realizada no Brasil e que acabamos de assistir, mostrou o quanto esta modalidade esportiva é capaz de escancarar algumas características fundamentais do povo brasileiro”.

O segundo aspecto considerado, a partir da vinculação institucional dos autores, demonstra as regiões geográficas brasileiras que mais publicaram sobre o tema.

Gráfico 4 – Disposição Geográfica das Publicações



Fonte: A autora.

A partir do gráfico é possível notar que a região Sudeste obtém a maioria das produções, com sete trabalhos, seguida da região Sul, com três produções. No Sudeste, as teses e dissertações foram desenvolvidas nas seguintes instituições de ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (3), Universidade Federal do Espírito Santo (1), Universidade

Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2) e Universidade Federal de Minas Gerais (1). Já na região Sul, os autores se vinculam à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1), Universidade Federal de Pelotas (1) e Universidade Federal de Santa Maria (1). As regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil não obtiveram representação.

A explicação para essa concentração de pesquisas relaciona-se à presença de Programas de Pós-Graduação (PPG) de distintas áreas nestas duas regiões. De acordo com Cirani, Campanario e Silva (2015), há um movimento de tendência à homogeneização regional da pós-graduação no país, uma vez que, em 2011, as duas regiões concentravam, juntas, 71% dos cursos, sendo 51% alocados na região Sudeste e 20% no Sul.

Ainda considerando a vinculação institucional dos autores, verifica-se a área e a natureza dos PPG em que os trabalhos foram desenvolvidos. Esses dados são apresentados no Quadro 7.

Quadro 7 – Características dos Programas de Pós-Graduação

Nome do PPG	Natureza do PPG	Quantidade de trabalhos	Instituições
Comunicação	Acadêmico	4	UERJ (2), UNESP (2)
Educação Física	Acadêmico	2	UFES, UFPEL
História História Social da Cultura	Acadêmico	2	UFMG, UFRGS
Ciências Sociais	Acadêmico	1	UFMS
Letras	Acadêmico	1	UERJ

Fonte: A autora.

Evidencia-se que, das teses e dissertações selecionadas para análise, quatro foram desenvolvidas em programas de pós-graduação da área de Comunicação, seguida de produções nas áreas de Educação Física e História (História e História Social da Cultura), com duas produções cada. Por fim, apenas com um trabalho cada, aparecem os programas em Ciências Sociais e Letras. Esses dados revelam que as derrotas no âmbito do futebol transpassam as análises relacionadas à área de Educação Física, e, especificamente, apresentam-se com mais expressividade na área de Comunicação, pois, geralmente, são analisadas a partir dos discursos midiáticos. A partir disso infere-se que as derrotas suscitam explicações e reflexões que não se restringem a uma área particular, mas que assumem um caráter interdisciplinar.

O aspecto mais profícuo para esse levantamento refere-se aos elementos de conteúdo das teses e dissertações analisadas, a fim de compreender os elementos centrais, os objetos de estudo e as discussões teóricas empreendidas acerca da derrota. No quadro a seguir apresenta-se os objetos de estudo de cada trabalho e as respectivas derrotas analisadas.

Quadro 8 – Objetos de Estudo das Teses e Dissertações

Trabalhos	Objeto de estudo	Derrota analisada
T1	Jornais impressos O Globo e Folha de S. Paulo	Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2014.
T2	Crônicas de Tostão nos jornais impressos Jornal do Brasil e Folha de S. Paulo	Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1998 e 2006.
T3	Jornais impressos O Globo e Jornal do Brasil	Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1970, 1982, 1990 e 1994.
T4	Jornais e revistas impressas – A Tarde, Correio do Povo, Folha da Tarde Esportiva, O Cruzeiro, O Estado, Manchete, Revista do Globo, Zero Hora.	Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950.
T5	Jornais impressos Zero Hora, Folha de S. Paulo, Diário Gaúcho, O Sul, Correio do Povo e programas televisivos da Rede Globo e Sportv.	Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006 e Copa América de 2007.
T6	Revistas impressas: Revista da Semana, Careta, Fon-Fon! e O Cruzeiro.	Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950.
T7	Site de rede social Twitter.	Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950.
T8	Jornais impressos – O Globo, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, Jornal dos Sports, etc.	Seleção Brasileira em distintas Copas do Mundo: 1938, 1950, 1990, 1998, 2006.
T9	68 capas de jornais impressos e digitais.	Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2014.
T10	Jornal impresso Estado de Minas e as revistas O Cruzeiro, Realidade, Placar e Manchete Esportiva.	Seleção Brasileiras nas Copas do Mundo entre 1950 e 1982.

Fonte: A autora.

Todos os trabalhos que abordam a derrota no futebol investigam a Seleção Brasileira e suas participações nas Copas do Mundo, com destaque para a Copa de 1950, analisada em cinco pesquisas (T4, T6, T7, T8, T10). Esse interesse justifica-se a partir do entendimento de que há uma construção discursiva, em constante reconstrução, do futebol enquanto manifestação cultural e identitária brasileira, onde a Seleção ocupa um lugar simbólico privilegiado, sendo entendida como a própria “nação brasileira”. Os períodos de Copa do Mundo, como já evidenciado, transformam-se em um ritual nacional no caso brasileiro (GUEDES, 2002). Neste sentido, a Copa do Mundo de 1950 ganha destaque não só porque foi a primeira realizada em território nacional, mas também porque “essa derrota no futebol tem um peso social muito grande” (DAMATTA, 1982, p. 31), sendo, inclusive, nomeada de “mãe de todas as derrotas”. Daí a atenção dada a esse evento no âmbito acadêmico.

Se as participações do Brasil compõem as histórias que contamos sobre nós mesmos (BITENCOURT, 2009), o jornalismo é um dos narradores centrais dessa história, não só porque põe em circulação tais narrativas, mas porque produz sentidos e significados sobre ela. Esse aspecto também fica evidente nas produções analisadas neste levantamento. Nove das dez pesquisas investigadas apresentam como objeto de estudo produtos jornalísticos, especialmente jornais impressos. Tais dados indicam que o jornal impresso ainda é, ao menos no contexto

científico, uma das principais formas de construção e circulação de narrativas acerca das derrotas no futebol.

A partir da análise dos focos temáticos, das problematizações e dos objetivos de todos os textos, classifica-se os trabalhos em três categorias principais, que evidenciam os temas relacionados e as discussões empreendidas: 1) representações e trajetória da derrota; 2) construção da identidade nacional e discursos de nacionalidade; e 3) derrota no imaginário coletivo.

Na primeira categoria – representações e trajetória da derrota – encontram-se quatro pesquisas (T1, T8, T9 e T10) que focalizam a construção discursiva dos veículos analisados acerca da derrota da Seleção Brasileira, assim como destacam, nesta representação, como se dá a descrição da trajetória do selecionado nacional na competição até o momento da derrota e, conseqüentemente, de sua eliminação. Nesta categoria, são investigados, além da derrota de maneira geral, aspectos específicos relacionados ou circunscritos a ela, como a construção de personagens vilões (T8) e o processo de construção, transformação e renegociação da masculinidade e sua relação com o envelhecimento (T10). De uma perspectiva mais ampla, a dissertação de Lisboa (2016) (T1) volta-se para as narrativas jornalísticas produzidas durante a Copa do Mundo de 2014, a fim de evidenciar a trajetória de derrota e a narrativa construída.

A segunda categoria temática – construção da identidade nacional e discursos de nacionalidade – aparece em cinco trabalhos (T2, T3, T4, T5, T6). Neste caso, as pesquisas desenvolvem-se evidenciando o processo de construção identitária do futebol brasileiro a partir dos discursos e imagens de nacionalidades presentes nos produtos jornalísticos analisados. Mostaro (2014, p. 11) (T3) parte do entendimento de que o futebol-arte é visto pela imprensa como algo tipicamente nacional e que ao praticá-lo se exerceria a brasilidade. Ao analisar o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, o autor pesquisa o tratamento dado pela imprensa à Seleção quando esta perde ou ganha, e quando joga ou não de acordo com o futebol-arte. De modo semelhante, a tese de Fraga (2009) (T4) debruça-se sobre a Copa de 1950 investigando distintos veículos jornalísticos com o objetivo de vislumbrar como o evento serviria à afirmação da nacionalidade brasileira.

Já no que se refere à dissertação (T6) de Penariol (2015), embora dê destaque para os critérios de noticiabilidade adotados por quatro revistas impressas na cobertura e divulgação da atuação da Seleção Brasileira na Copa de 1950, a investigação verifica “como as noções de brasilidade e identidade apareceram no material sobre o evento” (PENARIOL, 2015, p. 13).

Faz parte da terceira e última categoria – derrota no imaginário coletivo – apenas um trabalho. Trata-se da dissertação de Corteze (2015) (T7) que desenvolve a permanência da

derrota de 1950 no imaginário dos brasileiros e as suas reatualizações contemporâneas. O autor (2015, p. 114) conclui que a mídia teve um papel central e significativo na construção da concepção desta como a “pior derrota brasileira” e que isso permanece na memória dos torcedores brasileiros como algo que não se poderia apagar da história.

A partir de uma perspectiva geral, nota-se que os referenciais teóricos apresentados nos trabalhos analisados partem do entendimento de uma concepção de futebol que transcende os limites do campo de jogo e de que há uma constante construção discursiva do futebol como um elemento central da cultura e da identidade brasileira. Estes aspectos são evidenciados por Lisboa (2016) (T1) em sua dissertação.

O esporte (e o futebol, por consequência) não pode ser compreendido de maneira isolada, e sim, na sua relação entre o que há de específico (estrutura de jogo, questões táticas e técnicas, e mesmo questões como a paixão e a irracionalidade, antes consideradas as causadoras da tal da alienação) e o contexto social, ou seja, as características daquele ambiente em que ele está inserido. Ele é muito mais que um simples esporte proporcionando aptidão física a seus praticantes e lazer aos observadores. O futebol é um legado sociocultural brasileiro. (LISBOA, 2016, p. 11).

Especificamente sobre a derrota, constata-se que apenas um trabalho deste mapeamento, a tese de Doutorado de Costa (2008) (T8), apresenta reflexões teóricas acerca da derrota, em um âmbito mais amplo e no âmbito do futebol. Costa propõe o que chama de “hermenêutica da derrota”, no intuito de compreender os significados assumidos pela derrota enquanto momento de difícil aceitação e assimilação, em que seus sentidos são amplificados por determinados mecanismos que intensificam o impacto do fracasso. As demais teses e dissertações não apresentam discussões teóricas específicas sobre a derrota, embora alguns trabalhos se inclinam no sentido de identificar as representações do fato esportivo em periódicos específicos, não há uma discussão teórica sobre seus significados e sentidos.

Essas informações situam esta investigação ao lado do que vem sendo pesquisado sobre a temática, mas com algumas particularidades, a saber: a pesquisa entre a Copa do Mundo de 1950 e a de 2014, a centralidade acerca dos significados da derrota e a busca de um entendimento completo sobre a estória narrada e os elementos que compõem essa narrativa. Embora alguns autores (T1, T8, T10) falem em narrativas jornalísticas, não há uma discussão ou análise acerca dos elementos de narratividade utilizados para contar as estórias de derrota e como tais elementos constroem sentidos sobre ela naqueles momentos específicos. De tais aspectos, assim como do número pouco expressivo de trabalhos encontrados sobre o tema, reconhece-se a indispensabilidade de investigações que tratem da derrota, de suas narrativas e significações.

APÊNDICE C – QUADRO CONCLUSÓRIO

Objetivo	Capítulo	Fonte
Geral: investigar a configuração, os elementos estruturantes e os significados integrados à derrota nas narrativas do jornal impresso O Globo nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, suas discrepâncias e congruências, a partir da análise pragmática narratológica.	5 As narrativas e as significações da derrota em 1950 e em 2014: análises e discussões	Jornal impresso O Globo: 1.349 textos jornalísticos de O Globo acerca da seleção brasileira e as Copas do Mundo em 1950 e 2014.
Específico A: apontar as associações entre a narrativa e o jornalismo.	2 A arte de contar: a narrativa e o jornalismo 3 Narrativa jornalística: as interações	Ricoeur, 1995; Motta, 2013; Traquina, 2004.
Específico B: conceituar os elementos de constituição das narrativas e das narrativas jornalísticas.	3 Narrativa jornalística: as interações	Ricoeur, 1995; Motta, 2013, 2005; Gancho, 2002; Cardoso, 2001.
Específico C: definir a relevância cultural do futebol no Brasil e as significações possíveis da derrota.	4 A relevância cultural do futebol do Brasil e as significações da derrota	Gastaldo, 2002; Guedes, 2002; Costa, 2008; Helal, 2003.
Específico D: identificar os componentes de narratividade de O Globo: acontecimento-intriga, conflito, clímax, desenlace, episódios e personagens, além das marcas de apuração e de composição do produto.	5 As narrativas e as significações da derrota em 1950 e em 2014: análises e discussões (5.2 e 5.4) (5.2.2 e 5.4.2).	Jornal impresso O Globo.
Específico E: remontar sequências de textos jornalísticos sobre a seleção brasileira, recompondo uma estrutura narrativa integral e a significação dessa narrativa de derrota.	5 As narrativas e as significações da derrota em 1950 e em 2014: análises e discussões (5.2.1 e 5.4.1).	Jornal impresso O Globo.
Específico F: organizar os significados metanarrativos que emergem das narrativas jornalísticas nas duas Copas do Mundo.	5 As narrativas e as significações da derrota em 1950 e em 2014: análises e discussões (5.2.2 e 5.4.2).	Jornal impresso O Globo.

APÊNDICE D – QUADROS DE ANÁLISE

Os quadros de análise das marcas de apuração e das marcas da composição do produto, assim como a listagem de todos os textos jornalísticos analisados, estão dispostos no seguinte link de compartilhamento público:

https://drive.google.com/drive/folders/1Vu_HfvKgPOeGbgzaYI3dmPK1WqU6IEPW?usp=sharing.